

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Marianna de Franco Gomes

A ERGOTOPONÍMIA MINEIRA E SEUS CAMPOS LEXICAIS

Belo Horizonte

2023

Marianna de Franco Gomes

A ERGOTOPONÍMIA MINEIRA E SEUS CAMPOS LEXICAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Belo Horizonte

2023

G633e

Gomes, Marianna de Franco.
A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais [manuscrito] /
Marianna de Franco Gomes. – 2023.

1 recurso online (609 f. : il., grafs., maps., p&b., color.) : pdf.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 604-609.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais – Teses. 2.
Língua portuguesa – Variação – Minas Gerais – Teses. 3. Lexicologia –
Teses. 4. Toponímia – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa
de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III.
Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais

MARIANNA DE FRANCO GOMES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 14 de junho de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra - Orientadora

UFMG

Prof(a). Celina Márcia de Souza Abbade

UNEB

Prof(a). Francisco Eduardo de Andrade

UFOP

Prof(a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho

IFMG

Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz

UFMG

Belo Horizonte, 14 de junho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 20/06/2023, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Usuário Externo**, em 21/06/2023, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celina Marcia de Souza Abbade, Usuário Externo**, em 21/06/2023, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francisco Eduardo de Andrade, Usuário Externo**, em 23/06/2023, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aderlande Pereira Ferraz, Professor do Magistério Superior**, em 26/06/2023, às 15:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_or_gao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2323645** e o código CRC **BC69B169**.

*À fonte sagrada,
que nos torna um com o todo.*

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus e ao Universo maior por iluminar o meu caminho, permitindo-me acessar a sabedoria superior e utilizá-la de forma sagrada.

Agradeço a minha família, elo abençoado, que são a base de tudo que eu sou.

Querida mãe, Maria Franco, permitiu-me crescer diante da doçura de seus olhos e no acalento do seu abraço. Muito obrigada por ser tudo que é e por cada contribuição amorosa em minha vida. Gabriella de Franco, certamente este trabalho não seria o mesmo sem a sua ajuda, tão solícita. Muito obrigada, querida irmã! Enio José, o pai que nenhuma genética pode comprovar, mas o coração reconhece de longe. Muito obrigada por tanto carinho e apoio! Ênio Sasdelli, você tornou os dias de pesquisa mais alegres e divertidos. Obrigada, meu irmão querido. Leonardo Albergaria, obrigada pelo apoio e incentivo tão necessários. Agradeço, *nonna* Evelina Leone (*in memoriam*), pelos exemplos memoráveis.

Não poderia deixar de agradecer, também, aos amigos que ocupam um espaço especial em minha vida. Patrícia Pimentel, obrigada pelo tempo que você ofereceu de forma tão gentil, auxiliando em minha pesquisa com tanta atenção e carinho. Agradeço a Maryelle Cordeiro, amiga querida, assim como ao Jeander Silva e a Jéssica Nayra, por cada troca compartilhada e incentivo recebido. Ademais, agradeço àquela em que pude conhecer quando ainda era aluna do ensino fundamental, Andressa Scatolino, pelo carinho e amizade tão especial.

Querida orientadora, Professora Dra. Maria Cândida Seabra, muito obrigada por cada orientação recebida que me permitiu consolidar este trabalho, assim como pelo carinho e apoio, principalmente, durante os momentos mais desafiadores envolvidos durante a pesquisa.

Desenvolver um trabalho de Doutorado compreende momentos de alegria, por meio da satisfação inevitável gerada pelo ato de pesquisar, refletir, compreender, descobrir e compartilhar. Porém, há, também, momentos em que os desafios surgem como obstáculos, trazendo dificuldades inesperadas. Hoje, portanto, eu tenho a dádiva de agradecer, tanto pelos momentos de alegria, quanto pelos momentos desafiadores, pois cada um deles contribuiu para que eu pudesse chegar neste exato momento em que agradeço e honro a construção deste trabalho.

Ademais, agradeço à FAPEMIG – Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, pelo período em que fui prestigiada por meio de bolsa de auxílio financeiro, assim como à faculdade de letras da UFMG, ao Poslin – Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, e aos professores e colegas. Agradeço, inclusive, aos professores que integraram

a banca de qualificação do Doutorado, oferecendo contribuições tão necessárias para o adequado desenvolvimento desta Tese: Professora Dra. Celina Abbade, Professor Dr. Francisco Eduardo de Andrade e Professora Dra. Ana Paula Carvalho. Ademais, agradeço ao Professor. Dr. Aderlande Pereira Ferraz, que integrou, junto aos demais professores mencionados, a banca examinadora da defesa da Tese.

Espero, sinceramente, que este trabalho seja uma contribuição positiva aos estudos lexicais, tratando-se de uma pequena amostra da riqueza cultural permeada por meio da Toponímia mineira.

“Minas em mim: Minas comigo. Minas”. (João Guimarães Rosa)

RESUMO

Partindo do pressuposto de que o topônimo guarda estreita relação com o ambiente que nomeia, este trabalho objetivou descrever a ergotoponímia em Minas Gerais – tratando-se dos topônimos que apresentam como principal fator motivacional aspectos relacionados à cultura material. Dessa forma, para fundamentar este trabalho, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos de Dick (1990 a,b) e Seabra (2004, 2006), sobre a Onomástica e a motivação toponímica, e Coseriu (1977) e Abbade (2009, 2012, 2015) sobre a Teoria dos campos lexicais. Utilizando o banco de dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, para coletar os nossos objetos de estudos, analisamos 3094 ergotopônimos. Desse modo, dois procedimentos metodológicos serviram para organizar os dados por meio de duas perspectivas: primeiramente, em fichas lexicográficas – enquanto topônimos, e, posteriormente, em campos lexicais – enquanto lexias, constituindo um vocabulário da cultura material em Minas Gerais estruturado em seis macrocampos lexicais. A análise quantitativa e qualitativa dos ergotopônimos estudados permitiu evidenciar os principais motivadores da cultura material no ato de nomeação de lugares em Minas Gerais, destacando o topônimo “Engenho” como o mais produtivo. Enquanto lexia, o macrocampo lexical dos instrumentos, integrando o microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção, destacou-se como o mais significativo. De modo geral, os resultados explicitaram o cenário rural em Minas Gerais, refletidos e conservados por meio da toponímia.

Palavras-chave: Léxico. Toponímia. Campos lexicais. Minas Gerais. Ergotoponímia.

ABSTRACT

Based on the assumption that the toponym is closely related to the environment it names, this work aimed to describe ergotponymy in Minas Gerais – in the case of toponyms that present aspects related to material culture as the main motivational factor. Thus, to base this work, we used the theoretical and methodological budgets of Dick (1990 a,b) and Seabra (2004, 2006), on Onomastics and toponymic motivation, and Coseriu (1977) and Abbade (2009, 2012, 2015) on the Theory of Lexical Fields. Using the database of the ATEMIG Project – Toponymic Atlas of the State of Minas Gerais, to collect our objects of study, we analyzed 3094 ergotponyms. In this way, two methodological procedures served to organize the data through two perspectives: prepared, in lexicographic sheets – as toponyms, and, later, in lexical fields – as lexias, constituting a secret of material culture in Minas Gerais protected in six macrofields lexicals. The quantitative and qualitative analysis of the ergotponyms studied allowed us to highlight the main motivators of material culture in the act of naming places in Minas Gerais, highlighting the toponym “Engenho” as the most productive. As a lexia, the lexical macrofield of the instruments, integrating the microfield of the instruments of great structure and production, stood out as the most significant. In general, the results explained the rural scenario in Minas Gerais, reflected and preserved through toponymy.

Keywords: Lexicon. Toponymy. Lexical fields. Minas Gerais. Ergotponymy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Onomástica: A zona de interseção, por meio do onoma, une a Toponímia e a Antroponímia como partes da Onomástica.	39
Figura 2 - Relação Triádica: A relação estabelecida entre o nome e o referente inclui a mediação do sentido.....	40
Figura 3 - Referência e Onomástica: tratando-se da Toponímia, o nome não precisa ser mediado pelo sentido para alcançar o referente.	41
Figura 4 - Onomasiologia e Semasiologia: direções opostas e complementares	72
Figura 5 - Roda d'água (século XVIII/XIX)	434
Figura 6– Moinho de fubá	438
Figura 7– Descrição do moinho de fubá.....	438
Figura 8 – Moenda de cana.....	439
Figura 9 – Descrição da moenda de cana	439
Figura 10 - Monjolo (século XIX/XX).....	439
Figura 11 - Alambique (século XVIII/XIX).....	441
Figura 12 - Tacho (século XIX/XX).....	442
Figura 13 – Bule	442
Figura 14 – Tipiti (século XX)	443
Figura 15 - Espadilhas (século XIX/XX)	444
Figura 16 - Esquadros (século XIX).....	445
Figura 17 - Arado (século XX).....	445
Figura 18 - Enxada (século XIX)	446
Figura 19 - Pá (século XIX)	446
Figura 20 – Bateias (século XVIII/XIX)	447
Figura 21 – Canivete (século XIX).....	448
Figura 22 – Machadinhas (século XIX/XX).....	449
Figura 23 – Baú-cofre forte (século XVIII/XIX): baú utilizado no transporte de mercadorias de grande valor, como metais e pedras preciosas, moedas ou barra de ouro, provavelmente de uso oficial.....	450
Figura 24 – Maleta (século XX)	451
Figura 25 – Alforje (século XIX/XX)	452

Figura 26 – Potes (século XX)	453
Figura 27 – Gamela (século XX).....	453
Figura 28 – Caixa com ferramentas (século XX)	454
Figura 29 – Garrafões (século XX)	455
Figura 30 – Barril (século XX): recipiente para armazenar bebidas, também conhecidos como “tonel” ou “pipa”	455
Figura 31 – Cabaça d’água (século XX)	455
Figura 32 – Canastra (século XIX).....	456
Figura 33 – Bruacas (século XX)	457
Figura 34 – Cangalha (século XX).....	457
Figura 35 - Luminária (século XX)	459
Figura 36 – Lamparina (século XIX)	459
Figura 37 – Sela (século XX)	461
Figura 38 – Par de esporas (século XX).....	462
Figura 39 – Par de estribos (século XVIII/XIX)	462
Figura 40 – Estribo (século XVIII/XIX)	462
Figura 41 – Gancho (século XIX/XX)	463
Figura 42 – Corda (século XX)	463
Figura 43 – Canga (século XIX/XX).....	464
Figura 44 – Canga 2 (século XIX/XX).....	464
Figura 45 – Chaves (século XVIII)	465
Figura 46 – Conjunto de pistolas (século XIX).....	466
Figura 47 - Sino - Barra do Guaicuí	468
Figura 48 – Balança (século XX)	468
Figura 49 - Tambor.....	470
Figura 50 - Berimbau.....	471
Figura 51 – Conjunto de fornilhos de cachimbo (século XVIII a XX)	472
Figura 52 - Tamborete raso (século XIX)	473
Figura 53 – Armário (século XX)	473
Figura 54 - Torre com campanário – Diamantina,	478
Figura 55 - Alfenas – Minas Gerais.....	479
Figura 56 – Telha (século XIX/XX): cerâmica modelada e cozida. Telha tipo beiral para o arremate da parte de baixo do telhado	483

Figura 57 – Carro de bode (século XX)	486
Figura 58 – Canoa (século XX).....	487
Figura 59 – Banca de sapateiro confeccionando sapatos (século XIX/XX).....	492
Figura 60 - Remédios em Botica (século XIX)	495
Figura 61 - Vasilha em latão: pertenceu ao pintor Pedro Alexandrino (1856-1942)	496
Figura 62 - Tambores para curtimento do couro (século XIX/XX)	497
Figura 63 – Avental de couro (século XIX)	497
Figura 64 - Moqueca preparada em Jacutinga – Minas Gerais	501
Figura 65 - Angu	502
Figura 66 - Delfinópolis – Minas Gerais	504
Figura 67 - Delfinópolis – Minas Gerais	504
Figura 68 – Queijo (Delfinópolis – Minas Gerais).....	505
Figura 69 - Cachaça.....	506
Figura 70 – “Engenho de pau”, Município de Minas Novas.....	528
Figura 71 - Detalhe das moendas de “engenho de pau”, Município de Minas Novas	528
Figura 72 - Monjolo.....	530
Figura 73 - Machado	532
Figura 74 – Forquilha	534
Figura 75 - Porteira (Santo Antônio do Monte – Minas Gerais).....	536
Figura 76 - Baú.....	538
Figura 77 - Moinho.....	540

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado geral: total de ergotopônimos em relação ao total	508
Gráfico 2 - Ocorrências toponímicas por mesorregião de Minas Gerais	509
Gráfico 3 - Total de ocorrências do topônimo Engenho segundo a natureza do acidente geográfico	524
Gráfico 4 - Ocorrências do topônimo Engenho por mesorregião de Minas Gerais	525
Gráfico 5 - Ocorrências do topônimo Monjolo por mesorregião de Minas Gerais	531
Gráfico 6 - Ocorrências do topônimo Machado por mesorregião de Minas Gerais	533
Gráfico 7 - Ocorrências do topônimo Forquilha por mesorregião de Minas Gerais	535
Gráfico 8 – Ocorrências do topônimo (base lexical) Porta por mesorregião de Minas Gerais	537
Gráfico 9 - Ocorrências do topônimo Baú por mesorregião de Minas Gerais	539
Gráfico 10 - Ocorrências do topônimo Moinho por mesorregião de Minas Gerais	541
Gráfico 11 - A ergotoponímia mineira e suas origens linguísticas	544
Gráfico 12 - Ergotopônimos de origem africana em Minas Gerais	546
Gráfico 13 - Ergotopônimos quanto à raiz africana em Minas Gerais	546
Gráfico 14 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical	549
Gráfico 15 - Ergotopônimos de origem africana quanto à natureza dos acidentes geográficos	552
Gráfico 16 - Ergotopônimos de origem indígena em Minas Gerais	555
Gráfico 17 - Ergotopônimos de origem indígena quanto às mesorregiões de Minas Gerais	557
Gráfico 18 – Ergotopônimos de origem indígena quanto aos macrocampos lexicais	558
Gráfico 19 - Ergotopônimos de origem indígena quanto à natureza dos acidentes geográficos	560
Gráfico 20 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto à natureza dos acidentes geográficos	562
Gráfico 21 - Relação de ergotopônimos formados por nomes simples x nomes compostos	565
Gráfico 22 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos macrocampos lexicais	577
Gráfico 23 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos	579
Gráfico 24 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical das construções	583

Gráfico 25 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas.....	585
Gráfico 26 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos transportes	589
Gráfico 27 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos acessórios	591
Gráfico 28 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos produtos	594

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Divisão regional de 1990: Mesorregiões de Minas Gerais.	63
Mapa 2 - Atual divisão regional: Regiões Intermediárias de Minas Gerais.....	65
Mapa 3 - Minas Gerais nos Setecentos e nos Oitocentos Colonial e Joanino: a criação da Comarca de Paracatu, em 1815, revela a interiorização da ocupação do território.....	511
Mapa 4 - Os arraiais mineradores em Minas Gerais	518
Mapa 5 - Os arraiais agrícolas em Minas Gerais.....	518
Mapa 6 – Grupos linguísticos africanos no Brasil.....	547

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - ATB – Atlas Toponímico do Brasil	60
Quadro 2 - Macrocampos lexicais do <i>Livro de cozinha</i>	76
Quadro 3 - Estrutura da ficha lexicográfica.....	81
Quadro 4 - Estrutura da ficha lexicográfica desenvolvida para este trabalho	81
Quadro 5 - Relação de ocorrências toponímicas por mesorregião de Minas Gerais	509
Quadro 6 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Sul/Sudoeste de Minas..	513
Quadro 7 - Microcampos lexicais do macrocampo dos instrumentos (mesorregião Sul/Sudoeste de Minas).....	513
Quadro 8 - Microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção (mesorregião Sul/Sudoeste de Minas)	514
Quadro 9 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	515
Quadro 10 - Microcampos lexicais do macrocampo dos instrumentos (Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba).....	515
Quadro 11 - Instrumentos de grande estrutura e produção (Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba)	517
Quadro 12 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte	519
Quadro 13 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Norte de Minas.....	519
Quadro 14 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Zona da Mata	520
Quadro 15 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Zona da Mata	520
Quadro 16 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Oeste de Minas.....	520
Quadro 17 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Central Mineira	521
Quadro 18 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Vale do Rio Doce.....	521
Quadro 19 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Campo das Vertentes ..	521
Quadro 20 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Noroeste de Minas	522
Quadro 21 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Vale do Mucuri	522
Quadro 22 - Ocorrências do topônimo Engenho por mesorregião de Minas Gerais.....	525
Quadro 23 - Ocorrências do topônimo Monjolo por mesorregião de Minas Gerais	530
Quadro 24 - Ocorrências do topônimo Machado por mesorregião de Minas Gerais	532
Quadro 25 - Ocorrências do topônimo Forquilha por mesorregião de Minas Gerais	534

Quadro 26 - Ocorrências do topônimo (base lexical) Porta por mesorregião de Minas Gerais	536
Quadro 27 - Ocorrências do topônimo Baú por mesorregião de Minas Gerais	538
Quadro 28 - Ocorrências do topônimo Moinho por mesorregião de Minas Gerais	541
Quadro 29 – A ergotoponímia mineira e suas origens linguísticas	542
Quadro 30 - Ergotopônimos africanos por raiz linguística.....	545
Quadro 31 - Ergotopônimos de origem africana por mesorregião de Minas Gerais.....	548
Quadro 32 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos	550
Quadro 33 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical dos alimentos	551
Quadro 34 - Ergotopônimos de origem africana quanto à natureza dos acidentes geográficos	551
Quadro 35 - Ergotopônimos de origem africana e os acidentes geográficos de natureza física	552
Quadro 36 - Ergotopônimos de origem africana e os acidentes geográficos de natureza humana	552
Quadro 37 – Ergotopônimos de origem indígena por raiz linguística em Minas Gerais	554
Quadro 38 - Ergotopônimos de origem indígena quanto às mesorregiões de Minas Gerais..	556
Quadro 39 – Ergotopônimos de origem indígena quando ao macrocampo lexical dos instrumentos	558
Quadro 40 - Ergotopônimos de origem indígena quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas	559
Quadro 41 – Ergotopônimos de origem indígena quanto à natureza dos acidentes geográficos	560
Quadro 42 - Ergotopônimos de origem indígena quanto aos acidentes geográficos de natureza física	560
Quadro 43 - Ergotopônimos de origem indígena quanto aos acidentes geográficos de natureza humana	561
Quadro 44 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto à natureza dos acidentes geográficos.	562
Quadro 45 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos acidentes de natureza física.....	562
Quadro 46 - Ergotopônimos que nomeiam rios em Minas Gerais	563
Quadro 47 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos acidentes de natureza humana	564

Quadro 48 - Relação de ergotopônimos formados por nomes simples femininos x masculinos	565
Quadro 49 - Ergotopônimos quanto aos nomes de pessoas preposicionadas.....	567
Quadro 50 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos macrocampos lexicais	577
Quadro 51 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos	578
Quadro 52 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical das construções	582
Quadro 53 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas.....	585
Quadro 54 - Microcampo dos preparos culinários	586
Quadro 55 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos transportes	589
Quadro 56 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos acessórios	591
Quadro 57 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos produtos	593

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

∩ – Intersecção

A - Antroponímia

AC – Acre

ADJ – Adjetivo

ADJpl – Adjetivo plural

ADJsing – Adjetivo singular

ADV – Advérbio

AH – Acidente humano

AM – Amazonas

ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística

Asing – Artigo singular

Apl – Artigo plural

ATAOB – Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira

ATEC – Atlas Toponímico do Estado do Ceará

ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

ATEMS – Atlas Toponímico do Estado do Mato grosso do Sul

ATEMT – Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso

ATEPAR – Atlas Toponímico do Estado do Paraná

ATIT – Atlas Toponímico do Estado do Tocantins

ATITO – Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins

ATOBAB – Atlas Toponímico do Estado da Bahia

Aum - Aumentativo

BA – Bahia

Cach. – Cachoeira

CE – Ceará

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRCH – Centro de Referência em Cartografia Histórica

Dim - Diminutivo

ES – Espírito Santo

EUA – Estados Unidos da América

FAPEMIG – Fundação de amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

FFLCH – Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

FIBGE – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GO – Goiás

GTLEX – Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Hagio – Hagiônimo

Hiero - Hierônimo

ICOS – *International Congress of Onomastic Sciences*

IGC – Instituto de Geociências

MA – Maranhão

MG – Minas Gerais

MHNJB – Museu de História Natural e Jardim Botânico

MT – Mato Grosso

NC – Nome composto

NCf – Nome composto feminino

NCm – Nome composto masculino

Nf – Nome feminino

Nm – Nome masculino

Onio - Oniônimo

PB – Paraíba

PE – Pernambuco

PI - Plural

PR – Paraná

Prep – Preposição

RJ – Rio de Janeiro

RN – Rio Grande do Norte

RO – Rondônia

RS – Rio Grande do Sul

S – Substantivo

SC – Santa Catarina

SE – Sergipe

Sing – Singular

SP – São Paulo

Spl – Substantivo plural

Ssing – Substantivo singular

T – Toponímia

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFAC – Universidade Federal do Acre

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
1. CAMINHOS DO LÉXICO.....	31
1.1 Reflexões acerca da palavra	31
1.2 Léxico: o berço da pesquisa.....	33
1.2.1 Reflexões acerca da Lexicologia.....	36
1.3 Toponímia: um caminho de pistas e resgates socioculturais.....	39
1.3.1 Motivação toponímica.....	44
1.3.2 Ergotoponímia: patrimônio da cultura material	48
1.3.2.1 Reflexões acerca da cultura.....	49
1.3.2.2 Reflexões acerca da cultura material.....	54
1.4 Estudos toponímicos: um caminho de pesquisas	57
1.4.1 Projeto ATEMIG: valiosa fonte de dados	59
1.5 Hipótese: a ergotoponímia mineira e seus campos lexicais	67
2 TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS	69
2.1 Redes lexicais: associações entre palavras	69
2.2 A Teoria dos Campos lexicais	72
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	79
3.1 Metodologia da toponímia: fichas lexicográficas.....	81
3.2 Metodologia da lexemática: campos lexicais	88
4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	97
4.1 Fichas lexicográficas: a ergotoponímia mineira.....	97
4.2 Campos lexicais: o vocabulário da cultura material em Minas Gerais.....	430
5. RESULTADOS E ANÁLISE.....	508
5.1 Resultado geral	508
5.2 Quanto às mesorregiões.....	509
5.3 Quanto aos ergotopônimos mais produtivos	523
5.3.1 Engenho.....	523
5.3.2 Monjolo	529
5.3.3 Machado	531
5.3.4 Forquilha	533

5.3.5 Porta	535
5.3.6 Baú	537
5.3.7 Moinho	539
5.4 Quanto à origem linguística.....	542
5.4.1 A ergotoponímia africana em Minas Gerais	544
5.4.2 A ergotoponímia indígena em Minas Gerais.....	553
5.5 Quanto aos acidentes geográficos.....	561
5.6 Quanto à estrutura morfológica	565
5.7 Quanto aos campos lexicais.....	569
5.7.1 A estrutura do vocabulário: as relações de sentido.	572
5.7.2. Resultado geral dos macrocampos lexicais.....	577
5.7.3 O macrocampo lexical dos instrumentos	578
5.7.4 O macrocampo lexical das construções	582
5.7.5 O macrocampo lexical dos alimentos e bebidas.....	585
5.7.6 O macrocampo lexical dos transportes.....	588
5.7.7 O macrocampo lexical do vestuário, calçados e acessórios de adorno	590
5.7.8 O macrocampo lexical dos produtos	593
6. A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais: um patrimônio histórico e cultural da rusticidade mineira	596
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	598
REFERÊNCIAS	604

INTRODUÇÃO

O que é um elemento da cultura material? Pode ser o pilão, o machado, a garapa, ou até mesmo o couro. Pode ser, portanto, tudo aquilo que é resultado do trabalho humano e, nesse sentido, carrega uma história, de inestimável valor cultural. A cultura material é, portanto, a mão de quem produz, o ofício que serve, materializado por meio de um instrumento, produto, construção, meio de transporte, calçado, alimento, bebida e outros. Nesse contexto, os elementos da cultura material que nomeiam lugares em Minas Gerais carregam esta bagagem: juntos, contam a história mineira. Dessarte, a justificativa para desenvolver este trabalho surgiu diante da necessidade de organização, como será explicitado a seguir neste texto, de uma taxa específica – os ergotopônimos, tendo em vista a sua complexidade por causa da variedade de traços semânticos. Porém, a inspiração principal surgiu por meio da reflexão explanada, na tentativa de interpretar os nossos objetos de estudo – os ergotopônimos, e assim, acessar e compartilhar um pouco mais sobre a riqueza cultural de Minas Gerais.

Dessa forma, para compreender como este trabalho foi realizado é necessário, primeiramente, contextualizar o nosso objeto de estudo – o topônimo. Partimos do pressuposto de que, ao nomear um lugar, um vínculo é firmado entre o topônimo e o acidente geográfico. Desse modo, o topônimo poderá ser mantido por longo período, sofrer variações ou mudanças no decorrer do tempo, mas a compreensão de seu significado será sempre valiosa para os estudos toponímicos e de grande riqueza cultural, já que a bagagem histórica de um lugar se perpetua por meio do nome. O topônimo é compreendido, pois, como um fóssil linguístico, conforme apresenta Dick (1990b, p.20), à medida que se perpetua no tempo. Diante desse cenário, nota-se que todo topônimo inclui o recuo ao passado, buscando compreendê-lo adequadamente.

Por meio do procedimento metodológico proposto por Dick (1990), que permite classificar os topônimos em 27 taxonomias de acordo com os principais fatores motivacionais considerados no ato da nomeação dos acidentes geográficos, há valiosa produtividade de trabalhos que realizam o estudo descritivo de taxonomias específicas. Alguns deles, inclusive, foram citados no primeiro capítulo deste trabalho. Integrando a produtividade na área dos estudos toponímicos, em 2019, tivemos a oportunidade de defender o trabalho de Mestrado

intitulado “Geomorfotopônimos Históricos” (GOMES, 2019)¹. O estudo permitiu trabalhar com uma taxa específica, os geomorfotopônimos - topônimos que apresentam traços topográficos associados ao relevo como fator motivacional no ato de nomeação dos acidentes geográficos, no caso da pesquisa, em particular, compreendidos no período de povoamento de Minas Gerais. De modo geral, entre os resultados apontados, verificou-se que as formas de relevo eram importantes referências no período de povoamento do território que hoje figura Minas Gerais, como revela a produtividade do topônimo “Morro” na nomeação dos acidentes geográficos, principalmente, os primitivos povoados (GOMES, 2019, p.211). Certamente, a experiência adquirida por meio do Mestrado permitiu aumentar o interesse por continuar o caminho da pesquisa toponímica por meio de outra taxa específica: os ergotopônimos.

A ergotoponímia é formada por topônimos relacionados à cultura material (Dick, 1990b, p.31-34), porém, levando-se em consideração os limites imprecisos da “cultura material”, essa taxa abrange topônimos que apresentam diferentes traços semânticos. Tal característica torna-se problemática quando tentamos analisá-la. Por isso, partimos do pressuposto de que a Teoria dos Campos Lexicais, proposta por Eugenio Coseriu (1977), oferece meios viáveis para analisar os nossos objetos de estudo, tendo em vista a possibilidade de estruturar um conjunto lexical por meio de campos articulados de modo hierárquico, definidos por oposições semânticas, em que as lexias formam um conjunto coerente.

Apesar das dificuldades em estruturar os nossos objetos de estudo, principalmente, porque, em dados quantitativos, o número de ergotopônimos que integram o *corpus* deste trabalho traz relativa complexidade para a estruturação em campos lexicais, o nosso ponto de partida caracterizou-se pela necessidade de organizar esse conjunto de forma estrutural para que pudesse facilitar a análise e alcançar resultados mais coerentes, de acordo com Abbade (2018, p. 139): “Mesmo sabendo das dificuldades em se estruturar o léxico de uma língua, esse estudo não só é possível, como também possibilita uma organização lógica e coerente do léxico estudado”.

Ainda que não seja possível integrar totalmente a Toponímia à Teoria dos Campos Lexicais, considerando que os objetos de estudo da Toponímia – nomes próprios de lugares, são diferentes dos objetos de estudo da Lexemática – lexias, explicamos como a Teoria dos Campos Lexicais foi utilizada neste trabalho de forma aceitável e satisfatória, atendendo aos objetivos propostos. Tal explicação foi apresentada no capítulo 1 deste trabalho. Dessarte, por

¹GOMES, Marianna de Franco. *Geomorfotopônimos Históricos*. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>>. Acesso em: ago. 2021.

meio do respaldo teórico e metodológico da Teoria dos Campos Lexicais (COSERIU, 1977), partimos do pressuposto de que a taxa dos ergotopônimos poderia ser estruturada em campos lexicais, resultando em uma descrição toponímica mais clara e coerente para acessar a realidade vivenciada relativa à cultura material em Minas Gerais.

A proposta de trabalho aqui apresentada justifica-se, portanto, pela ausência de um estudo descritivo da taxa dos ergotopônimos e que tenha como objetivo estruturá-la em campos lexicais. Diversas pesquisas realizadas, que utilizaram a Teoria dos Campos Lexicais (COSERIU, 1977), demonstraram que essa estruturação é coerente para um resgate linguístico e cultural de um povo, como informa Abbade (2018, p. 132). Consideramos, possível, pois, utilizar essa teoria vinculada ao estudo toponímico, já que, tratando-se dos objetivos de um trabalho, o caminho para alcançar resultados mais coerentes pode ser bastante eficaz e produtivo para a pesquisa. Dessa forma, justificamos a realização deste trabalho por meio das seguintes considerações:

- ✓ a ausência de um estudo descritivo da taxa dos ergotopônimos;
- ✓ a possibilidade de acessar a realidade referente à cultura material, em Minas Gerais, por meio do estudo toponímico;
- ✓ a elaboração de um vocabulário organizado estruturalmente em campos lexicais, em que torna acessível o significado dos topônimos, enquanto lexias, como forma de conhecimento cultural;
- ✓ a expansão do estudo toponímico de Minas Gerais, utilizando o banco de dados do Projeto ATEMIG.

É possível afirmar que todas as justificativas apresentadas acima surgiram pelo interesse em estudar os nomes de lugares por meio da seguinte pergunta: o que esses nomes revelam? Acredita-se que toda pesquisa começa por meio de um “porquê” e o próprio topônimo já é, em si, o porquê deste trabalho, já que fornece pistas para conhecer a própria sociedade.

O objetivo geral deste trabalho pautou-se, então, em descrever, investigar e analisar a produtividade da ergotoponímia em Minas Gerais, utilizando o banco de dados do Projeto ATEMIG como fonte de informações para constituir o *corpus* toponímico, e organizá-los estruturalmente em campos lexicais. Em vista disso, o questionamento “quais elementos, da cultura material, serviram como principais motivadores no ato denominativo de lugares em Minas Gerais?” norteou este trabalho, tratando-se, assim, de acessar essa realidade por meio da Toponímia, neste caso, em particular, da ergotoponímia. São muitos os questionamentos e não significa que um trabalho, apenas, dê conta de respondê-los ou que as respostas existam, de

fato, mas certamente a Toponímia oferece ferramentas que conduzem esse caminho, uma vez que, neste percurso, o topônimo vai além da arbitrariedade do signo linguístico ao integrar o fator que o motivou. Desse modo, este trabalho foi impulsionado pelo que há além do nome, manifestado por intermédio dele.

A organização estrutural deste trabalho deu-se em cinco capítulos, além deste texto introdutório e do texto das considerações finais. Por conseguinte, no primeiro capítulo deste trabalho apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam o nosso estudo: partindo do Léxico, apresentamos algumas reflexões acerca da palavra e da Lexicologia, até discorrermos sobre a área em que este trabalho está inserido – a Toponímia, por meio da base teórica fundamentada por Dick (1990a,b) e Seabra (2004, 2006). No segundo capítulo, integrando a segunda parte teórica deste trabalho, apresentamos a Teoria dos Campos Lexicais, explicitando, primeiramente, sobre as redes lexicais e, posteriormente, sobre os campos lexicais por meio do respaldo de Coseriu (1977) e Abbade (2009, 2012, 2015).

Desde 2005, o Projeto ATEMIG – *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, na Faculdade de Letras da UFMG, oferece valiosa fonte de dados para o desenvolvimento de pesquisas na área da Toponímia, inclusive para a realização deste trabalho. Trata-se de um Projeto que reúne mais de 85 mil topônimos que nomeiam acidentes geográficos, físicos e humanos, nos 853 municípios mineiros. Dessarte, uma vez coletados os nossos objetos de estudo e constituído o *corpus* toponímico, no terceiro capítulo deste trabalho, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para realizar este estudo: as fichas lexicográficas, correspondendo ao procedimento referente à Toponímia, e os campos lexicais, correspondendo ao procedimento referente à Teoria dos Campos Lexicais. Tratou-se, portanto, de 3094 ergotopônimos, considerando todas as ocorrências, que correspondem a 302 bases lexicais.

No quarto capítulo deste trabalho apresentamos, pois, os dados que integram o *corpus* toponímico por meio dos procedimentos metodológicos explicitados no capítulo anterior: primeiramente apresentamos as fichas lexicográficas e, posteriormente, o vocabulário da cultura material em campos lexicais.

No quinto capítulo deste trabalho explicitamos os principais resultados evidenciados, quantitativamente, por meio de gráficos e quadros, assim como apresentamos a análise de tais resultados, qualitativamente. Buscamos, portanto, analisar os dados tendo em vista os objetivos propostos e promover a discussão dos resultados utilizando o respaldo teórico que fundamenta esta investigação.

Nas Considerações Finais, reiteramos o percurso teórico, metodológico e de análise dos dados traçados neste trabalho, assim como explicitamos os principais resultados verificados por meio desta pesquisa.

Em Referências, por fim, expomos as fontes consultadas para o desenvolvimento deste trabalho.

Destarte, a Toponímia nos oferece pistas para resgatar um patrimônio imaterial e, por isso, enveredar por esse caminho tornou-se um valioso modo de preservar a cultura e a história de um povo, no caso deste trabalho, em particular, a cultura mineira.

Capítulo 1

Caminhos do léxico



Gamela, século XX (Museu de Artes e Ofícios – Belo Horizonte/Minas Gerais)

1. CAMINHOS DO LÉXICO

1.1 Reflexões acerca da palavra

O conjunto de palavras que pertencem a uma língua vai muito além da função comunicativa, já que as palavras revelam características sociais e culturais sobre quem as utiliza e, por isso, “a língua de um povo é um dos seus mais fortes retratos culturais”. (ABBADE, 2012, p. 141).

Precisamos das palavras, afinal, elas nomeiam o mundo ao nosso redor, permitindo que sejam importantes instrumentos em nossa comunicação. Elas sinalizam ideias, conceitos, seres e objetos que nos permitem estar em conexão com o todo que nos cerca à medida que acessamos os conteúdos referenciais de cada palavra e com ele interagimos. Dessa forma, ao utilizá-las, consciente ou não, como aponta Abbade (2012, p. 145), ditamos o discurso. A autora acrescenta:

(...) definida genericamente como ‘fonema ou grupo de fonemas com uma significação’, etimologicamente falando, teria vindo do grego *parabolé* que passou para o latim *parabole*, ‘termo, vocábulo’. Os latinos também utilizavam o *verbum*, ‘palavra, vocábulo’; o *vocabulum*, ‘termo, palavra que faz parte de uma língua, dicção’; ou ainda *terminus*, ‘palavra, dicção, vocábulo’. (ABBADE, 2012, p. 145).

O conceito de palavra não é algo tão simples, uma vez que contempla a percepção que o indivíduo tem da realidade, como apresenta Biderman (2001, p. 10). Desse modo, se as línguas apresentam realidades diferentes o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto, completa a autora:

[...] a nossa tese é a de que não é possível definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-se entre uma unidade mínima gramatical – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma (BIDERMAN, 2001, p. 114 - 115).

De acordo com Abbade (2011, p. 1333), “os assuntos acerca da palavra remontam a Antiguidade clássica”. Durante um bom tempo o foco da Linguística Histórica permaneceu, principalmente, sobre a morfologia e a sintaxe. Pouco a pouco, as pesquisas culminaram para o surgimento de estudos lexicais em que a semântica ocupou importante papel, como destaca Seabra:

Havia a impressão, enquanto se utilizavam do Método Histórico-Comparativo, de que a palavra era só perfeitamente conhecida quando se tornava passível da aplicação de leis de evolução formal. Porém, pouco a pouco, as considerações sobre a evolução do sentido e sobre o conteúdo das unidades do léxico também foram se integrando à linguística histórica, levando ao surgimento de uma “semântica”, palavra criada um pouco mais tarde por Bréal (1832-1915). Esta primeira semântica histórica ou semântica evolutiva reduziu a lexicologia, durante muitos anos, a ser somente o estudo de um “vasto catálogo” de itens lexicais. (SEABRA, 2015, p. 74)

A complexidade diante da tentativa de alcançar o conceito de palavra é igualmente verificada ao tentar delimitá-la, adotando, para isso, mais de um critério: fonológico, gramatical (morfofossintático) e semântico (BIDERMAN, 2001, p. 137). Porém, destaca-se a importância do critério semântico:

a fonologia e a morfofossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem congrega as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra. (BIDERMAN, 1999, p. 87)

Torna-se pertinente explicitar o cuidado necessário em relação ao uso do termo palavra, devido à complexidade que envolve o seu conceito e que pode gerar ambiguidades. Geralmente o seu uso se restringe à linguagem comum, utilizado de um modo mais genérico. As palavras, portanto, compreendem tanto as formas lexemáticas, (com significação externa ou referencial), quanto gramaticais da língua (como as preposições e conjunções). Porém, tratando-se, pois, de um trabalho científico, salientamos a necessidade de esclarecer e diferenciar os termos mais técnicos *lexia* e *lexema*.

Segundo Biderman (1999, p. 89) “o termo *lexema* refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*”. Desse modo:

Um *lexema* é um paradigma que abarca todas as formas flexionadas: por exemplo, o *lexema* verbal VER abarca formas concretas como *ver, vendo, visto, vejo, vias, viu, veremos, vísseis, viram*, etc. Entretanto, quando a oposição entre as formas se dá em termos derivacionais, tem-se diferentes *lexemas*, como em *análise, analisar, analisador, analisável*, etc. (CAMBRAIA, 2015, p. 33).

Considerando as palavras que têm significação externa ou referencial, ou seja, *lexemáticas*, é pertinente destacar que “constituem a maior parte do léxico de uma língua e são

de número indeterminado” (ABBADE, 2011, p.1334). Neste trabalho, ter essa clareza torna-se fundamental, pois iremos utilizar a Lexemática² como base teórica e metodológica.

1.2 Léxico: o berço da pesquisa

Para compreender melhor o que são os estudos lexicais torna-se necessário, primeiramente, ter clareza do que é o léxico. De acordo com a definição apresentada pelo Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL o léxico é entendido como:

o conjunto de todas as palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos linguistas não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos ou terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas, provérbios ou palavrões. (Site GTLEX)³

Torna-se claro que o léxico de uma língua não é um conjunto fixo e limitado, porque os falantes necessitam de novas palavras para atender às necessidades comunicativas, assim como deixam de usar outras que caem em desuso. Logo, o léxico de uma língua torna-se tão dinâmico quanto os falantes que o utilizam, renovando-se constantemente: “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova” (ALVES, 1994, p. 5). Completam Contiero e Ferraz (2014):

Essa renovação no código de comunicação de uma determinada comunidade linguística está alicerçada no pressuposto de que as línguas se renovam permanentemente, se inovando com a inclusão de novas palavras que surgem na língua em virtude de uma necessidade específica de nomeação, ou ainda, introduzindo uma nova maneira mais expressiva de exprimir uma ideia já existente, certa visão de mundo diante da obsolescência de outras palavras que caem em desuso, quando a realidade que nomeavam foi alterada, substituída ou talvez já não exista mais. (CONTIERO e FERRAZ, 2014, p. 46)

Levando-se em consideração essa dinamicidade da língua é perceptível que cada sistema lexical apresenta as suas singularidades, porque refletem as experiências de mundo de determinado povo, materializadas por meio das palavras. De acordo com Oliveira e Isquardo:

² Apresentada no tópico intitulado “Teoria dos Campos Lexicais”.

³ Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>> Acesso em: ago. 2021.

[...] o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001, p.9)

É fácil notar como o universo lexical de um grupo sintetiza sua maneira de ver a realidade ao comparar grupos sociais que se diferem quanto aos traços socioculturais. É por isso que, mesmo que compartilhem o léxico geral de uma mesma língua, um grupo de estudantes de níveis e idades diferentes, por exemplo, apresentam particularidades em seus universos lexicais que correspondem à realidade por eles vivenciada. No sistema lexical de uma língua há, portanto, particularidades referentes aos vocabulários que atendem às necessidades específicas dos falantes, tratando-se de subconjuntos do léxico, isto é, como apresenta Biderman (1999, p.88): “léxico é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; vocabulário é conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades”. Tal diferença, entre léxico e vocabulário, são dignas de atenção, já que estão diretamente relacionadas, mas não devem ser confundidas. Contiero e Ferraz (2014, p. 45) citam Vilela (1995) para explicitar claramente essa diferença:

[...] léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos existentes num determinado lugar e num determinado tempo (...). tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística; o léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório. (VILELA, 1995, p. 13).

Polguère (2018) diferencia, ainda, as noções de vocabulário para evitar ambiguidade: “O **vocabulário de um texto** é o conjunto de lexias utilizadas nesse texto (...) **O vocabulário de um indivíduo** é o subconjunto do léxico de uma dada língua que contém as lexias dessa língua que o indivíduo em questão domina”. (POLGUÈRE, 2018, p. 103). Nesse sentido, de modo contrário ao vocabulário de um texto, como explica Polguère (2018, p. 104), “o vocabulário de um indivíduo é, enquanto subconjunto do léxico, uma entidade teórica”. Por “entidade teórica”, o autor considera que o léxico “não é realmente um conjunto cujos elementos, as lexias, possam ser enumerados sistematicamente”. Assim, o léxico assemelha-se, antes, a um ‘conjunto impreciso’, ou seja, “um conjunto a respeito do qual nem sempre é possível dizer se ele contém este ou aquele elemento particular” (POLGUÈRE, 2018, p. 100).

Essa condição evidencia como os estudos lexicais abrangem a língua, atuando de modo macro e micro, no que diz respeito à dinamicidade apresentada por seus usuários:

Por isso, levar em conta a realização dos discursos é, primordialmente, levar em conta o léxico de uma língua, visto que visões de mundo, construções de ideologias e todos os nomes dados ao universo dos seres, das coisas, das modalidades do pensamento

conhecidos numa determinada comunidade linguística se consubstanciam pelo léxico. (CONTIERO e FERRAZ, 2014, p. 45)

O estudo do léxico possibilita, portanto, importantes reflexões a respeito da língua, como complementam os autores:

O estudo do léxico compreende várias particularidades da palavra, tanto no que diz respeito ao período e região geográfica a qual a palavra está circunscrita, como à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática e ao seu uso social e cultural. (CONTIERO e FERRAZ, 2014, p.47)

Dessarte, os estudos lexicais tornam-se valiosas ferramentas de conhecimento da sociedade, porque possibilitam acessar tais características. Nesse cenário é possível afirmar que o léxico de uma língua conta a história de um povo, ao refletir aspectos históricos, sociais e culturais, em conformidade com Biderman: “Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades”. (BIDERMAN, 2001, p.179). A autora considera o léxico como um tesouro vocabular que inclui tantos conceitos linguísticos como não linguísticos, assim como de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural “criando por todas as culturas humanas atuais e do passado” (BIDERMAN, 1981, p. 138). De acordo com a estudiosa, o léxico é a parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico e, por isso, é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem.

Tendo em vista as considerações apresentadas sobre o léxico, justificamos o título deste tópico “Léxico: o berço da pesquisa”, considerando que o léxico oferece os objetos de estudo, inclusive, para realizar este trabalho.

Para compreender com maior clareza como esses estudos atuam é necessário ter conhecimento sobre as áreas do léxico, apresentadas por meio do Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL⁴:

- Lexicologia:

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo,

⁴ Grupo de trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>> Acesso em: ago. 2021.

especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

- **Lexicografia:**

A Lexicografia é a ciência, intimamente ligada à Lexicologia, que tem por finalidade elaborar obras de referência, principalmente dicionários, impressos ou on-line, além de bases de dados lexicais. Dessa Lexicografia prática distingue-se a Lexicografia teórica, ou Metalexicografia, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso).

- **Terminologia:**

O termo “terminologia” pode ter duas acepções distintas. A primeira refere-se ao conjunto vocabular próprio de uma ciência, técnica, arte ou atividade profissional (TERMISUL1; *O Pavel*2), como por exemplo a terminologia da Informática, da Biotecnologia, do Direito, da Música, etc. A segunda acepção designa não só o conjunto de práticas e métodos utilizados na compilação, descrição, gestão e apresentação dos termos de uma determinada linguagem de especialidade (=terminologia enquanto atividade) (SAGER,1993), como também o conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada, incluídos aí os termos, evidentemente (=terminologia enquanto teoria).

Apesar da palavra, em seu sentido mais técnico, ser o objeto de estudo dessas áreas e, portanto, integrarem os estudos lexicais, apresentam as suas particularidades, como explicitado anteriormente.

Desse modo, este trabalho está inserido nos estudos lexicais, vinculado à Lexicologia, apresentada, a seguir.

1.2.1 Reflexões acerca da Lexicologia

Os estudos lexicais possibilitam conhecer a história e características socioculturais de um determinado povo e, por isso, apresentam demasiado valor cultural para a sociedade. Para Biderman (2001, p.16), a Lexicologia é “ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. A lexicologia, “enquanto ciência do léxico, estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua e, sobretudo, as relações internas do próprio léxico” (ABBADÉ, 2012, p. 142). De acordo com a autora, os conhecimentos dos estudos lexicais da língua remontam à Panini, em IV antes de C., quando, no Oriente, organizou a padronização da língua sânscrita que representou um completo sistema de fonética, fonologia e morfologia. Além disso, definiu “elementos significativos da língua como *palavras reais* – as *lexias* – e *palavras fictícias* – os morfemas -, contribuindo para

os estudos lexicais” (ABBADE, 2012, p. 143). Porém, seus estudos se concentraram na morfologia.

Segundo a autora, no Ocidente, filósofos gregos já discutiam sobre o léxico antes mesmo de Platão:

Os gregos alicerçaram o campo da semântica quando, ao se preocuparem com a palavra enquanto conceitos, relacionaram *ideia* e *forma* partindo de reflexões filosóficas. Os latinos contribuíram com os estudos lexicais, a partir dos estudos gramaticais, mostrando a oposição entre *sistema* (gramática da língua) e *norma* (uso social efetivo), que atuam como forças que conservam a língua ao mesmo tempo em que lhe permitem mudanças. (ABBADE, 2012, p. 143)

Consoante ao que Abbade (2012, p. 143-144) explica, a confecção de dicionários e o estudo da palavra em uma perspectiva filosófica, constituem os dois eixos que, basicamente, os estudos do léxico seguiram do Renascimento até o século XVIII, já que, mais tarde, os estudos lexicais foram deixados de lado por um bom tempo, concentrando-se, principalmente, nos estudos gramaticais. Destarte, pouco a pouco, do século XIX ao XX, os estudos linguísticos passam a se concentrar na lexicologia histórica: “No VII Congresso Internacional de Linguística, em 1952, na cidade de Londres, os conceitos linguísticos gerais são elaborados sobre uma base fenomenológica, significando um sistema de referências extralinguísticas” (ABBADE, 2012, p. 144). Por conseguinte, no final do século XIX e primeira metade do século XX, trabalhos de grande prestígio foram desenvolvidos, particularmente, em três áreas⁵:

- a) a semântica evolutiva, ou história das palavras;
- b) o domínio conhecido como de “palavras e coisas”;
- c) a geografia linguística.

Segundo Biderman (1981, p. 131), embora essas áreas tenham apresentado focos diferentes, sempre relacionaram o léxico à cultura. Entre os anos 50 e 60, os estudos quantitativos e probabilísticos sobre o léxico ganharam enfoque teórico, conduzindo a uma extraordinária produção de trabalhos que enriqueceram a Lexicologia, como salienta a autora.

Matoré está inserido na corrente de lexicólogos que correlacionaram léxico e sociedade:

Matoré depois de escrever sua tese de doutorado *Le vocabulaire et la Société sous Louis-Philippe*, publicou, em 1953, *La méthode em lexicologie*. Nesse livro, Matoré classifica a lexicologia como disciplina sociológica (p. 13). Não só essa classificação é discutível. Além disso, Matoré incluiu a semântica na Linguística Histórica; certamente referia-se apenas à semântica evolutiva. Aliás, na sua perspectiva, o léxico é apenas uma testemunha de uma sociedade, de uma época, por isso chamou os elementos do léxico de “*mots-témoins*”. Nessa mesma linha de idéias se situa o livro

⁵ Biderman (1981, p. 131).

de J. Dubois *Le vocabulaire politique et social em France de 1869 à 1872* (1962). (BIDERMAN, 1981, p. 132)

Dessa forma, considerando a dimensão social da língua, como expõe Biderman (1981, p. 132), o léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais “por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias”. De acordo com Matoré (1953[1973], p. 42), as palavras apresentam valor social e são instrumentos que possibilitam compreender a sociedade: “é partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade”. Priorizando, pois, o aspecto social da palavra, o estudioso considera a necessidade de recorrer à elementos extralinguísticos nos estudos de determinadas lexias.

Conforme apresentam Contiero e Ferraz (2014, p. 47) “A partir da Lexicologia, temos a possibilidade de investigar o léxico de uma língua nas mais diversas perspectivas, e, sobretudo, de revelar particularidades da cultura e histórias de um povo”. Nesse sentido, os autores citam Barbosa (1990) para explicitar algumas tarefas cuja Lexicologia está imbuída de realizar:

[...] examinar as relações de léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma “realidade” infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do real operado pelo léxico das diversas línguas; abordar a palavra como instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recorte culturais. (BARBOSA, 1990, p. 153)

Para Polguère (2018, p.49), a Lexicologia é definida como “um ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas *lexias*”. O autor chama atenção para o fato de não ter utilizado, na definição, o termo “palavra”, preferindo um termo de ressonância mais técnica, “lexia”, para designar o objeto de estudo da Lexicologia. A razão da escolha do autor é justificada por considerar o uso do termo “palavra” arriscado em Lexicologia, devido à ambiguidade. Tal noção foi explicitada anteriormente, neste trabalho, e, inclusive, levou-nos a esclarecer os termos “lexia” e “lexema”.

Coseriu (1977), apresenta a possibilidade de estruturar o léxico, por meio da Lexemática, que será apresentada mais a frente neste trabalho, tendo em vista que serve como respaldo teórico para o nosso estudo.

As considerações apresentadas mostram-se bastante pertinentes neste trabalho, já que a proposta deste estudo está diretamente ligada à tentativa de acessar a “visão de mundo” da cultura material mineira refletida por meio da Toponímia. Para que os objetivos sejam

satisfatoriamente alcançados é necessário, pois, compreender o que diz o léxico estudado, atribuindo a interpretação e a significação apontadas pelos objetos de estudo.

No próximo tópico será explicado de modo mais detalhado a área específica em que este trabalho está inserido: a Toponímia.

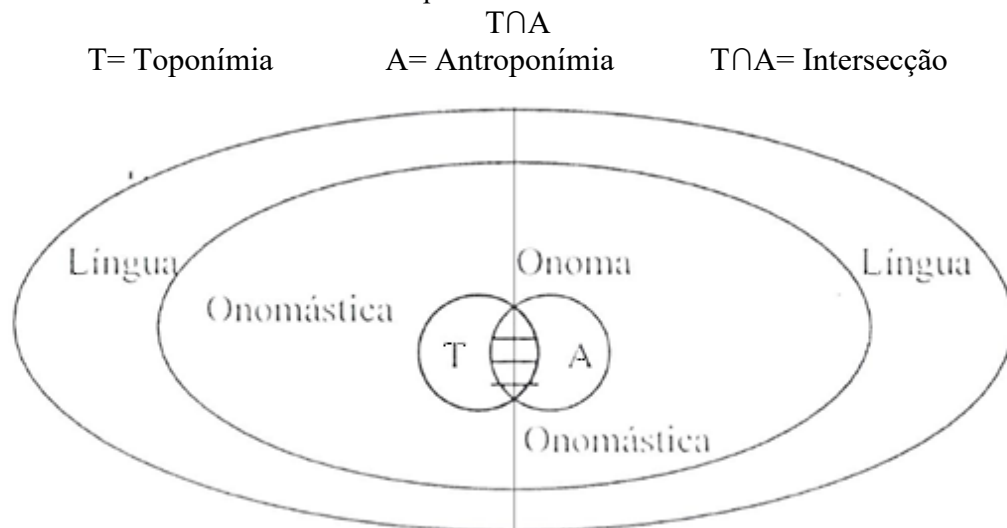
1.3 Toponímia: um caminho de pistas e resgates socioculturais

Vinculada à Lexicologia, a Onomástica objetiva estudar o nome próprio por meio de dois ramos:

1. a Antroponímia – estuda os nomes próprios de pessoas, assim como nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos;
2. a Toponímia – estuda os nomes próprios de lugares.

Trata-se de dois ramos que apresentam o nome próprio como objeto de estudo e, por isso, compartilham a característica onomástica, como é evidenciado por meio da figura, a seguir:

Figura 1 – Onomástica: A zona de interseção, por meio do onoma, une a Toponímia e a Antroponímia como partes da Onomástica.



Fonte: Dick. (1999, p.145)

Nota-se, por meio da figura apresentada, uma relação de inclusão entre a Toponímia e a Onomástica, diante do que apresenta Dick (1990, p. 36) “Toponímia e Onomástica acham-se, assim, em uma verdadeira ‘relação de inclusão’, em que aquela será sempre, desta, ‘uma parte de dimensões variáveis’”.

Conforme explica Gomes (2019, p. 25), por meio desse processo denominativo, o “item lexical se cristaliza como antropônimo (nome próprio de pessoa) ou topônimo (nome próprio de lugar). Essa cristalização, inclusive, permite-o sobreviver por longo período”. Desse modo, os nomes próprios de pessoas e de lugares despertam o interesse de todos, estudiosos ou não, já que remetem ao passado, tratando-se de “um sistema de denominação que reflete o modo de viver de uma cultura e a maneira desta representar os seus valores” (SEABRA e ISQUERDO, 2018, p.994).

Para compreender melhor esse processo torna-se necessário ter clareza das noções de referência envolvidas no ato denominativo. A imagem seguinte explicita que a identificação do referente passa pelo sentido do nome, ligando-se a ele diretamente:

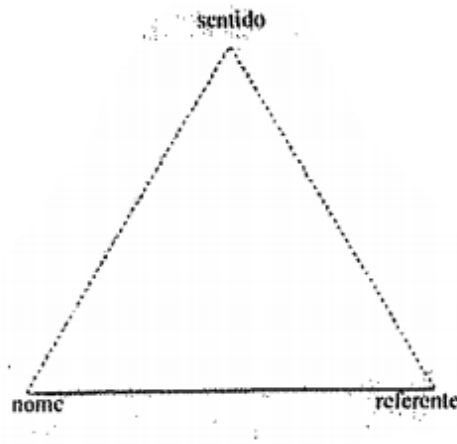
Figura 2 - Relação Triádica: A relação estabelecida entre o nome e o referente inclui a mediação do sentido.



Fonte: Seabra. (2006, p.1955)

A imagem seguinte, ao contrário, ilustra casos em que o nome não está diretamente associado ao sentido, ligando-se diretamente ao referente:

Figura 3 - Referência e Onomástica: tratando-se da Toponímia, o nome não precisa ser mediado pelo sentido para alcançar o referente.



Fonte: Seabra. (2006, p.1955)

A Toponímia⁶ está inserida nesse último grupo, uma vez que a ausência do sentido do nome não compromete a sua identificação referencial. Por isso, o nome de lugar está diretamente ligado ao caráter referencial:

Por se tratar de nomes que permanecem, às vezes, intactos, outras vezes, levemente modificados, o nome de lugar é provido de função referencial; já o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem da do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo, que vem atravessando gerações. (SEABRA, 2006, p.1956)

Diante desse cenário, torna-se pertinente esclarecer que o topônimo, enquanto nome próprio, não é estudado pela Lexemática, cujo objeto de estudo está inserido no primeiro grupo evidenciado pela figura 2. Trata-se, pois, de lexias em que a relação estabelecida entre o nome e o referente inclui a mediação do sentido, o que não acontece com o topônimo, já que, conforme explicitado, o topônimo não precisa ser mediado pelo sentido para alcançar o referente. Tal diferença impossibilita o estudo vinculado entre a Toponímia e a Teoria dos Campos Lexicais, porém, neste trabalho, os objetos de estudos são motivados por elementos da cultura material que, por sua vez, pertencem ao grupo de estudo da Lexemática. Portanto, o ergotopônimo, enquanto nome próprio, não poderia ser estudado pela Lexemática, sendo objeto

⁶ Com a criação da lista de termos onomásticos importantes, recomendados pelo *International Congress of Onomastic Sciences* (ICOS 2011), é pertinente evidenciarmos que, atualmente, os termos “Antroponomástica” e “Toponomástica” convivem com os tradicionais termos “Antroponímia” e “Toponímia”, como apresentam Seabra e Isquierdo (2018, p.995): “termos que hoje já podem ser encontrados em diversos trabalhos de pesquisas no Brasil e no exterior”.

de estudo apenas da Toponímia, contudo, considerando os elementos da cultura material que serviram como fator motivacional no ato denominativo, ou seja, lexias com significados estabelecidos, são possíveis e aceitáveis neste trabalho para justificar a utilização das duas perspectivas teóricas. No capítulo seguinte, intitulado “Teoria dos Campos Lexicais”, serão apresentados, de forma mais completa, os fundamentos que explicam o objeto de estudo da Lexemática, tornando a perspectiva aqui exposta mais clara.

Considerando a figura 3, tendo em vista que o topônimo se cristaliza na língua por gerações, estudá-lo permite resgatar informações que, muitas vezes, pertencem a tempos remotos, evidenciando características que correspondem à época em que se deu o ato denominativo de tal lugar:

Originários da necessidade de se comunicar uns com os outros nas inúmeras relações da vida quotidiana, o nome, ou em sua unidade ou em cada um dos elementos que o compõem, reflete vários aspectos dessa vida respectiva história, ajudando-nos a penetrar no tempo passado. (SEABRA, 2007, p. 93)

Essa característica do estudo toponímico torna-o ainda mais valioso, já que possibilita acessar o passado de um povo, apontando tanto características relacionadas ao ambiente físico quanto ao ambiente sociocultural:

O conceito tradicional de Toponímia envolve o significado etimológico do próprio vocábulo (do gr. *Topos*, “lugar” e *onoma*, “nome”), qual seja, o estudo dos nomes de lugares ou dos designativos geográficos, em sua bipartimentação física (rios, córregos, morros, etc.) e humana, antrópica, ou cultural (aldeias, povoados, cidades, etc.).

Entretanto, uma análise mais profunda de seus objetivos, enquanto disciplina científica, confere outra dimensão a esse entendimento. Refletindo, de perto, a vivência do homem, como entidade individual, ou como membro de um grupo, a Toponímia ganha um alcance maior, na medida em que se delinea a sua função conservadora das tradições de um povo ou de registro de suas características mais evidentes. (DICK, 1990b, p.119)

Considerando a possibilidade de apagamento do sentido original do nome, principalmente devido ao distanciamento cronológico desde quando aconteceu o ato denominativo, o topônimo sobrevive ao tempo, caracterizado pela toponimista Dick (1990b, p.20) como um “fóssil linguístico”:

[...] alguns estudiosos da Toponímia procuram, assim, defini-lo em razão da importância de que se reveste como fonte de conhecimento, não da língua falada na região em exame apenas, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário. (DICK, 1990b, p.20)

Tais características apontadas por meio dos topônimos relacionam-se à realidade vivenciada pelo denominador quando se deu o ato denominativo e, por isso, identificá-las permite aproximar-se da visão de mundo do denominador, mesmo que possa não corresponder mais a atual realidade. Dessarte, muito além de sua importante função referencial, o topônimo sobrevive ao tempo para contar a história do lugar que nomeia, inclusive, dos seus habitantes, tornando-se um patrimônio imaterial à medida que atua como fonte de conhecimento para a sociedade. Ao assumir o caráter de “testemunho histórico” por gerações, contempla Dick:

Se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p.22)

Tratando-se do estudo toponímico a busca pela interpretação do topônimo torna-se fundamental. Nesse processo investigativo algumas perguntas surgem: o que o topônimo revela? Qual é o seu significado? Qual é a sua relação com o ambiente inserido? O topônimo atua como uma pista, já que aponta a direção em que o pesquisador precisará seguir. Logo, trata-se de um resgate, à medida que necessita do recuo ao passado para buscar o seu entendimento. Nem sempre as respostas são claras, porque, em alguns casos, o ato denominativo ocorreu em um passado muito distante e, conforme já explicitado, a distância cronológica do ato denominativo torna a busca pelo significado do topônimo mais difícil, mas não impossível. Esse cenário reforça a importância do trabalho do toponimista, por exigir cuidado nesse processo de busca pelo significado. Alguns topônimos são mais facilmente compreendidos, devido ao caráter transparente do nome, como apresenta Seabra (2006, p.1957), outros, ao contrário, revelam-se verdadeiros mistérios, exigindo longo período de pesquisa.

Mesmo que o estudo toponímico possa apresentar alguns percalços, a construção desse caminho é o que torna a pesquisa tão enriquecedora e permite, inclusive, que os trabalhos não se esgotem.

1.3.1 Motivação toponímica

Em conformidade ao que foi apresentado na primeira seção deste trabalho, ao estudar o léxico de uma língua é possível identificar traços de quem a utiliza, já que as palavras refletem a experiência de mundo de um grupo, como explica Sapir:

O léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade. (SAPIR, 1969, p. 45)

Segundo a teoria de Sapir-Whorf, consoante ao que apresenta Biderman (1981), o léxico de uma língua seria composto pelas experiências das comunidades humanas que falavam e falam essa língua:

As categorias verbais formadas ao longo da história desse idioma e dessa cultura criaram um molde linguístico para as suas comunidades falantes. Através do prisma da língua, o mundo e a realidade serão vistos e percebidos pelos seus falantes de uma determinada maneira, com base nos lexemas cristalizados no seu patrimônio lexical. (BIDERMAN, 1981, p. 134).

Nomear a realidade constitui “a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento universal” (BIDERMAN, 1987, p. 81). Segundo a autora, o homem foi estruturando o mundo que o cerca à medida que rotulava as entidades diversas, reunindo-as em grupos, identificando semelhanças e traços distintivos que as individualizavam.

Se o topônimo se liga ao acidente geográfico que identifica e singulariza, como apresenta Dick (1990b, p. 10), assumindo estreita relação com o ambiente nomeado, e “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam”, conforme apresenta Sapir (1961, p. 10), é possível afirmar que ao estudar um topônimo conhecemos aspectos físicos do ambiente nomeado e sociais do povo que habitava aquele respectivo lugar.

Em relação à divisão do ambiente, Sapir (1961) apresenta a seguinte divisão⁷:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as

⁷ A Geografia contempla o estudo tanto dos aspectos geográficos físicos (naturais) quanto dos aspectos geográficos humanos (referentes à ação do homem sobre o ambiente físico). Desse modo, apresentamos a ressalva de que os fatores físicos considerados na divisão do ambiente apresentada por Sapir (1961, p.44), se referem aos aspectos geográficos de natureza física, ou seja, alguns elementos da topografia (referentes ao relevo), clima, fauna e flora, como apresenta o autor.

várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1961, p. 44)

A intenção do denominador e o seu interesse social por determinado traço físico, que determinará a nomeação, tendo em vista que “o interesse social determina a natureza do léxico” (SAPIR, 1961, p.47). Essa perspectiva conduz à compreensão de que ao nomear um lugar, algum aspecto, de natureza física ou social, serviu como fator motivacional. De acordo com Andrade e Dick, trata-se do “resultado da ação do nomeador ao realizar um recorte no plano das significações, representações, ou seja, praticar um papel de registro no momento vivido pela comunidade” (ANDRADE e DICK, 2012, p.197). Verificamos, assim, a estreita relação entre o topônimo e o ambiente:

O topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político da comunidade. Sua carga significativa guarda estreita ligação com o solo, o clima, a vegetação abundante ou pobre e as próprias feições culturais de uma região em suas diversas manifestações de vida. (DICK, 1990b, p.47)

É pertinente salientar que a noção de caráter motivacional compreendida no topônimo é contrária à delimitação do signo linguístico considerando a relação arbitrária entre significante e significado, proposta por Saussure:

Saussure propôs uma relação arbitrária entre significante e significado, de tal maneira que a associação de uma imagem acústica (significante) a um determinado conceito (significado) passa a ser concebida como imotivada. Portanto, descarta-se uma vinculação necessária entre ambos. (FRANÇA, FERRARI, MAIA. 2016, p.168)

Porém, conforme já explicado, compreendemos os estudos toponímicos como o ato denominativo de um lugar, estabelecendo um processo motivado pela intenção do denominador. Portanto, é necessário esclarecer que o conceito de arbitrariedade do signo proposto por Saussure não é ignorado por Dick (1990a, p.37), mas se afasta dessa noção por considerar que o signo perde o caráter arbitrário ao batizar um lugar, já que inclui a necessária motivação para que se conclua o processo de nomeação:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, como já se acentuou, uma fórmula de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, **marcando-o duplamente**: o que era **arbitrário**, em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar, em essencialmente **motivado**, não sendo exagero afirmar ser essa umas das principais características do topônimo. (DICK, 1990a, p.38)

O duplo aspecto da motivação toponímica, como apresenta a estudiosa (DICK, 1990a, p.39), compreende dois momentos: a intencionalidade que anima o denominador (ao selecionar determinado nome para o acidente geográfico) e na própria origem semântica da denominação, “no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas”. É importante ressaltar que nem sempre a intencionalidade do denominador será facilmente alcançada, tendo em vista a possibilidade de sua ausência e distanciamento cronológico desde o ato em que se deu a nomeação do lugar. Porém, como explica Dick:

[...] o conjunto das circunstâncias sócio-culturais, em seu mais amplo sentido, que constitui a realidade na qual o denominador se integra, como membro participante de sua dinâmica, poderá facilitar o possível conhecimento dos motivos que o condicionaram, naquele momento preciso. (DICK, 1990a, p. 50).

Considerando as reflexões explicitadas, Dick propôs uma classificação toponímica seguindo como pressuposto os principais fatores motivacionais compreendidos no ato denominativo. Dessa forma, tratando-se do vínculo entre o topônimo e o lugar nomeado, seguindo-se os conceitos de natureza física e antropocultural considerados por Sapir, Dick (1990b, p.31-34) estabeleceu 27 taxonomias⁸ apresentadas, a seguir:

Taxonomias de natureza física:

- 1- **Astrotopônimos:** Topônimos relacionados aos corpos celestes em geral. Ex.: *Estrela* (AH BA); *rio da Estrela* (ES).
- 2- **Cardinotopônimos:** Topônimos relacionados às posições geográficas em geral. Ex.: *praia do Leste* (PR); *serra do Norte* (MT).
- 3- **Cromotopônimos:** Topônimos relacionados à escala cromática. Ex.: *rio Branco* (AM); *rio Negro* (AM).
- 4- **Dimensiotopônimos:** Topônimos relacionados às características dimensionais de acidentes geográficos. Ex.: *ilha Comprida* (AM); *serra Curta* (BA).
- 5- **Fitotopônimos:** Topônimos de índole vegetal. Ex.: *morro da Mata* (MT); *Caatinga* (AH, RJ).
- 6- **Geomorfotopônimos:** Topônimos relacionados à forma topográfica. Ex.: *Montanhas* (AH, RN); *Monte Alto* (AH, SP).
- 7- **Hidrotopônimos:** Topônimos resultantes de acidentes hidrográficos. Ex.: *serra das águas* (GO), *Água Boa* (AH, MG).

⁸ Neste estudo usamos o termo “taxonomia”, como consta dicionarizado no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009, p.1820), dado que a forma “taxionomia”, segundo o dicionarista deve ser evitada.

- 8- **Litotopônimos:** Topônimos de índole mineral. Ex.: *lagoa do Barro* (BA); *córrego do Barreiro* (AM).
- 9- **Meteorotopônimos:** Topônimos relacionados a fenômenos atmosféricos. Ex.: *serra do Vento* (PB); *cachoeira da Chuva* (RO).
- 10- **Morfotopônimos:** Topônimos relacionados a formas geométricas. Ex.: *Curva Grande* (AH, AM); *ilha Quadrada* (RS).
- 11- **Zootopônimos:** Topônimos de índole animal. Ex.: *rio do Boi* (MG); *lagoa da Onça* (RJ).

Taxonomias de natureza antropocultural:

- 1- **Animotopônimos:** Topônimos relacionados a vida psíquica, à cultura espiritual. Ex.: *Vitória* (AH, CE); *Triunfo* (AH, AC).
- 2- **Antropotopônimos:** Topônimos relacionados aos nomes próprios individuais. Ex.: *Abel* (AH, MG); *Fátima* (AH, MT).
- 3- **Axiotopônimos:** Topônimos relacionados aos títulos e dignidades que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais. Ex.: *Presidente Prudente* (AH, SP), *Doutor Pedrinho* (AH, SC).
- 4- **Corotopônimos:** Topônimos relacionados aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes. Ex.: *Brasil* (AH, AM); *Europa* (AH, AC).
- 5- **Cronotopônimos:** Topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados, em Toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha. Ex.: *Velha Boipeba* (AH, BA); *rio Novo Mundo* (GO).
- 6- **Ecotopônimos:** Topônimos relacionados às habitações de um modo geral. Ex.: *Casa da Telha* (AH, BA); *Ocaçu* (AH, SP).
- 7- **Ergotopônimos:** Topônimos relacionados aos elementos da cultura material. Ex.: *córrego da Flecha* (MT); *Jangada* (AH, MT).
- 8- **Etnotopônimos:** Topônimos relacionados aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex.: *Guarani* (AH, PE); *ilha do Francês* (RJ).
- 9- **Dirrematotopônimos:** Topônimos constituídos por frases e enunciados linguísticos. Ex.: *Há mais tempo* (AH, MA); *Valha-me Deus* (AH, MA).
- 10- **Hierotopônimos:** Topônimos relacionados aos nomes sagrados de diferentes crenças. Ex.: *Cristo Rei* (AH, PR); *Jesus* (rio GO). Subdivisões: **Hagiotopônimos:** Topônimos relacionados aos santos e santas do hagiológico romano. Ex.: *São Paulo* (AH, SP); *Santa*

Tereza (AH, GO). **Mitotopônimos:** Topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: *ribeirão do Saci* (ES); *lago Curupira* (AM).

- 11- **Historiotopônimos:** Topônimos relacionados aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes. Ex.: *Independência* (AH, AC); *rio 7 de Setembro* (MT).
- 12- **Hodotopônimos:** Topônimos relacionados às vias de comunicação, rural ou urbana. Ex.: *Estradas* (AH, AM); *Avenida* (AH, BA).
- 13- **Numerotopônimos:** Topônimos relativos aos adjetivos numerais. Ex.: *Duas Barras* (AH, BA); *Duas Pontes* (AH, RO).
- 14- **Poliotopônimos:** Topônimos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex.: *rio da Cidade* (RJ); *serra da Aldeia* (PB).
- 15- **Sociotopônimos:** Topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontros de membros de uma comunidade. Ex.: *Sapateiro* (serra do, SP); *Pescador* (AH, MG).
- 16- **Somatotopônimos:** Topônimos empregados em relação metafórica à parte do corpo humano ou do animal. Ex.: *Pé de Boi* (AH, SE); *Pé de Galinha* (AH, BA).

A sistematização dos topônimos em taxonomias, compreendendo a natureza motivacional do nome, contempla um procedimento teórico e metodológico amplamente utilizado nos estudos toponímicos. Neste trabalho, inclusive, optamos por utilizá-lo, já que corresponde aos objetivos de estudo de uma taxa em particular: os ergotopônimos. Essa taxonomia será apresentada de modo mais detalhado no tópico, a seguir.

1.3.2 Ergotoponímia: patrimônio da cultura material

Levando-se em consideração as taxonomias propostas por Dick (1990), a taxa dos ergotopônimos integra o grupo de taxonomias de natureza antropocultural, correspondendo aos topônimos relacionados aos elementos da cultura material. Sobre os ergotopônimos, Dick explicita que esta camada onomástica “avultaria em importância na medida que pudesse, de fato e comprovadamente, representar determinados avanços técnicos de um povo ou, pelo menos, os mais significativos produtos de um grupo qualquer”. (DICK, 1990a, p. 353).

O procedimento teórico e metodológico de classificação toponímica desenvolvido por Dick (1990 a,b) trouxe importante contribuição para o estudo do léxico toponímico, facilmente verificável por meio da produtividade dos trabalhos realizados na área. Porém, classificar um

topônimo, utilizando o procedimento metodológico sugerido pela toponimista, nem sempre é tarefa fácil, principalmente porque alguns topônimos apresentam traços que correspondem a mais de uma categoria. Essa cadeia de possibilidades em que os topônimos se estruturam e se distribuem é mencionada pela estudiosa:

É, pois, na realidade circundante, ou no chamado universo ambiental em que o homem se organiza, individual e comunitariamente, que se encontram as influências positivas ou negativas de sua própria experiência cultural, no mais amplo sentido. E é nessa mesma cadeia de possibilidades que os topônimos se estruturam e se distribuem em estratos de diversas naturezas. (DICK, 1990a, p. 61).

Para compreender de modo adequado as considerações a respeito da taxa dos ergotopônimos, de acordo com a definição apresentada por Dick (1990b), torna-se fundamental percorrermos brevemente acerca do conceito de “cultura”, tendo em vista que a definição “cultura material” apresenta um limite impreciso.

1.3.2.1 Reflexões acerca da cultura

Torna-se problemática a tentativa de definir a cultura, principalmente quando utilizada de forma generalizada. Como apresenta Peter Burke (2006, p. 13), não há concordância sobre o que significa cultura: “há mais de quarenta anos, dois estudiosos ingleses começaram a mapear as variações do termo em inglês, e reuniram mais de duzentas definições concorrentes⁹”. Nesse cenário, torna-se necessário evidenciar que, na história cultural, a cultura apresentou diferentes concepções.

Em meados do século XIX, a cultura parecia não precisar de explicações, ligada à arte e à literatura, limitando-se a alguns grupos da sociedade. Essa concepção de cultura caracterizava a variedade clássica da história cultural: “no duplo sentido de que enfatiza os clássicos, ou o cânone, de grandes obras e também fundamenta muitos clássicos históricos”. (BURKE, 2006, p. 235). Essa história cultural clássica foi criticada por causa dos seguintes fatores: 1. Ignorava a sociedade, a infraestrutura econômica, a estrutura política e social, etc. 2. Dependia do postulado de unidade ou consenso cultural. 3. Reforçava a ideia de tradição, no sentido de “legado” ou “herança” cultural. 4. Difundia a ideia de cultura implícita, que é, pois, bastante restrita. 5. Não era mais adequada ou apropriada para a época moderna.

⁹ Kroeber e Kluckholm (1952).

A abordagem conhecida como “nova história cultural”¹⁰ surge, em parte, por causa dos ex-marxistas “ou pelo menos a estudiosos que outrora consideraram atraentes alguns aspectos do marxismo”. (BURKE, 2006, p. 244). O autor menciona uma variedade de história antropológica, inserindo-se neste grupo, por confessar aprender muito com os antropólogos. O historiador menciona, também, a contribuição dos críticos literários¹¹ e da semiótica¹². Dessa forma, dentre as diferenças entre o modelo antropológico de história cultural corrente e seus antecessores, clássicos e marxistas, apontamos neste trabalho atenção especial para a inserção da cultura material:

Estendeu-se o sentido do termo para abranger uma variedade muito mais ampla de atividades do que antes – não apenas a arte, mas a cultura material, não apenas o escrito, mas o oral, não apenas o drama, mas o ritual, não apenas a filosofia, mas as mentalidades das pessoas comuns. A vida cotidiana ou a “cultura cotidiana” é fundamental para essa abordagem, sobretudo as “regras” ou convenções subjacentes à vida cotidiana. (BURKE, 2006, p. 247)

Como historiador, Burke (2006) dialoga com outras disciplinas, tecendo uma escrita bastante interdisciplinar que apenas reafirma a presença da história da cultura em conexão com o todo. Considerando essa perspectiva é notável reconhecer que a cultura está presente em cada forma de identidade e, por isso, pode-se dizer sobre múltiplas identidades e múltiplas culturas, de forma intrínseca. O Carnaval, por exemplo, é marca cultural brasileira, ainda que não tenha o mesmo significado para todos os participantes, como apresenta o autor (2006, p. 216). Mesmo que o Carnaval tenha sido importado da Europa, com o tempo, foi adaptando-se às condições locais e, conseqüentemente, transformando-se. Dentre essas transformações, comparando-se aos tradicionais costumes europeus, o historiador chama a atenção para o lugar das mulheres - muito mais ativo quando comparado à Europa, da dança - que no Brasil apresenta uma importância maior, e da cultura africana, principalmente por meio da dança e religiosidade que se espalharam pelo Carnaval brasileiro. Como apresenta Ortiz (1952), segundo Burke (2006, p. 227), trata-se, pois, de uma “transculturação”: “a interação recíproca entre duas culturas”, que se opõe à “aculturação”: “em que se supõe que a influência se dê em um só sentido”. Nesse cenário, o modelo de encontro torna possível compreender que devemos considerar a cultura múltipla e variada e não homogênea e singular. São, inclusive, essas as representações que

¹⁰ Hunt 1989); cf. Chartier (1988).

¹¹ Como os “novos historicistas” nos Estados Unidos, que adaptaram seus métodos de “leitura rigorosa” ao estudo de textos “não-literários”. (BURKE, 2006, p. 244)

¹² Estudo de sinais de todos os tipos, de poemas e pinturas a comida e roupas, foi projeto conjunto de estudiosos da língua e literatura, como Roman Jakobson e Roland Barthes, e antropólogos como Claude Lévi-Strauss. (BURKE, 2006, p. 244)

Chartier descreve como os principais objetos da nova história cultural. De acordo com o estudioso (1990), a história cultural tem como principal objetivo

identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São esses esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Nessa perspectiva são construídas as representações do mundo social, incluindo as múltiplas interpretações. Sendo um dos conceitos mais importantes utilizados no Antigo Regime, a noção de representação pode ser entendida quando se compreende o funcionamento da sociedade, já que os grupos se definem por meio das posições e relações que atribuem.

É importante, portanto, atentar para as generalizações que simplificam a cultura à homogeneidade assim como à cultura fragmentada que não considera as características individuais ou coletivas. Ademais, tratando-se do modelo de encontros, é pertinente evidenciar que a história da cultura não deve ser escrita de acordo com apenas um ponto de vista, conforme aponta Burke, citando Mikhail Bakhtin, essa história tem de ser “polifônica”: “Em outras palavras, tem de conter em si mesma várias línguas e pontos de vista, incluindo os dos vitoriosos e vencidos, homens e mulheres, os de dentro e os de fora, de contemporâneos e historiadores”. (BURKE, 2006, p. 267)

Considerando as múltiplas definições do termo cultura, assim como os seus desdobramentos que, inclusive, possibilitam ter um olhar amplo sobre o termo, evidenciamos neste trabalho, algumas outras considerações:

Segundo Kroeber (1948, p. 8), a cultura é um produto exclusivo do ser humano, herdada das interações sociais: constituída por reações, hábitos, técnicas, ideias e valores aprendidos e transmitidos, o que inclui o comportamento que eles induzem.

De acordo com Santos (2006, p. 50) “a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso”. Segundo o autor, cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes (SANTOS, 2006, p.12). Nesse contexto, é preciso compreender o modo como cada cultura “concebe e organiza a vida social ou seus aspectos materiais” (SANTOS, 2006, p. 24). Tal reflexão,

evidenciada pelo estudioso, dialoga com a proposta deste trabalho, levando-se em consideração a tentativa de resgatar e compreender aspectos da cultura material mineira por meio do modo particular em que tais traços culturais motivaram a nomeação de lugares. Segundo Lévi-Strauss (1963), citado por Seabra:

Sob a perspectiva de Lévi-Strauss (1963), toda cultura pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situados a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Para ele, todos esses sistemas visam a expressar certos aspectos da realidade física e social e, mais ainda, as relações que os dois tipos de realidade mantêm um com o outro e, também, as relações que os sistemas simbólicos mantêm entre si. (SEABRA, 2015, p. 67)

Ter acesso às informações culturais e compartilhá-las como forma de conhecimento para a sociedade é uma das principais propostas deste trabalho. Conforme apresenta Dick (1990):

Nos mais diversos setores do conhecimento, as épocas distintas evidenciam, em qualquer porção do espaço, a presença atuante do homem, elaborando, participando, sentindo, expressando, comunicando, em suma. O resultado dessas compartimentações está sedimentado em fatos que organizam e corporificam a produção cultural de um povo [...] (DICK, 1990a, p. 30).

Dentro do contexto da cultura como conhecimento, afirma Duranti:

Se a cultura se aprende, então em grande parte podemos pensar em termos de conhecimento de mundo. Isso não significa que apenas os membros de uma cultura devam saber certos fatos ou sejam capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Significa também que devem compartilhar certos modelos de pensamentos, modos de compreender o mundo, de fazer interferências e predições. (DURANTI, 1997, p. 52)¹³

Diante da tentativa de compreender cultura, Duranti (2000) apresenta teorias em que a língua ocupa importante papel, uma vez que seja “produto e instrumento dessa cultura” (SEABRA, 2015, p. 72):

Uma língua é mais que um conjunto de categorias fonológicas, morfológicas, sintáticas ou léxicas e uma série de regras para seu uso. Uma língua existe no contexto de práticas culturais que, por sua vez, descansam em alguns recursos semióticos, como as representações e expectativas que proporcionam aos corpos e movimentos dos participantes no espaço, o entorno construído em que inter-atuam, e as relações dinâmicas que se estabelecem por meio da recorrência na atividade conjunta que realizam. (DURANTI, 2000, p.104, apud SEABRA, 2015, p.72).¹⁴

¹³Si la cultura se aprende, entonces un gran parte de ella puede pensarse en términos de conocimiento del mundo. Esto no significa solamente que los miembros de una cultura deban saber ciertos hechos o ser capaces de reconocer objetos, lugares y personas. También significa que deben compartir ciertos modelos de pensamiento, modos de entender el mundo, de hacer inferencias y predicciones. (DURANTI, 1997, p. 52).

¹⁴ Una lengua es más que un conjunto de categorías fonológicas, morfológicas, sintáticas o léxicas y una serie de reglas para su uso. Una lengua existe en el contexto de prácticas culturales que, a su vez, descansan en algunos recursos semióticos, como las representaciones y expectativas que proporcionan los cuerpos y movimientos de los participantes en el espacio, el entorno construido en el que interactúan, y las relaciones dinámicas que se establecen por medio de la recurrencia en la actividad conjunta que realizan. (DURANTI, 2000, p.104, apud SEABRA, 2015, p.72).

Além disso, é importante ter em vista o caráter dinâmico da cultura, já que “a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é fundamental” (SANTOS, 2006, p. 47), compreendendo, pois, que a cultura muda de acordo com a dinamicidade da sociedade. Porém, tratando-se do topônimo, que se cristaliza na língua por gerações, é possível acessar e resgatar características culturais, ainda que essas não pertençam mais à atualidade.

O caráter dinâmico da cultura permite reconhecer claramente que cultura e língua são indissociáveis, dado que a cultura é refletida por meio da língua:

Em primeiro lugar, funcionando na sociedade para a comunicação dos seus membros, a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento. É o resultado de uma cultura global. Tal não acontece com os outros aspectos culturais: em cada um deles se refletem outros, é verdade, como as concepções religiosas na arte, a arte na indústria, e assim por diante; mas nenhum deles existe para expressar todos os outros (MATTOSO, 1977, p. 21)¹⁵.

Biderman (1981, p. 134) discorre sobre a relação entre o léxico e cultura:

O acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural.

Complementam Contiero e Ferraz:

Com efeito, à medida que novos conceitos, novas realidades vão surgindo, o léxico se superpõe para nomear as coisas do mundo, introjetando valor humano e caracterizando o modo de relação entre o homem e o objeto nomeado, ressignificando-o, atualizando e reatualizando os conhecimentos de uma cultura, já que o léxico, segundo Faraco (1991, p. 25) “é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura”. (...) Relacionar pedagogicamente léxico e cultura é, portanto, posicionar-se diante de um instrumento tão essencial que é cultura, intrinsecamente ligada à língua, já que palavras se constroem, se perdem ou ganham novos significados por causa dela. (CONTIERO, FERRAZ, 2014, p. 49)

Por meio do estudo toponímico, utilizando-se de ergotopônimos, acreditamos na possibilidade de acessar traços da cultura material que contribuem para a consolidação da identidade mineira, assim como averiguar a “polifonia” cultural. A noção de identidade não serve para limitar culturalmente um povo, ao contrário, serve para realçar os aspectos culturais, em sua multiplicidade, como forma de conhecimento para a sociedade, já que, apesar da dinamicidade dos falantes e respectiva cultura, refletida por intermédio do léxico, a Toponímia permite conservar esses traços por gerações.

¹⁵ Citado por Contiero e Ferraz (2014, p. 48).

1.3.2.2 Reflexões acerca da cultura material

Conforme mostrado neste trabalho, Dick (1990 a,b) apresenta o ergotopônimo como um topônimo relacionado à cultura material. Porém, o que é a cultura material?

Inicialmente, pode parecer que a expressão “cultura material” seja autoexplicativa, contrapondo-se à cultura imaterial quando associadas à noção que separa o psíquico do físico. Todavia, ao utilizar a cultura material como objeto de estudo, naturalmente surge a necessidade, ou tentativa, de evidenciar com maior clareza os limites de tal campo.

Segundo Pomian (1998, p. 87-88) a cultura material engloba todos os produtos do trabalho manual, “fabricados pelas massas e à escala de massa, para satisfazer as necessidades corporais”. Contudo, o próprio autor discute e explica os desdobramentos dessa perspectiva. Trata-se, portanto, da cultura compreendida enquanto conjunto de sistema de signos e, por isso, as produções humanas “só farão parte dele se forem sistemas de signos”. (POMIAN, 1998, p. 89). Ainda de acordo com o autor, o método idôneo de estudo da cultura é possível por meio da análise estrutural, interessando-se por fatos síncronos. Tal estruturação ocorre por meio da categorização em diferentes costumes, como culinários ou de vestuários, por exemplo. Essa abordagem se aproxima da proposta deste trabalho, tendo em vista a categorização dos elementos da cultura material. Dessa forma, os estudiosos que realizam essa análise estrutural, como o linguista, o etnólogo ou o semiólogo, são considerados pelo estudioso como “historiadores da cultura”.

Torna-se necessário, contudo, apontar que embora a noção de cultura material, ainda hoje, não apresente uma definição clara, é possível notar a sua presença desde a antiguidade, mesmo que implicitamente. Nesse ponto, voltando-se para o passado, destacam-se os arqueólogos e historiadores, sendo os que mais se utilizaram da expressão. Tratando-se da arqueologia, é possível afirmar que tenha permitido a tomada de consciência da cultura material, já que “leva em conta, em primeiro lugar, os aspectos materiais das civilizações e neles baseia a própria definição das culturas e sua evolução: a arqueologia pré-histórica”. (PESEZ, 1990, p. 178)

De fato, não é fácil alcançar uma definição que dê conta de explicar a cultura material de forma universal, mas é possível observar a relação entre a materialidade e a cultura:

A cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura. No entanto, não é todo conteúdo da resposta que se acha envolvido pela cultura material. A materialidade supõe que, no momento em que a cultura se exprime de maneira abstrata, a cultura material não está mais em questão. Isso designa não apenas o domínio das representações mentais, do direito, do pensamento religioso e

filosófico, da língua e das artes, mas também as estruturas socioeconômicas, as relações sociais e as relações de produção, em suma a relação entre os homens. A cultura material faz parte das infra-estruturas, mas não as recobre; ela só se exprime no concreto, nos e pelos objetos. Em suma, a relação entre o homem e os objetos (sendo aliás o próprio homem, em seu corpo físico, um objeto material), pois o homem não pode estar ausente quando se trata de cultura. (PESEZ, 1990, p. 180-181)

A Europa Socialista ofereceu valiosa contribuição quanto à noção de cultura material, ainda que de forma implícita, por meio do materialismo histórico. As obras de Marx revelam o estudo da evolução das sociedades, que inclui as condições materiais, como os meios de trabalho do homem, as relações que o homem mantém com a natureza e do homem com o próprio homem, não obstante, essencialmente ligadas à história e vinculadas à arqueologia.

Nesse cenário, a escola de *Annales* permitiu ampliar o domínio do historiador, introduzindo a cultura material, de tal forma que nomes como Marc Bloch e Lucien Febvre se destacassem por meio de seus estudos. Desse modo, surge a obra intitulada “Civilização material e capitalismo” que ganha atenção especial. Ainda que o autor, Fernand Braudel, não tenha apresentado a definição de cultura material, revelando-se associada ao capitalismo, para o estudioso:

a vida majoritária é constituída pelos objetos, as ferramentas, os gestos do homem comum; só essa vida lhes diz respeito na cotidianidade; ela absorve seus pensamentos e seus atos. Por outro lado, ela estabelece as condições da vida econômica, “o possível e o impossível”. (PESEZ, 1990, p. 184-185)

Trata-se, pois, das associações estabelecidas entre o homem e o meio em que vive, inclusive, à cotidianidade. Nesse cenário, o pão servido à mesa, assim como o peixe ou a carne, no supérfluo que aparentam ser, ganham um alcance maior em suas funções, associações e interpretações, sendo, portanto, integrantes da cultura material. O autor, inclusive, dá maior ênfase à alimentação do que às habitações e vestuário, de modo geral, apontando as diferenças entre as civilizações ricas e pobres. Tais apontamentos fazem somar às dimensões histórica e cronológica, também, a dimensão social e espacial. Conforme afirma Pesez, talvez Braudel tenha feito melhor do que oferecer uma definição irrepreensível de cultura material: “ele a fez brotar das hesitações da história e, em face da esterilidade das teorias, plantou-a, rude e complexa, viva”. (PESEZ, 1990, p. 186)

É pertinente explicitar a possibilidade de analisar como alguns elementos da cultura material caracterizam determinados períodos da história. O tipo de material comumente utilizado na construção de casas, o tipo de roupas, tecidos, alimentos geralmente consumidos, assim como os instrumentos utilizados nos processos de produção em geral, produtos

desenvolvidos, etc. Nessa perspectiva, corroborando com Pomian, os objetos estão associados aos homens, que se servem deles atribuindo-lhes funções, assim como os homens e seus comportamentos “não poderiam ser encarados sem os objetos de que se servem e que co-determinam o seu lugar na hierarquia social, os seus papéis e as suas identidades”. (POMIAN, 1998, p. 95).

Diante das discussões explanadas acerca da cultura material, neste trabalho, optamos por associá-la ao que é produzido pelo homem, refletindo, portanto, o social por meio do material. Considerando-se, pois, a tentativa de elucidar a cultura material mineira, por meio da ergotoponímia, os limites imprecisos acerca do conceito “cultura material” tornam a tarefa dos ergotopônimos bastante conflituosa, tendo em vista a diversidade de ergotopônimos que apresentam diferentes conteúdos semânticos, o que revela, também, a diversidade de atividades humanas e objetos fabricados de acordo com necessidades específicas. Sendo assim, Dick (1990a, p. 353) aponta sobre a dificuldade em eleger uns ou outros para refletir uma época.

Desse modo, topônimos como *Porteira Pesada* e *Azeite* são classificados como ergotopônimos, por corresponderem à elementos da cultura material, contudo, esses topônimos apresentam traços distintivos que permitem classificá-los em grupos diferentes, correspondendo a possíveis subclassificações dos ergotopônimos:

Não faria sentido querer organizar elementos de sistemas diferentes em um sistema mais amplo. Assim, oposições do tipo “arroz” e “cadeira” tornam-se impossíveis, pois não existe qualquer sentido lógico para essas lexias serem organizadas em um único sistema. Mas “arroz”, “açúcar”, “leite”, “ovos” estariam unidos em um campo único que poderia ser o campo dos alimentos ou dos ingredientes, por exemplo, assim como “cadeira”, “mesa”, “sofá”, “televisão”, poderiam compor o campo das mobílias da sala de estar ou de móveis. (ABBADE, 2015, p. 74-75)

Consoante às considerações explicitadas por Abbade (2015, p. 74-75), e as dificuldades sobre a ergotoponímia apresentadas por Dick (1990a,b) e explanadas neste trabalho, propomos apresentar os nossos objetos de estudo organizados estruturalmente em campos lexicais, apoiando-nos na Teoria dos Campos Lexicais (COSERIU, 1977), assim como utilizando o respaldo teórico de Abbade (2009, 2012, 2015), apresentados na segunda parte deste capítulo.

1.4 Estudos toponímicos: um caminho de pesquisas

É fácil notar a importância e presença da Toponímia quando pensamos que desde quando o homem precisou nomear lugares, conforme surgia a necessidade de delimitá-los e identificá-los, os topônimos passaram a marcar presença na história, registrando aspectos socioculturais que correspondem às realidades vividas pelos denominadores ou da própria natureza do ambiente. Porém, apesar de antiga, a Toponímia só foi reconhecida como ciência bem mais tarde.

Afirma-se que o berço da Toponímia como disciplina surgiu na França, quando os alunos de Auguste Longnon publicaram postumamente, após 1912, a obra intitulada “*Les noms de lieu de la France*”, “considerada clássica para o conhecimento da nomenclatura dos lugares habitados” (DICK, 1990b, p. VII)

Foi por meio da Toponímia Francesa, pautada por Albert Dauzat, e das contribuições oferecidas por pesquisadores americanos e canadenses, que a Toponímia começou a ganhar relevância e tratamento técnico científico. Dauzat destacou-se por meio de sua atuação em vários congressos internacionais de Toponímia e Antroponímia, sendo o primeiro organizado por ele em 1938, totalizando a participação de vinte e um países. Além disso, por meio das definições apresentadas pelo estudioso, em 1951, a Toponímia é reconhecida como “a ciência dos nomes de lugares”.

O Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, no Canadá, atuaram nos estudos toponímicos desde 1966, como informa Dick (1990, p. 2): “Através das publicações desse órgão, pode-se perceber a amplitude das questões toponímicas abordadas e a seriedade das pesquisas desenvolvidas nesse campo”. De acordo com a toponimista (1990, p. 35): “Uma das grandes dificuldades que cercaram o conceito da Toponímia como disciplina autônoma foi, exatamente, o problema da delimitação de seu campo de trabalho e a caracterização de seu objeto específico”. Conforme explica a autora, para muitos, as questões consideradas pela Toponímia poderiam ser perfeitamente tratadas e explicadas por outras áreas como a História e a Geografia. De fato, mesmo que Toponímia seja uma área científica com objetos de estudo e objetivos bem delimitados, tais áreas fornecem valioso apoio aos estudos toponímicos, principalmente se levarmos em consideração o caráter interdisciplinar da Toponímia: “Antes de tudo, a Toponímia é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. (DICK, 1990, p. 35).

No Brasil, a obra “O Tupi na geografia nacional” (1901), de Theodoro Sampaio, foi elogiada por Levy Cardoso¹⁶ por considerá-la clássica para a Toponímia brasileira. Mais tarde, o professor Carlos Drumond¹⁷ publica “Contribuição do Bororo à toponímia brasílica”, revelando a importância de sua pesquisa, como explica Dick (1990b):

Carlos Drumond, por sua vez, dá destaque, na Contribuição do Bororo à Toponímia brasílica, a posição da Toponímia no Brasil, tradicionalmente incorporando realizações assistemáticas, mais a título de curiosidade, sem métodos apropriados, visando, em sua grande maioria, “por em destaque a ocorrência dos nomes de origem tupi”, para concluir que, em face dessas evidências, “na realidade, não possuímos ainda toponimistas”. (DICK, 1990b, p.4)

O trabalho de Doutorado intitulado “A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos” (1980), de Dick, orientada pelo Professor Carlos Drumond, é a base teórica e metodológica para a produção de muitas pesquisas que seguem o viés de estudos toponímicos.

Desse forma, o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP) e o Atlas Toponímico do Brasil (ATB), coordenados por Dick, serviram como modelo para a consolidação de outros Atlas regionais por meio de estudos em universidades brasileiras citados, a seguir:

- UNEB: *Atlas Toponímico do Estado da Bahia* (ATOBAH);
- UEL: *Atlas Toponímico do Estado do Paraná* (ATEPAR);
- UFMS: *Atlas Toponímico do Estado do Mato grosso do Sul* (ATEMS);
- UFMT: *Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso* (ATEMT);
- UFAC: *Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* (ATAOB); *Atlas Toponímico do Estado do Ceará* (ATEC).
- UFT: *Atlas Toponímico do Estado do Tocantins* (ATIT); *Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins* (ATITO);
- UFMG: *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais* (ATEMIG).

¹⁶ Autor da obra *Toponímia Brasílica*, 1961.

¹⁷ Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

1.4.1 Projeto ATEMIG: valiosa fonte de dados

O Projeto ATEMIG – *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*, coordenado pela Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, desde março de 2005, permitiu a construção de um banco de dados constituído por topônimos que nomeiam acidentes físicos e humanos nos 853 municípios mineiros. Trata-se de um banco de dados contemporâneo que integra mais de oitenta e cinco mil topônimos documentados em cartas geográficas do IBGE com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 250.000. Assim, são objetivos básicos do ATEMIG:

- a) reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
- b) estudar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
- c) buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos)¹⁸.

Segundo Seabra (2012, p. 146), a metodologia empregada na equipe de pesquisa do Projeto é a mesma adotada pelas demais equipes de pesquisadores que integram o ATB em outros estados, ou seja:

- a) o “método das áreas” utilizado por Dauzat (1926) que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão;
- b) a distribuição toponímica em categorias taxonômicas que representam os primeiros padrões motivadores dos topônimos no Brasil, sugerida por Dick (1990).

A equipe realizou o detalhamento da realidade toponímica em cada região, como explicita a coordenadora do Projeto, “a fim de conhecer as características denominativas dos seus acidentes geográficos” (SEABRA, 2012, p. 146). Desse modo, levantando todos os nomes de acidentes geográficos documentados em mapas municipais – fontes do IBGE, para atingir o objetivo proposto, os topônimos foram organizados em fichas que correspondem ao modelo sugerido por Dick (2004) para que fossem analisados e classificados: “Essas fichas constituem

¹⁸ Seabra (2012, p. 146).

uma análise detalhada do topônimo, com informações que o integram à sociedade e à cultura”. (SEABRA, 2012, p. 147).

Para exemplificar, apresentamos, a seguir, uma das fichas que compõem o banco de dados do Projeto ATEMIG:

Quadro 1 - ATB – Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais

Localização / Município: Açucena – Região do Rio Doce – Minas Gerais
Topônimo: Maribomdo
A.G.: Físico / Córrego
Taxionomia: Zootopônimo
Etimologia: Africana
Entrada Lexical: Marimbondo
Estrutura Morfológica: Nm [Ssing]
Histórico: n / e
Informações Enciclopédicas: (banto) – “Vespa. Variante <i>Maribondo</i> . Quicongo / Quimbundo (ma)di(m)bondo/ Umbundo <i>Alimbondo</i> ”. (PESSOA DE CASTRO, 2001)”. “designação dada pelos portugueses aos brasileiros, à época da independência”. HOUAISS (2001) “Enxame de zangões. /Vespeiro”. (ASSIS JUNIOR, S/D)
Contexto: Carta geográfica do município de Ipatinga
Fonte: Carta de Ipatinga, MG; Secretaria de Planejamento da Presidência da República; IBGE – Diretoria de Geodésia e Cartografia; CARTA DO BRASIL – ESC. 1: 100.000; 1980.
Coordenadora ATEMIG: Profª. Dra. Maria Cândida Trindade Csota de Seabra
Pesquisadora (Iniciação Científica): Christiane Tegethoff Motta
Consultora: Profª. Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick
Data de coleta: Março de 2006

Fonte: Seabra (2012, p. 147)

Por meio da análise dos topônimos coletados e sistematizados em fichas, alguns dos resultados obtidos permitiram observar a ocorrência, em primeiro lugar, de taxonomias de natureza antropocultural nas regiões centro-sul do estado, a saber:

- Antropotopônimos nas regiões Central, Zona da Mata e Rio Doce;
- Hagiotopônimos nas regiões Alto Paranaíba, Centro-Oeste e Sul.

Nas demais regiões, Jequitinhonha/Mucuri, Norte, Noroeste e Triângulo, predominam, de acordo com Seabra (2006, p.1950), com número maior de ocorrências, as taxonomias de natureza física:

- Hidrotopônimos na região do Jequitinhonha/Mucuri;
- Fitotopônimos, na região Norte;
- Fitotopônimos e Geomorfotopônimos, na região Noroeste;
- Geomorfotopônimos na região do Triângulo.

Complementa a autora:

Ainda em relação à natureza antropocultural, os antropotopônimos ocorrem, em segundo e terceiro lugares nas regiões Sul, Centro-Oeste e Jequitinhonha /Mucuri. Já os hagiotopônimos ocorrem nas regiões Central, Norte e Rio Doce. Os axiotopônimos e os hierotopônimos ocorrem só na região Noroeste do estado. A região do Triângulo se mostra singular pelo fato de não apresentar entre suas três maiores ocorrências taxionomias de natureza antropocultural. (SEABRA, 2006, p.1950).

Em relação à leitura das fichas lexicográfico-toponímicas produzidas pela equipe do ATEMIG, aponta Seabra: “pudemos mostrar como os estudos toponímicos revelam a língua e a cultura de uma sociedade, evidenciando interesses e necessidades de um grupo humano ao marcar seu espaço geográfico” (SEABRA, 2006, p.1952).

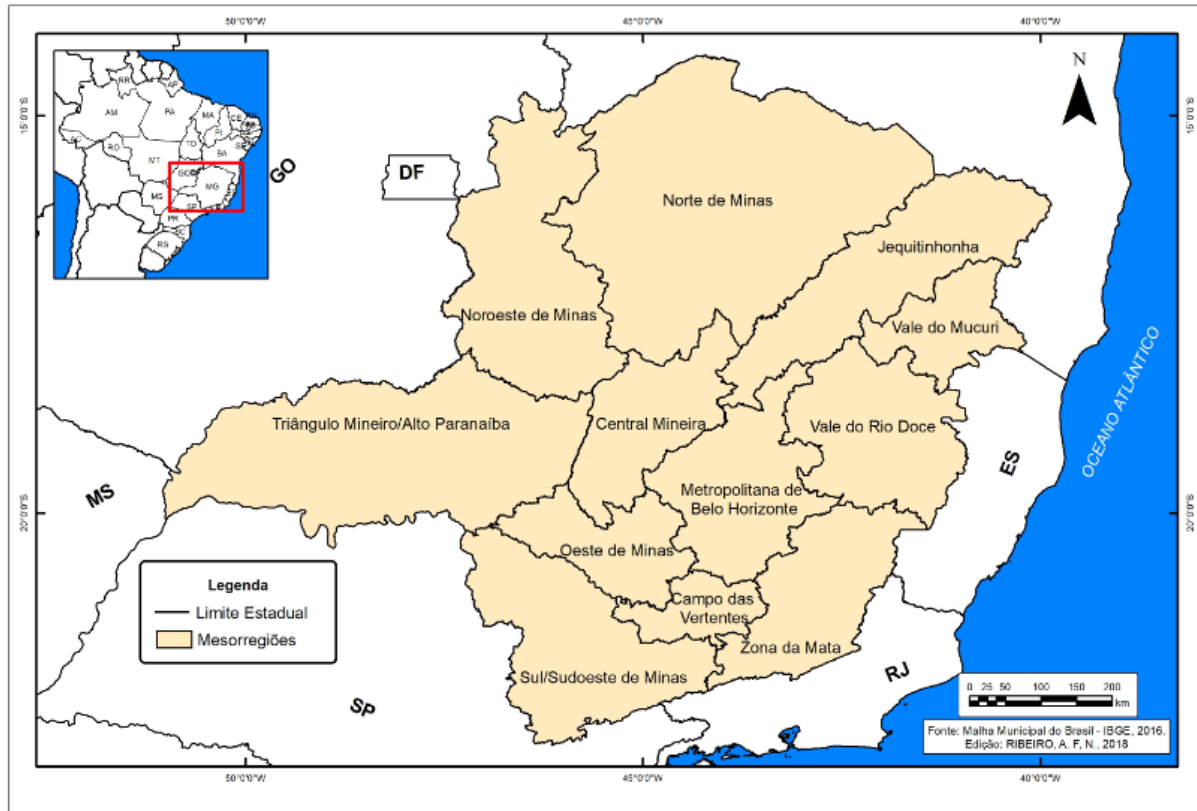
A coleta toponímica dos 853 municípios de Minas Gerais deu-se, portanto, pela Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões¹⁹, aprovada em 1989, pela Presidência do IBGE (resolução PR-51 de 31/07/89), e publicada em 1990. Desse modo, conforme

¹⁹ FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Rio de Janeiro, 1990. v. 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf >. Acesso em: set. 2021.

estabelecido pelo IBGE, o território de Minas Gerais estava dividido regionalmente em 12 mesorregiões e 66 microrregiões:

- ✓ **Mesorregiões:** Campo das Vertentes, Central Mineira, Jequitinhonha, Metropolitana de Belo Horizonte, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Oeste de Minas, Sul/Sudoeste de Minas, Triângulo Mineiro/ Alto Paranaíba, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Zona da Mata.
- ✓ **Microrregiões:** Barbacena, Lavras, São João Del Rei, Bom Despacho, Curvelo, Três Marias, Almenara, Araçuaí, Capelinha, Diamantina, Pedra Azul, Belo Horizonte, Conceição do Mato Dentro, Conselheiro Lafaiete, Itabira, Itaguara, Ouro Preto, Pará de Minas, Sete Lagoas, Paracatu, Unaí, Bocaiúva, Grão Mogol, Janaúba, Januária, Montes Claros, Pirapora, Salinas, Campo Belo, Divinópolis, Formiga, Oliveira, Piumhi, Alfenas, Andrelândia, Itajubá, Passos, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Varginha, Araxá, Frutal, Ituiutaba, Patos de Minas, Patrocínio, Uberaba, Uberlândia, Nanuque, Teófilo Otoni, Aimorés, Caratinga, Governador Valadares, Guanhães, Ipatinga, Mantena, Peçanha, Cataguases, Juiz de Fora, Manhuaçu, Muriaé, Ponte Nova, Ubá, Viçosa.

Mapa 1 - Divisão regional de 1990: Mesorregiões de Minas Gerais.



Fonte: Gomes (2019, p. 53)

Porém, torna-se necessário destacar a mudança da Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias (2017) resultando em um novo quadro regional, como é explicado no site do IBGE²⁰:

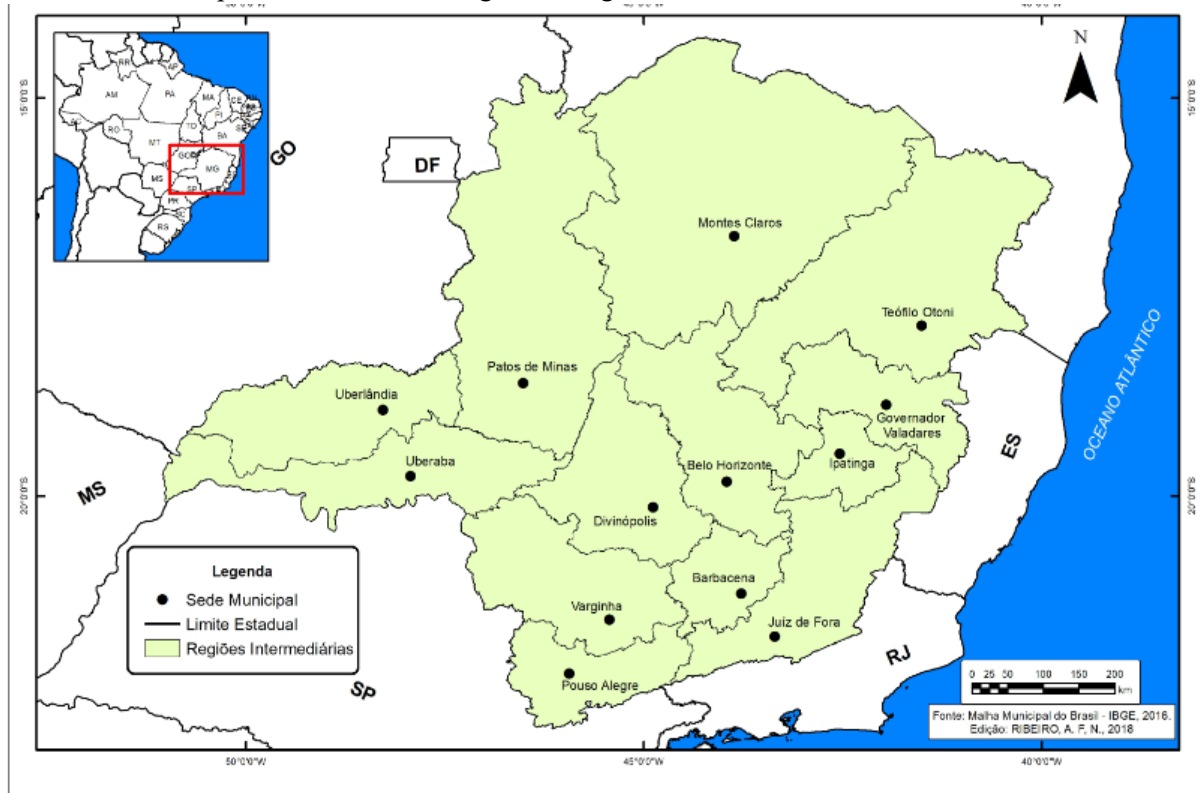
A revisão das unidades mesorregionais e microrregionais, que nesse estudo recebem respectivamente os nomes de Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas, seguiu uma metodologia comum para todo o território nacional e integrou análises e expectativas de órgãos de planejamento estaduais por meio de uma parceria mediada pela *Associação Nacional das Instituições de Planejamento, Pesquisa e Estatística (ANIPES)*. A Divisão Regional do Brasil em Regiões Geográficas 2017 pretende subsidiar o planejamento e gestão de políticas públicas em níveis federal e estadual e disponibilizar recortes para divulgação dos dados estatísticos e geocientíficos do IBGE para os próximos dez anos. (IBGE, 2017)

Sendo assim, atualmente há 13 regiões geográficas intermediárias e 70 regiões geográficas imediatas em Minas Gerais:

²⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio>> Acesso em: set. 2021.

- ✓ **Regiões Geográficas Intermediárias:** Belo Horizonte, Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Ipatinga, Juiz de Fora, Barbacena, Varginha, Pouso Alegre, Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas, Divinópolis.
- ✓ **Regiões Geográficas Imediatas:** Belo Horizonte, Sete Lagoas, Santa Bárbara – Ouro Preto, Curvelo, Itabira, Montes Claros, Janaúba, Salinas, Januária, Pirapora, São Francisco, Espinosa, Teófilo Otoni, Capelinha, Almenara, Diamantina, Araçuaí, Pedra Azul, Águas Formosas, Governador Valadares, Guanhães, Mantena, Aimorés – Resplendor, Ipatinga, Caratinga, João Monlevade, Juiz de Fora, Manhuaçu, Ubá, Ponte Nova, Muriaé, Cataguases, Viçosa, Carangola, São João Nepomuceno – Bicas, Além Paraíba, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, São João del Rei, Varginha, Passos, Alfenas, Lavras, Guaxupé, Três Corações, Três Pontas – Boa Esperança, São Sebastião do Paraíso, Campo Belo, Piumhi, Pouso Alegre, Poços de Caldas, Itajubá, São Lourenço, Caxambu – Baependi, Uberaba, Araxá, Frutal, Iturama, Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo, Patos de Minas, Unaí, Patrocínio, Divinópolis, Formiga, Dolores do Indaiaí, Pará de Minas, Oliveira, Abaeté.

Mapa 2 - Atual divisão regional: Regiões Intermediárias de Minas Gerais



Fonte: Gomes (2019, p. 56)

Apesar dessa mudança, é pertinente explicitar que o banco de dados do Projeto ATEMIG foi organizado de acordo com a antiga divisão regional e, por isso, neste trabalho, utilizaremos as 12 mesorregiões mineiras que, inclusive, correspondem à divisão geográfica mineira, ainda hoje, mais conhecida e utilizada.

Destarte, o Projeto ATEMIG apresenta grande contribuição para o léxico toponímico mineiro e permite a realização de vários trabalhos, uma vez que o banco de dados do Projeto serve como fonte de informações para realizar as pesquisas. Entre os vários trabalhos realizados na Faculdade de Letras da UFMG, que utilizaram o banco de dados do Projeto para constituir o *corpus* toponímico, citamos, a seguir, algumas teses de Doutorado que objetivaram o estudo descritivo de taxonomias isoladas: “Hagiotoponímia em Minas Gerais” (Carvalho, 2014)²¹ que objetivou o estudo toponímico relativo aos nomes de santos e de santas, assim como invocações

²¹ CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Hagiotoponímia em Minas Gerais. 2014. 822 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: < <http://150.164.100.248/poslin/defesas/1480D.pdf> >. Acesso em: mai. 2021.

à Virgem Maria; a “Zootoponímia mineira” (FREITAS, 2018)²², que apresentou o estudo descritivo dos nomes próprios de lugar de índole animal; a “Litotoponímia mineira” (Cordeiro, 2018)²³, que objetivou estudar os topônimos de origem mineral em Minas Gerais; e a “Sociotoponímia em Minas Gerais” (COTTA, 2021)²⁴, que apresentou o estudo descritivo sobre os nomes de lugares ligados às atividades profissionais, locais e postos de trabalho e locais públicos onde as pessoas se reúnem. Há, ainda, a tese de Doutorado intitulada “A presença indígena na toponímia mineira” (PIMENTEL, 2022)²⁵ que estudou o léxico toponímico indígena em Minas Gerais, contribuindo significativamente para os estudos lexicais por meio da Toponímia mineira.

A proposta deste trabalho, portanto, integra a área dos estudos toponímicos, somando-se aos trabalhos realizados, assim como os que estão atualmente em desenvolvimento. Logo, correspondendo às taxonomias propostas por Dick (1990a,b), objetivamos realizar o estudo descritivo dos ergotopônimos que nomeiam atualmente os acidentes físicos e humanos em Minas Gerais. Consoante aos outros trabalhos realizados, utilizamos o banco de dados do Projeto ATEMIG como fonte de informações para constituir o *corpus* toponímico e realizar a pesquisa, uma vez que nele estão registrados os topônimos atuais de todo território mineiro. O banco de dados do Projeto citado revela-se, pois, produtivo, tanto quantitativa quanto qualitativamente, como fonte de informações dos objetos de estudo desejados.

²² FREITAS, Cassiane Josefina de. *A zootoponímia em Minas Gerais*. 2018. 504 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1761D.pdf>> Acesso em: mai. 2021.

²³ CORDEIRO, Maryelle Joelma. *Litotoponímia mineira*. 2018. 535 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1556D.pdf>> Acesso em: mai. 2021.

²⁴ COTTA, Emanoela Cristina Lima. 2021. 480 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/40831>>. Acesso em: ago. 2022.

²⁵ PIMENTEL, Patrícia de Cássia Gomes. 2022. 619 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1843/46507>> Acesso em: out. 2022.

1.5 Hipótese: a ergotoponímia mineira e seus campos lexicais

Tratando-se de topônimos que estão associados à cultura material, consideramos que ao descrever e analisar essa taxa, poderíamos alcançar as características da cultura material que predominam em Minas Gerais. Por meio do respaldo teórico que discorreremos, levantamos alguns questionamentos que condicionaram o interesse e objetivos para realizar este trabalho, apresentados anteriormente neste texto. Acreditamos, portanto, na hipótese de estruturar os ergotopônimos em campos lexicais, considerando a diversidade de conteúdo semântico apresentada por essa taxonomia, para interpretá-los de modo coerente, facilitando a análise dos nossos objetos de estudo. Confiamos, pois, na Teoria dos Campos Lexicais, proposta por Eugenio Coseriu (1977), para alcançar os objetivos propostos.

Dessa forma, perguntas como “quais elementos da cultura material serviram como principais motivadores no ato denominativo de lugares em Minas Gerais? O que esses nomes revelam sobre a cultura mineira?”, conduziram e instigaram a proposta deste trabalho. Responder aos questionamentos torna-se muito mais difícil do que levantá-los, mas a busca por respostas e esclarecimentos permite a construção de um caminho de pesquisa bastante eficaz. Lançamos perguntas aos nossos objetos de estudo para encontrar respostas que possam contribuir para a realização de outros trabalhos, já que o caminho da pesquisa é infundável. Desse modo, apresentamos a teoria dos Campos Lexicais, no tópico seguinte.

Capítulo 2

A Teoria dos Campos Lexicais



Cabaça, século XX (Museu de Artes e Ofícios – Belo Horizonte/Minas Gerais)

2 TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS

2.1 Redes lexicais: associações entre palavras

Renovando-se de modo contínuo, o léxico é um conjunto aberto e dinâmico, consoante ao que já foi explicitado neste trabalho. Nesse conjunto, as lexias estão conectadas segundo relações diversas, como explica Polguère (2018, p. 116): “Cada lexia adquire o seu **valor** na língua graças às múltiplas relações de oposição, de similaridade, de compatibilidade, de incompatibilidade etc. que a unem às demais lexias.” Desse modo, o estudioso afirma ser o léxico uma vasta “**rede lexical**”: “um sistema extremamente rico e complexo de unidades lexicais conectadas umas com as outras” (POLGUÈRE, 2018, p. 117).

Dentro dessa perspectiva, torna-se pertinente apontar os dois tipos principais de relações entre lexias, identificadas por Saussure no *Curso de linguística geral* (citado por Polguère):

As *relações paradigmáticas* interligam as lexias **no interior do léxico** através de relações semânticas, eventualmente acompanhadas de relações morfológicas. Por exemplo, a lexia BARBA está relacionada paradigmaticamente às lexias BARBICHA, BARBA DE BODE, PELO, BARBUDO, BARBAÇUDO, CAVANHAQUE, SUÍÇA, COSTELETA, BARBALHADA, BABALHOSTE, IMBERBE, GLABRO, BARBEIRO, BARBEARIA, BARBEADOR, BARBEIRAGEM, etc.

As *relações sintagmáticas* interligam as lexias **no interior da frase** de acordo com afinidades combinatórias. Por exemplo a lexia BARBA é a base das seguintes colocações: *barba grande, longa, espessa, grossa, curta, rasa;...; cortar, aparar, raspar, desbastar, fazer... a barba; exibir, deixar crescer a barba* etc. (POLGUÈRE, 2018, p. 117)

Segundo Matoré (1953 [1973] p. 21) as palavras não estão isoladas na consciência, estabelecem relações por meio de semelhanças pela forma, som ou sentido. Apesar do léxico constituir um sistema aberto, o que impede a estruturação completa do léxico de uma língua, é possível estruturá-lo em sistemas parciais, “que poderão ser organizados posteriormente em outros sistemas mais complexos” (ABBADÉ, 2015, p.74).

Quando agrupamos lexias que se relacionam, portanto, ainda que seja por meio de sistemas parciais, torna-se mais fácil compreendê-las, por pertencerem ao mesmo campo semântico:

As lexias de um determinado campo semântico se agrupam naturalmente na mente do Locutor, porque seus sentidos remetem todos a um mesmo domínio, e formam uma mesma “família semântica”. Geralmente, todas as lexias que têm um mesmo gênero próximo – desde que esse gênero próximo não seja um sentido demasiado geral e vago – tendem a agrupar-se em um mesmo campo semântico. Por exemplo:

As lexias AMOR, ESPERANÇA, ASSOMBRO, LAMENTO... têm todas por gênero próximo ‘sentimento’ → Elas pertencem ao campo semântico dos sentimentos.

As lexias MARTELO, FURADEIRA, SERRA, CHAVE DE FENDA... têm todas por gênero próximo ‘ferramenta’ → Elas pertencem ao campo semântico das ferramentas. (POLGUÈRE, 2018, p. 198).

Diante desse cenário é importante ressaltar que, às vezes, o componente semântico, que identifica um campo semântico para uma determinada lexia, pode ocupar uma posição periférica na definição dessa lexia (POLGUÈRE, 2018, p. 198). Como exemplo, o autor menciona a lexia “caneta”, pertencente ao campo semântico da escrita, assim como as lexias “tinta”, “lápiz”, “carta”... Dessa forma, nem sempre lexias que pertencem ao mesmo campo semântico são necessariamente utilizadas no mesmo discurso. Ademais, a mesma lexia pode pertencer a campos semânticos distintos: “assim, a lexia GARAGISTA pertence ao mesmo tempo ao campo semântico das profissões e ao campo semântico do automóvel”. (POLGUÈRE, 2018, p. 198)

De acordo com Aitchison (2003) o léxico é organizado por meio de redes mentais. Tais redes são criadas por nós que conectam as palavras, dentro de um campo semântico. Alguns nós são mais frouxos e outros mais fortes, levando-se em consideração que os campos semânticos não são rígidos, como apresenta a autora. Destacamos, pois, que as palavras não estão organizadas na mente de modo aleatório. Antes mesmo de Aitchison, Biderman já havia discorrido sobre o assunto (1981), revelando o modo organizado de introdução de novas palavras na mente de um falante e como tais palavras são acessadas. É necessário levar em consideração, sendo o léxico um conjunto aberto, que mesmo o falante adulto continuará aprendendo novos elementos léxicos “pois o tesouro vocabular da língua se expande continuamente” (BIDERMAN, 1981, p. 138). Por outro, lado, acrescenta a autora:

o acervo léxico arquivado na memória de um indivíduo, há de ser sensivelmente semelhante àquele existente na memória de outro falante da mesma língua. Essa semelhança é garantida pelo fato de a criança, o adolescente e o indivíduo adulto aprenderem novas palavras e novas denotações e conotações de uma palavra conhecida, através da interação social com outros indivíduos, ou com o produto de outras mentes, representantes da mesma comunidade linguística. Ora, é imprescindível que essas novas incorporações se façam de maneira organizada e não sejam uma mera estocagem de engramas que se vão empilhando nos neurônios do cérebro. (BIDERMAN, 1981, p. 138)

O acervo lexical, portanto, é arquivado na memória léxica do falante para que ele possa utilizá-lo quando houver necessidade. Tratando-se, pois, do elevado número de elementos do léxico, assim como da complexidade combinatória resultante desse número,

é necessário supor que o cérebro organiza uma estrutura dos dados léxicos de grande funcionalidade, para que ele possa recuperar em frações mínimas de segundo (100 a 700 milissegundos) não só o significado de uma palavra, mas todas as suas características gramaticais e os usos que lhe são adequados, conforme o contexto do discurso, a situação momentânea e o registro linguístico requerido pela situação, pelo interlocutor e pelo assunto. (BIDERMAN, 1981, p. 139).

De acordo com a autora, o fenômeno de associações mentais entre as palavras resulta no encadeamento do léxico em redes semânticas, em que “os padrões neuronais da memória léxica devem ter estabelecido redes de ligações entre os lexemas de modo funcional” (BIDERMAN, 1981, p. 139). Nesse processo há dois fatores básicos considerados pela estudiosa:

1. a maior ou menor frequência das palavras no uso linguístico;
2. o encadeamento de sentido e ou de forma segundo um modelo paradigmático.

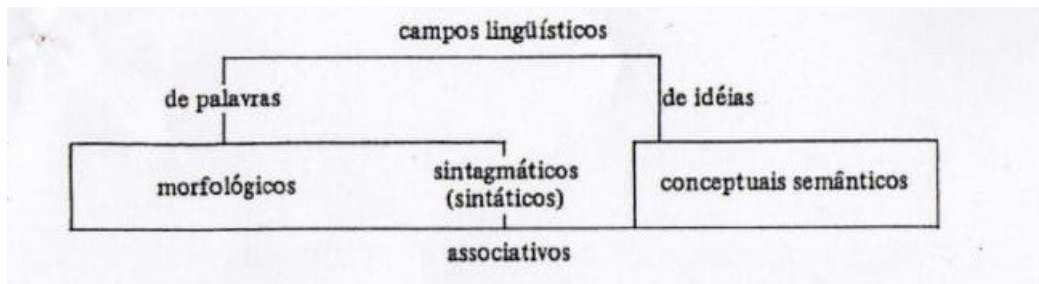
Segundo as considerações explanadas, as redes semânticas são formadas por associações mentais: “Uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos.” (BIDERMAN, 1981, p. 139).

Estudar lexias por meio de campos semânticos revela-se adequado nos estudos lexicais, tendo em vista que tal procedimento facilita a compreensão dos objetos de estudo: “um estudo da semântica lexical organizado por campos semânticos conduzirá necessariamente a resultados bem melhores do que um estudo que escolhesse uma a uma as lexias de maneira arbitrária (por ordem alfabética, por exemplo)”. (POLGUÈRE, 2018, p. 198).

Com base nas considerações explanadas, compreendemos, portanto, campo semântico como um agrupamento de lexias que compartilham o mesmo traço semântico que identifica tal campo. Desse modo: “O *campo semântico* de S – campo semântico da culinária, do esporte, dos sentimentos... – é um agrupamento de lexias cujas definições têm em comum o sentido de ‘S’ – ‘culinária’, ‘esporte’, ‘sentimento’...” (POLGUÈRE, 2018, p. 197).

As coordenadas que correlacionam palavras e ideias pautam-se nas direções sugeridas por Baldinger: a Onomasiologia e a Semasiologia. Segundo Biderman: “A Onomasiologia estuda as designações (as palavras) ao passo que a Semasiologia estuda as significações. São, pois, direções opostas e complementares”. Tal relação é ilustrada, a seguir:

Figura 4 - Onomasiologia e Semasiologia: direções opostas e complementares



Fonte: Biderman (1981, p. 132)

Desse modo, torna-se perceptível que os estudos lexicais resultaram no surgimento de denominações diversas, como campos semânticos, campos léxicos, campos conceituais, campos nocionais, conforme salienta Biderman (1981, p. 131). Esse assunto é apresentado de modo mais detalhado por Wolff em sua Tese de Doutorado intitulada “Léxico do discurso religioso”, defendida em 2016 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. De acordo com a estudiosa, o estudo de campos lexicais não é tarefa simples, devido ao amplo uso desse conceito na literatura especializada:

campo linguístico, campo léxico, campo lexical, campo semântico, campo conceitual, campo morfossemântico, campo estilístico, campo nocional, campo lexicológico, campo onomatopeico, campo onomatológico, campo etimológico, campo derivativo, campo sintático, campo sintagmático, campo associativo, campo contextual etc. –, o que, por vezes, torna difícil distinguir cada uso. Algumas definições se sobrepõem; outras apresentam diferenças sutis. (WOLFF, 2016, p. 85)

Neste trabalho utilizaremos o conceito de campo lexical por ser a forma utilizada por Coseriu (1977). Portanto, a Teoria dos campos lexicais é apresentada, a seguir.

2.2 A Teoria dos Campos lexicais

Dentre outros estudiosos, Jost Trier seguiu os pressupostos de Humboldt que acreditava que a articulação era a característica básica de toda língua. Integrando os estudos dos “campos linguísticos”, os trabalhos de Trier evidenciaram que as palavras constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência da outra:

Assim, as palavras se unem como numa cadeia onde a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos e, assim, por diante. Nesse sentido, as palavras formam um *campo linguístico* através de um *campo conceitual* e exprimem uma visão do mundo de acordo com a reconstituição que elas possibilitam. (ABBADE, 2009, p. 38).

Trier utiliza o termo “macrocampo”, conforme informa Geckeler (1976)²⁶, como também é utilizado por Coseriu e que, inclusive, será utilizado neste trabalho. O macrocampo é, pois, um campo superior que integra campos inferiores, os microcampos, formados por lexias organizadas. Trata-se, portanto, de um sistema articulado.

A ideia da língua como sistema, defendida por Saussure, é herdada por Trier, que aplica as noções Saussurianas por meio de sistemas de um léxico articulado:

J. Trier, apoiado totalmente no princípio da articulação, (para ele, na língua, tudo é articulação), compreende *campos* como realidades linguísticas vivas, situadas entre as palavras e o conjunto do vocabulário que, enquanto totalidades parciais, têm como característica comum com a palavra o articular-se [*al. ergliedern*] e, com o vocabulário, o organizar-se [*al. ausgliedern*]. O grau hierárquico é indiferente. (ABBADE, 2009, p. 89).

Explicita Abbade (2009, p. 40), de acordo com Geckeler (1976): “os campos linguísticos abarcam tanto os *campos léxicos* quanto os *campos sintáticos*”. Nesse contexto, é necessário esclarecer o que é o campo lexical, inclusive, para justificar o seu uso neste trabalho:

o *campo léxico* representa uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: o *campo léxico*. Nesse sentido, as palavras que ocupam determinado campo estão individualmente determinando seus significados pelo número e pela situação. As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. As palavras só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Dessa forma, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. O valor de uma palavra, nessa ótica, é medida, não individualmente, mas como parte de um todo. Ela não tem sentido se lhe faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um *campo conceitual*. (ABBADE, 2009, p. 39).

Evidencia-se, segundo a autora, que apesar da Teoria dos campos linguísticos ter sido proposta por Trier, Weisgerber deu continuidade aos estudos e, desse modo, surgiram diversos trabalhos que utilizaram a noção de campo linguístico. Embora a teoria dos campos linguísticos, apresentada por Jost Trier (1931) permitir ter o entendimento das palavras em um conjunto estruturado, segundo uma relação de dependência entre as palavras, como já apresentado, a teoria recebeu algumas críticas: não apresentava um método e deixava lacunas, como por não considerar aspectos externos da linguagem, “que têm grande influência na formação do sentido

²⁶ Citado por Abbade (2009, p. 39).

de uma palavra e, conseqüentemente, na formação do campo lexical” (WOLFF, 2016, p. 96). Dessa forma, por meio da obra intitulada “Princípios de Semântica Estrutural” (1977), Eugenio Coseriu apresenta um método de estudo diacrônico estrutural das palavras, que utilizaremos neste trabalho. Segundo Coseriu, trata-se de um conjunto de lexemas unidos por uma relação lexical em comum, sendo que esses lexemas “se subdividem em traços mais específicos, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo lexical (traços distintivos lexemáticos ou semas)”.²⁷

Ao invés dos termos saussurianos *significante* / *significado*, Coseriu preferiu utilizar os termos de L. Hjelmslev, *expressão* / *conteúdo*:

Em vez dos termos saussureanos – especialmente quando não se trata de unidades linguísticas como tal, mas dos planos da linguagem, plano do *significante* e plano de *significado* – preferimos, no entanto, os termos de Hjelmslev, *expressão* e *conteúdo*, (...) os “significados”, que são linguísticos, e as “coisas” designadas, que não o são. (COSERIU, 1981, p. 11)²⁸.

Coseriu revela a possibilidade de realizar um estudo diacrônico estrutural das significações das palavras “desde que se entenda a forma ou substância semântica como substância linguisticamente formada”. Para isso, é necessário compreender a língua funcional enquanto sistema, como explica o estudioso:

uma língua mais ou menos unitária dentro de uma língua histórica, tomada em seu conjunto que, normalmente, abarca toda uma série de línguas funcionais, as vezes bastante diferente. (COSERIU, 1981 [1977], p. 12)²⁹

Para compreender, portanto, a Teoria dos Campos Lexicais, proposta por Coseriu, é necessário aludir ao ramo dos estudos lexicais denominado Lexemática, ou Semântica Estrutural, responsável pelo estudo do significado léxico, conforme explicitado por Abbade:

Na língua, apenas as relações de significação são estruturáveis e um estudo de uma semântica estrutural do significado léxico, conhecida como Lexemática, vai nos remeter a uma proposta teórica de estruturação das lexias em campos lexicais: a teoria dos campos lexicais, que, segundo a direção estrutural proposta por Coseriu (1977, 1987), propõe que um campo se estabeleça através de oposições simples entre as palavras e termine quando uma nova oposição exija que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos onde não só as palavras se opõem entre si, mas uma

²⁷ “en valores más determinados, oponiéndose entre si por diferencias mínimas de contenido léxico (‘rasgos distintivos lexemáticos’ o semas)”. (COSERIU, 1981 [1977], p. 135)

²⁸ En lugar de los términos saussureanos – sobre todo cuando no se trata de unidades linguísticas como tales, sino de los planos del lenguaje, plano del *significante* y plano del *significado* – preferimos, sin embargo, los términos de Hjelmslev, *expresión* y *contenido*, (...) los “significados”, que son linguísticos, y las “cosas” designadas, que no lo son. (COSERIU, 1981, p. 11).

²⁹ [...] una lengua más o menos unitaria dentro de una lengua histórica, y no en lo que se refiere a una lengua histórica (francés, inglés, alemán, etc.) tomada em su conjunto, que, normalmente, abarca toda una serie de ‘lenguas funcionales’, a veces bastante diferentes. (COSERIU, 1981 [1977], p. 12)

oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos. Esses campos estruturados podem ser mais ou menos complexos e disso vai depender a organização dos mesmos. (ABBADE, 2015, p. 74)

Dentre os cinco tipos de classificação de significação apresentados por Coseriu - lexical, categorial, instrumental, sintática ou estrutural e ôntica, iremos utilizar o primeiro (a significação lexical) neste trabalho, já que se relaciona ao sentido da palavra, logo, objeto de estudo da Lexemática.

Para Coseriu (1981[1977]), o léxico é o domínio menos estruturado de uma língua. Considerando o fato de ser um conjunto aberto que se renova constantemente, estruturar o léxico de modo completo, de fato, é algo impossível, porém, isso não impede a possibilidade de estruturá-lo em grupos menores que constituem grupos maiores e mais complexos. Dessa forma, por meio de campos lexicais, Coseriu propõe uma estruturação de conteúdos, quer dizer, determinado por oposições semânticas. Ainda que as estruturas possam parecer imprecisas, o autor destaca a importância de estruturar o léxico considerando o funcionamento real da língua como ela é.

Os critérios semânticos são importantes na estruturação dos campos lexicais principalmente, porque partimos do ponto de vista semântico para estabelecer os campos e suas subdivisões, levando-se em consideração, também, os fatores da realidade extralinguística. Nesse contexto, torna-se pertinente distinguir significado e designação, tendo em vista que o significado está relacionado ao conteúdo linguístico e a designação ao referente extralinguístico: “assim, poder-se-ia definir, ainda, *significado* como forma linguística interior, sendo a *designação* o conteúdo pensado dessa forma linguística”.³⁰ Desse modo, partindo-se do significado para a designação, o léxico é estruturado, ainda que parcialmente, considerando as unidades funcionais da língua que atuam dentro de uma língua histórica.

A Teoria dos Campos Lexicais revela-se adequada e coerente aos objetivos deste trabalho por se tratar de um recorte lexical, constituído por uma *taxe* em particular, os ergotopônimos, ou seja, um sistema lexical parcial em que os objetos de estudo correspondem aos elementos da cultura material. Desse modo, conforme mencionado no capítulo anterior, para dar conta da utilização das duas teorias neste trabalho (a Toponímia e a Teoria dos Campos Lexicais), é necessário esclarecer que a estruturação dos topônimos em Campos lexicais será realizada considerando os ergotopônimos enquanto *lexias*, ou seja, elementos da cultura material que motivaram a nomeação de lugares. Dessarte, como a *taxe* dos ergotopônimos

³⁰ Coseriu (1977e, p. 185 – 189) apud Abbade (2009, p. 48).

apresenta topônimos de diferentes conteúdos semânticos acreditamos na possibilidade de estruturá-la em campos lexicais, utilizando as oposições semânticas para definir e organizar os campos, de acordo com a teoria aqui apresentada. Apostamos que ao utilizar esse modelo estrutural teremos um conjunto mais coerente e que irá permitir resultados mais compatíveis com a realidade.

Muitas pesquisas utilizam esse viés de estudo estrutural do léxico. Um exemplo da produtividade de pesquisas que seguem essa abordagem pode ser evidenciado por meio do percurso que a Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade seguiu e que serve como respaldo teórico para a realização deste trabalho: a dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal da Bahia, intitulada “Três campos lexicais do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria” (ABBADE, 1998); a tese de doutorado, defendida, também, na Universidade Federal da Bahia, intitulada “Os campos lexicais do Livro de Cozinha da Infanta D. Maria” (ABBADE, 2003), o livro baseado na tese de doutorado, intitulado “Um estudo Lexical do Primeiro Manuscrito da Culinária Portuguesa Medieval – O Livro de Cozinha da Infanta D. Maria” (ABBADE, 2009). Fundamentado, pois, na teoria dos campos lexicais (Coseriu), seiscentas e quarenta e sete lexias foram coletadas no “Livro de Cozinha da Infanta D. Maria” e estruturadas em macrocampos que se dividiram em microcampos específicos. O quadro, a seguir, ilustra essa estrutura:

Quadro 2 - Macrocampos lexicais do *Livro de cozinha*

CAMPO LEXICAL	EXEMPLOS	Total de lexias
MANJARES	<i>biscoutos, bolo, caramelo, morcela, pilouro, manjar...</i>	87
PROCESSOS E MÉTODOS	<i>coar, clarificar, assar, alimpar, ajuntar, afogar, abafar...</i>	210
UTENSÍLIOS	<i>tacho, prato, alfinete, sertã, algujdar, tauoleyro, fogareiro, tauoa...</i>	72
INGREDIENTES	<i>acuquar, arroz, farinha, galinha, laranja, leite, noz, porco, trigo...</i>	137
UNIDADES DE PESO E MEDIDA	<i>arratel, duzia, omça, arroba, canada, palmo...</i>	68
QUALIFICADORES	<i>atochado, brando, bom, rroy, igual, cru, dereyto, feroso, folgado...</i>	73
		647

Fonte: Abbade (2009, p. 61)

De acordo com a estudiosa (2009, p. 62), sob o ponto de vista lexemático, “buscou-se os significados lexicais no sistema linguístico, podendo esses significados serem unitários ou

plurais”. Segundo as considerações apontadas por Abbade (2009, p. 199), por meio do trabalho realizado, afirma-se que a estruturação do léxico oferece “uma visão de conjunto com muito mais coerência do que a simples organização alfabética das lexias”.

Há, ainda, outros trabalhos realizados pela estudiosa e que estão em desenvolvimento, tal como a organização do léxico espírita em campos lexicais utilizando a obra de Allan Kardec: “Esse tipo de organização nos dá uma ideia muito clara das lexias que compõem uma obra, pois está pautada na organização do léxico a partir de redes associativas” (ABBADE, 2018, p. 131)³¹. Ademais, há produtividade de trabalhos que abarcam a Teoria dos campos lexicais, proposta do Eugenio Coseriu, orientados por Abbade na Universidade do Estado da Bahia, como a dissertação intitulada “Os campos lexicais do sertão baiano na obra ‘Fidalgos e vaqueiros’ de Eurico Alves Boaventura” (JESUS, 2016)³². Outros trabalhos que seguem o viés estruturalista de Coseriu são, também, desenvolvidos em outras universidades brasileiras, como a tese de Doutorado intitulada “Conexões léxico-culturais sobre as Minas goianas setecentistas no livro *Para servir no registro do caminho novo de Parati*” (XAVIER, 2012)³³, na Universidade de São Paulo.

Considerando, pois, os pressupostos teóricos apresentados, acreditamos na tese de que a organização dos nossos objetos de estudo em campos lexicais resultará em uma estrutura articulada, constituindo relações hierárquicas, possibilitando identificar, de modo coerente, características da cultura material mineira por meio do léxico toponímico analisado. Logo, esperamos oferecer valiosa contribuição para os estudos do léxico toponímico de Minas Gerais utilizando a abordagem da teoria dos campos lexicais.

³¹ ABBADE, C.M.S.. O campo lexical dos fenômenos Espíritas na obra de Allan Kardec. In: Aparecida Negri Isquerdo, Giselle Olivia Mantovani Dal Corno. (Org.). AS CIÊNCIAS DO LÉXICO: LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA. 1ed.Campo Grande: Ed. UFMS, 2018, v. 8, p. 129-146.

³² JESUS, Charlene Cristine Conceição de. Os campos lexicais do sertão baiano na obra "Fidalgos e vaqueiros" de Eurico Alves Boaventura. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2016.

³³ XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Conexões léxico-culturais sobre as Minas goianas setecentistas no livro *Para servir no registro do caminho novo de Parati*. Tese (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) – Universidade de São Paulo, 2012.

Capítulo 3

Procedimentos metodológicos



Moenda de cana manual, século XX (Museu de Artes e Ofícios – Belo Horizonte/MG)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de adentrarmos à metodologia utilizada neste trabalho, torna-se pertinente explicitar a estrutura do topônimo, apresentada por Dick (1990), para facilitar o entendimento do nosso *corpus* toponímico considerando que os topônimos são os nossos objetos de estudo. Dessa forma, o sintagma toponímico é formado pelo termo genérico (relacionado ao acidente geográfico denominado) e o termo específico (o topônimo), associando-se de maneira justaposta ou aglutinada, conforme a natureza da língua. Dick (1990b, p.13-14), evidencia a seguinte classificação:

- Topônimo ou elemento específico simples: constituído por um só formante, podendo, também, apresentar sufixos. Ex.: *Alminhas* (cach. das RS).
- Topônimo composto ou elemento específico composto: quando apresenta mais de um elemento formador. Salienta Dick (1990b, p.13-14) a possibilidade de gerar, às vezes, formações inusitadas como *Fôlego do Sergio* (AH BA).
- Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido: constituído por termos de diferentes origens linguísticas. Ex.: *Lajinha do Mutum* (AH MG), uma vez que seja constituído por *Lajinha* (origem portuguesa) e *Mutum* (origem indígena Tupi)³⁴.

Dessarte, pertencem ao *corpus* deste trabalho, topônimos simples como *Arado* (nomeia fazenda no município Andrelândia – MG); composto como *Porteira do Alto* (nomeia fazenda no município Luminárias – MG) e de natureza híbrida como *Caiçara Velha* (nomeia córrego no município Carbonita – MG).

Como esta pesquisa propõe o estudo dos ergotopônimos, primeiramente, consolidamos os dados da pesquisa constituindo o *corpus* toponímico por meio da coleta dos nossos objetos de estudo do banco de dados do Projeto ATEMIG. Os topônimos foram organizados em planilhas, por meio do *Excel*, para sistematizar as informações que facilitam a análise quantitativa, tais como localização geográfica, acidente (físico ou humano) e origem linguística.

Considerando a coleta dos ergotopônimos, do banco de dados do Projeto ATEMIG, é importante destacar, primeiramente, a impossibilidade de verificar, neste trabalho, por meio de pesquisa de campo, o real fator motivacional responsável pelos topônimos que apresentam mais de uma possibilidade interpretativa e, por isso, alguns topônimos integram mais de uma taxa.

³⁴ De acordo com Navarro (2013, p.320) *mutum*, de origem indígena (Tupi) é o nome genérico de aves galiformes da família dos cracídeos.

Porém, tratando-se dos campos lexicais, não é possível considerar diferentes interpretações e, por essa razão, neste trabalho, foram considerados apenas os significados associados à cultura material. O topônimo *Machado*, por exemplo, na ausência de um trabalho de campo que comprove ser um antropotopônimo³⁵, consideramos apenas o seu significado enquanto ergotopônimo, sendo um instrumento de corte que corresponde à cultura material. Dessa forma, não negamos a possibilidade de diferentes interpretações de acordo com a natureza de cada topônimo, mas destacamos aqui a importância de considerar apenas as interpretações associadas à cultura material ou não seria possível realizar este trabalho, tendo em vista o objetivo de organização do *corpus* em campos lexicais.

Por outro lado, torna-se pertinente explicitar, também, que teríamos um *corpus* ainda maior se, ao coletar os topônimos do banco de dados do Projeto ATEMIG, considerássemos todos os topônimos que integram outras taxes, mas que compartilham traços da cultura material, como são, por exemplo, os ecotopônimos³⁶ e alguns hierotopônimos³⁷. Certamente, tratando-se dos objetivos desta pesquisa, que envolvem os campos lexicais, ter um elevado número de dados poderia comprometer a qualidade do trabalho ao impossibilitar a aplicabilidade metodológica. Em vista disso, ao coletar os dados, realizamos cuidadosa análise e, ainda que haja algumas exceções³⁸, consideramos exclusivamente a taxa dos ergotopônimos. Nesse cenário, destacamos a importância dos trabalhos realizados na área da Toponímia ao evidenciarem resultados significativos. Acreditamos, portanto, que um estudo descritivo de outras taxes, tal como dos ecotopônimos, por exemplo, poderia dialogar perfeitamente com este trabalho, ampliando e complementando a nossa análise, uma vez que possa corresponder, também, à cultura material. A produtividade dos trabalhos que utilizaram o banco de dados do Projeto ATEMIG, citados no Capítulo 1 deste trabalho, favorecem esse cenário, assim como os trabalhos que estão atualmente em desenvolvimento. A tendência é, pois, que a pesquisa não se esgote, ampliando-se positivamente a cada novo estudo realizado.

O procedimento metodológico compreende, então, duas etapas metodológicas com abordagens distintas: primeiramente a etapa de organização dos topônimos em fichas lexicográficas, permitindo descrevê-los e analisá-los para, na etapa seguinte, estruturá-los, enquanto lexias, em campos lexicais. Dessa forma, essas etapas serão explicadas de modo detalhado, a seguir.

³⁵ Topônimos relativos aos nomes próprios individuais.

³⁶ Topônimos relativos às habitações de um modo geral.

³⁷ Topônimos relacionados aos nomes sagrados de diferentes crenças.

³⁸ Topônimos como *Engenho*, *Monjolo*, *Moenda* e *Moinho*, por exemplo, integram também a taxa dos sociotopônimos, mas, neste trabalho, são considerados apenas como instrumentos utilizados para moer.

3.1 Metodologia da toponímia: fichas lexicográficas

Para consolidar os dados e facilitar a análise toponímica, fichas lexicográficas são desenvolvidas. Trata-se do procedimento metodológico apresentado por Dick (1990) e adaptado por Seabra (2004), cuja estrutura é explicitada, a seguir:

Quadro 3 - Estrutura da ficha lexicográfica

TOPÔNIMO:	TAXONOMIA:
MESORREGIÃO:	MICRORREGIÃO:
ACIDENTE:	
ORIGEM:	
HISTÓRICO:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
CONTEXTO:	

Fonte: Seabra. (2004, p.48)

Porém, para adequar o procedimento metodológico aos objetivos deste trabalho, adaptamos a ficha por meio da seguinte estrutura:

Quadro 4 - Estrutura da ficha lexicográfica desenvolvida para este trabalho

Entrada lexical	Nº total de ocorrências no Estado:
ORIGEM:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	
HISTÓRICO:	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo:		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	

Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	
Central Mineira	
Jequitinhonha	
Metropolitana de Belo Horizonte	
Noroeste de Minas	
Norte de Minas	
Sul/Sudoeste de Minas	
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	
Vale do Jequitinhonha	
Vale do Mucuri	
Vale do Rio Doce	
Zona da Mata	

Fonte: elaborado pela autora. (2021)

A escolha das fichas como procedimento metodológico para o desenvolvimento da pesquisa se justifica por facilitar a análise dos topônimos, uma vez que permite sistematizar informações linguísticas, geográficas e enciclopédicas, de maneira organizada, como explica Seabra (2004, p.47), “a ficha lexicográfica pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo”.

As fichas lexicográficas são organizadas em ordem alfabética pelo topônimo que corresponde à base lexical. Desse modo, as informações explicitadas no primeiro campo estão relacionadas ao topônimo, entrada lexical, que encabeça a ficha: origem, estrutura morfológica e informações enciclopédicas. O quadro intitulado “contexto: ocorrências toponímicas” permite descrever cada ocorrência toponímica referente à entrada lexical e suas respectivas informações (natureza do acidente geográfico, acidente geográfico e município). O quadro intitulado “quantificação” apresenta os dados quantificados (referentes ao acidente e localização geográfica) considerando todas as ocorrências toponímicas daquela respectiva base lexical.

Apresentamos, a seguir, cada campo que compõe a ficha:

- **Entrada lexical:** topônimo que representa a base lexical correspondente à cultura material (as ocorrências toponímicas referentes à tal base são evidenciadas no quadro “ocorrências toponímicas” da ficha), como exemplo, no caso de “Pá quebrada” e “Pá Rajada”, utilizamos “Pá” na entrada da ficha. Nos casos em que não há variação de ocorrência toponímica utilizamos o próprio topônimo na entrada da ficha, como exemplo, o topônimo “Balas” apresenta apenas uma ocorrência, e, por isso, a entrada

da ficha é, portanto, “Balas”. Em relação aos topônimos “Mata Boi” e “Mata Burro” é necessário esclarecer que os seus significados são compreendidos por meio da formação composta, tendo em vista, principalmente, que a base verbal sozinha não é capaz de indicar o significado enquanto elemento da cultura material, por isso, nesses casos consideramos as suas formações compostas por bases lexicais diferentes e significados distintos. Sendo assim, tais topônimos foram apresentados em fichas lexicográficas distintas. Ademais, quando há necessidade de indicar a forma dicionarizada informamos por meio de parênteses (), como no exemplo do topônimo Muqueca (Moqueca);

- Nº total de ocorrências: considerando a entrada lexical, indicamos o número total de ocorrências, em todo o território mineiro;
- Origem: origem linguística da entrada lexical, de acordo com as informações contidas no campo “informações enciclopédicas”. Para a definição das origens linguísticas utilizamos, principalmente, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (CUNHA, 2010); *Falares africanos na Bahia* (CASTRO, 2005); *O tupi na geographia nacional* (SAMPAIO, 1901) e o *Dicionário do tupi antigo* (Navarro, 2013).

Ainda que os nomes de origem indígena e africana pertençam ao léxico da língua portuguesa e, inclusive, são encontrados em dicionários da língua portuguesa, para averiguar a influência de tais línguas na cultura material mineira, neste trabalho, consideramos as línguas portuguesa, indígena e africana, seguidas da procedência linguística verificada em dicionários etimológicos. Dessarte, utilizamos os símbolos apresentados por Viaro (2011) para indicar: x < y (x provém de y), como nos exemplos:

Cerca: português < latim

Caiçara: indígena < tupi;

Caxambu: africano < banto.

- Estrutura morfológica: de acordo com Seabra (2004, p.51-53), neste campo apresentamos informações do topônimo quanto à classe gramatical, gênero e número.

Neste trabalho utilizamos as seguintes estruturas (os exemplos citados foram retirados do *corpus* deste trabalho):

1) Nomes simples:

a) Nm [Ssing] → Nome masculino [Substantivo singular] (*Engenho*)

b) Nf [Ssing] → Nome feminino [Substantivo singular] (*Máquina*)

c) Nm [Spl] → Nome masculino [Substantivo plural] (*Caibros*)

- d) Nf [Spl] → Nome feminino [Substantivo plural] (*Balas*)
- e) Nm [Ssing + Dim] → Nome masculino [Substantivo singular + sufixo diminutivo] (*Dadinho*)
- f) Nm [Ssing + Aum] → Nome masculino [Substantivo singular + sufixo aumentativo] (*Gavetão*)

2) Nomes compostos:

- a) NCm [Ssing + ADJsing] → Nome composto masculino [Substantivo singular + adjetivo singular] (*Farol Velho*)
- b) Ncf [Ssing + ADJsing] → Nome composto feminino [Substantivo singular + adjetivo singular] (*Carne-seca*)
- c) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular + substantivo singular}] (*Marco da légua*)
- d) Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] → Nome feminino [Substantivo singular + {preposição + substantivo singular}] (*Nau de guerra*)
- e) NCm [Verb + Ssing] → Nome composto masculino [verbo + substantivo singular] (*Mata Burro*)

Nos casos de topônimos de origem indígena e africana utilizamos as informações morfológicas apresentadas pelos dicionários consultados, como no exemplo: o topônimo *Caiçara* consta registrado no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2010, p.112) como “substantivo feminino”. Utilizamos, portanto, a sua estrutura enquanto lexia incorporada ao léxico da língua portuguesa, por meio da forma Nf [Ssing].

- Histórico: este campo está presente apenas em fichas lexicográficas em que se verificou a ocorrência do acidente geográfico município. Assim, objetivamos apresentar a formação administrativa do município utilizando o *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais* (BARBOSA, 1995) como fonte de informações;
- Informações enciclopédicas: este campo refere-se às informações relativas ao topônimo por meio da consulta às obras específicas, como dicionários, e, desse modo, explicamos e esclarecemos informações apresentadas em outros campos da ficha, como a origem e a motivação. É importante destacar que neste campo da ficha são evidenciadas

informações gerais sobre o respectivo topônimo e, inclusive, em alguns casos, possibilitam diferentes interpretações devido ao número possível de acepções e significados encontrados. O objetivo é, pois, expor um material completo de informações, porém, na etapa de constituição dos campos lexicais, será considerado apenas o significado mais adequado, correspondente à realidade mineira. Citamos, a seguir, algumas obras lexicográficas que serviram como fonte para as informações deste campo:

- ✓ *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha (2010);
- ✓ *Dicionário da língua portuguesa*, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva (1789);
- ✓ *Dicionário Aurélio*; Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010);
- ✓ *Dicionário Houaiss Digital*³⁹;
- ✓ *Dicionário Aulete Digital*⁴⁰;
- ✓ *Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro*, Yeda Pessoa de Castro (2005);
- ✓ *O Tupi na geografia nacional*, Teodoro Sampaio (1901);
- ✓ *Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil*, Eduardo de Almeida Navarro (2013);
- ✓ *Dicionário de vocábulos brasileiros*, de Beaurepaire-Rohan (2007);
- ✓ *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*, de Waldemar de Almeida Barbosa (1995);
- ✓ *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardino José de Souza (2004);
- ✓ *Dicionário do Folclore Brasileiro*; Luís da Câmara Cascudo (2000).
- ✓ *Arquivo Ernani Silva Bruno* (1970)⁴¹

Em relação ao Arquivo Ernani Silva Bruno, citado acima, torna-se necessário apontar a riqueza do material desenvolvido pelo estudioso e disponibilizado por meio do Museu da Casa

³⁹ Grande Dicionário Houaiss. Disponível em <uol.com.br>

⁴⁰ Aulete digital: o dicionário da língua portuguesa. Disponível em < <https://aulete.com.br/>>

⁴¹ Museu da Casa Brasileira. Disponível em: < [ARQUIVÍSTICO | Museu da Casa Brasileira \(mcb.org.br\)](https://www.museu.org.br/) > Acesso em ago. 2022.

Brasileira, tratando-se, pois, de um conjunto de documentos formado por aproximadamente 28.900 fichas referenciais sobre a casa brasileira⁴²:

Esta vasta pesquisa foi realizada com base em relatos de cronistas e viajantes que passaram pelo Brasil entre os séculos XV e XIX; ficcionistas (na sua maioria romancistas) do século XIX; e coleções de documentos da época colonial, como os “Inventários e Testamentos” de famílias, “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo” e três dos seis volumes dos “Autos da Devassa da Inconfidência Mineira”. Ao todo foram pesquisadas mais de 100 obras que compreendem um recorte temporal de quase 400 anos (1500 – 1898). (GUERRA, p.16)⁴³

Destarte, no campo “informações enciclopédicas” da ficha lexicográfica, além das informações coletadas nas fontes citadas anteriormente, serão explicitadas, também, as informações coletadas no arquivo *Ernani Silva Bruno*, quando encontradas. Tais informações correspondem às citações de registros, prioritariamente, em Minas Gerais, que ajudam a contextualizar o sentido de uso da respectiva entrada lexical da ficha.

- Topônimo: objeto do nosso estudo;
- Tipo de Acidente: corresponde à natureza do acidente, dividindo-se em físicos ou humanos, como explica Seabra:

Trata-se da natureza semântica da denominação, ou seja, o vínculo entre o nome e o lugar. Divide-se em humanos e físicos. Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito, povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes. (SEABRA, 2004, p. 49)

- Acidente geográfico:

Conforme apresenta Dick (1990b, p.10), os topônimos (*topos* = lugar) se ligam ao acidente geográfico que identificam e singularizam e, assim, assumem uma relação binômica. Logo, os acidentes se referem ao espaço geográfico nomeado pelo homem, como apresentado no campo anterior, por exemplo, o acidente “córrego” (em sua natureza física) e o acidente “fazenda” (em sua natureza humana), batizados por determinado topônimo. Torna-se pertinente explicitar o caráter mutável do acidente geográfico meio do respaldo de Santos, Seabra e Menezes (2017)⁴⁴:

⁴² ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Informações Gerais sobre o Arquivo de Dados Ernani Silva Bruno (Fichário sobre os Costumes e Equipamento da Casa Brasileira). In: **Fichário do Equipamento da Casa Brasileira**. São Paulo. [c. 1996]. (GUERRA, disponível em [ARTIGOS | Museu da Casa Brasileira \(mcb.org.br\)](http://ARTIGOS|Museu da Casa Brasileira (mcb.org.br)))

⁴³ GUERRA, Wilton. *A materialidade da casa brasileira*. Disponível em [Artigo “A MATERIALIDADE DA CASA BRASILEIRA”, por Wilton Guerra | Museu da Casa Brasileira \(mcb.org.br\)](http://Artigo“A MATERIALIDADE DA CASA BRASILEIRA”, por Wilton Guerra | Museu da Casa Brasileira (mcb.org.br))

⁴⁴ SANTOS, M. M. D. dos; SEABRA, M. C. T. C. de; MENEZES, P. M. L. de. A memória toponímica dos vales dos rios Paraopeba e São Francisco, Província de Minas Gerais, no croquis topográfico de James Wells, de 1874. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*, Belo Horizonte, v. 26, dez. 2017. (No prelo).

um acidente do espaço geográfico pode ser relacionado às suas definições, mais e menos difundidas entre os estudiosos, mas clássicas e dicionarizadas, a saber: manifestações contrastantes do terreno em comparação com as áreas circunvizinhas (OLIVEIRA, 1993; HOUAIS, 2004), ou qualidade ou propriedade não permanente de um sujeito (HOUAISS, 2004), no caso, um lugar. Embora as duas acepções sejam de interesse, é a segunda que se considera mais produtiva, tendo em vista os estudos de geografia e de toponímia histórica, pois é consoante, de um lado, a uma característica fundamental do espaço geográfico – sua mutabilidade, inexorável, mesmo que à escala da vida humana, nem sempre essas mudanças possam ser percebidas –; e, de outro, à perspectiva teórico-metodológica diacrônica que se pode imprimir nos estudos em questão. (SANTOS, SEABRA, MENEZES, 2017)

Dessa forma, tratando-se da Toponímia, a compreensão de acidente geográfico como propriedade não permanente de um lugar torna-se adequada, porém, como este trabalho não contemplou o viés diacrônico na coleta dos dados, não verificamos casos de mutabilidade dos acidentes geográficos.

- Município: corresponde à divisão administrativa autônoma do Estado de Minas Gerais, integrando, portanto, os 853 municípios mineiros.

No último quadro da ficha são quantificados:

- ✓ em relação ao acidente geográfico, o número total de acidentes físicos e humanos nomeados pelos topônimos correspondentes à respectiva entrada lexical;
- ✓ em relação à localização geográfica por mesorregião, o número total de topônimos, correspondentes à entrada lexical, em cada mesorregião mineira.

As fichas desenvolvidas são organizadas em ordem alfabética para facilitar a consulta e posterior análise do material. Consideramos, assim, que esse procedimento metodológico facilita a análise dos objetos de estudo, já que resulta em um material com informações consolidadas e dados quantificados que, inclusive, tornam possível responder algumas questões levantadas que conduzem os objetivos deste trabalho, tais como, referentes às regiões mais e menos produtivas em relação à presença dos ergotopônimos, as denominações mais e menos frequentes e a influência das línguas.

A próxima etapa que conclui o procedimento metodológico, deste trabalho, refere-se à aplicação da Teoria dos Campos Lexicais (COSERIU, 1977), apresentada, a seguir.

3.2 Metodologia da lexemática: campos lexicais

Por meio do campo “informações enciclopédicas” presente na ficha lexicográfica, consoante ao que discorremos anteriormente, temos acesso às informações sobre cada entrada lexical que compõe o *corpus* deste trabalho, como o significado do nome, por meio de pesquisas utilizando fontes específicas para consulta. Essas informações tornam-se necessárias para que todos os topônimos sejam analisados considerando os seus significados. Assim, apoiando-nos na Teoria dos Campos Lexicais, utilizando Coseriu (1977) e Abbade (2009, 2012, 2015) como respaldo teórico, nesta etapa identificamos, por meio de cuidadosa análise, os traços distintivos entre os nossos objetos de estudo, objetivando relacionar e estruturar os ergotopônimos, enquanto *lexias*, em campos lexicais, considerando-os, pois, como elementos da cultura material. Essa etapa é conduzida por meio de uma análise qualitativa dos dados, porque são os objetos de estudo que nos revelam quais e quantos macrocampos lexicais são necessários, a sua organização, assim como a sua complexidade. Acreditamos que essa organização facilita a análise do material, tendo em vista o objetivo de alcançar um conjunto estruturado e coerente, como explica Abbade (2015, p. 76): “As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais”. Dessarte, a primeira etapa de apresentação do material evidencia a estrutura de cada macrocampo lexical e seus respectivos microcampos. A segunda etapa de apresentação consiste em evidenciar os significados das *lexias* em forma de vocabulário.

Dessa forma, apresentamos, a seguir, a microestrutura dos verbetes que compõem o vocabulário:

Lexia • estrutura morfológica • origem linguística • significado • número total de ocorrências em todo Estado de Minas Gerais.

A seguir, explicitamos cada campo que compõe o verbete:

- Lexia: corresponde à cada ocorrência toponímica, aqui consideradas enquanto *lexias*⁴⁵, que integram o *corpus* deste trabalho;

⁴⁵ São *lexias* enquanto elementos da cultura material que motivaram a nomeação dos acidentes geográficos em Minas Gerais.

- Estrutura morfológica: corresponde aos mesmos pressupostos apresentados na explicação da ficha lexicográfica, porém, enquanto as fichas são organizadas por bases lexicais, o vocabulário, ao contrário, considera todas as lexias, apresentando, portanto, maior número de estruturas verificadas, como é evidenciado, a seguir:

1) Nomes simples:

- Nm [Ssing] → Nome masculino [Substantivo singular] (*Engenho*)
- Nf [Ssing] → Nome feminino [Substantivo singular] (*Máquina*)
- Nm [Spl] → Nome masculino [Substantivo plural] (*Machados*)
- Nf [Spl] → Nome feminino [Substantivo plural] (*Forquilhas*)
- Nm [Ssing + Dim] → Nome masculino [Substantivo singular + sufixo diminutivo] (*Bauzinho*)
- Nf [Ssing + Dim] → Nome feminino [Substantivo singular + sufixo diminutivo] (*Caixinha*)
- Nm [Spl + Dim] Nome masculino [Substantivo plural + sufixo diminutivo] (*Bauzinhos*)
- Nf [Spl + Dim] Nome feminino [Substantivo plural + sufixo diminutivo] (*Porteirinhas*)
- Nm [Spl + Aum] Nome masculino [Substantivo singular + sufixo aumentativo] (*Portões*)

a) Nomes compostos:

2.1. Masculinos

- NCm [Ssing + ADJsing] → Nome composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular] (*Tambor Preto*)
- NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + Substantivo singular}] (*Brinco de Ouro*)
- NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular + substantivo singular}] (*Engenho da Serra*)

- d) NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] → Nome composto masculino [Substantivo masculino + {preposição + Antropônimo}] (*Moinho de Pedrinho Ribeiro*)⁴⁶
- e) NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + substantivo singular + adjetivo singular}] (*Baú de Água Santa*)
- f) NCm [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + Dim}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular} + {substantivo singular + sufixo diminutivo}] (*Baú do Barreirinho*)
- g) NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Asing + Ssing}] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + sufixo diminutivo} + {preposição + artigo singular + substantivo singular}] (*Machadinho do Campo*)
- h) NCm [{Ssing + Dim} + ADJsing] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + sufixo diminutivo} + adjetivo singular] (*Machadinho Grande*)
- i) NCm [Ssing + {Prep + ADV}] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + {preposição + advérbio}}] (*Engenho de Cima*)
- j) NCm [Ssing + {Prep + Spl}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + substantivo plural}] (*Machado de Perdões*)
- k) NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Apl + Antrop}] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + sufixo diminutivo} + {preposição + artigo plural + antropônimo}] (*Monjolinho dos Lopes*)
- l) NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Apl + Antrop}] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + sufixo aumentativo} + {preposição + artigo plural + antropônimo}] (*Gamelão dos Campos*)
- m) NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Antrop}] → Nome composto masculino [{Substantivo singular + sufixo aumentativo} + {preposição + antropônimo}] (*Gamelão de Joventina Maria*)
- n) NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Asing + Antrop}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + antropônimo + preposição + artigo singular + antropônimo}] (*Monjolo, de Guilhermino da Costa*)
- o) NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Apl + Antrop}] → Nome composto masculino [Substantivo + {preposição + antropônimo + preposição + artigo plural + antropônimo}] (*Monjolo, de Valdir b. dos Santos*)

⁴⁶ Nos casos em que há nomes próprios de pessoas, identificamos por meio de “Antrop”.

- p) NCm [Ssing + {Prep + ADJsing + Hagio}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + hagiônimo⁴⁷}] (*Pote de São Lourenço*)
- q) NCm [Ssing + {Prep + Hiero}] → Nome composto masculino [Substantivo singular + {preposição + hierônimo⁴⁸}] (*Engenho de Nossa Senhora Aparecida*)
- r) NCm [Verb + Ssing] → Nome composto masculino [verbo + substantivo singular] (*Mata Boi*)
- s) NCm [Ssing + Num] → Nome composto masculino [Substantivo singular + numeral] (*Caxambu I*)

2.2. Femininos

- a) NCf [Ssing + ADJsing] → Nome composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular] (*Gangorra Seca*)
- b) NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + substantivo singular}] (*Chave de Ouro*)
- c) NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + ADV}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + adjetivo singular + {preposição + advérbio}] (*Caixa Larga de Baixo*)
- d) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular + substantivo singular}] (*Engenho da Serra*)
- e) NCf [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + Dim}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular} + {substantivo singular + sufixo diminutivo}] (*Bagagem da Pratinha*)
- f) NCf [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + Aum}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + artigo singular} + {substantivo singular + sufixo aumentativo}] (*Porta do Barracão*)
- g) NCf [Ssing + {Prep + Spl}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + substantivo plural}] (*Porteira de Candeias*)
- h) NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + antropônimo}] (*Roda de Oswaldo*)
- i) NCf [Spl + {Prep + Antrop}] → Nome composto feminino [Substantivo plural + {preposição + antropônimo}] (*Canoas, de Alaor C. Fiúza*)

⁴⁷ Corresponde aos hierônimos relacionados aos santos e santas do hagiológico romano.

⁴⁸ Corresponde aos nomes sagrados de diferentes crenças.

- j) NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + antropônimo} + {preposição + antropônimo}] (*Flecha de Júlio de Assis*)
- k) NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Apl + Antrop}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + antropônimo} + {preposição + artigo plural + antropônimo}] (*Forquilha, de José Pimentel dos Santos*)
- l) NCf [Ssing + {Prep + Hiero}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {preposição + hierônimo}] (*Porta de S. Cruz*)
- m) NCf [Spl + n/e] → Nome composto feminino [Substantivo plural + não / encontrado] (*Broas Perauses*)
- n) NCf [Ssing + {Prep + Asing + Onio}] → Nome composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Oniônimo⁴⁹}] (*Cancela da Companhia Vale do Rio Doce*)

- Origem: corresponde aos mesmos pressupostos apresentados nas fichas lexicográficas, acrescido das seguintes considerações:
 - ✓ Nos casos em que há presença de nomes próprios de pessoas, utilizamos “Antrop.” para indicá-lo, pois, não consideramos a origem etimológica de tais nomes, como mostra o exemplo seguinte: *Pilões de Jerônimo Franco*: português < latim + Antrop.;
 - ✓ Em caso de origem desconhecida ou não encontrada, usamos o símbolo (n/e);
 - ✓ Neste campo são verificadas, também, as ocorrências de nome de origem híbrida, como nos exemplos: *Caiçara Velha*: híbrido (indígena < tupi + português < latim); *Monjolo Velho*: híbrido (africano < banto + português < latim).
- Significado: utilizando as informações explicitadas no campo “informações enciclopédicas” da ficha lexicográfica, selecionamos (em casos polissêmicos), por meio de cuidadosa análise, o significado mais coerente relacionado à cultura material e que, inclusive, serviu como critério para a categorização no respectivo macro e microcampo lexical;

⁴⁹ Em grego, “artigo comercial” é denominado *ónion* ou *ónia*, e, em composição com *ónyma*, “nome”, tem-se oniônimo. (GUÉRIOS, 1973, p. 180). Neste trabalho, portanto, consideramos oniônimo como nome comercial.

- Número total de ocorrências no Estado de Minas Gerais: em relação a este último campo do verbete, é pertinente evidenciar que, tratando-se deste procedimento metodológico, o objetivo principal é explicitar o significado da lexia, por isso apresentamos o número total de ocorrências da respectiva lexia enquanto motivadora na nomeação de lugares em todo território mineiro. Se o consulente quiser saber quais acidentes geográficos são nomeados pela lexia, tal informação é claramente explicitada no quadro “contexto” da ficha lexicográfica correspondente.

Sendo assim, ao contrário das fichas lexicográficas, o vocabulário não está organizado por bases lexicais, tendo em vista que considera todas as lexias encontradas⁵⁰. Ademais, torna-se pertinente esclarecer que são utilizadas remissivas (“Ver”) nos casos em que é necessário associar um verbete ao outro. Por exemplo, os verbetes “Caieira Granel” e “Caieras” remetem ao verbete “Caieira”, cujo significado é devidamente explicitado como “Forno onde se faz a cal”. Outro exemplo de uso remissivo está presente em verbetes em que os significados estão associados, inclusive, com alguma sinonímia, como é o caso de “Pito” e “Cachimbo”.

Portanto, conforme apresentado, as duas etapas descritas, que integram os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, se respaldam tanto na aplicação da metodologia toponímica, por meio do uso de fichas lexicográficas, quanto na aplicação da Teoria dos Campos Lexicais, por meio da estruturação do *corpus* toponímico, enquanto lexias, em campos lexicais. Confiamos na utilização das metodologias descritas, respeitando a ordem em que foram apresentadas, ou seja, primeiramente descrever (fichas lexicográficas) para depois estruturar (campos lexicais), para alcançar os objetivos propostos neste trabalho resultando em um conjunto coordenado e coerente.

No capítulo seguinte serão apresentados os dados deste trabalho, porém, antes de apresentá-los torna-se pertinente apontar algumas considerações. Inicialmente, o número de ergotopônimos coletados do banco de dados do Projeto ATEMIG era consideravelmente maior. Diante do avanço da pesquisa, exclusões foram realizadas, fundamentadas nas fontes enciclopédicas citadas anteriormente (referente ao campo de informações enciclopédicas da ficha lexicográfica). O ergotopônimo “saco”, por exemplo, apresenta vários sentidos em

⁵⁰ Apenas os casos de variação gráfica foram considerados no mesmo verbete, como *Moquém ~ Munquém ~ Muquém*.

diferentes regiões do Brasil. Segundo Souza (2004, p. 284), citando Dr. Mário Campos, prefeito de Araxá (1928), “no interior de Minas Gerais este nome é aplicado na designação de certa extensão de campo circulada de matas. É uma ilha de campo no meio da floresta e por conseguinte o inverso de *capão*.” Desse modo, registrando 98 ocorrências, optamos por não considerar esse topônimo no *corpus* toponímico do trabalho, tendo em vista a possibilidade do fator motivacional compreendido no ato denominativo do respectivo lugar não estar diretamente relacionado à cultura material.

Levando-se em conta a polissemia presente na língua, nem sempre é possível ter clareza sobre a real motivação do topônimo compreendido no ato da nomeação. Esse foi, inclusive, o principal desafio encontrado neste trabalho, já que, ao tentar desvendar a natureza do nome, deparávamos com mais incertezas do que esclarecimentos. Certamente, para alcançar tais esclarecimentos, confirmando a motivação de cada topônimo, a proposta de trabalho deveria ser outra: seria necessário ter um *corpus* com uma dimensão menor para, se possível, realizar uma pesquisa de campo. Contudo, por não ser a proposta deste trabalho, mesmo depois das exclusões realizadas, não negamos a possibilidade de que alguns topônimos considerados neste trabalho correspondam, na verdade, à cultura material de modo figurado, de forma alusiva, ou atribuídos por analogia. Consideramos, por exemplo, topônimos que nomeiam acidentes de natureza física, como córregos, serras e morros, certamente, aludindo aos elementos da cultura material por analogia, como a serra Poltrona, no município de Bocaiúva. Tal realidade mostra a influência dos elementos da cultura material, inclusive, na nomeação dos acidentes geográficos físicos relacionados à topografia em geral.

Dessa forma, no primeiro procedimento metodológico, que corresponde às fichas lexicográficas, são apresentadas informações diversas sobre os topônimos (organizados em ordem alfabética, por base lexical) incluindo a possibilidade de diferentes acepções. Já no segundo procedimento metodológico, que corresponde aos campos lexicais, em caso de lexia polissêmica, é considerada apenas uma acepção, cuidadosamente analisada e selecionada. Por meio do significado selecionado deu-se a classificação no respectivo macro e microcampo lexical. Como exemplo, citamos o topônimo "Gangorra" que apresenta diferentes acepções. Tratando-se do número de ocorrências do topônimo em Minas Gerais, não é possível certificar se o fator motivacional é, de fato, o mesmo em cada lugar nomeado. Sendo assim, após cuidadosa análise, consideramos o significado de gangorra enquanto "tipo primitivo de monjolo" o mais adequado e verossímil.

Em vista dessas considerações, apresentamos, a seguir, as fichas lexicográficas e, em seguida, o vocabulário da cultura material em campos lexicais.

Capítulo 4

Apresentação dos dados



Caminhão Ford, 1920 (Museu de Artes e Ofícios – Belo Horizonte/MG)

4 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Conforme explicitado anteriormente, neste capítulo iremos apresentar os dados que constituem o *corpus* toponímico deste trabalho, primeiramente, em fichas lexicográficas e, em seguida, em campos lexicais. Desse modo, explicitamos, a seguir, os topônimos organizados alfabeticamente, em bases lexicais, por meio de fichas lexicográficas.

4.1 Fichas lexicográficas: a ergotoponímia mineira



FICHA 01

Adubo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Adubar, verbo do latim “<i>addübāre</i>, de origem germânica, frâncico *<i>dubban</i>, “bater”; o primitivo sentido de <i>adubar</i> era “armar (cavaleiro)” em alusão ao costume de, nesse acto, se bater com a espada no ombro do neófito; possivelmente por intermédio do fr., como aconteceu com o it. <i>addobbare</i>. [...] <i>Adubar</i>, hoje com sentido especializado, teve muito uso, bem visível nos inúmeros derivados, quase todos ainda hoje vulgares, como <i>adubo</i> (séc. XVI, no <i>Dic.</i>, de Jerónimo Cardoso, 1562 s. v.; em arag. <i>adobo</i> em 1348, R. F. E., XXII, p. 149). <i>Adubo</i>, de adubar. Séc. XVI: “...e he (a assa fétida) adubo ou salsa e condimento pera todo seu comer”, Colóquios, VII, vol. I, p. 79. (MACHADO, 1977, p. 118). Adubo, de ‘adubar’, século XIII. O verbo ‘adubar’, do antigo francês <i>adober</i> ‘armar cavaleiro’, derivado do latim *<i>addübāre</i> e, este, do frâncico *<i>dubban</i>. (CUNHA, 2010, p. 14)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Resíduos animais ou vegetais, ou substância química, que se misturam à terra para fertilizá-la; fertilizante. (FERREIRA, 2010, p. 19). 1 AGR conjunto de resíduos animais ou vegetais, ou produto mineral ou químico, que se mistura à terra para fertilizá-la ou regenerá-la. 2 condimento us. em iguaria para dar lhe sabor especial; tempero. 3 conserto, reparo que se faz a algo 4 fig. o que favorece, contribui para, incrementa o desenvolvimento de algo «a leitura é o a. da inteligência» 5 fig. dito espirituoso que dá graça, enriquece alguma coisa; chiste, facécia, gracejo «seus comentários irreverentes eram o a. daquelas intermináveis reuniões» 6 fig.; ant. aquilo que é us. como enfeite; adorno. (HOUAISS DIGITAL)⁵¹</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa:</p>	

⁵¹ [Grande Dicionario Houaiss \(uol.com.br\)](http://www.uol.com.br/grande-dicionario-houaiss/)

Especiaria e tudo aquilo com que se aduba o comer. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 30, Tomo 1)⁵²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Adubo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Salinas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 02

Alambique	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < árabe < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do árabe <i>al-ambīq</i>, mesmo sentido, com origem no grego <i>ámbix</i>, <i>-ikos</i>; passou no século XIII, com a arte árabe da destilação, a todo o Ocidente. Nessa centúria documenta-se em francês, no texto de J. de Meung (<i>Bloch et Wartburg</i>), em castelhano (Hita, segundo <i>Neuvonen</i>, p. 302). É natural que em português já existisse na mesma época; por ora só a documento do século XVI: “E tomamos deste pó quanto cabe em huma caçola de <i>alambique</i>”, <i>Colóquios</i>, XXVII, vol. III, p. 14. (MACHADO, 1977, p. 169) Aparelho para destilação, XVI. Do grego <i>ámbix -ikos</i>, pelo árabe <i>al – ambīq</i>. (CUNHA, 2010, p. 21)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Aparelho (caldeira) de destilação, destilador. (FERREIRA, 2010, p. 28) 1 Aparelho próprio para realizar a destilação [É constituído por uma caldeira, onde se coloca a matéria -prima a ser destilada, uma tubulação, que conduz os vapores, e um condensador, no qual esses vapores passarão ao estado líquido por um processo de resfriamento.] 2 p.ext. local onde está instalado esse aparelho; destilaria. 3 fig. tudo o que serve para apurar ou purificar. (HOUAISS DIGITAL)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Vaso, consta de recipiente onde se põem o que ha de distillar-se, e de cabeça, ou Capitel, onde se ajunta o vapòr, que condensado em líquido sahe polos canos, ou gargalos. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 49, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

⁵² Dicionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (1789).

“Alambique grande, de cobre, de estilar cachaça. Alambique menor.” (Inventário de Francisco Antônio de Oliveira Lopes) (1789)⁵³

“Alambique de cobre com seu capelo, cujo alambique leva 24 barris e pesará tudo 8 arrobas pouco mais ou menos.” (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)⁵⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Alambique (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ibituruna de Minas, Santa Rita de Caldas, Araçuaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	02
Jequitinhonha	01

FICHA 03

Alforje (Alforje)	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < árabe</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Duplo saco, fechado nos extremos e aberto no meio. 1899, <i>alforje</i> XVI, <i>alforja</i> 1871. Do árabe <i>al – hurğ</i>. (CUNHA, 2010, p. 25)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Duplo saco, fechado nos extremos e aberto no meio. (FERREIRA, 2010, p. 33) 1 Duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; us. ao ombro ou na sela, para distribuir o peso dos dois lados. 2 p.met. conteúdo de um alforje (ou dos alforjes). 3 B; infirm. nariz grande e muito chato. 4 (sXIX) MAR saliência na parte de ré do costado do navio, terminando no painel da popa, com a dupla função de adornar e de acomodar as dependências de banho e higiene do comandante. (HOUAISS DIGITAL)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Dois sacos, ou bolsões pegados, em que se leva provisão de roupa, ou comida para a jornada. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 57, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

⁵³ São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 237 Ficha: 7880/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

⁵⁴ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 468 Ficha: 7888/

(Referindo-se a habitantes da região) “Da colina desceram, galopando, alguns cavaleiros [...] Compraram um bocado de pão e de mate. Depois tudo foi metido num alforje [...]” (1858)⁵⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Alforge (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Curvelo

Topônimo: Alorges (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Jequitinhonha	01

FICHA 04

Almenara	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < árabe</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Segundo Costa (1993, p. 153), Almenara é um topônimo designativo de fogaréu “que se acendia nas tôres mouriscas, adotado em substituição ao antigo ‘vigia’, alus. ao pôsto de fiscalização ali outrora existente”. Conforme apresenta Barbosa (1995, p. 21), o antigo povoado de São João da Vigia foi elevado a distrito do termo de Araçuaí por meio da lei Nº 2702 (30/11/1880) e, mais tarde, elevado à paróquia por meio da lei Nº 3442 (28/09/1887). Figurou com a mesma denominação no município de Jequitinhonha, na divisão administrativa de 1911, desmembrando-se em 1938, quando recebeu a denominação de Vigia e foi elevado a município (decreto-lei Nº 58, de 12/01/1938). O município segue figurando como Almenara por meio do decreto-lei Nº 1058, em 31 de dezembro de 1943.</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Do árabe <i>al-manā</i>, “sítio onde está luz; lanterna, fanal; farol”; em Argel, “lustre”; designou, portanto, a luz que está no alto da torre e, por extensão de sentido, “a própria torre”; o -n- intervocálico faz crer em importação por via castelhana. Século XV: “...faziam do logar toda a noite ao Mestre muitas <i>almenaras</i> de fogo...”, F. L., J., I, capítulo 136, p. 269; apesar de raro, ainda se documenta hoje fora de textos de caráter histórico: “...um relicário igualmente</p>	

⁵⁵ Arredores da Região das Missões Jesuíticas, Rio Grande do Sul AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Sul do Brasil no Ano de 1858*. vol. I, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/ Ministério de Educação e Cultura, 1953. p. 215 Ficha: 17052. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

em ouro, finamente trabalhado, encimado por uma *almenara...*”, no *Diário Nacional*, n.º de 13-IV-1947, p. 6, 2.ª coluna. (MACHADO, 1977, p. 206)

Facho ou farol que outrora se acendia nas torres ou castelos para dar sinal ao longe, XV. Do árabe *al – menâra*. (CUNHA, 2010, p. 27)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Facho que servia de sinal nas atalaias ou nas torres 2. P.ext. Torre em que se instalava esse facho [F.: Do ár. *al-manara*.] (AULETE DIGITAL)⁵⁶

Dicionário antigo da língua portuguesa:

Almenaras, forma plural. erão fogos feitos nas torres, e atalaias para dar rebate de inimigo, ou outros avisos convencionados. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 56, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Almenara (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Cidade	Almenara

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

FICHA 05

Almoço	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Do latim <i>*admōrdīu-</i>, “bocado”, de <i>admordēre</i>, “morder levemente, começar a comer”, pelo modelo de <i>prandium</i>. Em 1340, como antr. Na <i>Rev. Lus.</i>, XIII, p. 13, Talvez pelo castelhano a divergente <i>almorço</i>; século XVI, no <i>Dicionário</i> de Jerónimo Cardoso. (MACHADO, 1977, p. 208).</p> <p>Refeição usualmente feita no início da tarde, <i>almorço</i> XV. Do antigo português <i>almorço</i>, derivado do latim vulgar <i>*admōrdium</i>, de <i>admordēre</i> ‘começar a morder’. (CUNHA, 2010, p. 28)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A primeira das 2 refeições substanciais do dia, geralmente feita no começo da tarde. 2. A comida nela servida. (FERREIRA, 2010, p. 35) <p>Dicionário antigo da língua portuguesa:</p> <p>Comida, com que se quebra o jejum, antes do jantar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 63, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>(Referindo-se aos habitantes da cidade)</p>	

⁵⁶ <https://aulete.com.br/almenara>

"Uns ligeiros cuidados com os negócios e a direção doméstica ocupam a maioria das famílias durante a manhã. Ao meio-dia, geralmente, serve-se o almoço e, logo a seguir, o calor torna uma sesta agradável até cerca das quatro da tarde, hora na qual os cavalheiros se vestem para fazer visitas de cerimônia." (1818)⁵⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Almoço (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Araçuaí, Jaboticatubas, Divinópolis
Humano	Localidade	Araçuaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Oeste de Minas	01

FICHA 06

Alpercata	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < árabe</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Alpercata é um município da zona do Rio Doce, criado pela lei Nº 2764 (30/12/1962), como explicita Barbosa (1995, p. 21). De acordo com Costa (1993, p. 153), trata-se de um topônimo em alusão ao antigo morador, Gabriel Lopes, “vulgo Gabriel Precata (corr. de Alpercata), assim chamado por usar sempre êste tipo de calçado”.</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>A palavra hispânica <i>abarka</i> (que parece explicar <i>abarca</i>) teve larga vida e surge-nos, séculos depois no árabe hispânico sob a forma <i>pargâ</i> (de que teria havido uma forma anterior *<i>parkâ</i>; vj. <i>alparca</i>), que devia ter frequente e largo uso, como se deduz não só da vastidão que conseguiu nos romances peninsulares, mas também pelo facto de se empregar com o artigo definido <i>al-</i>. O seu plural era <i>al-pargât</i>, donde, por um lado as formas norte-africanas <i>al-balgat</i>, <i>al-bargat</i> e <i>al-pargat</i>, e por outro o português <i>alpergata</i> e correspondentes formas noutros idiomas peninsulares. No século XVII, a variante <i>alpargate</i>: “...fazem dellas mãtas, <i>alpargates</i>, esteiras, cintas...”, Galvão, p. 258. Variantes: <i>alparcata</i>, <i>alpargata</i> (século XVII, segundo Morais), <i>alpercata</i>. (MACHADO, 1977, p. 213)</p> <p><i>Alparcata</i> é um tipo de calçado, XVII, <i>alpargata</i>, XVII, <i>alpargate</i>, XVII. Do árabe hispânico <i>al-pargât</i>, plural de <i>al-pârga</i>, de origem pré-romana. (CUNHA, 2010, p. 29)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

⁵⁷ São João del Rei, Minas Gerais LUCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* (1808-1818). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 312 Ficha: 15915. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

1. (*Brasileirismo*) Sandália sem salto, presa ao pé por tiras. 2. Sapato feito de lona, e com sola de corda. (FERREIRA, 2010, p. 36).

Dicionário antigo da língua portuguesa:

Alparca (alpargata ~ alpargate), calçado, que tem o rosto enfrestado, como dos frades capuchos, e outros, de qualquer materia como couro, seda, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 65)

Dicionário do folclore brasileiro:

Alparcata, alpercata (mais comumente usado no Nordeste), alparca, alpregata, pracata, pragata, do árabe *al pargat*, alparca. O padre Antônio Vieira escrevia sempre “alpargata”. Sandália de couro que se prende ao pé por meio de correias. Há vários modelos, que mais e mais se complicam na industrialização da moda feminina e masculina. São tradicionais as alparcatas dos frades. O mais antigo tipo do sertão nordestino é simplíssimo. Consta de duas faixas estreitas, partindo dos lados da palmilha, cruzando sobre o peito do pé, onde sustentam uma fina tira de sola, que passa entre o dedo grande (halo) e o segundo dedo. É o mais antigo calçado do mundo em pleno uso moderno. Os negros africanos usaram muito no Brasil, especialmente os escravos vaqueiros e tangerinos no ciclo da pecuária, no interior, sendo desconhecido na orla atlântica. Sua conservação no sertão nordestino explica-se pelo isolamento em que essa região ficou, dois séculos, sem estradas e comunicações maiores com as cidades e vilas do litoral. Já não é de fácil encontro nos mercados e feiras sertanejas, porque a influência citadina modifica a alparcata, obrigando-a um certo número de correias e fivelas na intenção decorativa. Registre-se, entretanto, a presença normal no Brasil de um calçado que já era quatro vezes secular antes da Era Cristã. (CASCUDO, 2000, p. 14)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Alpercata (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sacramento, Jacuí
Humano	Cidade	Alpercata
Humano	Fazenda	Sacramento
Humano	Povoado	Lagoa Santa

Topônimo: Alpercatas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Perdizes

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03
Vale do Rio Doce	01

FICHA 07

Âncora	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do grego <i>ánkyra</i>, mesmo sentido, pelo latim <i>ancōra</i>, com a variante <i>anchōra</i>. Entre 1272-1325: “os Judeus dauam de foro a cada hũu Nauyo hũa <i>ancora</i>”, <i>Desc.</i>, I, p. 47. A variante <i>âncola</i> em 1482: “...as nããos... estam aa corda sobre <i>ancolla</i>...”, <i>Desc.</i>, II, p. 247. (MACHADO, 1977, p.</p> <p>Peça que aguenta a embarcação no fundeadouro, XIII. Do latim <i>ancōra</i>, derivado do grego <i>ágkyra</i>. (CUNHA, 2010, p. 38)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Peça pesada de ferro, de formato especial, presa a cordas ou correstes, e que, lançada à água, impede que a embarcação se desloque. (FERREIRA, 2010, p. 44)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Numa haste de ferro com olho, e argola n’humas extremidades, e na outra huma travessa do mesmo metal acurvada, e terminada em duas pontas de lança, ou de seta, as quaes se enterrão onde fação preza para segurar os navios. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 81, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se à família de sitiante) “O senhor Antônio [...] desceu ao porto que lançamos <u>âncora</u>, com o semblante a irradiar simpatia e amabilidade [...]. Nunca fui recebido de maneira mais cordial. Ao entrar em casa, a mulher [...] mostrou-se igualmente afável e franca ao cumprimentar-nos [...]. Em verdade suas atenções, como as da esposa e do bando de parentes de todos os graus que constituíam sua família, chegaram a ser impertinentes, pois não me deixaram sozinho um momento, de manhã à noite.” (1852)⁵⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Âncora (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Almenara

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

⁵⁸ Rio Cupari, Pará BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas* (1848-1859). vol. I, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. 108 Ficha: 15262. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 08

Angu	Nº total de ocorrências no Estado: 21
<p>ORIGEM: africano < kwa</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Papa espessa de farinha de milho, de mandioca ou de arroz, cozida com pouca água, 1844. Do ioruba <i>a'ṣu</i>. (CUNHA, 2010, p. 41)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Massa de farinha de milho (fubá), de mandioca ou de arroz, com água e sal, escaldada ao fogo. (FERREIRA, 2010, p. 46)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Kwa): 1. pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com sal e cozido para ser comido com carne, peixe, camarão. Fon <i>àgun</i>, pirão de inhame ou de mandioca, sem tempero. 2. (<i>Por extensão</i>) mistura, coisa confusa, mal feita, complicada; barulho confusão, intriga, mexerico. (CASTRO, 2005, p. 154)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Espécie de massa feita de farinha de mandioca cozida em panela ao lume, e serve, á guisa de pão, para se comer com carne, peixe e mariscos. Também lhe chamam <i>Pirão</i>. <i>Angú</i> de milho ou de arroz é a massa identicamente feita do fubá destas gramíneas. <i>Angú de mandioca puba</i> é aquêla que se faz com a mandioca fermentada, depois de sovada em gral. <i>Angú de quitandeira</i>, no Rio de Janeiro, é o nome de uma comida, que consiste em Angú, a que se ajunta qualquer iguaria bem apimentada, temperada com azeite de dendê, e muito do gosto dos gulosos. // Em Pernambuco dão o nome de <i>bolão de angú</i> á porção dele arredondado, que se vende com guisado de caruru, que é o conduto (Moraes). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 28-29)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Pirão, purê, puréia, papa: massa mole de fubá de milho ou de farinha de mandioca, feita com água e sal, ou com leite ou caldo de peixe, de carne ou camarão, para comer com guisado respectivo ou de carne frita ou assada; assim, angu de milho, toucinho e carne de porco, em Minas; pirão de farinha de mandioca para comer cozido (a que no Rio Grande do Norte chamam “fervido”, na Amazônia “maniçoba” etc.) O angu de feijão é mais geralmente chamado tutu. Quando feitos com leite, os angus são mais nutritivos. No vatapá da Bahia, entra angu de maisena. Um exemplo de angu completo é o que Sodré Viana indica, em seu <i>Caderno de Xangô</i>, sob o nome de “vatapá”. (CASCUDO, 2000, p. 16)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se aos escravos catadores de diamantes) “[...] sua alimentação, que não é das mais nutritivas, consiste principalmente em feijão cozido e fubá de milho, o qual, ajuntando-se água quente, se transforma numa pasta grossa chamada <u>angu</u>. Isto produz debilidade geral, especialmente aos que se dão ao uso imoderado de cachaça. Mas não são somente os escravos que se entregam a este vício: brancos de ambos os sexos, em quase todas as classes sociais, são também grandemente viciados.” (1840)⁵⁹</p>	
<p>Quadro contexto: ocorrências toponímicas</p>	
<p style="text-align: center;">Topônimo: Angu (14)</p>	

⁵⁹ Diamantina, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 210 Ficha: 5080/ 4300/2953/1164/755. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Chapada do Norte, José Gonçalves de Minas, Nova Lima, Piranga, Perdizes, Inconfidentes
Físico	Rio	Senador Cortes, Além Paraíba, Santo Antônio do Aventureiro, Volta Grande
Humano	Fazenda	Dom Joaquim, Três Corações
Humano	Localidade	Piranga
Humano	Vila	Japonvar

Topônimo: Angu Cru (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dom Joaquim
Humano	Fazenda	Dom Joaquim

Topônimo: Angu Frio (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Inconfidentes

Topônimo: Angu Seco (03)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itaúna
Humano	Fazenda	Itaúna
Humano	Localidade	Itaúna

Topônimo: Anguzinho (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Perdizes

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	13
Acidente humano	08
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	03
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Zona da Mata	07

FICHA 09

Anzol	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

Pequeno gancho para pescar, XVI. De um latim **hamiceōlus*, diminutivo de *hōmus* -i ‘gancho, anzol’. (CUNHA, 2010, p. 46)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Pequeno gancho, farpado, para pescar. (FERREIRA, 2010, p. 52)

Dicionário antigo da língua portuguesa:

Croque, ou gancho de ferro agudo, com barba, na qual se enfia a isca para pescar a linha. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 90, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à pesca no Rio São Francisco)

“Dourado [...] apanha-se em geral com anzol [...]. Piau-branco [...] apanha-se com anzol [...]. Traíra [...] pega no anzol [...]. Mandi [...] pega-se no anzol [...]” (1840)⁶⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Anzol (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Brasópolis

Topônimo: Anzóis (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Aracitaba
Humano	Fazenda	Aracitaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01
Zona da Mata	02

FICHA 10

Arado	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento agrícola para lavrar a terra, XVII, do latim <i>arātrum</i>. (CUNHA, 2010, p. 52) Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento para lavrar a terra. (FERREIRA, 2010, p. 59) Dicionário antigo da língua portuguesa: Instrumento de abrir os regos na terra para se semear. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 106, Tomo 1) Outras informações:</p>	

⁶⁰ São Romão, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 189. Ficha: 9113/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo.ErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

De acordo com o site PET-Agronomia⁶¹, a principal função do arado é preparar o solo, de tal modo que possa agir revolvendo a camada superficial do solo e, portanto, promover o soterramento de plantas invasoras e palhadas presentes na superfície: “seu uso pode melhorar a infiltração da água no solo além da incorporação de adubos ao mesmo”. Ainda de acordo com a mesma fonte. Esse implemento agrícola surgiu há aproximadamente 5 mil anos, quando povos primitivos começaram, primeiramente, a utilizar galhos de árvores para preparar o solo e, mais tarde, utilizar enxadas ou pás com a tração animal. Sendo os Sumérios os primeiros a registrarem o uso do arado, esse instrumento “se estendeu a partir do berço da civilização, seguindo as margens do Mediterrâneo e marcando toda uma época em Roma”.

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se a uma fazenda agrícola)

"As plantações de mandioca estão sempre espalhadas pela mata [...] sendo a terra abundante; e o arado, como quase todos os outros instrumentos agrícolas, desconhecido, o mesmo campo não é plantado três anos seguidos." (1848)⁶²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Arado (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Andrelândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 11

Arame	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Antigo bronze, latão, fio de metal flexível, XVI. Do latim <i>aierāmen-īnis</i>. (CUNHA, 2010, p. 52) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Liga de cobre e zinco, ou de outros metais. 2. Fio de arame, mais ou menos delgado. (FERREIRA, 2010, p. 59) Dicionário antigo da língua portuguesa:</p>	

⁶¹ O PET-Agronomia é um dos 842 grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) do Governo Federal. O grupo é formado por estudantes e um docente do curso de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Sete Lagoas. Disponível em: <http://www.petagronomia.com/news/historia-do-arado/> Acesso em jun. 2022.

⁶² Vista Alegre, Pará. BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas* (1848-1859). vol. I, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. 153. Ficha: 8439. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Composição de metaes, de que resulta hum amarello, de que se fazem bacias, fio, candieiros, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 106, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“2 candeeiros de arame. Candeeiro de latão.”

(Inventário de Cláudio Manuel da Costa) (1789)⁶³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Arame (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Boa Esperança
Humano	Fazenda	Campina Verde, Delfinópolis
Humano	Localidade	Dores do Campo, Lagoa Dourada

Topônimo: Araminho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Campos das Vertentes	02
Sul / Sudoeste de Minas	02
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 12

Arapuca	Nº total de ocorrências no Estado: 11
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: O tupi “<i>ara</i> está provavelmente por <i>guirá</i>, pássaro; <i>puca</i> é talvez voz onomatopaica. Todavia registra B. Caetano a forma <i>arapug</i>, que também é verbo, com a significação de cair com estrondo, rebentar caindo, e em que ao primeiro elemento, ar, tanto se pode atribuir o sentido de cair, como o de prender, apanhar; há também quem veja em <i>pug</i> o conhecido verbo que significa rebentar, furar-se, bater, soar, e cujo gerúndio é <i>puca</i>, rebentando ou para rebentar, etc.”, Clóvis, p. 121-122. 1871. (MACHADO, 1977, p. 293) Arapuca: armadilha para apanhar pássaros, 1865. Por extensão, negócio suspeito, 1872. Do tupi *<i>ara’puka</i>. (CUNHA, 2010, p. 52) Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Armadilha para apanhar passarinhos. 2. Negócio ou transação fraudulenta. 3. Estabelecimento que pratica arapuca (2). (FERREIRA, 2010, p. 60)</p>	

⁶³ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 268, 270. Ficha: 18023. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

O tupi na geographia nacional:

Corr. *arapug*, prender batendo, M. Soares; antigamente se dizia – *guirápuca*, c. *guirá* passaro, *puc* bater, partir, isto é, a armadilha que bate passaro, ou o colhe; em outros logares, diz-se *urupuca*, c. *urú* cesto, *puc* bater, *cahir* com estrepito, isto é, cesto que desaba. (SAMPAIO, 1901, p. 112).

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Arapuca: espécie de armadilha para apanhar pássaros. // Etimologia: Considero-a palavra tupi, mas não a vi ainda mencionada em obra alguma relativa àquela língua. // No Vale do Amazonas dizem *Urapúca* (Seixas). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 31)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Arapuca (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Unai

Topônimo: Urupuca (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Itambacuri, Água Boa
Físico	Ribeirão	Franciscópolis
Físico	Rio	Franciscópolis, Itambacuri, Água Boa
Humano	Fazenda	Itambacuri
Humano	Localidade	Água Boa

Topônimo: Urupuquinha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itambacuri
Físico	Rio	Itambacuri

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	09
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01
Vale do Mucuri	02
Vale do Rio Doce	08

FICHA 13

Arataca	Nº total de ocorrências no Estado: 12
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do tupi “<i>ara-tac</i>, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves, ou caça meúda” (T. S.). (MACHADO, 1977, p. 294) 1. Variedade de beija-flor, 1610, arataqua e 1594. Do tupi *<i>ara'taka</i>. Armadilha para apanhar animais silvestres, 1663. Do tupi <i>ara'taka</i>. (CUNHA, 2010, p. 52)</p>	

O Tupi na geographia nacional:

c. *ara-tac*, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves, ou caça meúda. (SAMPAIO, 1901, p. 112)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de armadilha para apanhar animais silvestres. // Etimologia: É vocábulo da língua tupí (Vasconcelos). // Em guaraní dizem *Aratag* (Montoya). // Obs. As dimensões desta armadilha dependem da dos animais que se pretende apanhar, e as há com destino a capivaras, veados, porcos e até onças. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 32)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Arataca (12)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serranos, Minduri, Baependi, Dom Silvério, Bocaiúva, Dom Joaquim, Diamantina
Humano	Fazenda	Diamantina, Joáima, Dom Joaquim, Baependi
Humano	Localidade	Dom Silvério

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	07
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	03
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	04
Zona da Mata	02

FICHA 14

Argola	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do árabe <i>al-gullā</i>, nome de unidade de <i>gull</i>, “colar, golilha, ferros, cadeias, algemas”. (MACHADO, 1977, p. 302) Anel metálico para prender ou puxar qualquer coisa, <i>argolla</i>, XIV. Do árabe <i>al-ǧúlla</i>. (CUNHA, 2010, p. 55) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	
<p>1. Anel metálico usado para prender ou puxar qualquer coisa. 2. Qualquer objeto na forma de argola. (FERREIRA, 2010, p. 62)</p>	
<p>1. Anel ger. metálico com o qual se prende ou se puxa alguma coisa; aro. 2 p.ext. qualquer objeto de forma circular e vazio no meio. 2.1 infm. anel, aliança. 2.2 brinco de orelha de forma circular, ger. de metal; arrecada. 2.3 p.ext. aldrava com formato de anel. 3 chapa metálica que guarnecia o eixo de madeira nas moendas de engenhos primitivos. 4 aro de ferro que se colocava no pescoço de escravos, ou condenados a</p>	

trabalhos forçados, para que não fugissem. 5 p.ext. m.q. golilha (no sentido de 'aro').
6 MAR m.q. arganêu (no sentido de 'peça metálica'). (HOUAISS DIGITAL)

Dicionário antigo da língua portuguesa:

Anel de qualquer metal, para se atar nele alguma corda, enfiando-a. Circulo de metal, que se põem nas orelhas. Circulo de metal, que se põem no pescoço, e perna do escravo fujão, ou fugitivo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 111, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se ao arreo de um cavalo)

"Os estribos são muito pequenos, a cabeçada compõem-se das correias que sustentam a serrilha e as rédeas da cabeçada, a brida de uma argola de ferro que substituiu a barbela e na qual está presa uma peça móvel de ferro a que estão seguras as cambas do freio em que se afixam as rédeas da brida." (1868/1871)⁶⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Argola (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Monte Alegre de Minas, Tupaciguara
Humano	Fazenda	Monte Alegre de Minas, Tupaciguara
Humano	Localidade	Barbacena

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	04

FICHA 15

Aríete	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Antiga máquina de guerra para abater muralhas, 1572. Do latim <i>ariēs -ētis</i>. (CUNHA, 2010, p. 55) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. ARM máquina de guerra com que se derrubavam as muralhas ou as portas das cidades sitiadas. 2 MAR saliência reforçada da roda de proa de um navio, us. para avariar o casco da embarcação inimiga nas obras vivas; esporão [Muito comum na Antiguidade e na segunda metade do sXIX, nas táticas de abaloamento.] (HOUAISS DIGITAL) Dicionário antigo da língua portuguesa:</p>	

⁶⁴ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 310. Ficha: 16829. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Maquina bellica antiga feita de huma grande trave, com huma extremidade da feição de cabeça de carneiro, com ella se combatião as portas, muralhas dando-lhes *vaivens*. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 112, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Ariete (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 16

Armário	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Móvel que se destina a guardar objetos, <i>almáryo</i>, XVI. Do latim <i>armāriūm</i> -ũ. (CUNHA, 2010, p. 56)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Móvel ou vão aberto na parede, com prateleiras e/ou gavetas, para guardar objetos. (FERREIRA, 2010, p. 63)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Armário pequeno." "<u>Armário</u> embutido de guardar louça com suas portas, fechaduras e chave." (Inventário de Rev. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)⁶⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Armário (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jaboticatubas
Humano	Fazenda	Jaboticatubas

Quadro quantificação

Acidente

⁶⁵ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 389, 397. Ficha: 20895/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	02

FICHA 17

Azeite	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: português < árabe ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Óleo de azeitona, XIII. Do árabe <i>azzájt</i>. (CUNHA, 2010, p. 73) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Óleo de azeitona. 2. Óleo extraído de outros vegetais, ou de gordura animal. (FERREIRA, 2010, p. 84) Dicionário antigo da língua portuguesa: Oleo da azeitona. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 154, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: “3 barris, dois para água e um para <u>azeite</u>.” (Inventário do Cônego Luís Vieira da Silva) (1789/1791)⁶⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Azeite (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade do Rio Grande, Grão Mogol, Piau, Inhapim, Pocrane
Físico	Ribeirão	São João Del Rey, Desterro do Melo, Alto Rio Doce
Físico	Serra	Inhapim, Pocrane

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	10
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Norte de Minas	01
Vale do Rio Doce	04
Zona da Mata	02

⁶⁶ Mariana, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro., Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 442. Ficha: 24644. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

B

FICHA 18

Baeta	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < francês < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do antigo picardo <i>bayette</i>, este do latim <i>badius</i>, “baio”; primitivamente este pano era de cor de castanha. Século XVII (?): “vestilhe o seu cabeçam / de cadanetas; / entam havia <i>baetas</i>”, <i>Auto das Regateiras de Lisboa</i>, 115, p; 29, ed. De 1919. (MACHADO, 1977, p. 370) Tecido felpudo de lã, XVI. Do antigo picardo <i>bayette</i>, derivado do latim <i>badius</i> ‘baio’ (primitivamente, este pano era de cor castanha). (CUNHA, 2010, p. 75)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Tecido de lã, grosseiro, felpudo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 157, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Baetas: alcunha com que os habitantes do litoral denominavam os primeiros habitantes de Minas Gerais, porque estes andavam encapotados envolvidos no tradicional capotão de baeta azul, nas viagens, durante o tempo frio, nublado ou chuvoso, através das estradas montanhosas de sua terra natal (Nélson de Sena). (SOUZA, 2004, p. 21-22)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: 1. Tecido grosso de lã. José Maria da Silva Peranhos, em março de 1851, escrevia: “O Chefe de Polícia, ou fosse para se mostrar generoso no primeiro entrudo a que presidia no Rio de Janeiro, ou fosse porque também é sujeito aos ataques febris do Carnaval, ou, finalmente, porque no conselho, de estado sanitário se decidisse que esse espontâneo e passageiro delírio era excelente preservativo contra as dentadas da terrível bicha, o fato é que, embuçado em suas vestes de baeta, que recordam o apelido familiar da sua província...”. A coberta de baeta, encarnada ou azul, era uma das primeiras dádivas que o amo fazia aos recém-comprados escravos. Constituía elemento típico do socorro público, distribuído pelo Governo Imperial aos doentes pobres, durante as epidemias. Duas frases recordam seu uso popular: <i>puxar as baetas</i>, desafiar; <i>rasgar as baetas</i>, romper relações. 2. Apelido do natural ou morador de Minas Gerais. (CASCUDO, 2000, p. 38-39)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Teliz de couro forrado de <u>baeta</u> amarela. Xairél e umas capeladas de pano azul forradas de linhagem com seus galões de prata com cercadura encarnada. 2 cangalhas." (Inventário de Joaquim José da Silva Xavier) (1789)⁶⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Baeta (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Caranaíba
Humano	Fazenda	Poços de Caldas
Humano	Localidade	Caranaíba

⁶⁷ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 312; Ficha: 16650. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Baeta de José Pedro Cruz (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	São João Del Rey

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 19

Bagagem	Nº total de ocorrências no Estado: 34
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Conjunto de objetos pessoais que os viajantes conduzem em malas, caixas, etc, XVI. <i>Bagage</i> XVI, do francês <i>bagage</i>.</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conjunto de objetos de uso pessoal que os viajantes conduzem em malas, etc. 2. (<i>Figurado</i>) O conjunto das obras literárias, etc., de alguém. (FERREIRA, 2010, p. 87) 1. Conjunto de itens de uso pessoal, arrumados em malas, sacolas etc., que uma pessoa, ao viajar, leva consigo ou faz despachar; equipagem. 2. conjunto de veículos, animais etc. que transportam a bagagem. 3. MIL conjunto de armas e equipagem de uma tropa. 4. fig. a experiência profissional de um indivíduo <ser um médico com grande b.>. 5. fig. a experiência de vida e a soma de conhecimentos de um indivíduo <com a b. que tem, é a pessoa ideal para o cargo>. 6. fig. o conjunto das obras de um escritor, cientista, artista etc. <escritor com grande b. literária> <pesquisador com destacada b. científica>. 7. fig.; pej. aquilo que constitui um peso, um estorvo <o exílio, essa b. que tanto lhe pesou>. 8. (1898) fig.; B, S.; pej. a camada mais baixa da sociedade; ralé. (HOUAISS DIGITAL) <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Os sacos, cargas, que vão em azemalas, ou carruagem, seguindo quem viaja, ou exercito em marcha. (SILVA, 1789, p. 157)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "A quatro léguas do Arruda parei numa choupana a que dão o presentioso nome de fazenda (Fazenda do Leandro). Um preto, que se achava à porta do casebre, deu-me permissão para descarregar minha <u>bagagem</u> num pequeno cômodo. Dentro da casa só estava a sua mulher, mas ela não apareceu." (1819)⁶⁸</p>	

⁶⁸ Arredores de Patrocínio, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco* (1819). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 138. Ficha: 15475. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bagagem (22)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cordisburgo, Rodeiro, Itaúna, Bambuí, Itaguama
Físico	Ribeirão	Conceição das Alagoas, Pirajuba, Campo Florido
Físico	Rio	Cascalho Rico, Grupiara, Irai de Minas, Romaria, Nova Ponte, Araguari, Indianópolis
Humano	Fazenda	Iguatama, Santo Antônio do Monte, Sabinópolis, Pirajuba, Planura, Conceição das Alagoas
Humano	Povoado	Cordisburgo

Topônimo: Bagagem da Pratinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pirajuba

Topônimo: Bagagem de Baixo (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Pirajuba, Conceição das Alagoas
Físico	Ribeirão	Conceição das Alagoas
Humano	Fazenda	Conceição das Alagoas

Topônimo: Bagagem de Cima (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pirajuba, Conceição das Alagoas
Humano	Fazenda	Pirajuba, Conceição das Alagoas

Topônimo: Bagaginha, de Maria Gomes Pereira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Itaúna

Topônimo: Bagaginho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Prata, Tiros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	20
Acidente humano	14
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Oeste de Minas	06
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	24
Vale do Rio Doce	01
Zona da Mata	01

FICHA 20

Balaio	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de cesto de palha, <i>layo</i>, XVI. Do francês <i>balai</i>, de origem gaulesa. (CUNHA, 2010, p. 77)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Cesto de palha, cipó, etc., geralmente em forma de alguidar; patuá. (FERREIRA, 2010, p. 88)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Especie de cesta de palhinha, de que usam as saloias, outros ha que vem do Brasil, matizados de cores. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 159, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Balaiada era nome que, na História do Brasil, se dá à guerra civil que abrasou a Província do Maranhão de 1838 a 1841, determinando milhares de mortes e prejuízos sem conta. A denominação proveio da alcunha que tinha um dos cabeças da rebelião, Manuel dos Anjos Ferreira, cognominado o “balaio”, pelo fato de fazer e vender balaios. (CUNHA, 2010, p. 24)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Farnel, no sentido de provisões de boca que cada um leva consigo, por ocasião de uma viagem, um passeio ao campo, etc. // Etimologia: Como é provável que sirva em geral de meio de condução essa espécie de cesto a que chamamos <i>balaio</i>, devemos pensar que neste caso tomase o conteúdo pelo continente. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 39)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dança introduzida no Rio Grande do Sul pelos açorianos, geralmente acompanhada por sanfona (acordeona). [...] 2. Cesto de fibra vegetal, de uso doméstico. (CASCUDO, 2000, p. 42) <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Espécie de <u>balaio</u> dos selvagens purís feito unicamente com folhas de palmeira [...]. Esses <u>balaios</u> têm mais ou menos um pé e meio de altura e carregam-se às costas. Servem para o transporte de fardos e as correias se prendem à testa do portador. As mulheres colocam neles seus filhos menores para carrregá-los mais facilmente durante as longas caminhadas.” (1816/1831)⁶⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Balaio (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tumiritinga, Pedralva
Físico	Serra	Natércia, Pedralva, Santa Rita do Sapucaí

Topônimo: Balaios (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Rita do Sapucaí
Humano	Fazenda	Santa Rita do Sapucaí

⁶⁹ Minas Gerais. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 77-8. Ficha: 18537. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	06
Vale do Rio Doce	01

FICHA 21

Balança	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: português < castelhano < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento com que se determina a massa ou o peso dos corpos, XIII. Do castelhano <i>balanza</i>, derivado do latim vulgar <i>*bilancia</i> e, este, do latim tardio <i>bilanx</i> ‘com dois pratos, balança’. (CUNHA, 2010, p. 77) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Instrumento composto por uma barra suspensa, com um prato em cada uma das extremidades, para comparar as massas dos objetos aí colocados. 2. Qualquer outro instrumento para medir a massa ou o peso dos corpos. 3. Equilíbrio, ponderação. (FERREIRA, 2010, p. 88) Dicionário antigo da língua portuguesa: Maquina, que serve de averiguar o pezo, que tem qualquer corpo, consta de travessão, onde se distinguem dois braços, de cujo meio se ergue o fiel, dos braços nos extremos pendem os pratos, onde se põe o pezo, e o que se ha de pezar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 159, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Balança de pesar ouro balança de pesar ouro com seu marcador de quarta." (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)⁷⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Balança (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra do Salitre, Campanário
Físico	Serra	Gonçalves
Humano	Fazenda	Ataléia, Teófilo Otoni, Carlos Chagas, Campanário
Humano	Localidade	Leopoldina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	05

⁷⁰ Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 457. Ficha: 8979/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Mucuri	03
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	01

FICHA 22

Balas	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < italiano < longobardo</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Projétil geralmente metálico, arredondado ou ogival, encaixado na cápsula do cartucho, XVII. <i>Brasileirismo</i>, certa guloseima açucarada, XX. Do francês <i>balle</i>, derivado do italiano <i>palla</i> e, este, do longobardo <i>*ballo</i>. (CUNHA, 2010, p. 76)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Projétil metálico encaixado na cápsula do cartucho de arma (3). 2. O cartucho e a bala juntos, 3. <i>Brasileirismo</i>. Guloseima feita de açúcar e suco ou essência de frutas, etc., em ponto vítreo. 4. Tiro (3). (FERREIRA, 2010, p. 88)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Corpo redondo de pão, cera, metal, marfim, pedra para armas de fogo, e canhões. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 159, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se a senhor modesto) "E dirigiu-se então a uma casa de armas. Aí comprou um jogo de pistolas de carregar com <u>bala</u> pela boca. Depois pediu ao armeiro que a carregasse com pólvora seca, muniu-se de espoletas, e saiu [...] E disparou ao mesmo tempo as duas armas." (1877/1882)⁷¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Balas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Campo	Camacho

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01

⁷¹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vesper* (1877-1882). 10ª edição, São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973. p. 344-5. Ficha: 10038/10061. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 23

Baliza	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Estaca ou qualquer objeto que marca um limite, <i>ballisa</i> XV. Provavelmente derivado moçárabe do latim <i>pālus -i</i> ‘estaca, poste’. (CUNHA, 2010, p. 78)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Estaca ou objeto qualquer que marca um limite. 2. Marca, sinal. 3. Boia, estaca, etc., que serve de referência à navegação. 4. Sinal ou marco indicativo de certas normas de trânsito. 5. Haste usado nas operações topográficas para assinalar pontos do terreno. 6. Futebol. 7. Vara ou bastão que o baliza (8 e 9) aciona com movimentos rítmicos. 8. Soldado que, agitando baliza (7), indica, à frente da tropa, os movimentos que ela deve fazer. 9. Pessoa que faz evoluções acrobáticas com baliza (7) à frente de desfiles. (FERREIRA, 2010, p. 89)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Páos fincados para assinar, e mostrar o caminho, pasto do rio, e nas áreas de carreiras, o lugar donde ella se começa. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 161, Tomo 1) Paos fincados para mostrar o caminho por terra, e por agua, ou para denotar os limites. (PINTO, 1832)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Palavra que, em Mato Grosso e Goiás, segundo informa Hermano R. Silva em seu livro <i>Garimpos de Mato Grosso</i>, pág. 133, designa alta coluna ou morrote de granito, “que se vai perpetuando insensível à força destruidora das erosões seculares, e a que a inabalável superstição dos mineradores empresta o poder miraculoso de indicar e orientar a direção infalível de excelentes pontos para o seu trabalho”. (SOUZA, 2004, p. 26)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Baliza (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Oliveira
Físico	Alto da	Luz
Humano	Fazenda	Oliveira

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Oeste de Minas	02

FICHA 24

Balsa	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < base ibérica ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de embarcação, XVI. De uma base ibérica <i>balsa</i> ‘vasilha’. (CUNHA, 2010, p. 78) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Talha onde se guardam carnes curadas. 2. Jangada grande em que se transportam cargas pesadas, geralmente a pequenas distâncias. (FERREIRA, 2010, p. 89) Dicionário antigo da língua portuguesa: Silvado, ou mata cerrada, emaranhada. Uva pilada, que se põem a cortir na dorna para que o vinho fique bem tinto. Forro de palha, bolsa, funda, camisa tecida de palhinha para resguardar os vidros. Barco formado de pedaços de páos taboas, especie de jangada de atravessar rios, e nos do Brasil para o Sul, são de coiro cru. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 161, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva: (Referindo-se aos transportes usados na cidade) "Existem ainda uma outra variedade de embarcação chamada Jangada, que consiste em seis paus de madeira especialmente leve amarrados uns aos outros ou seguros por cavilhas, qual uma <u>balsa</u>. São providas de uma tela latina e de remos indígenas, tendo ao meio a quilha, o assento e uma barra, de onde dependuram as vasilhas contendo água e comida." (1819/1820)⁷²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Balsa (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Núcleo	Ferros
Humano	Povoado	Igarapé
Humano	Vila	Berilo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	02

⁷² Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. LEITHOLD, Theodor von e RANGO, Ludwig von. *O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966. p. 72. Ficha: 16907. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 25

Banguê

Nº total de ocorrências no Estado: 05

ORIGEM: africano < banto**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:****Dicionário etimológico da língua portuguesa:**

Banguê: do quimbundo *mbanguê*, segundo Macedo Soares, cit. por *Mendonça*, p. 175, s. v. (MACHADO, 1977, p. 385)

‘Padiola’ ‘engenho de açúcar’ XX. De origem africana, mas de étimo indeterminado; talvez do quimbundo *ḿa’je*. (CUNHA, 2010, p. 79)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Padiola de cipós trançados na qual se leva à bagaceira o bagaço verde da moenda. 2. O conjunto da fornalha e das 3 tachas assentes sobre ela, nos engenhos de açúcar. 3. Propriedade agrícola com canaviais e engenho de açúcar primitivo, anterior à usina. (FERREIRA, 2010, p. 91)

Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro:

(Banto) 1. Padiola feita de cipós entrelaçados, que era usada para transportar cadáveres de escravos; espécie de liteira usada no campo, para transportar crianças, enfermos e mortos; serve também para carregar a bagaceira da moenda e materiais de construção para o canteiro de obra. Kik. *banga* > *bangi*, padiola de cipós entrelaçados. 2. Canal ladrilhado por onde escorre a espuma das tachas de açúcar. Kik. *mwanzai* > *mwanze*, canal, rego. 3. Engenho-de-açúcar primitivo. Kik.(nzo) *mwange* / Kimb. (nzo)*muenge*, casa de cana-de-açúcar. 4. Topônimo muito comum na zona açucareira do nordeste. (CASTRO, 2005, p. 167-168)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Termo geral do Brasil, que tem várias acepções, variantes de região a região, interessando-nos agora a de engenho de açúcar do antigo sistema, movido em geral à força animal ou à água. Em alguns engenhos assim chamam ao conjunto das tachas que servem para o cozimento do caldo e noutros ao ladrilho das mesmas tachas, por onde corre a espuma que transborda com a fervura. Segundo Macedo Soares, o vocábulo é de origem africana, o que é contestado por Alfredo de Carvalho que, baseado em Richard Burton, opina ser de origem asiática, da palavra hidustânica *banghi* (*Frases e Palavras* – págs. 34 a 38). De *bangüê* se formam os substantivos *bangüezeiro* e *bangüezista* – proprietários de engenho, *bangüê* e *bangüeiro* – operário que limpa o caldo (ajuda a caldeira) na tacha maior, que retira do caldo as impurezas. (Os sertanejos do Nordeste corromperam o termo em *banqueiro*, usando também o termo *ponteiro*). Do apreciado trabalho do Dr. Nilo Cairo – *O Livro da Cana-de-Açúcar* (1924), extraímos as seguintes notas a respeito dos *bangüês*: “Os engenhos atualmente existentes no Brasil são de duas classes: os modernos ou *usinas* e os antigos, também chamados engenhos *bangüês* ou de tipo colonial. Os primeiros são os que se utilizam de todos os mecanismos modernos inventados para se obter o máximo de rendimento da cana e a maior pureza possível dos produtos... Os engenhos *bangüês*, os dos lavradores de poucos ou médios recursos, são os mais numerosos nas zonas açucareiras do Brasil... O engenho *bangüê* caracteriza-se por evaporar a garapa em caldeiras ou tachas submetidas *a fogo direto ou a fogo nu*.” Os *bangüês* de água em Pernambuco, desde os tempos coloniais, ofereciam três variantes: *copeiro* – engenho cuja roda se move com água que lhe cai de cima em seus cubos mais altos (Rodolfo Garcia); *covilhete* – o que recebe a água em meio da rocha, também dito – *meio copeiro* (Pereira da Costa); *rasteiro* – o que recebe a água de um nível muito baixo (Pereira da Costa). (SOUZA, 2004, p. 30 – 31)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Homônimo brasileiro com cinco significações: 1. (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas-Gerais, Goiás e Mato Grosso) espécie de liteira rasa com teto e cortinado de couro, conduzida sobre varais por duas bestas, uma adiante e outra atrás, servindo para transportar em viagem enfermos, mulheres e crianças. A isso chamam liteira nas províncias do norte; mas em São Paulo dão o nome de liteira a uma espécie de palanquim com assentos fronteiros, levados por bestas á maneira do *bangüê*. Para os enfermos é o *bangüê* muito mais cômodo, porque lhes serve de cama, quer durante a marcha, quer durante as paradas. 2. (Rio de Janeiro) ladrilho das tachas, por onde correr nos engenhos de açúcar as espumas que transbordam, por ocasião da fervura, quando se tem de ajudar as caldeiras, ou quando o fogo é mui intenso. 3. (Bahia e outras províncias do Norte) espécie de padiola grosseira, para conduzir terra para as construções (Aragão). 4. (Províncias do Norte) padiola de conduzir cadáveres. 5. (Província meridional e central) aparêlho de couro em forma de côche para curtir peles, ou para fazer decoada, [...]. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 40-41)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à extração do sal, nas diversas salinas da região)

"[...] a lixívia é exposta imediatamente à ação do sol, para a cristalização. Faz-se isso, ora em gamelas de madeira [...] ora num banguê (couro de boi) distendido sobre quatro estacas [...]. Continua-se a deitar a lixívia, até que o recipiente de cristalização fique completamente cheio de sal [...] empacota-se em sacos retangulares de couro de boi (surrões, bruacas) [...]" (1819)⁷³

Topônimo: Banguê (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cordisburgo
Humano	Fazenda	Cordisburgo

Topônimo: Bangüê (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaiúva, Passa-Tempo
Humano	Localidade	Bocaiúva

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Norte de Minas	02
Oeste de Minas	01

⁷³ Rio São Francisco, Bahia. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 403-4. Ficha: 9150/ 9152/9153. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 26

Barca	Nº total de ocorrências no Estado: 03
ORIGEM: português < latim	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
Dicionário etimológico da língua portuguesa:	
Tipo de embarcação, XIII. Do latim tardio <i>barca</i> , de origem hispânica. (CUNHA, 2010, p. 81)	
Dicionário atual da língua portuguesa:	
Embarcação de grande boca, pouco profunda, para transporte local de passageiros e cargas em baías e enseadas. (FERREIRA, 2010, P. 93)	
Dicionários antigos da língua portuguesa:	
Embarcação maior que barco, serve de carga, e transporte. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 168, Tomo 1)	
Dicionário do folclore brasileiro:	
Conhecida genericamente como Chegança de Marujos, recebeu na Paraíba o nome de Barca ou de Nau Catarineta. Em algumas regiões, é encontrada com os nomes de Fandango, Chegança, Chegança de Marujos, Marujos; são folguedos semelhantes, com algumas diferenciações locais. (Altimar de Almeida, A Barca da Paraíba, Cadernos de Folclore nº 23). [...] (CASCUDO, 2000, p. 53)	
Arquivo Ernani Silva Bruno:	
"Fizemos, antes de entrar na <u>barca</u> , a audaciosa tentativa de tomar café no botequim do trapiche, o que conseguimos mais ou menos, apesar de que o produto era horrível, para uma região onde de mesmo os pobres bebem excelentes café." (1883) ⁷⁴	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Barca (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	São João da Varginha, Bambuí

Topônimo: Barquinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Sítio	Guaraciaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Oeste de Minas	01
Zona da Mata	01

⁷⁴ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil* (1883). São Paulo, Martins Editora, 1972. p. 25. Ficha: 1510/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 27

Barraca	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < pré-romana ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Construção ligeira, primitivamente feita de barro, XVII. De barro, origem pré-romana. (CUNHA, 2010, p.82) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Abrigo de lona, náilon, etc., usado por soldados em campanha, excursionistas, etc., tenda. 2. Construção leve, de remoção fácil, us. em feiras; tenda. 3. Guarda-sol amplo us. em praia, etc. (FERREIRA, 2010, p. 94) Dicionários antigos da língua portuguesa: Tenda militar de campo. Casa rustica, pequena, mal lavrada. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 169, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: “A permanência na miserável <u>barraca</u>, a que chamavam rancho, em companhia do mulato amigável, mas branco, e sua mulher que serviam constantemente dum modo pouco apetitoso, mas com grande prazer o chá do Paraguai duma cura imunda [...]” (1868/1871)⁷⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Barraca (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ferros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 28

Barril	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < provençal ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de tonel, XIII. Do a. provençal <i>barril</i>. (CUNHA, 2010, p. 82) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

⁷⁵ Arredores do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 405-6. Ficha: 1392/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tonel de madeira, bojudo, feito de aduelas, usado, geralmente, para conservar ou transportar líquidos. (FERREIRA, 2010, p. 94)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Vaso de madeira da feição de pipa, muito mais pequeno, tem aros de pau, ou ferro. Na *Artelharia* usão-se *barris de fogo*, que são de madeira, cheios de estopas empapadas em resina, e outras materias inflammaveis. [...] *Entre os homens rusticos*, he vaso de barro de grande bojo, e gargalo pequeno, em que se leva agua de beber. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 170, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"4 Frascos e meio de vinho tinto. 6 Frascos de aguardente do Reino. Barril cheio de cachaça." (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)⁷⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Barril (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Barra Longa

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

FICHA 29

Batedeira	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bater: dar pancadas em, dar choques ou pancadas com, XVI. De um latim <i>*battĕre</i>, de <i>battuĕre</i>. Batedeira, 1881. (CUNHA, 2010, p. 83) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Aparelho que bate o leite para fazer manteiga, ou, nos engenhos de açúcar; o melado. 2. Aparelho, manual ou elétrico, para bater misturas, massas, ovos, etc. (FERREIRA, 2010, p. 96) Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se à fazenda próspera do Conde de Linhares) "Apresentou-se logo oportunidade de por em execução a experiência da <u>batedeira</u> que eu me propusera fazer. Tendo obtido seis potes de leite [...] guardei-os nas vasilhas da cozinha reservadas para esse fim [...]. Tirei o creme da melhor maneira que pude [...]. Nas duas manhãs</p>	

⁷⁶ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 435-6, 441. Ficha: 871/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

seguintes, obtive cerca de dois galões de leite, que, reunidos aos outros, foram postos na batedeira e batidos [...] conseguiu-se porção razoável de boa manteiga." (1809)⁷⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Batedeira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Mato Verde

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 30

Bateia	Nº total de ocorrências no Estado: 21
<p>ORIGEM: português < castelhano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Nada ainda há de positivo quanto à origem deste vocábulo: talvez de idioma da América Central (cf. <i>Friederici</i>, s. v. <i>batea</i>), talvez do taino da ilha Haiti [...] possivelmente pelo castelhano. No século XVIII já aparece registrada esta palavra em: Antonil, <i>Cultura e Opulencia do Brasil</i> (Lisboa, 1711) na <i>Revista do Archivo Publico Mineiro</i>, Belo Horizonte, IV. 340 (cit. de Friederici). Note-se que para <i>Corominas</i> trata-se do vocábulo com “origem incierto, quizá del árabe <i>bâtiya</i> ‘gamella’...”. (MACHADO, 1977, p. 403) Gamela de madeira usada no garimpo, XVIII. Provavelmente do castelhano <i>batea</i>, de origem incerta, talvez derivado do árabe <i>bâtiya</i> ‘gamela’. (CUNHA, 2010, p. 83)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Gamela usada na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero. (FERREIRA, 2010, p. 96)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se à extração do diamante) "O trabalhador cava grandes buracos quadrados e aos poucos transporta para a canoa o cascalho [...] Então coloca uma pequena porção desses seixinhos na beira da <u>bateia</u> (alguidar redondo de pau e fundo cônico, com 18 a 20 polegadas de diâmetro sobre três de altura) e começa a agitar circularmente a água, de modo que esta, lambendo o cascalho, leva a menor</p>	

⁷⁷ Matias Barbosa, Minas Gerais. MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil* (1807-1810). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1978. p. 135. Ficha: 24660/ 18670. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

porção possível a fim de depositar no fundo e deixar ver os diamantes, se os houver, por pequenos que sejam." (1827)⁷⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bateia (12)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itamarandiba, Pequi, Dom Joaquim, Morro do Pilar, Bom Sucesso, Cachoeira de Minas
Físico	Morro	Paraisópolis
Humano	Fazenda	Couto de Magalhães de Minas, Cordisburgo, Dom Joaquim, Rio Paranaíba, Cachoeira de Minas

Topônimo: Bateias (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Itabira, Rio Piracicaba
Físico	Ribeirão	Delfinópolis
Humano	Fazenda	Abaeté
Humano	Povoado	Itabira, Rio Piracicaba

Topônimo: Bateinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dom Joaquim

Topônimo: Bateinha de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dom Joaquim

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	12
Acidente humano	09
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	11
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	04
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

⁷⁸ Arredores de Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). São Paulo, EDUSP/ Cultrix, 1977. p. 170. Ficha: 8936/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 31

Baú	Nº total de ocorrências no Estado: 128
<p>ORIGEM: português < francês < obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de caixa ou mala, com tampa convexa na parte externa, <i>baul</i> XVI, <i>bau</i> XVII, <i>bahu</i> 1805. Do antigo <i>baul</i>, derivado do antigo francês <i>bahur</i> (hoje <i>bahut</i>), de origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 84) Dicionário atual da língua portuguesa: Caixa ou mala com tampa convexa na parte externa. (FERREIRA, 2010, p. 97) Arquivo Ernani Silva Bruno: “Baú de moscóvia com suas fechaduras.” (Inventário de Cônego Luiz Vieira da Silva) (1789)⁷⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Baú (98)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Resende Costa, Santa Bárbara do Tugúrio, Pompéu, Luz, Serra da Saudade, Diamantina, Dom Joaquim, Onça de Pitangui, Betim, Caeté, Raposos, Alvinópolis, Ferros, Nova União, Santa Bárbara, Belo Vale, Rio Manso, Raul Soares, Abre Campo, Piranga, Carangola, Fervedouro, Descoberto, Vargem Bonita, Santo Antônio do Monte, Arcos, Ibituruna, Prata, Patos de Minas, Sacramento, José Raydan, Boa Esperança, Andrelândia, Córrego Novo.
Físico	Lagoa	Turmalina
Físico	Ribeirão	Monte Santo de Minas, Liberdade, Itamoji.
Físico	Salto	Ituiutaba.
Físico	Morro	Santo Antônio do Monte, Campina Verde, Iturama, Limeira do Oeste, Sacramento, São Sebastião do Paraíso.
Físico	Serra	Três Marias, Barão de Cocais, Nova Era, Vargem Bonita, Vargem Bonita, São João Batista do Glória.
Humano	Fazenda	Madre de Deus de Minas, Resende Costa, Santa Bárbara do Tugúrio, Dolores do Indaiá, Luz, Serra da Saudade, Berilo, Itamarandiba, Dom Joaquim, Onça de Pitangui, Betim, Alvinópolis, Belo Vale, João Pinheiro, Paracatu, Barra Longa, Lima Duarte, Vargem Bonita, Carmo da Mata, Ituiutaba, Rio Paranaíba, Campos Altos, Machado, Boa Esperança, Andrelândia, Capinópolis.
Humano	Localidade	Resende Costa, Santa Bárbara do Tugúrio, Felício dos Santos, Veredinha, Baldim, Dom Silvério, Matipó, Piranga, Carangola, José Raydan, Guaraciaba, Dolores de Ganhães, Antônio Dias, Liberdade.
Humano	Povoado	Jaboticatubas, Congonhas do Norte, Alvinópolis, Itabira, Santa Bárbara, Rio Manso.
Humano	Vila	Dolores do Indaiá.

Topônimo: Baú de Água Santa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Ituiutaba.

⁷⁹ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 269. Ficha: 20897/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Baú de Baixo (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pompéu, Belo Vale.

Topônimo: Baú de Cima (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pompéu, Boa Esperança.

Topônimo: Baú do Barreirinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Campina Verde.

Topônimo: Baú Velho (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capinópolis, Ituiutaba.
Físico	Morro	Capinópolis, Ituiutaba.

Topônimo: Baús (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ituiutaba.
Físico	Ribeirão	Ituiutaba, Capinópolis.
Físico	Serra	Ituiutaba, Capinópolis.
Humano	Fazenda	Ipiaçu, Água Boa.
Humano	Localidade	Santa Maria do Suaçuí.

Topônimo: Baús de Pontal (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ipiaçu.

Topônimo: Bauzinho (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Indaiá, Capinópolis, Ituiutaba, Santa Rosa da Serra, Monte Santo de Minas.
Físico	Morro	Ituiutaba, Capinópolis.
Humano	Fazenda	Luz, Ituiutaba, Capinópolis.

Topônimo: Bauzinhos (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Patos de Minas.

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	70
Acidente humano	58
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	07
Central Mineira	12
Jequitinhonha	06
Metropolitana de Belo Horizonte	26
Noroeste de Minas	02
Oeste de Minas	08
Sul / Sudoeste de Minas	13
Triângulo Mineiro	34
Vale do Rio Doce	07
Zona da Mata	13

FICHA 32

Bengala	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem toponímica</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bastão, XVI. Do topônimo Bengala. A expressão <i>cana de Bengala</i> ocorre também no século XVI. (CUNHA, 2010, p. 87)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Bastão de madeira, de junco, etc., para arrimo. (FERREIRA, 2010, p. 100)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Canna da Índia de que se usa para bastões. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 178, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “<u>Bengala</u> de taquara com seu castão, argola e ponteira de prata lisa.” (Inventário de Vicente Vieira da Motta) (1791)⁸⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bengala (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Caranaíba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01

⁸⁰ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 18. Ficha: 22817. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01

FICHA 33

Berimbau	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do quimbundo <i>mbirimbau</i>, segundo <i>Mendonça</i>, pp. 179 e 216; L. V., propõe o mandinga <i>balimbano</i> (em <i>Notas Philológicas</i>, na <i>Revue Hispanique</i>, V). Vj. <i>Corominas</i>, s. v. <i>birimbao</i>. Note-se que o vocábulo já corrente no século XVI: "...se não são traquejadas na notícia das cousas, sobejamente recolhidas, com hum <i>birimbao</i> se enganão", <i>Auleg.</i>, fl. 80 vs. (MACHADO, 1977, p. 420)</p> <p>Instrumento de percussão, <i>birimbao</i>, XVI. De origem duvidosa, talvez africana. (CUNHA, 2010, p. 87)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Instrumento de ferro, semelhante a uma ferradura com lingueta no centro, e que se toca fazendo vibrar a extremidade livre da lingueta. 2. Instrumento de percussão com o qual se acompanha a capoeira: arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior; urucungo. (FERREIRA, 2010, p. 101)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) 1. Arco musical, instrumento indispensável na copoe(i)ra, constituído de um arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior e cuja caixa de percussão é a barriga. Toma o nome de berimbau-viola, quando acompanhado pelo gunga e o contra-gunga. Variantes: berimbau-de-barriga, urucungo. Quicongo / Kimbundo / Umbundo (o)<i>madimbaw</i>. (CASTRO, 2005, p. 174)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Pequeno instrumento sonoro, feito de ferro (os mais antigos) ou de aço (os relativamente modernos). Consta de dois braços que se ligam, arqueando-se, com uma lingueta no meio. Toca-se levando o berimbau à boca, prendendo-o nos dentes e fazendo a lingueta vibrar, puxando-a com o dedo indicador. Produz um som monótono, espécie de zumbido. Foi trazido ao Brasil pelos portugueses, e o padre Fernão Cardim, em dezembro de 1583, descrevendo as festas da Natividade na Bahia, informava que, durante as festividades natalinas, o irmão Barnabé juntava-se aos cantadores de músicas sacras executando o seu berimbau. O princípio sonoro do berimbau é conhecido universalmente. Foi descrito por Fernão Cardim, Mario de Andrade, João Ribeiro e outros, mas necessita de novas pesquisas para atualização. (CASCUDO, 2000, p. 64)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Os únicos divertimentos dos Botocudos são a dança e a música. Cantam frequentemente; raro, porém, é tocarem qualquer instrumento. Os que estão em uso entre eles são pequenas flautas feitas com pedaços de bambus, e uma espécie de <u>berimbau</u> que mal difere do dos negros, mas que, indubitavelmente, não copiaram destes últimos [...]" (1817)⁸¹</p>	

⁸¹ Arredores de Jequitinhonha, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 257. Ficha: 19367/ 19433/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Berimbau (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Água Boa

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 34

Bimbarra	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < onomatopaica ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bimba ‘coxa, nádega’, 1881. De origem onomatopaica. Do radical <i>bimb-</i>, originam-se outros vocábulos, todos com o sentido geral de ‘barulho, pancada’. Bimbarra: Grande alavanca de madeira, 1844. (CUNHA, 2010, p. 90) Dicionário atual da língua portuguesa: Espécie de alavanca grande destinada a imprimir movimento a algum objeto. (AULETE DIGITAL)⁸² 1. Grande alavanca de madeira, us. para movimentar objetos; cabrilha. 1.1 ARM, MAR tal alavanca para mover peças de artilharia nos depósitos, ou qualquer objeto grande de ferro. 2 pau longo provido de um balde com que se tira água dos poços; cegonha. 3. MG pipa grande para depositar ou transportar cachaça. (HOUAISS DIGITAL) Dicionários antigos da língua portuguesa: Tranca de madeira, especie de alavanca grande para pôr em movimento as peças, mettendo huma extremidade pola boca. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 182, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bimbarra (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Malacacheta

Topônimo: Bimbarrinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Malacacheta

⁸² <https://aulete.com.br/bimbarra>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	02

FICHA 35

Bingo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < inglês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Jogo semelhante ao loto, XX. Do inglês <i>bingo</i>. (CUNHA, 2010, p. 90) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Jogo de azar semelhante ao loto. 2. Local onde se joga o bingo. (FERREIRA, 2010, p. 104)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bingo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Montes Claros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 36

Biscoito	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bolinho doce feito à base de farinha de trigo. <i>Bizcoyto</i>, XIV, <i>biscouto</i>, XIV. Talvez do antigo francês <i>bescuit</i>, derivado do latim <i>biscoctus</i> “cozido duas vezes”. (CUNHA, 2010, p. 92) Dicionário atual da língua portuguesa: Pequena porção de massa feita com farinha, açúcar, ovos, etc., cozida no forno. (FERREIRA, 2010, p. 1060) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

Biscoito: pão mui cosido, e esturrado ao forno de toda a humidade, para se conservar muito tempo guardado. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 183, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Quando éramos obrigados a preparar nossos próprios alimentos, o tocador [...] ia buscar a água e o fogo. Algumas xícaras de chá bebidas com biscoito, que eu conservava preciosamente à parte, ajudavam-me a esperar pelo jantar. A farinha de milho e o feijão preto cozido com toucinho constituíam nossa alimentação corrente; a água era quase sempre a única bebida." (1817)⁸³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Biscoito (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Rio Paranaíba, Serra do Salitre
Físico	Serra	Rio Paranaíba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 37

Bolandeira	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem incerta (talvez castelhano)</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Grande roda dentada do engenho de açúcar, 1813. Talvez relacionado com o castelhano <i>volandera</i>. (CUNHA, 2010, p. 95)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Bras. Roda grande do engenho de açúcar, que transmite movimento às mós. 2. N. N.E. Máquina para descaroçar algodão. 3. N. N.E. Roda que aciona dispositivo de ralar mandioca 4. Tip. Chapa de metal que constitui o funda da galé onde se encaixa a composição, e que pode ser puxada para que esta se deposite sobre o mármore 5. CE Peça da jangada onde se prende uma rede. (AULETE DIGITAL)⁸⁴</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Roda do engenho de assucar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 187, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Rodolfo Garcia registra no seu <i>Dicionário de Brasileirismo</i>, no sentido de aparelho próprio para descaroçar algodão e, como tal, a sua área geográfica é a zona algodoeira do Norte. Carlos</p>	

⁸³Arredores Itabira de Mato Dentro, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 118
Ficha: 4426/ 4213/3638/2843/1857. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://arquivo.ernani-silva-bruno.org.br)

⁸⁴<https://aulete.com.br/bolandeira>

Teschauer, citando *O Sertanejo* de José de Alencar, informa que, no Ceará, *bolandeira* é a roda que move o ralador da mandioca. Nos engenhos de moer cana com água, chama-se *bolandeira* ou *volandeira* a uma roda dentada que gira sobre a moenda, movida pelo rodete, assim chamada, escreveu Antonil, “porque o seu modo de andar circularmente no ar sobre a moenda se parece com o voar de um pássaro, quando dá no ar seus rodeios” (SOUZA, 2004, p.44)

Dissertação (Francine Bezerra):

De acordo com Francine Bezerra, em sua dissertação intitulada “A rede de dormir e os viajantes: cultura material e contribuições do olhar estrangeiro através das imagens” (2018), a bolandeira é um equipamento que integra o ofício do tecelão, tratando-se de um descaroador de algodão. Desse modo, a bolandeira “Consistia em uma banqueta de madeira no centro da qual era adaptado um par de cilindros sobrepostos horizontalmente, tendo cada cilindro uma manivela em sua extremidade disposta em oposição a outra, [...]. Eram necessárias duas pessoas para cumprir essa tarefa que, sentadas frente a frente, operavam os cilindros ao centro da banqueta, um deles fazendo girar sua manivela enquanto colocava o capulho do algodão nos cilindros em movimento, de modo que a fibra passasse por eles deixando os caroços para trás. O segundo trabalhador também girava uma das manivelas, mas no sentido contrário de seu companheiro, fazendo uso da mão livre para puxar o algodão já separado de suas sementes.” (BEZERRA, 2018, p.59)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bolandeira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Ibiraci

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 38

Bolina	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < inglês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Ant. Cada um dos cabos que puxavam para vante a testa de barlavento das velas, a fim de que o vento fosse melhor aproveitado na navegação à bolina, <i>-ljna</i> XV. Chapa colocada por baixo da quilha, nas embarcações de vela, XX. Do francês <i>bouline</i>, derivado do inglês <i>bowline</i>. (CUNHA, 2010, p. 96) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Mar. Ato ou efeito de bolinar. 2. Chapa plana, colocada verticalmente por baixo da quilha, nas embarcações de vela, para reduzir a inclinação e o abatimento da embarcação quando se navega à vela. (FERREIRA, 2010, p. 110)</p>	

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Cabo, que prende a vela a amurada, quando se manobra, para tomar o vento por banda. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 187, Tomo 1)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

(Ceará) nome que dão á taboa que se coloca na parte média da jangada, junto ao banco da vela, e serve para cortar as águas e evitar que ela descaia para sota-vento. (J. Galeno) (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 48)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bolina (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Felixlândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 39

Bolo	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de pastelaria, XVI. De bola, Do latim <i>bullā</i>. (CUNHA, 2010, p. 95)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Bola (2). 2. Tipo de pastelaria, de formas variadas, feita, geralmente, de farinha, ovos, açúcar e gorduras. 3. (<i>Familiar</i>) Pancada com palmatória. 4. Quantia formada por entradas, apostas, multas e perdas dos parceiros no jogo. 5. (<i>Brasileirismo. Popular</i>) Aposta conjunta de diversas pessoas. 6. (<i>Brasileirismo</i>) Logro, burla. (FERREIRA, 2010, p. 110)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Massa de farinha com vários temperos, cosida ao forno, e em geral de forma redonda. // No jogo, os tentos, ou dinheiro, que estão na mexa, e resulta das contribuições, entradas, ou respostas dos parceiros. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 187, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Mal se serviram de café com leite [...] <u>bolo</u> de tapioca com manteiga [...]" (1881)⁸⁵</p>	

⁸⁵ Arredores de São Luís, Maranhão. AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato* (1881). São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1975. p. 138. Ficha: 4565/ 3884/1458. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bolo (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego do	Medina
Físico	Pedra do	Medina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02

FICHA 40

Bomba	Nº total de ocorrências no Estado: 18
<p>ORIGEM: português < italiano < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Projétil ou artefato explosivo, que provoca danos ou destruição’, XVI, ‘máquina para elevar água’. <i>Bôba</i>, XV, do italiano <i>bómba</i>, de uma raiz onomatopáica <i>bomb</i>, derivado do latim <i>bombus</i> e, este, do grego <i>bómbos</i> ‘ruído surdo’, ‘barulho do trovão’. (CUNHA, 2010, p.96)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Projétil ou artefato explosivo. 2. Máquina para movimentar fluido, gases ou líquidos, geralmente ao longo de tubulações. 3. Aparelho para extrair ou esgotar líquidos. 4. Aparelho para encher câmaras de ar. 5. Canudo para tomar mate; bombilha. (FERREIRA, 2010, p. 110)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso de ferro, ou papel, atacado de pólvora, e mitralha, que se lança por meio dos morteiros. Máquina, que consiste em hum tubo vasado pelo meio, em cujo vão anda hum embolo, a que esta pegada huma manga de pao, e levantando-se o embolo, ou zonchando, sobe polo vazio que elle deixa a agua de algum poço, e vasa-se por hum orificio, que está ao lado da bomba: destas nauticas ha <i>bombas de zoncha</i>, e de roda. <i>H. Naut.</i> Ha outras mais complicadas, que andão sobre rodas, e tem grandes canudos de sola, para se aguar algum lugar, de que se usa para apagar fogos, E em fim ha bombas manuaes para regar jardins. [...] <i>Bombas de fogo</i>, fogo d’artificio usado nas praças sitiadas para alluminar os muros de noite. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 188, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Registrado no Dicionário de Brasileirismo de Rodolfo Garcia, no sentido peculiar de “cano subterrâneo construído nas estradas para passagem das águas através delas”. “As pontes, as <i>bombas</i>, os pontilhões – construídos de bom material – resistem galhardamente à fúria do regime torrencial mas, em compensação, a água lava seus <i>cabeços</i> e chega a causar dó o espetáculo da faixa de cimento abalaustrada, completamente solta em cima dos seus pilares”. (Limeira Tejo, <i>Brejos e Carrascais do Nordeste</i>, pág. 145). <i>Bomba</i> é o mesmo que bueiro. No Rio Grande do Sul, segundo os vocabularistas gaúchos, é canudo de prata ou de qualquer</p>	

metal, que se introduz na cuia para se tomar mate, o amargo, tendo na extremidade que se imerge um ralo para impedir a saída do pó da erva. (R. Calage). (SOUZA, 2004, p. 44)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] ao passo que uma bomba [...] serviria para tirar a água rápida e eficazmente [...]. Quando mencionei esta possibilidade, disse-me o feitor que, naquelas redondezas, ninguém tinha a mínima idéia da construção de uma bomba.” (1840)⁸⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bomba (13)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Caeté, Formoso, Botumirim, Cristália, Ituiutaba, Bom Jardim de Minas.
Físico	Lagoa	Bambuí
Humano	Fazenda	Itutinga, Caeté, Lima Duarte, Três Corações, Varginha, Andrelândia.

Topônimo: Bomba D'água (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carandaí

Topônimo: Bomba Seca (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itamonte

Topônimo: Bombas (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tupaciguara, Monte Alegre de Minas.
Humano	Povoado	São Gonçalo do Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	11
Acidente humano	07
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	02
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	05
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03
Zona da Mata	01

⁸⁶ Arredores de Itamarandiba, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 201. Ficha: 8941/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 41

Bombo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de tambor, 1881. Do italiano <i>bómba</i>, derivado do latim <i>bambus</i>, ‘antigo préstito’ e, este, do grego <i>bómbos</i> ‘zumbido’, de origem onomatopaica. (CUNHA, 2010, p. 97) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Tambor grande, de som grave; bumbo, zabumba. 2. Tocador de bombo (1). (FERREIRA, 2010, p. 111) Dicionário do folclore brasileiro: Bumbo, tambor grande, zabumba, bumba. Não teve no Brasil a popularidade portuguesa, só figurando inicialmente nas festas de arraial. A partir do século XIX, aparece nas pequenas bandas de música locais, tornando-se indispensável nos zabumbas de Carnaval, grupos de bombos que ritmavam o canto do Zé-Pereira, A partir daí, espalha-se pelo Nordeste e Norte brasileiro. (CASCUDO, 2000, p. 75) Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se à festa da padroeira) "Os organizadores da festa conservam as casas abertas, dançando, batendo <u>bombo</u> ou tocando violão [...]" (1850)⁸⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bombo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Almenara

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

FICHA 42

Bordão	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p>	

⁸⁷ Tefé, Amazonas. BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas* (1850-1859). vol. II, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. 193. Ficha: 19287. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Dicionário etimológico da língua portuguesa:

1. Cajado, bastão, vara. *Bordon* XIII, *-dom* XIV. Do latim *burdōnem* ‘mulo’. A evolução semântica decorre do fato de o bordão servir de mular ao peregrino.
2. (Música) nota grave, prolongada e invariável, que caracteriza certos instrumentos (gaita de foles, sanfona etc.) XVIII. Do francês *bourdon*, de formação onomatopáica.

(CUNHA, 2010, p. 98)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Bordão (1): Bastão de arrimo; cajado, vara.

Bordão (2): 1. Corda grossa que emite som grave, pela maior tensão. 2. Nota das mais graves de qualquer instrumento. (FERREIRA, 2010, p. 112).

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Bastão, vara, a que alguém se encosta, e arrima, para andar mais seguro. Arrimo. / Palavra, ou palavras, que alguém repete com frequência viciosa. / Corda grossa dos instrumentos musicos [...] / corda de arco de atirar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 190, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bordão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Piranga

Topônimo: Bordões (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piranga
Humano	Fazenda	Piranga
Humano	Localidade	Piranga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	04

FICHA 43

Bota	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Bota (1): tipo de calçado, XIV. Do francês <i>botte</i>, de origem incerta.</p> <p>Bota (2): recipiente e antiga medida de capacidade, XV. Do latim tardio <i>būttis</i> ‘tonel, odre’.</p> <p>(CUNHA, 2010, p. 99)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Calçado de couro que envolve o pé, a perna e, às vezes, a coxa. (FERREIRA, 2010, p. 113)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

Calçado, que cobre o pé, e perna acima, ou bem junto do joelho. [...] / especie de borracha, de levar agua, ou vinho [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 192, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se aos senhores abastados)

"Estribos e freios são aqui de prata, e do mesmo metal é o cabo do facão que eles escondem na bota." (1818)⁸⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bota (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São João Del Rey
Físico	Lagoa	Itambacuri

Topônimo: Botas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Ferros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 44

Brinco	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Brincadeira, brinquedo, 1572.; adorno, enfeite, XVI; joia que se usa presa ao lobo da orelha ou pendente dela, XVII. Do latim <i>vinculum</i> 'laço', através das formas <i>*vinclu</i>, <i>*vincru</i>, <i>*vrincu</i>. (CUNHA, 2010, p. 102) Dicionário atual da língua portuguesa: Adorno que se usa no lobo da orelha. (FERREIRA, 2010, p. 116) Dicionários antigos da língua portuguesa: Salto, ou movimento, que se faz por folgar, e por divertimento, de topo o corpo, ou com as mãos, pés. / Joia de adorno, especialmente das orelhas; e <i>figuradamente</i>, tudo o que he bonito, e serve de ornar o corpo, ou casa, etc. [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 198, Tomo 1)</p>	

⁸⁸ São João del Rei, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1817-1818). vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 294. Ficha: 16724. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"2 chapinhas de ouro de pescocinho. Brinco de ouro lavrado. Brinco de ouro com uns olhinhos de mosquito. Brinquinhos de ouro com esmalte. Lacinho de prata com pedras amarelas."

(Inventário do Pe. Manoel Rodrigues da Costa) (1791)⁸⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Brinco (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Montes Claros, Grão Mogol
Humano	Fazenda	Montes Claros, Grão Mogol

Topônimo: Brinco de Ouro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Bom Sucesso

Topônimo: Brinquinho (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carrancas, Prata, Uberlândia
Humano	Fazenda	Prata, Uberlândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Norte de Minas	04
Oeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	04

FICHA 45

Broas	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Broas: Nf [Spl] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pão arredondado ou bolo feito de farinha de trigo, de fubá de milho, de farinha de arroz, de cará etc. XVI, <i>borõa</i> XIII. De origem incerta, provavelmente pré-romana. (CUNHA, 2010, p. 102)</p>	

⁸⁹ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 40. Ficha: 27263. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Dicionário atual da língua portuguesa:

Pão arredondado, feito de fubá de milho ou de arroz, de cará, etc. (FERREIRA, 2010, p. 116)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Pão de milho. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 199, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Os mineiros comem habitualmente broa de farinha de milho em lugar de pão. Também consomem uma espécie de massa da mesma farinha preparada da mesma maneira." (1816/1831)⁹⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Broas (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Carmo do Paranaíba
Físico	Córrego	Tiros

Topônimo: Broas Perauses (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Carrancas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das vertentes	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 46

Bruaca	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < castelhano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Saco ou mala para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas, 1844. De <i>burjaca</i>, antigo saco de couro usado pelos caldeireiros ambulantes, 1813, <i>bor-</i> 1844. Do castelhano <i>burjaca</i>, bolsa de mendigo ou peregrino, de origem incerta. (CUNHA, 2010, p. 106)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Pop. Pej. Mulher muito feia e/ou rabugenta, de maus bofes 2. Pej. Mulher (ger. velha) mexeriqueira, ordinária 3. Mala de couro cru para transporte de objetos, víveres etc. em cavalgadas; BURACA 4. Bolsa de couro cru (ger. us. a tiracolo) 5. Pop. Pej. Prostituta envelhecida e em decadência. (AULETE DIGITAL)⁹¹</p>	

⁹⁰ Minas Gerais. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 177. Ficha: 4418/ 4419. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://arquivo.ernani-silva-bruno.org.br)

⁹¹ <https://aulete.com.br/bruaca>

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Não encontrado.

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

[...] mala de couro que serve para conduzir objetos que devem estar ao abrigo das chuvas (Beaurepaire-Rohan). [...] escreve Néelson de Sena (*Revista do Arquivo Público Mineiro – Ano XX – 1924*): “A *bruaca* ou *surrão* de couro cru é destinada principalmente à condução do sal e gêneros alimentícios; e ainda é usada quer pelos canoeiros daquele rio, quer pelos pequenos tropeiros, conhecidos por *bruaqueiros*, que fazem, no sertão norte-mineiro, o comércio de transportes, de um mercado para outro, conduzindo sal, queijos, farinha, rapaduras, requeijões, ferragens, etc. A *bruaca* faz ali o papel do saco de aniagem usado na região cafeeira de Minas, ou dos *balaios* e *jacás* tecidos de taquara, empregados no Centro (região de Peçanha, S. João Evangelista, Guanhões, Ferros, Conceição, Sêro e outras) para condução de toucinho e cereais”. É também muito usado na Bahia. (SOUZA. 2004, p. 50)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Meio alqueire de sal 4 frascos de azeite doce 2 frascos de vinagre Frasco de vinagre 1 quarta de sal 76 *bruacas* de sal Meia medida de vinagre."

(Inventário de José Ayres Gomes) (1791)⁹²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bruaca (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serrania
Humano	Fazenda	Serrania

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	02

FICHA 47

Bucha	Nº total de ocorrências no Estado: 01
ORIGEM: português < origem incerta (talvez do antigo francês, derivado do latim popular)	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
Dicionário etimológico da língua portuguesa:	
Tampão, 1813. Talvez do antigo francês <i>bousche</i> , derivado do latim popular <i>*bosca</i> . (CUNHA, 2010, p. 104)	
Dicionário atual da língua portuguesa:	
1. Pedaco de papel ou de pano para comprimir e manter no cano a carga das armas de fogo carregadas pela boca. 2. Peça de madeira ou de outro material, para tapar rombos, orifícios, fendas, etc. 3. Bocado de pão ou de outra comida. 4. Pessoa ou coisa	

⁹² Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 436, 441-2, 458. Ficha: 5327/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://arquivo.ernani-silva-bruno.org.br)

desagradável ou sem valor. 5. (Brasileirismo. Botânica) Planta cucurbitácea, trepadeira ou prostrada, cujo fruto tem, dentro, uma rede lenhosa, que, extraída e lavada, dá esponja vegetal. 6. Peça que se embute na parede para nela se introduzirem pregos ou parafusos destinados a sustentar ou prender algo; tarugo. (FERREIRA, 2010, p. 118)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Porção de estopa, barro, etc. que se mette entre a polvora, e o chumbo, ou balas na espingarda, canhões, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 201, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] A bola de samaúma pode adaptar-se perfeitamente ao orifício da zarabatana e ser impelida com tanta força pelo sopro, que faz um ruído surdo semelhante ao das buchas das espingardas de ar comprimido. [...]” (1850)⁹³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bucha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pedro Leopoldo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 48

Buchada	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem controvertida ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: De bucho. De acordo com CUNHA (2010, p. 104), bucho é ‘estômago dos mamíferos e dos peixes, XIV. De origem controvertida; talvez seja de formação expressiva. Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirimo, Norte e Nordeste, Culinária.)</i> Iguaria feita com as vísceras e os intestinos de carneiro (ou bode). (FERREIRA, 2010, p. 118) Dicionários antigos da língua portuguesa: Bucho: o estômago, ou ventriculo dos animaes quadrupedes, e peixes, e aves. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 201, Tomo 1) Dicionário do folclore brasileiro: Comida à base de carne de cabrito, carneiro ou ovelha, cozida no bucho do animal. A carne e as entranhas são cortadas em pedaços pequenos, temperados com hortelã, cominho, alho, sal,</p>	

⁹³ Arredores de Tefé, Amazonas. BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas* (1850-1859). vol. II, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. 223-6Ficha: 7636/. Disponível: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

salsa, cebola roxa, tudo ralado. Depois de posto o recheio, o bucho é costurado e levado ao fogo por, no mínimo, cinco horas, tempo necessário para amaciar muito bem a carne. (CASCUDO, 2000, p. 80)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Buchada (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Leopoldina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

FICHA 49

Bule	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < malaio</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Recipiente com tampa, asa e bico em que se serve chá, café, etc, XVIII. Provavelmente do malaio <i>búli</i> ‘frasco’. (CUNHA, 2010, p. 105)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Recipiente com tampa, asa e bico, para servir chá, café, chocolate, etc. (FERREIRA, 2010, p. 119)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso, em que se lança água quente, e nella o chá para se extrair a tintura delle, que se bebe. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 202, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “<u>Bule</u> de prata com cabo preto.” (Inventário de Thomás Antônio de Gonzaga) (1789)⁹⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Bule (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ouro Branco

⁹⁴ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 308. Ficha: 25793. Disponível: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 50

Buquê	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Ramo de flores, aroma de certos vinhos. <i>Bouquet</i>, 1881, do francês <i>bouquet</i>. (CUNHA, 2010, p. 105) Dicionário atual da língua portuguesa: Mesmo que ramallete: pequeno molho de flores; ramo, buquê. (FERREIRA, 2010, p. 638)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Buquê (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Além Paraíba
Humano	Localidade	Além Paraíba, Santo Antônio do Aventureiro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	03

C**FICHA 51**

Cabaça	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < origem desconhecida ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vasilha, XV. De origem desconhecida, certamente pré-romana. (CUNHA, 2010, p. 106) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

Mesmo que porongo: cuia ou vaso feito com o fruto seco do porongo (trepadeira cucurbitácea de cujos frutos ocos, de casca dura, se fazem cuias e vasos. (FERREIRA, 2010, p. 599)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Especie de abobora, que tem a figura de pèra. / Vaso de vidro da feição da cabaça. / Pendente, ou pinjente de brincos da mesma forma. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 204, Tomo 1)

Dicionário do folclore brasileiro:

Fruto do cabaceiro, planta originária da África que se desenvolve muito bem no Brasil. De vários tamanhos e formatos, a cabaça, cortada ao meio e seca, substitui alguns utensílios domésticos: tigelas, pratos etc. As menores são as cuias, e as maiores, as cumbucas. Servem como medida e também para carregar as sementes durante o replantio do arroz, milho etc. Ou, então, para levar água. As cabacinhas menores são usadas para guardar mel, nata (para fazer manteiga), beber vinho ou água. (CASCUDO, 2000, p. 85)

Dicionário de arabisismos da língua portuguesa:

s. f. de *Kara'başşâşa*. “abóbora lustrosa” – fruto da aboboreira-cabaceira, muito lustroso, quando verde; recipiente para líquido obtido daquele fruto, uma vez seco e esvazia do da polpa; tipo de pera pereira. (ALVES, 2013, p. 337)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Cabaça de cobre, de fazer melado, que levará 6 barris.” (Inventário de Francisco Antônio de Oliveira Lopes) (1789)⁹⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cabaça (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Caldas, Caratinga
Humano	Fazenda	Caratinga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01
Vale do Rio Doce	02

FICHA 52

Caçamba	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Alcatruz, balde, XX. Do quimbundo <i>ki'samu</i>, com substituição do prefixo <i>ki-</i> pelo prefixo <i>ka-</i>, ambos diminutivos. (CUNHA, 2010, p. 109)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

⁹⁵ São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 237. Ficha: 7881/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

(*Brasileirismo*) 1. Balde preso a uma corda para tirar água dos poços. 2. Qualquer balde. 3. Estribo (1) em forma de chinela. (FERREIRA, 2010, p. 123)

Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro:

(Banto) 1. Balde preso numa corda para tirar água dos poços; qualquer balde; (por extensão) tipo de veículo usado para remoção de terra. Kimbundo *kisambu*, cesto grande. 2. Expressão “*como corda e caçamba*”, inseparável. (CASTRO, 2005, p. 185)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à casa abastada)

"No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha e o lavadouro [...]" (1857/1897)⁹⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caçamba (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Monte Alegre de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 53

Cachaça	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < origem controvertida ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: De <i>cacho</i>; vj. o glossário de C. B. N., s. v. século XIII: “Mays o mouro que mi creuer / A <i>cachaça</i> nen filha”, Pêro da Ponte, em C. B. N., N.º [1558]. (MACHADO, 1977, p. 15, v. II) Aguardente de cana-de-açúcar, 1711. De origem controvertida. (CUNHA, 2010, p. 109) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Aguardente obtida pela fermentação e destilação do mel, ou borras do melaço; aguardente, branquinha, birita, caninha, parati, pinga. [Tem muito mais de 100 sinônimos, gerais ou regionais]. 2. (<i>Brasileirismo, popular</i>). Qualquer bebida alcoólica; birita, óleo. 3. (<i>Brasileirismo, popular</i>). Preferência extremada, paixão. (FERREIRA, 2010, p. 124) Dicionários antigos da língua portuguesa: Vinho das borras. / No Brasil, aguardente do mel, ou borras do mellaço. (SILVA, 1789, p. 208)</p>	

⁹⁶ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. MACHADO DE ASSIS, J. Maria. Dom Casmurro (1857-1897). São Paulo, Editora Ática, 1974. p. 167. Ficha: 4/61/5971. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Dicionário do Folclore Brasileiro:

No linguajar popular, a cachaça tem muitos nomes: *pinga, caninha, aquela-que-matou-o-guarda, tira-teima, cobertor-de-pobre, forra-peito, suor-de-alambique, santinha, pé-de-briga, leite-de-moça* etc. Ela está em toda parte, nas reuniões de toda a casa brasileira; está presente nos rituais dos terreiros, nos despachos, nos candomblés, nas encruzilhadas. Está presente também bis *guardamentos*, isto é, nos velórios, quando se diz “beber o defunto”; costuma-se dizer que sem ela ninguém aguenta “guardar o defunto”. É tão importante para os apreciadores que, além de remédio para os pobres, serve também de “cobertor” no inverno e para “esfriar o calor no verão”. [...] Saint-Hilaire já podia, em 1819, dizer que a cachaça é a aguardente do país. Tornou-se nacional com os movimentos políticos em prol da independência. Bebida dos patriotas, recusando os vinhos estrangeiros, especialmente portugueses. A rua da Quitanda, na cidade de São Paulo, foi o Beco da Cachaça, e em 1867 havia uma *Rua da Cachaça* em São João Del Rei. Os grandes engenhos fabricavam açúcar e também cachaça, com a profusa, vasta e clandestina coadjuvação das engenhocas, sacudidas pela animação mercantil depois da abertura dos portos em 1808. Alguns engenhos dispensaram o açúcar porque aguardente era moeda aquisitiva de escravos africanos, indispensável, com os rolos de fumo, no processo das permutas. Parati era um centro produtor, tornando-se sinônimo da boa cachaça. A cachaça possui sinonímia infundável, e seus bebedores guardam ritos especiais para degustá-la, dependendo da ocasião e da pessoa, havendo fórmulas para convidar, beber, repetir, agradecer. [...] (CASCUDO, 2000, p. 91-92)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Aguardente feita com o mel ou borras do melaço, diferente da que fabricam com o caldo da cana, à qual chamam aguardente de cana ou caninha. // Etimologia: Aulete atribue a este vocábulo uma origem exclusivamente brasileira, entretanto que Moraes, citando a autoridade de Sá de Miranda, o dá como português, significando *vinho de borras*. Diz mais Aulete que também lhe chamam *tafiá*, o que não é exato quanto ao Brasil, onde esse termo, puramente francês, é completamente desconhecido do vulgo. // Observação: Na Bahia, e outras províncias do Norte, dão também o nome de *cachaça* à espuma grossa, que, na primeira fervura, se tira o suco da cana na caldeira, onde se alimpa, para passas às tachas, depois de bem depurado, e ajudado com decoada de cal ou cinza (Moraes). Esta espécie de cachaça é distribuída ao gado, e muito concorre para engorda-lo. / Figurado: Paixão dominante: A cultura das flores é a minha *cachaça*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 56)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"2 cascos de barris com 6 aros de ferro cada um. Barril cheio de cachaça. [...]" (1791)⁹⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cachaça (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Felixlândia, Nova Lima

Topônimo: Cachaça de Cima (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piranga
Humano	Fazenda	Piranga

⁹⁷ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 436, 441, 454-5, 458. Ficha: 24650. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Zona da Mata	02

FICHA 54

Cachimbo	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Aparelho para fumar, 1711. Provavelmente do quimbundo ki'sima 'poço'. (CUNHA, 2010, p. 109)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Aparelho para fumar, composto de forninho e um tubo. (FERREIRA, 2010, p. 124)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) Pipo de fumar. <i>(Ka)nzingu/ Kimb. (ka)nzimu.</i> (CASTRO, 2005, p. 186)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Vasozinho de barro cônico onde se põe o tabaco a arder; tem hum cano onde se embebe a extremidade de hum canudo, e a outra se mette na boca, do que cachimba, e por elle se sorve o fumo. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 209, Tomo 1)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Feito de madeira, osso, barro, é utilizado para fumar. Usual entre os indígenas. Os portugueses revelaram o cachimbo "brasiliense" aos espanhóis. Antes do português no Brasil, nenhum europeu fumou cachimbo no século XVI. O cachimbo tupi era o <i>petim-buáb</i>, dado <i>pitinguá</i> e <i>petibáu</i>. Também <i>canguera</i> ou <i>cangoeira</i>, de <i>acang</i>, osso: era o cachimbo tubular, por semelhar ao osso longo e oco. Fumar, em tupi, é <i>pitar</i>, do verbo <i>pitéra</i>, chupar. Decorrentemente, <i>pito</i> é cachimbo, e <i>piteira</i>, por onde se fuma ou chupa o tabaco: <i>petim</i>, <i>petun</i>, <i>pitim</i>, <i>betun</i>. Cachimbo é ainda <i>petibáu</i>, de <i>petim-mbáu</i>, canudo de tabaco, o tubo de fumar. (Luís da Câmara Cascudo, <i>Interlúdio do Fumo</i>, Jornal do Comércio, 27 de novembro, 1966, Rio de Janeiro). 2. Bebida feita com mel de abelhas e aguardente. "E bebia cachimbo, mistura de aguardente e mel de abelha dos cortiços pendurados no beiral do alpendre". (Graciliano Ramos, <i>Infância</i>, Rio de Janeiro, 1945). (CASCUDO, 2000, p. 92) <p>Dicionário da terra e da gente do Brasil:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Em Pernambuco, segundo Rodolfo Garcia, designa uma porção de terra, de forma prismática, destacada de uma barranca vertical por dois profundos talhes laterais e que nos desaterros se faz abater, solapando-a. Néilson de Sena escreve que, no Sul do país, este vocábulo é usado na mesma acepção nos cortes das estradas de ferro, e isto na gíria dos tarefeiros e trabalhadores. Assim também informa o P.e Geraldo Pauwells, de referência a Santa Catarina. 2. Alcinha que, em algumas zonas do Nordeste, dão aos soldados das polícias estaduais. [...] (SOUZA, 2004, p. 63) 	

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Um mascate, com uns restos de cachimbo ao canto da boca fumava [...]" (1877/1882)⁹⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cachimbo (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvinópolis, João Pinheiro, Januária, Santa Vitória, Araguari
Físico	Serra	Nova Lima
Humano	Fazenda	Alvinópolis, Varzelândia, Araguari
Humano	Localidade	Datas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	02
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 55

Cadeado	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de fechadura, XIII. Do latim <i>catēnātus</i> ‘ligado, preso com corrente’. (CUNHA, 2010, p. 111)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Fechadura portátil, cujo aro, móvel, se introduz em 2 argolas fixas às peças que se quer unir ou fechar. (FERREIRA, 2010, p. 125)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Obra de metal, que tem hum aro, ou argola móvel, a qual se fecha dentro do bojo do cadeado com molas, ou lingueta, e se abre com chave; serve de fechar arcas, portas, alçapões, e he levadiço. // Brincos das orelhas sem pinjentes. Diversos por isso das arrecadas; são a modo de arcos, que se fechão com huma só pedra. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 211, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Caixa com fechadura”. “Caixa com <u>cadeado</u>”.</p>	

⁹⁸ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vésper* (1877-1882). 10ª edição, São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973. p. 291. Ficha: 23124. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

(Inventário de Simão da Costa) (1611)⁹⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cadeado (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Madre de Deus de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01

FICHA 56

Caibros	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça de madeira de seção retangular, empregado em armações de telhados, soalhos etc. XV. De um latim *<i>capreu</i>, de <i>caprĕa</i> ‘espécie de cabra montês’. (CUNHA, 2010, p. 112)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. (<i>Construção</i>) Cada uma das peças de madeira longas e de seção retangular, que se dispõem paralelamente umas às outras, e nas quais podem se apoiar ripas mais finas, para constituírem estruturas de sustentação de telhados, assoalhos etc. 2. Cada uma das peças de carro de boi, entre as quais fica o meão. (AULETE DIGITAL)¹⁰⁰</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Peças de madeira, como barrotes, pregadas nos quatro cantos do tecto. (BLUTEAU; SILVA. 1789, p. 213, Tomo 1)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: (<i>Pernambuco, Alagoas</i>) um par de qualquer objeto, principalmente duas espigas de milho presas entre si, com a própria palha. Vinte e cinco caibros formam uma mão de milho (B. de Maceió). // Há em português o termo <i>Cambo</i> significando cambada, enfiada: Um <i>cambo</i> de pescado (Moraes). Será essa a origem do nosso vocábulo? Na Paraíba do Norte e Rio Grande do Norte, dão ao <i>Cãibro</i> o nome de <i>Atilho</i> (Meira). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 58-59)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

⁹⁹ São Paulo, São Paulo. INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. III (1603-1648), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1920. p. 39-40. Ficha: 20521/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

¹⁰⁰ <https://aulete.com.br/caibro>

“Todavia os Macunís, muito menos cuidadosos do que os portugueses, parecem pouco se importar em escolher caibros retos e iguais, e nem sequer se dão ao trabalho de esconder essas estacas com argila, limitando-se a obturar grosseiramente os buracos que ficam entre elas. Outras choças, ainda menos cuidadas, foram construídas sem barro, e os espaços vazios, que deixam entre si as varas cruzadas, são obturados por galhos de árvores ou folha de palmeira; há finalmente, entre essas desprezíveis habitações, umas que são simplesmente formadas por esteios verticais bastante próximos, e forrados de esteiras pela parte interna.” (1817)¹⁰¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caibros (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Paracatu

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01

FICHA 57

Caçara	Nº total de ocorrências no Estado: 44
<p>ORIGEM: português < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cerca tosca. <i>Caiçá</i> 1587, <i>caicara</i> c 1587, <i>caica</i> c 1596, <i>caissara</i> 1656 etc. Do tupi <i>kaai'as</i>. (CUNHA, 2010, p. 112)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Cerca feita de varas ou galhos. 2. Caipira do litoral paulista. (FERREIRA, 2010, p. 126)</p> <p>Dicionário tupi antigo: De <i>ka'aysá</i> – cerca rústica feita de galhos e ramos entrelaçados para defesa e proteção. (NAVARRO, 2013, p. 551)</p> <p>O tupi na geographia nacional: O queimador, o incendiario, o que faz queimar; o cercado, a trincheira ou pallisada, o curral. (SAMPAIO, 1901, p. 118)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Substantivo do gênero feminino, empregado pelos primeiros cronistas do Brasil, como Fr. Vicente do Salvador, no sentido de “cerca de rama”, feita de forquilhas e garranchos. Nas aldeias ou <i>tabas</i> dos indígenas era a estacada que envolvia externamente a povoação, espécie de trincheira feita de paus retirados das queimadas. Gabriel Soares fala em cerca de <i>caiçá</i>, que</p>	

¹⁰¹ Arredores de Minas Novas, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 209. Ficha: 13620/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

os selvagens construíam para se guardarem dos inimigos. Segundo Teodoro Sampaio *caiçá* é contração de *caiçara*. É palavra de origem tupi: *caa* – mato e *iça* – estaca, pau. Peregrino Júnior, no *Vocabulário* anexo à *Puçanga*, diz que *caiçara* ou *caissara* é cercado de madeira, à margem de um rio, para embarque de gado. “Compõe-se de duas partes: a *manga* e a *sala*. A *manga* é o corredor da *caiçara* por onde passam os bois da *sala* para a *gambarra* que é uma embarcação a vela, de dois mastros, para transporte de gado. A *sala* é a parte da *caiçara* onde permanece o gado”. Segundo informa A. Taunay em seu *Léxico de Lacunas*, em Goiás, *caiçara* é um recesso onde se embosca o caçador. No *Cancioneiro do Norte* de Rodrigues de Carvalho, encontramos esta palavra com a significação de *palhoça* (Pág. 20). (SOUZA, 2004, p. 66 – 67)

Dicionário do folclore brasileiro:

1. Pessoa natural do litoral de São Paulo. 2. No sul do país, malandro, vagabundo, cínico. Carlos Borges Schmidt, *Lavoura Caiçara*, Documentário da Vida Rural, Nº 14, CIA, Rio de Janeiro, 1958, estudou usos e costumes na zona *caiçara* paulista, litoral norte, notadamente na região de Ubatuba. (CASCUDO, 2000, p. 97)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caiçara (34)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Chapada	Morada Nova de Minas
Físico	Córrego	Capela Nova, Carbonita, Turmalina, Arinos, Bonfinópolis de Minas, Buritis, João Pinheiro, Fruta de Leite, Indaiabira, Rio Pardo de Minas, Salinas.
Físico	Riacho	Januária, Pedras de Maria da Cruz, Varzelândia.
Físico	Serra	Morada Nova de Minas
Humano	Fazenda	Três Marias, Joaquim Felício, Moema, Conselheiro Lafaiete, Formoso, Januária, Janaúba, Indaiabira, Rio Pardo de Minas, Salinas, Varzelândia, Jampruca, Nova Módica.
Humano	Localidade	Moema, Santana de Pirapama, Indaiabira, Carbonita.
Humano	Povoado	Rio Pardo de Minas

Topônimo: Caiçara Velha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carbonita, Turmalina
Físico	Lagoa	Turmalina

Topônimo: Caiçara, de Josias Pedro de Freitas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Moema

Topônimo: Caiçara, de Pedro Gustavinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Moema

Topônimo: Caiçaras (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jenipapo de Minas, Araçuaí, Unai

Físico	Rio	Francisco Sá
--------	-----	--------------

Topônimo: Caiçarinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Buenópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	22
Acidente humano	22
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Central Mineira	09
Jequitinhonha	08
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Noroeste de Minas	06
Norte de Minas	16
Vale do Rio Doce	02

FICHA 58

Caieira	Nº total de ocorrências no Estado: 12
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Fábrica de cal, 1813. Cal, do latim vulgar <i>calx</i> (clássico <i>calx</i> – <i>cis</i>). (CUNHA, 2010, p. 113) Dicionário atual da língua portuguesa: Forno onde se faz a cal. (FERREIRA, 2010, p. 126) Dicionários antigos da língua portuguesa: Fabrica de cal, ou forno, onde se calcinão as pedras, ou ostras de que se faz a cal para casas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 213, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caieira (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carangola, Bicas, Prata, Uberaba
Físico	Serra	Prata
Humano	Fazenda	Carangola, Campo Belo, Prata, Aguanil
Humano	Localidade	Formiga

Topônimo: Caieira Granel (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Caranaíba

Topônimo: Caieiras (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Mar de Espanha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	061
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Oeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	04
Zona da Mata	04

FICHA 59

Caixa	Nº total de ocorrências no Estado: 43
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Caixa: recipiente de madeira, papelão ou outro material, com faces geralmente retangulares ou quadradas, como uma arca, um estojo etc. <i>qajxa</i> XIV, <i>cajxa</i> XIV, <i>quaixa</i> XV. Provavelmente do catalão <i>caixa</i> ou do provençal <i>caissa</i>, derivado do latim <i>capsa</i> ‘caixa, cofre’. Caixão, ‘caixa grande’, XVI; ‘caixa para depositar os corpos dos mortos’ 1881. Caixeta, XVI. (CUNHA, 2010, p. 113)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Caixa: receptáculo de madeira, papelão, metal etc., com tampa ou sem ela, como um estojo, um cofre, etc. [...] Caixa-d’água: Reservatório de água. Caixão: 1. Caixa grande. 2. Caixa em que se levam os mortos ao túmulo; ataúde, féretro, esquife. Caixeta: (caixa + -eta) caixa pequena. (FERREIRA, 2010, p. 127)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Caxa: arca de madeira de ordinario sem fechadura, nem gonzos [...] / Tambor [...] / Moeda de Tidore do valor de 3 reis. [...] Caxão: aumentativo de caxa. Caxinha: diminutivo de caxa. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 250, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil:</p> <p>Caixão: termo da Amazônia, que apelida o leito menor do rio. (SOUZA, 2004, p. 69)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>“Caixa de moscóvia com duas fechaduras e chaves.”</p> <p>(Inventário de Cônego Luís Vieira da Silva)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caixa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ladainha

Topônimo: Caixa-d'água (17)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jeceaba, Conselheiro Lafaiete, Cajuri, Bicas, Rochedo de Minas, Bom Jardim de Minas, Frei Gaspar, Dom Joaquim, Taquaraçu de Minas,
Físico	Lagoa	Novo Cruzeiro
Físico	Ribeirão	Palma
Físico	Morro	Igaratinga, Jeceaba
Humano	Fazenda	Palma, Varginha
Humano	Localidade	Rochedo de Minas, Liberdade

Topônimo: Caixa Larga (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Fernandes Tourinho
Humano	Fazenda	Fernandes Tourinho
Humano	Povoado	Fernandes Tourinho, Engenheiro Caldas

Topônimo: Caixa Larga de Baixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Sobralia

Topônimo: Caixa Larga de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sobralia

Topônimo: Caixão (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Salinas, Bocaiúva, Divinópolis, Governador Valadares, Guapé, Novorizonte
Físico	Serra	Bocaiúva
Humano	Fazenda	Guapé
Humano	Sítio	Guapé

Topônimo: Caixão do Choro (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Curvelo
Físico	Corredeira	Pompéu
Humano	Localidade	Curvelo

Topônimo: Caixão Velho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capitão Enéias

Topônimo: Caixeta (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Guimarânia

Human	Fazenda	Guimarânia, Arcos
-------	---------	-------------------

Topônimo: Caixinha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bom Sucesso, Baependi

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	30
Acidente humano	13
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	03
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	05
Norte de Minas	05
Oeste de Minas	04
Sul / Sudoeste de Minas	07
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Vale do Mucuri	02
Vale do Rio Doce	07
Zona da Mata	06

FICHA 60

Calumbá	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Caldo de cana’. ‘(por extensão) o cocho por onde o calumbá escorre’, 1881. Do quimbundo <i>ka’lũa</i> ‘corcovado, jiboso’, com deslocamento da tônica. (CUNHA, 2010, p. 116)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> o sumo da cana depois de extraído. (AULETE DIGITAL)¹⁰²</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) Caldo de cana; o cocho por onde o caldo da cana escorre. Quicongo <i>(ka)mwamba</i>/ Quimbundo <i>Kalumba</i>. (CASTRO, 2005, p. 192)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Calumbá (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Crucilândia
Humano	Fazenda	Crucilândia

¹⁰² <https://aulete.com.br/calumbá>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	02

FICHA 61

Camarim	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Recinto onde os atores se preparam para a apresentação, 1751. Do castelhano <i>camarín</i>. (CUNHA, 2010, p. 117) Dicionário atual da língua portuguesa: Recinto dos teatros onde os atores se preparam. (FERREIRA, 2010, p. 130) Dicionários antigos da língua portuguesa: Gabinete [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 220)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Camarim (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diogo de Vasconcelos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 62

Camarinha	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Camarinha, XVI. De câmara, ‘quarto’, XIII. Do latim vulgar <i>camara</i> (clássico <i>camēra</i>), derivado do grego <i>kamára</i> ‘abóbada’, ‘quarto, compartimento’. (CUNHA, 2010, p. 117) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

1. Quarto de dormir. 2. Gotícula redonda. (FERREIRA, 2010, p. 130)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Camarina: diminutivo de camara [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 220, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Morada de casa de 2 lanços, com seu corredor e quintal, com 1 sala forrada e uma camarinha assobradada, de taipa de pilão, cobertas de telha.” (Inventário de Maria de Moraes) (1711)¹⁰³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Camarinha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Cruz de Salinas
Humano	Fazenda	Santa Cruz de Salinas
Humano	Localidade	Santa Cruz de Salinas

Topônimo: Camarinha, de Antônio G. da Cunha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Camarinha, de José B. V. Boas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Norte de Minas	03

FICHA 63

Cambota	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cambota, 1813. De ‘cambiar’, do latim <i>cambiare</i>, sem dúvida de um radical celta <i>camb-</i> ‘arqueado, curvo’ ‘alternado, trocado’. (CUNHA, 2010, p. 117) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. O mesmo que <i>camba</i> (parte de roda de veículo) 2. Molde ou suporte de madeira, em forma de arco de círculo, para a construção de arcos e abóbodas 3. Carp. Cons. Designação de certas</p>	

¹⁰³ São Paulo, São Paulo. INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. XXIV (1696-1729), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1921. p. 431. Ficha: 12412/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

peças, ger. de madeira, que têm forma arqueada, us. em trabalhos de carpintaria, construção etc. (AULETE DIGITAL)¹⁰⁴

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Páo com meia volta, com que se armão os tectos. / Peça de páo de que usão os armadores, faz hum arco que assenta horizontalmente no alto dos nichos, e altares, para talvez nascer della o sobreceo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 221, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cambota (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Brás Pires, Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo

Topônimo: Cambotinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santo Antônio do Amparo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01
Oeste de Minas	03

FICHA 64

Campanário	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Município criado pela lei Nº 2764, de 30 de dezembro de 1962, desmembrado do de Itambacuri. Situa-se entre os municípios de Itambacuri, Frei Gaspar, Pescador, Nova Módica e Frei Inocência, na Zona do Mucuri. O arraial primitivo denominava-se Igreja Nova e pertencia ao distrito de Itambacuri, município de Teófilo Otoni. Ao ser criado o município de Itambacuri pela lei Nº 843, de 7 de setembro de 1923, foi Igreja Nova, pelo mesmo ato, elevada a distrito do novo município. Em 1943, o decreto-lei Nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, mudou a denominação de Igreja Nova para Campanário. (BARBOSA, 1995, p. 70)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Campanário é forma divergente de <i>campa</i> ('sino'), do latim tardio <i>campāna</i>. <i>Canpanario</i> XV, <i>campanairo</i> XVII. (CUNHA, 2010, p. 118)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Parte da torre da igreja, onde estão os sinos. (FERREIRA, 2010, p. 131)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

¹⁰⁴ <https://aulete.com.br/cambota>

Especie de janella de torre em cujos lados se enfia o veio, ou eixo, sobre que se volve o sino. / A torre de sinos. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 222, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se a uma rica fazenda)

"A habitação ficava agradavelmente colocada [...] à direita, trinta ou quarenta casas cobertas de telhas cercavam um vasto pátio retangular, mais para o comprido. No meio erguia-se uma igrejinha com o seu campanário" (1827)¹⁰⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Campanário (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Município	Campanário

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 65

Canastra	Nº total de ocorrências no Estado: 15
<p>ORIGEM: português < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cesta larga e pouco alta, tecida de fasquias de madeira flexível, ou de verga, <i>-ta</i> XVI. Feminino de <i>canastro</i>. <i>Canastrão</i> ‘canastra grande’, 1842; ‘gíria ator medíocre’ XX. <i>Canastro</i> ‘canastra’ XVI. Do latim <i>*cannastrum</i>, por <i>canistrum</i>, derivado do grego <i>kánastron</i> ‘recipiente, vasilha’. (CUNHA, 2010, p. 120)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Canastra: caixa larga e pouco alta, de ripas de madeira, de verga, ou revestida de couro. Canastrão: 1. Canastra grande. 2. (<i>Brasileirismo. Gíria</i>) Ator medíocre. (FERREIRA, 2010, p. 132)</p> <p>1 Variedade de cesta quadrangular entretecida com ripas flexíveis de madeira; larga e pouco alta, pode ter tampa ou não. 2 B caixa ou maleta revestida de couro na qual se guardam roupas e pequenos objetos. 3 B parte posterior do tronco humano, acima da cintura e abaixo dos ombros; costas. 4 ZOOT; B raça de porcos. (HOUAISS DIGITAL)¹⁰⁶</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Especie de caixa tecida de varetas, e apáras de hum páo flexivel, com tampa do mesmo chata. / Destas algumas são encoiradas de pelle de cabelo. / <i>Canastras</i>, jogo que se faz entre quatro</p>	

¹⁰⁵ Arredores de Cáceres, Mato Grosso. FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). São Paulo, EDUSP/ Cultrix, 1977. p. 184. Ficha: 6189/ 6341. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

¹⁰⁶ Grande Dicionario Houaiss (uol.com.br)

peças com muita força, também he jogo de mininos,, *andar ás canastras*., *Eufr.* 5., jogar esse jogo, montando nas costas huns dos outros. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 224, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Costumam caçar estas cobras não somente por causa da pele, que curtem para empregar como cobertas impermeáveis para canastra, alforjes e mantas para cavalos [...]" (1814/1815)¹⁰⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Canastra (13)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Senador Modestino Golçalves
Físico	Ribeirão	Brasília de Minas, Botumirim
Físico	Serra	Botumirim, São Roque de Minas, Patos de Minas
Humano	Fazenda	Senador Modestino Gonçalves, Caratinga, Ubaporanga

Topônimo: Canastrão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	São Gonçalo do Abaeté

Topônimo: Canastrinha do meio (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Senador Modestino Golçalves

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	10
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	03
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	05
Oeste de Minas	02
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	02

FICHA 66

Cancela	Nº total de ocorrências no Estado: 17
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p>	

¹⁰⁷ Minas Gerais

FREIREYSS, G. Wilhelm. *Viagem ao Interior do Brasil nos Anos de 1814-1815*. vol. XI, São Paulo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1906. p. 183

Ficha: 20952/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Dicionário etimológico da língua portuguesa:

Cancelo: grade nobre nas portas de audiência dos juízes, tribunais etc. -llo 1844. Do latim *cancellus* -ī. **Cancela** ‘porteira’ -lla XVI. (CUNHA, 2010, p. 120)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Porta gradeada, geralmente de madeira e de pouca altura. 2. Armação metálica que abre e fecha ao trânsito a passagem de nível. (FERREIRA, 2010, p. 133)

1. Portão gradeado, ger. de madeira, à entrada de propriedades rurais; PORTEIRA

2. Barreira móvel (ger. uma ou duas barras colocadas transversalmente a uma estrada etc., na altura dos veículos, e que podem ser erguidas e baixadas) instalada em passagens de nível, postos de pedágio, acessos a estacionamentos etc. (AULETE DIGITAL)¹⁰⁸

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Cancela: porta de grades de páo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 224, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à casa de um sítio modesto)

"A janela [...] era de tacaniça [...] daí não se enxergava a frente da casa, nem a rua de cafezeiros e abacates que ia dar à cancela da entrada [...]" (1871)¹⁰⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cancela (11)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Prados, Juramento, Grão Mongol, Itacambira, Rio Pomba.
Humano	Fazenda	Curral de Dentro, Campina Verde, São Francisco de Sales.
Humano	Localidade	Juramento, Itacambira, Rio pomba.

Topônimo: Cancela da Companhia Vale do Rio Doce (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Grão Mongol

Topônimo: Cancela Preta (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Frei Gaspar
Humano	Povoado	Frei Gaspar

Topônimo: Cancelão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Comercinho

Topônimo: Cancelinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Esmeraldas

Topônimo: Cancelinha de Baixo (01)		
------------------------------------	--	--

¹⁰⁸ <https://aulete.com.br/cancela>

¹⁰⁹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro* (1871). t. I, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1872. p. 77. Ficha: 11959/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Esmeraldas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	09
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Norte de Minas	07
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Vale do Mucuri	02
Zona da Mata	02

FICHA 67

Candeia	Nº total de ocorrências no Estado: 17
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: No século XVIII surgiu a capela de N. Sr.^a. das Candeias, cujo povoamento mais intenso foi verificado no último quartel de tal século. Dessa forma, conforme apresenta Barbosa (1995, p. 75), o distrito de Nossa Senhora das Candeias foi criado em 1836, por meio da lei Nº 50, e a freguesia foi estabelecida em 1866 (2/01/1866) pela lei Nº 1274. O decreto lei Nº 148 (17/12/1938) criou o município que seguiu figurando como Candeias, desmembrado, pois, de Campo Belo.</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ ‘vela de cera’, XVI, candeia, XIII. Do latim <i>candēla</i>. (CUNHA, 2010, p. 120)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Pequeno aparelho de iluminação, que se suspende por um prego, com recipiente de lata ou de outro material, abastecido com óleo, e no qual se embebe uma torcida; candela. (FERREIRA, 2010, p. 133)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso de metal para luz [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 224 Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se ao pouso em uma estalagem) "Chegamos, pelas quatro horas da tarde, a Ressaquinha, lugar miserável [...]. Sentei-me, meditando na absoluta miserabilidade das coisas que me rodeavam; uma <u>candeia</u>, suspensa sobre as nossas cabeças, derramava clarão sombrio no quarto [...]"(1809)¹¹⁰</p>	

¹¹⁰ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil* (1807-1810). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1978. p. 117. Ficha: 18119. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Candeia (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jacuí
Físico	Serra	Carmo do Rio Claro
Humano	Fazenda	Jacuí

Topônimo: Candeias (14)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Salinas, Bocaiúva, Arapuá, Fortaleza de Minas, Santa Cruz de Salinas, Vargem Grande do Rio Pardo
Físico	Serra	Candeias
Humano	Fazenda	Candeias, Rio Paranaíba, São Vicente de Minas
Humano	Localidade	Santa Cruz de Salinas, Cataguases
Humano	Cidade	Candeias

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	10
Acidente humano	07
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Norte de Minas	05
Oeste de Minas	03
Sul / Sudoeste de Minas	05
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Zona da Mata	01

FICHA 68

Canga	Nº total de ocorrências no Estado: 16
<p>ORIGEM: português < origem controversa</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Canga (1): ‘antiga armação de paus para se colocar sobre os tetos de palha’ XIV, ‘peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado’ 1813. Provavelmente do celta *<i>cambīca</i> ‘madeira curva’, de <i>cambus</i> ‘curvo’. Cangalha 1813.</p> <p>Canga (2): antigo instrumento de suplício chinês’ XVII. Talvez do chinês <i>kang-kia</i> ‘trazer a canga’ ou do anamita <i>gong</i>; em qualquer das hipóteses, o vocábulo português teria sofrido influência de <i>canga</i> (1). (CUNHA, 2010, p. 121)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Canga (1): peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado, jugo.</p> <p>Canga (2): Retângulo de certo tecido de algodão, etc., usado como saída de praia. (FERREIRA, 2010, p. 134)</p>	

Cangalha: (Canga + -alha) Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para cada lado. (FERREIRA, 2010, p. 134)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Canga: O jugo, com que se jungem os bois para a lavoira. / Varas, de que os mariolas usam para levar suspensas no meio as cargas como caixas, pipas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 226, Tomo 1)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Canga: Crosta ferruginosa produzida pela oxidação dos minerais de ferro expostos na superfície [...] (SOUZA, 2004, p. 80).

Arquivo Ernani Silva Bruno:

Canga: À extremidade da peça principal, oposta a em que fica a relha, liga-se a canga de uma junta de bois, de modo que a relha fica na direção dos animais. O lavrador conduz os bois com uma vara em uma das mãos, enquanto a outra dirige a charrua com o auxílio de um cabo constituído por um pequeno bastão fincado verticalmente, acima da relha, na peça principal." (1821)¹¹¹

Cangalha: "A carga de cada animal costuma ser de 250 a 300 libras e é arrumada dos lados, sobre uma cangalha forrada com capim." (1814-1815)¹¹²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Canga (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Virginópolis, Santana do Jacaré
Humano	Fazenda	Alvinópolis, Catas Altas, Santa Bárbara, Passos

Topônimo: Cangalha (09)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Guarda-Mor, Aiuruoca, Ipiaçu, Itambacuri
Físico	Ribeirão	Unai
Físico	Morro	Aiuruoca
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá, Aiuruoca
Humano	Localidade	Rio Pomba

Topônimo: Cangalha de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Aiuruoca

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	08
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

¹¹¹ Território das Missões, Rio Grande do Sul. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1974. p. 157. Ficha: 7406/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

¹¹² Minas Gerais / Rio de Janeiro. FREIREYSS, G. Wilhelm. *Viagem ao Interior do Brasil nos Anos de 1814-1815*. vol. XI, São Paulo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1906. p. 164. Ficha: 16973. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Metropolitana de Belo Horizonte	03
Noroeste de Minas	02
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	05
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	01

FICHA 69

Canivete	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < catalão < frâncico ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pequena faca de lâmina movediça e que fecha sobre o cabo. <i>-niuete</i> XIV. Do antigo catalão ou antigo gascão <i>canivet</i>, derivado do frâncico <i>knif</i>. (CUNHA, 2010, p. 122) Dicionário atual da língua portuguesa: Pequena faca cuja lâmina, móvel, se encaixa no cabo. (FERREIRA, 2010, p. 134) Dicionários antigos da língua portuguesa: Navalha de aparar penas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 226, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: "[...] o moço conservava a direita metida no peito do colete, pretextando um talho que dera com o <u>canivete</u> ao aparar uma pena." (1850/1871)¹¹³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Canivete (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Barra Longa, Santos Dumont, Mantena, São João do Manteninha
Humano	Fazenda	Santo Antônio do Jacinto
Humano	Localidade	Santos Dumont, São João do Manteninha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Vale do Rio Doce	03
Zona da Mata	03

¹¹³ Vale do Rio Paraíba, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê* (1850-1871). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. p. 74. Ficha: 28207. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 70

Canoa	Nº total de ocorrências no Estado: 90
<p>ORIGEM: português < castelhano < aruaque</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Embarcação sem quilha, formada de um casco. XVI. Do castelhano <i>canoa</i>, derivado do aruaque. (CUNHA, 2010, p. 122)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Embarcação sem quilha, formada de um casco. (FERREIRA, 2010, p. 135)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Embarcação sutil de huma só peça de madeira cavada. (SILVA, 1789, p. 227)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Termo garimpeiro das lavras baianas, designativo de canal feito no terreno para atirar o cascalho, e por meio de enxadas, com água, separá-lo das terras e grumos aderentes. Empregou-o Alberto Rabelo à pág. 49 dos seus <i>Contos do Norte</i>.</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: (Minas Gerais) nome que, nos trabalhos de mineração do ouro, dão a condutos abertos, cujo comprimento total é, pouco mais ou menos, de 10 a 13 metros, com largura de 66 centímetros. Estes condutos, além de mui inclinados, são divididos em três ou quatro porções chamadas <i>Bolinetes</i>, formados por três táboas de que uma daz o fundo e as outras duas os lados (Saint-Hilaire). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 68)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Manifestei ao comandante [...] o prazer que teria de navegar pelo Jequitinhonha, e ele me satisfez esse desejo [...] A imensa <u>canoa</u> em que embarcamos [...] tinha sido cavada em um tronco de árvore cuja casca fora retirada." (1817)¹¹⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Canoa (26)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Luz, Martinho Campos, Berilo, José Gonçalves de Minas, Buritizeiro, Carlos Chagas, São Francisco do Glória, Lima Duarte, Nova Serrana, Ituiutaba, Araguari, Serra do Salitre.
Físico	Serra	Carmópolis de Minas, Cláudio
Humano	Fazenda	São Tiago, Martinho Campos, Ferros, Janaúba, Senhora de Oliveira, Patrocínio de Muriaé, Ibituruna, São Francisco de Paula, Ituitaba, Araguari, Campanha.
Humano	Localidade	Senhora de Oliveira

Topônimo: Canoa de Ludgero Ferreira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Catas Altas

¹¹⁴ Arredores de Jequitinhonha, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 263
Ficha: 16898. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Topônimo: Canoa, de Geraldo P. Fiúza (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Luz

Topônimo: Canoão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Conceição da Aparecida

Topônimo: Canoas (53)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Serra da Saudade, Capelinha, Almenara, Cordisburgo, Santana de Pirapama, Lagoa Santa, Bonfim, Rubelita, Leopoldina, Cláudio, Perdigão, Santo Antônio do Monte, Poço Fundo, Carbonita, Rubim, Carmo do Rio Claro.
Físico	Chapadão das	Comendador Gomes, Itapegipe
Físico	Riacho	Campo Azul, Ubaí
Físico	Ribeirão	João Pinheiro, São Gonçalo do Abaeté, Bocaiúva, Guaraciama, Tapira, Ibiraci.
Físico	Rio	Francisco Sá, Juramento, Montes Claros, Claraval, Arceburgo, Guaranésia
Humano	Fazenda	Luz, Carbonita, Cordisburgo, Maravilhas, Ubaí, Lima Duarte, Rio Preto, Córrego Danta, São Roque de Minas, Cláudio, Perdigão, Santo Antônio do Monte, Tapira.
Humano	Localidade	Ritópolis, Bocaiúva, Guaraciama, Brás Pires, Senhora de Oliveira, Leopoldina.
Humano	Povoado	Jequitibá

Topônimo: Canoas, de Alaor C. Fiúza (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Canoas, de Altivo P. Fiúza (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá

Topônimo: Canoas, de Francisco Luiz (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Canoas, de João A. da Costa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Canoas, de Miguel Araújo (01)		
--	--	--

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Canoas, de Nestor Mendes (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Canoas, de Pedro A. Cordeiro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Canoinha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Conceição do Pará
Humano	Fazenda	Conceição do Pará

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	49
Acidente humano	41
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Central Mineira	14
Jequitinhonha	07
Metropolitana de Belo Horizonte	09
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	13
Oeste de Minas	15
Sul / Sudoeste de Minas	08
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	09
Vale do Mucuri	01
Zona da Mata	10

FICHA 71

Capacete	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < castelhano < catalão</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Armadura de copa oval, para a cabeça, XVI. Do castelhano <i>capacete</i>, derivado do catalão <i>cabasset</i>. (CUNHA, 2010, p. 1230)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

Armadura de copa oval, para a cabeça. (FERREIRA, 2010, p. 136)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Arma defensiva da cabeça. / *Capacete*, ou *tejadilho do moinho*, o tecto, que o cobre, (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 228, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“*Capacete de couro liso sem prata*” (Inventário de Joaquim José da Silva Xavier) (1789)¹¹⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Capacete (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cedro do Abaeté
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté
Humano	Localidade	Cedro do Abaeté

Topônimo: Capacete, Antônio M. Morato (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

Topônimo: Capacete, de Antônio C. de Andrade (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

Topônimo: Capacete, de João A. de Andrade (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

Topônimo: Capacete, de Silvério T. Silva (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	06
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	07

¹¹⁵ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 321. Ficha: 9770. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 72

Capelo	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Capacete de armadura, XIII. Do latim vulgar <i>cappëllus</i>. (CUNHA, 2010, p. 124) Dicionário atual da língua portuguesa: Capelo (1): 1. Capuz de frades. 2. Antiga touca de viúvas e freiras. 3. Espécie de murça usada por doutores em certas solenidades. Capelo (2): Chapéu cardinalício. (FERREIRA, 2010, p. 136) Dicionários antigos da língua portuguesa: A parte do habito de alguns religiosos, com que cobrem o pescoço, e cabeça. / <i>Capello de viúvas</i>, e <i>outras mulheres</i>, he especie de touca, com bico, ou sem elle, que lhes cobre a cabeça, e parte da testa. / Insignia de doutro, que eles lanção ao collo, e cobre parte dos peitos, em acções, e funcções academicas. / <i>Capello</i>, armadura antiga, que defendia a cabeça. Nobiliar, pag. 313. / <i>Capello da tenda de guerra</i>, o sobreceo, ou coberta. <i>Pinto Per.</i> 2. 22. / <i>Capello de Cardeal</i>, o chapeo distinctivo de que usão. / e figurado. A dignidade cardinalicia. / <i>Capello</i> se toma, por reprehensão. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 229, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] Véstia de assentar com seu <u>capelo</u> e gibão [...]” (1651)¹¹⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Capelo (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Araguari
Humano	Fazenda	Cristais, Araguari

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

¹¹⁶ Santana de Parnaíba, São Paulo. INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. XLIV (1620-1655), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1977. p. 185. Ficha: 27761. Disponível: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 73

Capote	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Capote (cap + -ote), de ‘capa’. Casacão, XVII. Do francês <i>capot</i>. (CUNHA, 2010, p. 123) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Casacão militar. 2. Peça de vestuário, semelhante ao casaco. (FERREIRA, 2010, p. 137) Dicionários antigos da língua portuguesa: Espécie de manto, que cobre os homens do pescoço até ao calcanhar, ou mais curto, de fralda larga, com cabeção. / Fig. Disfarce, capa, veo, embuço. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 231, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] 2 pares de meias de seda pretas. Par de sapatos pretos, com suas fivelas de luto. <u>Capote</u> de baetão de riscas pintado.” (Inventário Cláudio Manoel da Costa) (1789)¹¹⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Capote (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carandaí
Físico	Serra	Taquaraçu de Minas
Humano	Fazenda	Carandaí, Curvelo, Piranguinho

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Central Mineira	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 74

Carapuça	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

¹¹⁷ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 265-7, 269, 273-4. Ficha: 27846/27846-a. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

‘Barrete cônico’, ‘qualquer objeto semelhante a esse’, XV. Do castelhano *caperuza*. (CUNHA, 2010, p. 127)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Barrete cônico. (FERREIRA, 2010, p. 139)

1 Barrete ou gorro de forma cônica ou semiesférica; carapuço, garruço. 2 p.ext. qualquer objeto semelhante a esse. 3 (1909) B ferramenta com que os calafates trabalham nas cavilhas de madeira, evitando que se rachem. 4 fig. alusão indireta, freq. crítica e/ou pérfida. 5 P; infrm. logro, embuste. 6 MAR forro de metal ou lona com que se cobrem os chicotes (no sentido de 'extremidades') das enxárcias, estais etc. para preservá-los da chuva. 7 TEAT; B; infrm. papel especialmente escrito para um ator. (HOUAISS DIGITAL)¹¹⁸

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Peça de cobrir a cabeça feita de ponto de meia, panno, coiro, pontiaguda. / *As carapuças de rebuço* tem aba, que cai sobre os olhos, e outras, que fechão por baixo do nariz de forte, que he difficil conhecer quem a leva. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 232, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Por uma carapuça de seda, quatro ou cinco oitavas. Por uma carapuça de pano forrada de seda, cinco oitavas.” (1703)¹¹⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carapuça (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Unaí, Capitólio, São João Batista do Glória
Físico	Morro	Estiva
Físico	Pedra	Passa Vinte
Físico	Serra	Estiva
Humano	Fazenda	Cristiano Ottoni, Passa Vinte

Topônimo: Carapuças (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bambuí
Humano	Fazenda	Bambuí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	07
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Noroeste de Minas	01
Oeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	06

¹¹⁸ [Grande Dicionário Houaiss \(uol.com.br\)](http://www.uol.com.br/grande-dicionario-houaiss/)

¹¹⁹ Minas Gerais. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232-3. Ficha: 27838. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 75

Caravelas	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do italiano <i>caravèlla</i>, “nave a vela leggera e veloce usata nem XIII século. dai Genovesi (cfr. lat. medioev. <i>caravala</i>, a. 1230; <i>caravalle</i>, a. 1284, a Genova) e successivamente da Portoghesi e Spagnoli (XV-XVI sèc.)...” segundo D. E. I.”, s. v. (MACHADO, 1977, p. 71, v. II) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Embarcação de pequeno calado, de velas latinas, muito utilizada nos séc. XV e XVI pelos portugueses e espanhóis nas viagens de descobrimento 2. Antiga moeda de 12 vinténs 3. Fig. Qualquer moeda pequena de prata, que se dava de gorjeta 4. Fig. Gorjeta, gratificação 5. Zool. Denom. comum aos cnidários hidrozoários do gên. <i>Physalia</i>, animal marinho que vive em colônias, formadas por um indivíduo medusoide, em águas quentes, que funciona como um flutuador. 6. Zool. O mesmo que <i>água-viva</i>. 7. Fig. Mulher extremamente magra. [F.: <i>cáravo</i> ('embarcação moura') + <i>-ela</i>.] (AULETE DIGITAL)¹²⁰ Dicionários antigos da língua portuguesa: Embarcação de velas latinas, de duzentas toneladas ordinariamente. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 233, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caravelas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Campanário

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 76

Carimã	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Farinha de mandioca, seca e fina. 1587, carimã c 1594 etc. Do tupi <i>kari'mã</i>. (CUNHA, 2010, p. 128)</p>	

¹²⁰ <https://aulete.com.br/caravela>

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Farinha de mandioca seca muito fina 2. PA Cul. Mingau sem leite, preparado com essa farinha finíssima, água e açúcar, ger. dado às crianças bem pequenas 3. Cul. Bolo feito com essa farinha fina 4. Cul. Bolo que se deixa secar ao sol, feito com a massa azeda da mandioca mole 5. Praga que ataca as plantações de algodão. a2g. 6. Diz-se de gado bovino cuja pelagem tem coloração branca e ferruginosa [F.: Do tupi *kari'mã* 'farinha de mandioca] (AULETE DIGITAL)¹²¹

Dicionários antigos da língua portuguesa:

A mandioca depois que entrou em fermentação acida, feita á imitação do qual se fizerão outros na Europa. Arte de cozinha pag. 101. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 235, Tomo 1)

Dicionário do folclore brasileiro:

Bolo preparado com massa grossa de mandioca, em forma de discos achatados, secos ao sol. Utilizado no preparo de papas e mingaus. Segundo Gabriel Soares de Sousa, já era popular no século XVI. (CASCUDO, 2000, p. 113)

O tupi na geographia nacional:

Massa da mandioca puba. (SAMPAIO, 1901, p. 120)

Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil:

De *Karimã*, massa de mandioca-puba. (NAVARRO, 2013, p. 555)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Pois ainda se fazem mais transformações dela, a qual é que, depois da mandioca estar podre n'água, pelo modo que tenho mostrado, porque a que está desta maneira se chama mandioca puba, lhe tiram a casca, e a põem no fumeiro, d'onde, depois de estar curada e seca, se chama carimã, e se faz dela uma excelente farinha [...]" (1618)¹²²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carimã (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Unai

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01

FICHA 77

Carimbo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
ORIGEM: africano < banto ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:	

¹²¹ <https://aulete.com.br/carima>

¹²² Nordeste. GANDAVO, Pero de Magalhães. *Diálogos das Grandezas do Brasil* (1618). Introdução de Capistrano de Abreu, Notas de Rodolpho Garcia, Rio de Janeiro, Oficina Industrial Gráfica, 1930. p. 178
 Ficha: 18652. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Instrumento com que se marcam a tinta papéis de uso oficial ou particular, 1844. Do quimbundo *ka'rimu*, de *ka* (pref. dim.) + '*rimu* 'marca'. (CUNHA, 2010, p. 128)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Instrumento de metal ou madeira, com uma base de borracha contendo letras ou figuras em relevo, que são molhadas com tinta para marcar documentos ou papéis; SELO; SINETE 2. As marcas feitas por esse instrumento. 3. Bras. N Marca feita a fogo numa rês, para identificar seu proprietário. [F.: Do quimbundo *ka'rimbu*.] (AULETE DIGITAL)¹²³

Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro:

(Banto) selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos. Quicongo / Quimbundo / Umbundo *ka-,kindimbu*, marca. (CASTRO, 2005, p. 203)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carimbo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

FICHA 78

Carne-seca	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Ssing + ADJsing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Carne: 'tecido muscular, animal ou humano' 'o corpo, a matéria, em oposição ao espírito, à alma' XIII. Do latim <i>caro carnis</i>. (CUNHA, 2010, p. 129) Seco: desprovido de umidade ou de líquido, enxuto XIII. Do latim <i>siccus -a -um</i>. (CUNHA, 2010, p. 585) Dicionário atual da língua portuguesa: Carne-seca: 1. Bras. O mesmo que <i>charque</i>. (AULETE DIGITAL)¹²⁴ Charque: 1. Carne de gado bovino salgada e aberta em mantas; CARNE-SECA; JABÁ; CARNE-DO-CEARÁ 2. P.ext. Prato ou iguaria preparados com essa carne (AULETE DIGITAL)¹²⁵ Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

¹²³ <https://aulete.com.br/carimbo>

¹²⁴ <https://aulete.com.br/carne-seca>

¹²⁵ <https://aulete.com.br/charque>

Substancia molle, sanguinea, fibrosa, que está entre a pèlle, e os ossos dos animaes, músculo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 136, Tomo q)

Dicionário do folclore brasileiro:

Câmara Cascudo remete ao verbete *carne-do-ceará* que significa: Também chamada de charque ou jabá. Do século XVII em diante, foi indústria comum na região das salinas do Rio Grande do Norte e Ceará. A carne de boi, aberta em mantas e posta em salmoura, secava ao sol, sendo vendida para todo o Norte. Em 1746 era abundante a exportação de carne-seca do Ceará. O vocábulo “charque” é quíchua (*ch'arqui*). (CASCUDO, 2000, p. 117)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Farinha, arroz, feijão são geralmente das piores qualidades. Carne seca, de que, conforme o prospecto, cada pessoa devia receber 16 libras por mês, ainda não recebemos nenhuma; de açúcar e café também só temos recebido meia libra. O fornecimento de farinha e feijão é muito irregular [...]. (1859)¹²⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carne-seca (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Aricanduva, Capelinha, Turmalina, Veredinha
Físico	Lagoa	Capelinha, Turmalina
Humano	Fazenda	Buritis
Humano	Localidade	Veredinha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	07
Noroeste de Minas	01

FICHA 79

Carro	Nº total de ocorrências no Estado: 42
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Carro: veículo de transporte terrestre, XIII. Do latim carrus. Carreto: ‘frete’, 1844. (CUNHA, 2010, p. 131) Dicionário atual da língua portuguesa: Carro: veículo de rodas para transportar pessoas ou carga. (FERREIRA, 2010, p. 144) Carretão: Ant. Condutor de carro ou carroça; CARRETEIRO; CARROCEIRO 2. Veículo que transporta vagões de uma via férrea a outra, percorrendo uma via paralela. 3. Carro de duas rodas, extremamente resistente, us. para transporte de toras de madeira: "E os bois de cá</p>	

¹²⁶ Teófilo Otoni, Minas Gerais. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859*. vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 217-8. Ficha: 2148/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

espiam os bois do carretão" (Guimarães Rosa, "*Conversa de bois*" in *Sagara na*) 4. Máquina rudimentar us. no beneficiamento do café. 5. MG Zool. Pássaro da fam. dos traupídeos (*Compsothraupis loricata*), que ocorre no nordeste e no Brasil central, de cor negro-azulada; o macho possui uma mancha vermelha no meio da garganta. (AULETE DIGITAL)¹²⁷

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Carro: instrumento de carregar, consta de rodas, leito, apeiro, etc. he tirado por bois, ou cavallos. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 239, Tomo 1)

Carreto: que vive de fazer carretos com carro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 239, Tomo 1)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Carretão: Registrado por Afonso Taunay no *Léxico de Lacunas*, designativo de máquina primitiva para o beneficiamento do café. (SOUZA, 2004, p. 93)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

Carro: (Referindo-se aos habitantes da Fazenda Itamonhec)

"Assim como uma família, viajando de carro no Rio Grande, gosta de ver diante de si muitos cavalos ou bois, para exhibir certa riqueza, assim também uma tropa de escravos, sobretudo de escravas e até muitas vezes com vestidos de cetim preto e corrente de ouro em volta do pescoço, nas regiões onde predomina o trabalho escravo, serve como reclama de abundância." (1859)¹²⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carrão (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Biquinhas, Patos de Minas, Tiros

Topônimo: Carrinho (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ibiá
Físico	Serra	Braúnas
Humano	Fazenda	Amparo da Serra

Topônimo: Carro (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Delfinópolis
Físico	Riacho	Gameleiras, Jaíba

Topônimo: Carro Azul (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Itambé do Mato Dentro

Topônimo: Carro Brejo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹²⁷ <https://aulete.com.br/carretão>

¹²⁸ Floresta do Rio Mucuri, Minas Gerais. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859*. vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 194. Ficha: 27381/28692. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Riacho	Monte Azul
--------	--------	------------

Topônimo: Carro Quebrado (09)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Diamantina, Presidente Kubstichek, Itaguara, Formoso, Pitangui
Humano	Fazenda	Paraopeba, Pitangui, Varginha

Topônimo: Carros (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Simonésia
Físico	Morro	Felixlândia
Humano	Fazenda	Nova Resende

Topônimo: Carretão (18)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São Tiago, Esmeraldas, Salinas, Santa Cruz de Salinas, Bocaiúva, Carmo da Mata, Aiuruoca, Itapegipe, Liberdade
Físico	Ribeirão	Bom Jesus do Amparo
Humano	Fazenda	Resende Costa, Buenópolis, Perdizes, Carmo da Cachoeira, Silvianópolis
Humano	Localidade	Cachoeira do Pajeú, Santa Cruz de Salinas, Bocaiúva

Topônimo: Carretão do Machado (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Bom Jesus do Amparo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	28
Acidente humano	14
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Central Mineira	04
Jequitinhonha	03
Metropolitana de Belo Horizonte	08
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	08
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	07
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	05
Vale do Rio Doce	01
Zona da Mata	02

FICHA 80

Carumbé	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de vasilha para o transporte de minérios; espécie de tartaruga, cuja carapaça serve de vasilha, 1884. Do tupi *karu'me. (CUNHA, 2010, p. 132) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Espécie de gamela em que os garimpeiros lavam o cascalho. 2. Bras. Amaz. Zool. O macho do jabuti. (AULETE DIGITAL)¹²⁹ Dicionário tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: Da língua geral setentrional, o macho do jabuti, <i>jabuti-carumbé</i>. (NAVARRO, 2013, p. 556)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Carumbé (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Desterro do Melo, Juatuba, Brás Pires, Senhora de Oliveira

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Zona da Mata	02

FICHA 81

Casaca	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Originalmente vestimenta militar’, ‘(por extensão) peça do vestuário masculino’, ‘traje de cerimônia’, 1544. Do francês <i>casaque</i>, de origem incerta. Das hipóteses aventadas, a que parece mais provável é a que relaciona o francês <i>casaque</i> com <i>cosaque</i>, de origem remota turca. (CUNHA, 2010, p. 133) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça de vestuário masculino de cerimônia, curta na frente e com abas longas atrás. (FERREIRA, 2010, p. 146) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

¹²⁹ <https://aulete.com.br/carumbé>

Vestidura, que hoje se traz por cima da veste, com botões nas mangas, portinholas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 241, Tomo 1)

Dicionário do folclore brasileiro:

Cassaca, canzá, ganzá, canzaca, também conhecido, em certas localidades, pelo nome de reco-reco. Instrumento musical usado nas bandas de congo em quase todos os recantos do estado do Espírito Santo. É um cilindro de pau, escavado na parte superior, coberto por uma tala de bambu ou taquara dentada. A escavação serve de caixa de ressonância. Via de regra se esculpe, na extremidade de cima, uma cabeça. No lugar dos olhos costuma-se colocar tentos (sementes vermelho-pretas) ou rodela de chumbo. Tamanho variável, em média 60 centímetros. Sobre a parte dentada *rascam* uma vareta – é o reco-reco. (CASCUDO, 2000, p. 120-121)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Registrando este termo em seu *Dicionário Pernambucano*, Pereira da Costa escreve: “homem de condição civil, assim chamado para distinguir do militar”. No Piauí *casaca* significa *tabaréu, matuto*. Pereira da Costa registra *casaca-de-couro* – o sertanejo, em alusão às suas vestes de serviço feitas de couro. Em S. Paulo *casa-de-ferro* é o servente dos circos (Sud Mennucci). (SOUZA, 2004, p. 94)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

(*Piauí*) o mesmo que *Caipira*. // Etimologia: tem sua origem no uso que fazem os camponeses da *casaca de couro* ou antes *gibão* de que se vestem, para percorrerem as brenhas em procura do gado. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 79)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Por uma casaca de baeta ordinária, doze oitavas. Por uma casaca de pano fino, vinte oitavas. Por uma veste de seda, dezesseis oitavas [...]” (1703)¹³⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Casaca (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Delfinópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 82

Catraia	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pequeno barco tripulado por um homem, XVIII. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 137)</p>	

¹³⁰ Minas Gerais. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232-3. Ficha: 27838. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Dicionário atual da língua portuguesa:
Pequeno barco para uma pessoa. (FERREIRA, 2010, p. 149)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Catraia (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Buenópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 83

Cavaco	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cavaco (1): estilha ou lasca de madeira, XVI. Cavaco (2): (popular) bate-papo, XX. De ‘cava’: fosso, XIII. Do latim <i>cava</i> (de <i>cavus</i>). (CUNHA, 2010, p. 138) Dicionário atual da língua portuguesa: Cavaco (1): lasca de madeira. Cavaco (2): 1. Bate-papo. 2. Contrariedade, amolação. (FERREIRA, 2010, p. 150) Dicionários antigos da língua portuguesa: Estilhaço, aparas que se tirão ao desbastar, e lavar a madeira. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 247, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cavaco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Coimbra

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

FICHA 84

Caxambu

Nº total de ocorrências no Estado: 45

ORIGEM: africano < banto**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]**HISTÓRICO:**

Foi um dos lugares povoados na primeira metade do século XVIII. Em 1711, João Batista de Carvalho obtinha sesmaria ‘aonde chamam o Cachambum’ (REV. A.P.M., II, 208\0. Referindo-se a esta sesmaria, anotou Mons. José do Patrocínio Lefort: “Era um outro Caxambu – distinção que não fez Diogo de Vasconcelos, na sua célebre *História Antiga de Minas Gerais*” (15º Anuário Eclesiástico da Diocese de Campanha, 1953, pág. 14). A 1º de janeiro de 1728, Sebastião Fernandes Correia obteve sesmaria “por detrás do morro chamado Caxambu” (Rev. A.P.M., IX, 458/459). Foi, porém, Estácio da Silva, morador na fazenda do Caxambu, quem tomou a iniciativa de edificar a capela dedicada a N. Srª. da Conceição, em sítio a ser assinalado pelo vigário de Baependi. Construída a capela, preferiu o fundador dedicá-la a N. Srª. dos Remédios, que passou a ser o orago, de acordo com a concessão diocesana. [...]

A paróquia de Caxambu foi criada por lei provincial Nº 2157, de 16 de novembro de 1875. Foi elevada a vila, com a criação do município, pela lei Nº 319, de 16 de setembro de 1901, desmembrado do de Baependi. E foi a vila elevada a cidade pela lei Nº 663, de 18 de setembro de 1915. [...]

Com relação ao significado do vocábulo Caxambu, Nelson de Sena menciona a controvérsia relativa à etimologia do termo. (Rev. A.P.M., XII). Vamos transcrever apenas a origem sugerida por Henrique Monat, segundo a qual o vocábulo é de origem congolosa, constituído de Cachá – tambor; e mumbu – música, tendo havido a aglutinação dos dois termos. Diogo de Vasconcelos, apoiando essa etimologia, informa ter subido ao alto do morro do Caxambu e, de acordo com o que lhe haviam dito antes, deu golpes no chão, ouvindo o solo retumbar, qual um tambor africano... Também Mons. Lefort (15º Anuário Eclesiástico da Diocese de Campanha) desenvolve as várias opiniões sobre a origem do discutido topônimo. (Outras fontes: Cônego Raimundo Trindade, *Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana*; Diogo de Vasconcelos, *História Antiga de Minas Gerais*). (BARBOSA, 1995, p. 86 – 87)

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:**Dicionário etimológico da língua portuguesa:**

‘Grande tambor’, ‘dança’, ‘morro em forma de tambor’, XX. De provável origem africana, mas de étimo indeterminado. (CUNHA, 2010, p. 139)

Dicionário atual da língua portuguesa:

(Bras. MG) 1. Grande tambor usado no caxambu. 2. Variedade de samba dançado ao som desse tambor e de outros; jongo. (FERREIRA, 2010, p. 151)

Dicionário do Folclore Brasileiro:

1. Dança de negros, ao som de atabaque. 2. Tambor grande e dança executada ao som desse instrumento. O caxambu figura como instrumento em outras danças, como Jongo, em São Paulo, Minas Gerais e Goiás. (CASCUDO, 2000, p. 126)

Falares africanos na Bahia: Um Vocabulário Afro-Brasileiro:

(Banto) Espécie de membrafone., atabaque. Quicongo /Quimbundo *kizungu, kazangu*. (CASTRO, 2001, p. 207)

Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil:

De kaxabu - o mesmo que *mandacaru*, planta xerófita. (NAVARRO, 2013, p. 556).

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Os 'grandes tambores cilíndricos de tronco escavado', eram 'chamados em Angola 'ngomba' ou 'ongomba' e na Luanda 'Angoma', vários tipos 'Havia também o 'mondo', feito de um

cilindro de madeira escavado. (Artur Ramos, Introdução a antropologia brasileira, 1º vol. Rio, 1943, pág. 449). Tambores do tipo descrito pela autora ainda viu o tradutor em uso, no Estado do Rio, com o nome de 'caxambu', nome, aliás, que também se atribui à dança para a qual são utilizados." (1822)¹³¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Caxambu (39)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Campo, Igaratinga, Formiga, Carmo da Mata, Boa Esperança, Passa Quatro, Aiuruoca, Consolação, João Pinheiro, Iapu, Santos Dumont.
Físico	Ribeirão	Santo Antônio do Amparo, Sacramento, Cambuí, Senador Amaral
Físico	Morro	Pimenta, Caxambu, Pouso Alto
Físico	Serra	Arantina, Liberdade, Itaúna
Humano	Município	Caxambu
Humano	Fazenda	Carmo da Prata, Tapira, Santana do Paraíso, Boa Esperança, Carmo da Cachoeira, Santana da Vargem, São Bento Abade, Cambuí, Senador Amaral, Bom Jardim de Minas, Formiga, Santos Dumont.
Humano	Localidade	São João Del Rey, Mesquita, Antônio Dias
Humano	Povoado	Bom Jesus do Galho, João Pinheiro

Topônimo: Caxambu de Baixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santo Antônio do Amparo

Topônimo: Caxambu de Cima (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santo Antônio do Amparo
Humano	Localidade	Dores do Campo

Topônimo: Caxambu I (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Sacramento

Topônimo: Caxambuzinho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Indaiá
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	22
Acidente humano	23

¹³¹ São Gonçalo, Rio de Janeiro. GRAHAM, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País Durante Parte dos Anos de 1821, 1822, 1823*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956. p. 221-2. Ficha: 19386/19387/19388. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Central Mineira	02
Noroeste de Minas	02
Oeste de Minas	10
Sul / Sudoeste de Minas	18
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03
Vale do Rio Doce	05
Zona da Mata	02

FICHA 85

Cela	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Pequena alcova ou quarto de dormir’ ‘aposento nos conventos’, XIII. Do latim <i>cella</i>. (CUNHA, 2010, p. 140)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Aposento de frades ou freiras, ou de presos. (FERREIRA, 2010, p. 153)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Cella: Cubiculo, casa de aposento de cada Religioso. / Casinha onde a abelha põe o eml. [...] / Qualquer casa pequena. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 252, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "O quarto da cama era quadrado, muito singelo, uma verdadeira cela, em que o seu inseparável crucifixo de marfim assentava ao ponto de impressionar [...]" (1887)¹³²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cela (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Padre Paraíso
Humano	Cela	São Domingos do Prata

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01

¹³² Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *O Homem* (1887). São Paulo, Martins Editora, 1970. p. 79-80. Ficha: 10347. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 86

Cerca	Nº total de ocorrências no Estado: 40
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Cerca (01): ‘muro’, XIV. Deverbal de cercar. Cercado (02): cerca, muro, XVI. De <i>cercar</i>. Cercar: ‘rodear, envolver’, XIII. Do latim tardio <i>cīrcāre</i> ‘andar à volta de percorrer’. (CUNHA, 2010, p. 143)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Cerca: 1. Barreira mais ou menos extensa, feita de madeira, bambu, pedra, arame e outros materiais, que marca o limite de um terreno, ou que o contorna parcial ou completamente, e que ger. tb. tem a função de impedir ou dificultar a passagem de pessoas ou animais para dentro ou para fora: <i>cerca do curral</i>: <i>cerca da horta</i>: <i>cerca da quadra de tênis</i> 2. O terreno assim delimitado; cercado. 3. Série ou conjunto de elementos enfileirados, com função de delimitar ou barrar, semelhantemente à cerca (1). (AULETE DIGITAL)¹³³</p> <p>Cercado: [...] 1. Móvel ger. quadrado, com grades ou tela nos lados e desmontável, dentro do qual se mantêm as crianças pequenas em segurança. 2. Terreno delimitado por cerca ou muro, p.ex. para pasto de animais, para lavoura etc. 3. Espaço fechado por cerca, fora da casa, em que ficam animais domésticos. 4. Aquilo com que se circunda e fecha um terreno; muro, cercado. (FERREIRA, 2010, p. 155)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Cerca: obra de madeira, ou de pedra, ou tijolo, com que se cerca, cince, tapa, fecha algum espaço v. g., <i>jardins, Cidades</i>. / Quintal murado v; g., <i>cerca de conventos</i>. / Circuito de Cidade. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 255, Tomo 1)</p> <p>Cercado (01): part. pass. de cercar. Cercado (02): lugar cercado [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 255, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil:</p> <p>Cercado: registrado no <i>Dicionário de Brasileirismo</i> de Rodolfo Garcia, como termo do Nordeste, designativo de lugar limitado por tapumes naturais, abundantes de pastagens, onde os viajantes guardam seus animais à noite; no comêço da estação das chuvas, os <i>cercados</i> são controvertidos, às vezes, em campos de plantação de cereais. É também de uso no Rio Grande do Sul segundo informação do gen. Borges Fortes que nos escreveu: “junto às habitações se encontram as <i>mangueiras</i> ou <i>currais</i>, os <i>potreiros</i> e os <i>cercados</i>”. Também se denomina cercado um trato de terra de cultura isolado por cercas ou tapumes a fim de impedir a entrada de animais. Neste sentido é sinônimo de <i>roça</i> – um <i>cercado</i> de milho, uma roça de milho que é isolada por cercas. (SOUZA, 2004, p. 102)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>"[...] a órbita do seu giro não se estendia além da beira da casa e do estreito jardim, que uma <i>cerca</i> de tábuas separava da chácara [...]" (1855-1864)¹³⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cerca (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹³³ <https://aulete.com.br/cerca>

¹³⁴ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Diva* (1855-1864). São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d. p. 129. Ficha: 11993/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Córrego	Três Marias, Felixlândia, Alvorada de Minas
--------	---------	---

Topônimo: Cerca de Achas (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Matozinhos

Topônimo: Cerca de Linha (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carandaí
Humano	Fazenda	Carandaí

Topônimo: Cerca de Preta (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Medeiros

Topônimo: Cerca Queimada (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Veríssimo

Topônimo: Cêrca Velha (03)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São Gotardo
Humano	Fazenda	Santa Rosa da Serra, São Gotardo

Topônimo: Cercadinho (09)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carrancas, Sete Lagoas, Belo Horizonte, Conquista, Sacramento
Humano	Fazenda	Carrancas, Salinas, Teófilo Otoni, Conquista

Topônimo: Cercado (16)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Salinas, Caldas
Físico	Lagoa	Prudente de Moraes
Físico	Lago	João Pinheiro, Salinas
Físico	Ribeirão	João Pinheiro
Físico	Rio	João Pinheiro
Humano	Fazenda	Três Marias, Buenópolis, Arinos, Guarda-Mor, Paracatu, Taiobeiras, Caldas
Humano	Localidade	Unaí, Nova Serrana

Topônimo: Cercado de Baixo (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Vagem Grande do Rio Pardo

Topônimo: Cercado de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Vargem Grande do Rio Pardo

Topônimo: Cerquinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	São Francisco

Topônimo: Cerquinha, de Maria Bernardes (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araújos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	22
Acidente humano	18
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	04
Central Mineira	05
Metropolitana de Belo Horizonte	05
Noroeste de Minas	08
Norte de Minas	06
Oeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	02
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	07
Vale do Mucuri	01

FICHA 87

Chá	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < chinês (dialeto mandarino)</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Chá-da-Índia’, ‘(por extensão) ‘infusão medicinal de várias plantas’, XVI. Do chinês (dialeto mandarino) <i>ch'a</i>. (CUNHA, 2010, p. 144)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bot. Árvore ou arbusto teáceo cultivado pelas suas folhas, que contêm a teína, e das quais se faz infusão muito apreciada; chá-da-índia. 2. As folhas do chá (1). 3. A infusão feita com elas. 4. Reunião em que se serve chá (3). 5. Infusão feita com quaisquer outras folhas: <i>chá de boldo</i>. (FERREIRA, 2010, p. 157) <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

Arbusto do Japão, cujas folhas são mais longas, que largas, adentadas, das folhas se extrahe a tintura que se bebe. *Cha boi*, ou *bou*, he o secco ao Sol, *cha verde*, he secco no forno. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 259 Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"O chá interrompeu o diálogo. Os dois noivos aproximaram-se da mesa oval, onde o criado acabava de colocar a bandeja [...]" (1870)¹³⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chá (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itapeva
Físico	Serra	Itapeva
Humano	Fazenda	Cipotânea, Campanha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	03
Zona da Mata	01

FICHA 88

Chalana	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do francês <i>chaland</i> [...]. (MACHADO, 1977, p. 126) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Bras. Pequena embarcação de fundo chato, usada principalmente em rios para o transporte de mercadorias e poucos passageiros 2. Mar. Embarcação de fundo chato, quadrangular, usada para pintura e limpeza da linha d'água dos navios: "... a velha <i>chalana</i>, sempre suja, que servia no comum para se retocar a pintura de fora do destroyer." (Guimarães Rosa, <i>Estas estórias</i>.) [F.: Do esp. <i>chalana</i>.] (AULETE DIGITAL)¹³⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chalana (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Rancho	São José da Barra
Humano	Fazenda	Paraisópolis

¹³⁵ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *A Pata da Gazela (1870)*. São Paulo, Companhia Brasil Editora, 1951. p. 80. Ficha: 1398/. Disponível em [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

¹³⁶ <https://aulete.com.br/chalana>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	02

FICHA 89

Chaminé	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tubo que comunica a fornalha com o exterior e serve para dar tiragem ao ar e aos produtos de combustão. <i>Chamjnees</i> pl. XV. Do francês <i>cheminée</i>, derivado do baixo latim <i>caminata</i>, de <i>camīnus</i> ‘forno, forja, fogo’ e, este, do grego <i>káminos</i>, com influência de <i>chemin</i>. No vocábulo português deve ter havido influência de chama. (CUNHA, 2010, p. 145) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Tubo que comunica a fornalha com o exterior e serve para dar tiragem (1) ao ar e aos produtos de combustão. 2. (Remissiva) lareira (2). (FERREIRA, 2010, p. 158) Dicionários antigos da língua portuguesa: Obra de pedra, e cal por cima dos fogões, ou de tijolos, para se encanar por ella o fumo: outros dizem <i>Cheminé</i> segundo o <i>Frances</i>., <i>cheminée</i>. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 261) Arquivo Ernani Silva Bruno: “O frontão e as cornijas das casas são ornamentadas de arabescos, num fundo azul vivo. Nenhuma <u>chaminé</u> fumegante deforma os telhados; as paredes brancas reluzem entre a folhagem escura, ou formam relevo contra os flancos abruptos da montanha.” (1851/1853)¹³⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chaminé (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Passa-Tempo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01

¹³⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros* (1851-1865). vol. 1, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. p. 232. Ficha: 11912/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 90

Chapéu

Nº total de ocorrências no Estado: 43

ORIGEM: português < francês**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:****Dicionário etimológico da língua portuguesa:**

Peça destinada a cobrir a cabeça, *-peeo* XV. Do antigo francês *chapel* (hoje *chapeau*), derivado do latim popular **cappellus*, diminutivo de *cappa*. (CUNHA, 2010, p. 145)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Peça de feltro, palha, etc., com copa e abas, para cobrir a cabeça. 2. (Remisiva) *guarda-chuva*. (FERREIRA, 2010, p. 159)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Chapeo, ou chapéu, sombreiro de feltro, lã, coiro, ou palha; consta de copa, e aba, serve de cobrir a cabeça contra o sol, ou chuva. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 262, Tomo 1)

Dicionário do folclore brasileiro:

Chapéu: Representa a criatura humana. Representa a cabeça, sede do juízo, do raciocínio, da vontade. Outrora, como ninguém dispensava o chapéu, sair sem ele era sair *sem cabeça*, andar sem a cabeça. “Perdeu a cabeça”?, “Perdi minha cabeça!” eram frases alusivas ao uso do chapéu. Tollenare, que residiu no Recife de 1816 a princípios de de 1817, narra a história de um curandeiro que, não podendo ir pessoalmente atender uma mulher que fora picada por uma cobra e já agonizava, enviou em seu chapéu. Puseram-no na cabeça da moribunda e esta escapou e viveu (*Antologia do Folclore Brasileiro*). Mulher não punha chapéu de homem na cabeça porque: a) brigava com o dono; b) fazia mal. Estar à mesa com o chapéu à cabeça afugentava Jesus Cristo ou o anjo da guarda que sempre assiste às refeições. Entrar em casa com o chapéu na cabeça é chamar a morte ou a infelicidade nos negócios ou na saúde. Os discípulos de Freud dizem que o chapéu, representação do corpo, é símbolo fálico. Um sinal dá-lhes razão: chapéu colocado ao inverso diminui a potência ou anula para ato subsequente. [...] Tanto na forma como no material de que é feito, o chapéu apresenta características regionais. No Brasil, dependendo do clima local, usa-se chapéu de palha (parte do Norte e Sudeste); de couro (grande parte do Nordeste); de feltro (geralmente no Rio Grande do Sul e ilha do Marajó), mas também em outros lugares de clima frio. [...] Tirar o chapéu, de chapéu na mão, varrendo as calçadas com o chapéu, significavam as cortesias exageradas oulouvaminheiras. O declínio do chapéu no continente americano (e no verão europeu) está fazendo desaparecer as tradições ligadas ao seu uso milenar. (CASCUDO, 2000, p. 127-128)

Chapéu-de-sol: guarda-sol, guarda-chuva, exceto sombrinha feminina, elegante, ornada, leve. *Umbraculum* em Roma, *Skiádeion* na Grécia. *Paraguas*, *parapluie*, *regenschirm*, *umbella*. Na Pérsia antiga *saiaban*, estendido sobre a cabeça imóvel dos seus soberanos. Invetara-o a própria Palas-Atenas, recebendo, em Atenas, no 12 de Skirophoron, junho, uma festa processional onde compareciam os guarda-sóis abertos, de pano branco. Era a Skirophoria. Onze séculos antes de Cristo os chineses já usavam. Divulgou-se pela Ásia. No Japão “condutor da Umbela” é título do Imperador. Parece haver-se perdido o uso na Europa, e apenas no século XVI reaparece em Florença, comprado em Bizâncio. [...] Os portugueses trouxeram-no das Índias. João de Barros (*Décadas*, III, X) descreve-o em Cananor, 1526. Divulga-se pela África Negra, em branco, amarelo, rubro, propriedade dos régulos, enorme, abrigando quase todo o séquito, guardando o rei e suas mulheres enfeitadas, os fiéis guarda-costas. No século XVIII espalha-se por toda a Europa. [...] Em 1856, sir Richard Francis Burton, que fora cônsul da Inglaterra, vê o guarda-sol triunfal na Índia, na Abissínia, entre os árabes ilustres de Meca e Medina e do Senaa, umbelas de cetim vermelho, como ostentavam

os imperadores de Marrocos, beis da Argélia e de Túnis. Era objeto sagrado, votado a Afrodite, Eros, Deméter, Prosérpina, indispensável nos cortejos, cobrindo as estátuas processionais, ritualmente. De onde viera o guarda-sol? Da Mesopotâmia, informa Penzer. Emblema da realeza da Nimrud Gallery, Nineveh Gallery, no Museu Britânico, guardam os antecedentes testificadores. Era indispensável aos faraós. Significava o Firmamento, o Universo, o Sol. Desfilando, jamais estava imóvel mas circularmente cintilava, lembrando o curso dos astros no infinito. É o elemento distintivo da rainha nos Maracatus do Recife. Redondos, vermelhos, orlados de guisos, fitas, franjas esvoaçantes, como os que surgem nos pagodes de Burma, rodando sempre, como o radioso Sol tropical. Em seda bordada a ouro, na Basílica de São Pedro, em Roma, acólito típico da liturgia católica, desdobrado sobre o condutor do Santíssimo. Nas saídas da extrema-unção, “Nosso Pai Fora”, o sacerdote era inevitavelmente coberto pela sagrada umbela. Por isso o guarda-sol aberto dentro de casa “está chamando a morte”. *To open an umbrella into the house will bring bad luck*, afirmam na Inglaterra. Em forma de lótus, resguardou o sossego do Buda. [...] Nosso Imperador Dom Pedro II não o abandonava, como Neville Chamberlain na Grã-Bretanha. (Luís da Câmara Cascudo, *Seleta*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1972). (CASCUDO, 2000, p. 128-129)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Por um par de meias de seda, oito oitavas. Por um sapato de cordovão, cinco oitavas. Por um chapéu de castor fino, doze oitavas [...]” (1803)¹³⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chapéu (31)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santana do Garambeu, Serra da Saudade, Itinga, Presidente Olegário, Mirabela, Águas Formosas, Crisolita, Iturama, Limeira do Oeste, Sacramento, Itueta, Baependi, Pedra Azul, Divinópolis
Físico	Ribeirão	Ibiraci
Físico	Morro	Leandro Ferreira, Nova Lima, Espinosa, Buritizeiro, Cristália, São Roque de Minas, Sacramento, Carmo da Cachoeira, Varginha, Ipuíuna, Passa Quatro, Bocaina de Minas, Gameleiras, Jaíba
Humano	Fazenda	Iturama, Baependi

Topônimo: Chapéu de Cima (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campos Altos
Humano	Fazenda	Campos Altos

Topônimo: Chapéu-de-coco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	São Pedro do Suaçuí

Topônimo: Chapéu de Pedra (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	São Francisco

¹³⁸ Minas Gerais. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232-3. Ficha: 27838. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Chapéu de Sol (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Paraguaçu, Elói Mendes

Topônimo: Chapéu Novo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade do Rio Grande

Topônimo: Chapéu Pardo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade do Rio Grande

Topônimo: Chapéu-Velho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Paracatu

Topônimo: Chapeuzinho (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ipaba, Caratinga
Humano	Fazenda	Sacramento

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	36
Acidente humano	07
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Central Mineira	02
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	07
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	10
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	08
Vale do Mucuri	02
Vale do Rio Doce	04

FICHA 91

Charque	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < espanhol platino ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Carne-seca, 1813. Do espanhol platino <i>charque</i> ou <i>charqui</i>, de origem controvertida. (CUNHA. 2010, p. 146) Dicionário atual da língua portuguesa: Carne bovina, salgada e seca, em mantas, ou pedaços; carne-seca, jabá. (FEREIRA, 2010, p. 159) Dicionário de vocábulos brasileiros: Carne de vaca salgada, disposta em mantas, qual a preparam, não só na província do Rio Grande do Sul, como nas repúblicas platinas, e é objeto de avultado comércia de exportação e de muito consumo na maior parte das nossas províncias do litoral. Amém do <i>Charque salgado</i>, há também o <i>Charque de vento</i> ou antes <i>carne de vento</i>, que é ordinariamente preparada com carne de vitela, ou de vaca propriamente dita, e cujas mantas mais delgadas recebem pouco sal, são secas à sombra, e, exportados (Coruja). Etimologia: do araucano <i>Charqui</i>, e mais originariamente do quíchua <i>Chharque</i>, significando tassalho e também sêco (Zorob. Rodrigues). / Bem que êste vocábulo seja geralmente conhecido no Brasil, todavia o nome do produto varia muito de uma a outra região. No Rio de Janeiro e províncias adjacentes, assim como no Pará, lhe chamam de <i>carne-sêca</i>; na Bahia <i>carne do sertão</i>; em Pernambuco <i>carne do Ceará</i>, êstes dois últimos nomes são tradicionais, desde o tempo em que a Bahia recebia do sertão, e Pernambuco do Ceará, a carne salgada; que foi mais tarde substituída pelo <i>Charque</i> do Rio Grande do Sul e Rio da Prata. No litoral, ao norte da Bahia e em Sergipe, lhe dão mais o nome de <i>Jabá</i>. O <i>Charque</i> fabricado no interior da Bahia e daí até o Maranhão, é chamado de <i>carne do sol</i>, e é incomparavelmente mais saboroso que o importado do Sul, mas quase que o não destinam senão ao consumo local. // Escrevendo <i>Charque</i> e não <i>Xarque</i>, adotei a ortografia seguida por Coruja; mas não estou longe de preferir a segunda, que é com efeito a mais geralmente seguida entre nós. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 88) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Meu amável hospedeiro D. Manuel tinha também pensado nas necessidades do corpo enriquecendo minhas provisões de boca com farinha, feijão-preto, <u>charque</u>, cachaça, algumas latas de sardinhas, biscoitos ingleses e uma garrafa de excelente Bordéus." (1868/1871)¹³⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Charque (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Comercinho, Santos Dumont
Humano	Fazenda	Comercinho, Santos Dumont

Quadro quantificação

Acidente

¹³⁹ Itabira, Minas Gerais. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 337. Ficha: 4944/ 4554/4346/3026/2175/1383. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Zona da Mata	02

FICHA 92

Chave	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Artefato de metal que movimenta a lingueta das fechaduras, XIII. Do latim <i>clāvem</i>. (CUNHA, 2010, p. 146)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Artefato de metal que movimenta a lingueta das fechaduras para abri-las ou fechá-las. 2. Instrumento para apertar ou desapertar parafusos e outras peças. 3. Peça móvel para fechar orifícios de instrumentos de sopro. 4. Peça com que se dá corda a relógios. 5. (<i>Elétrica</i>) Dispositivo que, segundo a posição que assume, interrompe um circuito elétrico, ou nele introduz um componente. 6. (<i>Esporte</i>) Em certos torneios, cada um dos grupos de equipes que devem competir entre si numa fase classificatória. 7. (<i>Matemática</i>) Cada um dos símbolos de agrupamento, equivalente aos parênteses: { }. 8. (<i>Figurado</i>) Elemento decisivo ou solução. (FERREIRA, 2010, p. 159) <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de metal, ou páo de abrir as fechaduras, destas materias. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 264)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Amuleto significando o poder de abrir e fechar, ligar e desligar, afastando dificuldades; ciência do mistério, ser iniciado nos segredos, ter a <i>chave de Salomão</i>, conhecer de tudo. A citação das chaves, poder das chaves, é comum nas orações populares. A chave do sacrário é muito citada nas orações fortes e bruxarias. No catimbó e na magia branca há sempre uma chave, de prata ou de aço, virgem, isto é, sem uso, para a cerimônia de <i>fechar o corpo</i>. A oração privativa desse processo é dita pelo <i>mestre</i> enquanto vai insinuando fechar todas as juntas do corpo, as entradas (olhos, nariz, boca, ouvidos), os pontos fracos (pulsos, jarretes, antebraço, região poplíteia) etc. (Luís da Câmara Cascudo, <i>Meleagro</i>. Depoimento e pesquisa sobre a magia branca no catimbó, Agir, Rio de Janeiro, 1951). (CASCUDO, 2000, p. 129)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Armário embutido de guardar louça com suas portas, fechaduras e <u>chave</u>." (Inventário de Rev. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)¹⁴⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chave (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹⁴⁰ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 389, 397. Ficha: 20895/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Córrego	Santo Antônio do Rio Abaixo, São Gonçalo do Rio Abaixo
--------	---------	--

Topônimo: Chave de Ouro (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cataguases, Aimorés

Topônimo: Chave do Couto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Paula Cândido

Topônimo: Chaves (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pouso Alegre
Humano	Fazenda	Passabém
Humano	Povoado	Pouso Alegre

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Sul / Sudoeste de Minas	02
Vale do Rio Doce	01
Zona da Mata	02

FICHA 93

Chibata	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < castelhano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vara para fustigar, chicote, 1813. De <i>chibo</i>, ‘cabrito até um ano’, 1813. Do castelhano <i>chivo</i>. O vocábulo foi usado originariamente como voz para chamar o animal e, neste sentido, é de criação expressiva. (CUNHA, 2010, p.147)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Vara delgada para fustigar. 2. (<i>Brasileirismo</i>) Chicote. (FERREIRA, 2010, p. 160)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vara de cipó, ou outra, delgada, que os cabos militares trazem para castigar os soldados. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 266, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

“Chibata de junco com seu castão dourado”. (Inventário de Domingos de Abreu Vieira) (1789)¹⁴¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chibata (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Aimorés

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 94

Chinela	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < italiano (genovês) < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Chinela: calçado macio, geralmente sem salto, para uso doméstico, 1799. Do dialeto genovês <i>cianèlla</i> (italiano <i>pianèlla</i>), derivado do latim medieval <i>planella</i>, de <i>planus</i> ‘plano, chato’. Chinelo, 1873. (CUNHA, 2010, p. 147) Dicionário atual da língua portuguesa: Chinelo: calçado confortável de uso informal que cobre apenas a frente do pé; chinela. (FERREIRA, 2010, p. 161) Dicionários antigos da língua portuguesa: Chinela: calçado sem talão de mulher; e de homem também. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 266, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se às casas na cidade) "[...] as mulheres [...] sentadas em geral nas esteiras ou na sua marquês, conservam habitualmente a seu lado um par de sapatos velhos, que servem de <u>chinelo</u>, para não andarem descalças dentro de casa." (1816/1831)¹⁴²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

¹⁴¹ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 222. Ficha: 17091. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

¹⁴² Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 206. Ficha: 28496. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Chinelo (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Oliveira
Humano	Fazenda	Salto da Divisa, São Roque de Minas

Topônimo: Chinela (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Itaguara

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Oeste de Minas	02

FICHA 95

Chope	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < alemão</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cerveja fresca de barril, XX. Do francês <i>chope</i>, derivado do alemão <i>schoppen</i> ‘medida de líquidos’. (CUNHA. 2010, p. 148)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Cerveja fresca de barril. (FERREIRA, 2010, p. 162)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Cheguei [...] ao Rio [...] e desde Porto Alegre sentia o apelo da cerveja Culmbacher de tonel [...]. Todos os amigos [...] a louvavam e assim decidíamos [...] tomar alguns <u>chopes</u> do 'leite Culmbacher' [...]. Esta admirável cerveja de tonel, que é depositada no gelo e fica, por isso, esplêndidamente fresca, conquistou-me todo o respeito. [...]" (1883)¹⁴³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Chope (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Vazante

¹⁴³ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil* (1883). São Paulo, Martins Editora, 1972. p. 16, 18. Ficha: 1509/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01

FICHA 96

Cinzas	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cinza: pó ou resíduos da combustão de certas substâncias, em geral de coloração plúmbea. Do latim vulgar *<i>cīnīsia</i> (de <i>cīnīs -eris</i>). (CUNHA, 2010, p. 152)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Cinzas: Restos mortais. (FERREIRA, 2010, p. 166)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Cinza: o que resta do corpo combustível bem queimado. / [...] <i>cinzas</i>, as reliquias dos cadáveres. / <i>Quarta feira de Cinza</i>, a primeira da Quaresma. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 274)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: As cinzas do fogão, barrando a soleira das portas, defendem a entrada das bruxas e dos entes malvados e poderosos, perturbadores do sono das crianças pagãs. Têm, no catimbó, os mesmos poderes do sal esterilizador. As coisas-feitas, as muambas, feitiços e os ebós, cobertos de cinzas, são inoperantes e, se enterrados na cinza, provocam o choque de retorno contra o agente. (CASCUDO, 2000, p. 141)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se a uma grande fazenda de propriedade do sargento-mor) "As <u>cinzas</u> da palha seca do feijão, depois de batido com varas no terreiro enxuto defronte da casa, para retirar o grão, utiliza-se para fazer sabão, que, entretanto, é pouco puro e nunca toma consistência sólida." (1818)¹⁴⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cinzas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Mutum

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01

¹⁴⁴ Arredores de São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1817-1818). vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 279. Ficha: 5816. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 97

Coador	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Coador, 1844. De coar ‘filtrar’ / XV, <i>collar</i> XIV, <i>acoar</i> XV. Do latim <i>cōlāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 157) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. (Adjetivo) Que coa. 2. (Substantivo masculino) Saco, ou vaso com crivo, por onde passa a parte mais fina, ou a líquida, de certas substâncias. (FERREIRA, 2010, p. 171) Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso por onde se coa. / No lagar do vinho, cesto de o coar, para o limpar do bagulho. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 280, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Coador (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Tumiritinga, Mutum
Humano	Fazenda	Pedra Azul
Humano	Povoado	Mutum

Topônimo: Coador, de Agmar Pinto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Coador, de Osvaldo Arruda (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	03
Jequitinhonha	01
Vale do Rio Doce	03

FICHA 98

Coalhada	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < francês < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Coalhada: Leite coalhado, usado como alimento, 1844. Derivado de <i>coalhar</i>. <i>Coagular:</i> converter(-se) em sólido, 1813. Do francês <i>coaguler</i>, derivado do latim <i>coāgulāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 157) Coalho: Coalho, XVI. Derivado de <i>coalhar</i>. <i>Coagular:</i> converter(-se) em sólido, 1813. Do francês <i>coaguler</i>, derivado do latim <i>coāgulāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 157) Dicionário atual da língua portuguesa: Coalhada: Leite coalhado, geralmente usado como alimento. (FERREIRA, 2010, p. 171) Coalho: 1. Coágulo. 2. Coalheira. (FERREIRA, 2010, p. 171) Coalheira: Substância utilizada nas queijarias para provocar a coagulação do leite, coalho. (AULETE DIGITAL)¹⁴⁵ Dicionários antigos da língua portuguesa: Coalhada: ou antes, <i>qualhada</i>. Leite qualhado. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 280) Coalho: Coisa, que faz qualhar o leite. Huma especie de leite qualhado que se acha no ventriculo do cabrito, a flor da alcachofra, e outros acidos. / Coagulação [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 280) Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se à fabricação de queijo na região) "[...] tão logo o leite é tirado coloca-se nele o <u>coalho</u>, o que o faz talhar-se instantaneamente. O <u>coalho</u> mais usado é o de capivara, por ser mais facilmente encontrado. As formas são de madeira e de feitio circular, tendo o espaço livre interno mais ou menos o tamanho de um pires. Essas formas são colocadas sobre uma mesa estreita, de tampo inclinado. O leite talhado é colocado dentro delas [...]. Em seguida a massa é espremida com a mão, e o leite que escorre cai dentro de uma gamela colocada em baixo." (1819)¹⁴⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Coalhada (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Coronel Xavier Chaves
Humano	Fazenda	Coronel Xavier Chaves

Topônimo: Coalho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade do Rio Grande
Humano	Localidade	Piedade do Rio Grande

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02

¹⁴⁵ <https://aulelte.com.br/coalheira>

¹⁴⁶ Arredores de Aiuruoca, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco* (1819). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 52. Ficha: 8815/ 8816/8817. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	04

FICHA 99

Cocar	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Penacho, laço ou distintivo que se usa na cabeça, no chapéu, no elmo, etc. Século XVIII. Do francês <i>cocarde</i>, de <i>coq</i> ‘galo’. (CUNHA, 2010, p. 158) Dicionário atual da língua portuguesa: Penacho, laço ou distintivo usado na cabeça, no chapéu, etc. (FERREIRA, 2010, p. 172) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Ia vestido todo de preto, de escarpins, grande 'chapeau à claque', decorado com o <u>cocar</u> prussiano, sob o braço, e, pendente da lapela uma medalha de prata." (1819-1820)¹⁴⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cocar (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	São Sebastião do Paraíso

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 100

Cocho	Nº total de ocorrências no Estado: 21
<p>ORIGEM: português < origem controvertida ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Tabuleiro para conduzir cal amassada’, ‘caixa onde gira a mó dos amoladores’, ‘tipo de vasilha para uso do gado’, XVI. De origem controvertida. (CUNHA, 2010, p. 158) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

¹⁴⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. LEITHOLD, Theodor von e RANGO, Ludwig von. *O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966. p. 50. Ficha: 27318/28084. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

1. Tabuleiro para massa. 2. Caixa onde gira a mó dos amoladores. 3. (*Brasileirismo*) Vasilha para a água ou a comida do gado. (FERREIRA, 2010, p. 173)
 Cocha (2): vaso ou gamela, o mesmo que *cocho*. || Tabuleiro com rebordos, para conduzir cal amassada, cochos. (AULETE DIGITAL)¹⁴⁸

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de vasilha oblonga feita ordinariamente de uma só peça de madeira e também de táboas, onde se põe água ou comida para o gado. É o que em Portugal chamam *gamêllo*. / Em Mato-Grosso é uma espécie de viola grosseira (Ferreira Martinho). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 93)

Dicionário do folclore brasileiro:

1. Recipiente feito de tronco de árvore, no qual se coloca comida para os animais.
2. Viola de cinco cordas feitas com tripas de mico ou de quati, usada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, chamada de viola de cocho. (CASCUDO, 2000, p. 147)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] enquanto a extremidade escavada se inclina, a água escorre, o peso do pilão sobrepuja o da colher, a máquina range, e o pilão cai pesadamente num cocho destinado a receber o grão." (1816)¹⁴⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cocha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Rio	Januária

Topônimo: Cochinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Queluzita

Topônimo: Cocho (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Berilo, Ferros, Ipiúna
Humano	Fazenda	Formiga, Alfenas
Humano	Localidade	Diamantina

Topônimo: Cocho d'água ~ Cocho-d'água ~ Cocho D'água (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Rio Acima, Heliadora, Lambari
Humano	Fazenda	Pedro Leopoldo
Humano	Povoado	Rio Acima

Topônimo: Cochos (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹⁴⁸ <https://aulete.com.br/cocha>

¹⁴⁹ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 56. Ficha: 8471. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Córrego	São Roque de Minas, Botelhos, Pouso Alto
Físico	Serra	Paraisópolis
Humano	Fazenda	Ilicínea, Paraisópolis, Carmo do Rio Claro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	13
Acidente humano	08
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	03
Metropolitana de Belo Horizonte	05
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	10

FICHA 101

Colete	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça de vestuário, sem mangas nem gola, indo em geral até a cintura, XVII. Do francês <i>collet</i>. (CUNHA, 2010, p. 162)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Peça de vestuário abotoada na frente, sem mangas nem gola. (FERREIRA, 2010, p.175)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Veste curta sem abas, nem mangas. Na artilheria he huma parte da culatra do canhao. (PINTO, 1832)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: O mesmo que bate-bate e batida. Em Natal denomina-se especialmente o bate-bate de caju, feito com suco de caju, açúcar e aguardente, gelado. (CASCUDO, 2000, p. 148)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: Fraque de droguete azul 3 véstias de seda branca, bordada de ouro e cores. Véstia de brilhante. Calção de duraque preto. Calção de pano encarnado. <u>Colete</u> de baeta branca. Gravata preta de seda” (Inventário de Thomás Antônio Gonzaga) (1789)¹⁵⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Colete (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pai Pedro
Humano	Fazenda	Pai Pedro
Humano	Povoado	Cataguases

¹⁵⁰ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 310-1. Ficha: 27849. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02
Zona da Mata	01

FICHA 102

Coluna	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Município da zona do Rio Doce, criado pela lei Nº 1039, de 12 de dezembro de 1953, desmembrado do de São João Evangelista. Consta de apenas o distrito da cidade. Este distrito, com a denominação de Santo Antônio da Coluna, foi criado pelo decreto Nº 192, de 20 de setembro de 1890, então no município de Peçanha. A lei Nº 843, de 7 de setembro de 1923, transferiu o distrito para o município de São João Evangelista e mudou-lhe a denominação para Coluna. Afinal, em 1953, foi Coluna elevada à categoria de cidade, com a criação do município. (BARBOSA, 1995, p. 90)</p> <p>Em relação ao município, o topônimo refere-se à serra conhecida como “Coluninha”, existente na região.</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: (<i>Arquitetura</i>) Pilar cilíndrico, que sustenta abóbadas, entablamentos etc. e que serve de ornato. Extensão, subdivisão. XIV, <i>colūpna</i>, XIII, <i>colupna</i> XIV, etc. Do latim <i>columna</i>. (CUNHA, 2010, p. 163)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Pilar cilíndrico que sustenta abóbadas, entablamentos, etc., e serve de ornato em edifícios. 2. Linha vertical de algarismos. 3. Troço de soldados em linha. 4. Cada uma das divisões verticais duma página de publicação (2). 5. <i>Anatomia</i>. Nome genérico de estrutura em forma de pilar. (FERREIRA, 2010, p. 177)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Columna, ou coluna: d’arquitetura especie de pilar redondo, que assenta sobre sua baze, e remata-se com o capitel: consta de cano, capitel, Bocelino, gula reversa, e direita, abaco, dentilhões, métopas, triglifos, prumos, ou pefons, Plinto, Bafe, pedestal. [...] / Nos livros, a separação de escritura d’alto abaixo, mediando claro entre ella, e outra escritura. / na <i>Milicia</i>, linha de soldados de pouca frente, e muito fundo, fila longa do exercito em marcha. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 288, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Colunas: nome que, em Pernambuco, por volta de 1829, denominava os membros da Sociedade Secreta – Coluna do Trono e do Altar – os quais tinham como ideal que o Imperador governasse “sem trambólho”, isto é, sem obedecer às normas constitucionais. Eram os absolutistas, os <i>corcundas</i>, que denominavam os antagonistas de <i>calangros</i>. (SOUZA, 2004, p. 113)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

“2 bancas para sala, madeira dura de óleo, com quatro colunas torneadas 2 bancas de madeira de óleo, de uma só coluna banca, [...]” (Inventário de José Roiz Veloso de Oliveira) (1845)¹⁵¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Coluna (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ipanema, Taparuba
Humano	Cidade	Coluna
Humano	Localidade	Taparuba
Humano	Povoado	Ipanema

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	05

FICHA 103

Compressor	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Compressor, 1844. Do francês <i>compresseur</i>. De comprimir: reduzir a menor volume, mediante pressão, XVII. Do latim <i>comprimĕrĕ</i>. (CUNHA, 2010, p. 167)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Que, ou aquilo que comprime. 2. Diz-se de, ou máquina destinada a comprimir um gás. (FERREIRA, 2010, p. 182)</p> <p>1. Instrumento para comprimir, ger. durante cirurgia, região do corpo ou vasos sanguíneos (para impedir hemorragia). 2. Rolo destinado a compactar e aplainar o leito de estradas [Tb. <i>rolo compressor</i>.] 3. Mec. Máquina us. para comprimir fluidos (<u>compressor</u> de ar). 4. Resguardo correção de gavetas de fichários e arquivos, que serve de apoio a fichas. 5. Rád. Dispositivo para comprimir o contraste na modulação da voz [Tb. us. como adj. em todas as acp.] (AULETE DIGITAL)¹⁵²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Compressor (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Capitão Enéias, Francisco Sá

¹⁵¹ São Paulo, São Paulo. Sem autor *Manuscritos do Arquivo do Estado de São Paulo* p. Caixa 95 Ordem 572 Ficha: 22157/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

¹⁵² <https://aulete.com.br/compressor>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02

FICHA 104

Corda	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Cabo de fios vegetais unidos e torcidos uns sobre os outros’, ‘fio que vibra em alguns instrumentos’, XIII. Do latim <i>chōrda</i>, derivado do grego <i>chordē</i> ‘tripa, corda musical feita com tripas’. (CUNHA, 2010, p. 180)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Cabo de fios vegetais ou sintéticos unidos e torcidos uns sobre os outros. 2. Fio de tripa, ou de aço, náilon, etc., que vibra em alguns instrumentos musicais. 3. Lâmina que aciona o maquinismo dos relógios e de outros instrumentos. 4. <i>Geometria</i>. Segmentos de uma secante a uma curva, ou a uma superfície, compreendido entre 2 pontos de interseção. 5. <i>Anatomia</i>. Corda vocal. (FERREIRA, 2010, p. 200) 1. Utensílio mais ou menos longo, flexível e resistente, feito com fios ou fibras torcidos ou entrelaçados e us. para amarrar, laçar, puxar. 2. Fio grosso de tripa, crina ou fibra us. para retesar armas de arremesso, como o arco. 3. Fio, ger. de arame, em que se estende roupa para secar. 4. Esp. Lud. Peça de corda (1) leve e de tamanho conveniente, que se faz girar entre os pés e a cabeça segurando-o pelas extremidades, devendo-se saltar por sobre ele para deixá-lo passar entre os pés e o chão a cada volta; us. como brinquedo, ou para exercícios físicos (pular corda). 5. Mús. Fio de tripa, seda, náilon, aço que produz som quando dedilhado, friccionado, percutido. 6. Fio encurvado ou mola, ger. de aço, que são torcidos para, ao se distenderem, acionar o mecanismo de relógio mecânico, brinquedo etc. [Ver tb. as expr. <i>dar corda</i> e <i>estar com toda a corda</i>.] (AULETE DIGITAL)¹⁵³</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Porção de fios de linha, estopa, lã, cairo torcidos entre si; ou de pelle, e tripa d’animaes para instrumentos musicos. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 229)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Em cada uma dessas duas rodas passava uma <u>corda</u> que vinha do tambor, e quando este girava, fazia mover em sentido contrário as duas rodas, e, por conseguinte, os cilindros; o algodão se limpava pela maneira que alhures expliquei.” (1817)¹⁵⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Corda (02)

¹⁵³ <https://aulete.com.br/corda>

¹⁵⁴ Arredores de Minas Novas, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 228. Ficha: 7447/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Guarda-Mor
Humano	Fazenda	Guarda-Mor

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02

FICHA 105

Correia	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tira, geralmente de couro, para prender ou cingir. <i>Correa</i>, 1813. Do latim <i>corrigĭa</i>. (CUNHA, 2010, p. 182)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Tira, geralmente de couro. (FERREIRA, 2010, p. 202)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Tira de coiro para atar, ou prender, ou cingir o corpo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 332, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Os estribos são muito pequenos, a cabeçada compõem-se das <u>correias</u> que sustentam a serrilha e as rédeas da cabeçada, a brida de uma argola de ferro que substituiu a barbela e na qual está presa uma peça móvel de ferro a que estão seguras as cambas do freio em que se afivelam as rédeas da brida." (1868-1871)¹⁵⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Correia (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Governador Valadares
Topônimo: Correias (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão (das)	Alfenas, Bandeira do Sul
Humano	Fazenda (das)	São Roque de Minas

Quadro quantificação

¹⁵⁵ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 310. Ficha: 16829. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	02
Vale do Rio Doce	01

FICHA 106

Couro	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Couro: pele espessa e/ou curtida de certos animais, XIV. <i>Coi-</i> XIII, <i>coy-</i> XIII. Do latim <i>cōrium</i>. Coura: antigo gibão de couro usado pelos guerreiros, XVI. (CUNHA, 2010, p. 186)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Couro ou coiro: 1. Pele espessa de certos animais. 2. A pele curtida de animais. (FERREIRA, 2010, p. 206)</p> <p>1 tecido epitelial espesso e resistente de certos animais. 2 este tecido já curtido e, por vezes, utilizado como matéria-prima nos mais diversos setores (confeções de roupa, móveis etc.). 2.1 CURT indústria do couro; curtume. 3 p.ext.(da acp. 1) ; pej., joc. a pele de uma pessoa, caracterizada ger. pela aspereza ou por certo envelhecimento. 4 p.met.(da acp. 2) m.q. chicote (no sentido de 'instrumento', 'correia'). 5 infm. mulher feia, decrépita. 6 pej. prostituta velha e abjeta. 7 p.met.; FUTB; B bola us. no futebol; pelota. (HOUAISS DIGITAL)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Couro: Pelle de animaes. (PINTO, 1832)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>“2 canastras de viagem, cobertas de <u>couro</u>”. (Inventário de Ignácio de Alvarenga Peixoto) (1789-1791)¹⁵⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Coura (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Itamonte, Pouso Alto

Topônimo: Couro (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Pouso Alto
Humano	Fazenda	Pouso Alto

¹⁵⁶ São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 412. Ficha: 16960. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Couro do Cervo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Carmo da Cachoeira

Topônimo: Couros (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Vargem Bonita

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	05

FICHA 107

Cumbuca	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de cuia. <i>Cuiambuca</i> c 1696, <i>combuca</i> 1874. Do tupi <i>kui'muka</i>. (CUNHA, 2010, p. 194) Dicionário atual da língua portuguesa: Vaso para líquidos, feito de cabaça, com abertura circular em cima. (FERREIRA, 2010, p. 213) Dicionário de vocábulos brasileiros: O mesmo que <i>cuiambúca</i>: vaso feito de cabaça, com uma abertura circular na parte superior, e serve principalmente para conter água e outros líquidos. Em algumas províncias do Norte, empregam para isso a fruta de uma espécie de <i>Lagenaria</i>, e está é de forma comprida e estreita. No Pará e outras províncias servem-se para isto da fruta da cuieira ou cuitézeira. / Por metaplasmo lhe chamam também <i>Cumbúca</i>, e é êsse o termo usado nas províncias meridionais, vem que eu o tivesse ouvido também no Piauí. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 100) Dicionário de Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: Cuiambuca: (de kuĩmbuka) cuias fendidas (kuĩa + puk + -a). (NAVARRO, 2013, p. 558)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cumbuca (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

Físico	Córrego	Iturama
Físico	Lagoa	Córrego Novo
Humano	Fazenda	Iturama

Topônimo: Cumbucão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Francisco Dumont

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Vale do Rio Doce	01

FICHA 108

Cuscuz	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < árabe</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Iguaria feita de farinha de milho ou de farinha de arroz etc., cozida no vapor, 1507. <i>Cos- XV, cuscus</i>, 1507. Do árabe <i>kuskus</i>. (CUNHA, 2010, p. 197)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Iguaria de farinha de milho ou de arroz, etc., cozida ao vapor. 2. <i>Culinária</i>. Bolo de tapioca umedecida com leite de vaca e de coco. [Admite-se também, como substantivo masculino, o plural cuscuzes.] (FERREIRA, 2010, 215)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Massa reduzida a grãoszinho, que se come cosida ao vapor de água quente. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 357)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Prato nacional de mouros e árabes, milenar, fundamental na alimentação diária. É feito em cuscuzeiro, forçado com folhas de couve. Fazem-no de arroz, trigo, milho, sorgo. Quando o milho americano (<i>Zea mays</i>) apareceu no decorrer do século XVI, determinou domínio imediato. Há de várias espécies: sobremesa ou gulodice, com mel de abelhas ou açúcar, com carnes, peixes, crustáceos, legumes, tâmaras, uva passa, valendo uma refeição completa, ou ainda molhado no leite de vaca, cabra, ovelha, camela, comida improvisada de viagem, um farnel abreviado e substancial. O modelo clássico, elaboração culinária complicada e paciente, corresponde ao cuscuz paulista: leite de coco açucarado, massa de milho, arroz, mandioca ou macaxeira (aipim). Os berberes, seus inventores, levaram-no à Península Ibérica, de onde se divulgou por toda a África, entre negros, maometanos e árabes, do Atlântico ao Índico e orla litorânea do Mediterrâneo. O português trouxe o cuscuz para o Brasil desde inícios do povoamento, utilizando o milho, que ficou basilar, e a adição de leite de coco. Em Goiás,</p>	

Minas Gerais, Norte e Nordeste, o cuscuz é feito à base de farinha de milho ou de massa de mandioca puba. Em São Paulo, é feito com peixe, camarão, ovos e legumes cozidos, tudo ligado com farinha de milho ou semolina. Há ainda, o cuscuz de tapioca com coco, muito popular em Salvador e no Rio de Janeiro. (CASCUDO, 2000, p. 174)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“As famílias levam consigo [...] cuscuz, castanhas assadas, biscoitos [...] vendem-se [...] pastéis [...] chupas de laranjas [...]” (1881)¹⁵⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Cuscuz (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Raul Soares

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

D

FICHA 109

Dadinho (Dado)	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing + Dim] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça cúbica de osso, madeira etc., usada em certos jogos, XIV. De origem incerta; talvez provenha do adjetivo latino datum ‘dado, decidido’, em alusão à sorte lançada pelos dados, ou do árabe dad ‘jogo’. (CUNHA, 2010, p. 198) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça cúbica marcada em cada uma das faces com pontos de 1 a 6, usada em certos jogos. (FERREIRA, 2010, p. 216) Dicionários antigos da língua portuguesa: Peça de marfim solida de seus faces quadradas iguaes, com pontos negros em cada lado, de 1 até 6 pontos, pela ordem natural, serve de jogar. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 358, Tomo 1)</p>	

¹⁵⁷ São Luís, Maranhão. AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato* (1881). São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1975. p. 97-8. Ficha: 5129/ 4568/4569/3512/3513. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo.Ernani.Silva.Bruno(mcb.org.br))

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Tabuleiro com tábuas e dados de jogar” (Inventário de Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)¹⁵⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Dadinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Guanhães

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

E**FICHA 110**

Engenho	Nº total de ocorrências no Estado: 297
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Talentos, máquina, oficina, XIV, <i>engeo</i>, XIII, <i>engêyo</i>, XIII, <i>engeño</i>, XIV. Do latim <i>ingēñium</i>. (CUNHA, 2010, p. 246)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Faculdade inventiva. 2. Habilidade, destreza. 3. Qualquer máquina ou aparelho. 4. (<i>Brasileirismo</i>) Moenda de cana-de-açúcar. 5. (<i>Brasileirismo</i>) Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar. (FERREIRA, 2010, p. 288)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: A faculdade, com que a alma concebe facilmente as conexões das coisas; inventa máquinas, e artificios sutis; aprende as artes, e sciencias com facilidade. / Homem dotado de engenho. / Máquina de fazer papel, de moer canas, e fazer assucar. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 500, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil:</p>	

¹⁵⁸ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 393. Ficha: 15291. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Com este nome se designam no Brasil dois estabelecimentos agrícolas. (1º) Nas zonas açucareiras assim se chama, desde os primeiros anos da colonização, a um estabelecimento destinado à cultura da cana e à sua moagem para a fabricação do açúcar, distinguindo-se várias espécies, segundo a força motriz, como sejam – engenho d’água, engenho de boi, engenho de cavalo, engenho de bestas, engenho de máquina ou a vapor. Os engenhos de açúcar são de duas classes: os modernos, chamados *usinas* e os antigos, de sistema colonial, chamados *bangües*. [...] O decreto 24.749 de 14 de julho de 1934, que estabeleceu normas para o açúcar produzido em engenhos, reza no § único do Artigo 1.º: “Entende-se por engenho toda e qualquer fábrica de açúcar que não possui turbina nem vácuo; e por *usina* a que dispuser de um ou outro desses aparelhos, ou de ambos”. Em verdade, a palavra engenho é mais empregada para designar os do sistema antigo, os *bangües*. E vale recordar a preferência neste grupo dada pelos senhores antigos aos engenhos d’água, dos quais repetia um velho brocardo: “engenho de máquina – de quem dinheiro tem; engenho de animal – de quem jeito não tem; engenho d’água – de quem Deus quer bem”. Nos tempos coloniais, segundo informa Antonil em sua *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas* (Ed. A. Taunay), dos engenhos uns se chamam *reais* e outros inferiores vulgarmente *engenhocas*, sendo que os primeiros tinham a “realeza de moerem com água”, possuindo “todas as partes, de que se compõem e todas as oficinas perfeitas, cheias de grande número de escravos, com muitos canaviais próprios e outros obrigados à moenda”. Ao tempo de colônia chamavam-se os engenhos movidos por bois – *trapiches*. Todos eram, porém, o *doce inferno* a que se refere o grande Vieira. Leia-se a descrição dos quadros e costumes da *Vida do Engenho* no Norte do país, modernamente, no livro de Alfredo Brandão – *Viçosa de Alagoa*, entre as páginas 215 e 231. – No linguajar nordestino são comuns as expressões *engenho moente* e *corrente*, para designar o engenho que mói, engenho de *fogo morto*, o que se acha parado, que não safreja. Em Pernambuco costumam chamar o engenho de bêstas *almanjarra* ou *manjarra*. – Nas regiões *ervateiras* chama-se *engenho* ao estabelecimento destinado ao beneficiamento de erva-mate. Romário Martins diz apenas: usina mecânica onde se beneficia a erva-mate e *engenheiro* se denomina o proprietário da usina. E à página 202 de seu *Ilexmate*, diz: “O beneficiamento do mate nos engenhos é, pois, um procedimento industrial tão indispensável como os processos que o precedem nos ervais. É ele que dá importância comercial ao produto, expurgando-o das imperfeições do preparo inicial (nos ervais), dividindo-o em tipos comerciais distintos e colocando-o em condições de durabilidade e de apresentação com que entra para o consumo nos centros civilizados. Todo esse trabalho é agora realizado por aparelho e máquinas, donde vem aos estabelecimentos que o realizam, a denominação de engenhos”. (SOUZA, 2004, p. 137-138)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Estabelecimento agrícola destinado à cultura da cana e à fabricação do açúcar. Na província do Paraná, onde não há por ora engenhos de açúcar, dão êsse nome aos estabelecimentos dotados de máquinas e aparelhos próprios para moer a congonha com que se fabrica o *mate*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 110)

Dicionário do folclore brasileiro:

Engenho Novo: dança popular nordestina, pertencente aos cocos de ganzá; é dançado em roda, a letra é cantada no ritmo de dois por quatro, na forma típica da embolada, batendo-se palmas. O refrão característico é o seguinte:

Engenho Novo, / Engenho Novo, / Engenho Novo, / Bota a roda pra rodar”...

Em São Paulo e Minas Gerais, o engenho novo é dança, diversa, também chamada guarapá. Valdomiro Silveira (*Mixuangos*, Rio de Janeiro, 1937) descreve: “Preparava-se uma roda de engenho novo”. (CASCUDO, 2000, p. 212)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Fazenda com casas de vivenda, térreas e assoalhadas, com engenho de pilões, e moinho, tudo coberto de telha; senzalas, chiqueiros, e mais ranchos cobertos de capim.” (Inventário de Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)¹⁵⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Engenho (186)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carrancas, Ijaci, Lagoa Dourada, Nazareno, Prados, Ritópolis, Santana do Garambeu, Barbacena, Santa Bárbara do Tugúrio, Buenópolis, Dolores do Indaiá, Angelândia, Capelinha, Carbonita, Itamarandiba, Minas Novas, Turmalina, Veredinha, Araçuaí, Medina, Rio Vermelho, São Sebastião do Rio Preto, Serro, Pitangui, Brumadinho, Caeté, Esmeraldas, Igarapé, Alvinópolis, Barão de Cocais, Itabira, Nova Era, Santa Bárbara, São Domingos do Prata, Taquaraçu de Minas, Conselheiro Lafaiete, Desterro de Entre Rios, Lagoa Grande, Bocaiúva, Barra Longa, Rio Doce, Brás Pires, Cajuri, Aracitaba, Coronel Pacheco, Lima Duarte, Olaria, Santos Dumont, Divinópolis, Itapeçerica, Piracema, Serra do Salitre, Patos de Minas, São Gotardo, Tiros, Campo Florido, Uberaba, Veríssimo, Ibiá, Sacramento, Santa Juliana, Conselheiro Pena, Itau de Minas, Passos, Pratópolis, São José da Barra, Monte Santo de Minas, Boa Esperança, Guapé, Pouso Alegre, Turvolândia, Baependi, Aiuruoca, Senador Modestino Gonçalves, Vargem Grande do Rio Pardo, Juiz de Fora, Itambacuri, Prata, Jenipapo de Minas, Cachoeira do Pajéu
Físico	D'água	Curvelo
Físico	Lagoa	Claro dos Poços, Coração de Jesus
Físico	Ribeirão	Ibertioga, Caeté, Itaverava, Palma, Carmópolis de Minas, Oliveira, São Thomé das Letras.
Físico	Morro	Itabira, Andradas
Físico	Serra	Botumirim, Oliveira
Humano	Fazenda	Carrancas, Luminárias, Prados, Santana do Garambeu, São João Del Rey, São Tiago, Ibertioga, Dolores do Indaiá, Martinho Campos, Carbonita, Itamarandiba, Minas Novas, Coronel Murta, Medina, Paraopeba, Santana de Pirapama, Serro, Brumadinho, Esmeraldas, Pedro Leopoldo, Sabará, Sarzedo, Barão de Cocais, Nova Era, Santa Bárbara, São Domingos do Prata, Desterro de Entre Rios, Unai, Lagoa Grande, Paracatu, Ubaí, Grão Mongol, Barra Longa, Ponte Nova, Piranga, Ubá, Visconde do Rio Branco, Aracitaba, Lima Duarte, Olaria, Simão Pereira, Campo Belo, Perdões, Carmópolis de Minas, Ibituruna, Santo Antônio do Amparo, Cruzeiro da Fortaleza, Serra do Salitre, Tiros, Comendador Gomes, Campo Florido, Conquista, Ibiá, Santa Juliana, Itau de Minas, Pratópolis, Careaçú, Turvolância, Baependi, Carmo de Minas, Aiuruoca, Carvalhos, Prata, Campos Gerais, Carmo da Cachoeira, Poços de Caldas, Conceição dos Ouros.
Humano	Localidade	São João Del Rey, Barbacena, Santa Bárbara do Tugúrio, Gameleiras, Rio Doce, Cajuri, Aracitaba, Santos Dumont, Dona Eusébia, Itamarati de Minas, Divinópolis, Perdígão, Santo Antônio do Monte, Oliveira, Piracema, Carmésia.
Humano	Povoado	São Sebastião do Rio Preto, Caeté, Alvinópolis, Itabira, Taquaraçu de Minas, Ouro Preto, Itaverava, Monte Azul
Humano	Sítio	Serro

¹⁵⁹ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 387. Ficha: 12429/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Engenho d'Água ~ Engenho d'água ~ Engenho D'água (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Curvelo
Humano	Fazenda	Curvelo, Martinho Campos
Humano	Povoado	Ouro Preto

Topônimo: Engenho d'Água de Baixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Curvelo

Topônimo: Engenho da Bilha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Gouveia

Topônimo: Engenho da Boa Vista (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Juiz de Fora

Topônimo: Engenho da Cana-Brava (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Espinosa

Topônimo: Engenho da Cota (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra da Saudade

Topônimo: Engenho da Glória (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santo Antônio do Amparo

Topônimo: Engenho da Raquel (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Gouveia
Humano	Fazenda	Gouveia

Topônimo: Engenho da Serra (33)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Prados, Serro, Candeias, Areado, Itamonte, São Vicente de Minas, Piedade do Rio Grande, São Roque de Minas, Indianópolis, Uberlândia, Cruzeiro da Fortaleza, Campos Altos, Sacramento
Físico	Ribeirão	Carmo da Cachoeira
Humano	Fazenda	Piedade do Rio Grande, Serro, Lamim, Candeias, São Vicente de Minas, Prados, Abre Campo, Patrocínio de Muriaé, Santa Rita de Jacutinga, Piui,

		Indianópolis, Veríssimo, São João Evangelista, Areado, Machado, Carmo da Cachoeira, Itamonte
Humano	Localidade	São João Del Rey, Palma

Topônimo: Engenho de Baixo (06)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Rio Preto, Santa Bárbara do Monte Verde, Medeiros, Candeias, Rio Paranaíba, Campo Belo

Topônimo: Engenho de Belarmindo Gomes (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Aracitaba

Topônimo: Engenho de Cima (05)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Rio Preto, Santa Bárbara do Monte Verde, Medeiros, Arapuá, Rio Paranaíba

Topônimo: Engenho de Gilson Mendes (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ritópolis

Topônimo: Engenho de José A. de Mendes (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ritópolis

Topônimo: Engenho de José Gabriel (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ritópolis

Topônimo: Engenho do Venâncio (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Itamarandiba

Topônimo: Engenho Fernandes (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Barra Longa

Topônimo: Engenho Nogueira (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Belo Horizonte

Topônimo: Engenho Nossa Senhora Aparecida (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Barão do Monte Alto

Topônimo: Engenho Novo (12)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Acaiaca, Itapegipe
Físico	Ribeirão	Mar de Espanha, Senador Cortes
Humano	Fazenda	Itapegipe, Paracatu, Vazante, Acaiaca, São Thomé das Letras, São Vicente de Minas, Piranguçu
Humano	Localidade	Vazante

Topônimo: Engenho Pobre (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Mariana
Humano	Localidade	Piranga

Topônimo: Engenho Podre (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Senhora de Oliveira

Topônimo: Engenho Seco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Igarapé

Topônimo: Engenho Velho (28)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Lagoa Dourada, Mariana, Cristiano Otoni, Jequeri, Pará de Minas, São Gonçalo do Sapucaí
Físico	Ribeirão	Caeté, Nova União
Humano	Fazenda	Lagoa Dourada, Caeté, Sabará, São Gonçalo do Rio Abaixo, Capitão Enéias, Itambé do Mato Dentro, Santo Antônio do Rio Abaixo, Pará de Minas, Cabeceira Grande, Francisco Sá, Patos de Minas, São Sebastião do Paraíso, Caldas, Inconfidentes, Aiuruoca, Carvalhos
Humano	Localidade	Logamar, Senhora do Porto
Humano	Povoado	Cristiano Otoni, Pitangui

Topônimo: Engenho, de Eli Aucides (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Perdigão

Topônimo: Engenho, de José Louriano (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Perdigão

Topônimo: Engenho, de José Luis (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Perdigão

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	123
Acidente humano	174
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	30
Central Mineira	10
Jequitinhonha	21
Metropolitana de Belo Horizonte	60
Noroeste de Minas	09
Norte de Minas	12
Oeste de Minas	28
Sul / Sudoeste de Minas	43
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	33
Vale do Rio Doce	05
Zona da Mata	46

FICHA 111

Entulho	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem controvertida</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Derivado do verbo <i>entulhar</i>, ‘meter em tulha’, ‘abarrotar’, XVI, <i>entulho</i>, <i>entullo</i>, XIV. Tulha: ‘celeiro, cova onde se aumenta e se comprime a azeitona, antes de ir para o lagar, XIV. De origem controvertida. (CUNHA, 2010, p. 656).</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Calça, pedregulhos, areia, tudo que sirva para aterrar, nivelar depressão de terreno, vala, etc. 2. Restos inúteis de material (tijolos, madeira, etc.) acumulados durante construção ou demolição de prédio. 3. Lixo (1). (FERREIRA, 2010, p. 294)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Tudo o que serve de encher, e atupir vãos, covas, e são terra, rama, paos, pedregulho, caliças, etc. de ruínas. (BLUETAU; SILVA, 1789, p. 516, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Entulho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pedrinópolis, Perdizes

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 112

Enxada	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento de capinar ou revolver a terra, XVI, <i>axada</i>, XIII, <i>exada</i>, XIV. Do latim *<i>asciāta</i>, de <i>asciā- ae</i> (ou <i>ascĕa</i>). (CUNHA, 2010, p. 250)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento de capinar ou revolver a terra. (FERREIRA, 2010, p. 295)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento d'Agricultura, chapa de ferro quasi quadrada com gume opposto a hum olho, ou alvado, onde entra o cabo, serve de cavar a terra; amassar cal, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 519, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Além da foice que serve para cortar os galhos e broto das árvores, os brasileiros do interior só conhecem dois outros instrumentos de agricultura, o machado e a <u>enxada</u>.” (1816)¹⁶⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Enxada (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Brasília de Minas, Uberlândia

Topônimo: Enxadão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Maria do Salto

Topônimo: Enxadinha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jacinto
Humano	Localidade	Jacinto
Humano	Sítio	Santo Antônio do Jacinto

¹⁶⁰ Arredores de Minas Novas, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 235. Ficha: 7388/ 7392/7394. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	04
Norte de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 113

Escada	Nº total de ocorrências no Estado: 23
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Série de degraus por onde se sobe ou desce, <i>escaada</i>, XIV. Do baixo latim <i>scalāta</i>, derivado de <i>scāla -ae</i>. (CUNHA, 2010, p. 256)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Série de degraus para subir ou descer. 2. (<i>Figurado</i>) Meio de vencer ou se elevar. (FEERREIRA, 2010, p. 300)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Dous páos unidos com degrãos; ou duas cordas, que se arrimão para subir, ou descer; obra de taboas, ou pedra com degraus para subir, e descer nos edifícios. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 528)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Não passar por debaixo de uma escada é superstição muito comum no Brasil, especialmente nas cidades do litoral. “Joaquim Nabuco dizia não ser supersticioso. Mas não passava debaixo de uma escada”, escreveu Afonso Lopes de Almeida em sua obra <i>O Gênio Rebelado</i>. (CASCUDO, 2000, p. 215)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "A <u>escada</u>, a varanda e os assoalhos eram feitos de bela madeira, que ainda não sofrera a injúria do tempo." (1809)¹⁶¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Escada (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dom Bosco

Topônimo: Escadinha (21)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvorada de Minas, Morro do Pilar, Itabira, Simonésia

¹⁶¹ Matias Barbosa, Minas Gerais. MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil* (1807-1810). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1978. p. 138. Ficha: 12803/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Físico	Ribeirão	Malacacheta, Coroaci, Governador Valadares
Físico	Serra	Simonésia, Coroaci, Governador Valadares
Humano	Fazenda	Alvorada de Minas, Biquinha, Morro do Pilar, Itabira, Rio Piracicaba, Simonésia
Humano	Povoado	Alvorada de Minas, Morro do Pilar, Coroaci, Governador Valadares
Humano	Vila	Biquinhas

Topônimo: Escadinha do Cobre (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Alvorada de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	09
Acidente humano	14
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Metropolitana de Belo Horizonte	10
Noroeste de Minas	01
Vale do Mucuri	01
Vale do Rio Doce	06
Zona da Mata	03

FICHA 114

Escudo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Arma defensiva para proteger dos golpes de espada ou de lança, peça em que se representam as armas nacionais, XIII. Do latim <i>scūtum</i> -ī. (CUNHA, 2010, p. 260)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Arma defensiva contra golpes de espada ou de lança. 2. Peça com representações de armas ou de brasões. 3. (<i>Zoologia</i>) Placa retangular, dura, que recobre o tegumento de animais como os crustáceos, etc. (FERREIRA, 2010, p. 305)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Arma defensiva de que se usava para cobrir o corpo contra os botes de lança, golpes de espada, era oval, ou oblonga, enfiava-se no braço esquerdo pelas embaçadeiras; nelle se pintavão armas [...] daqui escudo, a peça, em que estão as armas da familia nos pórticos das casas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 537, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"Usam [...] uma lança (marucui) e uma clava (cuidaraz), cujos ornamentos e formato variam, de acordo com as tribos, e, também, um escudo, feito de pele de tapir curtida ou de dorso do jacaré. Os mais ricos anexam uma lâmina de faca." (1831)¹⁶²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Escudo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Francisco Sá

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 115

Esgoto	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do verbo <i>esgotar</i>, de <i>gota</i>. Do latim <i>gūtta</i>. (CUNHA, 2010, p. 321) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Cano ou orifício para dar vazão a qualquer líquido. 2. Escoadouro para águas servidas e dejetos de conjuntos habitacionais. (FERREIRA, 2010, p. 307) Arquivo Ernani Silva Bruno: “O <u>esgoto</u> mata a cidade, em vez de sanear [...]. O assunto é de interesse tanto mais sério e premente quanto essa cidade-rainha, envenenada pelas infiltrações e entulhamento das suas valas, ainda conserva, no interior das casas, e conduz, pelas ruas, outras pestilências. Águas servidas, matérias fecais, imundícies de toda a casta permanecem com os deuses-lares.” (1858-1860)¹⁶³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Esgoto (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Araújos, Ipiáçu
Humano	Localidade	Alpercata

Topônimo: Esgotão (02)

¹⁶² Lagoa de Marapi, Amazonas. RUGENDAS, João Maurício. *Viagem Pitoresca Através do Brasil* (1825-1830). São Paulo, EDUSP/ Biblioteca Histórica Brasileira/ Martins Editora, 1972. p. 47. Ficha: 9347. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

¹⁶³ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. RIBEYROLLES, Charles. *Brasil Pitoresco* (1858-1860). vol. I, São Paulo, Martins Editora, s.d. p. 152-3. Ficha: 17579. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Santa Maria do Suaçuí
Humano	Povoado	Virgolândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	03

FICHA 116

Espada	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes, XIII. Do latim <i>spatha -ae</i>, derivado do grego <i>spáthē</i>. (CUNHA, 2010, p. 263)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Arma branca de lâmina comprida e pontiaguda, com 1 ou 2 gumes. (CUNHA, 2010, p. 309)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Arma, que costa de lamina, ou folha com ponta, e gumes, e de copos, serve de offender, e defender. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 544, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Como os ingleses, o mineiro faz muita questão de grande asseio no trajar e do fato branco, sobretudo nos dias de festa [...] a <u>espada</u> e, não raro, o mosquete, além do guarda-chuva, são seus companheiros inseparáveis, desde que sai de casa." (1818)¹⁶⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Espada (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Virgínia

Topônimo: Espadinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Oliveira

¹⁶⁴ São João del Rei, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1817-1818). vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 294. Ficha: 9643/9976. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 117

Espadilha	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘O ás de espadas, em certos jogos’, ‘certa ferramenta própria de tecelão’, XVII. Do castelhano <i>espadilla</i>. (CUNHA, 2010, p. 263) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Lud. Em certos jogos de cartas, o ás de espadas. 2. Instrumento de madeira com orifícios, usado pelos tecelões. (AULETE DIGITAL)¹⁶⁵ Dicionários antigos da língua portuguesa: O ás de espadas nos baralhos de cartas. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 545, Tomo 1) Dicionário do folclore brasileiro: Havia um jogo com esse nome. Não se fez pesquisa sobre o tema, no entanto, Câmara Cascudo se refere à poesia popular de Nicandro Nunes da Costa, falecido em 1918, que, glosando o mote, cantou: Grelha, espeto, frigideira, / Tesoura, agulha, dedal, / Mesa, muro, horta, quintal, / Bule, prato, chocolateira, / Caldeirão, tacho, sopeira, / Meu estro em rima se apraza, / Não deixo nem uma vaza, / Para entrares na espadilha, / Novela, bíblia, cartilha, / Tudo são honras da casa. (CASCUDO, 2000, p. 215) Espadilha: Jogo antigo, do início do século XIX. (CASCUDO, 2000, p. 303) Museu de Artes e Ofícios: Espadilhas: também conhecidas como “espadas”, são utilizadas para regular a tensão dos fios na urdidura, processo no qual se prepara o fio destinado a receber a trama.</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Espadilha (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Nova Serrana
Físico	Ribeirão	Campos Altos, Pratinha
Humano	Fazenda	Iguatama, Divinópolis, Campos Altos, Pratinha
Topônimo: Espadilha do Córrego (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹⁶⁵ <https://aulete.com.br/espadilha>

Humano	Fazenda	Pratinha
--------	---------	----------

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	04

FICHA 118

Espeto	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < gótico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Utensílio de ferro ou de pau, com que se assa carne ou peixe, XIII. Do gótico *<i>spītus</i>. (CUNHA, 2010, p. 265)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Utensílio de ferro ou de pau, para assar carne nele espetada. 2. Pau aguçado numa das pontas. 3. (Figurado) Pessoa alta e magra. (FERREIRA, 2010, p. 311)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de ferro comprido, e delgado, em que se enfia a carne para se assar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 550, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Enquanto fervia a água para o chá, a carne-seca, enfiada num <u>espeto</u> de pau e suspensa sobre brasas estava pronta para a ceia, porque se comia mal assada. Chá, com carne-seca e farinha de mandioca era o passadio habitual [...]” (1840)¹⁶⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Espeto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itau de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	

¹⁶⁶ Região do Rio Urucuia, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 184. Ficha: 2954/ 2047/1167. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Sul / Sudoeste de Minas	01
-------------------------	----

FICHA 119

Espora	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < gótico ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento de metal que se põe no tacão do calçado para incitar o animal que se monta, XIII, <i>espola</i>, XIV. Do gótico *<i>spaura</i>. (CUNHA, 2010, p. 266) Dicionário atual da língua portuguesa: Artefato de metal que se põe no tacão do calçado para incitar o animal que se monta. (FERREIRA, 2010, p. 313) Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de metal, que se embebe no calcanhar da bota, serve de picar o cavallo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 553, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: "<u>Espora de prata com suas fivelinhas.</u>" (Inventário de Cláudio Manoel da Costa) (1789)¹⁶⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Espora (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Coração de Jesus

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 120

Esquadro	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento para desenhar, formar ou medir ângulos e tirar linhas perpendiculares, XVIII. Do italiano <i>squadro</i>. (CUNHA, 2010, p. 536) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

¹⁶⁷ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 267. Ficha: 17094. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Instrumento triangular para formar ou medir ângulos e tirar linhas perpendiculares. (FERREIRA, 2010, p. 314)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Instrumento de Marcineiro; angulo recto feito de taboa; tambem he instrumento de espingardeiro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 555, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Esquadro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvarenga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 121

Estaca	Nº total de ocorrências no Estado: 16
<p>ORIGEM: português < gótico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Estaca: Peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo para sustentação, XIV, <i>estaga</i> XV. Do gótico <i>*stakka</i>. Estacada, XV. (CUNHA, 2010, p. 268)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Estaca: 1. Peça alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo para transmitir-lhe a carga duma construção, como parte do alicerce. 2. Pau que se finca no solo para marcar, sustentar, amparar, etc.</p> <p>Estacada: lugar defendido ou fechado por estacas muito juntas. (FERREIRA, 2010, p. 315)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Estaca: Pao fincado na terra, aguçado para soste alguma coisa. / Para furar. [...] / Para fazer estacadas / [...] Vara aguçada, que se planta para brotar.</p> <p>Estacada: liça, campo cerrado onde se briga, faz duello, ou torneio / Numero de estacas fincadas em terreno humido, ou á borda borda d'agua para sobre ellas fundar alguma obra como caes, ou casas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 557, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>“As casas são quase todas cobertas de palha, mas separadas umas das outras por quintais cheios de laranjeiras e cercados com <u>estacas</u> de taquaruçu. Isso torna bastante grande a área habitada, cujo tamanho aliás é difícil de apreciar à primeira vista porque o campo visual é limitado em todas as direções pelos verdejantes pomares a que acabo de me referir.” (1845)¹⁶⁸</p>	

¹⁶⁸ Miranda, Mato Grosso do Sul. CASTELNAU, Francis. *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul* (1843-1844). t. II, São Paulo, Biblioteca Pedagógica Brasileira/ Companhia Editora Nacional, 1949. p. 292. Ficha: 5923. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Estaca (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Além Paraíba, Comendador Gomes
Humano	Fazenda	Luz, Argirita, Coromandel, Comendador Gomes, Alagoa

Topônimo: Estacada (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Andrelândia
Humano	Fazenda	Andrelândia

Topônimo: Estacas (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sacramento
Humano	Fazenda	Santa Juliana, Carvalhos

Topônimo: Estaquinha (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Turmalina, Veredinha
Físico	Lagoa	Turmalina
Humano	Localidade	Veredinha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	07
Acidente humano	09
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Jequitinhonha	04
Sul / Sudoeste de Minas	04
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	05
Zona da Mata	02

FICHA 122

Esteio	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < origem obscura</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça de madeira, metal, pedra etc., com a qual se sustém alguma coisa. <i>Esteo</i>, XIII. De etimologia obscura. (CUNHA, 2010, p. 269)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

1. Peça para suster alguma coisa; escora, espeque. 2. Amparo, apoio. (FERREIRA, 2010, p. 317)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Páo que sostem, e sobre que descança alguma coisa, tambem há esteyos de pedra. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 561, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Diversas choupanas tinham por esteio, nos quatro cantos, os troncos brutos da árvore de madeira vermelha e cheirosa que tem no país o nome de cedro (cedrela). Esses troncos tinham criado raízes, e no alto tinham brotado grandes folhas aladas, do comprimento de um metro ou mais que, curvava-se sob o teto, se assemelhavam às folhas de acanto de um capitel coríntio.” (1816)¹⁶⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Esteio (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Serra da Saudade
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Esteios (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Luz
Humano	Vila	Luz

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	05

FICHA 123

Esteira	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Esteira (1): Tecido de junco, tábua, esparto, taquara, etc., feito de hastes entrelaçadas, usado para tapetes etc., XIII. Tal como o castelhano <i>estera</i>, o vocábulo português se prende ao latim <i>stórea</i>, com troca de sufixo. Esteira (2): (Marítimo) Porção revolvida de água que a embarcação deixa atrás de si, XV. (CUNHA, 2010, p. 269) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

¹⁶⁹ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 56. Ficha: 13582/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

1. Tecido feito de material fibroso (junco, palha etc.) em tiras entrelaçadas, ger. us. para forrar o chão. 2. Espécie de tapete, ger. de material sintético, ligado a um mecanismo que o faz se deslocar, us. para transporte de objetos e pessoas, exercícios de caminhada ou corrida etc. (esteira rolante). 3. Mar. A parte inferior de uma vela. 4. Bras. Espécie de albardão de junco, em que se prende a cangalha. (AULETE DIGITAL)¹⁷⁰

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Tecido de junco, tabúa, e d'outras palhas, para cobrir o pavimento, e muitos usos. / A aberta, e rasto que deixa do navio no mar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 561, Tomo)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Assim se designam, no Nordeste, os vaqueiros que guardam os flancos de uma boiada nas travessias do sertão. "Com satisfação acompanha Mané Chique-Chique um *pedaço de gado*, léguas e léguas, para as feiras. Na frente, montado a cavalo, vai o guia, aboiando para acalmar os bois, gritando ê... ê... Guardando os flancos vão outros dois cavaleiros, os *esteiras*, e atrás segue outro, o *tangerino*, animando os bois com gritos curtos e estridentes". (Ildefonso Albano). (SOUZA, 2004, p. 143)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à propriedade de um rico fazendeiro)

"Tive assim de voltar à fazenda para matar a fome [...] Deitei-me na hospitaleira esteira que - é no Brasil quase que o único colchão conhecido." (1843)¹⁷¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Esteira (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Cabeceira	São João do Paraíso
Físico	Córrego	São João do Paraíso

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02

FICHA 124

Estribeira	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Estribeira: estribo de montar à gineta, -eyra, XIII, <i>estrebeyra</i>, XIII, etc. Do antigo francês <i>estrivière</i>, de origem germânica. Estribo, <i>estrybo</i>, XV. (CUNHA, 2010, p. 273) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

¹⁷⁰ <https://aulete.com.br/esteira>

¹⁷¹ Arredores de Maricá, Rio de Janeiro. CASTELNAU, Francis. *Expedição às Regiões Centrais da América do Sul* (1843-1844). t. I, São Paulo, Biblioteca Pedagógica Brasileira/ Companhia Editora Nacional, 1949. p. 63. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Estribeira: Estribo de montar à gineta. **Estribo:** 1. Peça presa ao loro, de cada lado da sela, e na qual o cavaleiro firma o pé. 2. Degrau ou plataforma de viaturas. 3. (*Anatomia*) Pequeno osso da orelha média. (FERREIRA, 2010, p. 322)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Estribeira: O estribo da gineta; e do coche. **Estribo:** Peça de madeira ou de metal, em que o cavaleiro mette as pontas dos pés, e se firma para montar, etc. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 571, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Vaso de sela com estribeira e cilha Freio com rédeas e cabeçadas." (Inventário de Belchior Carneiro) (1609)¹⁷²

"O estribo de Guida era feito de modo que lhe permitia montar sem auxílio de banco, apesar da altura do cavalo." (1871)¹⁷³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Estribeira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Botumirim

Topônimo: Estribo Boiadeira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Barra Longa

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Zona da Mata	01

FICHA 125

Estufa	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: 'Fogão para aquecer as casas', 'galeria envidraçada para cultura de plantas', XVII. Do italiano <i>stufa</i>. (CUNHA, 2010, p. 274)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

¹⁷² São Paulo, São Paulo. INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. II (1603-1672), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1920. p. 119. Ficha: 16553. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

¹⁷³ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro* (1871). t. I, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1872. p. 12. Ficha: 16835. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

1. Fogão para aquecer aposentos. 2. Parte do fogão indiretamente aquecida. 3. Construção geralmente de material leve, e, envidraçada, com temperatura e umidade controladas, para cultura de plantas. (FERREIRA, 2010, p. 323)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Casa, camara, ou armário serrado com fogareiro dentro para lhe comunicar calor; ou a roda della, nestas casas se mette quem toma banhos de suor. / Fogão de ferro com lume fechado que se põe aos cantos das casas para as aquecer no inverno; e talvez he casa contigua, onde para aquecer a visinha se acende lume. / Coche de dois assentos, de vidros. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 573, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Estufa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Inhaúma

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

F

FICHA 126

Farinha	Nº total de ocorrências no Estado: 26
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pó a que se reduzem cereais moídos, XIV. <i>Farya</i>, XIII, <i>farynna</i>, XIII, etc. Do latim <i>farīna</i>. (CUNHA, 2010, p. 286) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Pó a que se reduzem certos produtos, especialmente os cereais moídos. 2. (Brasileirismo) Farinha de mandioca. (FERREIRA, 2010, p. 340) Dicionários antigos da língua portuguesa: O pó de pães moídos, e de outras raízes farinaceas como a mandioca, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 599, Tomo 1) Dicionário do folclore brasileiro:</p>	

Farinha: É a de mandioca, também chamada farinha-de-pau, pão dos brasileiros, e também a referida no ditado popular, proclamado em altos brados ao romper da Aleluia: Aleluia!/Aleluia!/Peixe no prato/Farinha na cuia!

Indica abundância, quantidade, grande número: gente como farinha.

Tu com a serra/Eu com a linha/ Ganhamos dinheiro/Como farinha.

A farinha-de-pau tem os seus fervorosos adeptos mesmo nas altas classes. (CASCUDO, 2000, p. 226-227)

Farinha Seca: em estado natural. Ditados: “Comer a vergonha em farinha seca”; “De pouca farinha o meu pirão tem medo”. (CASCUDO, 2000, p. 227)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Fazenda com casas térreas e engenho de pilões de socar farinha [...]” (1789)¹⁷⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Farinha (13)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capelinha, José Gonçalves de Minas, Turmalina, Veredinha, Mato Verde, São Geraldo, Passos, Andradas
Físico	Serra	Teófilo Otoni
Humano	Fazenda	Congonhas, Andradas
Humano	Localidade	Jacinto, São Geraldo

Topônimo: Farinha Fina (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvorada de Minas

Topônimo: Farinha Podre (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São João Del Rey, Abaeté
Físico	Ribeirão	Sacramento
Humano	Fazenda	São João Del Rey, Abaeté

Topônimo: Farinha Seca (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Berilo, Minas Novas, Itabirito

Topônimo: Farinhas (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jacinto, Galiléia, Tumiritinga
Humano	Localidade	Jordânia

Quadro quantificação

Acidente

¹⁷⁴ São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 245. Ficha: 10069. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Acidente físico	16
Acidente humano	07
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Central Mineira	02
Jequitinhonha	09
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Mucuri	01
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	02

FICHA 127**Farofa**

Nº total de ocorrências no Estado: 13

ORIGEM: africano < não encontrado**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nf [Ssing]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:****Dicionário etimológico da língua portuguesa:**

‘Comida feita de farinha’, ‘jactância, bazófia, 1899. Farófia, 1881. De provável origem africana. (CUNHA, 2010, p. 286)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. (*Brasileirismo*) Farinha de mandioca torrada, com gordura e às vezes ovos, etc. 2. Jactância, ostentação. (FERREIRA, 2010, p. 340)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de comida feita de farinha de mandioca ou de milho, que, depois de humedecida com água é frita ou antes cozida em toucinho ou manteiga. Come-se a farófa, à guisa de pão, com a carne, peixe e mariscos. / Etimologia: não encontro este vocábulo em dicionário algum da língua português. Aulete menciona *farofia* como vocábulo português designando uma espécie de doce feito de claras de ovos batidos com açúcar e canela, igualmente chamado *basofias*, *globos de neve* e *espumas*. Também diz que no Brasil a *farófia* é uma espécie de comida feita de farinha de pau bem misturada com qualquer mólho. Aceitando a definição, porque, afinal de contas, pode haver muitos modos de preparar essa comida, devom entretanto, fazer observar que a isso chamam no Brasil *farófa* e não *farofia*. Capello e Ivens também falam da *farófia* como de uma comida usual na parte da África português que visitaram, e dizem que é a simples mistura da farinha com vinagre, azeite ou água, a que se junta pimenta do Chile ou *d'jindungo*. Como se vê, é isso apenas uma variedade da *farófa* do Brasil. Segundo Aulete, o termo *farófia* em Portugal tem, no sentido figurado, a significação de cousa ligeira, de pouca importância, insignificância. No Brasil, *farófa* não tem êsse alcance. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 116)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Usa-se muito a farinha de mandioca preparada com gordura, pimenta e vinagre, ao que chamam farofa." (1839)¹⁷⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Farofa (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São Tiago, Antônio Carlos, Jaboticatubas
Físico	Ilha	Governador Valadares
Físico	Serra	Jaboticatubas
Humano	Fazenda	Santa Vitória
Humano	Localidade	São Tiago

Topônimo: Farofas (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Igarapé, São Joaquim de Bicas
Físico	Serra	Brumadinho, Igarapé, São Joaquim de Bicas
Humano	Granja	Igarapé

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	10
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Metropolitana de Belo Horizonte	08
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 128

Farol Velho	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: Farol: português < castelhano < catalão < grego Velho: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + ADJsing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Farol: ‘Construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes’, ‘lanterna, candeeiro’. <i>Faroll</i>, XV. Do castelhano <i>farol</i>, derivado do catalão antigo <i>faró</i> e, este, do grego <i>pháro</i>. (CUNHA, 2010, p. 286)</p>	

¹⁷⁵ Paraíba KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, Províncias do Norte* (1839-1840). São Paulo, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1972. p. 122. Ficha: 5076/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Velho: remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso, XIII. Do latim *vētūlus*, diminutivo de *vētus -ēris*. (CUNHA, 2010, p. 670)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Construção erguida na costa, à entrada de porto, ilha, etc., onde há uma luz que serve de guia aos navegantes; fanal. 2. Lanterna dianteira de um veículo, de luz forte. (FERREIRA, 2010, p. 340)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Lampião de poupa do navio; fazer farol, allumiar aos navios para seguirem a mesma esteira de noite. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 599, Tomo 1)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Farol Velho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pompéu

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 129

Fechadura	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem controversa ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Fechadura, XIV. De fecho, de origem controversa. (CUNHA, 2010, p. 288) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça metálica que, por meio de lingueta(s) e com o auxílio de chave, fecha porta, gaveta, etc. (FERREIRA, 2010, p. 343) Dicionários antigos da língua portuguesa: Engenho de metal, que applicado as portas, e as gavetas, armários, etc., serve de os fechar, e segurar por meio da língua, que se volve, e move com a chave. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 604, Tomo 1). Arquivo Ernani Silva Bruno: "Faqueiro de dúzia de facas, colheres e garfos, com sua caixa forrada de veludo carmesim e de lixa por fora com sua <u>fechadura</u> e chave." (1789)¹⁷⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fechadura (02)

¹⁷⁶ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 222. Ficha: 22607. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ritápolis
Humano	Fazenda	Ritápolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02

FICHA 130

Ferradura	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Ferradura, XIII. De ferro, ‘metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria e na arte’, XIII. Do latim <i>ferrum -i</i>. (CUNHA, 2010, p. 290) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça de ferro que se aplica na parte inferior da pata de uma cavalgada. (FERREIRA, 2010, p. 346) Dicionários antigos da língua portuguesa: O circulo de ferro, que se põe por calçado ás bestas, e talvez aos bois. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 609) Dicionário do folclore brasileiro: Amuleto da felicidade, atraindo a sorte e afastando o mau-olhado e desgraças de quem o possuir. Só será valiosa se for encontrada casualmente na rua, não tendo forças propiciatórias quando comprada ou furtada. Pregam no alto das portas, pelo lado de dentro, em cima dos balcões ou da soleira. No balcão <i>chama dinheiro</i> e evita o <i>fiado</i> nas vendas a crédito. Osvaldo Orico escreveu: “Algumas pessoas mais exigentes acham que a ferradura só produz efeitos benéficos quando é encontrada na rua, com a boca voltada para o futuro possuidor. Do contrário, não terá as propriedades de talismã”. É vendida como joia, em metais preciosos, miniaturas para pulseiras, broches, brincos, anéis, alfinetes de gravata etc. Há tipos maiores, de madeira, decorados e ornamentados para a entrada das salas. A tradição europeia emigrou para o Brasil. (CASCUDO, 2000, p. 230) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] notara os rastos de cavalo junto ao arbusto: a <u>ferradura</u> inglesa fina e um tanto oval [...]” (1871)¹⁷⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Ferradura (07)

¹⁷⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro* (1871). t. I, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1872. p. 75. Ficha: 16838. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Perdões, Oliveira, Alfenas
Humano	Fazenda	Alfenas, Andrelândia, São Vicente de Minas, Araguari

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	04
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 131

Fivela	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça usual para prender partes do vestuário, 1813. Do latim vulgar <i>*fibella</i>, de <i>fibŭla</i>, com troca de sufixo. (CUNHA, 2010, p. 294)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Peça metálica, com uma parte dentada em que se enfia ou prende a presilha de certos vestuários, ou uma correia, etc. (FERREIRA, 2010, p. 352)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Peça usual de apertar o sapato, com ligas dos calções, pescocinho, etc. consta de arco, fuzilão, charneira, e botão. (BLUTEU; SILVA, 1789, p. 619, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Par de fivelas de calção, de pratas de massas. <u>Fivela</u> de pescocinho.” (Inventário de Joaquim José da Silva Xavier) (1789)¹⁷⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fivela (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São Roque de Minas, Formiga
Humano	Fazenda	São Roque de Minas, Formiga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02

¹⁷⁸ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 125. Ficha: 27258 b. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião

Oeste de Minas

04

FICHA 132

Flecha

Nº total de ocorrências no Estado: 11

ORIGEM: português < francês

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Dicionário etimológico da língua portuguesa:

‘Arma de arremesso que consta de uma haste pontiaguda’, ‘seta’. *Fre-* XV. Do francês *flèche*, de origem germânica. (CUNHA, 2010, p. 295)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Haste de madeira ou metal, com ponta aguda, e que se arremessa por meio de arco ou besta; seta. 2. Extremidade piramidal ou cônica de uma torre. (FERREIRA, 2010, p. 353)

Dicionário antigo da língua portuguesa:

Frecha: haste com farpa lisa, ou farpada, cujo extremo opposto se embebe na corda do arco para a disparar em caça, ou na guerra, seta. / Especie de alavanca, que serve de erguer as pontes levadiças por meio das cordas, ou correntes, que á frecha estão atadas. (BLUTEU; SILVA, 1789, p. 635)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Frêcha: nome que dão à cana dos foguetes. / Também dizem *flecha*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 117)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Os portugueses parecem ter apreendido dos selvagens [...]. É curioso que o ferro da ponta da flecha é obtuso e que os pescadores afirmam que um ferro pontudo não penetra tão bem.” (1814-1815)¹⁷⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Flecha (04)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abre Campo
Físico	Lagoa	São Francisco
Humano	Fazenda	Abre Campo
Humano	Localidade	Senhora do Porto

Topônimo: Flecha de Francisco (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Senhora do Porto

Topônimo: Flecha de Júlio de Assis (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
------------------	----------	-----------

¹⁷⁹ Arredores do Rio Indaiá, Minas Gerais. FREIREYSS, G. Wilhelm. *Viagem ao Interior do Brasil nos Anos de 1814-1815*. vol. XI, São Paulo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1906. p. 190-1. Ficha: 9080/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Humano	Localidade	Senhora do Porto
--------	------------	------------------

Topônimo: Flecha de Saulo Pereira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Senhora do Porto

Topônimo: Flechas (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade de Ponte Nova, Divinópolis
Humano	Fazenda	Piedade de Ponte Nova

Topônimo: Flexa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Pintópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	06
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02
Oeste de Minas	01
Vale do Rio Doce	04
Zona da Mata	041

FICHA 133

Foice	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento curto para ceifar. <i>Fouce</i>, XIII, <i>ffojçe</i>, XIV. Do latim <i>falx – cis</i>. (CUNHA, 2010, p. 297)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento para ceifar. (FERREIRA, 2010, p. 355)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "A <u>foice</u> dos brasileiros consiste numa grande podadeira muito larga, truncada na extremidade, tendo por cabo um longo bastão, e, por, conseguinte, nada tem de comum com a <u>foice</u> / dos nossos ceifadores." (1816)¹⁸⁰</p>	

¹⁸⁰ Arredores de Minas Novas, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 235. Ficha: 7388/ 7392/7394. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Foice (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Governador Valadares, Gonçalves
Humano	Fazenda	Ipanema

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01
Vale do Rio Doce	02

FICHA 134

Folheto	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < italiano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Folheto, XVIII. Do italiano <i>foglietto</i>, ‘folha de jornal’. (CUNHA, 2010, p. 297)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Publicação não periódica, de poucas folhas, com ou sem capa. (FERREIRA, 2010, p. 356)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Não chegou a crer que fosse ela [...]. Quando ele entrou na sala [...] estava ainda ao piano, ante um <u>folheto</u> de músicas aberto [...]". (1888-1889)¹⁸¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Folheto (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piranga, Carbonita
Humano	Localidade	Piranga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Zona da Mata	02

¹⁸¹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. MACHADO DE ASSIS, J. Maria. *Memorial de Aires* (1888-1889). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975. p. 133. Ficha: 19571. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 135

Forca	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: Forca: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento para o suplício da estrangulação, XIII. Do latim <i>fūrca</i>. (CUNHA, 2010, p. 299) Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento para o suplício da estrangulação ou do enforcamento. (FERREIRA, 2010, p. 357) Dicionários antigos da língua portuguesa: Obra de páo, consta de dois esteios, ou tres fincados na terra, com huma, ou mais traves atravessadas, e fixas nos altos delles, onde se pendurão de cordas os condemnados a morrer enforcados. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 626)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Forca (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Barbacena, Ibertioga
Físico	Ribeirão	Abadia dos Dourados, Fortaleza de Minas
Humano	Fazenda	Campo Belo

Topônimo: Forquinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Minas Novas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Jequitinhonha	01
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 136

Formicida	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Formicida, XX. De <i>formiga</i>, do latim <i>fōrmicā</i>. (CUNHA, 2010, p. 299)</p>	

Dicionário atual da língua portuguesa:

Adjetivo de dois gêneros. 1. Diz-se de substância usada para matar formigas. *Substantivo masculino.* 2. Substância formicida. (FERREIRA, 2010, p. 358)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Formicida (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Felisburgo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

FICHA 137

Forno	Nº total de ocorrências no Estado: 15
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Forno: ‘Recipiente para cozer alimentos, XIII. Do latim <i>fūrnus</i>. (CUNHA, 2010, p. 299)</p> <p>Fornalha: Fornalha, XIV. Do latim <i>forñācūla</i>. (CUNHA, 2010, p. 299)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Forno: 1. Construção em forma de abóbada com portinhola, para cozer pão, louça, cal, telha, etc. 2. Fornalha (2). 3. Parte do fogão para fazer assados. (FERREIRA, 2010, p. 359)</p> <p>Fornalha: 1. Forno grande. 2. Parte do forno, da máquina ou do fogão, onde se queima o combustível; forno. (FERREIRA, 2010, p. 358)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Forno: Obra de pedra, e cal, em que se mete fogo, feita de forte que a acção, e força do fogo não saia para fora de suas paredes, e se dirija com a menor perda, e opere no corpo que a elle expomos; he de varias fórmas: o dos padeiros, e pasteleiros aquece-se com lenha, e tirado o borralho se põe o pão a cozer; e talvez se conserva o brazido, ou borralho, etc. os oleiros tem seus fornos; os que fazem cal. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 629, Tomo 1) Fornalha: Forno grande, forja artificial. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 628, Tomo 1)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros:</p> <p>Forno: Espécie de bacia chata de cobre ou ferro à semelhança de uma grane frigideira, que se coloca sôbre uma fornalha especial, e onde se põe a massa da mandioca para a fazer secar e reduzi-la a farinha, havendo o cuidado de a revolver constantemente até ficar pronta. Serve também para a fabricação da farinha de tapioca, em que se emprega a fécula da mandioca, e ainda mais para se fazer beijús e seus congeneres... Aulete escreveu <i>fomo</i> por <i>forno</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 117)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"Forno de cobre de torrar farinha." (Inventário da Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo Mello) (1789)¹⁸²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fornalha (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra da Saudade, Carmo de Minas, Aimorés
Humano	Povoado	Aimorés

Topônimo: Forno (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Maravilhas, Congonhas, Nova Resende, Ervália
Físico	Morro	Prata, Jacuí, Nova Resende
Humano	Fazenda	Madre de Deus de Minas

Topônimo: Forno de Bolo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pedra Azul

Topônimo: Forno Velho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jacuí
Humano	Fazenda	Jacuí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	11
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Central Mineira	01
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Sul / Sudoeste de Minas	06
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	01

¹⁸² Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 389. Ficha: 8463. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 138

Forquilha	Nº total de ocorrências no Estado: 133
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Forquilha, 1813, adaptado do castelhano <i>horquilla</i>. (CUNHA, 2010, p. 299) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Pequeno forcado de 3 pontas. 2. Vara, pau ou tronco bifurcado. (FERREIRA, 2010, p. 359) 1. Pedaco de pau que se abre em dois ramos assumindo a forma da letra Y. 2. Forcado de três pontas agudas com que se remexe a palha e o mato em estabelecimentos agrícolas; GARFO 3. Objeto com a forma da letra Y. 4. Estaca em formato de Y com que se ampara os ramos de uma árvore. 5. Vara com a ponta em formato de Y usada para apoiar o andor nas procissões. 6. Gancho em forma de Y para pendurar qualquer coisa. 7. Zool. Verme nematódeo (<i>Syngamus trachea</i>) que parasita a traqueia de certas aves. 8. Bras. Pinça formada pelos dedos médio e indicador de que o punquista se serve para furtar objetos no bolso ou na bolsa de suas vítimas. 9. RS Marca que se faz na orelha do gado com um corte em ângulo agudo. 10. Amaz. Vara com a ponta bifurcada que serve para impelir a canoa tomando como ponto de apoio as margens do rio. (AULETE DIGITAL)¹⁸³ Dicionários antigos da língua portuguesa: Páo com tres pontas de apartar herva miúda na cira, e lança-la ao vento, para a separar do grão. / Especie de forcado para armar redes contra aves. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 629, Tomo 1) Dicionário da Terra e da gente do Brasil: A <i>forquilha</i> é uma longa vara aforquilhada em uma das extremidades, que serve para propulsionar a canoa, tomando um ponto de apoio na margem do rio. (SOUZA, 2004, p. 152) Outras informações: Além da utilização na agricultura e na jardinagem, a forquilha também é utilizada para rastrear água subterrânea. Assim como aparece em muitos desenhos animados, a radiestesia é uma técnica simples. Ela consiste em segurar a forquilha com a palma voltada para cima com o intuito de encontrar a água. Caso a ponta da forquilha movimente-se, significa que há água percorrendo abaixo do solo em que a pessoa se encontra. No Brasil, a Sociedade Brasileira de Radiestesia (Abrad) reforça que isso ocorre devido a água presente debaixo do solo gerar radiações que sensibilizam o corpo. Esses impulsos involuntários são perceptíveis pelos movimentos da ferramenta.¹⁸⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Forquilha (120)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Resende Costa, Paineiras, Pompéu, Buenópolis, Morro da Garça, Araújos, Martinho Campos, Diamantina, Senador Modestino Gonçalves, Carbonita, Jenipapo de Minas, Araçuai, Novo Cruzeiro, Ponto dos Volantes, Jequitinhonha, Prudente de Moraes, Rio Vermelho, Santa Maria de Itabira, Catas Altas da Noruega, Unai, João Pinheiro, São Gonçalo do Abaeté, Rio Pardo de Minas, Salinas, São João do Paraíso, Brasília de Minas, Capitão

¹⁸³ <https://aulete.com.br/forquilha>

¹⁸⁴ <https://agro20.com.br/forquilha>

		Enéias, Francisco Sá, Grão Mongol, Bocaiúva, Pavão, Teófilo Otoni, Acaiaca, Piranga Piraúba, Maripá de Minas, São Gonçalo do Pará, Aguanil, Carmo da Mata, Ituiutaba, Araguari, Uberlândia, Rio Paranaíba, Campina Verde, Perdizes, Pratinha, Tapira, Bom Jesus do Galho, Capitólio, Jacuí, Jacutinga, Aiuruoca, Bocaina de Minas, Capinópolis, Conceição das Alagoas.
Físico	Cabeceira	Mirabela
Físico	Lagoa	Novo Cruzeiro
Físico	Riacho	Itacarambi, Januária
Físico	Ribeirão	Guaraná, Mar de Espanha, Carmo da Mata, Delfinópolis
Físico	Serra	Itamarandiba, Rio Vermelho, Santa Maria de Itabira, São Gonçalo do Pará, Aguanil, Andradas, Caldas, Ibituruna de Minas, Jacutinga
Humano	Fazenda	Buenópolis, Araújos, Lagoa da Prata, Maravilhas, Prudente de Moraes, Guarda-Mor, Januária, Fruta de Leite, Salinas, Lassance, Bocaiúva, Acaiaca, Piraúba, Belmiro Braga, Guaraná, Vargem Bonita, São Gonçalo do Pará, Aguanil, Ituiutaba, Prata, Rio Paranaíba, Campina Verde, Campo Florido, Jacuí, Ibituruna de Minas, Jacutinga, Capinópolis, Uberlândia, Conceição das Alagoas, Veríssimo, Tapira, Aimorés
Humano	Localidade	Unaí, Fruta de Leite, Riachinho, Bocaiúva, Espera Feliz, São Geraldo, Guaraná, Mar de Espanha, Maripá de Minas, Santa Maria do Suaçuí, Belo Oriente
Humano	Povoado	Guaraná, São Gonçalo do Pará, Aguanil
Humano	Vila	Minas Novas
Humano	Sítio	Porteirinha

Topônimo: Forquilha de Baixo (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Carmo da Mata

Topônimo: Forquilha de Cima (05)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Fruta de Leite, Indaiabira, Salinas
Humano	Localidade	Salinas, Carmo da Mata

Topônimo: Forquilha, de João Machado (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Fazenda	Araújos

Topônimo: Forquilha, de José Pimentel dos Santos (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araújo, Martinho Campos

Topônimo: Forquilha Grande (03)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Gurinhata, Ituitaba
Humano	Fazenda	João Pinheiro

Topônimo: Forquilhas (01)

--	--	--

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Presidente Olegário

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	78
Acidente humano	55
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Central Mineira	12
Jequitinhonha	11
Metropolitana de Belo Horizonte	08
Noroeste de Minas	07
Norte de Minas	24
Oeste de Minas	13
Sul / Sudoeste de Minas	13
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	22
Vale do Mucuri	02
Vale do Rio Doce	04
Zona da Mata	16

FICHA 139

Fragata	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < italiano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de belonave, XVI. Do italiano <i>fregata</i>. (CUNHA, 2010, p. 300)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Navio de guerra de porte médio, veloz, próprio para dar combate a submarinos ou realizar outras missões. (FERREIRA, 2010, p. 360)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Navio de guerra de ordinario tem duas cobertas, he menor, e mais ligeiro que as náos de guerra. / Embarcação pequena do Têjo, que anda a vela, e remos. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 632)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fragata (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Cruz de Minas
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Quadro quantificação

Acidente

Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Central Mineira	01

FICHA 140

Freio	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Todo dispositivo que serve para fazer cessar ou diminuir um movimento, XIV, <i>frêo</i>, XIII, <i>freo</i>, XIII, etc. Do latim <i>frēnum</i>. (CUNHA, 2010, p. 301) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Peça de metal que passa pela boca da cavalgadura, presa às rédeas, e serve para guiá-la; trava, travão. 2. Dispositivo que modera ou faz cessar o movimento de maquinismos ou veículos; travão, breque. 3. (<i>Anatomia</i>) Pequena prega que reduz ou evita o movimento numa estrutura do corpo. 4. (<i>Figurado</i>) Aquilo que reprime. (FERREIRA, 2010, p. 362) Dicionários antigos da língua portuguesa: Freo (antes <i>freio</i>) instrumento de varias peças de ferro, ou outro metal, algumas quaes entram na boca do cavallo, e nelle prendem as rédeas, para o governar. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 636, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Os estribos são muito pequenos, a cabeçada compõem-se das correias que sustentam a serrilha e as rédeas da cabeçada, a brida de uma argola de ferro que substituiu a barbela e na qual está presa uma peça móvel de ferro a que estão seguras as cambas do <u>freio</u> em que se afivelam as rédeas da brida." (1868-1871)¹⁸⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Freio (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Coração de Jesus

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

¹⁸⁵ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 310. Ficha: 16829. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 141

Frigorífico	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Frigorífico, 1858. Do francês <i>frigorifique</i>. (CUNHA, 2010, p. 302) Dicionário atual da língua portuguesa: Diz-se de, ou estabelecimento, ou compartimento, para conservar, congelando-os, carnes e outros produtos perecíveis. (FERREIRA, 2010, p. 364) 1. O fluido que produz o frio. 2. Aparelho para conservar e/ou congelar alimentos. 3. Empresa que estoca alimentos perecíveis sob congelamento, em geral carnes, para posterior venda. (AULETE DIGITAL)¹⁸⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Frigorífico (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Carlos Chagas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	01

FICHA 142

Fubá	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: africano < banto ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Farinha de milho. <i>Fuba</i>, 1681. Do quimbundo <i>fu'ba</i>. (CUNHA, 2010, p. 303) Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Farinha de milho ou de arroz. (FERREIRA, 2010, p. 365) Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) 1. (Brasil) espécie de farinha de milho ou de arroz. Quitungo / Quimbundo. <i>mfuba</i>. 2. (Bahia) espécie de doce de amendoim, farinha e açúcar pulverizado. 3. 3. (Bahia) pó, película finíssima, esbranquiçada, que se desprende da pele ao coçar-se ou quando a arranham. 4. 4. (Brasil) – Adjetivo. Diz-se do gado de pelo ruço. (CASTRO, 2005, p. 236) Dicionário de vocábulos brasileiros:</p>	

¹⁸⁶ <https://aulete.com.br/frigorífico>

Farinha de milho ou de arroz moída na mó. No Algarve chamam *Xerêm* a essa farinha de milho, de que se fazem papas (Aulete). Etimologia: tem origem no termo *Fuba* da língua bunda; mas na África se dá êsse nome a qualquer espécie de farinha (Capello e Ivens, Serpa Pinto). No Brasil o fubá de milho é coisa diferente da farinha de milho. Esta se consegue pisando o milho no pilão, e dessecando-a ao fogo. O *fubá* de milho é preparado a frio. Engana-se Aulete, quando, em referência ao Brasil, inclui a farinha de mandioca na denominação de *fubá*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 117-118)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] sua alimentação, que não é das mais nutritivas, consiste principalmente em feijão cozido e fubá de milho, o qual, ajuntando-se água quente, se transforma numa pasta grossa chamada angu." (1840)¹⁸⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fubá (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ibirité, Buritizeiro, Santa Rita de Jacutinga, Jacutinga
Físico	Rio	Mirai
Humano	Fazenda	Carangola, Jacutinga
Humano	Localidade	Viçosa

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	02
Zona da Mata	04

FICHA 143

Fumo	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Vapor que se eleva dos corpos em combustão’, ‘tabaco’, ‘faixa de crepe para luto’, XIII. Do latim <i>fūmūs</i> -i. (CUNHA, 2010, p. 304) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Vapor que sobe dos corpos em combustão ou muito aquecidos. 2. Exalação malcheirosa que sobe dos corpos em decomposição. 3. Tabaco (1 e 2). (FERREIRA, 2010, p. 366)</p>	

¹⁸⁷ Diamantina, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 210. Ficha: 5080/ 4300/2953/1164/755. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

1. Ato, hábito ou vício de fumar: *Conseguiu largar o fumo*. 2. Bot. Tabaco. 3. Produto preparado a partir da folha de tabaco para ser fumado (em cigarro, cachimbo ou charuto) ou mascado. 4. Fumaça: "... e o seu grande amor, de repente, como um fumo que uma rajada dissipa..." (Eça de Queirós, *O primo Basílio*). 5. O cheiro da fumaça do cigarro. 6. Bras. Gír. Maconha. 7. Pequena tira de pano negro que se colocava na lapela, na manga ou no chapéu como sinal de luto: "Foi então que Carlos reparou que ele estava carregado de luto, com fumo no chapéu, luvas pretas..." (Eça de Queirós, *Os Maias*) (AULETE DIGITAL)¹⁸⁸

Dicionário antigo da língua portuguesa:

A humidade, e outras partes oleosas, e heterogneas, que o fogo desenvolve, e faz subir ao ar em corpo mais ou menos denso. / O vapor denso, que se exala do vinho, do esterco etc. [...] / Tecido de seda preta, crua, que se traz por luto, he mui raro. / *Fumo da terra* herva molarinha, capnos. / *Carne de fumo*, chacinada, curada ao fumeiro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 642)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Fumo: nome vulgar não só do tabaco de fumo, como da própria planta em vida. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 118, Tomo 1)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"A alimentação dos escravos consiste em angu de fubá, farinha de mandioca e feijão. Recebem, além disso, um pouco de sal e um pedaço de fumo de rolo." (1832)¹⁸⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fumo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piui

Topônimo: Fumo-azedo (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ipiaçu, Ituiutaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

¹⁸⁸ <https://aulete.com.br/fumo>

¹⁸⁹ Arredores de Diamantina, Minas Gerais. D'ORBIGNY, Alcides. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1976. p. 137. Ficha: 5068/ 4294/2933/739. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 144

Fundanga	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: africano < banto ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) o mesmo que fuganga: pólvora. Cf. anqueeputo. Kik. <i>funda ngangal</i> Kimb. <i>fundanga</i>. (CASTRO, 2005, p. 237)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fundanga (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sant Rita do Itueto
Humano	Fazenda	Aimorés

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	02

FICHA 145

Fuzil	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < francês < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Carabina, espingarda, 1873. Do francês <i>fusil</i>, derivado do latim <i>*focilis</i>, de <i>foccus</i> ‘fogo’. Nas acepções menos usadas de ‘anel de cadeia, aro de metal’, ‘peça com que se fere lume na pederneira’, o vocábulo português já se documenta em textos do século XIV, com as grafias <i>fozil</i> e <i>ffusies</i> plural. (CUNHA, 2010, p. 306) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Relâmpago. 2. Arma portátil de repetição, de cano longo. (FERREIRA, 2010, p. 368) Dicionário antigo da língua portuguesa: Argola, ou malha de que constão as cadeias de metal. / Peça de aço, que serve de ferir a pederneira para tirar lume, feita como hum fusil de cadeia chato. [...] / Argola de ferro, com que o carpinteiro segura o ferro da enxo ao seu cabo. / O clarão que se faz nas nuvens inflammando-se a materia eletrica. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 647) Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"Quanto ao fuzil, nossa arma européia, é ele empregado com êxito apenas pelos caboclos Camacas-Mongoiós e Machacalis civilizados do Rio Pardo." (1816-1831)¹⁹⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Fuzil (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Cordisburgo, Divisa Alegre
Humano	Fazenda	Abaeté, Divisa Alegre
Humano	Sítio	Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	03
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Norte de Minas	02



FICHA 146

Gaita	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Flauta reta de folha de flandres ou de bambu’, ‘pífaro, realejo’. 1500, <i>gayta</i>, XVI. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 307-308) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Instrumento de sopro, com vários orifícios, que se toca fazendo-o ocorrer por entre os lábios, duma extremidade à outra. 2. (<i>Brasileirismo</i>) Pequena flauta reta, espécie de pífaro. (FERREIRA, 2010, p. 370) Dicionários antigos da língua portuguesa: Assobio, com buracos, pequeno. / Algumas há em que o vento se lhe comunica de hum folle, chamados por isso <i>gaitas de folle</i>, usadas entre gente rustica. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 648, Tomo 1)</p>	

¹⁹⁰ Arredores do Rio Pardo, Minas Gerais. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 82. Ficha: 9965. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Dicionário do folclore brasileiro:

1. Instrumento musical idiofônico. No Rio Grande do Sul denomina-se também *gaita de fole*, *acordeona*; em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás, principalmente, tem o nome de *sanfona de oito baixos*. No Nordeste diz-se *fole*. Câmara Cascudo cita: *gaita* ou *gaitinho*, denominação da flauta de taboca, bambu ou flandres, reta, uma espécie de *pífero*. A produção do som tem por princípio a passagem do ar através das palhetas, fazendo-as vibrar. O processo foi inventado pelo austríaco Damien Bushmann em 1829. Essa é a forma como funcionam todos os acordeons, dos mais simples, como a concertina, aos mais sofisticados, como o *bando-neón*. No folclore gaúcho, o impacto da *gaita* foi decisivo, como diz a quadrinha:

A *gaita* matou a viola, / o fósforo matou o isqueiro. / A bombacha, o chiripá / e a moda, o uso campeiro.

Essa é a *gaita* de “voz trocada”, de “duas conversas”, pois sua escala é diatônica, ou seja, emite um som quando abre e outro quando fecha. É a *gaita de botão*; outra é a chamada *gaita-piano*, surgida no início do século XX. Tem escala cromática e, em vez de botões, teclados. A *gaita verdadeira* é a de foles, dos escoceses, por exemplo, mas, como o acordeon também tem foles, foi logo chamado de *gaita*.

2. Dinheiro: “Fulano não pode pagar, está sem *gaita*”. (CASCUDO, 2000, p. 257)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se aos escravos)

"Quanto mais pesado parece ser o trabalho, mais selvagemmente se põem a cantar [...]. Seu instrumento consiste numa *gaita* presa a uma tábua em que estão esticadas duas cordas, que eles tocam caminhando [...] ou reunidos à porta de uma venda para dançar ao som do mesmo." (1819-1820)¹⁹¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gaita (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santa Juliana

Topônimo: Gaitas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Buritizeiro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

¹⁹¹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. LEITHOLD, Theodor von e RANGO, Ludwig von. *O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966. p. 34. Ficha: 19444. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 147

Galeão	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Galeão, <i>galeon</i>, XIII. Do antigo francês <i>galion</i>. Galé, ‘antiga embarcação de vela e remos’. (CUNHA, 2010, p. 308) Dicionário atual da língua portuguesa: Antigo navio de guerra, com popa arredondada e bojuda e 4 mastros. (FERREIRA, 2010, p. 370) Dicionários antigos da língua portuguesa: Navio d’alto bordo, de carga, ou de guerra; <i>galeões d’alto bordo</i>, por excellencia, são as náos de guerra. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 649, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Galeão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Riacho	Ubaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 148

Gamarra	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Correia que se ata da cilha ao bocal ou cabeção da cavalgadura, para que esta não levante muito a cabeça, 1813. Do italiano <i>gamarra</i>, do antigo <i>camarra</i>. (CUNHA, 2010, p. 309) Dicionário atual da língua portuguesa: Correia passada das cilhas à focinheira para impedir que a cavalgadura erga demais a cabeça. (AULETE DIGITAL)¹⁹² Dicionários antigos da língua portuguesa: Cabo que se ata da filha da besta ao bocal, ou cabeção para lhe ter o rosto baixo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 651, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

¹⁹² <https://aulete.com.br/gamarra>

Topônimo: Gamarra (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Rio	Baependi
Físico	Serra	Baependi
Humano	Fazenda	Baependi

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	03

FICHA 149

Gamela	Nº total de ocorrências no Estado: 55
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de alguidar feito de madeira, XIII. Do latim <i>camella</i>, diminutivo de <i>camēra</i> ‘vaso para beber’. (CUNHA, 2010, p. 309)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Vasilha de madeira ou de barro. (FERREIRA, 2010, p. 371)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Gamella: vaso de páo como alguidar, ou concavo por igual em redondo para banhos, ou lavar o corpo; para dar de beber às bestas, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 65, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Agrimensor prático que anda pelos sertões a fora medindo terras; indivíduo que não sendo formado realiza trabalhos de campo próprios de engenheiro; “espécie de curandeiro da engenharia”, na frase de Veiga Miranda em seu belo conto <i>Os dois crimes do agrimensor</i>. Registra-o Carlos Teschauer em seu <i>Novo Dicionário</i>, 2.^a edição, onde se lê: “indivíduo que faz as vezes de engenheiro sem ser diplomado”, abonando-o com a seguinte frase de Afonso Taunay: “A turma conta um engenheiro e dois gamelas, antigos niveladores...” Cândido de Figueiredo registra o termo como regionalismo do Minho com a significação de “indivíduo boçal, lorpa”. (SOUZA, 2004, p. 156)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Uma <u>gamela</u> grande e outra pequena” (Inventário de Joaquim José da Silva Xavier) (1789)¹⁹³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gamela (21)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

¹⁹³ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 321. Ficha: 17759. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Físico	Córrego	São Tiago, Alvinópolis, Belo Vale, Rio Preto, Santa Bárbara do Monte Verde, Vargem Bonita, Itaúna, Perdizes, Pratinha
Humano	Fazenda	Alvinópolis, Belo Vale, Crucilândia, Guarda-Mor, Vargem Bonita, Itaúna, Uberlândia, Douradoquara, Fortaleza de Minas, Abadia dos Dourados
Humano	Localidade	São Tiago
Humano	Povoado	Belo Vale

Topônimo: Gamelão (14)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cendro do Abaeté, Campanário, Poço Fundo, Piranguçu
Físico	Morro	Conceição dos Ouros
Físico	Serra	Abaeté, Cedro do Abaeté, Toledo, Piranguçu
Humano	Fazenda	Abaeté, Toledo, Campanário, Piranguçu
Humano	Localidade	Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão de Joventina Maria (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão dos Campos (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
		Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão, de Bruno Alves (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
		Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão, de José Xavier (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
		Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão, de Oswaldo R. Maia (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
		Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelão, de Pimas Sales (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
		Cedro do Abaeté

Topônimo: Gamelas (11)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Rio Pardo de Minas, José Gonçalves de Minas, Serranópolis de Minas, Indaiabira, Vargem Grande do Rio Pardo
Físico	Riacho	Ibiaí

Humano	Fazenda	Capelinha, Serranópolis de Minas
Humano	Localidade	Indaiabira, Vargem Grande do Rio Pardo
Humano	Povoado	Rio Pardo de Minas

Topônimo: Gamelinha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Guiricema, Visconde do Rio Branco

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	23
Acidente humano	32
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Central Mineira	12
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	06
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	09
Oeste de Minas	04
Sul / Sudoeste de Minas	08
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	05
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	04

FICHA 150

Gancho	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < céltico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça recurvada de metal ou outro material que serve para suspender pesos, XVI. Provavelmente do céltico *<i>ganskio</i>. (CUNHA, 2010, p. 310)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Peça recurva, de material resistente, para suspender quaisquer pesos. 2. Parte da calça em que se unem as 2 pernas. (FERREIRA, 2010, p. 371)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Ponta de ferro curva enxada em haste, ou pregada pelo espigão. / Lucro meretricio. /O lucro, ou ganho do official em horas furtadas. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 651, Tomo 1)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] A volta do loro passando na mola atravessava o suadouro e prendia-se no outro lado a um pequeno <u>gancho</u> pregado na armação do selim e elegantemente disfarçado por uma aba de couro.” (1871)¹⁹⁴</p>	

¹⁹⁴ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro* (1871). t. I, Rio de Janeiro, Livraria Garnier, 1872. p. 12. Ficha: 16835. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gancho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Bom Jesus do Galho

Topônimo: Gancho da Forquilha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Taiobeiras

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 151

Gangorra	Nº total de ocorrências no Estado: 49
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Originalmente tipo primitivo de engenho de cana-de-açúcar’, ‘aparelho para divertimento infantil, que consiste numa tábua apoiada num espigão, sobre o qual gira horizontalmente’, XVI. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 310) Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Aparelho para diversão infantil: tábua apoiada em peça pontiaguda, sobre a qual gira horizontalmente ou oscila. (FERREIRA, 2010, p. 372)</p> <p>1. (Lud.) prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada a qual numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega no alto. 2. (Lud.) esse divertimento. 3. (B, NE.) engenho primitivo de cana-de-açúcar, formado apenas por dois rolos de madeira entre dois esteios verticais. 4. (PB) engenho de madeira usado por pequenos lavradores para fabricar rapadura. 5. (PI, CE) armadilha para apanhar animais bravios. 6. (MG) espécie de armadilha para pequenos animais, à maneira de curral, de entrada fácil e saída impossível. 7. (PE; infm.) Bicicleta. (HOUAISS DIGITAL)¹⁹⁵</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Na Paraíba, segundo informações de Rodrigues de Carvalho, à página 219 do seu <i>Cancioneiro do Norte</i>, assim se designa o engenho de madeira usado pelos pequenos lavradores fabricantes de rapadura. No Nordeste, principalmente no Piauí e Ceará, <i>gangorra</i> é uma espécie de curral,</p>	

¹⁹⁵ Grande Dicionário Houaiss (uol.com.br)

em geral junto a uma cacimba ou aguada, onde se prendem animais bravios. Neste sentido, já registrado por Beurepaire-Rohan e outros dicionaristas. Exemplo de seu emprego nesta significação é a seguinte estrofe do *O Rabicho da Geralda*, tão conhecido no Nordeste: “*Desci por uma vereda / E disse: esta me socorra; / Quando quis cuidar de mim / Estava numa gangorra.*” Em Pernambuco, nas fronteiras com a Paraíba, diz-se *gangorra*, pequena *casa de farinha*. *Gangorra* é ainda brasileirismo quando apelida certo aparelho para divertimento de jovens, chamado em Portugal – *arre-burrinho*, no Ceará e outras províncias do Norte – *joão-galamarte*, em Pernambuco – *jangalamarte* e em Minas Gerais – *zangaburrinha* (Beurepaire-Rohan). (SOUZA, 2004, p. 156-157)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Gangorra (1): (*Rio de Janeiro e outras províncias*) nome de um aparelho destinado ao divertimento de rapazes, e consiste em uma trava apoiada pelo meio em um espigão, sobre o qual gira horizontalmente e em cujas extremidades cavalgam. [...] Moraes menciona *Gangorra* como termo obsoleto de significação incerta, talvez designando alguma moléstia o que não me parece de bom conceito. G. Soares, na descrição das madeiras de construção da Bahia, fala muito da *Gangorra* como de peça necessária nos engenhos de açúcar. [...]

Gangorra (2): (*Piauí*) espécie de armadilha que, para prender os animais bravios, se estabelece ordinariamente entre desfiladeiros e boqueirões. Consiste em um pequeno curral em redor de uma cacimba ou aguada, com uma entrada ou porteira por onde facilmente entra o animal, e com uma saída que é para êle um labirinto. O animal engangorando, ou se deixa pegar, ou terá de romper ou de saltar a cerca (J. Coriolano). (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 119)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Tembém faz-se farinha do milho. Para este efeito, o milho é amolecido em água durante alguns dias e, em seguida, pulverizado com um pilão dentro de um almofariz ou por uma *gangorra* de madeira, cuja extremidade escavada se enche de água corrente. O peso faz com que esta caia e a água escorra em consequência; aliviando o peso, por sua vez, o extremo oposto cai, qual um martelo, sobre o milho contido em vasilha semelhante a um pilão. Chama-se a esta máquina monjolo ou 'preguiça do Brasil', por ser um método lento de trabalhar." (1819-1820)¹⁹⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gangorra (30)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Curvelo, Berilo, Itamarandiba, Carai, Riacho dos Machados, Serranópolis de Minas, Juramento, Botumirim, Cristália, Grão Mongol, Bocaiúva, Malacacheta, Peçanha, Couto de Magalhães
Físico	Ribeirão	Berilo
Físico	Lagoa	Berilo, Carai, Comercinho
Físico	Serra	Porteirinha
Humano	Fazenda	Curvelo, Diamantina, Ponto dos Volantes, Buritis, Formoso, Porteirinha, Couto de Magalhães de Minas
Humano	Localidade	Itamarandiba, Juramento, Botumirim, Bocaiúva

Topônimo: Gangorra Seca (01)		
------------------------------	--	--

¹⁹⁶ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. LEITHOLD, Theodor von e RANGO, Ludwig von. *O Rio de Janeiro Visto por Dois Prussianos em 1819*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966. p. 89. Ficha: 8479/ 8480/ 8484. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	José Gonçalves de Minas

Topônimo: Gangorras (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Minas Novas, Malacacheta, Setubinha

Topônimo: Gangorrinha (15)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capelinha, José Gonçalves de Minas, Jequitinhonha, Joáima, Cristália, Teófilo Otoni, Campanário
Físico	Lagoa	Capelinha
Humano	Fazenda	Itamarandiba, Carai, Luislândia
Humano	Localidade	Itamarandiba, José Gonçalves de Minas, Araçuaí, Cristália

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	31
Acidente humano	18
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Jequitinhonha	24
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	15
Vale do Mucuri	04
Vale do Rio Doce	02

FICHA 152

Garapa	Nº total de ocorrências no Estado: 15
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bebida formada pela mistura de mel ou açúcar com água, o caldo da cana, XVI. De origem controversa. Em 1638, em carta escrita da Bahia, lê-se: “Vinho de assucar [= <i>aguardente de cana-de-açúcar</i>] a q cá chamão garapa [...]”. (CUNHA, 2010, p. 310)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Bebida refrigerante: mel ou açúcar com água. 2. Refresco de qualquer fruta. 3. O caldo da cana para destilação. (FERREIRA, 2010, p. 372)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Bebida feita de calda, ou melaço com agua, e limão no Brasil. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 652, Tomo 1)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) O caldo da cana, quando destinado à destilação; qualquer líquido que se põe a fermentar para depois ser destilado; bebida refrigerante de mel ou de açúcar com água, a que</p>	

alguma vez se adicionam gotas de limão; frescor de qualquer fruta; (*figurado*) coisa fácil de conseguir. Variante: guarapa. (CASTRO, 2005, p. 241)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Nome comum a diversas bebidas refrigerantes. Em S. Paulo, Goiás e Mato-Grosso dão esse nome ao caldo da cana, e também lhe *Guarapa*. Em algumas províncias do norte *Garápa picada* é o caldo da cana fermentado, e o nome de *Garápa* se aplica também a qualquer bebida adoçada com melão. Segundo Simão de Vasconcelos, *Garápa* é o termo com que os *Tupinambás* designavam uma certa bebida feita com mel das abelhas. Em Angola, no dizer de Capello e Ivens, entende-se por *Garápa* uma espécie de cerveja feita de milho e outras gramíneas, à qual dão também os nomes de *Ualúa* e *quimbombo*, conforme as terras. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 120-121)

Dicionário do folclore brasileiro:

1. Nome comum a diversas bebidas refrigerantes, feitas com o suco de frutas ácidas, como tamarindo, maracujá, laranja e outros; água, açúcar ou mel; ado limão, porém, tem o nome particular de limonada; a do caju, *ponche* ou cajuada; e a do mel de furo com milho em grão, garapa picada, por fermentar, ficar espumante, picante. A garapa de mel de furo e água era dada comumente aos cavalos em viagem, diziam *garapear os cavalos*. Garapa para tosse ou garapa para enganar a fome é água com açúcar. A garapa refere-se ao caldo de cana deixado para o dia seguinte. Garapa, segundo Sílvio Romero, é um vocábulo de origem africana, com significado de *bebida*. Garapeiro é o vendedor de garapa; garapeira ou garapão é a casa que vende garapa. 2. No sertão dá-se o nome de garapa ao caldo de cana tirado das moendas das engenhocas ou usinas, e também ao mesmo caldo, mas com certa dosagem de água, para o fabrico da aguardente. 3. Expressão que indica coisa fácil de adquirir, a que dá pouca importância, até mesmo com um certo tom de desprezo, de desdém: “Para mim, é aquela garapa!”. Também é coisa boa, agradável: “O banho aqui é aquela garapa!”. Danado por garapa é desejo, vontade de qualquer coisa. (CASCUDO, 2000, p. 260)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] Essa variedade, menos rica em açúcar, dá mais glicose e material extrativo contidos na garapa, da qual formam, mais facilmente, cristais de açúcar maiores e mais brancos. Entretanto, fato singular, prevalece entre muitos sertanejos certo preconceito contra o açúcar da caiana, ao qual atribuem a culpa de muitas doenças.” (1818)¹⁹⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Garapa (15)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvinópolis, Arinos, Buritis, Natalândia, Amparo da Serra, Barão do Monte Alto, Mendes Pimentel
Físico	Ribeirão	Unaí, Uruana de Minas, Engenheiro Navarro
Humano	Fazenda	Natalândia, Amparo da Serra I
Humano	Localidade	Engenheiro Navarro, Mendes Pimentel
Humano	Povoado	Alvinópolis

Quadro quantificação

Acidente

¹⁹⁷ Rio São Francisco, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 195. Ficha: 5369/3284/4015/4241/2381. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente físico	10
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Noroeste de Minas	06
Norte de Minas	02
Vale do Rio Doce	02
Zona da Mata	03

FICHA 153

Garrafa	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < árabe ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vaso ordinariamente de vidro, com gargalo estreito e destinado a conter líquido, 1813. <i>Alguarrafa</i>, XVI. Do árabe <i>garrāf</i>. (CUNHA, 2010, p. 311) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Vaso, geralmente de vidro e com gargalo estreito, para conter líquidos. 2. O conteúdo dele. (FERREIRA, 2010, p. 373) Dicionários antigos da língua portuguesa: Botelha, vaso de vidro bojudo, com gargalo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 653, Tomo 1) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Meu amável hospedeiro D. Manuel tinha também pensado nas necessidades do corpo enriquecendo minhas provisões de boca com farinha, feijão-preto, charque, cachaça, algumas latas de sardinhas, biscoitos ingleses e uma <u>garrafa</u> de excelente Bordéus." (1868-1871)¹⁹⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Garrafa (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Ipatinga, Mesquita

Topônimo: Garrafão (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Passos, Botelho
Físico	Morro	Passos
Humano	Fazenda	Alagoa, Pedra Azul

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	02

¹⁹⁸Itabira, Minas Gerais. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 337. Ficha: 4944/ 4554/4346/3026/2175/1383. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Sul / Sudoeste de Minas	04
Vale do Rio Doce	02

FICHA 154

Garrote	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pau curto com que se apertava a corda do enforcado, XVII. Do latim <i>garrire</i>. (CUNHA, 2010, p. 311)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Garrote (1): 1. Pau curto com que aperta a corda que estrangula os condenados. 2. Estrangulação sem suspensão do padecente. 3. (Med.) Dispositivo aplicado em redor do membro (1), a fim de produzir compressão, até que não se perceba batimento arterial. Garrote (2): Bezerro de 2 a 4 anos de idade. (FERREIRA, 2010, p. 373)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Arrocho, coto de páo, com que se dá volta ao laço posto no pescoço para matar, ou estrangular, passado o laço pelo buraco do poste. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 654)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Bezerro de dois a quatro anos de idade. / O homônimo português significando arrocho, coto de páu com que se dá volta ao laço posto no pescoço, para estrangular, não póde ser a origem do nosso vocábulo. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 121)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Garrote (09)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Montezuma, Rio Pardo de Minas, Grão Mongol, Engenheiro Navarro
Físico	Ribeirão	Montezuma, Bocaiúva
Físico	Serra	Claro dos Poções, Montes Claros
Humano	Fazenda	Montezuma

Topônimo: Garrote de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Montezuma

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	10

FICHA 155

Gávea	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: (Náutico) Espécie de tabuleiro ou plataforma, a certa altura de um mastro, <i>gauea</i>, 1572. Do latim med. <i>gabia</i> (clássico <i>cavēa</i>), com provável interferência do italiano <i>gàbbia</i>. (CUNHA, 2010, p. 312) Dicionário atual da língua portuguesa: (Marinh) Cada um dos mastros suplementares que espigavam logo acima dos mastros compridos e grossos dos antigos navios à vela. (FERREIRA, 2010, p. 374) Dicionários antigos da língua portuguesa: (Naut.) he armação de taboas, como huma meza com bordas na ponta do mastro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 655, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gávea (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaina de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 156

Gavetão	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < provençal < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing + Aum] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Gaveta: espécie de caixa corrediça de certos móveis, própria para guardados, 1813. Do provençal <i>gàveda</i>, com permuta do sufixo, e, este, do latim <i>*gabīta</i> por <i>gabāta</i> ‘escudela, tijela’. (CUNHA, 2010, p. 312) Dicionário atual da língua portuguesa: Gaveta: caixa com tampa, corrediça, que se introduz, como parte integrante, em mesa, cômoda, etc. (FERREIRA, 2010, p. 374) Dicionários antigos da língua portuguesa: Gaveta: caixa corrediça de papeleiras, comodas, que está embebida nellas, quando se fecha. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 655, Tomo 1)</p>	

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] perguntou logo onde estava a roupa branca. O rapaz apontou [...] para a gaveta inferior da cômoda [...] - No fundo, ao lado esquerdo. Ela foi abrir o gavetão [...]” (1884)¹⁹⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gavetão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Conselheiro Lafaiete

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 157

Gibão	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < italiano < árabe ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Vestidura antiga, que cobria os homens desde o pescoço até a cintura’, ‘casaco de couro usado no nordeste brasileiro pelos vaqueiros.’ <i>Gibom</i>, XV, <i>jubam</i>, XV. Do italiano <i>giubbone</i>, de <i>giubba</i>, derivado do árabe <i>gūbba</i>. (CUNHA, 2010, p. 316) Dicionário atual da língua portuguesa: Gibão (1): casaco de couro usado pelos vaqueiros; véstia. Gibão (2: (Zool) nome comum a vários macacos grandes, asiáticos, de focinho alongado, grandes dentes e calosidades nas nádegas. (FERREIRA, 2010, p. 378) Dicionários antigos da língua portuguesa: Vestido interno, como veste, que cobria o corpo até a cintura. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 659. Tomo 1) Dicionário de vocábulos brasileiros: Espécie de veste de couro, de que usam os vaqueiros, no exercício de sua profissão. / Etimologia: É vocábulo português, salvo a aplicação que lhe dão no Brasil. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 123) Arquivo Ernani Silva Bruno: ‘Nas calçadas ou no serviço de campeiro, o sertanejo usa calças compridas, de couro de capivara ou de veado, com perneiras de uma só peça, e uma curta jaqueta (<u>gibão</u>); cobre a cabeça com um chapéu de copa baixa de aba larga, com uma pala presa nele, para proteção</p>	

¹⁹⁹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão* (1884). São Paulo, Martins Editora, 1960. p. 162. Ficha: 21076/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

contra os espinhos, quando, na perseguição do gado, galopa em disparada pelo meio das brenhas." (1818)²⁰⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gibão (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Riacho	Januária, Bonito de Minas
Físico	Serra	Januária, Bonito de Minas
Físico	Vereda	Januária

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	05

FICHA 158

Gongo	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < malaio</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Gongo (1): disco metálico que se faz vibrar tangendo-o com uma baqueta, 1813. Do malaio <i>gōng</i>, de origem onomatopaica.</p> <p>Gongo (2): espécie de croque usado em pequenos barcos, XX. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 320)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Instrumento de percussão: disco metálico que se faz vibrar batendo-lhe com uma baqueta. (FERREIRA, 2010, p. 382)</p> <p>1. Mús. Instrumento de percussão, de origem oriental, muito us. em música clássica, constituído de um disco de metal percutido com uma baqueta de ponta alcochoada ou com o próprio punho. 2. P.ext. Qualquer objeto semelhante a um gongo. 3. Esp. Campainha que anuncia o início e o fim de cada tempo de uma luta de boxe. 4. P.ext. Aviso dado por um gongo: <i>Ao ouvir o gongo, andou mais depressa.</i> (AULETE DIGITAL)²⁰¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gongo (03)

²⁰⁰ Arredores de Grão Mogol, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 175. Ficha: 28052. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

²⁰¹ <https://aulete.com.br/gongo>

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Grão Mongol, Ervália
Humano	Fazenda	Amparo da Serra

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Zona da Mata	02

FICHA 159

Guaraná	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: A tradição local, várias publicações e jornais locais antigos, informam que o patrimônio da antiga capela do Espírito Santo foi doado por Domingos Ferreira Marques e sua mulher, D. Feliciano Francisca Dias, conforme escritura lavrada a 20 de julho de 1828. Aí se formou o curato do Divino Espírito Santo ou Espírito Santo do Mar de Espanha, que foi elevado a paróquia com a lei Nº 1466, de 1º de janeiro de 1868. A freguesia foi elevada a vila, constituída em município, pelo decreto Nº 278, de 5 de dezembro de 1890; foi o município desmembrado do de Mar de Espanha. Foi a vila instalada solenemente a 1º de fevereiro de 1891. Logo em seguida, o decreto Nº 343, de 22 de janeiro de 1891, determinou: “A vila do Espírito Santo, criada pelo decreto Nº 278, de 5 de dezembro, do ano findo, passa a denominar-se vila de Guaraná”. Mais tarde, a lei Nº 84, de 6 de junho de 1894, deu-lhe a denominação de Espírito Santo do Guaraná. Entretanto, na divisão administrativa de 1911, já figura, com o nome de Guaraná, que conserva até hoje. (BARBOSA, 1995, p. 145)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bebida refrigerante preparada com a massa das sementes da <i>Paullinia cupania</i>, planta da família das sapindáceas, 1881. Do tupi *<i>uara'na</i>. (CUNHA, 2010, p. 327)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. (<i>Botânica</i>) Cipó sapindáceo da floresta amazônica, cuja cápsula fornece semente rica em substâncias excitantes. 2. Massa fabricada com essas sementes. 3. Bebida feita com o pó dessa massa. (FERREIRA, 2010, p. 389)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Planta da família das Sapindáceas que cresce na margem direita do Amazonas, especialmente no vale do Tapajós. É a <i>Paullinia sorbilis</i> de von Martius, anteriormente chamada <i>Paullinia cupana</i> por Humboldt e Kunth. (SOUZA, 2004, p. 165)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Espécie de massa duríssima feita com a fruta de uma planta Amazonas chamada guaraná (<i>Paullinia sorbilis</i>). É invenção dos índios Maués, os quais faziam disso um mistério. Hoje, porém, está no domínio de todos. Usa-se desta preparação como bebida refrigerante. Para isso rala-se de cada vez uma colherada da massa, a qual se deita em um copo com água e açúcar,</p>	

mexe-se e toma-se. As propriedades medicinais do *Guaraná* são notáveis. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 126)

O tupi na geographia nacional:

Guá-raná parecido com o coco, semelhante ao coquilho, (*Paullinia sorbilis*). (SAMPAIO, 1901, p. 127)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Uma droga produzida pelas florestas brasileiras, que só recentemente apareceu no comércio, mas que é quase inteiramente consumida no país, é o *guaraná*.” (1868-1871)²⁰²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Guaraná (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Guaraná
Humano	Cidade	Guaraná

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	02

FICHA 160

Guinda	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Guinda, 1813. Deverbal de <i>guindar</i> ‘içar, levantar, erguer a uma posição devida’, XIV. Do francês <i>guinder</i> ‘erguer um fardo por meio da máquina’ e, este, do antigo escandinavo <i>vinda</i>. (CUNHA, 2010, p. 328) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Corda ou cabo usado para guindar. 2. Mar. Altura de um mastro, desde a linha de flutuação até o ponto mais alto. (AULETE DIGITAL)²⁰³ Dicionários antigos da língua portuguesa: Corda, que serve de guindar. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 767, Tomo 1)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Guinda (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Diamantina

²⁰² Rio Amazonas, Amazonas. CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 111. Ficha: 5473/ 1372. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

²⁰³ <https://aulete.com.br/guinda>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

FICHS 161

Gunga	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Bras. Mús. O mesmo que <i>berimbau</i>.²⁰⁴</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) Berimbau médio, geralmente acompanhado do contra-gunga; também é instrumento consagrado a Sultão das Mata(s) e usado apenas durante as festas cerimoniais. Variante: gungo. (CASTRO, 2005, p. 245)</p> <p>Revista Superinteressante: Em relação ao berimbau: Tudo indica que ele teria chegado ao Brasil já em 1538, junto com os primeiros escravos. Aqui, ele passou a ser identificado como elemento típico da capoeira. “O berimbau é a alma dessa mistura de dança e arte marcial, definindo tanto os movimentos quanto o ritmo”, afirma a historiadora Rosângela Costa Araújo, doutoranda na USP e fundadora do Grupo Nzinga de capoeira-angola. Isso não significa, porém, que seu som hipnótico se mantenha restrito às rodas de luta.²⁰⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Gunga (02)		
Tipo deAcidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Leandro Ferreira
Humano	Localidade	Senhora do Porto

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Vale do Rio Doce	01

²⁰⁴ <https://aulete.com.br/gunga>

²⁰⁵ Disponível em: Leia mais em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-o-berimbau/> Acesso em nov. 2022.

J

FICHA 162

Jacá	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cesto feito de taquara. <i>Jacázes</i>, 1698, etc. Do tupi <i>aia'ka</i>. (CUNHA, 2010, p. 370) Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> Cesto para conduzir carga às costas de animais. (FERREIRA, 2010, p. 443) Dicionário de vocábulos brasileiros: Espécie de cesto de forma variável, feito de taquara ou cipó, para conduzir, às costas de animais, carnes salgadas, peixe, toucinho, queijos, etc. / Etimologia: É corruptela de <i>Aiacá</i> vocábulo tanto tupi, como guarani. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 134)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jacá (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina
Físico	Serra	Pará de Minas
Humano	Fazenda	Paula Cândido, Frutal

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Zona da Mata	01

FICHA 163

Jacuba	Nº total de ocorrências no Estado: 61
<p>ORIGEM: português < origem duvidosa ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: n/e Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

(*Brasileirismo*) (*Norte*) Refresco feito com água, farinha de mandioca e açúcar; chibé ou xibé. (FERREIRA, 2010, p. 443)

Bebida ou pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar, às vezes temperado com cachaça; CHIBÉ; GARAPA; SEBEREBA; TIQUARA [F.: De or. duvidosa, talvez do tupi *jecu'acuba*] (AULETE DIGITAL)²⁰⁶

O tupi da geographia nacional:

y-acub, água tepida ou morna. (SAMPAIO, 1901, p. 135)

Dicionário do tupi antigo:

De *y* + *akub* + *a*: águas quentes. (NAVARRO, 2013, p. 578)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de alimento ralo feito de farinha de mandioca, que se deita em água fria. No Pará e Maranhão, também lhe chamam *tiquára* e *xibé*. Usam dela os viajantes do interior para aplacar a fome, enquanto não ha outro meio de a satisfazer. Quando as circunstâncias o permitem, adicionam-lhe açúcar e sumo de limão, o que a torna um refresco mui agradável. / Etimologia: *Jecuacúba*, em tupi, e *Jecoacú*, em guarani, significam jejum. Não duvido que dai provenha o vocábulo *jacúba*, atendendo a que, em falta de pão de trigo, é provável que os jesuítas sujeitassem seus penitentes, em dias de jejum, ao uso da farinha de mandioca molhada em água fria. J. Verissimo pensa, porém, que é vocábulo de origem africana. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 134-135)

Dicionário do folclore brasileiro:

Café com farinha. Beaurepaire Rohan informa que a jacuba é uma criação dos jesuítas, que, nos dias de jejum, alimentavam-se de farinha de mandioca com água, na falta de trigo. Bebem-na os barqueiros do rio São Francisco, juntando rapadura e talhadinhas de limão. Jacuba é “refresco e pirão, preparados com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel e, às vezes, temperado com cachaça. No Maranhão chamam *tiquara* ou *xibé*”. Ferna ndo São Paulo disse; “É uma espécie de pirão, feito com farinha de mandioca ou farinha de milho, rapadura ou açúcar propriamente, e água fria, a que poderá ser adicionado suco de limão”. Em Santa Catarina, jacuba é o pirão feito com farinha de mandioca e água fria. O café engrossado com farinha de mandioca tem o mesmo nome: jacuba ou jacuva. Na região serrana (São Joaquim), jacuba é o prato preparado com tutano do peixe caracu, mexido com farinha de mandioca e açúcar para formar uma farofa. É servido no café da manhã. (CASCUDO, 2000, p. 288)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Come-se também a *jacuba*, misturada a frio de farinha de milho, rapadura e água, alimento muito procurado pelo tropeiro ao chegar no rancho.” (1816-1831)²⁰⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jacuba (57)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Coronel Xavier Chaves, São Gonçalo do Rio Preto, Turmalina, Araçuaí, Pequi, Belo Vale, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete, Cristiano Otoni, Paracatu, Juramento, Itacambira, Muriaé, Dolores do Turvo, Aracitaba, Santos Dumont, Córrego Danta, Formiga, Bom Sucesso, Araguari, Campina Verde, Campos Altos, Monte Belo, Vazante, Pitangui, Gurinhatã, Uberlândia, Campo Florido
Físico	Lagoa	Turmalina
Físico	Ribeirão	Itatiaiuçu, Ibiá

²⁰⁶ <https://aulete.com.br/jacuba>

²⁰⁷ Goiás / Mato Grosso / Minas Gerais. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 178. Ficha: 5019/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](#)

Físico	Serra	Itatiaiuçu, Juramento, Bocaiúva, itaúna
Humano	Fazenda	São Gonçalo do Rio Preto, Pequi, Pitangui, Belo Vale, Itatiaiuçu, Muriaé, Dolores do Turvo, Aracitaba, Santos Dumont, Tapiraí, Bom Sucesso, Araguari, Campina Verde, Ibiá, Formiga, Gurinhatã, Prata, Uberlândia, Itapegipe, Campo Florido
Humano	Localidade	Araçuaí
Humano	Povoado	Conselheiro Lafaiete

Topônimo: Jacubinha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Gurinhatã
Humano	Localidade	Itaúna
Humano	Povoado	Itatiaiuçu

Topônimo: Jacumba (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Unai

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	37
Acidente humano	24
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Jequitinhonha	06
Metropolitana de Belo Horizonte	14
Noroeste de Minas	03
Norte de Minas	04
Oeste de Minas	08
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	16
Zona da Mata	08

FICHA 164

Jaleco	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < castelhano < árabe ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Espécie de vésia, geralmente sem gola e com mangas curtas, hoje em dia de uso profissional’, ‘(Popular) umas das muitas alcunhas do português no Brasil’, XVIII. Do castelhano <i>jaleco</i>, derivado do árabe argelino <i>ǧalika</i> e, este, do turco <i>ielék</i>. (CUNHA, 2010, p. 371) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

Casaco de tecido leve, sem forro, de uso profissional por médicos, dentistas, cabeleireiros, etc. (FERREIRA, 2010, p. 444)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Uma das muitas alcunhas dos portugueses no Brasil, registrada por Taunay. (SOUZA, 2004, p. 178)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Jaleco de fustão branco com dois calções do mesmo.” (1789)²⁰⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jaleco (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cabeceira Grande, Campina
Físico	Lagoa	Cabeceira Grande
Humano	Fazenda	Cabeceira Grande

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 165

Jangada	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < malaiala</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de embarcação construída com paus leves e bem unidos, XVI. Do malaiala <i>changādam</i> ‘balsa’. (CUNHA, 2010, p. 371)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Embarcação chata à vela, feita geralmente de 6 paus roliços, dos pescadores do Nordeste. (FERREIRA, 2010, p. 444)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Grade de páos bem unidos talvez com taboado por cima, sobre ellas se navega á vella. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 742, Tomo 1)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Embarcação feita de paus roliços, presos com cavilhas, usada em pescaria desde a época colonial. As mais antigas são de cinco paus, dois bordos, dois meios e o do centro, imbura. Não havia vela, que deve ser influência direta dos caraíbas, ou indireta, por intermédio dos aruacos. Os tupis começaram usando a vela triangular, que denominavam <i>língua branca</i></p>	

²⁰⁸ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 224-5. Ficha: 27847. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

(*cutinga*). Chamavam as jangadas de *itapaba*, *igapeba*, *piperi*, *candandu*, *catamarã* e ainda bote, burrinha, catre, paquete. A mais antiga citação é de Pero Vaz de Caminha, em 1º de maio de 1500: “... alguns delles (indígenas) se meteram em almaadias duas ou tres que hy tijnham as quaes non sam feitas como as que eu já vy, somente tres traves atadas juntas, e aly se metiam iijj (4) ou b (5) ou sees (6) que queriam” etc. A almadia era bem diversa, sendo a canoa feita com uma só árvore, cavada, também de uso indígena e europeu. A jangada maior, clássica, é a *sete paus*. O cavalete para a vela e mais aparelhos surgiram depois, no decorrer dos séculos XVI-XVII. Os tipos mais populares de jangada no Nordeste brasileiro, a região do seu uso tradicional, são o bote, três metros de comprimento por 80 centímetros de largura, e a jangada grande, 8 a 9 metros, por 1,80 a dois metros. É popularíssima a jangada de seis paus. Nas jangadas maiores, a tripulação pode alcançar quatro homens, denominados mestre, proeiro, bico-de-proa e contrabico. Na divisão do pescado, cada um tem sua marca especial. O mestre é o peixe cortado sem sinal. O proeiro é o peixe cortado na cauda. A cauda toda cortada é do bico-de-proa, e riscado na cabeça é do contrabico. *Botar pra maré* é ir viajar, ir pescar. *Dar de vela* é voltar. (CASCUDO, 2000, p. 289-290)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de balsa de sete a oito metros de comprimento sobre 2m,60 de largura, feita de seis paus de uma certa madeira mui leve, ligados entre si por meio de cavilhas de madeira rija. A jangada é principalmente destinada à pesca desde o norte da Bahia até o Ceará. Também a empregam como meio de transporte de passageiros, e neste caso são guarnecidas de um toldo, e dão-lhe o nome de *paquete*. Os dois paus do centro são os *meios*; e os dois imediatos os *bordos*; e os dois últimos as *membúras*. [...] / Etimologia: É termo usual em Portugal, bem que a *jangada* de lá não tenha a aplicação que lhe dão no Brasil. Parece que este vocábulo é relativamente moderno na língua portuguesa. É certo que, em 1587, já dele se serve Gabriel Soares; mas anteriormente em 1500, Vaz de Caminha, descrevendo a *Jangada* que vira em Porto-Seguro, lhe dá o nome de *Almadia*. Em tupi tem a *Jangada* o nome de *Igapéba*, que se traduz em *Canoa chata*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 136-137)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Passado este chegamos ao grande rio Joannes; este passamos em uma jangada de paus levíssimos, o padre visitador ia na jangada sobre uma sela, por se não molhar e os índios a nado levavam a jangada.” (1583)²⁰⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jangada (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Rio	Guaraciaba
Físico	Serra	Espírito Santo do Dourado
Humano	Fazenda	Guaraciaba, Cabo Verde
Humano	Localidade	Guaraciaba

Topônimo: Jangadinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pará de Minas

²⁰⁹ Arredores de Salvador, Bahia. CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (1583-1593). 2ª edição, São Paulo, Biblioteca Pedagógica Brasileira/ Companhia Editora Brasileira, 1939. p. 257-8. Ficha: 16847. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	02
Zona da Mata	03

FICHA 166

Jequi	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Rede de malhas utilizadas em pescaria. <i>Gequi</i>, 1874, <i>jequy</i>, 1875, etc. Do tupi <i>ieke'i</i>. (CUNHA, 2010, p. 373)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo) (Norte, Nordeste)</i> Cesto para pesca, longo e afunilado. (FERREIRA, 2010, p. 445)</p> <p>O tupi na geographia nacional:</p> <p>Jiqui: corr. <i>yiky</i>, o côfo, o cesto conico para a pesca. (SAMPAIO, 1901, p. 136)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros:</p> <p>Jiquí: <i>(De Alagôas até o Pará)</i> espécie de nassa, que consiste em um cesto mui oblongo e afunilado, feito de varas finas e flexíveis. Para que o <i>Jiquí</i> funcione convenientemente, praticam os pescadores uma cerca que toma toda a largura do riacho, deixando no meio uma abertura na qual colocam a parte larga daquela nassa, ficando a estreita no sentido da corrente. O peixe impelido pela força da correnteza precipita-se no <i>Jiquí</i> e ai fica preso. / No Pará lhe chamam Cacuri (Baena) e também <i>Jequi</i> (J. Verissimo); no R. de Jan. <i>Cacumbi</i> (Silva Coutinho); em Mato-Grosso <i>Juquiá</i> (Cesario C. da Costa), nome que, no Espírito-Santo, se aplica a outra espécie de nassa, e em Guarapuava a uma armadilha para tomar pássaros. / Nas províncias do Norte, dão também o nome de <i>Jiquí</i> a uma entrada mui estreita nos currais de pescaria, pela qual entra o peixe, sem mais poder sair; e figuradamente a qualquer passagem nimamente estreita. / Etimologia: É vocábulo de origem tupi, tanto usual entre os Tupinambás do Brasil, como entre os Guaranis do Paraguai. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 139-140)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jequi (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina
Físico	Ribeirão	Buritizeiro
Humano	Fazenda	Araçuaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Norte de Minas	01

FICHA 167

Jirau	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário timológico da língua portuguesa: Espécie de estrado. 1587, <i>iurao</i> c 1596, <i>juraó</i>, 1627, etc. Do tupi <i>iu'ra</i>. (CUNHA, 2010, p. 373)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Armação de madeira sobre a qual se constroem casas. 2. Qualquer armação de madeira em forma de estrado ou palanque. 3. Pavimento construído a meia altura de um recinto; mezanino. (FERREIRA, 2010, p. 446)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Corrutela de <i>yi-ráu</i> – suspenso d'água, segundo Teodoro Sampaio. Também era grafado – <i>girao</i>, <i>jurá</i>, <i>jurau</i>. Significa armação de varas sobre estacas ou forquilhas que serve para leito dos matutos ou para depósito de mantimentos e objetos nas casas sertanejas. Valdomiro Silveira define: armação feita com varas e troncos, para dormida no mato, ou para servir de espera na caçada de ceva (Vocabulário apenso ao livro <i>Nas Serras e nas Furnas</i>). V. Chermont fala de <i>casa de jirau</i>, a que é edificada no alagadiço, e Mário Guedes de uma espécie de <i>jirau</i>, formado por uns três paus em roda da seringueira, ao alto, para o qual o <i>seringueiro</i> sobe por meio de uma escada, que não passa de um pau dentado, indispensável para que possa galgar a parte superior da árvore, embutindo lá a <i>tigela</i> ou <i>cadilho</i>. A esta espécie de <i>jirau</i> se dá, na Amazônia, o nome de <i>mutá</i>. Jirau, diz José Mariano (Filho) “é estrado horizontal de paus do mato e varas finas, bambus, galhos, ou outros elementos vegetais em estado natural, ligados com cipós, montado sobre quatro forquilhas angulares nas imediações das habitações ou encostadas a uma de suas fachas, com função de suporte para objetos de uso doméstico ou quaisquer outros”. (SOUZA, 2004, p. 180)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Espécie de grade de varas sôbre esteios fixados no chão, e mais ou menos elevados, segundo o mister a que se deve prestar. Ora é destinado a leito de dormir nas casas pobres; ora serve de grelha para <i>moquear</i> a carne ou peixe, ora para nêle expôr ao sol objetos quaisquer. Também dizem <i>Juráu</i>. / Em algumas províncias do norte, aplicam igualmente o nome de <i>Jiráu</i> a uma esteira suspensa e presa ao teto da casa por quatro ou mais cordas, e serve para nela se guardarem queijos e outros gêneros, que ficam desta sorte ao abrigo dos ratos e demais alimárias daninhas (Meira). / Etimologia: É vocábulo da língua tupi, e parece corruptela de <i>Juráu</i>. Tem-se escrito <i>Giráo</i> e <i>Giráu</i> (Moraes, Aulete). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 140)</p> <p>História da vida privada no Brasil I: Se em meados do século XVIII, tanto em São Paulo como em outras localidades, as camas começam a aparecer com maior frequência, como se pode notar nos inventários dos</p>	

inconfidentes, cabe lembrar que, até o século XIX, convive-se com redes, catres e jiraus (uma espécie de divã feito de pranchões erguidos algumas polegadas acima do chão). (ALGRANTI, 2018, p. 78)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Sua casa não merecia outro nome senão o de choupana; nem mesmo se tivera o cuidado de cair as paredes, e por todo mobiliário lá não se via mais que um jirau, uma mesa e alguns bancos." (1817)²¹⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jirau (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São Sebastião da Bela Vista
Físico	Ribeirão	Santa Maria de Itabira
Físico	Lagoa	Araporã, São Sebastião da Bela Vista, Monte Alegre de Minas
Humano	Fazenda	São Sebastião da Bela Vista

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 168

Jóia (Joia)	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Artefato de matéria preciosa usado em geral como ornamento. XV, joya, XIV. Do antigo francês <i>joie</i>, derivado regressivo de <i>joiel</i> (atual <i>joyau</i>) e, este, do latim <i>*jōcālis</i> ‘aquilo que alegra’, de <i>jōcus</i> ‘jogo’. (CUNHA, 2010, p. 374) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Artefato de material precioso (metal, pedra, etc.) 2. (<i>Figurado</i>) pessoa ou coisa muito valiosa ou muito boa. 3. Quantia que pagam os que são admitidos como membros de associações, clubes, etc. (FERREIRA, 2010, p. 447) 1. Our. Objeto de adorno pessoal, ger. feito com material valioso (ouro ou prata, pedra preciosa ou semipreciosa etc.). 2. Bras. Quantia paga para admissão ao quadro social de associações, clubes, etc. 3. Fig. Pessoa ou coisa de ótima qualidade ou merecedora de</p>	

²¹⁰ Arredores de Peçanha, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 178. Ficha: 19998/ 21494/22078/11176. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

admiração ou estima: *Esta secretária é uma jóia.* a2g. 4. Gír. Muito bom, excelente, ótimo: *Comprei um CD jóia.* (AULETE DIGITAL)²¹¹

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Joya: peça de ouro, prata, e pedraria de adornar mulheres. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 745, Tomo 1)

Dicionário do folclore brasileiro:

Diademas, pulseiras, braceletes, anéis para todos os dedos, inclusive dos pés, ligas, jarreteiras, brincos, argolas para os lábios, asas do nariz e tabique nasal, aplicações de pedras preciosas no traje, cinto, sapatos, chapéu foram inicialmente amuletos, elementos de magia defensiva, destinada a guardar as *entradas*, as *abertas*, os pontos sensíveis do corpo. Tendo perdido a noção mágica de sua função, a jóia foi interpretada no plano utilitário do enfeite, ornato, decoração. Na economia doméstica representava a reserva disponível para os momentos difíceis. A ornamentação, aparentemente excessiva, das meninas casadouras em Portugal, na Espanha, na França, na Itália, na Alemanha, na Escandinávia, era uma exibição de seu dote e do depósito para horas futuras de necessidade. Aconselhava-se, ao vender a jóia, quebrá-la previamente para interromper a continuidade defensiva do amuleto. Auguste de Saint-Hilaire ainda registrou o costume em Mato Grosso, Goiás e, decorrentemente, em Minas Gerais, terras auríferas: “É o único capital que se possui reserva. Quando há necessidade de dinheiro, não se vendem as jóias: quebram-nas, e é muito comum encontrar, em meio ao ouro em pó que circula no comércio, pequenos pedaços desse metal que foram trabalhados. (*Viagens às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás*, São Paulo, 1937). Já se perdera a explicação secreta de não vender jóias inteiras e que também seriam denúncias na falência financeira. Do francês, *joie*, alegria, era nome de certas jóias. Num inventário de 1867 em Papary (hoje Nísia Floresta, Rio Grande do Norte) havia uma “alegria” de coral. Jóia, prêmio, recompensa especial. (CASCUDO, 2000, p. 307-308

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Não levava outra jóia além de uma pequenina cruz de ouro sobre o peito." (1877-1882)²¹²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Jóia (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Teófilo Otoni

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	01

²¹¹ <https://aulete.com.br/joia>

²¹² Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vesper* (1877-1882). 10ª edição, São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973. p. 205. Ficha: 27431. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

L

FICHA 169

Laço

Nº total de ocorrências no Estado: 01

ORIGEM: português < latim**ESTRUTURA MORFOLÓGICA:** Nm [Ssing]**INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:****Dicionário etimológico da língua portuguesa:**Nó que desata facilmente, armadilha de caça, XIII. Do latim vulgar **lacĕus*, por *laquĕus*. (CUNHA, 2010, p. 379)**Dicionário atual da língua portuguesa:**

1. Nó que se desata sem esforço, e apresenta 1, 2 ou mais alças.
2. Aliança, vínculo.
3. Armadilha.
4. Corda lançada para prender o gado. (FERREIRA, 2010, p. 4540)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Nó corredio apertado, ou ficando hum tanto aberto para se apertar. / Armadilha para caçar aves, e quadrupedes, etc. / Artificio para fazer cahir em engano, ou algum mal. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 2, Tomo 2)

Dicionário de vocábulos brasileiros:Arma de apreensão que consiste em uma corda de couro trançado, de 15 a 25 metros de comprimento, com um nó corredio em uma das extremidades, ficando a outra extremidade presa ao *cinchador*, por meio de uma presilha, se o laçador está montado. Joga-se o laço ao pescoço ou aos pés do homem ou do animal, e desta sorte o seguram. / Obs. Segundo Cesimbra, o laço era uma arma usual entre os aborígenes, e deles o receberam os primeiros povoadores de raça portuguêsã. / Chesnel, citando Pausanias, diz que os antigos Sarmatas prendiam e subjugavam seus inimigos atirando-lhes o laço. / Dá-se o nome de *tiro de laço* ao ato de jogar o laço com o fim de lançar o indivíduo que se quer segurar. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 143)**Dicionário do folclore brasileiro:**

No Rio Grande do Sul, é um trançado de tiras de couro cru, cujo comprimento pode variar de 17 a 40 metros. De feitura complexa, o laço segue as normas tradicionais de trançado, de acordo com sua utilidade específica. (CASCUDO, 2000, p. 321)

Arquivo Ernani Silva Bruno:"Cavalos selvagens são [...] apanhados a laço, uma corda feita de tiras de couro [...]. Há também laços, como se disse quando tratava-se da caça ao avestruz ou ema, tendo nas pontas duas bolas de chumbo que lhe dão mais impulso, de maneira que se enrolam nas pernas dos animais com dupla violência fazendo-os cair." (1868-1871)²¹³**Quadro contexto: ocorrências toponímicas**

Topônimo: Laço (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Areado

²¹³ CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 113
 Ficha: 9036/ 9037. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 170

Lamparina	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Lamparina, 1858. Do castelhano <i>lamparilla</i>. De lâmpada ‘aparelho de iluminação’. (CUNHA, 2010, p. 380) Dicionário atual da língua portuguesa: Recipiente com um líquido iluminante, no qual se mergulha um discozinho traspassado por um pavio que, aceso, dá luz. (FERREIRA, 2010, p. 456) 1. Utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina; GRISSETA 2. Lâmpada pequena 3. Pop. Bofetada, ger. na orelha 4. Maçarico a gasolina us em solda. (AULETE DIGITAL)²¹⁴ Dicionário do folclore brasileiro: Pequeno lume que consiste de um pavio preso a uma rodela de cortiça ou madeira colocada dentro de um recipiente, onde fica boiando no óleo ou no querosene. No Nordeste tem o nome de fifó. Serve para iluminar compartimentos da casa ou capelas. (CASCUDO, 2000, p. 324) Arquivo Ernani Silva Bruno: "A alcova estava em meia obscuridade, esclarecida apenas pela luz opaca de uma <u>lamparina</u>." (1850-1871)²¹⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Lamparina (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Minduri
Humano	Fazenda	Minduri

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	

²¹⁴ <https://aulete.com.br/lamparina>

²¹⁵ Vale do Rio Paraíba, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê* (1850-1871). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. p. 113. Ficha: 18347. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Sul / Sudoeste de Minas	02
-------------------------	----

FICHA 171

Latão	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < francês < árabe < turco ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Liga de cobre e zinco. <i>Alotõ</i>, XIII, <i>laton</i>, XIV, <i>latam</i>, XVI. Provavelmente do antigo francês <i>laton</i> (atual <i>laiton</i>), derivado do árabe <i>lātūn</i> ‘cobre’ e, este, de um idioma da família turco-tártara (<i>altyn</i> ‘ouro’). (CUNHA, 2010, p. 382) Dicionário atual da língua portuguesa: Liga de cobre e zinco. (FERREIRA, 2010, p. 459) Dicionários antigos da língua portuguesa: Metal artificial composto de cobre vermelho, e de calamina. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 9, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "2 candeeiros de <u>latão</u>, um grande e outro pequeno." (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)²¹⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Latão (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cajuri, Coimbra
Humano	Fazenda	Cajuri
Humano	Localidade	Coimbra, Viçosa

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	05

FICHA 172

Latinha	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing + Dim] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

²¹⁶ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 393. Ficha: 18026. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

‘Folha de ferro estanhado’, ‘caixa de ferro estanhado’, XVI. Do italiano *latta*, derivado do latim medieval *latta*. (CUNHA, 2010, p. 382)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. folha de flandres. 2. Recipiente feito desse material.

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Folha de latão mui delgada, e lustrosa. / Folha de Flandres, de ferro estanhado. / Vara, que se atravessa crusando as que assentão nas columnas, os forcados das parreiras. / Trave, que atravessa a não de costado a costado, em em que assenta a coberta. / Ripa. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 9, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Latinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Vermelho Novo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

FICHA 173

Letreiro	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Letreiro, <i>letreyro</i>, XIV. De letra ‘cada um dos caracteres do abecedário’, ‘sentido claramente expresso pela escrita’, ‘os versos das canções’, ‘carta’. Do latim <i>littëra</i>. (CUNHA, 2010, p. 386)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Inscrição sucinta, em letras visíveis, que contém informação, aviso, etc. (FERREIRA, 2010, p. 464)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Inscrição, rotulo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 17, Tomo 2)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Letreiros: assim se designam no Nordeste e Centro do Brasil as figurações rupestres, gravuras e pinturas nas superfícies dos rochedos e paredes de cavernas (Luciano Jaques de Moraes - <i>Inscrições Rupestres no Brasil</i>. Public. da Inspeção de Obras contra as Secas - Nº 64. Série I. D.) Têm também o nome de <i>pinturas</i>, <i>pedras lavradas</i>, <i>pedras riscadas</i> (Minas Gerais), <i>pedras pintadas</i> ou <i>itaquatiaras</i> (Amazonas), denominações estas que lhes dão os sertanejos. A respeito dessas inscrições rupestres há várias teorias, não se podendo, no estado atual dos nossos conhecimentos, estabelecer conclusões definitivas. (SOUZA, 2004, p. 189)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

“2 escopetas de 6 palmos e meio com 4 anéis de prata e guarda-mão e trombeta e vacateador de prata e duas rosetas nos parafusos com ponto e mira de prata com um leteiro que diz ‘João Pires Monteiro’.” (Inventário de Sebastiana Leite da Silva) (1670)²¹⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Letreiro (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capelinha
Físico	Lagoa	Capelinha
Humano	Fazenda	Capelinha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	03

FICHA 174

Limatão	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Lima de seção circular, 1813. Do castelhano <i>c</i>, de lima. (CUNHA. 2010, p. 389) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Lima comprida e muito larga, com seção quadrada ou redonda, usado por ferreiros e outros artífices. 2. Mec. Haste piramidal de aço, de superfície áspera, e que serve para alargar furos. (AULETE DIGITAL)²¹⁸ Dicionários antigos da língua portuguesa: Huma forte de limas, de que usam os ferreiros, e espingardeiros. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 24, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Limatão (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itaipé
Humano	Fazenda	Itaipé
Humano	Povoado	Itaipé

²¹⁷ São Paulo, São Paulo. INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. XVII (1670-1674), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1921. p. 298. Ficha: 9872. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

²¹⁸ <https://aulete.com.br/limatão>

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	03

FICHA 175

Luminárias	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]</p> <p>HISTÓRICO: O município de Luminárias, no Sul de Minas, foi criado pela lei Nº 336, de 27 de dezembro de 1948, com território desmembrado do de Itumirim. A capela de N. Sr.^a do Carmo das Luminárias surgiu em 1798, por iniciativa de D. Maria José do Espírito Santo (Cônego Trindade). A verdade é que é bem posterior o pedido de aprovação da capela. Com data de 1º de março de 1828, há um pedido de informação ao Bispo de Mariana, por parte do governo imperial, a propósito de um requerimento de D. Maria José do Espírito Santo: “Diz D. Maria José do Espírito Santo... na sua fazenda denominada Luminárias, território da freguesia das Carrancas... na fazenda erigiram uma Ermida e pedem a graça de aprovar...” (<i>Registro de Provisões, Ordens Régias, Arquivo Eclesiástico de Mariana, fls. 52v.</i>) O povoado que se formou ao redor da capela foi elevado a distrito do município de Lavras, pela lei Nº 167, de 1840; suprimido pela lei Nº 288, de 12 de março de 1846, foi restaurado pela lei Nº 472, de 31 de maio de 1850; novamente suprimido pela lei Nº 1455, de 31 de dezembro de 1867, outra vez foi restaurado pela lei Nº 1708, de 4 de outubro de 1870. A freguesia, com o título de Nossa Senhora do Carmo das Luminárias, foi criada com a lei Nº 2001, de 14 de novembro de 1873. A lei Nº 843, de 7 de setembro de 1923, reduziu a denominação do distrito de Nossa Senhora do Carmo das Luminárias para Luminárias. Em 1943, ao ser criado o município de Itumirim, o distrito de Luminárias passou a fazer parte desse município, do qual se desmembrou, em 1948, quando Luminárias foi elevada à categoria de cidade. (BARBOSA, 1995, p. 189)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Aquilo que alumia, <i>lumynaria</i>, XIV. Do latim <i>luminária</i>, nominal neutro plural de <i>luminaris</i>. No português medieval ocorre a forma divergente <i>lumeeira</i> (século XIII). (CUNHA, 2010, p. 396)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Aquilo que alumia. 2. Qualquer objeto destinado a iluminar. (FERREIRA, 2010, p. 475)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Qualquer candeia. / Corpo lucido. / As luzes que se põe á noite ás janelas por festividade, se dizem <i>luminarias</i>. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 36, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Iluminação festiva, posta nas janelas das residências por ocasião de datas oficiais. Era uma panelinha de barro, com azeite de mamona e uma torcida de algodão que se acendia. Também se usavam cascas de laranja, com azeite e o fio de algodão como mecha. Na maior parte das</p>	

casas, sobretudo nas mais simples, em vez de lanternas a iluminação se fazia por meio de lamparinas, que se chamavam luminárias. Em linguagem vulgar, *pôr luminárias* era sinônimo de iluminar-se a povoação; essas luminárias eram colocadas em maior ou menor número sobre as vergas de todas as portas e janelas, o que, não só de perto mas sobretudo de longe, não deixava de fazer uma bonita vista. Fosse qual fosse o meio de que cada um se servia para iluminar a casa, o certo é que não havia uma que não fosse mais ou menos iluminada; até o próprio carrasco, que morava em um ranchinho, próximo do morro, não deixava de pôr na pequena janela do casebre as suas duas luminárias, que, vistas de longe e mais ou menos agitadas pelo vento, muito se assemelhavam a dois grandes vaga-lumes a relampaguear no mato. (Francisco de Paula Ferreira de Resende, *Minhas Recordações*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1944.) As luminárias foram usadas no Brasil desde o século XVI, recomendadas em cartas régias até as primeiras décadas do século XIX. (CASCUDO, 2000, p. 340)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de doce de côco contido em um pequeno vaso feito de massa de farinha de trigo. No Rio de Janeiro chama a isso *Viuva*. No norte *Queijadina*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 145)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Luminárias (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Ingáí
Humano	Cidade	Luminárias

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02

M

FICHA 176

Macadame	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < inglês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Sistema de empedramento das estradas de rodagem que consiste numa camada de pedra britada com cerca de 30 cm de espessura, aglomerada com saibro ou areia grossa e comprimida a rolo depois de molhada. <i>Macadam</i>, 1873. Do inglês <i>macadam</i>, do antropônimo John Ludon <i>Mc Adam</i> (1756-1836), inventor dessa técnica. (CUNHA, 2010, p. 398)</p>	

Dicionário atual da língua portuguesa:

Sistema de calçamento de ruas e estradas: camada espessa de pedra britada, aglutinada e comprimida. (FERREIRA, 2010, p. 477)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Macadame (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Inhapim
Humano	Povoado	Inhapim

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	02

FICHA 177

Machado	Nº total de ocorrências no Estado: 140
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Município do Sul de Minas, criado pela lei Nº 2684, de 30 de novembro de 1880, com território desmembrado do de Alfenas. Santo Antônio do Machado era a denominação do distrito e da freguesia, criada esta pela lei Nº 809, de 3 de julho de 1857. Também a vila se denominava Santo Antônio do Machado, e foi elevada à categoria de cidade pela lei Nº 2766, de 13 de setembro de 1881. Foi em 1923 que a lei Nº 843, de 7 de setembro, reduziu o nome para Machado. O município de Machado é constituído de dois distritos: Machado e Douradinho. (A propósito da lei Nº 809, de 3 de julho de 1857, acima mencionada: ela criou a paróquia de Sacra Família Machado). (BARBOSA, 1995, p. 191)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento cortante encabado, para rachar lenha, etc. 1813. Do latim <i>*marculatum</i>, de <i>marcūlus</i>, diminutivo de <i>marcus</i> ‘martelo’. (CUNHA, 2010, p. 399)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento cortante que se usa, encabado, para rachar lenha, etc. (FERREIRA, 2010, p. 478)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Huma cunha de ferro cortante, a qual se embebe, ou encava por hum alvado, em seu cabo, serve de rachar lenha, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 39, Tomo 2)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: <i>Machadinho</i>, diz Lauro Palhano em seu Marupiara, é o termo vulgar, tomado frequentemente como sinônimo de <i>seringueiro</i>. (SOUZA, 2004, p. 194) [...] Os <i>seringueiros</i> são às vezes denominados <i>machadinhos</i>, em alusão ao instrumento com que sangram as seringueiras. Não raro se ouve a distinção dos <i>seringais</i> pelo número de <i>machadinhos</i> que nêles trabalham: há <i>seringais</i> de 50, 100, 200, 300 <i>machadinhos</i>. [...] (SOUZA, 2004, p. 297)</p>	

Arquivo Ernani Silva Bruno:
 “Machado de rachar lenha” (1791)²¹⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Machadão (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Paraisópolis
Humano	Fazenda	Paraisópolis

Topônimo: Machadinha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Oliveira, São Francisco de Paula
Humano	Fazenda	Oliveira

Topônimo: Machadinho (27)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alfredo Vasconcelos, Ressaquinha, Abaeté, Buenópolis, Quartel Geral, Rio Vermelho, Mariana, Bocaiúva, Piranga, Cláudio, Muzambinho, Poço Fundo
Físico	Ribeirão	Poço Fundo
Físico	Serra	Cláudio
Humano	Fazenda	Abaeté, Virgem da Lapa, Mariana, Piranga, São Gonçalo do Pará, Aguanil, Campo Belo, Espírito Santo do Dourado
Humano	Localidade	Alfredo Vasconcelos, Buenópolis, Bocaiúva, Cláudio
Humano	Sítio	Espírito Santo do Dourado

Topônimo: Machadinho do Campo (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Espírito Santo do Dourado, São João da Mata

Topônimo: Machadinho Grande (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bicas, São João Nepomuceno

Topônimo: Machadinho, de Osvaldir de P. Assis (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Machado (64)		
-------------------------------	--	--

²¹⁹ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 440-1. Ficha: 7359/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Indaiá, Couto de Magalhães de Minas, Virgem da Lapa, Sete Lagoas, Alvorada de Minas, Passabém, Alvinópolis, Piedade dos Gerais, Teófilo Otoni, Oratórios, Campo Belo, Araporã, Campina Verde, Uberaba, Ibiá, Cabo Verde, Poços de Caldas, Natércia, Santa Rita do Sapucaí, Andrelândia, Bom Jardim de Minas, Itapecerica, Gurinhatã, Monte Alegre de Minas, Materlândia, Aimorés, Jenipapo de Minas
Físico	Ribeirão	Bom Jesus do Amparo, Soledade de Minas, Delfim Moreira
Físico	Rio	Machado, Poço Fundo, Campestre, Espírito Santo do Dourado, Ipiúna, Pouso Alto
Físico	Ilha	Alpinópolis
Físico	Serra	Campina Verde, Gurinhatã
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá, Jenipapo de Minas, Araçuaí, Divinópolis, Piedade dos Gerais, Chácara, São João Nepomuceno, Uberaba, Cabo Verde, Bueno Brandão, Cachoeira de Minas, Turvolândia, Bocaina de Minas
Humano	Cidade	Machado
Humano	Localidade	Chácara, São João Nepomuceno, Marliéria
Humano	Povoado	Sete Lagoas, Passabém, Alvinópolis, Itaguara, Campo Belo, Bom Sucesso
Humano	Sítio	Santa Rita do Sapucaí

Topônimo: Machado de Baixo (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Jacutinga

Topônimo: Machado de Perdões (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Perdões

Topônimo: Machados (33)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Chapada do Norte, Dom Joaquim, Sabará, Malacacheta, Viçosa, Cláudio, São José do Divino, Guaranésia, Itamoji, Frei Gaspar, Bom Sucesso, Veríssimo, José Gonçalves de Minas
Físico	Ribeirão	Araújos, Moema, Jeceaba, Cana Verde, Perdões, Jacutinga, Soledade de Minas
Físico	Serra	Jacutinga
Humano	Fazenda	Jeceaba, Uberaba, Ibiá, Itamoji, Soledade de Minas, Araguari, Veríssimo
Humano	Localidade	Coronel Fabriciano
Humano	Povoado	Crucilândia, Jeceaba, Juramento, Bocaiúva

Topônimo: Machados de Jeni Cardoso (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araújos

Topônimo: Machados de Maria (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Bocaiúva

Topônimo: Machados de Maria Jacinto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Juramento

Topônimo: Machados, de Antônio Firmino Soares (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araújos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	81
Acidente humano	59
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Central Mineira	12
Jequitinhonha	09
Metropolitana de Belo Horizonte	20
Norte de Minas	06
Oeste de Minas	18
Sul / Sudoeste de Minas	40
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	14
Vale do Mucuri	03
Vale do Rio Doce	05
Zona da Mata	10

FICHA 178

Maço	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Ferramenta de pau, espécie de martelo, usado por marceneiros, escultores etc.’, ‘espécie de martelo usado pelos encadernadores antes de costurar os livros’, ‘conjunto de coisas atadas ou reunidas num mesmo liame’, XIII. De maça, do latim <i>*matĕa</i>, por <i>mateõla</i> ‘pau, cabo de enxada’. (CUNHA, 2010, p. 398)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Martelo de madeira usado por carpinteiros, escultores, calceteiros, etc. 2. Maça (2). 3. Conjunto de coisas atadas juntas ou contidas no mesmo invólucro. (FERREIRA, 2010, p. 478)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento como martello, de páo, usão delle os marceneiros, carpinteiros, etc. [...] Os livreiros tem maço de ferro, com que batem os livros em papel, antes de os coser. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 40, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"A dita mina consiste em lavras e covas, das quais se extrai o material rico de ouro, por meio de jatos de água e do maço, sendo trazido para baixo pelos negros, para a máquina de moer [...]." (1818)²²⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Maço (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Várzea da Palma, Brasília de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 179

Maleta	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Maleta, XIV. Do francês <i>mallette</i>. De mala. (CUNHA, 2010, p. 403)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Pequena mala; malote. (FERREIRA, 2010, p. 482)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Saco de coiro cerrado com cadeado, em que se levão cartas, saco de jornada; talvez he de lona. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 44, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Pedro Camargo não disse palavra. Desceu a estrebaria; selou o animal; pôs na garupa sua <u>maleta</u>; e partiu [...]" (1875)²²¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Maleta (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Indaiá

²²⁰ Arredores de Sabará, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 85. Ficha: 8922/8926/8927/8929. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

²²¹ Interior, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *Senhora* (1875). São Paulo, Editora Ática, 1971. p. 80. Ficha: 6123. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 180

Manteiga	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < origem pré-romana ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Substância gorda e alimentícia que se extrai da nata do leite, XIII. Provavelmente de origem pré-romana. (CUNHA, 2010, p. 407) Dicionário atual da língua portuguesa: Substância gorda e alimentícia que se extrai da nata do leite. (FERREIRA, 2010, p. 487) Dicionários antigos da língua portuguesa: Substância pingue separada do leite, da qual se usa para temperar a comida. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 54, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “Existem além disso, perto de Bela Vista, uma venda onde abri também uma conta para os doentes. Estes puderam assim ter à sua disposição maisena, arroz, <u>manteiga</u>, galinha, vinho e vinagre.” (1859)²²²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Manteiga (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piranga
Físico	Lagoa	Patis, Ubaí
Humano	Fazenda	Pompéu, Taiobeiras
Humano	Localidade	Piranga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Norte de Minas	03
Zona da Mata	02

²²² Arredores de Teófilo Otoni, Minas Gerais. AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859*. vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 210-1
 Ficha: 3872/ 3012/2508/2147/1328. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 181

Mantimento	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Mantimento, XIV. <i>Manteimento</i>, XIV, etc. De <i>manter</i> ‘sustentar, prover do que é necessário à subsistência, conservar’, XIII. Do latim <i>*manutenēre</i>, de <i>mānus</i> ‘mão’ + <i>tenēre</i> ‘ter’. (CUNHA, 2010, p. 408) Dicionário atual da língua portuguesa: Mantimentos: Víveres, comestíveis. (FERREIRA, 2010, p. 487) Dicionários antigos da língua portuguesa: Os comeres, viveres, alimento. / Manutenção, o manter-se, sustentar-se com alguma despeza. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 55, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] no sertão mais alto, a carne e o leite é o ordinário <u>mantimento</u> de todos”. (1668-1711)²²³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mantimento (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Chalé, Santana do Manhuaçu, São José do Mantimento
Humano	Localidade	Santana do Manhuaçu

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	04

FICHA 182

Mapa	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Carta geográfica, XVI. Do italiano <i>mappa</i>, abreviação de <i>mappamondo</i> e, este, do latim medieval <i>mappa mundi</i>. (CUNHA, 2010, p. 409) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Representação gráfica da superfície da Terra (ou de parte dela), e que mostra a localização de montanhas, rios, mares, cidades, etc. 2. Representação gráfica em que se indicam a localização ou outras informações sobre a disposição física de objetos em</p>	

²²³ Bahia. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 295-6. Ficha: 3752/ 847/606/1687. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

um espaço. 3. Desenho ou esquema simples, para mostrar a localização de certas coisas num lugar, ou um trajeto a ser seguido. 4. Quadro sinóptico. 5. Lista descritiva; relação. (FERREIRA, 2010, p. 488)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Papel, em que está delineada, e descripta a figura de alguma terra, região, Reino, Estados, e arrumada segundo as regras da Geografia: os mapas são *geraes*, ou *particulares*. / Há também *mapas Astronomicos*, em que estão afigurados os signos, constelações, e mais corpos celestes segundo sua situação. (BLUTEAU, SILVA, 1789, p. 56, Tomo 2)

Outras informações:

Para um elevado número de aplicações, é indiscutível a importância da estrutura de representação da informação geográfica, em essência dos mapas e da Cartografia. Com eles se pode representar todos os tipos de informações geográficas, bem como a estrutura, função e relações que ocorram entre eles. Pela caracterização de suas aplicações, pode-se utilizá-los em quaisquer campos do conhecimento que permitam vincular a informação à superfície terrestre. (MENEZES, FERNANDES, 2013, p.21)²²⁴

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] tinha duas estantes, cheias de livros, muito bem encadernados, um mapa-múndi, dois mapas do Brasil.” (1861-190)²²⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mapa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 183

Máquina	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Qualquer utensílio ou instrumento, <i>machina</i>, 1572. Do latim <i>machīna</i>, derivado do grego dórico <i>machāna</i> ‘meio engenhoso para conseguir um fim’. (CUNHA, 2010, o. 409)</p>	

²²⁴ MENEZES, Paulo Márcio Leal de; FERNANDES, Manoel do Couto. *Roteiro de cartografia*. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

²²⁵ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. MACHADO DE ASSIS, J. Maria. *Relíquias de Casa Velha* (1860-1906). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1975. p. 117. Ficha: 15972/16378/11316. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Aparelho para comunicar movimento, ou para aproveitar, pôr em ação ou transformar, energia ou agente natural. 2. *Mecanismo* (1). 3. Veículo locomotor. 4. Utensílio, instrumento. (FERREIRA, 2010, p. 488)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Qualquer engenho, que serve em obras mecânicas, moinhos, roldanas, cabrestantes, ou nos usos nauticos, e da guerra, facilitando qualquer trabalho, segundo as regras da Mecanica. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 56, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Ligados à casa, viam-se os restos de uma moenda de cana, um alambique, moinho de fubá e uma máquina para fiar algodão, tudo muito desleixado." (1809)²²⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Máquina (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Perdizes, Ilicínea
Humano	Fazenda	São Sebastião do Rio Preto, Campos Altos, Pratinha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 184

Marco da Légua	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: Marco: português < latim < germânico / Légua: português < latim < céltico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Marco (1): baliza, poste, limite, sinal de demarcação, XV. Do latim medieval <i>marcus</i> e, este, do germânico <i>marka</i>. (CUNHA, 2010, p. 411)</p> <p>Légua: medida itinerária. XIII, <i>legoa</i>. Do latim tardio <i>leuga</i> (<i>leuca</i>) de origem céltica. (CUNHA, 2010, p. 384)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Marco: 1. Sinal de demarcação que se põe nos limites territoriais. 2. Coluna, pirâmide, etc., para assinalar um local ou acontecimento. 3. Fronteira, limite. 4. Guarnição fixa de portas e janelas. (FERREIRA, 2010, p. 489)</p>	

²²⁶ Matias Barbosa, Minas Gerais. MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil* (1807-1810). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1978. p. 138. Ficha: 8772/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo.Ernani.Silva.Bruno(mcb.org.br))

Légua: Medida itinerária equivalente a cerca de 6.600 metros. (FERREIRA, 2010, p. 461)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Marco: pezo, que peza 8 onças // Marco de oiro de 22 quilates vale 969 reais [...]. // Sinal, termo que se põe nos limites, ee confins das terras para as demarcar, e assim nas estradas, (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 58, Tomo 2)

Legoa: medida itinerária, que contém [...]. // *Ponto de legua*, se diz o ponto grande para abreviar. (BLUTEAU, SILVA, 1789, p. 13, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Marco da Légua (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	São Gonçalo do Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01

FICHA 185

Marimba	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento músico, 1681. Do quimbundo <i>ma'rima</i>, do prefixo <i>ma-</i> e <i>rima</i> 'tambor'. (CUNHA, 2010, p. 412)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento de percussão: série de lâminas graduadas em escala, percutidas com 2 baquetas e dispostas sobre cabaças ou tubos de metal. (FERREIRA, 2010, p. 490)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Marimba (1): jogo, em que se dão cartas, o que perde repõe o bolo, e fica pau. Marimba (2): instrumento musico dos Cafres; consta de huns cabaços de diversa grandeza, e diâmetro, sobre os quaes estão humas taboinhas de pouca grossura, e estas feridas como huma especie de vaquetas, fazem o som. (BLUTEAU, SILVA, 1789, p. 59, Tomo 2)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) Instrumento musical, espécie de xilofone. Kik./Kimb. <i>madimba</i>/Umb. <i>Omalimba</i>. (CASTRO, 2005, p. 277)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Instrumento musical africano, composto por uma série de placas de madeira, graduadas em escala musical, soando por percussão de duas baquetas. Foi muito popular no Brasil até princípios do século XX. Atualmente é raro. Além desse xilofone africano, havia outra marimba, da África do Norte, também popular nos grandes centros escravos. Era formada de dois arcos semicirculares, com séries de coités, que serviam de caixa de ressonância. Batia-se com um pau de extremidade grossa. É o mais melodioso dos instrumentos africanos. O</p>	

primeiro corresponde ao “mariñon” sul-americano. No litoral paulista, a marimba (de influência africana) é constituída de uma série de placas de madeira, de vários tamanhos, presas lateralmente e na parte inferior em cabaças, também de tamanhos diferentes, para dar uma gradação sonora. Utilizada no folgado Congada. (CASCUDO, 2000, p. 367)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] vinha depois a banda de música dos pretos [...] anunciando o regozijo, ao som de pandeiros e chocalhos, de ruidoso canzá [...] e da chorosa marimba [...]" (1818)²²⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Marimba (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Bocaiúva, Guaraciama
Humano	Localidade	Bocaiúva, Guaraciama

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	04

FICHA 186

Marmelada	Nº total de ocorrências no Estado: 21
<p>ORIGEM: português < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Marmelada, XVI. O português <i>marmelada</i> ‘doce pastoso de marmelo’ passou às demais línguas da Europa numa acepção mais ampla, designando todo e qualquer doce pastoso de frutas, como a pessegada, a laranjada etc. De marmelo ‘fruto do marmeleiro, planta da família das rosáceas’, XVI. Do latim <i>melimellum</i>, por <i>melimēlum</i>, e, este, do grego <i>melímēlon</i>, de <i>meli</i> ‘mel’ e <i>mēlon</i> ‘maçã’. (CUNHA, 2010, p. 412) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Doce pastoso, de marmelo. 2. (<i>Brasileirismo</i>) <i>negocioata</i>. (FERREIRA, 2010, p. 490) Dicionários antigos da língua portuguesa: Doce de marmelos em quartos; ou cosidos, e passados por peneira, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 60, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: (referindo-se à região das minas)</p>	

²²⁷ Diamantina, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 129. Ficha: 19372. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

“[...] Por um barrilote de azeite, duas libras [...]. Por uma cara de açúcar de uma arroba, trinta e duas oitavas [...]. Por uma boceta de marmelada, três oitavas. Por um frasco de confeitos de quatro libras, dezesseis oitavas [...]. Por uma libra de cidrão, três oitavas.” (1703)²²⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Marmelada (13)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	João Pinheiro, Aiuruoca
Físico	Ribeirão	Abaeté, Cedro do Abaeté, Serra da Saudade
Físico	Serra	Felixlândia, Janaúria
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté
Humano	Localidade	Abaeté, Felixlândia, Serra da Saudade, Janaúba, Capitão Enéias

Topônimo: Marmelada de João Ferreira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Topônimo: Marmelada de José V. de Araújo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Marmelada, de Augusto Costa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

Topônimo: Marmelada, de Fidelis T. Filho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Marmelada, de José J. de Sousa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Marmelada, de José G. de Araújo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Marmelada, de R. Pereira (01)		
---	--	--

²²⁸ Minas Gerais. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232-3. Ficha: 4389/ 3601/3753/5309/2557/2558. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Topônimo: Marmeladina (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra da Saudade

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	13
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	16
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	03
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 187

Martelo	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>‘Instrumento de ferro destinado a bater, quebrar e cravar pregos’, ‘peça de piano para lher percutir as cordas, ‘ossículo do ouvido’, ‘figurado. Aquele que persegue e procura exterminar um mal’, ‘pessoa inoportuna’, ‘gênero poético-musical da região nordestina brasileira’, XIV. Do latim medieval *martellus, por martŭlus, alteração de marcŭlus. (CUNHA, 2010, p. 413)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Instrumento de metal, com cabo, para bater, quebrar e, sobretudo, cravar e retirar pregos em madeira. 2. Pequeno malho usado por juizes, leiloeiros, etc. 3. (<i>Anatomia</i>) Ossículo em forma de martelo em orelha média. (FERREIRA, 2010, p. 491)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Martello: instrumento de ferreiro, carpenteiro, sapateiro, etc. he peça de ferro encavada em sua maga, ou cabo de páo, serve de bater, quebrar, etc. / <i>Figurado</i>. A pessoa que persegue [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 61, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p> <p>1. São versos de dez sílabas, com seis, sete, oito, nove e dez linhas. Pedro Jaime Martelo (1665-1727, professor de Literatura na Universidade de Bolonha, diplomata e político, inventou os versos martelianos ou <i>martelos</i>, de doze sílabas, com rimas emparelhadas. Esse tipo de <i>alexandrino</i> nunca se adaptou na literatura tradicional brasileira, mas o nome ficou, origem erudita visível em sua ligação clássica com os letrados portugueses do primeiro quartel do século XVIII. O martelo-de-seis-pés é chamado de <i>martelo-agalopadapo</i>. [...] 2. Medida para aguardente e vinho; martelo de cachaça, martelo de vinho. (CASCUDO, 2000, p. 368, 369)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

“Martelo de ferro” (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)²²⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Martelo (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Barbacena
Humano	Fazenda	Barbacena
Humano	Localidade	Barbacena, Lamim
Humano	Povoado	Itaverava

Topônimo: Martelo de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Barbacena

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	04
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Zona da Mata	01

FICHA 188

Mata Boi	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem desconhecida + português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Verb + Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Matar: tirar violentamente a vida a, XIII. De origem desconhecida. (CUNHA, 2010, p. 415)</p> <p>Boi: mamífero artiodáctilo, ruminante, da família dos bovídeos, XIII. Do latim <i>bōvem</i>. (CUNHA, 2010, p. 94)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>(Bras.) correia de couro que nas carretas une o eixo ao leito. (Alent.) Cavilha que, com o apeiro, liga o cabeçalho à canga; espera. [É de madeira nos carros de bois e de ferro nos carros de muares.] <i>F.</i> Matar+boi. (AULETE DIGITAL)²³⁰</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros:</p>	

²²⁹ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 463. Ficha: 8647/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

²³⁰ <https://aulete.com.br/mata-boi>

(Rio Grande do Sul e Sul) correia de couro crú, que nas carretas prende o eixo ao leito, para que em algum salto os cocões não saiam fóra do eixo (Coruja). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 157)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mata Boi (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Luminárias
Humano	Localidade	Luminárias

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02

FICHA 189

Mata Burro	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem desconhecida + português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: NCm [Verb + Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Matar: tirar violentamente a vida a, XIII. De origem desconhecida. (CUNHA, 2010, p. 415)</p> <p>Burro: ‘asno, jumento’, ‘extensão. Teimoso, estúpido’, XIV. Do latim <i>burrus</i> ‘ruço, vermelho’. (CUNHA, 2010, p. 106)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Tipo de ponte composta de pedaços espaçados de madeira, us. esp. para impedir a passagem de equinos e gado bovino 2. Fosso construído diante de uma habitação para impedir a passagem de animais (AULETE DIGITAL)²³¹</p> <p>Dicionário da terra e da gente do Brasil:</p> <p>Registrado por A. Taunay com o sentido de ponte de traves espaçadas para impedir a passagem de animais. O ilustre P.º Camilo Torrend S. J., eminente professor, em comunicação que fez ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, de uma <i>Excursão a Goiás</i>, publicada na sua <i>Revista</i> nº 52 – 1926, pág. 272, disse a respeito: “Para impedir que os tropeiros se utilizem da mesma passagem, com enormes prejuízos da estrada, em certas distâncias colocam-se <i>mata-burros</i>, isto é, uma espécie de trilho de madeira que permita aos automóveis transpor um córrego ou uma simples escavação artificial feita no chão, de maneira porém que a passagem seja inacessível aos quadrúpedes. Na estrada que vai de Bonfim a Goiás, entre Anápolis e Pirenópolis, existe um <i>mata-burro</i>, que é talvez o recorde das pontes desse gênero. Tem cerca de 60 metros, atravessando o Capivari e suas margens pantanosas”. O professor Alcide Jubé assim define <i>mata-burro</i>: ponte especial feita nas estradas que atravessam pastos cercados por valados. Sua construção pode ser de pequenas traves de madeira com intervalos;</p>	

²³¹ <https://aulete.com.br/mata-burro>

ou então de duas bicas de madeira em linhas paralelas e equidistantes, com bitola para um automóvel. O seu fim é deixar passar o veículo e vedar a passagem de qualquer animal que estiver no pasto. O seu aparecimento remonta à entrada do automóvel em Goiás (Carta de 26 de outubro de 1919). Rodolfo Garcia diz significar largo e profundo dreno seco, *escavado* na base dos *cortes*, para evitar a entrada de animais nos mesmos. (SOUZA, 2004, p. 208)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mata Burrinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Lagoa Formosa

Topônimo: Mata Burro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 190

Medalha	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < italiano < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Peça metálica, ordinariamente redonda, com emblema, efígie e inscrição’, ‘insígnia de ordem honorífica’, 1780. Do italiano <i>medaglia</i>, derivado do latim <i>*med(i)ālia</i>, de <i>mediālis</i> ‘meio dinheiro’, de <i>medius</i>. (CUNHA, 2010, p. 417) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Peça metálica, geralmente arredondada, com emblema, efígie e inscrição. 2. Peça que representa objeto de devoção religiosa. (FERREIRA, 2010, p. 495) Dicionários antigos da língua portuguesa: Peça de metal cunhada com a figura de alguma pessoa, ou coisa para memoria della, ou de algum facto, e successo; nellas há <i>rosto</i>, <i>revez</i>, <i>letra</i>, <i>etc.</i> (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 67, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Qual é a mãe, qual é a avozinha, que não guarda, embrulhados em papel de seda, os brincos com que casou ou a <u>medalha</u> em que guardava o retrato do marido ou do filho?" (1882)²³²</p>	

²³² Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *Girândola de Amores* (1882). São Paulo, Martins Editora, 1960. p. 50. Ficha: 27456. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Medalha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Canápolis

Topônimo: Medalha Milagrosa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 191

Melado	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Mel ‘substância doce formada pelas abelhas’, ‘(figurado) doçura, suavidade’, XIII. Do latim <i>mel -llis</i>. Melado (1) (adjetivo) ‘da cor do mel, adoçado com mel’, XVI. Melado (2) (substantivo masculino) ‘mel grosso do açúcar de que se faz a rapadura’, 1813. (CUNHA, 2010, p. 418)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Melado (1): a calda grossa do açúcar, de que se faz a rapadura. Melado (2): 1. Adoçado com, ou doce que nem mel. 2. (<i>Brasileirismo</i>) sujo ou lambuzado de mel ou de outra substância pegajosa. (FERREIRA, 2010, p.497)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: No Brasil a calda de cana de assucar posta em ponto grosso, o liquido que se distilla do mellado na casa de purgar, chama-se <i>mel</i>, ou melaço. / <i>Melado</i> adjetivo, Feito, temperado com mel [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 70, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Nome do caldo da cana de açúcar, limpo na caldeira e pouco grosso; depois passa às tachas onde se engrossa mais, e se diz <i>mel de engenho</i>: o líquido, que se destila do açúcar bruto, quando leva barro, ou cevadura do barro de purgar e água na casa de purgar, chama-se <i>mel de furo</i>; e quando sai claro do açúcar quase purgado, <i>mel de barro</i> (Moraes). Ao <i>mel de furo</i> chamam no Rio de Janeiro mel de tanque. // Com o novo sistema de engenhos de açúcar, tendem a desaparecer todas essas denominações. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 160-161)</p>	

Melado (2): adjetivo. (Rio Grande do Sul) diz-se do cavalo que tem o pelo e a pele brancos. [...] Nas províncias do norte, dão o nome de melado ao cavalo que tem a côr de mel (Moraes). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 161)

Dicionário da terra e da gente do Brasil:

Melado: em Mato Grosso, segundo o Visconde de Taunay (*Inocência*), designa o home louro. Registrou-o A. Taunay. (SOUZA, 2004, p. 212)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Cabaça de cobre, de fazer melado, que levará 6 barris." (Inventário de Francisco Antônio de Oliveira Lopes) (1789)²³³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Melado (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Grão Mongol, Aimorés, Campanha, Delfinópolis
Humano	Fazenda	Delfinópolis
Humano	Localidade	Açucena

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	03
Vale do Rio Doce	02

FICHA 192

Merenda	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Refeição ligeira intermediária, XIII. Do latim <i>merenda</i>, de <i>merēre</i>, ‘merecer’. (CUNHA, 2010, p. 422)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Refeição leve, entre o almoço e o jantar. 2. O que os alunos levam para comer na escola. (FERREIRA, 2010, p. 500)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Comida á tarde depois do jantar, e antesda ceia. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 76, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "[...] a sineta da sala de jantar deu sinal da <u>merenda</u> [...]" (1850-1871)²³⁴</p>	

²³³ São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 237. Ficha: 7881/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

²³⁴ Vale do Rio Paraíba, Rio de Janeiro. ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê* (1850-1871). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. p. 170. Ficha: 22409. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Merenda (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ilha	São Gonçalo do Abaeté

Topônimo: Merendas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Bom Sucesso

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01
Oeste de Minas	01

FICHA 193

Mesa	Nº total de ocorrências no Estado: 15
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Móvel sobre o qual se come, se escreve etc. XIII. Do latim <i>mensa</i>. (CUNHA, 2010, p. 422) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Móvel sobre o qual se come, escreve, trabalha, etc. 2. Conjunto formado pelo presidente e secretários duma assembleia. 3. Numa seção eleitoral, o conjunto dos indivíduos que se ocupam dos trabalhos relativos à votação. 4. Quantia fixa ou cumulativa de apostas, em certos jogos de azar. 5. O conjunto dos que estão à mesa para a refeição. 6. (<i>Cinema, televisão</i>) Equipamento com recursos para edição ou execução de efeitos, como mixagem, equalização, etc. (FERREIRA, 2010, p. 500-501) Dicionários antigos da língua portuguesa: Movel do serviço das casas sobre que se põe a comida, ao jantar, ceia; se engoma, etc. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 77, Tomo 2) Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Mesa: Segundo Gastão Cruls, o mesmo que <i>comedia</i>. (SOUZA, 2004, p. 212) Comedia: Registrado por Teschauer, com o significado de pastagem e como tal foi empregado por Olavo Bilac, à pág. 73 do seu <i>Através do Brasil</i>. (SOUZA, 2004, p. 113) Arquivo Ernani Silva Bruno: "<u>Mesa</u> grande redonda de madeira branca com dobradiças nas voltas." "<u>Mesa</u> comprida, também de madeira branca." (1789)²³⁵</p>	

²³⁵ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 389, 395-6. Ficha: 22017/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mesa (11)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Perdizes
Físico	Ribeirão	São João Evangelista, Peçanha
Físico	Morro	Presidente Olegário, São Gonçalo do Abaeté, Manga, Araguari, Patos de Minas, Perdizes, São Sebastião do Paraíso
Físico	Serra	Ituiutaba

Topônimo: Mesas (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campos Altos
Físico	Morro	Coromandel
Físico	Serra	Coromandel
Humano	Fazenda	Campos Altos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	14
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	09
Vale do Rio Doce	02

FICHA 194

Mingau	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Alimento de consistência pastosa, espécie de papa preparada com farinha de mandioca ou de trigo (ou fubá, maisena, aveia, etc.), diluída e cozida em água ou em leite e a que se adicionam açúcar, ovos, canela, etc. 1587, <i>-gao</i> 1584, etc. Do tupi <i>mina 'u</i>. (CUNHA, 2010, p. 428)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Papa de farinha de trigo, milho, aveia, etc. (FERREIRA, 2010, p. 507)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Mingau: papas de farinha de trigo, ou da flor da mandioca, com assucar, ovos, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 83, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Nome comum às papas feias de qualquer espécie de farinha, de amido, de fécula ou da polpa de certas frutas, simplesmente temperadas com açúcar e a que se pode juntar também leite e</p>	

gema de ovo: *Mingáu de tapioca*, de carimã, de sagú, etc. // No Pará, onde é aliás usual o termo *Mingáu*, dão contudo o nome português de *papas* às que são feitas de farinha de trigo. // Em Pernambuco chamam *Mingáu-petinga* o que é feito com a mandioca *púba* e temperado com pimenta e hortelã (Moraes). // No Pará dão o nome de *Tacacá* a uma espécie de *Mingáu* de tapioca que se tempera com o molho de *tucupi*. // Etimologia: É vocábulo de origem tupi e guarani. A primitiva pronúnciação era *Mingáu*. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 162)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Ana Rosa, achava-se [...] num estado perigoso de irritação e fraqueza. Mônica obrigou-a a tomar um mingau de farinha [...]” (1881)²³⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mingau (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Madre de Deus de Minas, Janaúba, Capitão Enéias, Barra Longa, Dom Silvério
Humano	Fazenda	Marmelópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Norte de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	01
Zona da Mata	02

FICHA 195

Mirante	Nº total de ocorrências no Estado: 11
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Santa Rita do Glória era o nome do arraial, no termo de Muriaé, que foi elevado a distrito de paz pela lei Nº 1421, de 24 de dezembro de 1867. Foi o distrito suprimido pela lei Nº 2085, de 24 de dezembro de 1874; e restaurado pela lei Nº 2306, de 11 de julho de 1876. Foi o distrito elevado a freguesia pela lei Nº 2905, de 23 de setembro de 1882. Entretanto, a paróquia de Santa Rita do Glória só foi instituída canonicamente a 15 de janeiro de 1891, e teve como primeiro vigário Pe. Modesto da Costa Montesserate. O decreto-lei Nº 148, de 17 de dezembro de 1938, elevou Santa Rita do Glória a município, quando foi sua denominação mudada para Glória. O município foi instalado com dois distritos: Glória e Santo Antônio do Glória, ambos desmembrados de Muriaé. O decreto-lei Nº 1058, de 31 de dezembro de 1943, mudou o nome – Glória – para Miradouro. Fica na zona da Mata. É constituído de um só distrito, o da sede. (BARBOSA, 1995, p. 205)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

²³⁶ São Luís, Maranhão. AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato* (1881). São Paulo, Martins Editora/ Instituto Nacional do Livro/ MEC, 1975. p. 288. Ficha: 5132/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Posto de observação colocado em local elevado, 1813. De *mirar*, ‘fitar, encarar, cravar a vista em’, ‘pontar para, tomar como alvo’, ‘observar cuidadosamente’, XIII. Do latim *mirāre*, por *mirāri* ‘admirar-se, contemplar, olhar’, de *mirus* ‘digno de admiração, estranho, maravilhoso’. *Miradouro, miradoiro*, XV. (CUNHA, 2010, p. 429)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Local, em ponto elevado, donde se apreciam vistas panorâmicas, e que pode ter muretas, ou constituir um pavilhão, com bancos, etc. (FERREIRA, 2010, p. 509)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Mirante ~ Miradouro: lugar alto da caza donde se descortina hum largo horizonte. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 85, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Miradouro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Cidade	Miradouro

Topônimo: Mirantão (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaina de Minas
Humano	Vila	Bocaina de Minas

Topônimo: Mirante (08)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Taiobeiras, Juruiaia
Físico	Serra	Belmiro Braga, Rio Preto
Humano	Fazenda	Juruiaia, Serro
Humano	Localidade	Veredinha, Taiobeiras

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	06
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Norte de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	04
Zona da Mata	03

FICHA 196

Mochila	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p>	

Dicionário etimológico da língua portuguesa:

Espécie de saco que se leva às costas, 1813. Do castelhano *mochila*. (CUNHA, 2010, p. 431)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Saco onde soldados, excursionistas, alunos, etc., levam às costas objetos de uso. (FERREIRA, 2010, p. 511)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Saco, em que os soldados levão roupa, e alguma provisão as costas, quando marchão. / Espécie de caparazão da Gineta. / o lacaio. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 88, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“A conselho dos meus companheiros tirei da mochila nas costas do brasileiro dois bonitos canivetes luzentes dos que levávamos para esse fim e mostrei-os à índia pintada de roxo.” (1868-1871)²³⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mochila (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campo Belo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01

FICHA 197

Mocotó	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: n/e</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: [Do tupi] (<i>Brasileirismo</i>) Pata de bovino, sem o casco, usado como alimento. (FERREIRA, 2010, p. 511)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) Patas de bovinos, sem casco, usadas como iguaria do mesmo nome; mão-de-vaca. Kik. <i>makooto</i>. (CASTRO, 2005, p. 285)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Mão-de-vaca: com esse nome de mocotó, Sodré Viana registra uma receita típica, glória baiana: unhas de vaca, tripas (tripas grossas são mais gordas e mais saborosas), dobradinhas</p>	

²³⁷ CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 93
Ficha: 9706/17065/22870. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

(na Bahia se chamam “livro”), coalheira, bucho, um pedaço de bofe bem tratado. (CASCUDO, 2000, p. 359)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Mocotó (1): mãos de vaca ou de boi ainda cruas, ou depois de guisadas. É um prato geralmente destinado ao almoço.

Mocotó (2): (Pará) espécie de sapo (Baena). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 164)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Mocotó (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Abaeté

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 198

Moeda	Nº total de ocorrências no Estado: 12
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça, geralmente de metal, cunhada por autoridade soberana e representativa do valor dos objetos que por ela se trocam, XIII. Do latim <i>monēta</i>. (CUNHA, 2010, p. 432)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Peça metálica, geralmente circular, cunhada por autoridade soberana, e que é meio de troca e medida de valor. 2. Qualquer instrumento usado como meio de pagamento; dinheiro. (FERREIRA, 2010, p. 512)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Porção de metal, ou outra materia, que tem o valor, e representa tudo o que se vende, e entra em commercio, de ordinario tem o cunho, ou as armas de quem a manda cunhar, ou lavar, com o valor, a data, etc; dinheiro. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 90, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Tirei uma <u>moeda</u> e dei-a ao negro, e ele fez questão de me oferecer alguns pequenos peixes e um pepino que foi buscar no seu campo de mandubis.” (1816)²³⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Moeda (11)

²³⁸ Juiz de Fora, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 53. Ficha: 5015/ 3984/1817. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Centralina, Uberlândia
Físico	Ribeirão	Itapegipe
Físico	Serra	Brumadinho, Belo Vale, Moeda, Itabirito, Congonhas
Humano	Fazenda	Jequitinhonha, Formiga, Itapegipe

Topônimo: Moeda Velha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Moeda

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	06
Oeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	04

FICHA 199

Moenda	Nº total de ocorrências no Estado: 14
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Moenda, XIV. Do latim <i>molenda</i>, neutro plural de <i>molendus</i>, gerundivo de <i>molĕre</i>. (CUNHA, 2010, p. 432) Dicionário atual da língua portuguesa: Moinho. (FERREIRA, 2010, p. 512) 1. Ação ou resultado de moer; MOAGEM; MOEÇÃO; MOEDURA 2. Mec. Tec. Aparelho ou equipamento us. para moer; MOINHO: <i>moenda de trigo</i>; <i>moenda da cana-de-açúcar</i>. 3. Lugar onde estão instalados os aparelhos ou equipamentos de moer. 4. Porção de grão ou outro elemento que se mói de uma só vez; MOEÇÃO; MOEDURA 5. Porção de grãos ou de farinha com que algumas vezes se paga o trabalho do moleiro. (AULETE DIGITAL)²³⁹ Dicionários antigos da língua portuguesa: Mó, ou peça de qualquer engenho de moer, trilhar. As moendas do engenho de assucar, são 3 toros grossos de páo ferrados de laminas de ferro, entre os quaes se trilha a cana de assucar, e expreme o seu suco. // Moinho. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 90, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

²³⁹ <https://aulete.com.br/moenda>

“A casa do proprietário é bonita e bem tratada, em planos diferentes, os edifícios de exploração, tais como um moinho para o grão, uma destilação, uma moenda de cana etc. [...]” (1817)²⁴⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Moenda (11)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jaboticatubas, Alvinópolis, Prata
Humano	Fazenda	Buenópolis, Alvinópolis, Prata, Carmo da Cachoeira, Perdões
Humano	Povoado	Jaboticatubas
Humano	Localidade	Buenópolis, Bocaiuva

Topônimo: Moendas (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Formiga, Pains
Humano	Fazenda	Formiga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	09
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Metropolitana de Belo Horizonte	04
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	04
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 200

Moinho	Nº total de ocorrências no Estado: 127
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Moinho, XIII, <i>moÿo</i>, XIII, <i>moyno</i>, XIII etc. Do latim tardio <i>mōlīnum</i>. (CUNHA, 2010, p. 432) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Engenho para moer cereais, composto de 2 mós sobrepostas e giratórias. 2. Lugar onde está instalado esse engenho. 3. Máquina para triturar qualquer coisa; moenda. (FERREIRA, 2010, p. 512)</p>	

²⁴⁰ Arredores de Guanhães, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São. Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 166. Ficha: 10081. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Maquina de moer o grão em farinha, dando-lhe o movimento o pezo, os força de agua corrente, ou o vento. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 90, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Fazenda com casas de vivenda, térreas e assoalhadas, com engenho de pilões, e moinho, tudo coberto de telha; [...]” (Inventário de Ver. Vig. Carlos de Toledo e Mello) (1789)²⁴¹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Moinho (96)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carrancas, Prados, Ritópolis, São João Del Rey, São Tiago, Cedro do Abaeté, Diamantina, Minas Novas, Pará de Minas, Lagoa Santa, Santa Maria de Itabira, Itabirito, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete, Rio Pardo de Minas, Juramento, Itacambira, Bocaiúva, Barra Longa, Raul Soares, Manhuaçu, Santa Margarida, Caiana, Carangola, Fervedouro, São Francisco do Glória, Mar de Espanha, Santa Rita do Ibitipoca, Itamarati de Minas, Leopoldina, Piui, Divinópolis, Formiga, Oliveira, Monte Alegre de Minas, Cruzeiro da Fortaleza, Iraí de Minas, Matutina, Patos de Minas, São Gotardo, Comendador Gomes, Ibiá, Perdizes, Sacramento, Nova Resende, Monsenhor Paulo, Toledo, Baependi, Olimpio Noronha, Andrelândia, São Vicente de Minas, Iturama, Itanhomi
Físico	Ribeirão	Camacho, Candeias
Humano	Bairro	Conselheiro Lafaiete
Humano	Fazenda	Ritópolis, São João Del Rey, Pompéu, Estrela do Indaiá, Prudente Moraes, Santana de Pirapama, Pedro Leopoldo, Raposos, Itabirito, Paracatu, Barra Longa, São Francisco do Glória, Mar de Espanha, Piui, São Roque de Minas, Formiga, Monte Alegre de Minas, Iraí de Minas, Matutina, São Gotardo, Monsenhor Paulo, Caldas, Alagoas, Itanhandú, Olimpio Noronha, São João das Missões
Humano	Localidade	Carbonita, Itamarandiba, Bocaiúva, Raul Soares, Santa Margarida, Cajuri, Coimbra, São Gonçalo do Pará, Guanhães, Santa Maria do Suaçuí, Antônio Dias
Humano	Sítio	Patrocínio de Muriaé, Candeias, Toledo

Topônimo: Moinho de Esteira (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Sítio	Serro

Topônimo: Moinho de Olício (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Bárbara

Topônimo: Moinho de Palha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Aimorés

²⁴¹ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 387
Ficha: 12429/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Topônimo: Moinho de Pedrinho Ribeiro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Topônimo: Moinho de Vento (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Caiana, Carangola, Faria Lemos
Humano	Fazenda	Araguari, Uberlândia

Topônimo: Moinho do Messias (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Igarapé

Topônimo: Moinho Grande (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Caparaó

Topônimo: Moinho Seco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Acaiaca

Topônimo: Moinho Velho (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Lavras, Itaverava, Lamim, Pedra do Anta, São Vicente de Minas
Físico	Ribeirão	São Gonçalo do Sapucaí
Humano	Fazenda	Lavras, Lagoa da Prata
Humano	Povoado	Itaverava, Entre Rios de Minas

Topônimo: Moinhos (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Leandro Ferreira, Ouro Preto, Formiga, Piracema
Humano	Fazenda	São João Del Rey, Leandro Ferreira
Humano	Vila	Leandro Ferreira

Topônimo: Muinho Grande (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Espera Feliz
Humano	Localidade	Espera Feliz

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	71
Acidente humano	56

Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	10
Central Mineira	08
Jequitinhonha	04
Metropolitana de Belo Horizonte	19
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	06
Oeste de Minas	13
Sul / Sudoeste de Minas	15
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	17
Vale do Rio Doce	05
Zona da Mata	29

FICHA 201

Monjolo	Nº total de ocorrências no Estado: 158
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Município do Alto Jequitinhonha, criado pela lei Nº 2764, de 30 de dezembro de 1962, com territórios desmembrados do de Diamantina. É constituído de dois distritos: Monjolos e Rodeador. O distrito de Monjolos foi criado, no município de Diamantina, pela lei Nº 336, de 27 de dezembro de 1948. (BARBOSA, 1995, p. 206-207)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Engenho tosco movido a água, empregado para pilar milho e, a princípio, no descascamento do café. XX. De provável origem africana. (CUNHA, 2010, p. 434)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Engenho tosco, movido a água, para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. (FERREIRA, 2010, p. 514)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) engenho tosco movido por água, empregado para pilar milho e descascar café. Kik./Kimb. <i>mansilu</i> > <i>mansulu</i>, almofariz primitivo para pilar e descascar milho, feijão, amêndoas de palmeira, etc. (CASTRO, 2005, p. 289)</p> <p>Dicionário da terra e da gente do Brasil: Termo peculiar ao Sul do Brasil, designativo de um primitivo aparelho movido por água, destinado a pilar o milho e o primeiro que se aplicou ao descascamento do café. Escreveram alguns <i>munjolo</i> e Amadeu Amaral ensina que <i>monjolo</i> é a forma corrente entre a gente culta. Segundo o parecer de Visconde de Porto Seguro o “probo e paciente instrumento” é de origem chinesa, “emigrando para Portugal com os bronzes e os charões, as sedas de Xangai e de Nanquim. Mas foi no Brasil que se aclimou, a ponto de nem lhe encontrar guarida o nome nos grandes léxicos portugueses de antanho” (A. Taunay). Alberto Rangel escreveu a respeito do <i>monjolo</i> uma página admirável sob o título – “A almanjarra de Brás Cubas”, primeiro capítulo do seu <i>Quando o Brasil amanhecia</i>. Para Alberto Rangel, o “<i>monjolo</i> representa o Sul do país, do mesmo modo que a <i>bolandeira</i> o Norte. Definindo por si só a habitabilidade da terra, ele é o emblema da banda da pátria onde existem a água permanente e o desnível forte”. Decompondo-o em suas diferentes partes, escreve o notável polígrafo: “A haste <i>marroz</i> oscila na <i>tranqueta</i> ou <i>cavilha</i> da <i>virgem</i> ou <i>pasmado</i>. Ajuda-a na descambada do balanço o contrapeso do <i>macaco</i>. A água preenche a cavidade do cocho, que a rejeita para o receptáculo</p>	

nomeado *inferno*. A *mão*, firme no malhetado da *munheca*, tomba a estrondar, pulverizando o cereal no nojo do *pilão*. A fim de se deter o *monjolo* no movimento alternativo especam-no com a *estronca*. Aí está toda a nomenclatura e a manobra da alavanca do primeiro gênero, que tem uma ducha por potência, e dança em batecum de bombo o seu passo de marcha cadenciada e soturna”. Acrescentamos à nomenclatura acima o termo registrado por A. Taunay: “à manobra alternativa, *gangorral*, de sua haste dá-se em alguns municípios do Oeste de S. Paulo o nome pitoresco de *coximpim*, dizendo-se por exemplo: *está meio em falso o coximpim deste monjolo; é preciso acertá-lo*”. Os escritores regionalistas frequentemente se referem ao “martelão de pau rombo, certo, indesregrável e sonoro”. Exemplifiquemos: “Fora as pancadas monótonas do monjolo soavam entristecedoramente; e figuram-se-me as de um pêndulo invertido, que marcasse um recuo misterioso do tempo, batendo todos os segundos atrasados de um século desaparecido” (Euclides da Cunha. *Numa Volta do Passado* – Apud “Kosmos”). “Do lado do rio vinha o ruído seco, compassado, monótono e triste do monjolo” (João Lúcio – *Bom Viver* – Pág. 62). “O baque de um monjolo, precedido do *chuá* da água do seu cocho no *inferno*, rompeu isócrono por trás de um bambual, r ente ao açude, que parecia um pedaço de espelho perdido entre a verdura” (Amando Caiubi – *Sapêzais e Tigueras* – Pág. 246). (SOUZA, 2004, p. 219-220)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] um rancho grande em que se acha um monjolo de socar milho e uma casa, ambas cobertas de capim, com algumas árvores de espinho.” (1791)²⁴²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Monjolão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Córrego Danta

Topônimo: Monjolinho (63)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Abaeté, Pompéu, Lagoa da Prata, Quartel Geral, Santana de Pirapama, Guarani, Chiador, Mar de Espanha, Bambuí, Gurinhatã, Ipiacu, Ituiutaba, Prata, Uberlândia, Matutina, Santa Rosa da Serra, Comendador Gomes, Delfinópolis, Monte Belo, Estiva, Cachoeira de Minas, Silvianópolis, Aiuruoca, Minduri
Físico	Serra	Chiador, Mar de Espanha
Humano	Fazenda	Pompéu, Dolores do Indaiá, Lagoa da Prata, Martinho Campos, Esmeraldas, Santa Rita do Ibitipoca, Vargem Bonita, Gurinhatã, Ituiutaba, Prata, Uberlândia, Carmo do Parnaíba, Matutina, Santa Rosa da Serra, Tiros, Veríssimo, Alpinópolis, Delfinópolis, Monte Belo, Alfenas, Monsenhor Paulo, Monte Sião, Santa Rita de Caldas, Heliadora, Pouso Alto, Aiuruoca, Carvalhos, Minduri
Humano	Localidade	Chiador, Mar de Espanha, Cláudio
Humano	Povoado	Prata, Carmo do Parnaíba
Humano	Sítio	Natércia

Topônimo: Monjolinho dos Lopes (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

²⁴² Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 476. Ficha: 8467. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Humano	Localidade	Canaã
--------	------------	-------

Topônimo: Monjolinho dos Teixeiras (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Canaã

Topônimo: Monjolinho, de João Mizael (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santa Rosa da Serra

Monjolo (66)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tapiraí, Luminárias, Prados, Resende Costa, Barroso, Ibertioga, Abaeté, Curvelo, Baldim, Cordisburgo, Conceição do Mato Dentro, Serro, Sabará, Ferros, Buritis, Grão Mongol, Ladainha, Rio Preto, Santa Bárbara do Monte Verde, São Roque de Minas, Carmo do Cajuru, Cláudio, Bom Sucesso, Carmo da Mata, Passa-Tempo, Monte Alegre de Minas, Rio Paranaíba, Conquista, Conselheiro Pena, Delfinópolis, Monte Belo, Monte Santo de Minas, São Sebastião do Paraíso, Cambuí, Dolores do Indaiá, Oliveira, Gurinhatã, Bom Jesus do Galho
Físico	Morro	Contagem
Físico	Serra	Itaúna
Humano	Fazenda	Prados, Resende Costa, Desterro do Melo, Abaeté, Curvelo, Felixlândia, Açáira, Jaboticatubas, Maravilhas, São José da Varginha, Sabará, Santa Rita do Ibitipoca, Cristais, Bom Sucesso, Carmo da Mata, Virginópolis, Entrefolhas, Passos, Alfenas, Três Pontas, Andrelândia, Oliveira
Humano	Localidade	Açucena
Humano	Povoado	Conselheiro Pena, Ferros, Sabará, Conceição do Mato Dentro

Topônimo: Monjolo de Manuel P. da Costa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Topônimo: Monjolo Velho (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Martinho Campos, Patrocínio, Perdizes, Jacuí
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Topônimo: Monjolo Velho, de Balbina Antônio da Silva (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Topônimo: Monjolo, de Guilhermino da Costa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Martinho Campos

Topônimo: Monjolo, de Valdir b. dos Santos (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá

Topônimo: Monjolo, de Vicente L. de Camargo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Topônimo: Monjolos (14)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São José da Varginha, Congonhas, Iguatama, Formiga
Físico	Ribeirão	Tapiraí, Campos Altos
Humano	Fazenda	Congonhas, Doresópolis, Tapiraí, Campos Altos, Delfinópolis, Formiga
Humano	Cidade	Monjolos
Humano	Povoado	São José da Varginha

Topônimo: Monjolos, de Darci Quirino (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Martinho Campos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	78
Acidente humano	80
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	08
Central Mineira	24
Metropolitana de Belo Horizonte	21
Noroeste de Minas	01
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	23
Sul / Sudoeste de Minas	31
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	29
Vale do Mucuri	01
Vale do Rio Doce	06
Zona da Mata	13

FICHA 202

Moquém	Nº total de ocorrências no Estado: 61
ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:	

‘Carne preparada segundo uma técnica indígena primitiva, que foi transmitida aos primeiros colonizadores europeus e que ainda é hoje adotada no Brasil, particularmente no sertão’, ‘grelha, feita de varas, usada para assar ligeiramente a carne’, 1585. Do tupi *moka'ê*. (CUNHA, 2010, p. 436)

Dicionário atual da língua portuguesa:

(*Brasileirismo*) Grelha de varas para assar ou secar carne ou peixe. (FERREIRA, 2010, p. 515)

O tupi na geographia nacional:

Corr. *mocaê*, o que faz secar ou assar; gradeado de madeira sobre brasas para assar a carne. (SAMPAIO, 1901, p. 141)

Dicionário do folclore brasileiro:

Gradeado de madeira sobre o fogo, para assar peixe, carne de gado e outras, pelo calor, sem contato com a chama. Carne moqueada resiste muito tempo. Era a forma característica do ameríndio de conservar a caça por algumas semanas, e tornou-se familiar ao europeu e ao negro. Escreve-se também “muquém”. O mesmo que mocaentaua, denominação dada a uma constelação, que compreende parte de Órion e de Sirius. O mocaentaua é feito do cinto de Órion e as estrelas que lhe formam o busto, sendo que a empunhadura da espada é o peixe aracu que está cozinhando. O aracu é um *Corimbatae*. Na astronomia indígena do Amazonas, as quatro estrelas principais do Órion, Betelgeuse, Rigel, Bellatrix e a *Kappa*, são as chamadas de lontras (*lutra paranensis*), que estão para furtar o peixe do mocaen. (Stradelli, *Vocabulário da Língua Geral*). O moquém era o único processo utilizado pelo indígena para conservar os alimentos azotados. Não era forma culinária. (CASCUDO, 2000, p. 396)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Grade de páus em fôrma de grelhas, com uns 0m,60 de altura, e sobre a qual se põe a carne ou o peixe, que deve ser *moqueado*, isto é, assado a meio para se conservar. //Etimologia: É vocábulo de origem tupi, como o é também *Boucan*, adotado pelos francêses, como se pôde reconhecer pelo testemunho de Léry. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 166)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Depois de serem devidamente estripados, de lhes tirarem a cabeça, cortam-nos em postas põem-nos num jirau de caniços, preso em estacas a uns dois pés acima da terra [...]. Os primeiros navegadores que chegaram à América já encontraram este modo de secar o peixe, com o nome de 'moquém', isto é, assar ao fogo aberto." (1868-1871)²⁴³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Moquém (55)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Baixa	São João do Paraíso
Físico	Córrego	Dores do Indaiá, Berilo, Francisco Badaró, Itinga, Novo Cruzeiro, Ponto dos Volantes, João Pinheiro, Paracatu, Rio pardo de Minas, Rubelita, Coração de Jesus, Mirabela, Grão Mongol, Josenópolis, Ladainha, Umburatiba, Ituiutaba, Araporã, Tupaciguara, Coromandel, São Sebastião do Rio Verde, Virgínia, Campinha Verde, Coroaci, José Gonçalves de Minas
Físico	Chapada	Coromandel
Físico	Lagoa	Felixlândia, Minas Novas, Novo Cruzeiro, Ponto dos Volantes
Físico	Morro	Rio Pardo de Minas
Físico	Ribeirão	Carvalhos
Físico	Rio	São João do Paraíso

²⁴³ CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 125
Ficha: 9133/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Serra	Paracatu, Areado, Monte Belo
Humano	Fazenda	Araçuaí, Pará de Minas, Rubelita, São João da Ponte, Perdões, Coromandel, Campina Verde, Três Corações, Lassance
Humano	Localidade	Virgínia, Coroaci
Humano	Lugarejo	São João do Paraíso
Humano	Povoado	Ladainha, São Sebastião do Rio Verde, Carvalhos, João Pinheiro
Humano	Vila	Mirabela

Topônimo: Moquém Grande (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Almenara

Topônimo: Munquém (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Grão Mongol, Lassance
Humano	Fazenda	Lassance

Topônimo: Muquém (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capitão Enéias, Governador Valadares

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	42
Acidente humano	19
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Jequitinhonha	11
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Noroeste de Minas	04
Norte de Minas	17
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	10
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	09
Vale do Mucuri	03
Vale do Rio Doce	03

FICHA 203

Muleta	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Muleta (1): ‘pequena mula’, ‘bastão, apoio’, XIII. Do castelhano <i>muleto</i>.</p>	

Muleta (2): pequeno barco de pesca, 1571. Provavelmente relacionado com muleta (1). (CUNHA, 2010, p. 440)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Bastão de braço curvo, ao qual se apoiam os coxos. (FERREIRA, 2010, p. 520)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Bastão, que em vez de castão tem hum braço concavo, que sostem ao tolhido, ou alejado por baixo dos braços para se mover. [...] // Embarcação pequena, que anda no Tejo, e vai a pescaria. // Peça do Brasão como estrellá, com o meio aberto, e de cores cariadadas segundo as regras do Brasão. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 103, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Muleta (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Lagoa Grande, Presidente Olegário
Humano	Fazenda	Lagoa Grande, Presidente Olegário

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	04

FICHA 204

Muqueca (Moqueca) Nº total de ocorrências no Estado: 03

ORIGEM: africano < banto

ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

Dicionário etimológico da língua portuguesa:

Espécie de guisado de peixe ou mariscos, 1844. Do quimbundo *mu'keka* 'caldeirada de peixe'. (CUNHA, 2010, p. 436)

Dicionário atual da língua portuguesa:

(*Brasileirismo*) Guisado, geralmente de peixe ou mariscos. (FERREIRA, 2010, p. 515)

Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro:

(Banto) Guisado de peixe ou de mariscos, podendo também ser feito de galinha, carne, ovos, etc., regado a leite-de-coco, aze(i)te-de-dendê e pimenta. Kik. / Kimb. *mukeka* < *kuteleka*, guisar. (CASTRO, 2005, p. 289)

Dicionário do folclore brasileiro:

Quitute feito com peixinhos, mariscos ou camarões, com leite de coco, azeite doce ou azeite-de-dendê, outros temperos e muita pimenta, das chamadas de cheiro, próprias para as comidas à base de peixe.

A moqueca pra ser boa

Deve ser de camarão

O tempero que ela leva

É pimenta com limão

Prepara-se uma espécie de cozido à base de óleo de palma, tomate, cebola, coentro, limão e leite de coco. Os principais ingredientes deste prato podem ser caranguejo, ostra, polvo ou camarão. Em geral, é acompanhado com feijão de leite (purê de feijão com noz de coco), açúcar e especiarias. É prato típico da Bahia, preparado geralmente em panela de barro. Pode ser feito também com carne bovina. (CASCUDO, 2000, p. 196)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de iguaria feita de peixinhos ou camarões, tudo bem apimentado e envolto em folhas de bananeira. No Pará lhe chamam *Poquéca*. Além dessa espécie de *Moquéca*, que é seca, há também outra feita de peixe ou mariscos, com molho de azeite e muita pimenta. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 166)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] a moqueca de peixe, ela só saboreava sem talher, à mão." (1882)²⁴⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Muqueca (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Monte Belo
Humano	Fazenda	Monte Belo
Humano	Localidade	São Miguel do Anta

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	02
Zona da Mata	01

FICHA 205

Muro	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Parede forte que circunda um recinto ou separa um lugar do outro’, ‘(figurado) defesa, proteção’. XIII. Do latim <i>murus -i</i>. (CUNHA, 2010, p. 442)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Parede ora mais, ora menos alta, resistente, em geral de alvenaria ou de pedra, construída para cercar ou dividir uma área: "Cerca de grandes muros quem te sonhas." (Fernando Pessoa, "Conselho", in <i>Cancioneiro</i>.) 2. Fig. Qualquer coisa que sirva para isolar, proteger ou defender: <i>Seu mau humor era um muro para os amigos</i> (AULETE DIGITAL)²⁴⁵</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

²⁴⁴ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. AZEVEDO, Aluísio. *Girândola de Amores* (1882). São Paulo, Martins Editora, 1960. p. 39. Ficha: 5137/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

²⁴⁵ <https://aulete.com.br/muro>

Parede, com que se cerca, e defende a entrada de huma Cidade, praça, quinta. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 105)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] quintal e árvores de espinha, muro de pedra, e todos os seus pertences de matos, e capoeiras.” (1789)²⁴⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Muro (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araújos

Topônimo: Muro de Pedra (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Perdizes
Humano	Fazenda	Patrocínio, Perdizes, Pratinha, Ibiá

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	05

N

FICHA 206

Nau de Guerra	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < <i>Nau</i> (castelhano < latim) <i>Guerra</i> (latim < germânico)</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Nau: navio de casco e velame redondos, <i>náao</i>, XIII. Do castelhano <i>nau</i>, derivado do latim <i>naāvis -is</i>. (CUNHA, 2010, p. 447)</p> <p>Guerra: luta armada, XIII. Do latim medieval <i>guerra</i>, anteriormente <i>werra</i> (que substituiu, em toda a România ocidental, o vocábulo latino <i>bellum</i>), derivado do germânico <i>werra</i>. (CUNHA, 2010, p. 328)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

²⁴⁶ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 387. Ficha: 5718. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Nau: 1. Antigo navio, redondo tanto na forma do casco quanto no velame. 2. (*Poético*) Navio. (FERREIRA, 2010, p. 527)
Guerra: 1. Luta armada entre nações ou partidos; conflito. 2. Expedição militar; campanha. 3. A arte militar. 4. Oposição. (FERREIRA, 2010, p. 390)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Nau de Guerra (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tiros
Humano	Fazenda	Tiros

Topônimo: Nau de Guerra, de Jair Aleixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Tiros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 207

Navalha	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento cortante usado para fazer a barba, <i>-lla</i>, XIII. Do latim <i>novācūla -ae</i>. (CUNHA, 2010, p. 447) Dicionário atual da língua portuguesa: Lâmina metálica, muito afiada, presa a um cabo, com dispositivo para nele se embutir. (FERREIRA, 2010, p. 527) Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de fazer a barba; os rusticos usão de navalha, que he faca, que feixa em hum cabo, e se abre, e sustenta nelle por molla, ou sem ella. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 110, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “Estojo de pelo de carneiro forrado de baeta verde com uma <u>navalha</u> de barba e pedra de afiar.” (Inventário de Vicente Vieira da Motta) (1791)²⁴⁷</p>	

²⁴⁷ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 28. Ficha: 17782. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Navalha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Botumirim, Cristália

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02

FICHA 208

Navio	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Embarcação grande, XIII. Do latim <i>navīgium</i>. (CUNHA, 2010, p. 447) Dicionário atual da língua portuguesa: Embarcação de grande porte; nau. (FERREIRA, 2010, p. 527) Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso, em que os homens navegam, d'alto, ou baixo bordo, de hum, dois, ou 3 mastros. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 111) Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Nome de uma zona do Estado de Pernambuco, oriundo do Riacho do Navio, tributário do Pajeú, afluente do S. Francisco. É o <i>Navio</i> berço fomigerado dos mais terríveis <i>cangaceiros</i> nordestinos. Situada entre os confins dos municípios de Flores, Vila Bela, Jatobá e Floresta, estende-se por cerca de 50 léguas de leste a oeste, entre as margens do Moxotó e do Pajeú. A sua população é escassa, notando-se entre outros povoados a Vila do Riacho do Navio, Betânia, São Caetano, Nazaré etc. [...] (SOUZA, 2004, p. 228) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Quando o <u>navio</u> deitava âncora, colhíamos os cachos e, desbagando-os, enchíamos cestos e cestos que levávamos para bordo." (1828)²⁴⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Navio (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Espírito Santo do Dourado, São João da Mata
Físico	Serra	Espírito Santo do Dourado, São João da Mata

Quadro quantificação

²⁴⁸ Arredores de Gurupá, Pará. FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). São Paulo, EDUSP/ Cultrix, 1977. p. 303. Ficha: 3363/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	04

O

FICHA 209

Óculos	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Óculos: Lentes usadas diante dos olhos, para correção visual, 1555. Do latim <i>ocūlus-i</i> ‘olho’</p> <p>Óculo, 1813. Do latim <i>ocūlus-i</i>. (CUNHA, 2010, p. 457)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Óculo: 1. Instrumento que permite boa visão a longa distância, formado de um ou vários tubos encaixados entre si, com lentes de aumento; luneta. 2. Qualquer instrumento (binóculo, telescópio, etc.) com lente para auxiliar e ampliar a visão. 3. Abertura circular, provida ou não de vidro. (FERREIRA, 2010, p. 541). Óculos: Objeto composto de lentes encaixadas numa armação, com hastes que as prendem ao pavilhão da orelha, e cavalete que repousa sobre o nariz, e que serve, geralmente, para correção visual. (FERREIRA, 2010, p. 541)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>O’culo: Instrumento composto de hum, ou mais canudos, com lentes, que aumentão os ângulos visuaes, exceptas a objectiva, e ocular, e que aproximão mais os objectos; e estes são os de <i>longa mira</i>, ou de punho. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 128, Tomo 2). Óculos: Duas lentes em seu caixilho, que se mette no nariz, ou segura d’outro modo, e são de lentes convexas, que de ordinario servem aos velhos de vista cançada; ou concavas que servem aos de vista curta, míopes, que tem os olhos mui esbugalhados. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 128, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>"2 <u>óculos</u> pequenos de nariz com sua caixa." (Inventário de Cláudio Manoel da Costa) (1789)²⁴⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Óculo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

²⁴⁹ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 273. Ficha: 22986. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Humano	Fazenda	Rio Casca
--------	---------	-----------

Topônimo: Óculo Pequeno (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Rio Casca

Topônimo: Óculos (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Guimarânia, Patos de Minas
Físico	Ribeirão	Pingo d'Água, Santa Bárbara do Leste, Córrego Novo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro	02
Vale do Rio Doce	03
Zona da Mata	02

FICHA 210

Omelete	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Fritada de ovos batidos. <i>Omeleta</i>, 1881. Do francês <i>omelette</i>. (CUNHA, 2010, p. 460)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Culinária</i>) Fritada de ovos batidos. (FERREIRA, 2010, p. 545)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Omelete (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jequitinhonha

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01

P

FICHA 211

Pá	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Pá: Instrumento largo e chato, de madeira, ferro etc., com rebordos laterais e provido de um cabo, usado para cavar o solo. <i>Paa</i>, XIV. Do latim <i>pāla -ae</i>. (CUNHA, 2010, p. 468)</p> <p>Quebrar: reduzir a pedaços, fragmentar, despedaçar. XIII. Do latim <i>crepāre</i>. <i>Quebrada</i>, XVI. (CUNHA, 2010, p. 537)</p> <p>Raja: estria, listra, raia. 1858. Do castelhano <i>raya</i>. <i>Rajado</i>, 1844. <i>Rajar</i>, 1881. Do castelhano <i>rayar</i>. (CUNHA, 2010, p. 545)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Instrumento largo e chato, com rebordos laterais e um cabo, para cavar o solo, remover a terra, areia, lixo. 2. A parte mais larga e carnuda da perna dianteira da rês. (FERREIRA, 2010, p.555)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Instrumento de taboa com cabo, e bordas, de apanhar o lixo. / A pá dos forneiros, e pasteleiros he de madeira, ou de ferro, e tem cabo mui longo, serve de metter o páo no forno, as panellas, pasteis, etc. pá de trazer brazas nos lares. / <i>Pá dos cavallos, bois</i>, o mais alto, e carnudo das pernas onde se unem ao corpo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 144, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros:</p> <p>(<i>Rio de Janeiro</i>) o mesmo que <i>Quibando</i>²⁵⁰. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 174)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pá Quebrada (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campina Verde

Topônimo: Pá Rajada (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Frei Gaspar

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02

²⁵⁰ Disco de palha tecido em zonas paralelas, espécie de peneira grossa que serve para sengar arroz, café etc. [F.: do quimbundo *kibandu* 'peneira']. (<https://aulete.com.br/quibando>)

Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Mucuri	01

FICHA 212

Pacau	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Origem obscura. Do quíchua <i>pakay</i>, oculto, escondido [...]. (MACHADO, 1977, p. 275) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Certo jogo de cartas da fronteira gaúcha. 2. Pessoa a quem falta um dedo. 3. <i>Gir</i>. Cigarro ou pacote de maconha. [F.: Alter. de <i>macau</i>, posv.] (AULETE DIGITAL)²⁵¹ Dicionários antigos da língua portuguesa: Paca'õ: jogo de cartas, e particularmente o Rei, o 7 e o 2 neste jogo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 144, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pacau (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Prata
Físico	Cachoeira	Santa Rita do Jacutinga
Físico	Ribeirão	Santa Rita do Jacutinga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Zona da Mata	02

FICHA 213

Paçoca	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

²⁵¹ <https://aulete.com.br/pacau>

‘Iguaria preparada com carne desfiada e farinha de mandioca sacadas no pilão’, ‘amendoim ou castanha-do-pará torrados e socados no pilão, com açúcar e farinha’. *Passoca*, 1873. Do tupi *pa'soka*. (CUNHA, 2010, p. 468)

Dicionário atual da língua portuguesa:

(*Brasileirismo*) 1. Comida feita de carne-seca refogada, desfiada, e socada com farinha de mandioca. 2. Doce de amendoim socado com rapadura. (FERREIRA, 2010, p. 555)

O tupi na geographia nacional:

Corr. *pó-çoca*, esmigalhar á mão, desfiar, pilar ou machucar com a mão. (SAMPAIO, 1901, p. 143)

Dicionário do folclore brasileiro:

Paçoca ou poçoca. Alimento que consiste, ordinariamente, numa mistura-conserva de carne-seca e farinha de mandioca ou de milho, às vezes acrescida de rapadura. A paçoca de amendoim é feita à base de farinha de amendoim, uma pitada de sal, açúcar, cravo, erva-doce ou pimenta-do-reino e um pouco de gordura para facilitar a aderência da massa. É comum no Sul, especialmente em Santa Catarina.

De manhã a minha Rosa
Traz-me paçoca e o café;
Almoçamos sobre as esteiras
De palmas de catolé
Rodeados dos filhinhos
Maria, João e José

(Juvenal Galeno, *Lendas e Canções Populares*)

É herança indígena: “Paçoca, corruptela de *po-çoca*, ger-supino de *poçoc*, esmigalhar a mão, desfiar, pilar, esfarinhar. Paçoca é, pois, o desfiado, o pilado, o esfarinhado. É o alimento preparado com carne assada e farinha, piladas conjuntamente, constituindo isso uma espécie de conserva, muito própria para as viagens do sertão”. (Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geographia Nacional*.) Viajantes eminentes mimosearam a paçoca com apreciações notas: “Particularmente nos sertões, serve-se um prato muito nutritivo e de longa conservação – a ‘paçoca’. É carne de boi gorda e seca, assada no espeto e, depois de misturada com farinha, socada num pilão de madeira, demoradamente, até que a carne seja triturada e sua gordura perfeitamente infiltrada na farinha. Come-se com isso, ainda, um pedaço de rapadura”. Em todo o país a paçoca de rapadura”. Em todo o país a paçoca não possui unidade quanto aos ingredientes que a compõem, bem como ao seu preparo. No Rio Grande do Sul, é alimento feito de carne-seca e farinha de mandioca ou de milho piladas (Teschauer, *Novo Dicionário Nacional*.) Na Amazônia, diz ele, é a amêndoa da castanha assada e socada num pilão com farinha-d’água, sal e açúcar. Reduz-se tudo a pequenos grãos, impregnando a farinha oleosa de açúcar, e está feita a paçoca, que é vendida em cartuchos de papel nas cidades. Em geral, é preparada com a castanha comum. (*Bertholetia excelsa*), mas há quem faça de sapucaia, e até mesmo de castanha de caju. (R. Morais, *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*.) “A castanha de caju, de ouriço ou gergelim pilado, é misturada com farinha-d’água. Também é preparada de carne assada socada no pilão, com farinha, até ficar uma massa bem triturada e misturada.” (Chermont, *Glossário Paraense*.) Em São Paulo registrou-se: Paçoca, carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar. Em um mesmo estado, pode a paçoca alterar a composição, conforme a região. Enquanto no sul da Bahia, por exemplo, é feita de banana-da-terra com coco ralado, no centro e no norte passa a ser obtida da carne-seca pilada com farinha e rapadura, ou sem esta. Desigual também o é entre os ameríndios. Bertoni verifica: “Passoká – Farinha, mel e certas amêndoas assadas (castanhas de *Bertholetia*, noz de Pachira, amêndoas de palmeiras)”. (*La Civilización Guaraní*.) Von Martius (*Viagem pelo Brasil*, Rio de Janeiro, 1938) informava que a paçoca constituía uma

parte importante da alimentação de todo brasileiro, especialmente os negros escravos, mas a confundia com o charque e a carne-seca do sertão. (CASCUDO, 2000. P. 463-464)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Paçoca (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Governador Valadares, Resplendor

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	02

FICHA 214

Painel	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Pintura a óleo’, ‘quadro’, XVI. Do castelhano <i>painel</i>. (CUNHA, 2010, p. 469) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Pintura sobre tela, madeira etc. 2 Almofada de portas e janelas. (FERREIRA, 2010, p. 557) Dicionários antigos da língua portuguesa: Pintura a oleo, ou a tempera feita sobre panno, chapa de cobre, taboa, etc. // Entre pedreiros, a pedra, que se põem sobre a porta. // Estante, onde alguns mecânicos tem a sua ferramenta. // <i>Painel do coche</i>, a taboa delle, em que vão pinturas. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 147, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: 7 lâminas dos Passos do Senhor com vidros, e molduras pretas com pouco mais de palmo de comprimento. <u>Painel</u> da China. (Inventário Pe. José da Silva de Oliveira Rolim) (1789)²⁵²</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Painel (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Antônio Carlos
Humano	Localidade	Antônio Carlos

²⁵² Diamantina, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 297. Ficha: 16336/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02

FICHA 215

Palmatória	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Palmatória, XVI. Do latim <i>pālmātōria</i>. (CUNHA, 2010, p. 471) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça circular de madeira, provida de cabo, com a qual se castigava alguém batendo com ela na palma da sua mão; férula. (FERREIRA, 2010, p. 559) Dicionários ntigos da língua portuguesa: Roda de páo, ou sola, ou pelle de cação unida a hum cabo, com que nas escolas dão golpes sobre a palma da mão aberta por castigo. [...] // <i>Palmatoria</i> castiçal com bocal pegado a hum prato, e seu rabo, de folha de flandres, ou latão. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 150, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro: 1. Roda de pau, sola ou pele de cação, presa a um cabo, com que nas escolas dão golpes na palma da mão aberta, por castigo. Palmatória é a santa-luzia ou santa-luzia-dos-cinco-olhos das escolas portuguesas e brasileiras de outrora. Era castigo também aplicado às escravas e crianças. A origem é remotíssima, dizendo-se conhecida em Roma, ao lado do açoitador, como “excitador” da memória infantil. No fim dos cursos havia a festa da Palmatória, aparecendo esta enfeitada com flores de papel e fitas, em lugar de honra na mesa do professor. Em certos colégios, até cerca de 1930, os alunos que terminavam os estudos ginasiais ofereciam uma palmatória, de papelão, enorme, ornamentada, ao grupo que ficava. “Palmatória não é santa mas obra milagre.” A palmatória, <i>ferula</i>, era o castigo tradicional das crianças escolares em Roma. 2. Castiçal com bocal de pouca altura, preso a um prato, com asa, de folha-de-flandres, latão, prata, para pôr bugias (velas pequenas) que não deixem as chamas tão altas. (CASCUDO, 2000, p. 471) Outras informações: Em relação à segunda acepção apresentada por Cascudo (2000, p. 471), Oliveira (2019, p. 6) complementa dizendo ser uma variação de castiçal, chamado palmatória, utilizado para o transporte da vela: “Trata-se de um castiçal pequeno, sua base é em forma de prato com bocal central para o encaixe da vela, e asa ou cabo lateral (FERREZ, 2016). Era posicionado em</p>	

cima dos móveis nos corredores e no interior dos quartos para que fosse utilizado por quem precisasse se mover no escuro”.²⁵³

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Alguns canapés rústicos (jiraus), alguns potes espalhados, aqui e ali, flechas e arcos, penas de arara penduradas no teto e, finalmente, uma palmatória para castigar as mulheres, eis o mobiliário das casas dos macunis." (1832)²⁵⁴

"Palmatória de latão." (Inventário de Joaquim José da Silva Xavier) (1789)²⁵⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Palmatória (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Janaúba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 216

Pandeiros	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < castelhano < latim < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Spl] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento musical de percussão, feito de pele, que se tange com a mão. XVI. Do castelhano <i>pandero</i>, provavelmente do latim tardio <i>pandorius</i>, variante de <i>pandūra</i>, derivado do grego <i>pandourion</i>, <i>pandoûra</i>. (CUNHA, 2010, p. 473) Dicionário atual da língua portuguesa: Aro, com guizos ou sem eles, sobre o qual se estica uma pele, que se tange batendo-a com a mão. (FERREIRA, 2010, p. 560) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

²⁵³ OLIVEIRA, Erica de. *À meia-luz: iluminação artificial doméstica e o acervo MCB*. Disponível em: < [ARTIGO “À MEIA-LUZ: ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL DOMÉSTICA E O ACERVO MCB” POR ERICA DE OLIVEIRA | Museu da Casa Brasileira.](#) > Acesso em: ago. 2022

²⁵⁴ Entre Jequitinhonha e Almenara, Minas Gerais. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1839). t. II, vol. III, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 128. Ficha: 21569/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](#)

²⁵⁵ Ouro Preto, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 321. Ficha: 18202. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](#)

Instrumento musical, he hum aro de madeira, em cuja altura há vãos, e nelles huns arames, em que estão enfiadas varias laminas de latão, que batendo humas nas outras, quando se vibra o pandeiro fazem hum som agudo. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 152, Tomo 2)

Dicionário do folclore brasileiro:

A Os pandeiros mais antigos não tinham pele, e apenas soavam por atrito de soalhas presas lateralmente. O dicionarista Moraes, na edição de 1831, registrava o pandeiro velho, citando o quinhentista João de Barros: “Instrumento músico; é um aro de madeira, em cuja altura há vãos, e neles uns arames, em que estão enfiadas várias lâminas de latão, ou soalhas, que, batendo umas nas outras, quando se brande, tange, ou vibra o pandeiro, fazem um som agudo. Move-se com a mão direita e talvez se dá com ele sobre a palma da esquerda”. Em Portugal, de sua popularidade há o registro de Gil Vicente no prólogo do Triunfo do Inverno:

Em Portugal eu vi já.

Em cada casa pandeiro.

Os árabes conheceram ambos os tipos, com pele ou apenas de guizos, este mais empregado nas danças, e o outro no canto. O sertanejo, da Paraíba ao Ceará, que esteve enquistado até 1910, conservando idioma, hábitos, tradições, indumentária, cozinha de séculos passados, guardando modismos que Portugal já perdera, não manteve a gaita (pífano, gaita-de-sopro), e o pandeiro, instrumentos indispensáveis dos velhos portugueses cantadores. No velho sertão de outrora o pandeiro resistiu até a segunda metade do século XIX, mas já usado parcamente. [...]

O desaparecimento do pandeiro e demais instrumentos de percussão seria a ausência das danças coletivas, as danças de roda, cantadas, quase privativas das crianças. O canto alternado, incisivo, arrebatado insolente, dispensa o pandeiro, que, no litoral e no agreste, perdeu terreno para o ganzá, marcador de ritmos por excelência. O pandeiro voltou ao uso intensivo nas orquestras típicas do Rio de Janeiro, que deram prestígio aos conjuntos criados por todo o Brasil. Pelo interior do Nordeste não existe mais. Desapareceu das praias e está nas cidades. Nos bailes gauchescos, o pandeiro é instrumento indispensável, ao lado da gaita e do violão, embora não apareça no acompanhamento das danças tradicionais do Rio Grande do Sul, com exceção dos Ternos de Reis. Instrumento marcador de ritmo, o pandeiro gaúcho é característico, diferindo do pandeiro de Carnaval, e um bom pandeirista é sempre disputado para acentuar o ritmo do baile. (Antônio A. Fagundes, *Curso de Tradicionalismo Gaúcho*, 3ª edição, Martins Livreiro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1997.) O pandeiro é o *timpanum* das bacantes e dos sacerdotes de Cibele. (CASCUDO, 2000, p. 473-474)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] vinha depois a banda de música dos pretos [...] anunciando o regozijo, ao som de pandeiros e chocalhos, de ruidoso canzá [...] e da chorosa marimba [...]" (1818)²⁵⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pandeiros (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Januária
Humano	Povoado	Januária

Quadro quantificação

²⁵⁶ Diamantina, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 129. Ficha: 19372. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02

FICHA 217

Pão	Nº total de ocorrências no Estado: 13
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Alimento feito de massa de farinha de trigo e outros cereais, com água e fermento, que é assado ao forno. <i>Pam</i>, XIII, <i>pan</i>, XIII, <i>pã</i>, XIII. Do latim <i>pānis -e</i>. (CUNHA, 2010, p. 474)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Alimento feito de massa de farinha de vários cereais, com água e fermento, e que é assado ao forno. 2. (<i>Figurado</i>) O alimento diário. (FERREIRA, 2010, p. 561)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p> <p>Pão: As superstições e tradições sobre o pão vieram naturalmente de Portugal. A fabricação do pão, com suas cerimônias, cruzeiros na massa, ensalmos para crescer, afogar, dourar a crosta, foi corrente no Brasil, quando era feito nas residências. Passando para as padarias, a superstição foi desaparecendo. Resta ainda, pelo interior, a proibição de atirar o pão fora, deixá-lo cair propositalmente, não o erguer, benzendo-se com ele, símbolo da vida e guarda do espírito de Deus na hóstia. Quando ele nos cai da mão, inadvertidamente, alguém da família está passando necessidade; tanto maior quanto maior for a distância entre o pedaço de pão e a pessoa de quem caiu por acaso. Em Portugal é costume dizer: “O pão não se arremessa: pouso-se; não se corta: parte-se; se ele cair ao chão, apanha-se e beija-se. Quando se pouso sobre a mesa, nunca deve ser voltado, e assim todos têm o cuidado de o colocar bem. Ao pão há sempre associada uma ideia de religiosidade, quer ela seja pagã ou cristã.” (Emanuel Ribeiro, <i>Grande Seara</i>, Porto, 1934).</p> <p>Pão-de-ló: Era o bolo tradicional dos doentes e das famílias enlutadas, enviado como presente ou lembrança de conforto. O pão-de-ló era sempre fofo, dourado, macio, com sua crosta espessa e bem-feita. Não era torrado. <i>As fatias de pão-de-ló</i>, sim, eram sempre secas ao fogo, para acompanhar o chá ou o café. Também era o bolo servido habitualmente nas casas antigas. A fatia de pão-de-ló aparecia, inevitável, nas mesas dos padres abastados e dos magistrados antigos. Era o bolo mais <i>inocente</i> do mundo. Não fazia mal a ninguém. Pertenceu à culinária portuguesa, na qual se mantém e da qual a recebemos. Chamam comumente <i>pandeló</i>. “Bolo feito com farinha de trigo, ou do-reino, como é vulgar entre nós, ovos batidos, açúcar e das casquinhas de ovos com água, e assado ao forno em forma de lata”. [...] Ao que parece, era o popularíssimo bolo, originariamente chamado <i>pam-de-ló</i>, como se infere do “Regimento do ofício de Caldeireiro, com os preços taxados das suas obras”, expedido pela Câmara do Senado do Recife, em verificação de 9 de agosto de 1777, nestes termos: “Por bacias de fazer doce e <i>pam-de-ló</i>, vem de <i>pão</i>, na acepção de bolo, e <i>ló</i> com as suas próprias expressões de espécie de escumilha, tecido muito fino, froixo, raro, e assim, bolo fino, fofo, branco, mole como efetivamente é.” [...] (CASCUDO, 2000, p. 475-476)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"[...] pão, que todos podiam ter pela facilidade da cultura dos cereais nestas regiões, mas que quase nunca se encontra [...]" (1814-1815)²⁵⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ilha	Jequitinhonha

Topônimo: Pão Alto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Araporã

Topônimo: Pão de Açúcar (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Barra Longa, Abre Campo
Físico	Morro	Jacuí
Físico	Serra	Abre Campo
Humano	Fazenda	Jacuí
Humano	Localidade	Abre Campo

Topônimo: Pão de Angu (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Lima Duarte

Topônimo: Pão do Brasil (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Carlos Chagas

Topônimo: Pão Quente (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pedra Azul
Humano	Fazenda	Pedra Azul

Topônimo: Pão-de-Ló (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Visconde do Rio Branco

²⁵⁷ Minas Gerais. FREIREYSS, G. Wilhelm. *Viagem ao Interior do Brasil nos Anos de 1814-1815*. vol. XI, São Paulo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1906. p. 181. Ficha: 4412/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	07
Acidente humano	06
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	03
Sul / Sudoeste de Minas	02
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Mucuri	01
Zona da Mata	06

FICHA 218

Parafuso	Nº total de ocorrências no Estado: 09
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça de madeira, marfim, metal etc., lavrada por um ângulo sólido espiral, pelo qual se prende a porca. <i>Perafuso</i>, XIII. De etimologia obscura. (CUNHA, 2010, p. 476) Dicionário atual da língua portuguesa: Pregos sulcados em hélice, com uma fenda na cabeça, e que se fixa com chave. (FERREIRA, 2010, p. 463) Dicionários antigos da língua portuguesa: Peça de páo, marfim, ou metal lavrada por hum ângulo solido espiral, pelo qual se prende na porca. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 156, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro: 1. Passo do frevo pernambucano. Antiga e prestigiosa parte no maxixe. Dança do sul de Pernambuco, samba, em que homens e mulheres baixam em roda, cantando. [...] 2. A marca “caracol” nas velhas quadrilhas dançadas no sertão tinha também o nome de parafuso. 3. Molinete no jogo da capoeira. 4. Brinquedo infantil em São Paulo. [...] (CASCUDO, 2000, p. 481) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] Pelo meio desta passava uma barra em rosca presa a um pequeno teto quadrado, piramidal, móvel como ela, e a extremidade inferior do <u>parafuso</u> suportava uma prancha horizontal, da largura do interior dos sacos. De dois dos ângulos do teto, obliquamente opostos, desciam duas peças de madeira, que se empurravam para fazer girar o teto e com ele o <u>parafuso</u>. [...]” (1817)²⁵⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Parafuso (09)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Prata, Caratinga

²⁵⁸ Arredores de Minas Novas, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 236. Ficha: 7448/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Físico	Ribeirão	Campina Verde, São Francisco de Sales
Físico	Serra	Prata
Humano	Fazenda	Campina Verde, São Francisco de Sales, Prata
Humano	Localidade	Imbé

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	07
Vale do Rio Doce	02

FICHA 219

Pari	Nº total de ocorrências no Estado: 25
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Barragem de madeira, espécie de armadilha para apanhar peixe, 1895. Do tupi <i>pa'ri</i>. (CUNHA, 2010, p. 478)</p> <p>O tupi na geographia nacional: Cerca feita de cannas para apanhar peixe, o coffo; o curral de peixe. (SAMPAIO, 1901, p. 145)</p> <p>Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: Canal para apanhar peixes. (NAVARRO, 2013, p. 591)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Termo geral, designativo de estaca feita nos rios, apoiada por dois grossos varões que atravessam a corrente de um barranco a outro e em geral para apanhar peixes. Registrado por Teschauer, que acrescenta que os lugares mais próprios para os <i>paris</i>, são as corredeiras. (SOUZA, 2004, p. 240)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Nome de certa armadilha que fazem nos riachos, para apanhar peixe. Consiste em uma cêrca transversal a corrente do riacho, com uma abertura no meio, a qual se adapta do lado inferior um extenso cesto, O peixe impelido pela correnteza da água, precipita-se por essa abertura e fica em seco no cesto. Fazem-se pescarias imensas por êsse modo, tendo porém o inconveniente de apanhar, com o peixe grande que se utiliza, grande quantidade do pequeno, de que ninguém se aproveita. //No Pará, é o pari uma esteira feita de marajá, com a qual se intercepta o riacho, atando-a em varas cravadas a que chama <i>Paritá</i> (Baena). // Etimologia: É vocábulo tupi e guarani. [...] (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 179-180)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "No dia seguinte embarcaram numa piroga uns vinte índios para irem buscar peixe ao '<i>pari</i>' [...] nome que dão a uma paliçada em parte fora d'água, em parte submersa, feita com estacas fincadas no álveo do rio e atravessadas por outras, sendo os interstícios tapados com juncos. A água eleva-se e transborda. Na base da paliçada praticam buracos circulares, a cuja boca adotam mundéus que ficam retidos contra a correnteza por um pau. Os índios mergulham dentro da paliçada, voltam à tona com os mundéus, tiram o peixe e tornam a mergulhar para</p>	

repô-los em seus lugares. Em pouco tempo ficou a piroga cheia de peixe, pelo que regressamos à maloca onde nos ofertam parte da pescaria." (1828)²⁵⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pari (12)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itabira, Cláudio, Cássia, Divinópolis
Físico	Ribeirão	Pompéu, Lima Duarte, Olaria, Consolação
Humano	Fazenda	Pompéu, Papagaios, Berizal, Cássia

Topônimo: Pari Novo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Juiz de Fora

Topônimo: Pari Vermelho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piuí
Humano	Fazenda	Piui

Topônimo: Parizinho (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Abaeté, Quartel Geral, Serra da Saudade
Humano	Fazenda	Quartel Geral
Humano	Localidade	Quartel Geral

Topônimo: Parizinho de Baixo, de Pedro Esteves (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Quartel Geral

Topônimo: Parizinho, de João L. da Silva (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Quartel Geral

Topônimo: Parizinho, de José Aleixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Quartel Geral

Topônimo: Parizinho, de José V. de Castro (01)		
--	--	--

²⁵⁹ Rio Arinos, Mato Grosso. FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). São Paulo, EDUSP/ Cultrix, 1977. p. 235. Ficha: 7616/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Quartel Geral

Topônimo: Parizinho, de Vicente P. Duarte (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Quartel Geral

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	13
Acidente humano	12
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	12
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	04
Sul / Sudoeste de Minas	03
Zona da Mata	03

FICHA 220

Pastelzinho (Pastel)	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing + Dim] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Iguaria feita com massa de farinha de trigo, recheada com doce ou salgado e frita, XVI. Do francês antigo pastel (hoje <i>pâte</i>), derivado do latim tardio <i>pastellus</i> e, este, do latim <i>pastillum</i>. (CUNHA, 2010, p. 480) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Iguaria feita com pequenas porções de massa recheada e, geralmente, frita. 2. Caracteres tipográficos empastelados. (FERREIRA, 2010, p. 568) Dicionários antigos da língua portuguesa: Massa cheia de nata, fruta, doce, ou picado de carne, coberta, ou descoberta, feita ao forno. // Herva, cuja folha se parece com a da tanchagem, em cuja tintura os tintureiros molham os pannon a que hão de dar alguma cor, para que a recebam bem. // Pintura. He um lápis feito da tinta, com que se quer pintar amassada em gomma arabia branda; com os taes lápis se pinta, e estas pinturas se chamão de pastel; e fraze modernamente. (BUTEAU; SILVA, 1789, p. 168, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] Por um <u>pastel</u> pequeno, uma oitava [...]. Por um barrilote de azeite, duas libras [...]” (1703)²⁶⁰</p>	

²⁶⁰ Minas Gerais. ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232-3. Ficha: 4389/ 3601/3753/5309/2557/2558. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pastelzinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Guaraciama

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 221

Pataca	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < provençal</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Moeda antiga de prata, do valor de 320 réis, XVI. Provavelmente do provençal <i>patac</i>. (CUNHA, 2010, p. 480)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) Antiga moeda de prata, que valia 320 réis. (FERREIRA, 2010, p. 569)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Moeda de prata do valor de 750 réis. // No Brasil, a pataca vale 320 reais. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 169)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Quantia de diheiro igual a 0,32 cts. antes havia a pataca de prata, a qual, porém, desapareceu da circulação. // Em Mato-Grosso ha a <i>pataca-aberta</i> = 0,30 centavos e a <i>pataca-fechada</i> = 0,32 cts. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 181)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] O preço varia também de acordo com o tamanho: as médias custam de 3 a 8 vinténs e as maiores até uma <u>pataca</u>. [...]” (1816-1831)²⁶¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pataca (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sabará, Matipó, Pedra Bonita
Humano	Localidade	Matipó

Topônimo: Pataquinha (02)

²⁶¹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 170. Ficha: 18543. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Sabará, Santa Luzia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Zona da Mata	03

FICHA 222

Patuá	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Do tupi <i>patauá</i>, “cesto”, ou <i>patiguá</i>. (MACHADO, 1977, p. 324)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Brasileirismo</i>) 1. Balaio. 2. Poltrona. (FERREIRA, 2010, p. 570)</p> <p>Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: De <i>patuá</i> (ou <i>patygûa</i> ou <i>patugûa</i>), canastra, cesta de folhas de palmeira, balaio. (NAVARRO, 2013, p. 591)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Nome comum a diversas espécies de receptáculos móveis, onde se arrecadam e transportam objetos quaisquer. // Em algumas províncias do norte, é uma bolsa de couro, de que se servem os sertanejos para o transporte de favos de mel. // No Pará, é uma espécie de cesto ou balaio, e dão particularmente o nome de <i>Patuá-balaio</i> a uma caixa com compartimentos para comida, louça, vidros, talheres, de que se usa nas viagens fluviais (B. de Jary). // Espécie de amuleto que consiste em um saquinho de couro, contendo cabeças de cobras e outras coisas a que atribuem virtudes milagrosas, e que os crédulos trazem pendurado ao pescoço, para os livrar de malefícios (Abreu e Lima). // Entre os índios da região amazônica significa baú, caixa (Seixas). // Em S. Jorge de Ilhéus, na província da Bahia, é uma caixa com tampa em forma elítica feita de palha de palmeira; mas ali dão o nome de <i>Patiguá</i> (Ennes de Souza). // Etimologia: Patuá e <i>Patiguá</i> são pronúncias diferentes do mesmo vocábulo, pertencente à língua tupi. No dialeto do Amazonas, se pronuncia <i>Patúia</i> (Seixas). Os tupis do Brasil meridional davam à canastra o nome de <i>Patuguá</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 182)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Patuá (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santa Rita do Sapucaí, Santa Vitória
Físico	Serra	Santa Rita do Sapucaí
Humano	Fazenda	Santa Vitória
Humano	Sítio	Santa Rita do Sapucaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 223

Pau-a-pique	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim + português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Pau: qualquer pedaço de madeira, XIII. Do latim <i>pālus</i> -ī. (CUNHA, 2010, p. 482) Pique: lança fina, XVI. Do francês <i>pic</i>. (CUNHA, 2010, p. 495)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Construção feita de ripas ou varas entrecruzadas, e barro. (FERREIRA, 2010, p. 570)</p> <p>Parede de ripas ou varas entrecruzadas cobertas com barro; taipa. (AULETE DIGITAL)²⁶²</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Pao: lenho, madeira. // Bordão, cajado. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 154, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros:</p> <p>Parede construída de ripas ou varas, umas verticais e outras horizontais, presas entre si por meio de cipós ou pregos, e tudo isto embaçado com barro. A parede de <i>pau-a-pique</i> é o que em Portugal chamam parede de sebe ou taipa de sebe. Na Bahias e outras províncias do norte lhe chamam parede de taipa usada em S. Paulo. // Em Pernambuco e outras províncias do norte chamam cerca de <i>pau-a-pique</i> a que é feita de paus verticalmente colocados (Meira). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 182)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>“Sítio com casas de vivenda cobertas de telha com cozinha coberta de capim e seu monjolo coberto do mesmo, cercado de <u>pau-a-pique</u> com suas árvores de espinhos e bananeiras.” (1791)²⁶³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pau-a-pique (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Papagaios

Quadro quantificação

²⁶² <https://aulete.com.br/pau-a-pique>

²⁶³ Arredores de Barbacena, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 45. Ficha: 12437/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 224

Peia	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Grilhão’, ‘prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas’, XIII. Do latim <i>pedīca - ae.</i> (CUNHA, 2010, p. 485) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas. 2. Empecilho. 3. (<i>Brasileirismo</i>) Açoite, chicote. (FERREIRA, 2010, p. 574) Dicionários antigos da língua portuguesa: Pea: laço de corda, coiro, ou corrente, que prende os pés das bestas hum no outro, na estrebaria. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 173, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Peia (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itacambira

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

FICHA 225

Penacho	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Penacho, XVI. Do italiano <i>pennàcchio</i>, derivado do latim tardio <i>pinnāculum</i>. (CUNHA, 2010, p. 486) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

Conjunto de penas para adorno. (FERREIRA, 2010, p. 575)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] leva em geral um penacho na cabeça fantasiosamente ornamentado de conchas marítimas, fitas e penas de pavão.” (1839)²⁶⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Penacho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Crisólita

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	01

FICHA 226

Peneiras	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Objeto, geralmente circular, com caixilho de madeira ou de metal, com o fundo formado de fios entrelaçados. <i>Peneyra</i>, XIII. Do latim *<i>panāria</i> (clássico <i>pānārĭum -ī</i> ‘cesta de pão’). (CUNHA, 2010, p. 486)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Objeto formado por fios entrelaçados, de tela, etc., e usado para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as mais grossas. (FERREIRA, 2010, p. 576)</p> <p>Dicionário antigo da língua portuguesa: Peça feita de cabellos de cavallo, ou fios de seda, na qual se põem alguma coisa moída, para separar as partes mais miúdas, e finas; também as há de palhinha. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 182, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Chuva miúda. (BEUAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 185)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “À pequena distância de Formiga', diz eles 'alojei-me numa casa feitas de barro e madeira. Na parede havia alguns chifres de veado, nos quais se achavam pendurados vários obetos, tais como sela, espingarda, chapéu, uma cesta, uma <u>peneira</u> e uma capa.” (1819)²⁶⁵</p>	

²⁶⁴ São Paulo, São Paulo. KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, Províncias do Norte* (1839-1840). São Paulo, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1972. p. 181-2. Ficha: 16778. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

²⁶⁵ Arredores de Formiga, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco* (1819). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 98. Ficha: 9979. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

"Todavia, para que, tanto as pedras mais grosseiras, como o pó de ouro restante não sejam arrastados, ainda há diversas peneiras e três grandes reservatórios profundos [...] o pó de ouro é colhido por meio de gamelas [...]" (1818)²⁶⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Peneiras (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Estrela do Sul, Romaria, Indianópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 227

Peruca	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cabeleira postiça, 1813. Do francês <i>perruque</i>, derivado do italiano <i>parrucca</i>, <i>perucca</i>. (CUNHA, 2010, p. 492) Dicionário atual da língua portuguesa: Cabeleira. (FERREIRA, 2010, p. 582) Dicionários antigos da língua portuguesa: Cabelleira redonda. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 193, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Traziam a cabeça coberta com uma <u>peruca</u> empoada sobre que punham um enorme chapéu armado, já sebento, geralmente ornado de um tope. A coxa esquerda repousava um espadim velho e gasto." (1808)²⁶⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Peruca (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cedro do Abaeté

²⁶⁶ Arredores de Sabará, Minas Gerais. SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 85. Ficha: 8924/ 8930. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

²⁶⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro LUCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* (1808-1818). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 70 Ficha: 27955. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 228

Piano	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento de cordas percutíveis por martelo de madeira revestida de feltro, munido de teclado de 88 teclas, 1858. Forma reduzida do italiano <i>pianoforte</i>. (CUNHA, 2010, p. 494) Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento de teclado, composto essencialmente de uma caixa de ressonância na qual se estendem cordas percutíveis por martelos. (FERREIRA, 2010, p.584) Arquivo Ernani Silva Bruno: "O grande afastamento de um porto de mar é a causa de não haver ainda no Tijuco um <u>piano</u>. Se não fosse isso, estes instrumentos aí teriam grande procura, porque as senhoras em geral gostam de música e tocam violão com muito sentimento e graça." (1810)²⁶⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Piano (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvarenga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

²⁶⁸ Diamantina, Minas Gerais MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil* (1807-1810). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1978. p. 176 Ficha: 19219/19481. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 229

Picuá	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: indígena < tupi INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Nm [Sing] Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cesto, balaio. Do tupi *piku'a. (CUNHA, 2010, p. 495) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Cesto, balaio. 2. Saco de lona ou algodão. (FERREIRA, 2010, p. 585) Outras informações: Picuá, artefato utilizado nas roças brasileiras, como forma de transportar alimentos ou mantimentos, para as viagens realizadas pelos caminhos ou trilhas, que podiam ser a pé, a cavalo, ou <u>carro de boi</u>. [...]O artefato possuía ainda variados nomes tais como patuá; piquá; apicuá; patiguá e piguá. Ele era confeccionado em lona; ou em tecido de algodão; ou pela junção de dois balaio, que eram pendurados no lombo dos cavalos ou muares²⁶⁹.</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Picuá (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itamarandiba
Humano	Localidade	Itamarandiba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02

FICHA 230

Pilão	Nº total de ocorrências no Estado: 55
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pilão, pilões, XVI. Do francês <i>pilon</i>. (CUNHA, 2010, p. 496) Dicionário atual da língua portuguesa: Utensílio para socar, triturar, amassar. (FERREIRA, 2010, p. 585) Dicionários antigos da língua portuguesa: Pilão: mão do gral. // No Brasil he gral de páo rijo, onde se pila, e descasca o arroz. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 201) Dicionário de vocábulos brasileiros: Gral de pau rijo, onde se descasca e tritura café, arroz, milho, etc. // A mão do gral chamamos <i>mão do pilão</i>. Em Portugal <i>Pilão</i> é a mão do gral. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 190)</p>	

²⁶⁹ <https://www.coisasdaroca.com/coisas-antigas-da-roca/picua.html>

Dicionário do folclore brasileiro:

Espécie de gral ou almofariz, de madeira rija, como a sucupira, com uma ou duas bocas, e tamanhos vários, desde os pequenos, para pisar temperos, até os grandes, para descascar e triturar o milho, café, arroz, etc. O instrumento ou peça de madeira com que se pisa no pilão qualquer substância tem o nome de mão do pilão. Os pilões grandes, de mais ou menos um metro de altura e duas bocas, trabalham com duas mãos, de madeira pesada e tamanho proporcional.

Eu te piso
Eu te repiso
E te reduzo a granizo
No pilão de Salomão
(Versos populares)

[...] (CASCUDO, 2000, p. 515)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] Uma velhota voltou, entretanto, ao seu trabalho, e pôs-se a socar milho diligentemente no pilão feito de um tronco escavado; [...]” (1818)²⁷⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pilão (18)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Cachoeira	Senador Amaral
Físico	Córrego	Chapada do Norte, Joáima, Santo Antônio do Itambé, Caratinga, José Gonçalves de Minas
Físico	Lagoa	Iturama
Físico	Pedra	Joáima
Físico	Serra	Rio Preto, Santa Bárbara do Monte
Humano	Fazenda	Chapada do Norte, Joáima, Lagoa Santa, Espinosa, José Gonçalves de Minas
Humano	Localidade	Lima Duarte, Cataguases
Humano	Povoado	João Pinheiro

Topônimo: Pilão da Serra (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Lima Duarte

Topônimo: Pilão de Pedra (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Governador Valadares
Humano	Povoado	Governador Valadares

Topônimo: Pilão Velho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Alfenas

²⁷⁰ Arredores de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1817-1818). vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 339
Ficha: 18557. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Topônimo: Pilões (21)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Chapadão	Guarda-Mor
Físico	Córrego	Ribeirão das Neves, Cataguases, Ituiutaba, Canápolis, Tapira, São Sebastião do Paraíso
Físico	Lagoa	Turmalina
Físico	Ribeirão	Ritápolis, Ponto dos Volantes, Guarda-Mor
Físico	Serra	Cachoeira Dourada
Humano	Fazenda	Ritápolis, Carandaí, Ribeirão das Neves, Guarda-Mor, Chiador, Ituiutaba, Canápolis
Humano	Localidade	Cataguases, Santa Maria do Suaçuí

Topônimo: Pilãozinho (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itinga, Rio Preto, Santa Bárbara do Monte
Físico	Lagoa	Ponto dos Volantes
Físico	Ribeirão	Ponto dos Volantes
Humano	Fazenda	Santa Bárbara do Monte
Humano	Localidade	Santa Maria do Suaçuí

Topônimo: Pilões de Jerônimo Franco (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ituiutaba, Canápolis

Topônimo: Pilões de José S. Pereira (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Canápolis, Ituiutaba

Topônimo: Pilões Grandes (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Santa Maria do Suaçuí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	29
Acidente humano	26
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02
Jequitinhonha	04
Metropolitana de Belo Horizonte	02
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	06
Vale do Rio Doce	04

Zona da Mata	05
--------------	----

FICHA 231

Pipa	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos, XVIII. De um latim vulgar *<i>pipa</i> (derivado de <i>pipãre</i> ‘piar’). (CUNHA, 2010, p. 498) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos; barrica. 2. (<i>Figurado. Popular</i>) Pessoa baixa e gorda. 3. (<i>Figurado</i>) Homem beberrão. 4. (<i>Brasileirismo</i>) <i>Papagaio</i>. (FERREIRA, 2010, p. 587) Dicionário antigo da língua portuguesa: Vasilha de taboa, de guardar vinhos, azeites, vinagres, e tc. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 204, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro: Papagaio de papel, coruja, arraia. No dicionário de Moraes lê-se: “Folhas de papel, ou lenço, estendidas sobre uma cruz de canas, e cortadas em figura oval, com um rabo na parte fina, que se soltam ao ar, e lá se sustêm, seguras por um cordel, ou barbante; é brinquedo de rapazes”. [...] No Brasil chamam-no raia ou arraia, em alusão à forma romboidal do peixe, e também pipa, pandorga, quadrado, cafifa, barilete. [...] (CASCUDO, 2000, p. 477) Arquivo Ernani Silva Bruno: “<u>Pipa</u> grande com arcos de ferro, a qual levará 160 barris.” (1789)²⁷¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pipa (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dom Silvério, Bocaiúva
Humano	Localidade	Bocaiúva

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02
Zona da Mata	01

²⁷¹ São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 237 Ficha: 7883/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 232

Pirulito	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < de *<i>pirolito</i>, forma epentética de <i>pirlito</i> ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> Cone de mel escuro e solidificado preso na extremidade de um palito, por onde se pega para consumi-lo, 1899, de *<i>pirolito</i>, forma epentética de <i>pirlito</i>, por <i>pirrito</i>. (CUNHA, 2010, p. 500) Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> Substância doce em forma de bola, etc., enfiada num palito. (FERREIRA, 2010, p. 589)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pirulito (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dores do Indaiá, Santa Rosa da Serra
Humano	Fazenda	Moema
Humano	Povoado	Nova Lima

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	02
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 233

Pistola	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Pequena arma de fogo’, cerca de 1596, ‘antiga moeda estrangeira’, 1645, ‘por extensão, fogo de artifício’, 1837. Do francês <i>pistole</i>, que remonta ao tcheco <i>pišt’ala</i>, através de uma das antigas variantes alemãs <i>pisschullen</i> (1421), <i>pischaln</i> (1429) ou <i>pisdeallen</i> (1483), modernamente <i>Pistole</i> (já documentado 1579). (CUNHA, 2010, p. 501) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Arma de fogo portátil. 2. Canudo de fogo de artifício que dispara glóbulos luminosos, etc. 3. Aparelho com que se pulveriza tinta ou verniz. (FERREIRA, 2010, p. 589)</p>	

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Arma de fogo pequena; as de alcance, são maiores, que as ordinárias, e que as de algibeira. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 206, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"[...] porei aqui um rol [...] dos preços das coisas, que por comum assento lá se vendiam no ano de 1703 [...] Por uma pistola ordinária, dez oitavas. Por uma pistola prateada, quarenta oitavas." (1703)²⁷²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pistola (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ataléia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	01

FICHA 234

Pito	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pito, de pitar: origem obscura. Do tupi <i>peti'ar</i>. (MACHADO, 1977, p. 377)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Pito (1): (<i>brasileirismo</i>) cachimbo. Pito (2): v. repreensão. (FERREIRA, 2010, p. 589)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: (<i>Goiás, Mato Grosso</i>) cachimbo. // Ação de cachimbar, e, em geral, de fumar: O pito do ópio é usual entre os Chins. o <i>pito</i> do pango é proibido pelas posturas municipais do Rio de Jan. // Etimologia: a mesma que a de <i>pitar</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 195)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Pitar: cachimbar, fumar charuto ou cigarro. Termo de origem tupi-guarani, é de uso geral não só no Brasil. (CASCUDO, 2000, p. 522)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pito (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campina Verde
Físico	Morro	Alfenas, Areado
Humano	Fazenda	Campina Verde, Poço Fundo

²⁷² Minas Gerais ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil* (1711). Salvador, Livraria Progresso Editora, 1950. p. 232, 234 Ficha: 9931. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 235

Poltrona	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < italiano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Grande cadeira de braços, ordinariamente estofada, 1813. Do italiano <i>poltróna</i>. (CUNHA, 2010, p. 510)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Grande cadeira de braços. 2. Cadeira de plateia, em teatros, cinemas, etc. (FERREIRA, 2010, p. 596)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Sella de arçõs baixos, e o de traz quasi raso. // Cadeira de braços em roda do encosto. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 214, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva bruno: "Poltrona com assento de carneiro" (Inventário de Pe. Manoel Rodrigues da Costa) (1791)²⁷³</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Poltrona (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Bocaiúva

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01

²⁷³ Arredores de Barbacena, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 42 Ficha: 19928/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 236

Pólvora	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < castelhano < catalão < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Mistura ou composto explosivo utilizado como carga de propulsão ou de arrebatamento em projetis, bombas, minas etc. <i>Poluora</i> XV. Do castelhano <i>pólvora</i>, derivado do catalão <i>pólvora</i> e, este, do latim <i>pūlvĕra</i>, plural de <i>pulvis</i>. (CUNHA, 2010, p. 510) Dicionário atual da língua portuguesa: Substância explosiva usada para carregar armas de fogo. (FERREIRA, 2010, p. 597) Dicionários antigos da língua portuguesa: Mistura proporcionada de salitre, enxofre, e certos carvões, a qual se chegando-lhe o fogo, levando a bala, ou munição, que tem diante; faz voar minas, etc. // A de bombarda, he mais grosseira, que a de espingarda. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 214, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “A caça dos diferentes animais próprios para comer, daria aos vaqueiros com que variar agradavelmente a sua alimentação, se nessas regiões longínquas a pólvora e o chumbo não fossem tão escassos e tão caros; essa a razão por que os caçadores não são comuns em várias zonas, e os habitantes dessas comem invariavelmente farinha, feijão preto e carne de boi.” (1817)²⁷⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pólvora (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Nova Era

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 237

Pontalete	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

²⁷⁴ Bahia / Minas Gerais MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil* (1815-1817). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. p. 407 Ficha: 4209/ 2839/1854/663. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Barrote ou peça de metal com que se escoram edifícios, pavimentos etc. XVII. De ponta, do latim *puncta -ae* ‘estocada’. (CUNHA, 2010, p. 511)

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Barrote us. para escorar um prédio, uma laje etc. 2. Forquilha em que, nas procissões, repousa o braço dos andores. [F.: *pontal* + *-ete*.] (AULETE DIGITAL)²⁷⁵

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Páo a plumo, que sostem algum edificio, ou estrutura. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 216, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pontalete (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jequitinhonha
Físico	Cachoeira	Itaipé
Humano	Povoado	Itaipé

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Vale do Mucuri	02

FICHA 238

Porta	Nº total de ocorrências no Estado: 131
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] HISTÓRICO: Porteirinha: Município da zona de Itacambira, criado pelo decreto-lei Nº 148, de 17 de dezembro de 1938, com território desmembrado do de Grão Mogol. Primeiramente, no município de Grão Mogol, foi criado o distrito de Serra Branca, quando a lei Nº 2107, de 7 de janeiro de 1875, dividiu o distrito de São José do Gorutuba em três, inclusive o de Serra Branca. Mais tarde, a lei Nº 3272, de 30 de outubro de 1884, transferiu a sede do distrito de Serra Branca para o povoado de Jatobá, dando-lhe a denominação de Nossa Senhora da Conceição do Jatobá. Em 1891, pela lei Nº 805, de 22 de setembro, mais uma vez foi transferida a sede do distrito de Jatobá para o povoado de Porteirinha. E, em 1938, foi Porteirinha elevada à categoria de cidade, com a criação do município. O município de Porteirinha é constituído de 5 distritos: Porteirinha, Gorutuba, Serranópolis, Pai Pedro e Tocandira, os dois últimos criados em 1976. (BARBOSA, 1995, p. 266) INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Porta: abertura em parede, ao nível do solo ou de um pavimento, para dar entrada ou saída, XIII. Do latim <i>pōrta -ae</i>. Porteira, XIII. Portão, 1813. (CUNHA, 2010, p. 512) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

²⁷⁵ <https://aulete.com.br/pontalete>

Porta: 1. Abertura em parede, ao nível do piso, para dar entrada ou saída. 2. Peça que gira sobre dobradiças e fecha essa abertura. 3. Peça com que se fecham certos móveis, veículos, etc., à guisa de porta (2). 4. (*Informática*) conector que serve para ligar periféricos a um computador.

Portão: 1. Porta grande. 2. Porta que dá acesso, da rua, ao terreno, a um jardim, à garagem, etc.

Porteira: 1. Feminino de porteiro. 2. Grande cancela ou portão de entrada em propriedades rurais. (FERREIRA, 2010, p. 600)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Porta: peça de madeira, ou ferro, plana, que se revolve sobre gonzos, para cerrar, ou abrir a entrada da casa, edifício. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 320, Tomo 2)

Porteira: feminino de porteiro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 321, Tomo 2)

Dicionário o folclore brasileiro:

Porta: são numerosas as superstições relativas à porta. Devemos entrar e sair pela mesma porta. Por onde sair o noivo pela igreja, forçosamente por ela voltará, trazendo a esposa. Quem sai por outra porta, leva a felicidade, ou parte da felicidade, dos donos da casa. Entre-se sempre com o pé direito e não se bate com o pé na porta. Quando as portas se abrem inexplicavelmente, a morte entra por elas. Na véspera do assassinato de Júlio César, Calpúrnia sonhou com o trucidamento do marido no senado romano, e nesse momento as portas do aposento se abriram misteriosamente. (CASCUDO, 2010, p. 527)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Portão: paredão a prumo na barranca do rio: termo da zona do S. Francisco, empregado por Teodoro Sampaio, à pág. 27 do seu livro – *O Rio S. Francisco e a Chapada Diamantina*: “O canal principal fica aí (perto da cachoeira de Itaparica) do lado baiano e tem uma queda de cerca de 8 a 10 metros, entre paredões talhados a prumo que aqui se denominam *portões*”.

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Não devo, também, esquecer de dizer que se entra no pátio por uma das portas a que se chama 'porteira', também empregada para fechamento dos pastos. Constan tais porteiros de dois esteios e algumas tábuas transversais, afastadas umas das outras. Tem-se o cuidado de dar um pouco de inclinação ao mourão sobre o qual giram; caem pelo próprio peso e fecham-se por si." (1822)²⁷⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Porta (11)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Pompéu, Funilândia, Unaí, Paracatu, Januária, Pedras de Maria da Cruz
Físico	Riacho	Três Marias, Buritizeiro, Engenho Navarro, Bocaiúva
Físico	Vereda	Januária

Topônimo: Porta do Barracão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	João Pinheiro

Topônimo: Porta do Maria (01)		
-------------------------------	--	--

²⁷⁶ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1974. p. 46Ficha: 14437. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Luminárias

Topônimo: Portinha (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Baependi

Topônimo: Portão (07)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cambuí
Físico	Ribeirão	Aiuruoca
Físico	Serra	Itamarandiba
Humano	Fazenda	Santana do Garambeu, Rio Vermelho, São Geraldo, Brasópolis

Topônimo: Portão de Chave (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Elói Mendes

Topônimo: Portões (03)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Aimorés
Humano	Fazenda	Itabirito
Humano	Povoado	Itabirito

Topônimo: Porteira (22)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São João Del Rey, Carbonita, Salinas, Bocaiúva, Lima Duarte, Vargem Bonita, Formiga, Ituiutaba, São Gotardo, Aiuruoca, Pirajuba, Conceição das Alagoas
Físico	Riacho	São Francisco, Lagoa dos Patos, São João da Lagoa, Pintópolis
Físico	Ribeirão	São João Del Rey, Pompéu
Humano	Fazenda	Visconde do Rio Branco, Tupaciguara
Humano	Localidade	Antônio Dias
Físico	Vereda	São Francisco

Topônimo: Porteira de Vara (05)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bom Sucesso, Diamantina
Humano	Fazenda	Bom Sucesso, Diamantina, São João Del Rey

Topônimo: Porteira d'Água (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Oliveira

Topônimo: Porteira da Tábua (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pará de Minas
Humano	Fazenda	São João Del Rey, Abaeté, Rio Preto, Formiga
Humano	Povoado	Pará de Minas

Topônimo: Porteira de Batel (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina

Topônimo: Porteira de Candeias (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cristais

Topônimo: Porteira de Chave (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São João Del Rey, Pitangui, Lima Duarte, Olaria, Esmeraldas
Humano	Fazenda	São João Del Rey, Curvelo, Pitangui, Lima Duarte, Esmeraldas

Topônimo: Porteira de Pedras (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Claraval
Humano	Povoado	Claraval

Topônimo: Porteira do Alto (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Luminárias

Topônimo: Porteira do Buriti (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Papagaios
Humano	Fazenda	Papagaios

Topônimo: Porteira do Campo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serro

Topônimo: Porteira do Vale (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Maravilhas

Topônimo: Porteira Grande (01)		
---------------------------------------	--	--

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Antônio Dias

Topônimo: Porteira Nova (06)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Piedade do Rio Grande, Cachoeira do Pajéu. Bom Sucesso
Humano	Fazenda	Cachoeira do Pajéu, Salinas, Santa Cruz de Salinas

Topônimo: Porteira Pesada (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Carrancas

Topônimo: Porteira de S. Cruz (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Unai

Topônimo: Porteira Virgem (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dores do Campo, Lagoa Dourada

Topônimo: Porteirão (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tupaciguara

Topônimo: Porteiras (24)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Carbonita, Jequitinhonha, Baldim, Serro, Salinas, Buritizeiro, Lassance, Várzea da Palma, Brasília de Minas, Juramento, Grão Mongol, Itacambira, Francisco Dumont
Físico	Serra	Juramento, Itacambira
Humano	Fazenda	Matozinhos, São Francisco, Salinas
Humano	Localidade	Carbonita, Itamarandiba, Baldim, Juramento, Itacambira

Topônimo: Porteirinha (14)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Curvelo, Cordisburgo, Montezuma, Santo Antônio do Retiro, Sacramento
Físico	Riacho	São João da Lagoa
Físico	Morro	Sacramento
Humano	Cidade	Porteirinha
Humano	Fazenda	Cordisburgo, Itacarambi, Manga, Carvalhos, São Vicente de Minas
Físico	Vereda	Januária

Topônimo: Porteirinha de Arnaldo Correia (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Cordisburgo

Topônimo: Porteirinhas (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ibertioga
Humano	Localidade	Ibertioga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	76
Acidente humano	55
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	15
Central Mineira	06
Jequitinhonha	12
Metropolitana de Belo Horizonte	21
Noroeste de Minas	04
Norte de Minas	37
Oeste de Minas	08
Sul / Sudoeste de Minas	10
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	08
Vale do Rio Doce	03
Zona da Mata	07

FICHA 239

Pote	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < francês < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Grande vaso de barro para líquido, cântaro, panela. XV. Do francês <i>pot</i>, derivado do latim vulgar <i>pōttus</i> (reduzido a <i>potus</i>), provavelmente de um radical pré-céltico <i>pott-</i>. (CUNHA, 2010, p. 514)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Recipiente de barro ou de outro material para líquidos, etc. (FERREIRA, 2010, p. 602)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vaso de barro, para ter água de beber, etc. // Medida de seis canadas, ou meio almude. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 224, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Vaso de barro para guardar água. O nome veio de Portugal. Na Península Ibérica, participando do cerimonial finalizador das colheitas, enchiam-no de frutos, doces, flores, e deveria ser rompido por alguém com os olhos vendados. Chama-se <i>piñata</i> na Espanha. A <i>piñata</i> se espalhou se espalhou por toda a América espanhola, ilhas e continentes. O <i>quebra-pote</i> é uma</p>	

das brincadeiras mais generalizadas nas festas religiosas de São Paulo. [...] Provérbio: “Tanto vai o pote à fonte que um dia se quebra!”. (CASCUDO, 2000, p. 527)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

(Referindo-se à casa de um rico capitão)

"Na sala principal, não se viam outros móveis além de bancos de pau [...] e um grande pote de onde cada um tirava água, com uma caneca de cobre, de cabo comprido. A caneca de cobre era um sinal característico da opulência." (1832)²⁷⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Pote (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Bocaina de Minas
Humano	Localidade	Braúnas

Topônimo: Pote de São Lourenço (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ituiutaba

Topônimo: Potes (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaiúva, Olhos D'água

Topônimo: Potezinho (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Turmalina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Norte de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	01

²⁷⁷ Januária, Minas Gerais D'ORBIGNY, Alcides. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1976. p. 117. Ficha: 25957. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Q

FICHA 240

Queijo	Nº total de ocorrências no Estado: 09
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Queijo: alimento que se obtém pela coagulação e fermentação do leite de vaca, de cabra etc. e cuja massa, de consistência variável, é comprimida e moldada, adquirindo forma característica. XIII, <i>queyio</i> XIV, <i>queigo</i> XIV etc. Do latim <i>cāseus -ī</i>. Requeijão: certo tipo de queijo, XVI. De queijo, do latim <i>cāseus -ī</i>. (CUNHA, 2010, p. 537).</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Queijo: alimento constituído de massa obtida pela coagulação e fermentação do leite. (FERREIRA, 2010, p. 630). Requeijão: queijo feito com o creme (1) coagulado pela ação do calor. (FERREIRA, 2010, p. 659). Queijo feito com a nata do leite coagulada pela ação do calor. (AULETE DIGITAL)²⁷⁸</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Queijo: massa de leite de vaccas, ovelhas, cabras, qualhado, e espremido no cincho. [...] (BLUTEAU; SILVAM 1789, p. 274, Tomo 2). Requeijão: flor do soro do leite, coalhada ao lume. (BLUTEAU; SILVAM 1789, p. 328, Tomo 2).</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p> <p>"São principalmente farinha de mandioca e de milho, esta muito mais largamente consumida na província de Minas que nas do Norte; e também carne seca, açúcar, carne de porco, <u>queijo</u>, milho, feijão, arroz [...]" (1840)²⁷⁹. [...] fomos jantar em uma fazenda do colégio, onde um irmão além de outras muitas cousas tinha muito leite, <u>requeijão</u> e natas que faziam esquecer Alentejo." (1854)²⁸⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Queijo (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Grupiara, Monte Carmelo

Topônimo: Queijos (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Santana de Pirapama

²⁷⁸ <https://aulete.com.br/requeijão>

²⁷⁹ Diamantina, Minas Gerais GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 208 Ficha: 3843/ 5423/2046/4298/2952/2429. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

²⁸⁰ Arredores de Abrantes, Bahia CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil* (1583-1593). 2ª edição, São Paulo, Biblioteca Pedagógica Brasileira/ Companhia Editora Brasileira, 1939. p. 275 Ficha: 3747/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Topônimo: Requeijão (06)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Capitão Enéias, Francisco Sá, Bocaiúva
Humano	Fazenda	Bocaiúva
Humano	Localidade	Capitão Enéias, Bocaiúva

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	06
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Norte de Minas	06
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 241

Quicés	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: indígena < tupi</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Spl]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Espécie de faca, XIX. Do tupi <i>ki'se</i>. (CUNHA, 2010, p. 539)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Faca pequena e velha, ger. sem gume ou sem cabo; CACUMBU; CAXIRENGUENGUE: "Uma noite, (...) eu vagueava sozinho, pelas ruas da vila, levando como única arma uma faquinha de cortar fumo, um quicé à toa..." (Raymundo Magalhães, <i>O lobisomem</i>) [F.: Do tupi <i>ki'se</i>. Var.: <i>quicê</i>, <i>quecé</i>, <i>quicê</i>.] (AULETE DIGITAL)²⁸¹</p> <p>O tupi na geographia nacional: Quicé: ou <i>kicé</i>, a faca, a lamina cortante, o instrumento que corta. (SAMPAIO, 1901, p. 148)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: Quicé (banto) faca pequena e velha, geralmente partida ou sem ponta. Variante: quicê. Caxirenguengue. Kik. / Kimb. <i>Kisele</i>, <i>kiselenge</i>. (CASTRO, 2005, p. 323)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: O mesmo que <i>Caxirenguengue</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 203) <i>Caxirenguengue</i>: faca velha sem cabo. No Rio de Janeiro também lhe chamam <i>Caxiri</i> e <i>Caxirengue</i>; na Bahia <i>Caxirengue</i> e <i>Cacumbú</i>; em Sergipe <i>Caxerenga</i>; em Alagoas <i>Caxirenga</i> e <i>Cacerenga</i>; em Pernambuco Paraíba do Norte e Rio Grande do Norte, <i>Quêcê</i> e <i>Quicê</i>; no Ceará <i>Quicê</i>; no Maranhão <i>Cicica</i>; no Pará <i>Quicé-acica</i> ou simplesmente <i>Quicê</i>. // No sentido figurado, dá-se o nome de <i>Caxirenguengue</i> ao homem ou animal raquítico, enfezado. Coisa digna de notar-se é que, ao passo que as diversas regiões do Brasil tenham à porfia adotado nomes especiais para designar uma faca velha sem cabo, constituindo desta sorte uma extensa sinonímia, não há em toda a língua portuguesa um só vocábulo que lhe seja equivalente. É fácil dar a razão deste fato, o <i>Caxirenguengue</i>, sendo particularmente destinado a raspar a</p>	

²⁸¹ <https://aulete.com.br/quicé>

mandioca, não tem em Portugal a utilidade que lhe dá tamanha importância no Brasil. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 85-86)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

[...] Monjolo tinha amiúde ímpetos de atirar-se ao pajem, e cravar-lhe o quicé no coração [...]" (1846-1872)²⁸²

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Quicés (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dom Joaquim

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 242

Quinda	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < banto ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: (África Ocid.) espécie de cesto ou cabaz cilíndrico sem tampa. [É feito da casca de certas árvores.] (AULETE DIGITAL)²⁸³ Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: Quindá (Banto) espécie de cesto. Kik. <i>nkingal</i> / Kimb. <i>Kinda</i>. (CASTRO, 2005, p. 235)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Quinda (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Buenópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

²⁸² Arredores de Santa Bárbara, São Paulo ALENCAR, José de. *Til* (1846-1872). vol. 2, São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d. p. 118 Ficha: 9687. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

²⁸³ <https://aulete.com.br/quinda>

FICHA 243

Quindim	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < kwa / banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Graça petulante’, ‘doce feito de gema de ovo, coco e açúcar’, XIX. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 540)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Graça, atrativo. 2. (<i>Brasileirismo. Culinária</i>) Docinho de gema de ovo, coco e açúcar. (FERREIRA, 2010, p. 632)</p> <p>Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: Quindim (kwa /banto) [...] 3. doce feito de gema de ovo, coco e açúcar, de aspecto delicado e gelatinoso; (tratamento carinhoso) benzinho, amorzinho. (CASTRO, 2005, p. 325-326)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: 1. Dança de Campos, estado do Rio de Janeiro, do baile Mana-chica. Possivelmente uma das figuras mais populares. 2. Quindins significa também requebros, graças típicas, peculiares e características de uma menina ou moça. 3. No plural, quindins, é um doce tradicional. Quindins-de-iaiá é doce muito popular nas velhas casas senhoriais, indispensável no serviço de sobremesa, não nas refeições solenes, mas nas festas íntimas, reunindo toda família. “Uma libra de açúcar (500 gramas), uma quarta de manteiga (120 gramas), 16 gemas (sendo três com claras), um coco ralado, cravo, canela, água de flor de laranjeira. Bate-se tudo, bota-se meia libra de farinha de trigo, torna-se a bater. Depois de pronto, bota-se em forminhas untadas de manteiga e leva-se ao forno.” (Gilberto Freyre, Açúcar, Rio de Janeiro, 1939). (CASCUDO, 2000, p. 562-563)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Quindim (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Ouro Branco

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 244

Quitungo	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: africano < banto ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: Quitungo (banto) 1. Espécie de cesta com tampa. Kimb. <i>kitungu</i>. 2. A morte, com contos populares. Kik. / Kimb. <i>kinunu, kinungu</i>, alma, espectro, parte do ser humano que erra pela floresta após a morte. 3. Casebre, choupana no meio do mato. Kik. <i>kitumbu</i> / Kimb. <i>kitungu</i>. (CASTRO, 2005, p. 328) Dicionário de vocábulos brasileiros: O mesmo que <i>gongá</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 205) Gongá: espécie de cestinha com tampa. // Etimologia: vem da língua bunda <i>Ngonga</i>. // Também lhe chamam <i>Quitungo</i>. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 123-124)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Quitungo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Alvorada de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

R

FICHA 245

Rabicho	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Rabicho, XV. De rabo, do latim <i>rāpum -ī</i> ‘nabo’. (CUNHA, 2010, p. 543) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Pequena trança de cabelo que pende na nuca. 2. Correia dos arreios da cavalgada; retranca. 3. (<i>Brasileirismo. Popular</i>) Paixão, amor. (FERREIRA, 2010, p. 634) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

Peça da sela, que vai presa por baixo da sua parte posterior; nelle se enfia o cabo do cavallo. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 279, Tomo 2)

Dicionário do folclore brasileiro:

[...] São acessórios da sela: a) *rabicho*; b) *cilha*; c) *peitoral*; d) *rabichola*; e) *loros*; f) *estribos*; g) *manta*. O *rabicho* e o *peitoral* destinam-se a garantir a estabilidade da sela, evitando que deslize para diante ou para trás, respectivamente. [...] O *rabicho* é ligado à parte posterior da sela, passando por baixo da cauda do animal. [...] (CASCUDO, 2000, p. 626)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Rabicho (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	São João Del Rey, Diamantina
Humano	Fazenda	Diamantina
Humano	Localidade	Diamantina, Bocaiúva

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Jequitinhonha	03
Norte de Minas	01

FICHA 246

Radiador	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Radiador, XX. Do francês <i>radiateur</i>. (CUNHA, 2010, p. 544) Dicionário atual da língua portuguesa: Aparelho para aquecer ambientes, ou para refrigerar certas máquinas. (FERREIRA, 2010, p. 635)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Radiador (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Paraopeba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01

Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 247

Ramalhete	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Ramalhete, XVII. De ramo, do latim <i>rāmus</i> -ī. (CUNHA, 2010, p. 545) Dicionário atual da língua portuguesa: Pequeno molho de flores; ramo, buquê. (FERREIRA, 2010, p. 638) Dicionários antigos da língua portuguesa: Ramo de flores naturais, ou artificiais, dispostas concertadamente. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 283, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "[...] arranjava em <u>ramalhete</u> as violetas espalhadas sobre o lenço de fina cambraia." (1850-1871)²⁸⁴</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Ramalhete (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Nacip Raydan, Virgolândia

Topônimo: Ramalhete Pequeno (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Virgolândia, Governador Valadares
Humano	Localidade	Coroaci
Humano	Povoado	Virgolândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	06

²⁸⁴ Vale do Rio Paraíba, Rio de Janeiro ALENCAR, José de. *O Tronco do Ipê* (1850-1871). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. p. 76 Ficha: 17833. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 248

Rapadura	Nº total de ocorrências no Estado: 15
<p>ORIGEM: português < gótico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Rapadela’, ‘açúcar mascavo, em forma de pequenos tijolos’, 1844. Do verbo rapar, do gótico *hrapôn ‘arrancar, arrebatar, puxar pelos cabelos’. (CUNHA, 2010, p. 546)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Ato de raspar. 2. (<i>Brasileirismo</i>) Açúcar mascavo, em forma de pequenos tijolos. (FERREIRA, 2010, p. 639)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: O que se tira rapando; raspas. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 284, Tomo 2)</p> <p>Dicionário de vocábulos brasileiros: Açúcar mascavo coagulado, a que se dá ordinariamente a fôrma de pequenos tijolos quadrados, e são mui uteis aos viajantes e habitantes do interior, para adoçar o café e outras bebidas. Também as há de açúcar branco entremeado de coco ralado, mendubi torrado e outras coisas, e neste caso servem de sobremesa. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 206)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Rapadura ou raspadura, tijolo de açúcar mascavo, gulodice tradicional no norte do Brasil. Havia rapadura de açúcar branco, rapadura de laranja, confeitada com cravo, amendoim, castanha etc. As famosas rapaduras do Cariri foram objeto de comércio intenso no Nordeste. Pelos séculos XVIII e XIX era a forma usual do açúcar, especialmente em viagem, e assim registrou Henry Koster em 1810. Em sua obra <i>Tipos e Aspectos do Brasil</i>, Francisco B. Leite fala sobre a cultura da cana-de-açúcar no vale do Cariri, desde os tempos coloniais, quando ali se instalou a primeira moenda de madeira, surgindo então uma das fontes de riqueza da região, com o desenvolvimento da indústria da rapadura. “Funcionando como base econômica, influenciando os costumes, incorporando-se ao folclore, determinou novos caminhos ao progresso. Constituiu alimento substancioso que o sertanejo se habitua a ingerir desde que nasce. Além do tipo comum, de largo consumo, outros subprodutos do mel de cana são apresentados nas feiras ou no comércio varejista, com a denominação de alfinim, batida ou tijolo, cada um recebendo ingredientes diferentes e servidos como sobremesa; tanto na cozinha pobre quanto nas mesas ricas, a rapadura participa da culinária nativa com evidente importância.” (CASCUDO, 2000, p. 570-571)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “A rapadura é o resíduo do melado recozido e conservado em pequenos tijolos de duas polegadas quadradas.” (1816-1831)²⁸⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Rapadura (14)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, Novo Cruzeiro, Comercinho, Tapiraí, GurinhatãC
Físico	Lagoa	Novo Cruzeiro, Bom Jesus do Galho
Físico	Morro	Ilicínea

²⁸⁵ Goiás / Mato Grosso / Minas Gerais DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 178 Ficha: 2588/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Físico	Serra	Carmo do Rio Claro, Guapé
Humano	Fazenda	Novo Cruzeiro, Santana do Manhuaçu, Tapiraí, Gurinhatã

Topônimo: Rapadurinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campina Verde

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	11
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	05
Oeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	03
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03
Vale do Rio Doce	01
Zona da Mata	01

FICHA 249

Reboco	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘(Construção) argamassa de cal, ou de cimento, e areia, que se aplica a uma parede para lhe proporcionar uma superfície lisa e uniforme’, XVIII. Deverbal de rebocar (2): revestir de reboco, 1813. Do latim <i>revocāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 549)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Argamassa de cal ou cimento e areia, que se aplica a uma parede emboçada, a fim de prepará-la para o revestimento. (FERREIRA, 2010, p. 643)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Parece que estamos completamente fora da região de pedra calcárea, já que ali não se via vestígio algum de caiação ou reboco, mas que de novo penetramos em região de terras auríferas, que me levou a imaginar que essas duas substâncias raramente ou nunca se encontram juntas.” (1817)²⁸⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Reboco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Buenópolis

²⁸⁶ Arredores de Lagoa Dourada, Minas Gerais LUCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* (1808-1818). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 322
Ficha: 13617/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 250

Relógio	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim < grego</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo. <i>Relogeo</i>, XV. Do latim <i>hōrologĭum -ī</i>, derivado do grego <i>hōrológion</i>. (CUNHA, 2010, p. 555)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Qualquer dos vários tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo. 2. Relógio (1) mecânico, etc., com mostrador e ponteiros. 3. (<i>Brasileirismo</i>) Aparelho que registra o consumo de eletricidade, água, ou gás; registro. (FERREIRA, 2010, p. 654)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Maquina composta de varias rodas, pesos, e mollas que fazem mover regularmente hum ponteiro por certo espaço dentro de certo tempo, e serve de nos mostrar, e medir o tempo, as horas passarão, os quartos, os minutos, etc. // Outros relógios há em que as horas se nos mostram por meio da sombra que hum ponteiro dá sobre o risco onde está marcada, que hora seja; estes <i>relogios são de sol</i>. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, o. 316, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Instrumento que marca as horas. O povo diz que quando um relógio pára <i>sem razão</i> é porque algum parente faleceu. Não se deve ter relógio parado dentro de casa, pois a vida de seu dono poderá ser curta. Se um relógio pára “na hora em que alguém da família morreu”, convém não mais usá-lo. (CASCUDO, 2000, p. 582)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Relógio de parede com sua caixa respectiva." (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)²⁸⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Relógio (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Cláudio, Conceição da Aparecida

Quadro quantificação

²⁸⁷ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 392 Ficha: 22752. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 251

Remédio	Nº total de ocorrências no Estado: 06
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Remédio, XIV. Do latim <i>remediūm</i> -<i>ī</i>. (CUNHA, 2010, p. 555)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Qualquer agente que cura, alivia, ou evita doença. 2. Recurso, solução. 3. Auxílio, ajuda. 4. Emenda, correção. (CUNHA, 2010, p. 655)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Mézinha, medicamento para reparar a saúde. // Meio, expediente, com que se atalha, e cura o mal, o dano, e se supre a falta, ou acode á necessidade, ou se indemniza; auxilio. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 318, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Para cada doença (mal) há um tipo de remédio “fabricado” pelas benzedeadas, pelos curandeiros, rezadores e outros que praticam a fitoterapia, excretoterapia, dieta, sangria, pingaterapia e outras “técnicas” específicas. Também costumam fazer gestos, usar a saliva e indicar o uso de bentinhos, amuletos, santinhos, patuás etc. A medicina rústica, como disse Alceu Maynard Araujo, está repleta de “experimentações”, na maior parte das vezes para <i>fazer bem</i> ou <i>curar o mal</i>, muito comuns em certas regiões brasileiras. Em muitas cidades encontram-se os “doutores em raízes”, que vendem todo tipo de folhas, sementes, frutos ou raízes, para cada tipo de doença. Nas principais ruas e praças de São Paulo podem ser encontrados os “raizeiros”. (CASCUDO, 2000, p. 582)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Enquanto ele dormia, saquei um livro do bolso [...] e pus-me a lê-lo, no mesmo quarto [...] tinha de acordá-lo à meia-noite para lhe dar o <u>remédio</u> [...]. Passei à sala contígua, e durante duas horas não usei voltar ao quarto." (1859-1860)²⁸⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Remédio (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina
Físico	Lagoa	Sete Lagoas
Humano	Sítio	Diamantina

²⁸⁸ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro MACHADO DE ASSIS, J. Maria. *Várias Histórias* (1840-1890). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 133-4 Ficha: 10935. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Topônimo: Remédios (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra do Salitre, São José do Divino
Humano	Fazenda	Gonçalves

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 252

Revólver	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < inglês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Arma de fogo, de porte individual, de um só cano, com calibres variados, dotada de tambor ou cilindro giratório, com várias culatras, onde são colocados os cartuchos, 1881. Do inglês <i>revolver</i>. (CUNHA, 2010, p. 564)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Arma de fogo, portátil, de um cano só, com cilindro giratório que leva os cartuchos até a culatra. (FERREIRA, 2010, p. 669)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "[...] D. Ermelinda com disfarce apalpou-lhe o peito, e ficou mais tranquila percebendo o <u>revólver</u> no bolso do casaco." (1846-1872)²⁸⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Revolver (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Monte Azul, Jaíba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	

²⁸⁹ Arredores de Santa Bárbara, São Paulo ALENCAR, José de. *Til* (1846-1872). vol. 1, São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d. p. 48 Ficha: 10009. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	02

FICHA 253

Ripa	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < gótico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Ripa (1) pedaço de madeira, comprido e estreito, sarrafo. XVII. Provavelmente do gótico *<i>ribjô</i>. Ripa (2) ato de reparar, XVI. (CUNHA, 2010, p. 565)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Peça comprida de madeira, mais larga que o sarrafo; verga. (FERREIRA, 2010, p. 670) 1. Pedaço de madeira comprido e estreito; SARRAFO 2. Cons. Tira de madeira comprida, delgada, que se coloca sobre os caibros do telhado para formar uma estrutura na forma de um gradeamento (ripado) sobre a qual se assentam as telhas. 3. Bras. Pop. Cachaça. (AULETE DIGITAL)²⁹⁰</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Fasquia de taboa, que se atravessa sobre os barrotes, e faz huma grade com elles, sobre o que se assentão as telhas nos telhados. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 349, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "As paredes, como o teto, são cobertas de folhas de palmeira; cada peça é constituída pelos folíolos dobrados e presos em fila a uma <u>ripa</u> de muitos pés de comprimento." (1857)²⁹¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Ripa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Uberlândia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

²⁹⁰ <https://aulete.com.br/ripa>

²⁹¹ Arredores de São Paulo de Olivença, Amazonas BATES, Henry Walter. *O Naturalista no Rio Amazonas* (1850-1859). vol. II, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1944. p. 384 Ficha: 12756/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 254

Roda	Nº total de ocorrências no Estado: 11
ORIGEM: português < latim	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
Dicionário etimológico da língua portuguesa:	
‘Peça ou máquina simples, de formato circular, que se movimenta ao redor de um eixo ou de seu centro, e que serve para inúmeros fins mecânicos’, ‘qualquer objeto circular’. XIV. Do latim <i>rot -ae</i> . (CUNHA, 2010, p. 567).	
Dicionário atual da língua portuguesa:	
1. Peça ou máquina simples, circular, que se movimenta ao redor de um eixo ou de seu centro, e serve para muitos fins mecânicos. 2. Qualquer objeto circular; disco. 3. A roda (1) de qualquer veículo, a qual, acionada, permite o rolamento dele. 4. A extensão da barra duma peça de vestuário; rodado. 5. Caixa giratória, na porta de asilos, etc., onde se deposita algo que se quer remeter para o interior. 6. Agrupamento de pessoas. 7. O círculo de amigos de alguém. 8. Brinquedo de crianças, que, de mãos dadas, cantam e movimentam-se em círculo. (FERREIRA, 2010, p. 672)	
Dicionários antigos da língua portuguesa:	
Peça plana circular, que se move girando sobre eixo, <i>roda de carro</i> , [...] <i>roda dentada</i> , a que tem dentes na circunferência; <i>roda de coroa</i> , ou de <i>chão</i> , a que tem os dentes paralelos ao seu eixo, ou veio, como a roda que enpena na pequena da nora. // Circulo de pessoas, mó de gente. // [...] Em roda, circularmente, pela circunferência. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 352, Tomo 2)	
Dicionário do folclore brasileiro:	
Roda: Danças de roda... (CASCUDO, 2000, p. 592)	
Arquivo Ernani Silva Bruno:	
"Aqui, pela primeira vez desde que deixei a costa em Aracatí, vi empregar a água para mover uma <u>roda</u> , em substituição ao trabalho manual, na moagem da mandioca etc. Esta <u>roda</u> d'água era de uns quinze pés de diâmetro e bem suprida pelo princípio de impulsão, por água, dum pequeno rio que passava a alguma distância, canalizada em bem construído aqueduto de madeira. Esta força servia igualmente para moer mandioca, cana-de-açúcar, milho e sementes de óleo de mamona." (1840) ²⁹²	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Roda (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jequitinhonha, Cristália, Abre Campo, Santos Dumont, Candeias
Humano	Fazenda	Santos Dumont
Humano	Localidade	Abre Campo

Topônimo: Roda de Manoel Reis (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santos Dumont

²⁹² Arredores de Itacambira, Minas Gerais GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 198 Ficha: 7923/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Topônimo: Roda de Oswaldo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Santos Dumont

Topônimo: Rodão (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Iguatama
Humano	Povoado	Itaverava

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	06
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Norte de Minas	01
Oeste de Minas	02
Zona da Mata	06

S

FICHA 255

Sal	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: <i>(Química)</i> ‘Substância que se forma na interação entre um ácido e uma base’, ‘cloreto de sódio, cristalino, branco, usado na alimentação’, <i>(figurado)</i> ‘malícia’, XIII. Do latim sāl sālis. (CUNHA, 2010, p. 576)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Química)</i> 1. Composto formado pela reação de um ácido com uma base. 2. <i>(Química)</i> Cloreto de sódio, cristalino, branco, usado na alimentação. 3. <i>(Figurado)</i> Graça, vivacidade. 4. <i>(Figurado)</i> Malícia espirituosa. (FERREIRA, 2010, p. 681)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Sustancia dura, seca friável, que se dile, ou desata na agua, e composta de partes delgadas que penetrão facilmente o paladar; como o sal do mar, o assucar, e outros muitos, que se distinguem na Quimica [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 368, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p>	

É citado por Jesus Cristo em linguagem simbólica, como a conservação, a durabilidade (Marcos, IX, 49, Lucas, XIV, 34, Mateus, V, 13). Seu uso nos recém-nascidos, fricção ou absorção, é muito anterior ao batismo católico, que manteve um elemento de credence oriental, uma força apotropaica. Salgar o chão é condená-lo à improdutividade. No catimbó o sol é poderoso, indispensável para “o trabalho às esquerdas”, para o mal. Derramar o sal na mesa é agouro, que Leonardo da Vinci não esqueceu na Ceia, pondo o saleiro entornado diante de Judas. Atirar um punhado de sal pela janela, quando se derrama azeite no chão, afasta o azar. A ciência popular manda comer sal junto para que se conheça uma pessoa. Comer o sal na casa de alguém é estabelecer um vínculo de sagrado fidelismo. Salário era a quantia em dinheiro para o legionário romano adquirir o sal indispensável. No Oriente o sal da hospitalidade é um dogma, um pacto. (CASCUDO, 2000, p. 612).

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Talher de azeite, vinagre, sal e pimenta." (Inventário de Cláudio Manoel da Costa) (1789)²⁹³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sal (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Governador Valadares, Jacuí, Frutal
Físico	Riacho	Bonfinópolis de Minas, João Pinheiro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 256

Samburá	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cesto. 1587, <i>samurá</i>, 1587 etc. Do tupi <i>samu'ra</i>. (CUNHA, 2010, p. 579) Dicionário atual da língua portuguesa: Cesto bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores; cofo. (FERREIRA, 2010, p. 683) Dicionário de vocábulos brasileiros:</p>	

²⁹³ Ouro Preto, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 267-8 Ficha: 26705. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Espécie de cesto de cipó, pequeno, de fundo largo e boca afunilada. Nele levam a isca os pescadores de miúdo e recolhem o que pescam. O pobre guarda nele a carne seca e o peixe de sua provisão (Moraes). // Etimologia: É termo tupi (G. Soares); mas este autor escreve ora *Samurá* e ora *Samburá*. // Este cesto é o mesmo ou quase o mesmo que *Cofô*, pelos menos quanto a serventia. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 213)

Dicionário do folclore brasileiro:

Pequeno cesto de cipó, de fundo largo e boca afunilada, para usos diversos, preso a cordéis para pendurar ou trazer a tiracolo, como fazem os pescadores para recolher o que pescam. *Barriga de Samburá*: sambudo. *Pescar para o seu samburá*: arranjar-se, cuidar de si, dos seus interesses. *Um cesto e um samburá*: abundância, quantidade, grande número. Gabriel Soares de Souza (*Tratado Descritivo do Brasil*) já o citava. (CASCUDO, 2000, p. 615-616)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Não fazem os tupinambás entre si outras obras primas que balaio de folhas de palma, e outras vasilhas da mesma folha a seu modo, e do seu uso [...] fazem cestos de varas, a que chamam samburá, e outras vasilhas em lavoires, como as de rota da Índia [...]" (1587)²⁹⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Samburá (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Rio	Bambuú, Medeiros
Físico	Ribeirão	Medeiros
Humano	Fazenda	Esmeraldas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Oeste de Minas	03

FICHA 257

Sanfona	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: <i>(Música)</i> antiga viela ‘acordeão’, XVI. Derivado regressivo de sanfoninha. Do latim <i>symphōnīa</i>. (CUNHA, 2010, p. 580) Dicionário atual da língua portuguesa: Acordeão. (FERREIRA, 2010, p. 683) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

²⁹⁴ Recôncavo, Bahia SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil* (1587). São Paulo, EDUSP/ Companhia Editorial Nacional, 1971. p. 311-2 Ficha: 18523. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo.Ernani.Silva.Bruno(mcb.org.br))

Instrumento musical de cordas, vulgar, que se toca fazendo mover humas como teclas, trazem-no os cegos, e cantão a elle, e também he usado de pastores. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 373, Tomo 2)

Dicionário do folclore brasileiro:

Acordeona, gaita de foles (no Brasil antigo), realejo, fole (nome idêntico no norte de Portugal), harmônica. Diz-se gaita no Rio Grande do Sul, que corresponde, no Nordeste e no Norte, ao pífano e às flautas rudimentares e rústicas. Verdadeira orquestra nos bailes populares. Acompanha cantos. Foi introduzida no norte do Brasil mais ou menos na época da guerra do Paraguai (1864-1870). A gaita parece ter surgido anteriormente nas regiões meridionais. (CASCUDO, 2000, p. 616)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sanfona (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 258

Sapato	Nº total de ocorrências no Estado: 08
<p>ORIGEM: português < origem duvidosa ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé. XVI, <i>ça</i>- XIII. De origem duvidosa, talvez do turco <i>çabata</i>. (CUNHA, 2010, p. 581) Dicionário atual da língua portuguesa: Calçado que sobre só o pé. (FERREIRA, 2010, p. 684) Dicionários antigos da língua portuguesa: Calçado ordinario, que consta de rosto, palla, salto, talão, orelhas, aperta-se com fivelas. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 376, Tomo2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] Par de fivelas de <u>sapato</u>, de prata, e outras de ligas todas com charneiras de osso. [...]” (1791)²⁹⁵</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sapato (07)

²⁹⁵ Ouro Preto, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. VI, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1937. p. 17-8, 33-4 Ficha: 27264. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Dom Bosco, Córrego Danta, São Roque de Minas
Físico	Brejo	Bambuí
Físico	Morro	São Roque de Minas
Humano	Fazenda	Córrego Danta, São Roque de Minas

Topônimo: Sapato, de Ideves Cunha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Córrego Danta

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01
Oeste de Minas	07

FICHA 259

Sela	Nº total de ocorrências no Estado: 10
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Arreio de cavalgadura, o qual constitui assento sobre que monta o cavaleiro. XIII, <i>sella</i>, XIV. Do latim <i>sēlla</i>. (CUNHA, 2010, p. 587)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Assento sobre o qual monta o cavaleiro. (FERREIRA, 2010, p. 690)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Sella: assento de páo, madeira, sola, e coiros, com arçõs, que se põe às costas do cavallo e sobre que o vavalleiro se senta escanchado. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 387)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Uma das peças integrantes do conjunto de arreios para equitação, sobre a qual assenta o cavaleiro. É feita sobre o <i>arçõ</i>, peça de madeira conformada ao dorso do animal. O <i>arçõ</i> é representado por um arco em ângulo agudo, que se destina à parte anterior da sela. Partes do <i>arçõ</i> as <i>alpendras</i>, colocadas paralelamente e presas na extremidade oposta por uma sola larga e resistente. Para ter a segurança necessária, o <i>arçõ</i> é enervado em couro cru. Para a capa da sela usa-se de preferência couro de veado, bezerro ou porco. Normalmente a sela tem quatro <i>abas</i>, duas de cada lado, sendo as de cima de acabamento especial, com vistosos bordados. O revestimento interno da sela é de pano, acolchoado com folhas secas, de angico ou vassourinha ou pendão de cana. A essa almofada se dá o nome de <i>suador</i>, porque fica em contato com o lombo do animal. O <i>Dicionário de Moraes</i> registra três tipos de sela: <i>bastarda</i>, <i>estardiota</i> (ou de <i>brida</i>) e <i>gineta</i>. A <i>bastarda</i> era um tipo intermediário entre a <i>gineta</i> e a <i>estardiota</i>, sem <i>borrainas</i> mas com dois <i>arçõs</i>. Inventários do século XVIII revelam a existência apenas da <i>bastarda</i> e da <i>gineta</i> no Nordeste brasileiro. (Hélio Galvão, “Velhas Heranças”, em Bando, ano III, vol. II, ago.-set. 1951.) [...] (CASCUDO, 2000, p. 625-626)</p>	

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“A longa viagem a cavalo na sela brasileira a que não estava habituado me tinha fatigado muito [...] Mais tarde acostumei-me mais com a sela usada no país (lombilho) [...] seu uso implica primeiro num cobertor de lã sobre o lombo do cavalo, seguido de uma capa de couro e depois de um teliz fino de algodão com bonitos desenhos, dobrado oito vezes. [...]” (1868-1871)²⁹⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sela (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ponte Nova, Divinópolis
Físico	Morro	Unai, Uruana de Minas, Illicínea

Topônimo: Sela Funda (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Rio Casca
Humano	Fazenda	Rio Casca

Topônimo: Sela Grande (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Campina Verde
Humano	Fazenda	Campina Verde

Topônimo: Selão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Ribeirão	Periquito

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	08
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02
Vale do Rio Doce	01
Zona da Mata	03

²⁹⁶ Arredores de Juiz de Fora, Minas Gerais CANSTATT, Oscar. *Brasil, a Terra e a Gente* (1868). Rio de Janeiro, Irmãos Pengetti Editores, 1954. p. 309-10. Ficha: 16833. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 260

Serragem	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Serragem, 1881. Do verbo serrar, ‘cortar com serra. Do latim <i>serrāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 592) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Serração. 2. (<i>Brasileirismo</i>) Pó fino, da madeira serrada. (FERREIRA, 2010, p. 696) Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] De fermentação são incapazes pela absoluta falta de gema em conjunto com o amido, e, ao cabo de alguns dias depois de preparadas, não são nada melhor do que a <u>serragem</u>.” (1819)²⁹⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Serragem (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Felixlândia, Morro da Garça, Araguari, Indianópolis
Humano	Fazenda	Morro da Garça, Capelinha
Humano	Povoado	Indianópolis

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	03
Jequitinhonha	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 261

Seta	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Haste de madeira, guarnecida de uma ponta de ferro, e que se arremessa por meio de arco ou besta. XV, <i>seeta</i>, XIII, <i>saeta</i>, XIII. Do latim <i>sagitta -ae</i>. (CUNHA, 2010, p. 592) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

²⁹⁷ Jacobina, Bahia SPIX, Johann Baptiste von e MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil* (1818-1819). vol. II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 376 Ficha: 4966/ 4448/2877. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

1. Flecha (1). 2. Sinal em forma de seta (1) indicativo de direção. (FERREIRA, 2010, p. 697)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Frecha de atirar com arco. // - de relógio, o ponteiro, ou mão. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 398, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Surubim [...]. Apanha-se mais comumente em redes; mas também o apanham às vezes, especialmente os índios, alvejando-o com uma seta a que se prende uma longa corda. [...]” (1840)²⁹⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Seta (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Antônio Carlos
Humano	Fazenda	Antônio Carlos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	02

FICHA 262

Sica	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Punhal dos antigos romanos, 1899. Do latim <i>sīca</i>. (CUNHA, 2010, p. 594) Dicionário atual da língua portuguesa: Punhal dos antigos romanos. (AULETE DIGITAL)²⁹⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sica (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Sítio	Congonhas do Norte

Quadro quantificação

²⁹⁸ São Romão, Minas Gerais GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 189 Ficha: 9115/ 9116. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

²⁹⁹ <https://aulete.com.br/sica>

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 263

Sino	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Instrumento, em geral de bronze, obcônico que tem uma sonoridade rica, mais ou menos aguda, e pode ser percutido na superfície interna por um badalo, ou na externa por um martelo, XV. Forma divergente semierudita de <i>signo</i>. Do latim <i>signum -i</i>. (CUNHA, 2010, p. 595)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento geralmente de bronze, em forma de cone invertido, que é percutido na superfície interna por um badalo ou na externa por um martelo. (FERREIRA, 2010, p. 702)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de bronze, ou aço, concavo, que vem alargando para as bordas, nellas fere interiormente o badalo, para dar som, usa-se nas Igrejas para convocar os fieis, e fazer outros sinaes. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 403, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore do brasileiro: Do latim <i>signu</i>, sinal. Na Índia e na China desde tempo imemorial, fixou-se nos templos católicos no século VII. Torre sineira, século XIII. No Brasil, no século XVI. Era batizado como criatura humana, tendo nome e padrinhos. Às vezes havia uma porcentagem de ouro no bronze, produzindo sonoridade musical. “Igreja sem sino é santo sem língua.” Há muitas superstições sobre a corda do sino, badalo, as “beiradas”. Os carrilhões melódicos não se vulgarizaram na cultura popular. Chamava os fiéis aos deveres da oração pelos semelhantes, sofrendores, moribundos, mortos. Convocava os fiéis para os atos religiosos. Afastava os Demônios da tempestade. Avisava a existência de incêndios, inundações, assaltos guerreiros, visitas de autoridades supremas. Acompanhava toda a existência humana: casamento, batizado, agonia, extrema-unção, Senhor-de-fora, parto difícil, Finados. Ao anoitecer, <i>Angelus</i>, Trindades, três badaladas obrigando a recitar a ave-maria. O toque de recolher, às 9 ou 10 da noite, impunha silêncio. As Câmaras Municipais possuíam o “sino do Conselho”, convocando os Vereadores ou reunindo o povo. Repicar era alegria e dobrar, tristeza. (CASCUDO, 2000, p. 638)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “O <u>sino</u> da capela tocava as vésperas.” (1855-1865)³⁰⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sino (01)

³⁰⁰ Arredores de Soledade de Minas, Minas Gerais KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros* (1855-1865). vol. 2, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. p. 156-7. Ficha: 15070/6196. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bueno Brandão

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

FICHA 264

Sonda	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês < anglo-saxão</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Sonda, XV. Do francês <i>sonde</i>, derivado do anglo-saxão <i>sund-</i> ‘mar’, que se documenta em <i>sundgyrd</i> ‘vara para sondar’ e <i>sundrap</i> ‘corda empregada para sondar’. (CUNHA, 2010, p. 606)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>1. Peça de chumbo presa a uma linha, para medir a profundidade das águas ou reconhecer-lhes a natureza do fundo. 2. Aparelho de perfuração que atinge grandes e médias profundidades, para conhecimento do subsolo. 3. (<i>Medicina</i>) Tubo que se introduz em ducto, natural ou não, do organismo, para reconhecer-lhe o estado ou extrair ou introduzir algum tipo de matéria. 4. Qualquer aparelho para sondagens. (FERREIRA, 2010, p. 710)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Prumo, com que os nauticos examinão a altura do mar. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 418, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sonda (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bom Sucesso

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	01

FICHA 265

Sopa	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>HISTÓRICO: Sopa (Distrito): Distrito do município de Diamantina, criado pela lei Nº 2764, de 30 de dezembro de 1962. (BARBOSA, 1995, p. 346)</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Caldo com carne, legumes, massas ou outra substância sólida, servido, normalmente, como o primeiro prato do jantar, XIII. Do francês <i>soupe</i>, derivado do frâncico <i>*sūppa</i>, da mesma família do gótico <i>supôn</i>. (CUNHA, 2010, p. 607)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: (<i>Culinária</i>) Caldo de carnes, legumes, massas, etc. (FERREIRA, 2010, p. 710)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Pão embebido em caldo, leite etc. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 418, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Depois da <u>sopa</u>, Sá ergueu o copo cheio de velho madeira [...]" (1855-1862)³⁰¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Sopa (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Canápolis
Humano	Fazenda	Canápolis
Humano	Distrito	Diamantina

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 266

Surrão	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < árabe ou vasco</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bolsa ou saco de couro, usado sobretudo para farnel de pastores. <i>Currão</i>, XVI, <i>carrões</i> plural, XIV, çerroses plural, XIV etc. Do árabe <i>surra</i> ou do vasco <i>zorro</i>. (CUNHA, 2010, p. 615)</p>	

³⁰¹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro ALENCAR, José de. *Luciola* (1855-1862). São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d. p. 47 Ficha: 5184/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Dicionário atual da língua portuguesa:

1. Bolsa ou saco de couro usado sobretudo para farnel de pastores. 2. Roupa suja e gasta. (FERREIRA, 2010, p. 721)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Bolsa de couro usada dos pastores, em que levão o comer, e outras coisas do seu uso. // Saco de couro que cobre da chuva o que vai encerrado nelle. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 433, Tomo 2)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Surrão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Grão Mongol

Topônimo: Surrão de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Grão Mongol

Topônimo: Surrão de Saco (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	São Romão

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	03

T**FICHA 267**

Tacho	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vaso de metal ou de barro, largo e de pouca fundura, em geral com asas, XVIII. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 618) Dicionário atual da língua portuguesa: Vaso de metal ou de barro, largo e pouco fundo, geralmente com asas. (FERREIRA, 2010, p. 724)</p>	

1. Panela grande e redonda, larga e de pouca fundura, com alças, us. ger. para cozinhar maior quantidade de comida. 2. N.E. Vasilha grande, de cobre ou de ferro, com alças, us. em engenhos para o cozimento da calda da cana-de-açúcar. 3. Aquilo que se come; COMIDA 4. N.E. Relógio de má qualidade. 5. Bras. Pop. Piano que produz som de má qualidade, por ser velho ou estar desafinado. 6. Fam. Cozinheira. 7. Gir. Ver *dinheiro*. 8. Fig. Emprego bem remunerado. 9. Lus. Pop. A cabeça humana 10. Antiga medida portuguesa equivalente a 25 litros. (AULETE DIGITAL)³⁰²

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Vaso de cobre, ou arame, com azas nascidas das bordas, para aquecer água, e outros usos. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 440, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Tacho de cobre que pesou 13 libras." (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)³⁰³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tacho (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaiúva, Três Corações, Varginha
Físico	Lagoa	Lagoa Grande, Presidente Olegário

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02
Norte de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	02

FICHA 268

Taipão (Taipa)	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem duvidosa ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing + Aum] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Taipa: tabique, estuque, pau a pique. <i>Tapia</i>, XIII, <i>tapea</i>, XIV, <i>taypa</i>, XIV. De origem duvidosa. (CUNHA, 2010, p. 619) Dicionário atual da língua portuguesa: Taipa: construção feita de estacas, ripas, varas, etc., entrecruzadas, e barro. (FERREIRA, 2010, p. 724) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

³⁰² <https://aulete.com.br/tacho>

³⁰³ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 394 Ficha: 25079. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Taipa: parede feita de terra, ou barro calcado entre 2 taboões paralelos, a cuja distancia he proporcionada à grossura da parede. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 440, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"É uma povoação composta de algumas casas de taipa, cujo os habitantes não gozam, na região, de reputação muito favorável." (1832)³⁰⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Taipão (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Lagoa	Arinos

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	01

FICHA 269

Talismã	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < francês < persa < grego ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Objeto de formas e dimensões variadas, ao qual se atribuem poderes extraordinários. <i>-man</i>, 1813. Do francês <i>talisman</i>, derivado do persa <i>tilismât</i>, plural de <i>tilism</i> e, este, do grego bizantino <i>télesma</i> ‘cerimônia religiosa’, de <i>teléō</i> ‘faço um sacrifício, cumpro’. (CUNHA, 2010, p. 620) Dicionário atual da língua portuguesa: Objeto ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa. (FERREIRA, 2010, p. 725) Dicionários antigos da língua portuguesa: Talisman: peça de metal fundida com varias figuras debaixo de certos aspectos dos astros, e de certas constelações; figuras, ou pedras com caracteres gravados, a que se atribuem as mesmas virtudes. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 442, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro: Objeto mágico, de força ativa; como o amuleto, é defensivo. O amuleto defende seu possuidor contra as influências maléficas. O talismã determina uma ação direta, pondo à disposição do seu portador o serviço de entidades mágicas, ou facilitando a realização de todos os desejos. A lâmpada de Aladino e o anel de Polícrates são talismãs, assim como o anel ou selo de Salomão, dominador de anjos, gigantes, demônios. No Brasil o uiapuru, o olho de boto, a</p>	

³⁰⁴ Arredores de Itacambira, Minas Gerais D'ORBIGNY, Alcides. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1976. p. 120 Ficha: 13815/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

canela de socó, o rabo do tamancuaré são talismãs, quando convenientemente preparados pelo pajé ou feiticeiro. (CASCUDO, 2000, p. 661)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Talismã (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Rubim
Humano	Vila	Santa Maria do Salto

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	02
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02

FICHA 270

Tambor	Nº total de ocorrências no Estado: 86
<p>ORIGEM: português < árabe</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p> <p>Tambor: (<i>Música</i>) Instrumento de percussão. XV, <i>atanbor</i> XIII, <i>atambor</i>, XIV. Do árabe <i>attanbûr</i>. ‘Tamborim’, -ry, 1500. Tambu: grande atabaque usado no jongo e no batuque, XX. (CUNHA, 2010, p. 621)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa:</p> <p>Tambor: Qualquer dos instrumentos de percussão, com 1 ou 2 membranas esticadas, que, percutidas, produzem sons indeterminados. 2. O que toca tambor. 3. Peça de revólver, cilíndrica, onde se acomodam as balas. 4. Nome comum a vários objetos cilíndricos.</p> <p>Tamborim: tambor pequeno. (FERREIRA, 2010, p. 726)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa:</p> <p>Tambor: <i>o tambor</i>, he hum cylindro, ou cano de madeira elastica, ou metal, o qual tem nas bocas hum coiro, que ferido com as baquetas dá som, usa-se na milicia, etc. para fazer sianes, e regular a marcha. // O homem que o toca. // <i>Tambor mór</i>, o chefe dos tambores do Regimento. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 442, Tomo 2)</p> <p>Tamboril: Hum tambor, pequeno, que se toca por festa nas aldeias, usão de tamboril, e pandeiro.. // Certo peixe. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 443, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro:</p> <p>Tambor: instrumento musical conhecido tanto dos indígenas como dos portugueses e africanos. Gabriel Soares de Sousa (<i>Tratado Descritivo do Brasil em 1587</i>, capítulo CLXII) informa que os tupinambás cantavam e dançavam ao som de um tamboril, e os amoipiras “usam na guerra tambores que fazem de um só pau, que cavam por dentro com fogo tanto até que ficam mui delgados, os quais toam muito bem”. Não é de admirar que Karl von den</p>	

Steinen os haja encontrado entre os bororos, nas últimas décadas do século XIX, e tenha sido registrado no Baixo Amazonas. O número e a variedade dos atabaques trazidos pelos escravos africanos, sudaneses e bantos, confirmam a popularidade da percussão entre eles. Do português é indispensável a informação, conhecedor, há séculos, de toda a diversidade do instrumental de percussão, e com a boa cópia trazida pelos árabes dominadores. A influência dos tipos de tambores indígenas é que foi muitíssimo inferior aos africanos, e os adufes, pandeiros, caixas de guerra, pandeiretas portuguesas tiveram prestígio maior. No candomblé da Bahia são utilizados três tipos de tambor, com tamanhos e sonoridades diversas: Ru, Rumpi e Lê. No batuque do Rio Grande do Sul, religião afro-gaúcha de forte conteúdo jeje-nagô, usa-se o tambor comum e o tambor de Inhã, feitos de tronco escavado, com couro esticado nas duas extremidades e percutidos com as mãos. [...] No Carnaval do Recife são tradicionais as Noites dos Tambores silenciosos, quando os instrumentos de percussão do Maracatu silenciam por um minuto na segunda-feira à meia-noite. De origem africana, esse ritual consiste na evocação dos ancestrais para pedir-lhes proteção e celebrar a coroação dos reis do Congado, cerimônia que se realiza diante da Igreja do Terço, no centro da cidade. Mas a autonomia dos tambores indígenas e sua existência pré-cabralina parecem indiscutíveis no Brasil. 2. Dança do Tambor, Tambor-de-mina, Tambor-de-crioula. As danças denominadas “do tambor” espalham-se pela América Latina. No Brasil, agrupam-se e são mantidas pelos negros e descendentes de escravos africanos, mestiços e crioulos, especialmente no Maranhão. [...] (CASCUDO, 2000, p. 663-664)

Tamborim: tambor pequeno, de fácil manejo, que é tocado com a mão direita e seguro com a esquerda. Foi, com a gaita de sopro, um dos primeiros instrumentos europeus vindos para o Brasil, aqui se tornando muito popular. Na carta de Pero Vaz de Caminha, abril de 1500, menciona-se o tamboril, encantando os tupiniquins, que o ouviam pela primeira vez. (CASCUDO, 2000, p. 664)

Tambu: instrumento de percussão usado nos jongos e batuques do estado de São Paulo. “O tambu é um tronco de árvore, oco, medindo mais ou menos um metro de comprimento e cerca de 3 a 40 centímetros de diâmetro, afinando para uma das extremidades: a oposta a esta tem a boca obturada por um couro de boi, bem esticado e pregado na madeira com tachas amarelas e alguns cravos pretos... O tambu é amarrado ao corpo do tocador por uma corda que dá duas voltas, e assim é o candongueiro. Esta maneira difere das demais vistas no jongo de Cunha, no batuque de Tietê, onde os tocadores de tambu sentam-se sobre ele com as pernas abertas, para tocar.” (Alceu Maynard de Araújo, O Jongo de Taubaté, *Jornal de São Paulo*, 8 fev. 1948). Além do Tietê, o tambu é encontrado em Capivari, em Piracicaba e outras localidades. Ao acompanhar as danças do caxambu e do jongo, o tambu recebe também o nome de caxambu. No estado do Rio de Janeiro são diversas as suas denominações: gongaia ou cambin, em Campos; gazumba, em Angra dos Reis; mirangueiro, em Valença. Além de instrumento musical, tambu é ainda o nome que se dá à própria dança. (CASCUDO, 2000, p. 664-665)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] e por alguns minutos, a banda, aumentada de um grande e de um pequeno tambor, mais os pratos, assustou os pássaros madrugadores com o hino nacional do Brasil, que foi seguido pela 'Grande Marcha a Lafayette.'” (1855-1865)³⁰⁵

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tambor (06)

³⁰⁵ Arredores de Soledade de Minas, Minas Gerais KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros* (1855-1865). vol. 2, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941. p. 159. Ficha: 19405/19406. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itabira, Mariana,
Físico	Ribeirão	São João Nepomuceno
Humano	Fazenda	São João Nepomuceno, Cristais
Humano	Povoado	Itabira

Topônimo: Tambor Preto (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Nova Era

Topônimo: Tamboril (71)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Pompéu, Chapada do Norte, Jequitinhonha, Cordisburgo, Lagoa Santa, Arinos, Buritis, Unai, Fruta de Leite, Indaiabira, Salinas, Santa Fé de Minas, Coração de Jesus, Montes Claros, Bocaiúva, Machacalis, Pains, Passa-Tempo, Gurinhatã, Prata, Uberlândia, Campina Verde, Jacuí
Físico	Riacho	Tapira
Físico	Ribeirão	Ladainha
Físico	Morro	Gurinhatã
Físico	Serra	Unai, Várzea da Palma, Brasília de Minas, Tapira
Humano	Fazenda	Presidente Juscelino, Serra da Saudade, Medina, Belo Horizonte, Lagoa Santa, Arinos, Buritis, Uruana de Minas, João Pinheiro, Itacarambi, Manga, Urucuia, Fruta do Leite, Indaiabira, Salinas, Jequitai, Coração de Jesus, Bocaiúva, Caparaó, Gurinhatã, Prata, Uberlândia, Campina Verde, Sacramento, Tapira, Capitólio, Cássia, Guapé, Ilicínea, Monsenhor Paulo, Uberaba, Ibiá, Jacuí
Humano	Localidade	Pompéu, Arinos, Unai, Montezuma, Divinópolis
Humano	Povoado	João Pinheiro, Salinas
Físico	Vereda	Januária

Topônimo: Tamboril, de Francisco Mendes (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pompéu

Topônimo: Tamborilzinho (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Coração de Jesus
Humano	Povoado	Coração de Jesus

Topônimo: Tamborim (01)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Felício dos Santos

Topônimo: Tambu (02)

Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Jequeri, Ponte Nova
Humano	Fazenda	Teixeiras

Humano	Localidade	Ponte Nova
--------	------------	------------

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	38
Acidente humano	48
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	05
Jequitinhonha	04
Metropolitana de Belo Horizonte	08
Noroeste de Minas	11
Norte de Minas	23
Oeste de Minas	04
Sul / Sudoeste de Minas	07
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	15
Vale do Mucuri	02
Zona da Mata	07

FICHA 271

Tamborete	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: (<i>Marinharia</i>) originalmente peça de madeira que arremata o mastro na cobertura de cima, XVI; por extensão, banquetta. XVIII. Do francês <i>tabouret</i>, com influência de <i>tambor</i>. (CUNHA, 2010, p. 621)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Pequeno assento sem espaldar nem braços. (FERREIRA, 2010, p. 726)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Cadeira rasa sem braços, nem espaldar. // <i>Tamborettes</i>, termo náutico, são peças de taboa, que fechão o mastro na cobertura de cima, e levão dois páos ditos antigamente <i>posquetes</i>, e hoje <i>enoras</i> de atochar o mastro. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 443, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: (Referindo-se ao pouso numa habitação miserável) “Seu interior era dividido em quartos por um septo formado unicamente de estacas justapostas. Uma mesa, um <u>tamborete</u> e vários jirais [...] ou leitos rústicos aplicados contra as paredes, formavam todo o mobiliário dessa mesquinha morada.” (1817)³⁰⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tamborete de Baixo (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município

³⁰⁶ Arredores de Guanhões, Minas Gerais SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 169
Ficha: 22073/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Humano	Fazenda	Capitólio
--------	---------	-----------

Topônimo: Tamborete de Cima (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Capitólio

Topônimo: Tamburete (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dores do Campo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	01
Sul / Sudoeste de Minas	02

FICHA 272

Tapete	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: 'Peça de estofa com que se recobre soalhos, escadas etc'. 'alcatifa'. XIV, -de XIII. Do latim <i>tapēte -is</i>, derivado do grego <i>tápēs -ētos</i>. (CUNHA, 2010, p. 622) Dicionário atual da língua portuguesa: Peça de fibra têxtil ou outro material, com que se cobrem soalhos, escadas, mesas. (FERREIRA, 2010, p. 727) Dicionários antigos da língua portuguesa: Alcatifa de cobrir o solho da casa, e bancos, escadas, etc. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 444, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "[...] subia as escadas de pedra alcatifadas de fino <u>tapete</u> [...]" (1877)³⁰⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tapete (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ninheira, Lajinha

Quadro quantificação

³⁰⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro ALENCAR, José de. *Encarnação* (1877). São Paulo, Edições Melhoramentos, s.d. p. 17 Ficha: 12858/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Norte de Minas	01
Zona da Mata	01

FICHA 273

Tapume	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < gótico</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Sebe, cerca, XVII. Do verbo tapar, do gótico *<i>tappa</i>. (CUNHA, 2010, p. 622)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Vedação de um terreno feita com madeira ou outro material. 2. Vedação provisória, feita de tábuas. (FERREIRA, 2010, p. 727)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: O mesmo que tapagem. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 444, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Fiquei instalado em uma miserável palhoça sem <u>tapume</u>, coberta de colmos, onde o vento e o frio penetram de todos os lados [...]” (1820)³⁰⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tapume (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Aiuruoca

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

³⁰⁸ Arredores de Tramandaí, Rio Grande do Sul SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820-1821). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1974. p. 22 Ficha: 10795. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

FICHA 274

Tarraxa	N° total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Parafuso. -<i>Cha</i>, XVIII. De origem incerta. (CUNHA, 2010, p. 624) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Parafuso. 2. Utensílio de serralheiro com que se fazem as roscas dos parafusos. (FERREIRA, 2010, p. 728) Dicionários antigos da língua portuguesa: Prego roliço, cuja ponta até o meio he lavrada com huma quina viva espiral, a qual se embebe no vão espiral da porca, e prende nella. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 445, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tarraxa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Senador Firmino

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

FICHA 275

Telha	N° total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Telha: Peça, em geral de barro cozido, usada na cobertura de edifícios. XIV, <i>tella</i>, XIII etc. Do latim <i>tēgŭla</i>. (CUNHA, 2010, p. 627). Telhado: O conjunto de telhas de cobrem uma construção, XIII. De telha, do latim <i>tēgŭla</i>. (CUNHA, 2010, p. 627) Dicionário atual da língua portuguesa: Telha: 1. Cada uma das peças usadas na cobertura do edifício. (FERREIRA, 2010, p. 732). Telhado: Parte exterior da cobertura dum edifício, feita geralmente de telhas. 2. Cobertura dum edifício. (FERREIRA, 2010, p. 732) Dicionários antigos da língua portuguesa: Telha: Peças de barro de certa grossura, cosidas em fornos, que servem de cobrir o tecto das casas, sobre ripas, ou taboas. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 448, Tomo 2). Telhado: A obra de telhas, que cobre a casa. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 448, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

"Morada de casas assobradadas, cobertas de telha, assoalhadas com quintal murado de pedra, sitas no Arraial de Lage" (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)³⁰⁹

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Telha (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Baldim, Jaboticatubas, Maravilhas

Topônimo: Telhas (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Povoado	Maravilhas

Topônimo: Telhado (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Comendador Gomes

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	04
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 276

Tenda	Nº total de ocorrências no Estado: 20
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Barraca, XIII. Do baixo latim <i>tēnda</i>, de <i>tēndēre</i>. (CUNHA, 2010, p. 629) Dicionário atual da língua portuguesa: Tenda: 1. Barraca de campanha. 2. Barraca de feira. 3. Pequena oficina de artesão. Tendinha: (<i>Brasileirismo. Rio de Janeiro</i>) Mercearia ou botequim modesto, ou de lugar muito pobre. (FERREIRA, 2010, p. 733) Dicionários antigos da língua portuguesa:</p>	

³⁰⁹ São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 386 Ficha: 13106/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Casa de vender viveres, etc. // Barraca de campanha. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 451, Tomo 2)

Dicionário da Terra e da gente do Brasil:

Nome que, nos engenhos de açúcar, designa a parte onde ficam os tachos, registrando-o neste sentido Cornélio Pires. No Norte do Brasil, da Bahia a Pernambuco, se emprega de preferência para designar oficina de ferreiro, sapateiro, etc. (SOUZA, 2004, p. 313)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Fazenda com casas de vivenda assobradadas, cobertas de telha com seu oratório com altar, rancho de passageiros com varandas, quartos e cavalariças e com outro rancho de tropas, uma casa onde está a tenda de ferreiro, tudo coberto de telha e com outras oficinas necessárias." (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)³¹⁰

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tenda (12)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itamarandiba, Rio Vermelho, Desterro de Entre Rios, Itanhandú, Jesuânia
Físico	Serra	Montes Claros
Humano	Fazenda	Dores do Indaiá, Santana do Riacho, Três Corações
Humano	Localidade	Itamarandiba, Alto Rio Doce, Guanhães

Topônimo: Tenda Velha (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Bocaiúva
Humano	Localidade	Bocaiúva

Topônimo: Tendias (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Rio Espera
Humano	Localidade	Rio Espera

Topônimo: Tendinha (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itanhomi, Capitão Andrade
Humano	Localidade	Capitão Andrade
Humano	Povoado	Governador Valadares

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	09
Acidente humano	11
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

³¹⁰ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 464 Ficha: 12438/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	03
Norte de Minas	03
Sul / Sudoeste de Minas	03
Vale do Rio Doce	05
Zona da Mata	03

FICHA 277

Tesoura	Nº total de ocorrências no Estado: 07
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tipo de instrumento cortante. <i>-soi-</i> XIV. Do latim <i>tōnsōrīa (forpex)</i> ‘ferramenta de barbeiro’, ‘que serve para cortar, aparar’. (CUNHA, 2010, p. 632) Dicionário atual da língua portuguesa: Instrumento cortante, constituído por 2 lâminas reunidas por 1 eixo, sobre o qual se movem. (FERREIRA, 2010, p. 737) Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento de cortar panno, coiro, metaes, he de duas peças unidas por hum eixo, afiadas; e apertando-se huma contra a outra faz seu officio. [...] // Peça de dois páos em aspa, em que se serra a madeira antes de se rachar em lenha. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 456, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: "Tesoura de aparar unhas" (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)³¹¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tesoura (07)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Araçuaí, Carai, Jequitinhonha
Humano	Fazenda	Carvalhos
Humano	Localidade	Araçuaí, Lagoa dos Patos, Coração de Jesus

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	04
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	04
Norte de Minas	02
Sul / Sudoeste de Minas	01

³¹¹ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 126 Ficha: 17771. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 278

Tiborna	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < origem obscura ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Pão quente embebido em azeite novo, XVI. De origem obscura. (CUNHA, 2010, p. 634) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Pão quente embebido em azeite. 2. Refeição ao ar livre; PIQUENIQUE 3. Misturada, mixórdia, confusão. 4. Bras. Borra do alambique, após a destilação. 5. Bras. N.E. Coisa sem valor; PORCARIA 6. Bras. Bot. Planta (<i>Plumeria drastica</i>) da fam. das apocináceas, tb. denominada <i>raivosa</i>. (AULETE DIGITAL)³¹² Dicionários antigos da língua portuguesa: Pão quente embebido em azeite novo para se comer. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 459, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tiborna (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Conquista, Sacramento

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 279

Tinta Amarela	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Ncf [Ssing + ADJsing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Tinta: Substância química que tem a propriedade de aderir à superfície sobre a qual é aplicada, e que é usada para a pintura e para tingir, XIII. Feminino substantivado de tinto, do latim <i>tinctus</i>, participio de <i>tingere</i>. (CUNHA, 2010, p. 635) Amarelo: (adjetivo) diz-se da cor do ouro, da gema do ovo etc. (substantivo masculino) a cor amarela em todas as suas gradações. XIII, amarello, 1572, do latim hispânico <i>*amarellus</i>, diminutivo do latim <i>amārus</i>. (CUNHA, 2010, p. 31) Dicionário atual da língua portuguesa:</p>	

³¹² <https://aulete.com.br/tiborna>

1. Substância química corante, que adere à superfície sobre a qual se aplica e que é usada para pintura. 2. Essa substância, no estado líquido ou pastoso, usada para escrever, tingir ou imprimir. 3. Colorido; tom. (FERREIRA, 2010, p. 740)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Líquido corado para tingir, escrever. // Sombra desfeita em óleo, água, cola, ou goma para pintar. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, 459, Tomo 2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Frasco de vidro de uso da tinta.” (Inventário de Cônego Luís Vieira da Silva) (1789-1791)³¹³

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tinta Amarela (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Tiros

Topônimo: Tinta Amarela, de Jacir Eugênio (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Tiros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 280

Tipiti	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Cesto de palha, de forma cilíndrica, no qual se espreme a mandioca. <i>Tapeti</i>, 1587, <i>tipity</i>, 1663, <i>tapiti</i> 1696 etc. Do tupi <i>tepi 'ti</i>. (CUNHA, 2010, p. 636) Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> Cesto cilíndrico onde se põe a massa de mandioca que se vai espremer. (FERREIRA, 2010, p. 740) Dicionário do folclore brasileiro: 1. Do tupi <i>tipi</i>, espremer, e <i>ti</i>, sumo, líquido. Utensílio de compressão e expressão, tecido em forma tubular, com extremidades afuniladas e terminando em alças. Presa uma delas em certa altura, contendo o bojo a massa da mandioca, procede-se à expressão, distendendo-se gradual e fortemente na outra alça, empregando força manual ou pesos</p>	

³¹³ Mariana, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 440 Ficha: 22609. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

em série crescente. É um cesto de fibra vegetal, usado na produção da farinha de mandioca. A massa de mandioca ralada, ao ser pressionada pelo fuso da prensa que vai apertando o cesto, deixa escoar o líquido. Sua presença foi constatada do Rio de Janeiro às Antilhas francesas e do Pilcomayo ao Paraguai, não sendo conhecido na orla do Pacífico e nas regiões andinas. 2. Tipo de dança do Amazonas, aculturação do “pau-de-fita”. (CASCUDO, 2000, p. 682)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Espécie de cesto cilíndrico, feito de taquara e também de folhas de palmas com boca estreita, o qual se enche de mandioca ralada, para ser espremida na prensa e ficar bem enxuta, depois do que é levada ao forno e reduzida a farinha. No Rio de Janeiro, costumam dar o nome de *côfo* a um *Tipiti* mais extenso com cerca de dois metros de comprimento. Montoya escreve *Tipiti*, com a definição de *instrumento de hojas de palmas, como manga, para espremer mandioca*. // Etimologia: É vocábulo tupi. // Na Bahia lhe chamam *Tapiti*. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 230)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“Nada tinha de notável, se não no braço direito, em lugar de manga um 'tipiti', ou seja, um canudo de flandres que se espichava ou se encolhia à vontade. Servem-se dele os índios para amassar a farinha de mandioca. Existem alguns enormes, mas o rapaz era do tamanho do braço e estava bem amarrado ao ombro.” (1859)³¹⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tipiti (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Vila	Ataléia

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Mucuri	01

FICHA 281

Tiquira	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Aguardente de mandioca, 1833. Do tupi ti ‘kira. (CUNHA, 2010, p. 636) Dicionário atual da língua portuguesa: Bras. N Aguardente de mandioca. (AULETE DIGITAL)³¹⁵ Dicionário do folclore brasileiro:</p>	

³¹⁴ Baixo Madeira, Amazonas BIARD, François. *Dois Anos no Brasil* (1858-1859). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945. p. 262 Ficha: 8462. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://arquivo.ernani-silva-bruno.org.br)

³¹⁵ <https://aulete.com.br/tiquira>

Aguardente resultante da destilação do líquido em que foi dissolvido o beiju-açu. Do tupi *tykir*, “cair gota a gota”. (Alfredo da Matta, *Vocabulário Amazonense*, Manaus, 1939.) Cachaça destilada do sumo da mandioca. (CASCUDO, 2000, p. 682-683)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

(Maranhão) aguardente de mandioca (B. de Mattoso). // No Pará esta espécie de aguardente é produzida pela fermentação do Beiju-assú (J. Verissimo). (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 231)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tiquira (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Formoso
Humano	Fazenda	Formoso

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Noroeste de Minas	02

FICHA 282

Toa	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Corda com que uma embarcação reboca a outra, XVI. Deverbal de (a) <i>toar</i>. Do latim <i>tonāre</i>. (CUNHA, 2010, p. 637) Dicionário atual da língua portuguesa: Corda com que uma embarcação reboca a outra. (FERREIRA, 2010, p. 742) Dicionários antigos da língua portuguesa: A corda que o navio grande dá a alguma embarcação menor para esta o rebocar, e trazer à sirga quando não há vento. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 462, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Toa (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Morro	Patos de Minas

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	

Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 283

Tolda	Nº total de ocorrências no Estado: 12
<p>ORIGEM: português < germânico < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Toldo, de uma forma germânica afim do antigo neerlandês <i>telt</i>, através do antigo francês dialetal <i>tialt</i> 'toldo de barco'. (CUNHA, 2010, p. 638)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: [De toldo] (<i>Brasileirismo</i>) Cobertura de palha ou de madeira para abrigar, nas embarcações, a carga e/ou os passageiros. (FERREIRA, 2010, p. 743)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Obra de panno que cobre os barcos, e navios para abrigar do Sol, e chuva a quem vai sobre a coberta, toldo. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 463, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tolda (10)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Três Marias, Capitão Enéias, Francisco Sá, Bocaiúva
Físico	Serra	Capitão Enéias, Francisco Sá
Humano	Localidade	Carbonita, Capitão Enéias, Francisco Sá, Bocaiúva

Topônimo: Toldas (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Uberaba
Humano	Fazenda	Uberaba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	07
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Jequitinhonha	01
Norte de Minas	08
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	02

FICHA 284

Torre	Nº total de ocorrências no Estado: 10
ORIGEM: português < latim	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
Dicionário etimológico da língua portuguesa:	
‘Originalmente fortaleza’, ‘por extensão campanário’, XIII. Do latim tŭrris. (CUNHA, 2010, p. 641)	
Dicionário atual da língua portuguesa:	
1. Edificação alta que se construía sobretudo para defesa em caso de guerra. 2. Construção alta e estreita, isolada ou anexa a igreja, onde ficam os sinos; campanário. 3. Peça do jogo de xadrez. (FERREIRA, 2010, p. 746)	
Dicionários antigos da língua portuguesa:	
Edifício forte fabricado em alguma parte para se acolherem nelle do inimigo, e de lá o ofenderem; hoje as que restão servem de prisões, casas de armas, etc. e as que se fazem são para se põem sinos junto com as Igrejas; [...]. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 469-470, Tomo 2)	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Torre (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Nova Lima, Bueno Brandão
Físico	Serra	Inconfidentes
Humano	Fazenda	Além Paraíba, Bueno Brandão

Topônimo: Torres (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Barbacena
Humano	Localidade	Antônio Carlos, Virgínia
Humano	Povoado	Barbacena

Topônimo: Torrinha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carmo do Rio Claro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	05
Acidente humano	05
Localização geográfica por Mesorregião	
Campo das Vertentes	03
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	05
Zona da Mata	01

FICHA 285

Tosta	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Torrada, 1874. Deverbal de tostar. Do latim vulgar <i>tostāre</i>, intensivo de <i>torrēre</i>. (CUNHA, 2010, p. 642) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Fatia de pão torrado; TORRADA 2. Lus. Crosta de pão, biscoito etc. 3. Lus. Sanduíche de pão aquecido ou torrado (tosta de frango) [F.: Dev. de <i>tostar</i>. Hom./Par.: <i>tosta</i> (fl. de <i>tostar</i>)] (AULETE DIGITAL)³¹⁶</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Tosta (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Serra da Saudade

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 286

Toucinho	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim < céltico ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Toicinho: gordura dos porcos, subjacente à pele, com o respectivo couro. 1813, <i>toucio</i>, XIII. Provavelmente do latim <i>*tuccinum</i> (<i>lardum</i>), derivado do céltico <i>tūcca</i> ‘suco manteigoso’. (CUNHA, 2010, p. 638) Dicionário atual da língua portuguesa: Toicinho ou toucinho: gordura do porco, subjacente à pele, com o respectivo couro. (FERREIRA, 2010, p. 743) Dicionários antigos da língua portuguesa: A gordura grossa, que ocupa os lombos do porco, pegada á pelle. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 471, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro:</p>	

³¹⁶ <https://aulete.com.br/tosta>

Brincadeira de crianças, que consiste em dar uma pancada, com a mão espalmada, na batata da perna, para produzir a flexão dos joelhos. Se o garoto flexiona a perna, diz-se que “não come toucinho” e vice-versa. (CASCUDO, 2000, p. 693)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“A carne é sempre tão magra que, para dar-lhe algum gosto tem que cozinhar um dia inteiro com toucinho.” (1859)³¹⁷

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Toucinho (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina, João Pinheiro

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Noroeste de Minas	01

FICHA 287

Trapiche	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < castelhano</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Originalmente engenho de açúcar movimentado por animais’, ‘por extensão armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para exportar’, XVI. Do castelhano <i>trapiche</i>, derivado do dialeto moçárabe, onde é alteração normal do latim <i>trapētus</i> ‘moinho de azeite’ e, este, de origem grega. (CUNHA, 2010, p. 646)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Armazém onde se guardam mercadorias importadas ou para se exportar. (FERREIRA, 2010, p. 753)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Casa de guardar generos de embarque, com aparelho para carregar, e descarrega-los dos navios. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 484, Tomo 2)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Armazém de depósito de mercadorias. Nos séculos XVI e XVII, trapiche era o engenho de fazer açúcar, movido pela tração animal, especialmente de bois. (CASCUDO, 2000, p. 695)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno:</p>	

³¹⁷ Teófilo Otoni, Minas Gerais AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859*. vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1961. p. 217-Ficha: 2148/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

"Trapiche de moer cana." (Inventário de Joana Nunes) (1625)³¹⁸

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Trapiche (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Serra da Saudade

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01

FICHA 288

Trela	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Correia ou corda com que com que se prende o cão de caça’, XV; trela (dar-) locução ‘conversar com, dar confiança a, dar conda a’, XVI. Do latim <i>*tragĕlla</i>, diminutivo de <i>trāgŭla</i> ‘espécie de dardo’, ‘rede de arrasto’. (CUNHA, 2010, p. 648)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Correia com que se prende o cão. (FERREIRA, 2010, p. 754)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: A correia onde vai prezo o cão da caça. [...] (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 487, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Trela (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Veríssimo

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	

³¹⁸ São Paulo, São Paulo INVENTÁRIOS *Inventários e testamentos*. Vol. XXXII (1625-1645), São Paulo, Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, 1942. p. 21 Ficha: 7717/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	01

FICHA 289

Trem	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < francês</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Original conjunto de objetos’, ‘carruagem’, XVII; ‘(<i>brasileirismo</i>) comboio, XX. Do francês <i>train</i>, derivado de <i>traîner</i>. (CUNHA, 2010, p.648)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Objetos que formam a bagagem dum viajante. 2. Mobiliário dum casa. 3. (<i>Brasileirismo</i>) Comboio (2) ferroviário; trem de ferro. 4. (<i>Brasileirismo</i>) Bateria de cozinha. 5. (<i>Brasileirismo. Popular.</i>) Treco (1). (FERREIRA, 2010, p. 755)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: A gente, a bagage que acompanha alguém de jornada. [...] (BLUTEAU, silva, 1789, P. 487, Tomo 2)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: Nas Lavras Diamantinas da Bahia, assim designam os <i>garimpeiros</i> o carbonado ou diamante, segundo nos informou o Engenheiro de Minas Macambira Monte-Flôres, conhecedor da região. “Achei um <i>trem</i> equivale a – achei um carbonado ou diamante”. Néelson de Sena registra <i>trem</i> com o sentido peculiar em Minas Gerais, e dizemos nós, na Bahia também, de <i>trem de ferro</i>, que em todo o Brasil designa o que em Portugal se diz <i>comboio</i> (<i>Viajar de trem</i> é o mesmo que dizer – viajar de trem de ferro). (SOUZA, 2004, p. 322)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: Trem ou <i>terem</i>, objeto de uso caseiro ou de pouco valor. “Tira esse trem daí” significa: “Tira esse móvel ou objeto do caminho”. “Seu fulano, arrieie seus terens aí no canto e vá se acomodando” é um linguajar encontrado em diversas partes do Brasil. (CASCUDO, 2000, p. 695)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: [...] no dia seguinte perdi o <u>trem</u> [...] por ter ido dar minha bengala a um cego que não trazia bordão." (1857-1897)³¹⁹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Trem (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Localidade	Açucena

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	

³¹⁹ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro MACHADO DE ASSIS, J. Maria. Dom Casmurro (1857-1897). São Paulo, Editora Ática, 1974. p. 94 Ficha: 22833. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Vale do Rio Doce	01

FICHA 290

Trole	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < inglês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Pequeno carro descoberto que anda sobre os trilhos das ferrovias e é movido pelos operários por meio de varas ou paus ferrados,’ ‘carruagem rústica que se usava nas fazendas e nas cidades do interior, antes do uso habitual do automóvel’, XX. Do inglês trolley. (CUNHA, 2010, p. 653-654) Dicionário atual da língua portuguesa: <i>(Brasileirismo)</i> Pequeno carro descoberto que anda sobre trilhos de ferrovias. (FERREIRA, 2010, p. 759)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Trole (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Medeiros
Humano	Fazenda	Medeiros

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Oeste de Minas	02

U**FICHA 291**

Urupemba	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: indígena < tupi ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa:</p>	

Urupema: espécie de peneira, 1587. ‘Por extensão, trançado de fibra vegetal usado para encosto de cadeira, para vedação de portas e janelas etc, XIX. Do tupi *uru’pema*. (CUNHA, 2010, p. 664)

Dicionário atual da língua portuguesa:

Urupema ou Urupemba: (Brasileirismo. Norte e Nordeste) 1. Peneira de fibra vegetal. 2. Vedação de teto, janelas, etc., feita com esteira semelhante à urupema. (FERREIRA, 2010, p. 769)

O tupi na geographia nacional:

Urupema: urú-pema, cesto raso ou chato, a peneira. (SAMPAIO, 1901, p. 157)

Dicionário de vocábulos brasileiros:

Urupemba é o mesmo que Urupema: espécie de peneira grossa feita de taquara ou de cana brava. // Etimologia: É vocábulo tupi. Na mesma língua, também diziam *Gurupêma* e assim lhe chama o conego F. Bernardino. Também se ouve *Urupemba* e *Arupemba*, e êste segundo não é mais do que a corruptela do primeiro. // Além do serviço que podem prestar como peneiras, também as emprega a gente pobre á guisa de portas e janelas, como o vi em Oeiras do Piauí; e outro tanto faziam em S, Paulo antigamente nas proximidades das cidades e vilas. (BEUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 239)

Dicionário do folclore brasileiro:

Urupema: 1. Cesto raso ou chato, circular, côncavo, feito de um tecido de palha de uru ou uruba (marantácea) ou da taquara (gramínea), preso ao arco de um cipó grosso, resistente, apropriado ao fim, o caule da *Galphimia officinalis*, que por isso é vulgarmente conhecido pelo nome de cipó arco de urupema. 2. Espécie de peneira grosseira, de uso comum, destinada a escorrer a maniva, o leite de coco, passar a massa do feijão cozido, da mandioca ou da goma, para peneiras ou sessar milho, arroz, farinha e para outras utilizações. A urupema é um utensílio de cozinha originário dos índios. Tecida a espécie de esteira, forte, resistente, feita de cana-brava, chamada ubá, que em vez de gelosias ou rótulas tapava as portas e janelas das cabanas, também originária dos índios, e que depois foi geralmente adotada. As urupemas das janelas eram inteiriças e abriam para fora, e as das portas constavam de duas peças horizontalmente partidas ao meio, abrindo a superior também para fora (Pereira da Costa, *Vocabulário Pernambucano*). [...] (CASCUDO, 2000, p. 713)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Urupemba (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Carmo da Cachoeira

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Sul / Sudoeste de Minas	01

V

FICHA 292

Varal	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário timológico da língua portuguesa: ‘Originalmente cada uma das duas grossas varas que saem dos lados de um veículo e entre as quais se atrela o animal que o puxa’, ‘por extensão arame esticado onde se penduram as roupas para que sequem’, 1874. De vara, do latim <i>vāra</i>. (CUNHA, 2010, p. 668)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Cada uma das duas varas laterais de um veículo de tração, entre as quais se atrela o animal que o puxa. 2. Corda ou arame onde se pendura a roupa lavada para secar. (FERREIRA, 2010, p. 773)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Vara longa, e grossa para vários usos para sobre ella se estenderem redes, que lavrada serve nos coches, e seges, entre os varaes vai a besta. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 509, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “Os cilindros são movidos a bois, burros ou cavalos por meio de um comprido <u>varal</u>.” (1815)³²⁰</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Varal (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Itinga
Humano	Fazenda	Itinga

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02

³²⁰ Arredores de Ponta Negra, Rio de Janeiro MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil* (1815-1817). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940. p. 54 Ficha: 7902/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

FICHA 293

Varanda	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Balcão sacada, terraço coberto, XV. De origem incerta. (CUNHA, 2010, p. 668) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Balcão, sacada. 2. Terraço (1). 3. (<i>Brasileirismo</i>) Espécie de alpendre à frente e/ou em volta das casas. (FERREIRA, 2010, p. 773) Dicionários antigos da língua portuguesa: Obra sacada na dianteira, ou trazeira, ou em todo o âmbito das casas, com grades, balaústres, ou parede, de ordinario descoberta, onde se toma o sol, ou fresco. // Roda dentada do lagar, que move a entrosa. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 509, Tomo 2) Dicionário de vocábulos brasileiros: (<i>Rio de Janeiro</i>) o primeiro dos três compartimentos em que se divide um curral de pescaria, e a que também dão o nome de <i>Coração</i>. Na Paraíba do Norte lhe chamam <i>Sala</i>. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 2007, p. 240) Arquivo Ernani Silva Bruno: “Fazenda composta de casas de vivenda cobertas de telha com as portas e janelas com batentes, uma <u>varanda</u> aberta que serve de rancho de tropas e um pomar pequeno de árvores de espinho.” (Inventário de José Ayres Gomes) (1791)³²¹</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Varanda (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Carbonita, Santana de Pirapama
Humano	Fazenda	Carbonita

Topônimo: Varanda do Pilar (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Serra	Ouro Preto

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02
Metropolitana de Belo Horizonte	02

³²¹ Arredores de Barbacena, Minas Gerais AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. V, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 474 Ficha: 12436a/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

FICHA 294

Veneno	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Substância que altera ou destrói as funções vitais, XVI, <i>venino</i>, XV. Do latim <i>venēnum</i> -ī. (CUNHA, 2010, p. 671) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Substância que altera ou destrói as funções vitais. 2. (<i>Figurado</i>) Aquilo que corrompe moralmente. 3. (<i>Figurado</i>) Malignidade, maldade. (FERREIRA, 2010, p. 776) 1. Qualquer substância, preparada ou natural, que por sua atuação química é capaz de destruir ou perturbar as funções vitais de um organismo. 1.1 secreção venenosa de alguns animais; peçonha. 2 fig. tudo o que corrompe, causa prejuízo moral <filmes violentos são v. para as crianças>. 2.1 pessoa de má índole, que causa dano a outrem <amigos drogados foram um v. para o meu filho>. 3 fig. intenção perversa, malignidade, perversidade, maldade <há muito v. no que ela disse>. 3.1 fig. interpretação deturpada, maldosa de algo <ele colocou v. em tudo o que eu disse>. 4 fig. encanto que atrai; sedução <o v. de teus lábios>. 5 B; infrm., joc. aguardente de cana; cachaça. 6 FISQUÍM substância que desativa um catalisador. (HOUAISS DIGITAL)³²² Dicionários antigos da língua portuguesa: Peçonha que ataca os princípios da vida por certas qualidades malignas, como são alguns sucos, o rosalgar etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 515-516, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Veneno (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Diamantina
Humano	Localidade	Itamarandiba

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	01
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	02

³²² [Grande Dicionario Houaiss \(uol.com.br\)](http://uol.com.br)

FICHA 295

Ventana	Nº total de ocorrências no Estado: 05
<p>ORIGEM: português < castelhano ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Janela, 1813. Do castelhano <i>ventana</i>. (CUNHA, 2010, p. 672) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Antq. Abertura na parede de um edifício a certa altura do piso que permite a iluminação e/ou o arejamento do ambiente e dá vista para o exterior; JANELA 2. Lud. Abertura na mesa do bilhar por onde entra a bola; VENTANILH 3. Lus. Abertura na parte superior de uma torre onde estão os sinos; SINEIRA: <i>Sobre o lado norte da empena, ergue-se o campanário com uma ventana de arco pleno.</i> [F.: Do espn. <i>ventana</i>.] (AULETE DIGITAL)³²³ Dicionários antigos da língua portuguesa: Ventana, ventanilha: abertura da meza do taco, por onde entra a bola. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 517, Tomo 2)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Ventana (05)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Araújos, Rio Manso, São Miguel do Anta, Bias Fortes
Humano	Sítio	São Miguel do Anta

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	04
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Central Mineira	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Zona da Mata	03

FICHA 296

Viga	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < origem incerta ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Peça de sustentação horizontal, utilizada em construções, XIII. De origem incerta; provavelmente do latim <i>bīga</i> ‘parelha de cavalos’, ‘carro puxado por dois cavalos’, supondo-se que tomou mais tarde o sentido de ‘timão de carreta’, de onde ‘madeira larga, viva’, (CUNHA, 2010, p. 677)</p>	

³²³ <https://aulete.com.br/ventana>

Dicionário atual da língua portuguesa:

Peça de sustentação horizontal usada em construções; trave. (FERREIRA, 2010, p. 783)

Dicionários antigos da língua portuguesa:

Trave da casa. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 525, Tomo2)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

“[...] Consta de uma viga, desigualmente balanceada sobre um fulcro, o braço maior e mais pesado é provido de um suplemento forte, feito mão de pilão, que desce sobre um 'indoá' ou almofariz índio. [...]” (1817)³²⁴

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Viga (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Dom Joaquim

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01

FICHA 297

Vintém	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < latim</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Antiga moeda, equivalente a 20 réis, <i>Vintees</i>, plural, XVI. Do arcaico <i>vinteno</i> (< <i>vinte</i>). Vinte, do latim <i>vīgīntī</i>. (CUNHA, 2010, p. 678)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Antiga moeda de cobre, equivalente a 20 réis. (FERREIRA, 2010, p. 784)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Moeda de prata, que vale vinte reais. // Nas conquistas há vinteins de cobre. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 527, Tomo 2)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: “[...] a despesa restringe-se, parece incrível, a quatro <u>vinténs</u>, assim distribuídos: 1 <u>vintém</u> de feijão preto; 1 <u>vintém</u> de toucinho; 2 <u>vinténs</u> de farinha de mandioca [...]” (1816-1831)³²⁵</p>	

³²⁴ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais LUCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* (1808-1818). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 289
Ficha: 7662/. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

³²⁵ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro
DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 225. Ficha: 3259/ 4205/3634/2827/656. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Vintém (04)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Alvorada de Minas, Santa Rita do Sapucaí
Físico	Ribeirão	Santa Rita do Sapucaí
Humano	Fazenda	Santa Rita do Sapucaí

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Sul / Sudoeste de Minas	03

FICHA 298

Viola	Nº total de ocorrências no Estado: 02
<p>ORIGEM: português < provençal < latim ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Viola (1): Violeta. Viola (2): (Música) instrumento de cordas dedilháveis e que se assemelha ao violão na forma e na sonoridade, XVI. Do provençal <i>viola</i>, <i>viula</i>, derivado do latim medieval <i>vīdula</i>, <i>vītula</i>. (CUNHA, 2010, p. 678) Dicionário tual da língua portuguesa: 1. Instrumento de cordas dedilháveis, semelhante ao violão (mas de menor tamanho) na forma e na sonoridade. 2. Instrumento de arco e 4 cordas que corresponde ao contralto na família do violino. É afinado uma quinta abaixo da afinação do violino e uma oitava acima da do violoncelo. (FERREIRA, 2010, p. 784) Dicionários antigos da língua portuguesa: Instrumento musico vulgar, com cordas de tripa de carneiro, e trastes no braço. [...] // Peixe com feição de viola. // Flor, alias violeta. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 528, Tomo 2) Dicionário do folclore brasileiro: Instrumento de cordas dedilhadas, cinco ou seis, duplas, metálicas. [...] No estado de São Paulo é comum a viola de cinco cordas duplas, assim denominadas: <i>canotilho</i>, <i>toesa</i>, <i>cantadera</i>, <i>requinta</i>, <i>prima</i>. Muitos violeiros costumam encordoar a sua viola com seis ou sete cordas. (Rosa Nepomuceno, <i>Música Caipira; da Roça ao Rodeio</i>, São Paulo, 1999). [...] Foi o primeiro instrumento de cordas que o português divulgou no Brasil. O século do povoamento, o XVI, foi a época do esplendor da viola em Portugal, indispensável nas romarias, arraiais e bailaricos, documentado em Gil Vicente e nos cancioneiros. O padre Fernão Cardim cita-a abundantemente no Brasil. A orquestra típica das festas jesuíticas era a viola, o pandeiro, o tamboril e a flauta. Animadora dos bailes populares em todos os quadrantes brasileiros. Recebendo da Espanha o violão, vulgarizado pelos mouros, como a</p>	

viola, o português denominou-o no aumentativo de viola, instrumento-rei. [...] (CASCUDO, 2000, p. 728-730)

Arquivo Ernani Silva Bruno:

"Neste lugar pernoitamos em casa de um mulato que tinha uma loja, cheia de ociosos que empregavam o seu tempo no jogo de cartas e a tocar viola [...]" (1814-1815)³²⁶

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Viola (02)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Caratinga
Físico	Lagoa	Ponto dos Volantes

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	
Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Vale do Rio Doce	01

FICHA 299

Vitrine	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: português < francês ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: Vidraça através da qual ficam expostos objetos destinados à venda, 1873. Do francês <i>vitrine</i>. (CUNHA, 2010, p. 677) Dicionário atual da língua portuguesa: Vitrina ou vitrine: vidraça atrás da qual ficam expostos objetos destinados à venda ou a seres vistos. (FERREIRA, 2010, p. 787)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Vitrine (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Pedra Azul, Sete Lagoas, Governador Valadares

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	03

³²⁶ Arredores de Congonhas do Campo, Minas Gerais FREIREYSS, G. Wilhelm. *Viagem ao Interior do Brasil nos Anos de 1814-1815*. vol. XI, São Paulo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1906. p. 181
 Ficha: 19224. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Localização geográfica por Mesorregião	
Jequitinhonha	01
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Vale do Rio Doce	01

X

FICHA 300

Xadrez	Nº total de ocorrências no Estado: 01
<p>ORIGEM: português < árabe < persa < sânscrito ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing] INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Dicionário etimológico da língua portuguesa: ‘Jogo sobre um tabuleiro de 64 casas, alternativamente brancas e pretas’, ‘por extensão, tecido cujas cores estão dispostas em quadrados alternados, semelhante ao tabuleiro de xadrez’, XVI, <i>xedrez</i>, XIV, <i>exedrez</i>, XIV [...] etc. Do árabe <i>aš-šīrangġ</i>, derivado do persa <i>-šīrangġ</i> (<i>šātrangġ</i>), o qual remonta ao sânscrito <i>čaturanga</i> ‘os quatro camponeses do exército indiano, a saber, elefantes, cavalos, carros e infantes. (CUNHA, 2010, p. 685) Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Jogo, sobre um tabuleiro de 64 peças, alternativamente pretas e brancas, com 2 parceiros. 2. Tecido cujas cores estão dispostas em quadrados alternados. (FERREIRA, 2010, p. 792) Dicionários antigos da língua portuguesa: Jogo de tabuleiro com 64 casas, jogão-se varias peças ou figuras de Rei, Rainha, roque, cavallo, etc. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 538, Tomo 2) Arquivo Ernani Silva Bruno: “Aos domingos, tinha sempre a jantar o Sr. Antunes, com quem jogava bilhar. Tentou ensinar-lhe o <u>xadrez</u>, mas desanimou ao fim de cinco lições.” (1866-1873)³²⁷</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Xadrez (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Humano	Fazenda	Caparaó

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Zona da Mata	01

³²⁷ Rio de Janeiro, Rio de Janeiro MACHADO DE ASSIS, J. Maria. *Iaiá Garcia* (1866-1873). Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. p. 117 Ficha: 15362. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Z

FICHA 301

Zabumba	Nº total de ocorrências no Estado: 03
<p>ORIGEM: africano < banto</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nm [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Bombo, XVIII. De provável formação onomatopaica. (CUNHA, 2010, p. 688)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: 1. Ver <i>bombo</i>. 2. (<i>Brasileirismo. Nordeste</i>) Certo conjunto instrumental, popular. (FERREIRA, 2010, p. 796)</p> <p>Falares afrianos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro: (Banto) 1. Bombo. <i>Kik, (zu)nza mbuma</i>, tambor de madeira, muito grande e comprido. 2. Conjunto instrumental popular no nordeste do Brasil, constituído de pífanos, caixa e bombo. <i>Kik. zunza mbuma</i>, fazer música com muito ruído, com tambor. (CASTRO, 2005, p. 354)</p> <p>Dicionário do folclore brasileiro: O zabumba é o instrumento popular, predileto, inseparável, dos nossos sambas, batuques, maracatus, pastoris e zé-pereiras, constituindo como que a nota predominante, característica, daqueles divertimentos populares (Pereira da Costa, <i>Vocabulário Pernambucano</i>). Terno de zabumba, popular por todo Baixo São Francisco e ao redor de Maceió, é o mesmo que Esquentamulher e Cabaçal. “Está presente para acompanhar o bailado dos quilombos, a dança das baianas, para tocar <i>salvas</i> nas rezas e acompanhar as procissões no meio rural e para os bailes onde não faltam, pois um baiano ou baião, ou uma polca tocada por ele, todos os presentes dançarão, daí seu apelido de ‘esquentamulé’...” “Outra função religiosa do terno de zabumba, além das <i>salvas</i>, é sair para pedir esmolas, acompanhando respeitosamente uma imagem de santo. Dentre eles o mais comum é o Santo Antônio Caminhante. Caminhante pelo fato de ser conduzido numa pequena caixa de madeira ou papelão para o peditório”. (Alceu Maynard Araújo e Aricó Júnior, <i>Cem Melodias Folclóricas</i>, “Documentário Musical Nordestino”, São Paulo, 1957.) (CASCUDO, 2000, p. 763)</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Zabumba (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Ibiá
Físico	Chapada	Ibiá
Humano	Fazenda	Ibiá

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	02
Acidente humano	01

Localização geográfica por Mesorregião	
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	03

FICHA 302

Zagaia	Nº total de ocorrências no Estado: 04
<p>ORIGEM: português < berbere</p> <p>ESTRUTURA MORFOLÓGICA: Nf [Ssing]</p> <p>INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:</p> <p>Dicionário etimológico da língua portuguesa: Azagaia: lança curta de arremesso. -aya, XIV. Do berbere <i>az-zagâya</i>. (CUNHA, 2010, p. 73)</p> <p>Dicionário atual da língua portuguesa: Azagaia: lança curta de arremesso. (FERREIRA, 2010, p. 84)</p> <p>Dicionários antigos da língua portuguesa: Zagaia: dardo de arremeço usado na Costa d’Africa. Ver Azagaia. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 539, Tomo 2) Azagaia: lança curta arrojadica ferrada com ossos de animaes, ou puas, de que usão os Cafres, e outros Barbaros. (BLUTEAU; SILVA, 1789, p. 154, Tomo 1)</p> <p>Dicionário da Terra e da gente do Brasil: [...] Chama-se <i>zagaia</i>, informa o com. Pereira da Cunha, em seu livro <i>Viagens e Caçadas em Mato Grosso</i>, pág. 31, “a uma lança cujo ferro, forte e afiado, regula ter perto de trinta centímetros de comprimento sobre oito na maior largura, e cujo cabo, de madeira de lei, bastante grosso, regula dar à lança um comprimento total de cerca de dois metros”. (SOUZA, 2004, p. 344)</p> <p>Arquivo Ernani Silva Bruno: "Valentes agressores da onça, procuram de princípio enfurecê-la, fazendo-lhe a flechadas ligeiros ferimentos: quando a fera irritada se atira, o Guató a espera de pé quedo e criva-lhe a '<u>zagaia</u>', lança curta armada de um osso de jacaré ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros." (1826)³²⁸</p>	

Quadro contexto: ocorrências toponímicas

Topônimo: Zagaia (03)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Delfinópolis
Físico	Chapadão	São Roque de Minas
Humano	Povoado	Serro

Topônimo: Zagainha (01)		
Tipo de Acidente	Acidente	Município
Físico	Córrego	Delfinópolis

³²⁸ Margens do Rio São Lourenço, Mato Grosso FLORENCE, Hercules. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* (1825-1829). São Paulo, EDUSP/ Cultrix, 1977. p. 117 Ficha: 9340. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://mcb.org.br)

Quadro quantificação

Acidente	
Acidente físico	03
Acidente humano	01
Localização geográfica por Mesorregião	
Metropolitana de Belo Horizonte	01
Oeste de Minas	01
Sul / Sudoeste de Minas	02

4.2 Campos lexicais: o vocabulário da cultura material em Minas Gerais

A classificação das lexias, segundo essa categoria, ocorreu por meio de cuidadosa análise dos dados, considerando os seus significados e interpretações correspondentes aos elementos da cultura material em Minas Gerais.

Constatamos, pois, seis macrocampos lexicais: macrocampo dos instrumentos; macrocampo das construções; macrocampo dos transportes; macrocampo do vestuário, calçados e acessórios de adorno, macrocampo dos produtos e macrocampo dos alimentos e bebidas. É pertinente explicitar que as lexias foram organizadas em seus respectivos microcampos lexicais respeitando a hierarquia do mais genérico para o mais específico, quando possível, além de outras relações que serão discutidas no último capítulo deste trabalho. Dessa forma, evidenciamos, a seguir, os seis macrocampos e seus microcampos lexicais:

1. MACROCAMPO LEXICAL DOS INSTRUMENTOS

Instrumento significa “objeto usado para realizar determinado trabalho.” e, por extensão, “qualquer objeto que contribui para a realização de uma ação física qualquer.” ou ainda, “qualquer objeto que se considera em função de sua utilidade; utensílio.” (AULETE DIGITAL)³²⁹. Considerando a diversidade de objetos que se enquadram nas definições apresentadas, este campo apresenta o maior número de lexias, referindo-se, portanto, aos instrumentos utilizados em diversas áreas. Neste macrocampo consideramos, inclusive, os aparelhos, começando pela lexia mais genérica, “máquina”, assim como os utensílios diversos. Sendo assim, os microcampos foram organizados segundo as especificidades: instrumentos de culinária; de artesanato; musicais; etc., assim como os móveis (em função de sua utilidade no lar). Integrar os móveis, enquanto objetos, dentro desta categoria, deu-se por tais lexias totalizarem pequeno número de ocorrências, impossibilitando a criação de um macrocampo separado. Desse modo, os microcampos que integram o macrocampo lexical dos instrumentos são evidenciados, a seguir:

1.1 Microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção: torna-se pertinente esclarecer que a necessidade de rotular os microcampos lexicais por meio de títulos para defini-los ocasionou a necessidade de generalização. Porém, tais

³²⁹ <https://aulete.com.br/instrumento>

“rótulos” não os limitam de forma estanque. Desse modo, é imprescindível explicitar que os instrumentos considerados neste grupo, apesar da generalização do título, poderiam variar segundo fatores diversos, apresentando estruturas e níveis de produção maiores ou menores de acordo com as condições geográficas e de investimento, assim como o destino comercial das produções. Optamos por defini-los como instrumentos de grande estrutura e produção ao compararmos, de forma geral, aos demais instrumentos que integram os outros microcampos considerados neste trabalho. São considerados engenhos, por exemplo, desde os menores, manuais e rústicos, conhecidos como “engenhocas”, como apresenta Godoy (2019, p. 385), até os maiores, inclusive, de ferro. Sendo assim, este grupo está dividido em subgrupos de acordo com a especificidade. Partindo do mais genérico, o primeiro subgrupo integra lexias como “máquina” e peças de máquinas como “bimbarra”. O segundo subgrupo reúne os instrumentos utilizados para a moagem como “engenho” e “moenda”, seguido pelo subgrupo do instrumento para destilar, “alambique”, e, por último, instrumentos para a produção de cal, tratando-se da “caieira”.

- 1.2 Microcampo dos instrumentos de cozinha:** este grupo integra lexias que correspondem aos instrumentos utilizados na cozinha para fins culinários em geral. São exemplos de lexias que pertencem a este grupo: “bule”, “coador” e “tacho”, assim como “forno” e “fornalha”.
- 1.3 Microcampo dos instrumentos de artesanão:** trata-se do microcampo que reúne instrumentos utilizados por trabalhos de artesanão, tais com carpinteiros, marceneiros, ferreiros, escultores, etc. “Martelo”, “esquadro” e “limatão”, são exemplos de lexias que pertencem a este grupo.
- 1.4 Microcampo dos instrumentos agrícolas:** neste microcampo estão presentes instrumentos utilizados no trabalho agrícola, como “arado”, “enxada” e “forquilha”.
- 1.5 Microcampo dos instrumentos de garimpo:** este grupo reúne instrumentos ligados à área de garimpo, como “bateia” e “carumbé”.
- 1.6 Microcampo dos instrumentos de corte:** trata-se do grupo dos instrumentos utilizados para cortar, desde o “canivete” até o “machado”.
- 1.7 Microcampo dos instrumentos para guardar e/ou transportar:** este microcampo está dividido em 3 grupos:
- 1.7.1 Malas, sacos ou bolsas:** como “baú” e “mochila”;

- 1.7.2 Transporte e/ou armazenamento de líquidos e outros:** como “pote”, “gamela” e “barril”;
- 1.7.3 Cestas:** como “balaio” e “canastra”;
- 1.7.4 Relacionados ao gado:** como “cangalha” e “cocho”.
- 1.8 Microcampo dos instrumentos de apoio:** estão inseridos neste microcampo lexias como “bengala”, “bordão” e “muleta”, tratando-se, pois, dos instrumentos que servem como apoio.
- 1.9 Microcampo dos instrumentos hidráulicos:** trata-se do microcampo que reúne os instrumentos com função hidráulica, como “bomba” e “esgoto”.
- 1.10 Microcampo dos instrumentos de iluminação:** trata-se do grupo que reúne os instrumentos utilizados para iluminar, em geral, como “luminárias”, “candeia” e “lâmparina”.
- 1.11 Microcampo dos instrumentos náuticos:** neste microcampo estão presentes os instrumentos utilizados em área náutica como “âncora” e “bolina”.
- 1.12 Microcampo dos instrumentos de caça:** neste microcampo estão inseridos instrumentos como “arapuca” e “laço”. Todas as lexias deste grupo referem-se às armadilhas utilizadas para caçar animais.
- 1.13 Microcampo dos instrumentos de pesca:** lexias como “anzol” e “pari” integram este grupo de instrumentos utilizados na pescaria.
- 1.14 Microcampo dos instrumentos de montaria/cavalgadura:** trata-se do microcampo que reúne os instrumentos utilizados para montar/cavalgar, em geral, tais como “sela”, “espora” e “ferradura”.
- 1.15 Microcampo dos instrumentos para puxar/suspender e/ou prender/atar:** neste microcampo estão inseridos instrumentos utilizados para puxar ou suspender como “gancho” e prender ou atar, como “correia”.
- 1.16 Microcampo dos instrumentos para abrir e fechar ou lacrar:** neste grupo estão presentes instrumentos utilizados para abrir e fechar como “chave” e “fechadura” e para lacrar como “cadeado” e “bucha”.
- 1.17 Microcampo dos instrumentos de guerra:** inserem-se neste microcampo instrumentos utilizados em guerra. Trata-se, pois, das armas, em geral, tal como “flecha” e “pistola”, assim como os instrumentos utilizados em armas como “seta” (utilizada em flechas) e “balas” (utilizadas em armas de fogo). Há ainda a máquina de guerra “aríete”.

- 1.18 Microcampo dos instrumentos de proteção:** este grupo integra os instrumentos utilizados para a proteção, em geral, como “escudo”, e proteção específica, como “capacete”.
- 1.19 Microcampo dos instrumentos de castigo ou execução:** este microcampo corresponde às lexias de castigo, “chibata” e “palmatória”, e de execução, “forca” e “garrote”, instrumentos utilizados para estrangular.
- 1.20 Microcampo dos instrumentos honoríficos e/ou religiosos:** neste grupo estão presentes os instrumentos honoríficos como “medalha” e/ou religiosos como “sino” e “talismã”.
- 1.21 Microcampo dos instrumentos de medida:** este microcampo reúne os instrumentos utilizados para medir, em geral, como “balança” – para medir a massa ou o peso dos corpos; “relógio” – para medir intervalos de tempo; e “sonda” – para medir a profundidade das águas.
- 1.22 Microcampo dos instrumentos monetários:** microcampo das moedas, em geral: “moeda”, “pataca” e “vintém”.
- 1.23 Microcampo dos instrumentos sinalizadores ou utilizados para marcar/documentar:** neste grupo estão inseridas as lexias utilizadas para sinalizar um limite, “baliza” e “marco da légua”, e para marcar/documentar, “carimbo”.
- 1.24 Microcampo dos instrumentos musicais:** neste microcampo estão inseridos os instrumentos musicais como “tambor”, “piano” e “gaita”.
- 1.25 Microcampo dos instrumentos ópticos:** microcampo específico dos instrumentos ópticos: “óculo” e “óculos”.
- 1.26 Microcampo dos instrumentos para fumar:** microcampo específico dos instrumentos para fumar: “pito” e “cachimbo”.
- 1.27 Microcampo dos instrumentos lúdicos:** neste grupo estão presentes estão presentes lexias que pertencem ao universo da cultura material lúdica, considerando os jogos (“bingo”, “xadrez”), e peça utilizada em jogos (“dadinho”).
- 1.28 Microcampo dos instrumentos do lar (móveis):** este grupo corresponde aos instrumentos destinados ao uso de uma habitação, como “armário”, “poltrona”, “tapete” e “esteira”.

As lexias que integram o macrocampo dos instrumentos são apresentadas, a seguir:

MACROCAMPO LEXICAL DOS INSTRUMENTOS

Microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção

Instrumentos e peças de instrumentos de produção em geral:

Máquina • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Aparelho para comunicar movimento, ou para aproveitar, pôr em ação ou transformar, energia ou agente natural. • 05 ocorrências.

Bimbarra • Nf [Ssing] • português < onomatopaica • Espécie de alavanca grande destinada a imprimir movimento a algum objeto. • 01 ocorrência.

Bimbarrinha • Nf [Ssing + Dim] • português < onomatopaica • Diminutivo de bimbarra. • 01 ocorrência. Ver: *Bimbarra*.

Roda • Nf [Ssing] • português < latim • Peça ou máquina simples, de formato circular, que se movimenta ao redor de um eixo ou de seu centro, e que serve para inúmeros fins mecânicos. • 07 ocorrências.

Figura 5 - Roda d'água (século XVIII/XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 200)

Roda de Manoel Reis • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Roda*.

Roda de Oswaldo • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Roda*.

Rodão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Roda*.

Instrumentos para moer

Engenho³⁸⁰ • Nm [Ssing] • português < latim • Máquina ou aparelho destinado à cultura da cana e à sua moagem para a fabricação do açúcar, distinguindo-se várias espécies, segundo a força motriz, como sejam – engenho d'água, engenho de boi, engenho de cavalo, engenho de bestas, engenho de máquina ou a vapor. • 186 ocorrências.

Engenho d'Água ~ Engenho d'água ~ Engenho D'água • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho d'Água de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + Ssing} + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Bilha • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim + português < francês • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Boa Vista • NCm [Ssing + {Prep + Asing + ADJsing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Cana-Brava • NCm [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + ADJsing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Cota • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Glória • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho da Raquel • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Antrop}] • português < latim + Antrop • 02 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho da Serra • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 33 ocorrências. Ver: *Engenho*.

³⁸⁰ Apresentamos, como exemplo, antigo engenho, desativado, no interior de Minas Gerais: disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04jkexqEAvI> Acesso em novembro de 2022.

Engenho de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 06 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho de Belarmino Gomes • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho de Gilson Mendes • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho de José A. de Mendes • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho de José Gabriel • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho do Venâncio • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Fernandes • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Nogueira • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Nossa Senhora Aparecida • NCm [Ssing + Hiero}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Novo • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 12 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho Pobre • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho Podre • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Seco • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 28 ocorrências. Ver: *Engenho*.

Engenho, de Eli Aucides • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho, de José Louriano • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*.

Engenho, de José Luis • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Engenho*

Trapiche • Nm [Ssing] • português < castelhano • Originalmente engenho de açúcar movimentado por animais. • 01 ocorrência.

Gangorra • Nf [Ssing] • português < origem obscura • Tipo primitivo de engenho ou monjolo.³³¹ • 30 ocorrências.

Gangorra Seca • NCf [Ssing + ADJsing] • português < origem obscura + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Gangorra*.

Gangorras • Nf [Spl] • português < origem obscura • 03 ocorrências. Ver: *Gangorra*.

Gangorrinha • Nf [Ssing + Dim] • português < origem obscura + sufixo português • Diminutivo de gangorra. • 15 ocorrências. Ver: *Gangorra*.

Moinho • Nm [Ssing] • português < latim • Engenho para moer cereais, composto de 2 mós sobrepostas e giratórias; máquina para triturar qualquer coisa; moenda. • 96 ocorrências.

Moinho de Esteira • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

Moinho de Olício • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

Moinho de Palha • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

Moinho de Pedrinho Ribeiro • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

Moinho de Vento • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Moinho*.

Moinho do Messias • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

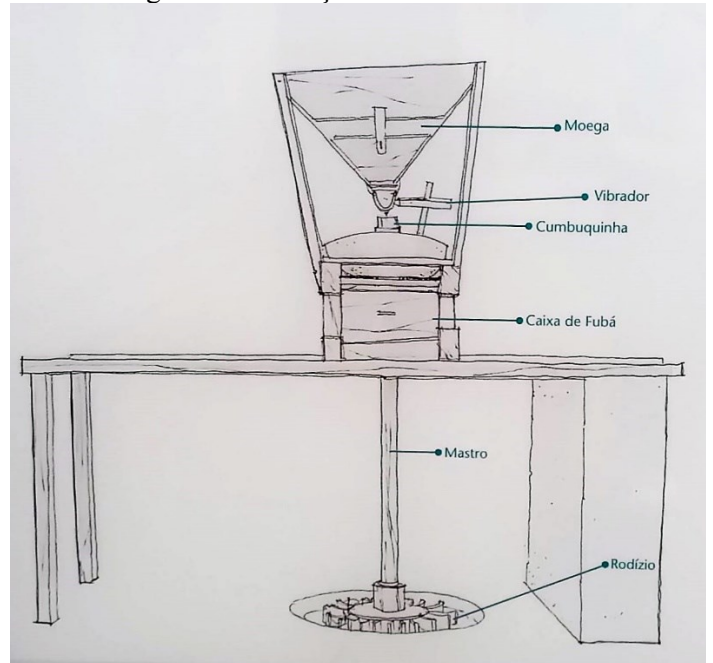
³³¹ Por meio da autorização do autor, apresentamos o vídeo que evidencia um monjolo de madeira, conhecido como gangorra d'água, no interior de Minas Gerais, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ZWDMcR34-k> Acesso em novembro de 2022.

Figura 6– Moinho de fubá



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
(registro feito pela autora, 2022)

Figura 7– Descrição do moinho de fubá



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
(registro feito pela autora, 2022)

Moinho Grande ~ Muinho Grande • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Moinho*.

Moinho Seco • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Moinho*.

Moinho Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 10 ocorrências. Ver: *Moinho*.

Moinhos • Nm [Spl] • português < latim • 07 ocorrências. Ver: *Moinho*.

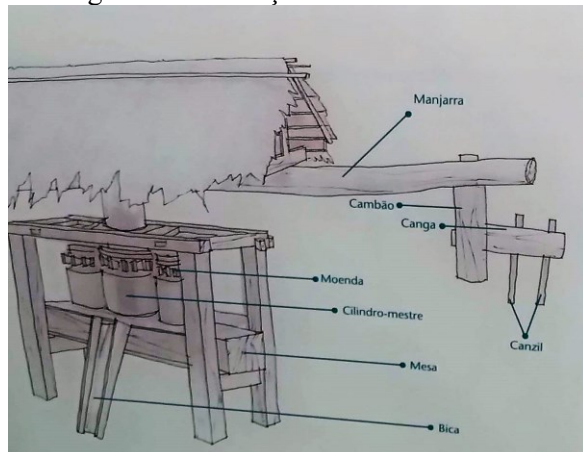
Moenda • Nf [Ssing] • português < latim • Aparelho ou equipamento usado para moer; moinho. • 11 ocorrências.

Figura 8 – Moenda de cana



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte 2 (2019, p. 187)

Figura 9 – Descrição da moenda de cana



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
(registro feito pela autora, 2022)

Moendas • Nf [Spl] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Moenda*.

Monjolo • Nm [Ssing] • africano < banto • Engenho tosco, movido a água, para pilar milho e, primitivamente, para descascar café. • 66 ocorrências.

Figura 10 - Monjolo (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Monjolão • Nm [Ssing + Aum] • Híbrido (africano < banto + sufixo português) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolinho • Nm [Ssing + Dim] • Híbrido (africano < banto + sufixo português) • Diminutivo de Monjolo. • 63 ocorrências. Ver: *Monjolo*.

Monjolinho dos Lopes • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Apl + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + sufixo português) + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolinho dos Teixeira • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Apl + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + sufixo português) + Antrop. • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolinho, de João Mizael • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + sufixo português) + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolo de Manuel P. da Costa • NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Asing + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolo Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • Híbrido (africano < banto + português < latim) • 05 ocorrências. Ver: *Monjolo*.

Monjolo Velho, de Balbina Antônio da Silva • NCm [Ssing + ADJsing + {Prep + Antrop + Prep + Asing + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + português < latim) + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolo, de Guilhermino da Costa • NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Asing + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolo, de Valdir b. dos Santos • NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Apl + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolo, de Vicente L. de Camargo • NCm [Ssing + {Prep + Antrop + Prep + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Monjolos • Nm [Spl] • africano < banto • 14 ocorrências. Ver: *Monjolo*.

Monjolos, de Darci Quirino • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • Híbrido (africano < banto + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Monjolo*.

Pilão • Nm [Ssing] • português < francês • Utensílio para socar, triturar, amassar. • 18 ocorrências.

Pilão da Serra • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < francês + português < latim • 18 ocorrências. • 01 ocorrência. Ver: *Pilão*.

Pilão de Pedra • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Pilão*.

Pilão Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Pilão*.

Pilões • Nm [Spl] • português < francês • 21 ocorrências. Ver: *Pilão*.

Pilãozinho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês + sufixo português • Diminutivo de pilão. • 07 ocorrências. Ver: *Pilão*.

Pilões de Jerônimo Franco • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • português < francês + Antrop • 02 ocorrências. Ver: *Pilão*.

Pilões de José S. Pereira • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • português < francês + Antrop • 02 ocorrências. Ver: *Pilão*.

Figura 11 - Alambique (século XVIII/XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 246)

Pilões Grandes • NCm [Spl + ADJpl] • português < francês • 01 ocorrência. Ver: *Pilão*.

Instrumento para destilar

Alambique Nm [Ssing] • português < árabe < grego • Aparelho para destilação. • 03 ocorrências.

Instrumento para a produção de cal

Caieira • Nf [Ssing] • português < latim • Forno onde se faz a cal. • 10 ocorrências

Caieiras • Nf [Spl] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Caieira*.

Caieira Granel • NCf [Ssing + Ssing] • português < latim + português < catalão < latim • 01 ocorrência. Ver: *Caieira*.

Microcampo dos instrumentos de cozinha

Coador • Nm [Ssing] • português < latim • Saco, ou vaso com crivo, por onde passa a parte mais fina, ou a líquida, de certas substâncias. • 05 ocorrências.

Coador, de Agmar Pinto • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Coador*.

Coador, de Agmar Pinto • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Coador*.

Coador, de Osvaldo Arruda • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Coador*.



Figura 13 – Bule

Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 2 (2019, p. 285)

Figura 12 - Tacho (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 2 (2019, p. 214)

Bule • Nm [Ssing] • português < malaio • Recipiente com tampa, asa e bico em que se serve chá, café, etc. • 01 ocorrência.

Tacho • Nm [Ssing] • português < origem obscura • Panela grande e redonda, larga e de pouca fundura, com alças, usada geralmente para cozinhar maior quantidade de comida. • 05 ocorrências.

Frigorífico • Nm [Ssing] • português < francês • Aparelho para conservar e/ou congelar alimentos. • 01 ocorrência.

Forno • Nm [Ssing] • português < latim • Recipiente para cozer alimentos. • 08 ocorrências.

Forno de Bolo • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Forno*.

Forno Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Forno*.

Figura 14 – Tipiti (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
(registro feito pela autora, 2022)

Fornalha • Nf [Ssing] • português < latim • Forno grande; parte do forno, da máquina ou do fogão, onde se queima o combustível; forno. • 04 ocorrências. Ver: *Forno*.

Chaminé • Nm [Ssing] • português < francês < latim < grego • Tubo que comunica a fornalha com o exterior e serve para dar tiragem ao ar e aos produtos de combustão. • 01 ocorrência.

Moquém ~ Munquém ~ Muquém • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Grelha de varas para assar ou secar carne ou peixe. • *Moquém* 55 ocorrências; *Munquém* 03 ocorrências; *Muquém* 02 ocorrências.

Moquém Grande • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (indígena < tupi + português < latim) • 01 ocorrência. Ver: *Moquém*.

Espeto • Nm [Ssing] • português < gótico • Utensílio de ferro ou de pau, com que se assa carne ou peixe. • 01 ocorrência.

Peneiras • Nf [Spl] • português < latim • Objeto formado por fios entrelaçados, de tela etc., e usado para separar substâncias reduzidas a fragmentos, retendo as mais grossas. • 03 ocorrências.

Urupemba • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Urupemba é o mesmo que Urupema: espécie de peneira grossa feita de taquara ou de cana brava. • 01 ocorrência.

Tipiti • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Cesto cilíndrico onde se põe a massa de mandioca que se vai espremer. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos de artesanão

Martelo • Nm [Ssing] • português < latim • Instrumento destinado a bater, quebrar e cravar. • 05 ocorrências.

Martelo de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Martelo*.

Maço • Nm [Ssing] • português < latim • Ferramenta de pau, espécie de martelo, usado por marceneiros, escultores etc. • 02 ocorrências.

Bolandeira • Nf [Ssing] • português < origem incerta (talvez castelhano) • Descaroador de algodão. • 01 ocorrência.

Espadilha • Nf [Ssing] • português < castelhano • Instrumento de madeira com orifícios, usado pelos tecelões. • 07 ocorrências.

Figura 15 - Espadilhas (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Figura 16 - Esquadros (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
(registro feito pela autora, 2022)

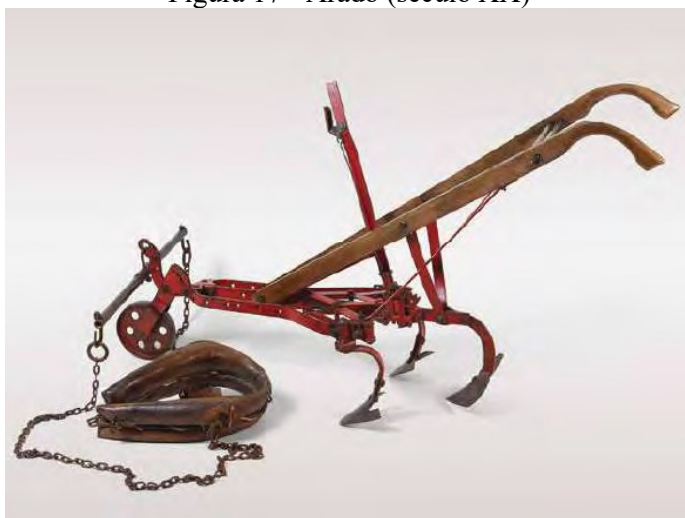
Espadilha do Córrego •
NCf [Ssing + {Prep + Asing +
Ssing}] • português <
castelhano + português < latim
• 01 ocorrência. Ver:
Espadilha.

Esquadro • Nm [Ssing] •
português < italiano •
Instrumento para desenhar,
formar ou medir ângulos e tirar
linhas perpendiculares. • 01
ocorrência.

Limatão • Nm [Ssing] • português < castelhano • Lima comprida e muito larga, com seção quadrada ou redonda, usado por ferreiros e outros artífices. • 03 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos agrícolas

Figura 17 - Arado (século XX)

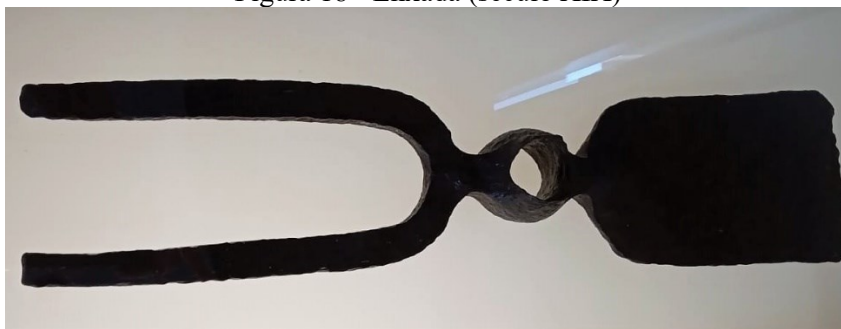


Arado • Nm [Ssing] •
português < latim • Instrumento
agrícola para lavrar a terra. • 01
ocorrência.

Enxada • Nf [Ssing] •
português < latim • Instrumento
de capinar ou revolver a terra. •
02 ocorrências.

Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 191)

Figura 18 - Enxada (século XIX)



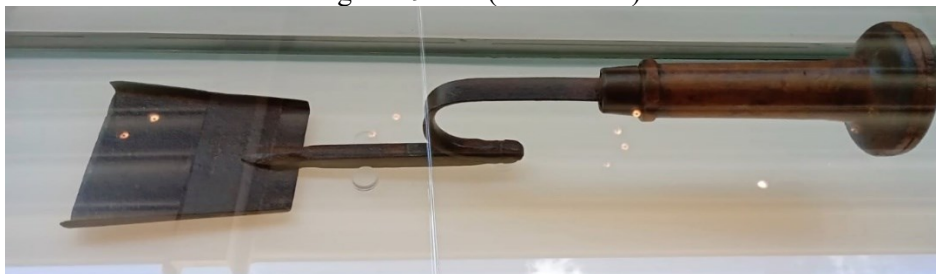
Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Enxadão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Enxada*.

Enxadinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Enxada*.

Pá Quebrada • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • Pá: instrumento largo e chato, de madeira, ferro etc., com rebordos laterais e provido de um cabo, usado para cavar o solo. • 01 ocorrência.

Figura 19 - Pá (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Pá Rajada • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim + português < castelhano • 01 ocorrência. Ver: *Pá Quebrada*.

Forquilha • Nf [Ssing] • português < castelhano • Peça de pau que se abre em dois ramos assumindo a forma da letra Y; forçado de três pontas agudas com que se remexe a palha e o mato em estabelecimentos agrícolas. • 120 ocorrências.

Forquilha de Baixo • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < castelhano + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Forquilha*.

Forquilha de Cima • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < castelhano + português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Forquilha*.

Forquilha, de João Machado • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Forquilha*.

Forquilha, de José Pimentel dos Santos • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Apl + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 02 ocorrências. Ver: *Forquilha*.

Forquilha Grande • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < castelhano + português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Forquilha*.

Forquilhas • Nf [Spl] • português < castelhano • 01 ocorrência. Ver: *Forquilha*.

Microcampo dos instrumentos de garimpo

Figura 20 – Bateias (século XVIII/XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 224)

Bateia • Nf [Ssing] • português < castelhano • Gamela de madeira usada no garimpo. • 12 ocorrências.

Bateias • Nf [Spl] • português < castelhano • 07 ocorrências. Ver: *Bateia*.

Bateinha • Nf [Ssing + Dim] • português < castelhano + sufixo português • Diminutivo de bateia. • 01 ocorrência. Ver: *Bateia*.

Bateinha de Cima • Ncf [{Ssing + Dim} + {Prep + ADV}] • português < castelhano + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Bateia*.

Carumbé • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Espécie de vasilha para o transporte de minérios. • 04 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos de corte

Figura 21 – Canivete (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 118)

Canivete • Nm [Ssing] • português < catalão < frâncico • Pequena faca de lâmina movediça e que fecha sobre o cabo. • 07 ocorrências.

Quicés • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Faca pequena e velha, geralmente sem gume ou sem cabo. • 01 ocorrência.

Navalha • Nf [Ssing] • português < latim • Instrumento cortante usado para fazer a barba. • 02 ocorrências.

Tesoura • Nf [Ssing] • português < latim • Instrumento cortante, constituído por 2 lâminas reunidas por 1 eixo, sobre o qual se movem. • 07 ocorrências.

Foice • Nf [Ssing] • português < latim • Instrumento curto para ceifar. • 03 ocorrências.

Machado • Nm [Ssing] • português < latim • Instrumento cortante encabado, para rachar lenha, etc. • 64 ocorrências.

Machadão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de machado. • 02 ocorrências. Ver: *Machado*.

Machadinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Machado*.

Figura 22 – Machadinhas (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 304)

Machadinho • Nm [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de machado. • 27 ocorrências. Ver: *Machado*.

Machadinho do Campo • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Machado*.

Machadinho Grande • NCm [{Ssing + Dim} + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Machado*.

Machadinho, de Osvaldir de P. Assis • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machado de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machado de Perdões • NCm [Ssing + {Prep + Spl}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machados • Nm [Spl] • português < latim • 33 ocorrências. Ver: *Machado*.

Machados de Jeni Cardoso • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machados de Maria • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machados de Maria Jacinto • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • • 01 ocorrência. Ver: *Machado*.

Machados, de Antônio Firmino Soares • NCm [Spl + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Machado*

Microcampo dos instrumentos para guardar e/ou transportar

Malas; sacos; bolsas e padiola:

Bagagem • Nf [Ssing] • português < francês • Conjunto de objetos pessoais que os viajantes conduzem em malas, caixas, etc. • 22 ocorrências.

Bagagem da Pratinha • Ncf [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + Dim}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Bagagem*.

Bagagem de Baixo • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < francês + português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Bagagem*.

Bagagem de Cima • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < francês + português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Bagagem*.

Bagaginha, de Maria Gomes Pereira • Ncf [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • [português < francês + sufixo português] + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Bagagem*.

Bagaginho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês + sufixo português • 02 ocorrências. Ver: *Bagagem*.

Baú • Nm [Ssing] • português < francês < obscura • Tipo de caixa ou mala, com tampa convexa na parte externa. • 98 ocorrências.

Figura 23 – Baú-cofre forte (século XVIII/XIX): baú utilizado no transporte de mercadorias de grande valor, como metais e pedras preciosas, moedas ou barra de ouro, provavelmente de uso oficial.



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Baú de Água Santa • NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Baú*.

Baú de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < francês + português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Baú*.

Baú de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < francês + português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Baú*.

Baú Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < francês + português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Baú*.

Figura 24 – Maleta (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte 1 (2019, p. 138)

Baús • Nm [Spl] • português < francês • 08 ocorrências. Ver: *Baú*.

Baús de Pontal • NCm [Spl + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Baú*.

Bauzinho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês + sufixo português • Diminutivo de báu. • 10 ocorrências. Ver: *Baú*.

Bauzinhos • Nm [Spl + Dim] • português < francês + sufixo português • 01 ocorrência. Ver: *Baú*.

Maleta • Nf [Ssing] • português < francês • Pequena mala; malote. • 01 ocorrência.

Alforje • Nm [Ssing] • português < árabe • Duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais. • 01 ocorrência.

Alforjes • Nm [Spl] • português < árabe • 01 ocorrência. Ver: *Alforje*.

Mochila • Nf [Ssing] • português < castelhano • Saco onde soldados, excursionistas, alunos etc., levam às costas objetos de uso. • 01 ocorrência.

Figura 25 – Alforje (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 78)

Surrão • Nm [Ssing] • português < árabe ou vasco • Bolsa ou saco de couro, usado sobretudo para farnel de pastores. • 01 ocorrência.

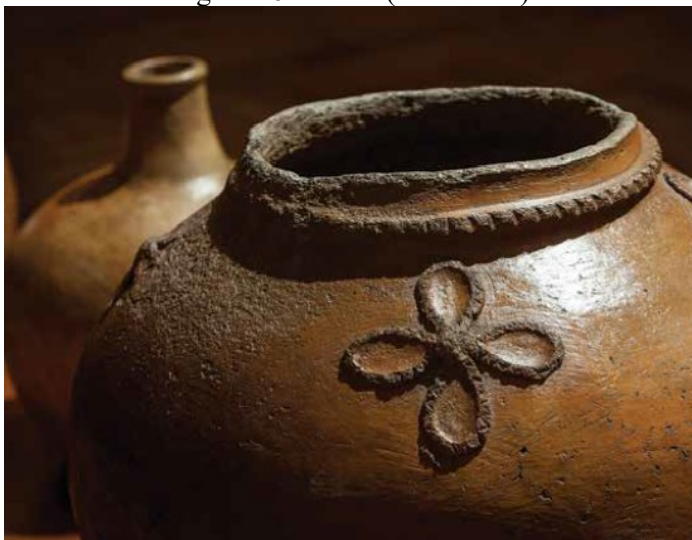
Surrão de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < árabe ou vasco + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Surrão*.

Surrão de Saco • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < árabe ou vasco + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Surrão*.

Banguê ~ Bangüê • Nm [Ssing] • africano < banto • Padiola feita de cipós entrelaçados, que era usada para transportar cadáveres de escravos; espécie de liteira usada no campo, para transportar crianças, enfermos e mortos, serve também para carregar a bagaceira da moenda e materiais de construção para o canteiro de obra. • *Banguê* 02 ocorrências; *Bangüê* 03 ocorrências.

Transporte e/ou armazenamento de líquidos e outros:

Figura 26 – Potes (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 275)

Pote • Nm [Ssing] • português < francês • Grande vaso de barro para líquido, cântaro, panela. • 02 ocorrências.

Pote de São Lourenço • NCm [Ssing + {Prep + ADJsing + Antrop}] • português < francês • 01 ocorrência. Ver: *Pote*.

Potes • Nm [Spl] • português < francês • 02 ocorrências. Ver: *Pote*.

Potezinho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês • Diminutivo de pote. • 01 ocorrência. Ver: *Pote*.

Figura 27 – Gamela (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 226)

Gamela • Nf [sing] • português < latim • Vasilha de madeira ou de barro. • 21 ocorrências.

Gamelão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • 14 ocorrências. Ver: *Gamela*.

Gamelão de Joventina Maria • NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 02 ocorrências. Ver: *Gamela*.

Gamelão dos Campos • NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Apl + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Gamela*.

Gamelão, de Bruno Alves • NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Gamela*.

Gamelão, de José Xavier • NCm [{Ssing + Aum} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Gamela*.

Gamelão, de Oswaldo R. Maia • NCm [{{Ssing + Aum}} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Gamela*.

Gamelão, de Pimas Sales • NCm [{{Ssing + Aum}} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência.

Gamelas • Nf [Spl] • português < latim • 11 ocorrências. Ver: *Gamela*.

Gamelinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Gamela*.

Caixa • Nf [Ssing] • português < latim • Recipiente de madeira, papelão ou outro material, com faces geralmente retangulares ou quadradas, como uma arca, um estojo etc. • 01 ocorrência.

Caixinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Caixa*.

Caixeta • Nf [Ssing] • português < latim • Caixa pequena. • 03 ocorrências. Ver: *Caixa*.

Caixão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Caixa grande; caixa para depositar os corpos dos mortos. • 10 ocorrências. Ver: *Caixa*.

Caixão do Choro • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Caixa*.

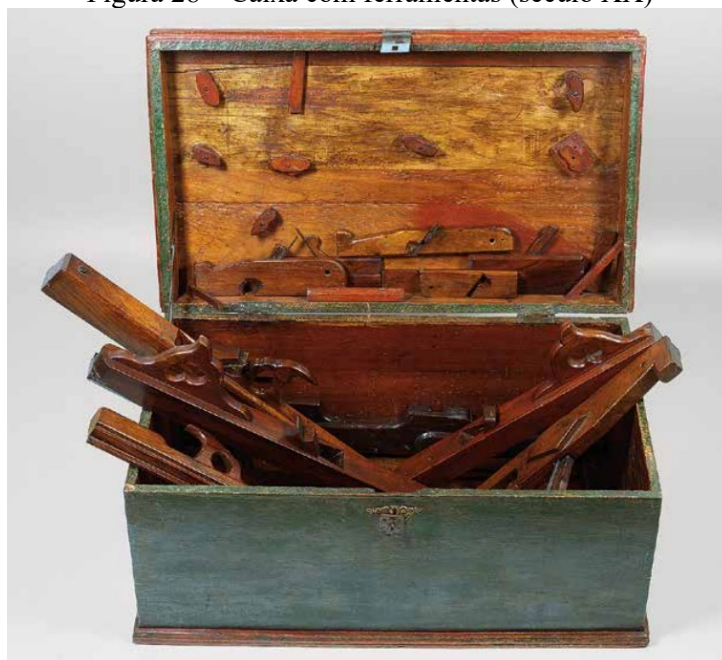
Caixão Velho • NCf [Ssing + ADJsin] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Caixa*.

Caixa Larga • NCf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Caixa*.

Caixa Larga de Baixo • NCf [Ssing + ADJsing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Caixa*.

Caixa-d'água • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • Reservatório de água. • 17 ocorrências. Ver: *Caixa*.

Figura 28 – Caixa com ferramentas (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 166)

Figura 30 – Barril (século XX): recipiente para armazenar bebidas, também conhecidos como “tonel” ou “pipa”



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Cabaça • Nf [Ssing] • português < árabe.
• Recipiente para líquido obtido por meio do fruto da abóboreira-cabaceira. • 03 ocorrências.

Figura 31 – Cabaça d’água (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 1 (2019, p. 51)

Barril • Nm [Ssing] • português < provençal
• Tonel de madeira, bojudo, feito de aduelas, usado, geralmente, para conservar ou transportar líquidos. • 01 ocorrência.

Garrafa • Nf [Ssing] • português < árabe • Vaso ordinariamente de vidro, com gargalo estreito e destinado a conter líquido. • 02 ocorrências.

Garrafão • Nm [Ssing + Aum] • português < árabe • Aumentativo de garrafa. • 05 ocorrências. Ver: *Garrafa*.

Figura 29 – Garrafões (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 1 (2019, p. 48)

Cumbuca • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Vaso para líquidos, feito de cabaça, com abertura circular em cima. • 03 ocorrências

Cumbucão • Nm [Ssing + Aum] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português) • Aumentativo de cumbuca. • 01 ocorrência. Ver: *Cumbuca*.

Pipa • Nf [Ssing] • português < latim • Vasilha bojuda, de madeira, para vinho e outros líquidos. • 03 ocorrências.

Caçamba • Nf [Ssing] • africano < banto • Balde preso numa corda para tirar água dos poços; qualquer balde. • 01 ocorrência.

Cestos:

Balaio • Nm [Ssing] • português < francês • Tipo de cesto de palha. • 05 ocorrências.

Balaios • Nm [Spl] • português < francês • 02 ocorrências. Ver: *Balaio*.

Figura 32 – Canastra (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 82)

Canastra • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Variedade de cesta quadrangular entretecida com ripas flexíveis de madeira; larga e pouco alta, pode ter tampa ou não, ou caixa ou maleta revestida de couro na qual se guardam roupas e pequenos objetos. • 13 ocorrências.

Canastrão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Canastra grande. • 01 ocorrência. Ver: *Canastra*.

Canastrinha do meio • NCf [{Ssing + Dim} + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Canastra*.

Picuá • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Cesto, balaio, utilizado nas roças brasileiras, como forma de transportar alimentos ou mantimentos em viagens realizadas pelos caminhos ou trilhas, que podiam ser a pé, a cavalo, ou carro de boi. • 02 ocorrências.

Quinda • Nf [Ssing] • africano < banto • Espécie de cesto ou cabaz cilíndrico sem tampa. (É feito da casca de certas árvores.) • 01 ocorrência.

Quitungo • Nm [Ssing] • africano < banto • Espécie de cesta com tampa. • 01 ocorrência.

Samburá • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Cesto bojudo e de boca estreita, usado pelos pescadores; cofo. • 04 ocorrências.

Relacionados ao gado:

Cangalha • Nf [Ssing] • português < origem controversa • Armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas, metade para cada lado. • 09 ocorrências.

Cangalha de Cima • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < origem controversa + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cangalha*.

Jacá • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Cesto feito de taquara para conduzir carga às costas de animais. • 04 ocorrências.

Bruaca • Nf [Ssing] • português < castelhano • Saco ou mala para transporte de objetos e mercadorias sobre bestas destinada principalmente à condução do sal e gêneros alimentícios • 02 ocorrências.

Cocho • Nm [Ssing] • português < origem controvertida • Tipo de vasilha para uso do gado. • 07 ocorrências.

Cocho d'água ~ Cocho-d'água ~ Cocho D'água • Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < origem controvertida + português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Cocho*.

Figura 34 – Cangalha (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 76)

Figura 33 – Bruacas (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 80)

Cochos • Nm [Spl] • português < origem controvertida • 07 ocorrências. Ver: *Cocho*.

Cocha • Nf [Ssing] • português < origem controvertida • Vaso ou gamela, o mesmo que cocho. • 01 ocorrência. Ver: *Cocho*.

Microcampo dos instrumentos de apoio

Bengala • Nf [Ssing] • português < origem toponímica • Bastão de madeira, de junco etc. • 01 ocorrência.

Bordão • Nm [Ssing] • português < origem controvertida • Bastão de arrimo; cajado, vara. • 01 ocorrência.

Bordões • Nm [Spl] • português < origem controvertida • 03 ocorrências. Ver: *Bordão*.

Muleta • Nf [Ssing] • português < castelhano • Bastão de braço curvo, ao qual se apoiam os coxos. • 04 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos hidráulicos

Bomba • Nf [Ssing] • português < italiano < latim < grego • Máquina para movimentar fluido, gases ou líquidos, geralmente ao longo de tubulações. • 13 ocorrências.

Bomba D'água • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < italiano + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Bomba*.

Bomba Seca • NCf [Ssing + ADJsing] • português < italiano + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Bomba*.

Bombas • Nf [Spl] • português < italiano • 03 ocorrências. Ver: *Bomba*.

Esgoto • Nm [Ssing] • português < latim • Cano ou orifício para dar vazão a qualquer líquido; escoadouro para águas servidas e dejetos de conjuntos habitacionais. • 03 ocorrências.

Esgotão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de esgoto. • 02 ocorrências. Ver: *Esgoto*.

Microcampo dos instrumentos de iluminação

Luminárias • Nf [Spl] • português < latim • Qualquer objeto destinado a iluminar. • 02 ocorrências.

Candeia • Nf [Ssing] • português < latim • Pequeno aparelho de iluminação abastecido com óleo. • 03 ocorrências.

Candeias • Nf [Spl] • português < latim • 14 ocorrências. Ver: *Candeia*.

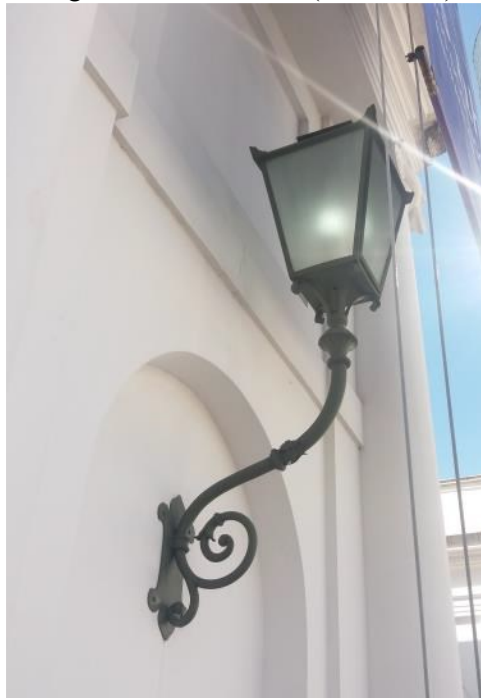
Lamparina • Nf [Ssing] • português < castelhano • Utensílio composto de recipiente com querosene ou óleo, e um pavio que, ao ser aceso, produz pequena chama que ilumina. • 02 ocorrências.

Figura 36 – Lamparina (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Figura 35 - Luminária (século XX)



Acervo do Museu da Casa Brasileira
Legado de Alfredo Mesquita

Farol Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < castelhano + português < latim • Lanterna; candeeiro. • 01 ocorrência.

Almenara • Nf [Ssing] • português < árabe • Facho ou farol que outrora se acendia nas torres ou castelos para dar sinal ao longe. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos náuticos

Âncora • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Peça pesada de ferro, de formato especial, presa a cordas ou correstes, e que, lançada à água, impede que a embarcação se desloque. • 01 ocorrência.

Bolina • Nf [Ssing] • português < francês < inglês • Cada um dos cabos que puxavam para vante a testa de barlavento das velas, a fim de que o vento fosse melhor aproveitado na navegação à bolina. • 01 ocorrência.

Gávea • Nf [Ssing] • português < latim • Espécie de tabuleiro ou plataforma, a certa altura de um mastro. • 01 ocorrência.

Toa • Nf [Ssing] • português < latim • Corda com que uma embarcação reboca a outra. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos de caça

Arapuca • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Armadilha para apanhar pássaros. • 01 ocorrência.

Urupuca • Nf [Ssing] • indígena < tupi • O mesmo que arapuca. • 08 ocorrências. Ver: *Arapuca*.

Urupuquinha • Nf [Ssing + Dim] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português) • Diminutivo de urupuca, o mesmo que arapuca. • 01 ocorrência. Ver: *Urupuca* e *Arapuca*.

Arataca • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Armadilha para apanhar animais silvestres. • 12 ocorrências.

Laço • Nm [Ssing] • português < latim • Nó que desata facilmente, armadilha de caça. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos de pesca

Anzol • Nm [Ssing] • português < latim • Pequeno gancho para pescar. • 01 ocorrência.

Anzóis • Nm [Spl] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Anzol*.

Jequi • Nm [Sing] • indígena < tupi • Rede de malhas utilizadas em pescaria; cesto para pesca, longo e afunilado. • 03 ocorrências.

Pari • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Barragem de madeira, espécie de armadilha para apanhar peixe. • 12 ocorrências.

Pari Novo • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (indígena < tupi + português < latim) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Pari Vermelho • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (indígena < tupi + português < latim) • 02 ocorrências. Ver: *Pari*.

Parizinho • Nm [Ssing + Dim] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português) • 05 ocorrências. Ver: *Pari*.

Parizinho de Baixo, de Pedro Esteves • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Sing} + {Prep + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português + Antrop.) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Parizinho, de João L. da Silva • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop} + {Prep + Asing + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português + Antrop.) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Parizinho, de José Aleixo • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português + Antrop.) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Parizinho, de José V. de Castro • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português + Antrop.) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Parizinho, de Vicente P. Duarte • NCm [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + sufixo português + Antrop.) • 01 ocorrência. Ver: *Pari*.

Microcampo dos instrumentos de montaria/cavalgadura

Sela • Nf [Ssing] • português < latim • Uma das peças integrantes do conjunto de arreios para equitação, sobre a qual assenta o cavaleiro. • 05 ocorrências.

Sela Funda • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Sela*.

Sela Grande • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Sela*.

Selão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Sela*.

Figura 37 – Sela (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 64)

Figura 38 – Par de esporas (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte (2019, p. 74)

Espora • Nf [Ssing] • português < gótico
• Instrumento de metal que se põe no
tacão do calçado para incitar o animal que
se monta. • 01 ocorrência.

Ferradura • Nf [Ssing] • português <
latim • Peça de ferro que se aplica na parte
inferior da pata de uma cavalgadura. • 07
ocorrências.

Estribeira • Nf [Ssing] • português <
francês • Estribo de montar à gineta. • 01
ocorrência. Ver: *Estribo*.

Estribo Boiadeira • NCm [Ssing + Ssing] • português < francês + português < latim • Peça
presa ao loro, de cada lado da sela, e na qual o cavaleiro firma o pé. • 01 ocorrência.

Figura 39 – Par de estribos (século XVIII/XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte 1 (2019, p. 72)

Figura 40 – Estribo (século XVIII/XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte 1 (2019, p. 73)

Freio • Nm [Ssing] • português < latim • Peça de metal que passa pela boca da cavalgadura,
presa às rédeas, e serve para guiá-la; trava, travão. • 01 ocorrência.

Gamarra • Nf [Ssing] • português < italiano • Correia que se ata da cilha ao bocal ou cabeção
da cavalgadura para que esta não levante muito a cabeça. • 03 ocorrências.

Rabicho • Nm [Ssing] • português < latim • Correia dos arreios da cavalgadura; retranca. • 05
ocorrências.

Microcampo dos instrumentos para puxar/suspender e/ou prender/atar

Figura 42 – Corda (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 1 (2019, p. 77)

Argola • Nf [Ssing] • português < latim • Anel metálico para prender ou puxar qualquer coisa. • 05 ocorrências.

Corda • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Utensílio mais ou menos longo, flexível e resistente, feito com fios ou fibras torcidos ou entrelaçados e usado para amarrar, laçar, puxar. • 02 ocorrências.

Fivela • Nf [Ssing] • português < latim • Peça metálica, com uma parte dentada em que se enfia ou prende a presilha de certos vestuários, ou uma correia, etc. • 04 ocorrências.

Gancho • Nm [Ssing] • português < céltico • Peça recurvada de metal ou outro material que serve para suspender pesos. • 01 ocorrência.

Gancho da Forquilha • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < céltico + português < castelhano • 01 ocorrência. Ver: *Gancho*.

Guinda • Nf [Ssing] • português < francês • Corda ou cabo usado para guindar. • 01 ocorrência.

Correia • Nf [Ssing] • português < latim • Tira, geralmente de couro, para prender ou cingir. • 01 ocorrência.

Correias • Nf [Spl] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Correia*.

Mata Boi • NCm [Verb + Ssing] • português < origem desconhecida + português < latim • Correia de couro que nas carretas une o eixo ao leito. • 02 ocorrências.

Varal • Nm [Ssing] • português < latim • Cada uma das duas grossas varas que saem dos lados de um veículo e entre as quais se atrela o animal que o puxa. • 02 ocorrências.

Figura 41 – Gancho (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 2 (2019, p. 305)

Canga • Nf [Ssing] • português < origem controversa • Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado, jugo. • 06 ocorrências.

Figura 43 – Canga (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 1 (2019, p. 46)

Figura 44 – Canga 2 (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 46)

Peia • Nf [Ssing] • português < latim • Prisão de corda ou de ferro que segura os pés das bestas. • 01 ocorrência.

Trela • Nf [Ssing] • português < latim • Correia ou corda com que com que se prende o cão de caça. • 01 ocorrência.

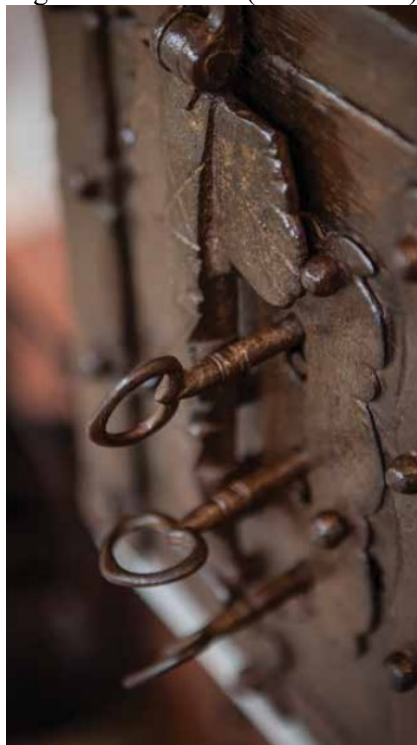
Parafuso • Nm [Ssing] • português < origem obscura • Peça de madeira, marfim, metal etc., lavrada por um ângulo sólido espiral, pelo qual se prende a porca. • 09 ocorrências.

Tarraxa • Nf [Ssing] • português < origem incerta • Parafuso. • 01 ocorrência. Ver: *Parafuso*.

Microcampo dos instrumentos para abrir e fechar ou lacrar

Chave • Nf [Ssing] • português < latim • Artefato de metal que movimenta a lingueta das fechaduras. • 02 ocorrências.

Figura 45 – Chaves (século XVIII)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 86)

Chave de Ouro • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Chave*.

Chave do Couto • Ncf [Ssing {Prep + Asing + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Chave*.

Chaves • Nf [Spl] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Chave*.

Fechadura • Nf [Ssing] • português < origem controversa • Peça metálica que, por meio de lingueta(s) e com o auxílio de chave, fecha porta, gaveta, etc. • 02 ocorrências.

Cadeado • Nm [Ssing] • português < latim • Fechadura portátil, cujo aro, móvel, se introduz em 2 argolas fixas às peças que se quer unir ou fechar. • 01 ocorrência.

Bucha • Nf [Ssing] • português < origem incerta (talvez do antigo francês, derivado do latim popular) • Tampão. • 01 ocorrência

Microcampo dos instrumentos de guerra

Flecha ~ Flexa • Nf [Ssing] • português < francês • Arma de arremesso que consta de uma haste pontiaguda. • *Flecha* 04 ocorrências; *Flexa* 01 ocorrência.

Flecha de Francisco • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < francês • 01 ocorrência. Ver: *Flecha*.

Flecha de Júlio de Assis • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < francês + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Flecha*.

Flecha de Saulo Pereira • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < francês + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Flecha*.

Flechas • Nf [Spl] • português < francês • 03 ocorrências. Ver: *Flecha*.

Seta • Nf [Ssing] • português < latim • Haste de madeira, guarnecida de uma ponta de ferro, e que se arremessa por meio de arco ou besta. • 02 ocorrências.

Balas • Nf [Spl] • português < francês < italiano • Projétil geralmente metálico, arredondado ou ogival, encaixado na cápsula do cartucho. • 01 ocorrência.

Figura 46 – Conjunto de pistolas (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 60)

Fuzil • Nm [Ssing] • português < francês < latim • Carabina, espingarda. • 06 ocorrências.

Revólver • Nm [Ssing] • português < inglês • Arma de fogo, portátil, de um cano só, com cilindro giratório que leva os cartuchos até a culatra. • 02 ocorrências.

Pistola • Nf [Ssing] • português < francês • Pequena arma de fogo. • 01 ocorrência.

Espada • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes. • 01 ocorrência.

Espadinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim < grego • Diminutivo de espada. • 01 ocorrência. Ver: *Espada*.

Zagaia • Nf [Ssing] • português < berbere • Lança cujo ferro, forte e afiado, regula ter perto de trinta centímetros de comprimento sobre oito na maior largura, e cujo cabo, de madeira de lei, bastante grosso, regula dar à lança um comprimento total de cerca de dois metros. • 03 ocorrências.

Zagainha • Nf [Ssing + Dim] • português < berbere + sufixo diminutivo • Diminutivo de zagaia. • 01 ocorrência. Ver: *Zagaia*.

Sica • Nf [Ssing] • português < latim • Punhal dos antigos romanos. • 01 ocorrência.

Aríete • Nm [Ssing] • português < latim • Antiga máquina de guerra para abater muralhas. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos de proteção

Escudo • Nm [Ssing] • português < latim • Arma defensiva para proteger dos golpes de espada ou de lança. • 01 ocorrência.

Capacete • Nm [Ssing] • português < castelhano < catalão • Armadura de copa oval para a cabeça. • 03 ocorrências.

Capacete, Antônio M. Morato • NCm [Ssing + Antrop] • português < castelhano < catalão + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Capacete*.

Capacete, de Antônio C. de Andrade • NCm [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < castelhano < catalão + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Capacete*.

Capacete, de João A. de Andrade • NCm [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < castelhano < catalão + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Capacete*.

Capacete, de Silvério T. Silva • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < castelhano < catalão + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Capacete*.

Microcampo dos instrumentos de castigo ou execução

Chibata • Nf [Ssing] • português < castelhano • Vara para fustigar, chicote. • 01 ocorrência.

Palmatória • Nf [Ssing] • português < latim • Peça circular de madeira, provida de cabo, com a qual se castigava alguém batendo com ela na palma da sua mão; férula. • 01 ocorrência.

Forca • Nf [Ssing] • português < latim • Instrumento para o suplício da estrangulação. • 05 ocorrências.

Forquinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de forca. • 01 ocorrência. Ver: *Forca*.

Garrote • Nm [Ssing] • português < latim • Pau curto com que se apertava a corda do enforcado. • 09 ocorrências.

Garrote de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Garrote*.

Microcampo dos instrumentos honoríficos e/ou religiosos

Figura 47 - Sino - Barra do Guaicuí
(Várzea da Palma, Minas Gerais)



Fonte: Brasiliana Fotográfica
Thereza Christina Maria

Medalha • Nf [Ssing] • português < italiano < latim • Peça metálica, ordinariamente redonda, com emblema, efígie e inscrição; insígnia de ordem honorífica; representa objeto de devoção religiosa. • 01 ocorrência.

Medalha Milagrosa • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < italiano + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Medalha*.

Sino • Nm [Ssing] • português < latim • Instrumento geralmente de bronze, em forma de cone invertido, que é percutido na superfície interna por um badalo ou na externa por um martelo. Usa-se nas Igrejas para convocar os fiéis e outras funções. • 01 ocorrência.

Talismã • Nm [Ssing] • português < francês < persa < grego • Objeto ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa. • 02 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos de medida

Figura 48 – Balança (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 114)

Balança • Nf [Ssing] • português < castelhano < latim • Instrumento com que se determina a massa ou o peso dos corpos. • 08 ocorrências.

Relógio • Nm [Ssing] • português < latim < grego • Designação comum a diversos tipos de instrumentos ou mecanismos para medir intervalos de tempo. • 02 ocorrências.

Sonda • Nf [Ssing] • português < francês < anglo-saxão • Peça de chumbo presa a uma linha, para medir a profundidade das águas ou reconhecer-lhes a natureza do fundo; qualquer aparelho para sondagens. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos monetários

Moeda • Nf [Ssing] • português < latim • Peça, geralmente de metal, cunhada por autoridade soberana e representativa do valor dos objetos que por ela se trocam. • 11 ocorrências.

Moeda Velha • NCf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Moeda*.

Pataca • Nf [Ssing] • português < provençal • Moeda antiga de prata, do valor de 320 réis. • 04 ocorrências.

Pataquinha • Nf [Ssing + Dim] • português < provençal + sufixo português • Diminutivo de pataca. • 02 ocorrências. Ver: *Pataca*.

Vintém • Nm [Ssing] • português < latim • Antiga moeda, equivalente a 20 réis. • 04 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos sinalizadores ou utilizados para marcar/documentar

Baliza • Nf [Ssing] • português < latim • Estaca ou qualquer objeto que marca um limite. • 03 ocorrências.

Marco da Légua • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim < germânico + português < latim < céltico • Sinal de demarcação que se põe nos limites territoriais segundo medida itinerária. • 01 ocorrência.

Carimbo • Nm [Ssing] • africano < banto • Selo, sinete, sinal público com que se autenticam documentos. • 01 ocorrência.

Microcampo dos instrumentos musicais

Figura 49 - Tambor



Fonte: canva.com

Tambor • Nm [Ssing] • português < árabe • Qualquer dos instrumentos de percussão, com 1 ou 2 membranas esticadas que, percutidas, produzem sons indeterminados. • 06 ocorrências.

Tambor Preto • NCm [Ssing + ADJsing] • português < árabe + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Tambor*.

Tamboril • Nm [Ssing] • português < árabe • Tambor pequeno. • 71 ocorrências. Ver: *Tambor*.

Tamboril, de Francisco Mendes • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < árabe + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Tamboril*.

Tamborilzinho • Nm [Ssing + Dim] • português < árabe + sufixo português • Diminutivo de tamboril. • 02 ocorrências. Ver: *Tamboril*.

Tamborim • Nm [Ssing] • português < árabe • O mesmo que tamboril. • 01 ocorrência. Ver: *Tamboril*.

Tambu • Nm [Ssing] • português < árabe • Grande atabaque usado no jongo e no batuque. • 02 ocorrências.

Bombo • Nm [Ssing] • português < italiano < latim < grego • Bombo, tambor grande, zabumba, bumba. • 01 ocorrência. Ver: *Zabumba*.

Zabumba • Nm [Ssing] • africano < banto • Tambor de madeira, muito grande e comprido; bombo. • 03 ocorrências. Ver: *bombo*.

Caxambu • Nm [Ssing] • africano < banto • Grande tambor, atabaque. • 39 ocorrências. Ver: *Tambor*.

Caxambu de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • híbrido (africano < banto + português latim) • 01 ocorrência. Ver: *Caxambu*.

Caxambu de Cima • NCm [Ssing + {Prep + ADV}] • híbrido (africano < banto + português latim) • 02 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

Caxambu I • NCm [Ssing + Num] • africano < banto • 01 ocorrência. Ver: *Caxambu*.

Caxambuzinho • Nm [Ssing + Dim] • híbrido (africano < banto + sufixo português) • Diminutivo de caxambu. • 02 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

Gongo • Nm [Ssing] • português < malaio • Instrumento de percussão: disco metálico que se faz vibrar batendo-lhe com uma baqueta. • 03 ocorrências.

Pandeiros • Nm [Spl] • português < castelhano < latim < grego • Instrumento musical de percussão, feito de pele, que se tange com a mão. • 02 ocorrências

Marimba • Nf [Ssing] • africano < banto • Espécie de xilofone; série de lâminas graduadas em escala, percutidas com 2 baquetas e dispostas sobre cabaças ou tubos de metal. • 04 ocorrências.

Figura 50 - Berimbau



Fonte: wikipedia.org

Berimbau • Nm [Ssing] • africano < banto • Arco musical, instrumento indispensável na capoeira, constituído de um arco de madeira retesado por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior e cuja caixa de percussão é a barriga. • 01 ocorrência.

Gunga • Nm [Ssing] • africano < banto • Berimbau médio, geralmente acompanhado do contra-gunga; também é instrumento consagrado a Sultão das Mata(s) e usado apenas durante as festas cerimoniais. • 02 ocorrências. Ver: *Berimbau*.

Piano • Nm [Ssing] • português < italiano • Instrumento de cordas percutíveis por martelo de madeira revestida de feltro, munido de teclado de 88 teclas. • 01 ocorrência.

Sanfona • Nf [Ssing] • português < latim • Antiga viola 'acordeão'. • 01 ocorrência.

Viola • Nf [Ssing] • português < provençal < latim • Instrumento de cordas dedilháveis e que se assemelha ao violão na forma e na sonoridade. • 02 ocorrências.

Gaita • Nf [Ssing] • português < origem obscura • Instrumento de sopro, com vários orifícios, que se toca fazendo-o ocorrer por entre os lábios, duma extremidade à outra. • 01 ocorrência.

Gaitas • Nf [Spl] • português < origem obscura • 01 ocorrência. Ver: *Gaita*.

Microcampo dos instrumentos ópticos

Óculo • Nm [Ssing] • português < latim • Instrumento que permite boa visão a longa distância, formado de um ou vários tubos encaixados entre si, com lentes de aumento; luneta; qualquer instrumento (binóculo, telescópio, etc.) com lente para auxiliar e ampliar a visão. • 01 ocorrência. • 01 ocorrência.

Óculo Pequeno • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim + português < origem expressiva • 01 ocorrência. Ver: *Óculo*.

Óculos • Nm [Spl] • português < latim • Objeto composto de lentes encaixadas em uma armação, com hastes que as prendem ao pavilhão da orelha, e cavalete que repousa sobre o nariz, e que serve, geralmente, para correção visual. • 05 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos para fumar

Pito • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Cachimbo; ação de cachimbar e, em geral, de fumar. • 05 ocorrências. Ver: *Cachimbo*.

Cachimbo • Nm [Ssing] • africano < banto • Aparelho para fumar, composto de forninho e um tubo. • 10 ocorrências.

Microcampo dos instrumentos lúdicos

Bingo • Nm [Ssing] • português < inglês • Jogo semelhante ao loto. • 01 ocorrência.

Xadrez • Nm [Ssing] • português < árabe < persa < sânscrito • Jogo sobre um tabuleiro de 64 casas, alternativamente brancas e pretas. • 01 ocorrência.

Pacau • Nm [Ssing] • português < origem obscura • Jogo de cartas da fronteira gaúcha. • 03 ocorrências.

Dadinho • Nm [Ssing + Dim] • português < origem incerta • Diminutivo de dado: peça cúbica de osso, madeira etc., usada em certos jogos. • 01 ocorrência.

Figura 51 – Conjunto de forninhos de cachimbo (século XVIII a XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 274)

Microcampo dos instrumentos do lar (móveis)

Figura 53 – Armário (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro)

Armário • Nm [Ssing] • português < latim • Móvel que se destina a guardar objetos. • 02 ocorrências.

Mesa • Nf [Ssing] • português < latim • Móvel sobre o qual se come, se escreve etc. • 11 ocorrências.

Mesas • Nf [Spl] • português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Mesa*.

Gavetão • Nm [Ssing + Aum] • português < provençal < latim • Aumentativo de gaveta: espécie de caixa corrediça de certos móveis, própria para guardados. • 01 ocorrência.

Poltrona • Nf [Ssing] • português < italiano • Grande cadeira de braços, ordinariamente estofada. • 01 ocorrência.

Tamborete • Nm [Ssing] • português < francês • Banqueta; pequeno assento sem espaldar nem braços. • 01 ocorrência.

Figura 52 - Tamborete raso (século XIX)



Fonte: Acervo Museu da Casa Brasileira

Tamborete de Baixo • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Tamborete*.

Tamborete de Cima • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Tamborete*.

Tapete • Nm [Ssing] • português < latim • Peça de fibra têxtil ou outro material, com que se cobrem soalhos, escadas, mesas. • 02 ocorrências.

Esteira • Nf [Ssing] • português < latim • Tecido feito de material fibroso (junco, palha etc.), em tiras entrelaçadas, geralmente para forrar o chão. • 02 ocorrências.

Jirau • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Armação de varas sobre estacas ou forquilhas que serve para leito dos matutos ou para depósito de mantimentos e objetos nas casas sertanejas. • 06 ocorrências.

Estufa • Nf [Ssing] • português < italiano • Fogão para aquecer as casas. • 01 ocorrência.

2. MACROCAMPO LEXICAL DA CONSTRUÇÃO:

Neste macrocampo estão inseridas as lexias relacionadas às estruturas construídas para os mais diversos tipos de edificação, assim como as peças e materiais utilizados que correspondem, pois, à área da construção.

- 2.1 Microcampo das construções para cercar e proteger:** trata-se do microcampo que reúne as construções utilizadas para cercar e proteger um ambiente, limitando-o, como “cerca” e “muro”, impedir a passagem de animais, “mata burro”, assim como as construções que cercam e protegem ambientes específicos que são parte de uma construção maior como “campanário”.
- 2.2 Microcampo das construções para entrada e saída:** trata-se do microcampo das construções que permitem entrar e sair de um ambiente. Lexias como “porta”, “porteira” e “cancela” pertencem a este grupo.
- 2.3 Microcampo das construções para cobrir e proteger:** neste microcampo estão inseridas as construções utilizadas para cobrir: estruturas como “telhado” e outras que podem ser provisórias, mas atendem ao mesmo objetivo de proteção, em seus sentidos originais, como “tenda” e “barraca”.
- 2.4 Microcampo das construções elevadas para observação/apreciação da paisagem:** grupo que reúne as construções realizadas em locais elevados que possibilitam a apreciação da paisagem, do “mirante” à “ventana”.
- 2.5 Microcampo das estruturas de sustentação e/ou materiais e sistemas utilizados em construções:** este grupo integra estruturas utilizadas como sustentação em construções diversas como “coluna” e “viga”, ou materiais utilizados em construções em geral como “telha”, “reboco” e “entulho” e sistema de construção como “macadame”.
- 2.6 Microcampo das construções que servem como gabinete para fins diversos:** trata-se do microcampo que integra as construções de gabinetes utilizadas para fins diversos como “camarim”, “camarinha” e “cela”.

As lexias que integram este macrocampo são apresentadas, a seguir:

MACROCAMPO LEXICAL DA CONSTRUÇÃO

Microcampo das construções para cercar e proteger

Cerca • Nf [Ssing] • português < latim • Muro; barreira mais ou menos extensa, feita de madeira, bambu, pedra, arame e outros materiais, que marca o limite de um terreno, ou que o contorna parcial ou completamente. Geralmente, a cerca tem a função de impedir ou dificultar a passagem de pessoas ou animais para dentro ou para fora. • 03 ocorrências.

Cerca de Achas • Ncf [Ssing + {Prep + n/e}] • português < latim + n/e • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerca de Linha • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Cerca*.

Cerca de Preta • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerca Queimada • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • Cerca que se queimou; que sofreu queima. • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerca Velha • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerca de Baixo • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerca de Cima • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerquinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de cerca. • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cerquinha, de Maria Bernardes • Ncf [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Cerca*.

Cercado • Nm [Ssing] • português < latim • Espaço delimitado por cerca ou muro. • 16 ocorrências. Ver: *Cerca*.

Cercadinho • Nm [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de cercado. • 09 ocorrências. Ver: *Cerca* e *Cercado*.

Caiçara • Nf [Ssing] • indígena > tupi • Substantivo empregado pelos primeiros cronistas do Brasil, como Fr. Vicente do Salvador, no sentido de “cerca de rama”, feita de forquilhas e garranchos. • 34 ocorrências.

Caiçaras • Nf [Spl] • indígena > tupi • 04 ocorrências. Ver: *Caiçara*.

Caiçara Velha • Ncf [Ssing + ADJsing] • híbrido (indígena < tupi + português < latim) • Antiga cerca feita de forquilhas e garranchos. • 03 ocorrências. Ver: *Caiçara*.

Caiçara, de Josias Pedro de Freitas • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • híbrido (indígena < tupi + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Caiçara*.

Caiçara, de Pedro Gustavinho • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop + Dim}] • híbrido (indígena < tupi + Antrop) • 01 ocorrência. Ver: *Caiçara*.

Caiçarinha • Nf [Ssing + Dim] • híbrido (indígena + sufixo português) • Diminutivo de caiçara. • 01 ocorrência. Ver: *Caiçara*.

Muro • Nm [Ssing] • português < latim • Parede forte que circunda um recinto ou separa um lugar do outro. • 01 ocorrência.

Muro de Pedra • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • Muro feito de pedras. • 05 ocorrências. Ver: *Muro*.

Estacada • Nf [Ssing] • português < gótico • Lugar defendido ou fechado por estacas muito juntas. • 02 ocorrências. Ver: *Estaca*.

Tapume • Nm [Ssing] • português < gótico • Sebe, cerca; vedação de um terreno feita com madeira ou outro material. • 01 ocorrência.

Pau-a-pique • Nm [Ssing] • português < latim • Construção feita de ripas, ou varas entrecruzadas, e barro. • 01 ocorrência.

Taipão • Nm [Ssing] • português < origem duvidosa + sufixo português • Aumentativo de taipa: tabique, estuque, pau-a-pique. • 01 ocorrência.

Mata Burro • Nm [Verb + Ssing] • português < origem desconhecida + português < latim • Tipo de ponte composta de pedaços espaçados de madeira, usada especialmente para impedir a passagem de equinos e gado bovino. • 01 ocorrência.

Mata Burrinho • Nm [Verb + {Ssing + Dim}] • português < origem desconhecida + português < latim • Diminutivo de mata-burro. • 01 ocorrência. Ver: *Mata Burro*.

Figura 54 - Torre com campanário – Diamantina,
Minas Gerais



Fonte: registro de Leandro Aguiar
(Instagram: @leolaguiar)

Torre • Nf [Ssing] • português < latim • Fortaleza; edificação alta que se construía sobretudo para defesa em caso de guerra ou torre da igreja. • *Torre* 05 ocorrências.

Torres • Nf [Spl] • português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Torre*.

Torrinha Nf [Ssing + Dim] • português < latim • 01 ocorrência. • Diminutivo de torre. Ver: *Torre*.

Campanário • Nm [Ssign] • português < latim • Parte da torre da igreja, onde estão os sinos. • 01 ocorrência.

Microcampo das construções de entrada e saída

Porta • Nf [Ssing] • português < latim • Abertura em parede, ao nível do solo ou de um pavimento, para dar entrada ou saída. • 11 ocorrências.

Porta do Barracão • Ncf [Ssing + {Prep + Asing} + {Ssing + Aum}] • português < latim + português < pré-romano • 01 ocorrência. Ver: *Porta*.

Porta do Maria • Ncf [Ssign + {Prep + Asing + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Porta*.

Portinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de porta. • 01 ocorrência. Ver: *Porta*.

Portão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de porta. • 07 ocorrências. Ver: *Porta*.

Portão de Chave • Ncm [{Ssing + Aum} + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porta*.

Portões • Nm [Spl + Aum] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Porta*.

Porteira • Nf [Ssing] • português < latim • Grande cancela ou portão de entrada em propriedades rurais. • 22 ocorrências.

Porteira de Vara • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteira d'Água • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.



Fonte: registro de Leandro Aguiar
(Instagram: @leolaguiar)

Porteira de Candeias • Ncf [Ssing + {Prep + Spl}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira de Chave • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 10 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteira de Pedras • Ncf [Ssing + {Prep + Spl}] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteira do Alto • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira do Buriti • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • híbrido (português < latim + indígena < tupi) • 02 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteira do Campo • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira do Vale • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira Grande • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira Nova • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 06 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteira Pesada • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira de S. Cruz • Ncf [Ssing + {Prep + Hiero}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteira Virgem • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteirão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de porteira. • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteiras • Nf [Spl] • português < latim • 24 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteirinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de porteira. • 14 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Porteirinha de Arnaldo Correia • Ncf [{Ssing + Dim} + {Prep + Antrop}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Porteira*.

Porteirinhas • Nf [Spl + Dim] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Porteira*.

Cancela • Nf [Ssing] • português < latim • Portão gradeado, geralmente de madeira, à entrada de propriedades rurais; porteira. • 11 ocorrências.

Cancela da Companhia Vale do Rio Doce • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Onio}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cancela*.

Cancela Preta • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Cancela*.

Cancelão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de cancela. • 01 ocorrência. Ver: *Cancela*.

Cancelinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de cancela. • 01 ocorrência. Ver: *Cancela*.

Cancelinha de Baixo • Ncf [{Ssing + Dim} + {Prep + ADV}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Cancela*.

Microcampo das construções para cobrir e proteger

Telhado • Nm [Ssing] • português < latim • O conjunto de telhas que cobrem uma construção. • 01 ocorrência.

Tolda • Nf [Ssing] • português < germânico < francês • Cobertura de palha ou de madeira para abrigar, nas embarcações, a carga e/ou os passageiros. • 10 ocorrências.

Toldas • Nf [Spl] • português < germânico < francês • 02 ocorrências. Ver: *Tolda*.

Barraca • Nf [Ssign] • português < pré-romana • Abrigo de lona, náilon, etc., usado por soldados em campanha, excursionistas, etc.; tenda. • 01 ocorrência.

Tenda • Nf [Ssing] • português < latim • Barraca. • 12 ocorrências. Ver: *Barraca*.

Tendas • Nf [Spl] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Tenda*.

Tenda Velha • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • Barraca velha; antiga. • 02 ocorrências. Ver: *Tenda*.

Tendinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de tenda. • 04 ocorrências. Ver: *Tenda*.

Microcampo das construções elevadas para observação/apreciação da paisagem

Mirante • Nm [Ssing] • português < latim • Posto de observação colocado em local elevado. • 08 ocorrências.

Mirantão • Nm [Ssing + Aum] • português < latim • Aumentativo de mirante. • 02 ocorrências. Ver: *Mirante*.

Miradouro • Nm [Ssing] • português < latim • O mesmo que mirante. • 01 ocorrência. Ver: *Mirante*.

Varanda • Nf [Ssing] • português < origem incerta • Balcão sacada; terraço coberto. • 03 ocorrências.

Varanda do Pilar • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < origem incerta + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Varanda*.

Ventana • Nf [Ssing] • português < castelhano • Abertura na parede de um edifício a certa altura do piso que permite a iluminação e/ou o arejamento do ambiente e dá vista para o exterior; janela • 05 ocorrências.

Microcampo das estruturas de sustentação e/ou materiais e sistemas utilizados em construções

Coluna • Nf [Ssing] • português < latim • Pilar cilíndrico, que sustenta abóbadas, entablamentos etc. e que serve de ornato. • 05 ocorrências.

Viga • Nf [Ssing] • português < origem incerta • Peça de sustentação horizontal, utilizada em construções. • 01 ocorrência.

Ripa • Nf [Ssing] • português < gótico • Tira de madeira comprida, delgada, que se coloca sobre os caibros do telhado para formar uma estrutura na forma de um gradeamento (ripado) sobre a qual se assentam as telhas. • 01 ocorrência.

Caibros • Nm [Spl] • português < latim • Peça de madeira de seção retangular, empregado em armações de telhados, soalhos etc. • 01 ocorrência.

Estaca • Nf [Ssing] • português < gótico • Peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo para sustentação. • 07 ocorrências.

Estacas • Nf [Spl] • português < gótico • 03 ocorrências. Ver: *Estaca*.

Estaquinha • Nf [Ssing + Dim] • português < gótico + sufixo português • Diminutivo de estaca. • 04 ocorrências. Ver: *Estaca*.

Pontalete • Nm [Ssing] • português < latim • Barrote ou peça de metal com que se escoram edifícios, pavimentos etc. • 03 ocorrências.

Esteio • Nm [Ssing] • português < origem obscura • Peça de madeira, metal, pedra etc., com a qual se sustém alguma coisa. • 03 ocorrências.

Esteios • Nm [Spl] • português < origem obscura • 02 ocorrências. Ver: *Esteio*.

Cambota • Nf [Ssing] • português < latim • Molde ou suporte de madeira, em forma de arco de círculo, para a construção de arcos e abóbodas. • 03 ocorrência.

Cambotinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de cambota. • 01 ocorrência. Ver: *Cambota*.

Telha • Nf [Ssing] • português < latim • Peça, em geral de barro cozido, usada na cobertura de edifícios. • 03 ocorrências.

Figura 56 – Telha (século XIX/XX): cerâmica modelada e cozida. Telha tipo beiral para o arremate da parte de baixo do telhado



Fonte: Museu de Artes e Ofícios (registro feito pela autora, 2022)

Telhas • Nf [Spl] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Telha*.

Escada • Nf [Ssing] • português < latim • Série de degraus para subir ou descer. • *Escada* 01 ocorrência.

Escadinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de escada. • 21 ocorrências. Ver: *Escada*.

Escadinha do Cobre • NCf [{Ssing + Dim} + {Prep + Asing + Ssiing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Escada*.

Reboco • Nm [Ssing] • português < latim • Argamassa de cal, ou de cimento, e areia, que se aplica a uma parede para lhe proporcionar uma superfície lisa e uniforme. • 01 ocorrência.

Entulho • Nm [Ssing] • português < origem controvertida • Calça, pedregulhos, areia, tudo que sirva para aterrar, nivelar depressão de terreno, vala, etc. • 02 ocorrências

Macadame • Nm [Ssing] • português < inglês • Sistema de calçamento de ruas e estradas: camada espessa de pedra britada, aglutinada e comprimida. • 02 ocorrências.

Microcampo das construções que servem como gabinete para fins diversos

Camarim • Nm [Ssing] • português < castelhano • Recinto onde os atores se preparam para a apresentação. • 01 ocorrência.

Camarinha • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Quarto de dormir. • 03 ocorrências.

Camarinha, de Antônio G. da Cunha • NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Asing + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Camarinha*.

Camarinha, de José B. V. Boas • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Camarinha*.

Cela • Nf [Ssing] • português < latim • Pequena alcova ou quarto de dormir; aposento nos conventos. • 02 ocorrências.

3. MACROCAMPO LEXICAL DOS TRANSPORTES

Corresponde ao campo relacionado a “qualquer veículo aéreo, marítimo ou automotivo usado para transportar pessoas ou coisas”³³². Divide-se nos seguintes microcampos:

3.1 Microcampo dos transportes terrestres: trata-se, pois, dos transportes utilizados em terra como “carro” e “trem”.

3.2 Microcampo dos transportes náuticos: trata-se, pois, dos transportes utilizados em água, como “navio” e “jangada”. Este microcampo apresenta, também, o subgrupo dos transportes náuticos de guerra, como “nau de guerra” e “fragata”.

As lexias que integram este macrocampo são apresentadas, a seguir:

³³² <https://aulete.com.br/transporte>

MACROCAMPO LEXICAL DOS TRANSPORTES

Microcampo dos transportes terrestres

Carro • Nm [Ssing] • português < latim • Veículo de rodas para transportar pessoas ou carga. • 03 ocorrências.

Figura 57 – Carro de bode (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 44)

Carrão • Nm [Ssing] • português < latim • Aumentativo de carro. • 03 ocorrências. Ver: *Carro*.

Carrinho • Nm [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de carro. • 03 ocorrências. Ver: *Carro*.

Carro Azul • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim + português < persa • 01 ocorrência. Ver: *Carro*.

Carro Brejo • NCm [Ssing + Ssing] • português < latim + origem controvertida • 1 ocorrência. Ver: *Carro*.

Carro Quebrado • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 09 ocorrências. Ver: *Carro*.

Carros • Nm [Spl] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Carro*.

Carretão • Nm [Ssing] • português < latim • Veículo que transporta vagões de uma via férrea a outra, percorrendo uma via paralela; carro de duas rodas, extremamente resistente, usado para transporte de toras de madeira. • 18 ocorrências.

Carretão do Machado • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Carretão*.

Trem • Nm [Ssing] • português < francês • Néelson de Sena registra *trem* com o sentido peculiar em Minas Gerais, *trem de ferro*, o que em Portugal se diz *comboio*. • 01 ocorrência.

Trole • Nm [Ssing] • português < inglês • Pequeno carro descoberto que anda sobre os trilhos das ferrovias e é movido pelos operários por meio de varas ou paus ferrados; carruagem rústica que se usava nas fazendas e nas cidades do interior, antes do uso habitual do automóvel. • 02 ocorrências.

Microcampo dos transportes náuticos

Navio • Nm [Ssing] • português < latim • Embarcação de grande porte; nau. • 04 ocorrências.

Canoa • Nf [Ssing] • português < castelhano < aruaque. • Embarcação sem quilha, formada de um casco. • 26 ocorrências.

Figura 58 – Canoa (século XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 1 (2019, p. 38)

Canoa de Ludgero Ferreira • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoa, de Geraldo P. Fiúza • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoão • Nm [Ssing + Aum] • português < castelhano + sufixo português • Aumentativo de canoa. • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas • Nf [Spl] • português < castelhano • 53 ocorrências. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Alaor C. Fiúza • NCf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Altivo P. Fiúza • Ncf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop
• 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Francisco Luiz • Ncf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop
• 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de João A. da Costa • Ncf [Spl + {Prep + Antrop} + {Prep + Asing + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Miguel Araújo • Ncf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop
• 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Nestor Mendes • Ncf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoas, de Pedro A. Cordeiro • Ncf [Spl + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Canoa*.

Canoinha • Nf [Ssing + Dim] • português < castelhano + sufixo português • Diminutivo de canoa. • 02 ocorrências. Ver: *Canoa*.

Barca • Nf [Ssing] • português < latim • Embarcação de grande boca, pouco profunda, para transporte local de passageiros e cargas em baías e enseadas. • 02 ocorrências.

Barquinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de Barca. • 01 ocorrência. Ver: *Barca*.

Jangada • Nf [Ssing] • português < malaiala • Tipo de embarcação construída com paus leves e bem unidos. • 05 ocorrências.

Jangadinha • Nf [Ssing + Dim] • português < malaiala • Diminutivo de Jangada. • 01 ocorrência. Ver: *Jangada*.

Balsa • Nf [Ssing] • português < base ibérica • Tipo de embarcação; jangada grande em que se transportam cargas pesadas, geralmente a pequenas distâncias. • 03 ocorrências.

Caravelas • Nf [Spl] • português < italiano • Embarcação de pequeno calado, de velas latinas, muito utilizada nos séculos XV e XVI pelos portugueses e espanhóis nas viagens de descobrimento. • 01 ocorrência.

Catraia • Nf [Ssing] • português < origem obscura • Pequeno barco tripulado por um homem. • 01 ocorrência.

Chalana • Nf [Ssing] • português < origem incerta • Pequena embarcação de fundo chato, usada principalmente em rios para o transporte de mercadorias e poucos passageiros; assim como para pintura e limpeza da linha d'água dos navios. • 02 ocorrências.

Pranchão • Nm [Ssing + Aum] • português < francês < latim • O mesmo que Chalana. • 01 ocorrência. Ver: *Chalana*.

Transportes náuticos bélicos

Nau de Guerra • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < castelhano + português < latim • Navio de casco e velame redondos utilizado em guerra. • 02 ocorrências.

Nau de Guerra, de Jair Aleixo • NCm [Ssing + {Prep + Ssing} + {Prep + Antrop}] • português < castelhano + português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Nau de Guerra*.

Fragata • Nf [Ssing] • português < italiano • Navio de guerra de porte médio, veloz, próprio para dar combate a submarinos ou realizar outras missões. • 02 ocorrências.

Galeão • Nm [Ssing] • português < francês • Antigo navio de guerra, com popa arredondada e bojuda e 4 mastros. • 01 ocorrência.

4. MACROCAMPO LEXICAL DO VESTUÁRIO, CALÇADOS E ACESSÓRIOS DE ADORNO

Neste macrocampo estão reunidas as lexias que integram o universo de itens materiais de uso pessoal, considerando o vestuário como “capote”, calçados como o genérico “sapato” e específico “chinelo”, assim como acessórios de adorno como “brinco” e “penacho”. Este macrocampo apresenta a seguinte divisão:

- 4.1 Microcampo do vestuário:** este microcampo integra lexias do vestuário em geral, desde a lexia “coura” - antigo gibão de couro usado pelos guerreiros, às outras peças do vestuário como “casaca” e “jaleco” ou, ainda, para cobrir a cabeça como “chapéu” e “capelo”.
- 4.2 Microcampo dos calçados:** neste grupo estão inseridas as lexias utilizadas como calçado, desde o genérico “sapato” ao específico “chinelo”.
- 4.3 Microcampo dos acessórios de adorno:** trata-se do microcampo das peças de uso pessoal utilizadas como adorno, em geral, como “jóia”, “brinco” e “penacho”.

As lexias que integram este macrocampo são apresentadas, a seguir:

MACROCAMPO LEXICAL DO VESTUÁRIO, CALÇADOS E ACESSÓRIOS DE ADORNO

Microcampo do vestuário

Coura • Nf [Ssing] • português < latim • Antigo gibão de couro usado pelos guerreiros. • 02 ocorrências.

Baeta • Nf [Ssing] • português < francês < latim • Alcinha com que os habitantes do litoral denominavam os primeiros habitantes de Minas Gerais, porque estes andavam encapotados envolvidos no tradicional capotão de baeta azul, nas viagens, durante o tempo frio, nublado ou chuvoso, através das estradas montanhosas de sua terra natal (Nélson de Sena). (SOUZA, 2004, p. 21-22) • 03 ocorrências.

Baeta de José Pedro Cruz • Ncf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < francês < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Baeta*.

Capote • Nm [Ssing] • português < francês • Casacação militar; peça de vestuário, semelhante ao casaco. • 05 ocorrências.

Casaca • Nf [Ssing] • português < francês • Originalmente vestimenta militar; (*por extensão*) peça do vestuário masculino; traje de cerimônia. • 01 ocorrência.

Gibão • Nm [Ssing] • português < italiano < árabe • Casaco de couro usado pelos vaqueiros; véstia. • 05 ocorrências.

Jaleco • Nm [Ssing] • português < castelhano < árabe • Espécie de véstia, geralmente sem gola e com mangas curtas, hoje em dia de uso profissional; umas das muitas alcunhas do português no Brasil. • 04 ocorrências.

Colete • Nm [Ssing] • português < francês • Peça de vestuário, sem mangas nem gola, indo em geral até a cintura. • 03 ocorrências.

Chapéu • Nm [Ssing] • português < francês • Peça destinada a cobrir a cabeça. • 31 ocorrências.

Chapéu de Cima • Ncm [Ssing + {Prep + ADV}] • português < francês + português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Chapéu*.

Chapéu-de-coco • Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < origem controversa • 01 ocorrência. Ver: *Chapéu*.

Chapéu de Pedra • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Chapéu*.

Chapéu Novo • NCm [Ssing + ADJsing] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Chapéu*.

Chapéu Pardo • NCm [Ssing + ADJsing] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Chapéu*.

Chapéu-Velho • NCm [Ssing + ADJsing] • português < francês + português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Chapéu*.

Chapeuzinho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês + sufixo português • Diminutivo de chapéu. • 03 ocorrências. Ver: *Chapéu*.

Chapéu-de-sol • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < francês + português < latim • Guarda-sol, guarda-chuva. • 02 ocorrências. Ver: *Chapéu*.

Capelo • Nm [Ssing] • português < latim • Capuz de frades. • 03 ocorrências.

Carapuça • Nf [Ssing] • português < castelhano • Barrete cônico. • 08 ocorrências.

Carapuças • Nf [Spl] • português < castelhano • 02 ocorrências. Ver: *Carapuça*.

Microcampo dos calçados

Sapato • Nm [Ssing] • português < origem duvidosa • Calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé. • 07 ocorrências.

Sapato, de Ideves Cunha • NCm [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < italiano (genovês) < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Sapato*.

Figura 59 – Banca de sapateiro confeccionando sapatos (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 260)

Bota • Nf [Ssing] • português < francês • Calçado de couro que envolve o pé, a perna e, às vezes, a coxa. • 02 ocorrências.

Botas • Nf [Spl] • português < francês • 01 ocorrência. Ver: *Bota*.

Alpercata • Nf [Ssing] • português < árabe • Alpercata é um tipo de calçado. O atual município mineiro figura Alpercata em alusão ao antigo morador, Gabriel Lopes: “vulgo Gabriel Precata (corr. de Alpercata), assim chamado por usar sempre êste tipo de calçado”. (COSTA, 1993, p. 153). • 05 ocorrências.

Alpercatas • Nf [Spl] • português < árabe • 01 ocorrência. Ver: *Alpercata*.

Chinela • Nf [Ssing] • português < italiano (genovês) < latim • Calçado macio, geralmente sem salto, para uso doméstico. • 01 ocorrência.

Chinelo • Nm [Ssing] • português < italiano (genovês) < latim • O mesmo que chinela. • 03 ocorrências. Ver: *Chinela*.

Microcampo dos acessórios de adorno

Jóia • Nf [Ssing] • português < francês < latim • Artefato de matéria preciosa usado em geral como ornamento; objeto de adorno pessoal, geralmente feito com material valioso (ouro ou prata, pedra preciosa ou semipreciosa etc.). • 01 ocorrência

Brinco • Nm [Ssing] • português < latim • Adorno que se usa no lobo da orelha. • 04 ocorrências.

Brinco de Ouro • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Brinco*.

Brinquinho • Nm [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de brinco. • 05 ocorrências. Ver: *Brinco*.

Cocar • Nm [Ssing] • português < francês • Penacho, laço ou distintivo que se usa na cabeça, no chapéu, no elmo, etc. • 01 ocorrência.

Penacho • Nm [Ssing] • português < italiano • Conjunto de penas para adorno. • 01 ocorrência.

Peruca • Nf [Ssing] • português < francês < italiano • Cabeleira postiça. • 01 ocorrência.

5. MACROCAMPO LEXICAL DOS PRODUTOS

Este macrocampo integra as lexias que correspondem ao resultado de uma atividade humana como bem de consumo ou de comércio ou, ainda, resíduos de processos como “serragem”. Os microcampos deste campo são evidenciados:

- 5.1 Microcampo dos produtos venenosos e/ou usados na terra:** são as lexias “veneno”, “formicida” e “adubo”.
- 5.2 Microcampo dos produtos medicamentosos:** microcampo formado pela lexia “remédio”.
- 5.3 Microcampo dos produtos explosivos:** são as lexias “pólvora” e “fundanga”.
- 5.4 Microcampo dos produtos formados por liga de metais:** são as lexias “latão”, “latinha” e “arame”.
- 5.5 Microcampo dos produtos de fumo:** são as lexias “fumo” e “fumo-azedo”.
- 5.6 Microcampo dos produtos para pintura/tingimento:** trata-se, no caso, de “tinta amarela”.
- 5.7 Microcampo dos produtos resíduos:** são resíduos de atividades: “cavaco”, “serragem” e “cinzas”.
- 5.8 Microcampo dos produtos arranjos para adornar:** resultado dos arranjos compostos por flores: “buquê” e “ramalhete”.
- 5.9 Microcampo dos produtos curtidos para usos diversos:** resultado do tecido (pele de animais) curtido e, por vezes, utilizado como matéria-prima, no caso, a lexia “couro”.
- 5.10 Microcampo dos produtos desenvolvidos para a comunicação/exposição e/ou arte:** trata-se do microcampo que reúne o resultado de processos utilizados na área da comunicação/exposição, desde “vitrine” a “folheto”.

As lexias que integram este macrocampo são apresentadas, a seguir:

MACROCAMPO LEXICAL DOS PRODUTOS

Microcampo dos produtos venenosos e/ou usados na terra

Veneno • Nm [Ssing] • português < latim • Qualquer substância, preparada ou natural, que por sua atuação química é capaz de destruir ou perturbar as funções vitais de um organismo. • 02 ocorrências.

Formicida • Nm [Ssing] • português < latim • Substância formicida, usada para matar formigas. • 01 ocorrência.

Adubo • Nm [Ssing] • português < francês < latim • Resíduos animais ou vegetais, ou substância química, que se misturam à terra para fertilizá-la; fertilizante. • 01 ocorrência.

Microcampo dos produtos medicamentosos

Remédio • Nm [Ssing] • português < latim • Qualquer agente que cura, alivia, ou evita doença. • 03 ocorrências.

Remédios • Nm [Spl] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Remédio*.

Microcampo dos produtos de fumo

Fumo • Nm [Ssing] • português < latim • Produto preparado a partir da folha de tabaco para ser fumado (em cigarro, cachimbo ou charuto) ou mascado. • *Fumo* 01 ocorrência;

Fumo-azedo • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Fumo*.

Figura 60 - Remédios em Botica (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios parte 1 (2019, p. 127)

Microcampo dos produtos para pintura/tingimento

Tinta Amarela • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • Substância química que tem a propriedade de aderir à superfície sobre a qual é aplicada, e que é usada para a pintura e para tingir, neste caso, de cor amarela. • 01 ocorrência.

Tinta Amarela, de Jacir Eugênio • Ncf [Ssing + ADJsing + {Prep + Antrop}] • português < latim + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Tinta Amarela*.

Microcampo dos produtos explosivos

Pólvora • Nf [Ssing] • português < castelhano < catalão < latim • Mistura ou composto explosivo utilizado como carga de propulsão ou de arrebato em projetis, bombas, minas etc. • 01 ocorrência.

Fundanga • Nf [Ssing] • africano < banto • Pólvora. • 02 ocorrências. Ver: *Pólvora*.

Microcampo dos produtos formados por liga de metais

Latão • Nm [Ssing] • português < francês < árabe < turco • Liga de cobre e zinco. • 05 ocorrências.

Latinha • Nf [Ssing + Dim] • português < italiano < latim • Folha de ferro estanhado. • 01 ocorrência.

Arame • Nm [Ssing] • português < latim • Liga de cobre e zinco, ou de outros metais. • 05 ocorrências.

Araminho • Nm [Ssing + Dim] • português < latim • Diminutivo de arame. • 01 ocorrência. Ver: *Arame*.

Figura 61 - Vasilha em latão: pertenceu ao pintor Pedro Alexandrino (1856-1942)



Fonte: Acervo do Museu da Casa Brasileira

Microcampo dos produtos curtidos para usos diversos

Couro • Nm [Ssing] • português < latim • A pele curtida de animais e, por vezes, utilizado como matéria-prima nos mais diversos setores (confeções de roupa, móveis etc.). • 02 ocorrências.

Figura 62 - Tambores para curtimento do couro (século XIX/XX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios, parte 2 (2019, p. 253)

Figura 63 – Avental de couro (século XIX)



Fonte: Museu de Artes e Ofícios
parte 2 (2019, p. 258)

Couro do Cervo • Nm [Ssing {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Couro*.

Couros • Nm [Spl] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Couro*.

Microcampo dos produtos de arranjos para adornar

Ramalhete • Nm [Ssing] • português < latim • Pequeno molho de flores; ramo, buquê. • 02 ocorrências.

Ramalhete Pequeno • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim + português < criação expressiva • 04 ocorrências. Ver: *Ramalhete*.

Buquê • Nm [Ssing] • português < francês • O mesmo que ramalhete. • 03 ocorrências. Ver: *Ramalhete*.

Microcampo dos produtos desenvolvidos para a comunicação/exposição e/ou arte

Vitrine • Nf [Ssing] • português < francês • Vidraça através da qual ficam expostos objetos destinados à venda. • 03 ocorrências.

Painel • Nm [Ssing] • português < castelhano • Pintura a óleo; quadro. • 02 ocorrências.

Letreiro • Nm [Ssing] • português < latim • Inscrição sucinta, em letras visíveis, que contém informação, aviso, etc. Refere-se, ainda, às figurações rupestres, em Minas Gerais, também conhecidas como *pinturas*, *pedras lavradas* e *pedras riscadas*. • 03 ocorrências.

Mapa • Nm [Ssing] • português < italiano < latim • Representação gráfica da superfície da Terra (ou de parte dela), e que mostra a localização de montanhas, rios, mares, cidades, etc.; representação gráfica em que se indicam a localização ou outras informações sobre a disposição física de objetos em um espaço. • 01 ocorrência.

Folheto • Nm [Ssing] • português < italiano • Publicação não periódica, de poucas folhas, com ou sem capa. • 03 ocorrências.

Microcampo dos produtos resíduos

Cavaco • Nm [Ssing] • português < latim • Lascas de madeira. • 01 ocorrência.

Serragem • Nf [Ssing] • português < latim • Pó fino da madeira serrada. • 07 ocorrências.

Cinzas • Nf [Spl] • português < latim • Pó ou resíduos da combustão de certas substâncias, em geral de coloração plúmbea. • 01 ocorrência.

6. MACROCAMPO LEXICAL DOS ALIMENTOS E DAS BEBIDAS

Neste macrocampo estão inseridas as lexias relacionadas àquilo que pode ser preparado por humanos para ser ingerido e fornecer as substâncias de que o organismo necessita, tratando-se tanto dos alimentos genéricos que correspondem às refeições como “almoço” e “merenda”, quanto aos alimentos específicos, que correspondem à preparos como “angu” ou ingredientes específicos para o preparo dos alimentos como “coalho”. Este grupo inclui, também, as bebidas resultantes de preparos diversos, como a aguardente “cachaça”. Dessarte, a seguir, apresentamos a organização deste macrocampo:

6.1 Microcampo das refeições/sustento alimentar: neste microcampo estão inseridas as lexias mais genéricas do macrocampo dos alimentos, relacionadas às refeições como “almoço” e “merenda”, e sustento alimentar como “mantimento”.

6.2 Microcampo dos ingredientes e temperos culinários: trata-se do grupo que reúne as lexias “coalho”, “azeite”, “sal”, “farinha”, utilizadas no preparo das refeições.

6.3 Microcampo dos preparos culinários:

6.3.1 Pratos culinários: trata-se das lexias que correspondem aos preparos culinários em geral, como “paçoca”, “muqueca” (moqueca) e “sopa”.

6.3.2 Guloseimas e açúcares: neste grupo estão inseridas as lexias que são consumidas como guloseimas e açúcares como “pirulito”, “marmelada” e “melado”.

6.3.3 Iguarias feitas com farinha: este microcampo integra as iguarias preparadas com farinha, em geral, como “bolo”, “broas” e “pão”.

6.3.4 Lácteos: trata-se do grupo que reúne alimentos produzidos por meio do leite, como “coalhada”, “queijo” e “requeijão”.

6.4 Microcampo das bebidas: neste microcampo estão presentes os preparos líquidos que se dividem em:

6.4.1 Alcoólicas: como “cachaça” e “chope”;

6.4.2 Não alcoólicas: como “guaraná”, “calumba” e “chá”.

MACROCAMPO LEXICAL DOS ALIMENTOS E DAS BEBIDAS

Microcampo das refeições/sustento alimentar

Mantimento • Nm [Ssing] • português < latim • Víveres, comestíveis. • 04 ocorrências

Almoço • Nm [Ssing] • português < latim • Refeição usualmente feita no início da tarde. • 04 ocorrências.

Merenda • Nf [Ssing] • português < latim • Refeição ligeira intermediária; refeição leve, entre o almoço e o jantar. • 01 ocorrência.

Merendas • Nf [Spl] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Merenda*.

Microcampo dos ingredientes e temperos culinários

Farinha • Nf [Ssing] • português < latim • Pó a que se reduzem cereais moídos. • 13 ocorrências.

Farinhas • Nf [Spl] • português < latim • 04 ocorrências. Ver: *Farinha*.

Farinha Fina • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Farinha*.

Farinha Podre • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 05 ocorrências. Ver: *Farinha*.

Farinha Seca • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • 03 ocorrências. Ver: *Farinha*.

Carimã • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Farinha de mandioca, seca e fina. • 01 ocorrência.

Fubá • Nm [Ssing] • africano < banto • Espécie de farinha de milho ou de arroz. • 08 ocorrências.

Coalho • Nm [Ssing] • português < francês < latim • Coalheira, substância utilizada nas queijarias para provocar a coagulação do leite. • 02 ocorrências.

Azeite • Nm [Ssing] • português < árabe • Óleo de azeitona. • 10 ocorrências.

Sal • Nm [Ssing] • português < latim • Cloreto de sódio, cristalino, branco, usado na alimentação. • 05 ocorrências.

Charque • Nm [Ssing] • português < espanhol platino • Carne bovina, salgada e seca, em mantas, ou pedaços; carne-seca, jabá. • 04 ocorrências.

Carne-seca • Ncf [Ssing + ADJsing] • português < latim • O mesmo que *charque*. • 08 ocorrências. Ver: *charque*.

Toucinho • Nm [Ssing] • português < latim < céltico • Toicinho ou toucinho: gordura do porco, subjacente à pele, com o respectivo couro. • 02 ocorrências.

Microcampo dos preparos culinários

Pratos culinários

Paçoca • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Comida feita de carne-seca refogada, desfiada, e socada com farinha de mandioca. • 02 ocorrências.

Buchada • Nf [Ssing] • português < origem controvertida • Iguaria feita com as vísceras e os intestinos de carneiro (ou bode). • 01 ocorrência.

Mocotó • Nm [sing] • africano < banto • Patas de bovinos, sem casco, usadas como iguaria do mesmo nome. • 01 ocorrência

Muqueca • Nf [sing] • africano < banto • Quitute feito com peixinhos, mariscos ou camarões, com leite de coco, azeite doce ou azeite-de-dendê, outros temperos e muita pimenta, das chamadas de cheiro, próprias para as comidas à base de peixe. • 03 ocorrências.

Figura 64 - Muqueca preparada em Jacutinga – Minas Gerais



Fonte: Mais Caminhos (globo.com)

Sopa • Nf [Ssing] • português < francês • Caldo com carne, legumes, massas ou outra substância sólida, servido, normalmente, como o primeiro prato do jantar. • 03 ocorrências.

Omelete • Nf [sing] • português < francês • Fritada de ovos batidos. • 01 ocorrência.

Farofa • Nf [sing] • africano < n/e • Farinha de mandioca torrada, com gordura e às vezes ovos etc. • 07 ocorrências.

Farofas • Nf [Spl] • africano < n/e • 06 ocorrências. Ver: *Farofa*.

Cuscuz • Nm [Ssing] • português < árabe • Iguaria feita de farinha de milho ou de farinha de arroz etc., cozida no vapor. • 01 ocorrência.

Angu • Nm [Ssing] • africano < Kwa • Pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com sal e cozido para ser comido com carne, peixe, camarão etc. • 14 ocorrências.

Angu Cru • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (africano < Kwa + português < latim) • 02 ocorrências. Ver: *Angu*.

Angu Frio • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (africano < Kwa + português < latim) • 01 ocorrência. Ver: *Angu*.

Angu Seco • NCm [Ssing + ADJsing] • híbrido (africano < Kwa + português < latim) • 03 ocorrências. Ver: *Angu*.

Anguzinho • Nm [Ssing + Dim] • híbrido (africano < Kwa + sufixo português) • Diminutivo de angu. • 01 ocorrência. Ver: *Angu*.

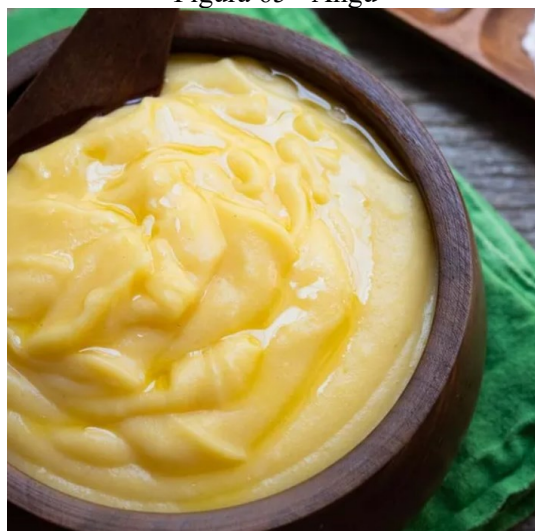


Figura 65 - Angu

Fonte: Vogue Gente (globo.com)

Mingau • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Alimento de consistência pastosa, espécie de papa preparada com farinha de mandioca ou de trigo (ou fubá, maisena, aveia, etc.), diluída e cozida em água ou em leite e a que se adicionam açúcar, ovos, canela, etc. • 06 ocorrências.

Tiborna • Nf [Ssing] • português < origem obscura • Pão quente embebido em azeite novo. • 02 ocorrências.

Tosta • Nf [Ssing] • português < latim • Fatia de pão torrado. • 01 ocorrência.

Jacuba ~ Jacumba • Nf [Ssing] • português < origem duvidosa (talvez do indígena < tupi) • Pirão preparado com água, farinha de mandioca e açúcar. • *Jacuba* 57 ocorrências; *Jacumba* 01 ocorrência.

Jacubinha • Nf [Ssing + Dim] • híbrido (português < origem duvidosa - talvez do indígena tupi, + sufixo português) • Diminutivo de Jacuba. • 03 ocorrências.

Guloseimas e açúcares

Pirulito • Nm [Ssing] • português < de **pirolito*, forma epentética de *pirlito* • Substância doce em forma de bola, etc., enfiada num palito. • 04 ocorrências.

Quindim • Nm [Ssing] • português < africana (kwa / banto) • Docinho de gema de ovo, coco e açúcar. • 01 ocorrência.

Marmelada • Nf [Ssing] • português < latim < grego • Doce pastoso de marmelo. • 13 ocorrências.

Marmelada de João Ferreira • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada de José V. de Araújo • NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada, de Augusto Costa • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada, de Fidelis T. Filho • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada, de José J. de Sousa • NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada, de José G. de Araújo • NCf [Ssing + {Prep + Antrop} + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmelada, de R. Pereira • NCf [Ssing + {Prep + Antrop}] • português < latim < grego + Antrop • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Marmeladinha • Nf [Ssing + Dim] • português < latim < grego • Diminutivo de marmelada. • 01 ocorrência. Ver: *Marmelada*.

Figura 67 - Delfinópolis – Minas Gerais



Fonte: Lá da Serra
(Instagram: @ladaserradacanastra)

Figura 66 - Delfinópolis – Minas Gerais



Fonte: Lá da Serra
(Instagram: @ladaserradacanastra)

Melado • Nm [Ssing] • português < latim • Mel grosso do açúcar de que se faz a rapadura. • 06 ocorrências.

Rapadura • Nf [Ssing] • português < gótico • Açúcar mascavo, em forma de pequenos tijolos. • 14 ocorrências.

Rapadurinha • Nf [Ssing + Dim] • português < gótico • Diminutivo de rapadura. • 01 ocorrência. Ver: *Rapadura*

Iguarias feitas com farinha

Biscoito • Nm [Ssing] • português < latim • Bolinho doce feito à base de farinha de trigo. • 03 ocorrências.

Bolo • Nm [Ssing] • português < latim • Tipo de pastelaria, de formas variadas, feita, geralmente, de farinha, ovos, açúcar e gorduras. • 02 ocorrências.

Broas • Nf [Spl] • português < origem incerta • Pão arredondado ou bolo feito de farinha de trigo, de fubá de milho, de farinha de arroz, de cará etc. • 02 ocorrências.

Broas Perauses • NCf [Spl + n/e] • português < origem incerta + n/e] • 01 ocorrência. Ver: *Broas*.

Pão • Nm [sing] • português < latim • Alimento feito de massa de farinha de trigo e outros cereais, com água e fermento, que é assado ao forno. • 01 ocorrência.

Pão Alto • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Pão*.

Pão de Açúcar • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim + português < árabe • 06 ocorrências. Ver: *Pão*.

Pão de Angu • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • híbrido (português < latim + africano < Kwa) • 01 ocorrência. Ver: *Pão e Angu*.

Pão do Brasil • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • português < latim + topônimo • 01 ocorrência. Ver: *Pão*.

Pão Quente • NCm [Ssing + ADJsing] • português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Pão*.

Pão-de-Ló • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • português < latim • Bolo feito com farinha de trigo, ou do-reino, ovos batidos, açúcar e das casquinhas de ovos com água, assado ao forno em forma de lata. O pão-de-ló é sempre fofo, dourado, macio, com sua crosta espessa e bem-feita. • 01 ocorrência. Ver: *Pão*.

Pastelzinho • Nm [Ssing + Dim] • português < francês < latim • Diminutivo de pastel: iguaria feita com massa de farinha de trigo, recheada com doce ou salgado e frita. • 01 ocorrência.

Lácteos

Figura 68 – Queijo (Delfinópolis – Minas Gerais)



Fonte: Lá da Serra
(Instagram: @ladaserradacanastra)

Coalhada • Nf [Ssing] • português < francês < latim • Leite coalhado, usado como alimento. • 02 ocorrências.

Manteiga • Nf [Ssing] • português < origem pré-romana • Substância gorda e alimentícia que se extrai da nata do leite. • 06 ocorrências.

Queijo • Nm [Ssing] • português < latim • Alimento que se obtém pela coagulação e fermentação do leite de vaca, de cabra etc. e cuja massa, de consistência variável, é comprimida e moldada, adquirindo forma característica. • 02 ocorrências.

Queijos • Nm [Spl] • português < latim • 01 ocorrência. Ver: *Queijo*.

Requeijão • Nm [Ssing] • português < latim • Queijo feito com a nata do leite coagulada pela ação do calor. • 06 ocorrências.

Microcampo das bebidas

Alcoólicas:

Cachaça • Nf [Ssing] • português < origem controvertida • Aguardente de cana-de-açúcar. • 02 ocorrências.

Cachaça de Cima • Ncf [Ssing + {Prep + ADV}] • português < origem controvertida + português < latim • 02 ocorrências. Ver: *Cachaça*.

Tiquira • Nf [Ssing] • indígena < tupi • Aguardente de mandioca. • 02 ocorrências.



Figura 69 - Cachaça

Fonte: granraiz.com

Chope • Nm [Ssing] • português < francês < alemão • Cerveja fresca de barril. • 01 ocorrência.

Não alcoólicas:

Guaraná • Nm [Ssing] • indígena < tupi • Bebida refrigerante preparada com a massa das sementes da *Paullinia cupania*, planta da família das sapindáceas. • 02 ocorrências.

Garapa • Nf [Ssing] • africano < banto • Bebida refrigerante formada pela mistura de mel ou açúcar com água; o caldo da cana. • 15 ocorrências.

Calumbá • Nf [Ssing] • africano < banto • Caldo de cana. • 02 ocorrências.

Chá • Nm [Ssing] • português < chinês (dialeto mandarino) • Infusão medicinal de várias plantas. • 04 ocorrências.

Capítulo 5

Resultados e análise



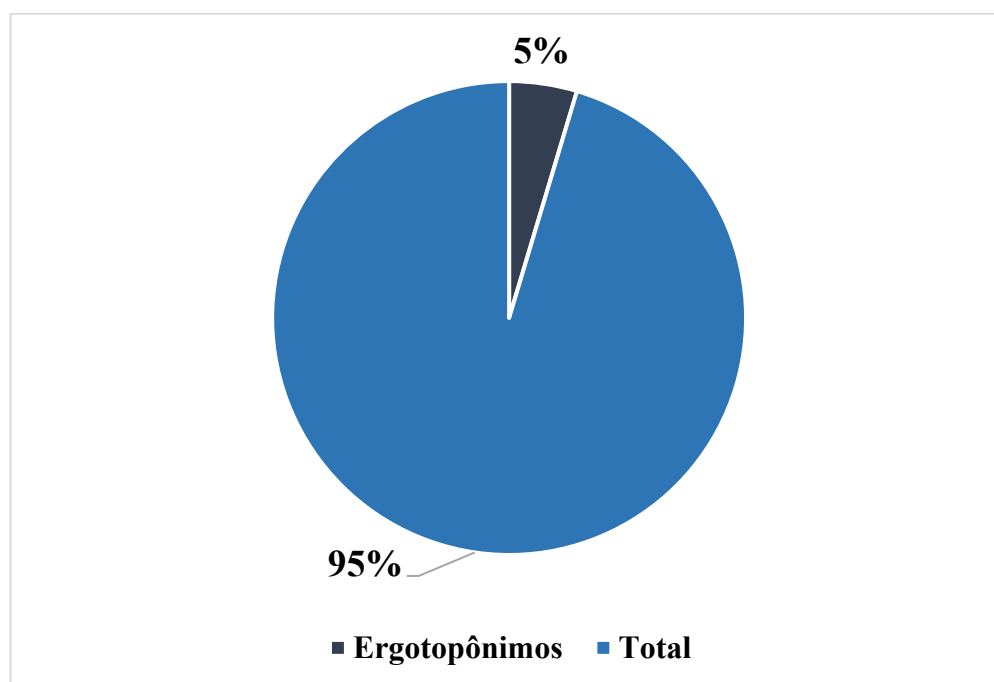
Fogão a lenha (Museu de Artes e Ofícios – Belo Horizonte/MG)

5. RESULTADOS E ANÁLISE

5.1 Resultado geral

Após a coleta dos ergotopônimos do banco de dados do Projeto ATEMIG, tendo em vista os apontamentos explicitados inicialmente, no capítulo 3 – Procedimentos metodológicos, resultou-se em 3094 ergotopônimos, considerando todas as ocorrências, e 302 bases lexicais. Desse modo, o número total de ocorrências de ergotopônimos corresponde a 5% do número total de topônimos que integram o banco de dados do Projeto ATEMIG: 85.806 topônimos. Sendo assim, o resultado geral é explicitado por meio do gráfico, a seguir:

Gráfico 1 - Resultado geral: total de ergotopônimos em relação ao total de topônimos no banco de dados do Projeto ATEMIG



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dessa forma, levando-se em consideração as 27 taxonomias propostas por Dick (1990), a taxa dos ergotopônimos é considerada a 10^a taxa mais produtiva no banco de dados do Projeto ATEMIG³³³.

³³³ Em valor quantitativo, destacam-se os fitotopônimos, antropotopônimos, hidrotopônimos, hierotopônimos, animotopônimos, geomorfotopônimos, litotopônimos, zootopônimos e sociotopônimos.

5.2 Quanto às mesorregiões

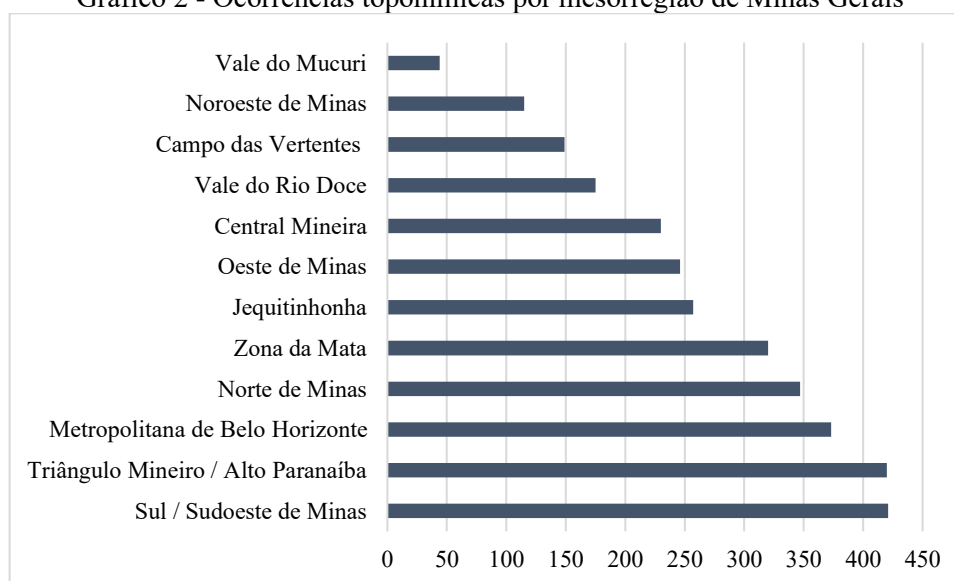
Tratando-se das mesorregiões de Minas Gerais, verificamos maior número de ergotopônimos nas regiões Sul / Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, conforme é mostrado por meio do seguinte quadro:

Quadro 5 - Relação de ocorrências toponímicas por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências toponímicas	
Sul / Sudoeste de Minas	421	14%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	420	14%
Metropolitana de Belo Horizonte	373	12%
Norte de Minas	347	11%
Zona da Mata	320	10%
Jequitinhonha	257	8%
Oeste de Minas	245	8%
Central Mineira	230	7%
Vale do Rio Doce	173	6%
Campo das Vertentes	149	5%
Noroeste de Minas	115	4%
Vale do Mucuri	44	1%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 2 - Ocorrências toponímicas por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Torna-se perceptível, portanto, o predomínio de ergotopônimos nas mesorregiões Sul / Sudoeste de Minas, com 421 ocorrências, e Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, com 420 ocorrências. Em menor número, a mesorregião Vale do Mucuri apresentou 44 ocorrências de ergotopônimos. Tratando-se desse resultado, analisamos, com maior atenção, as mesorregiões Sul / Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba. Porém, antes de apresentarmos as interpretações dos resultados deste trabalho, é necessário ter em vista que os ergotopônimos, objetos deste estudo, são marcas da cultura material em Minas Gerais e, sendo assim, revelam quais elementos dessa cultura são predominantes. Nesse cenário, torna-se pertinente contextualizar brevemente o período de territorialização de Minas Gerais para interpretarmos os resultados gerais.

Atentando ao processo de territorialização de Minas Gerais, é notável reconhecer que os achados de metais preciosos tornaram o território mineiro bastante atrativo, perceptível, inclusive, por meio do próprio topônimo, associado às minas, de modo geral:

É certo que outros pequenos achados foram se sucedendo, mas a revelação da descoberta do ouro em larga escala situa-se entre 1697 e 1704. Nesse período são descobertas as minas do Sertão dos Cataguases (Oliveira, 1999, p. 277), do Caeté, do Rio das Velhas – cuja principal mina é a do Sabarabuçu -, do Serro do Frio e do rio das Mortes. São essas minas os núcleos primários de irradiação do processo de territorialização de Minas Gerais. (RESENDE, 2007, p. 29)

Dessa forma, o interesse pelo território mineiro aumentou em fins do século XVII, como consequência dos achados de ouro “nos rios e córregos do Rio Piranga (Duarte Lopes), de Ouro Preto (Manoel Garcia, Antônio Dias e Pe. João de Faria), e de Sabará (Borba Gato)” (COSTA et al., 2004, p.100). A busca desenfreada por riquezas fez surgir arraiais, porém, inicialmente, de modo desorganizado. Diante da necessidade de estabelecer os limites do território mineiro, em 1709 criou-se a Capitania de São Paulo e Minas do ouro, desmembrada da Capitania do Rio de Janeiro, jurisdição a qual pertencia:

Figurando como um dos desdobramentos da Guerra dos Emboabas, esse novo recorte territorial marcou a tentativa de, ao mesmo tempo, instaurar a ordem, apaziguar os paulistas e estabelecer o maior controle sobre a região das minas. (MORAES, 2007, p.76)

Em 1714 foram estabelecidos os limites das primeiras comarcas criadas em Minas Gerais: Sabará (ou Rio das Velhas), Rio das Mortes e Vila Rica. Em 1720 criou-se a Comarca do Serro Frio e, quase 100 anos depois, em 1815, foi criada a comarca de Paracatu, evidenciando a interiorização do povoamento da Capitania:

Mapa 3 - Minas Gerais nos Setecentos e nos Oitocentos Colonial e Joanino: a criação da Comarca de Paracatu, em 1815, revela a interiorização da ocupação do território.



Fonte: Gomes, 2019, p. 48. Adaptado de Santos, Seabra e Costa. (2016)

As comarcas da Capitania de Minas Gerais correspondem, atualmente, às seguintes mesorregiões mineiras³³⁴:

- a) Paracatu (corresponde às mesorregiões: Triângulo Mineiro, Noroeste de Minas, secundariamente Norte de Minas e Central Mineira).
- b) Rio das Mortes (corresponde às mesorregiões: Sul/Sudoeste de Minas, Campo das Vertentes, secundariamente Oeste de Minas, Metropolitana de Belo Horizonte e Zona da Mata).
- c) Sabará (corresponde às mesorregiões: Metropolitana de Belo Horizonte, Central Mineira, secundariamente Noroeste de Minas, Norte de Minas e Oeste de Minas).
- d) Serro Frio (corresponde às mesorregiões: Norte de Minas, Jequitinhonha, Metropolitana de Belo Horizonte, secundariamente Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce e Central Mineira).
- e) Vila Rica (corresponde às mesorregiões: Zona da Mata, Metropolitana de Belo Horizonte, secundariamente Vale do Rio Doce).

³³⁴ Essa relação e outras informações sobre as comarcas da Capitania de Minas Gerais constam em: SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C.; COSTA, A. (Orgs.). *Minas Gerais – Patrimônio toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais*. (Folheto). In: SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C.; COSTA, A. G. (Orgs.). *Atlas – Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Museu de História Natural e Jardim Botânico, Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. 1 CD. Acompanha material complementar (1 folheto e 10 marcadores de páginas). Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseum/crch/toponimia/index.html>>. Acesso em: jul. 2021.

Ainda que o *corpus* toponímico deste trabalho seja constituído por topônimos contemporâneos, esse recuo ao passado é necessário para analisar e interpretar os dados levando-se em consideração a influência de fatores históricos e culturais, assim como o fato de que o topônimo se perpetua no tempo, sobrevivendo por gerações. Torna-se instigante, portanto, a tentativa de interpretar os resultados deste trabalho tendo em vista a história de Minas Gerais.

De fato, a Comarca do Rio das Mortes, que hoje corresponde, principalmente, à mesorregião Sul / Sudoeste de Minas, conforme explicitado anteriormente, era uma das regiões mais populosas nos Setecentos, consoante ao que apresenta Furtado em relação aos níveis de riqueza: “Vila Rica e Rio das Mortes eram as regiões onde, por essa época, de forma mais efetiva, sedimentara-se uma civilização urbana mais próxima dos moldes europeus, sob a égide de portugueses e paulistas”. (FURTADO, 2009, p.178) É possível, pois, inferir que uma região populosa, levando-se em conta a história de Minas Gerais, impulsionava o surgimento de atividades de mineração e agrícola, além de ser imprescindível a necessidade de instrumentos diversos, produtos, construções, transportes, alimentos, etc., embora inicialmente fossem precários. Apesar de, primitivamente, a região das “minas”, localizada ao longo da Serra do Espinhaço, ser a mais significativa em relação às produções auríferas, é reconhecível a importância da região Sul devido a localização estratégica. Essa perspectiva é perfeitamente corroborada por Costa (2017):

[...] as elevações de arraiais a vilas, no período 1711-1730, concentraram-se ao longo da serra do Espinhaço – como vimos, a zona mineradora mais produtiva – enquanto, no período 1789-1814, situaram-se na parte Sul da Capitania – uma zona promissora, com vocação agrícola, mas também uma área “quente”, dada a sua posição limítrofe com as Capitanias de Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro e dado o envolvimento das elites locais com a Inconfidência mineira. (COSTA, 2017, p.38)

Godoy (2019) salienta pontos importantes que justificam a ascensão das regiões que compunham a comarca do Rio das Mortes:

No curso das transformações que se processaram entre a segunda metade do século XVIII e a primeira quadra da centúria seguinte, os espaços meridionais de Minas Gerais alcançaram grande projeção econômica e demográfica. Pronunciada retração da mineração, redistribuição populacional, expansão da agricultura e pecuária, aprofundamento do processo de substituição de importações, mudança na direção do comércio externo e constituição de corredor de exportações em direção ao Rio de Janeiro são fatores essenciais à compreensão da ascensão das regiões que compunham a comarca do Rio das Mortes. (GODOY, 2019, p. 140)

Quanto aos macrocampos lexicais, destaca-se, na mesorregião Sul / Sudoeste de Minas, o campo dos instrumentos, com 315 ocorrências:

Quadro 6 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Sul/Sudoeste de Minas

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	315	Instrumento de grande estrutura e produção: Engenho (43); Monjolo (31)
Construção	29	Construção para entrada e saída (10): Portão/Porteira/Porteirinha/Portinha (10); Construção para cercar e proteger (10): Torre (5)
Alimentos e bebidas	25	Guloseimas e açúcares (7): Melado (3); Rapadura (3)
Calçados e vestuário	23	Vestuário (21): Chapéu (10); Carapuça (6)
Transporte	23	Transporte náutico (16): Canoa (8)
Produto	6	Produtos curtidos para usos diversos (3): Couro (3)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dentre os microcampos lexicais que integram o macrocampo dos instrumentos, destacam-se os instrumentos de grande estrutura e produção, totalizando 96 ocorrências, seguidos pelos instrumentos para guardar e/ou transportar, com 59 ocorrências, e instrumentos de corte, com 42 ocorrências:

Quadro 7 - Microcampos lexicais do macrocampo dos instrumentos (mesorregião Sul/Sudoeste de Minas)

Microcampo lexical	Total de ocorrências	Lexias mais produtivas
Instrumento de grande estrutura e produção	96	Engenho (43); Monjolo (31); Moinho (15)
Instrumento para guardar e/ou transportar	59	Baú (13); Cocho (10); Gamela (8)
Instrumento de corte	42	Machado (40); Foice (1); Tesoura (1)
Instrumento musical	25	Caxambu (18); Tamboril (7)
Instrumento de cozinha	20	Moquéim (10); Forno (6); Tacho (2)
Instrumento agrícola	14	Forquilha (13), Arado (1)
Instrumento de montaria/cavalgadura	8	Ferradura (4); Gamarra (3); Sela (1)
Instrumento de iluminação	7	Candeia (5); Lamparina (2)
Instrumento do lar	6	Jirau (3); Tamborete (2); Mesa (1)
Instrumento de caça	5	Arataca (4); Laço (1)
Instrumento hidráulico	5	Bomba (5)
Instrumento de garimpo	4	Bateia (4)
Instrumento de pesca	4	Pari (3); Anzol (1)
Instrumento de guerra	3	Zagaia (2); Espada (1)

Instrumento monetário	3	Vintém (3)
Instrumento para fumar	3	Pito (3)
Instrumento para puxar e/ou suspender	3	Correias (2); Canga (1)
Instrumento de medida	2	Balança (1); Relógio (1)
Instrumento para abrir e fechar ou lacrar	2	Chaves (2)
Instrumento de artesanato	1	Bolandeira (1)
Instrumento de castigo e execução	1	Forca (1)
Instrumento honorífico/religioso	1	Sino (1)
Instrumento náutico	1	Gávea (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Neste grupo de instrumentos destaca-se o topônimo engenho (43 ocorrências), seguido por monjolo (31 ocorrências) e moinho (15 ocorrências). Tratam-se, pois, de instrumentos utilizados para moer:

Quadro 8 - Microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção (mesorregião Sul/Sudoeste de Minas)

Instrumentos de grande estrutura e produção	Total de ocorrências
Engenho	43
Monjolo	31
Moinho	15
Pilão	3
Alambique	2
Moenda	1
Máquina	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Em relação à mesorregião Triângulo Mineiro /Alto Paranaíba, é pertinente evidenciar que correspondia à antiga Comarca de Paracatu, a última criada, em 1815. Tendo em vista o acesso para Goiás, conforme apresenta Moraes (2007, p. 78), a região constituía “populosos enclaves mineradores no sertão”, que exigiam maior controle político-administrativo. Atualmente, tratando-se dos macrocampos lexicais considerados neste trabalho, predomina o macrocampo dos instrumentos, totalizando 302 ocorrências:

Quadro 9 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	302	Instrumento de grande estrutura e produção (99): Engenho (33); Monjolo (29)
Alimentos e bebidas	37	Preparo culinário (23): Jacuba (16)
Construção	35	Construção para cercar e proteger (14): Cerca (4); Cercadinho (3); Muro de Pedra (5)
Calçados e vestuário	18	Vestuário (11): Chapéu (8)
Transporte	17	Transporte náutico (12): Canoa (9)
Produto	11	Produto resíduo (3): Serragem (3)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção revelou-se mais significativo, totalizando 99 ocorrências, seguido pelos instrumentos para guardar e/ou transportar, com 74 ocorrências, e instrumentos agrícolas, com 24 ocorrências:

Quadro 10 - Microcampos lexicais do macrocampo dos instrumentos (Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba)

Microcampo lexical	Total de ocorrências	Lexias mais produtivas
Instrumento de grande estrutura e produção	99	Engenho (33); Monjolo (29); Moinho (17)
Instrumento para guardar e/ou transportar	74	Baú (34); Bagagem (24)
Instrumento agrícola	24	Forquilha (22); Enxada (1); Pá (1)
Instrumento musical	22	Tamboril (15); Caxambu (3); Zabumba (3)
Instrumento de corte	14	Machado (14)

Instrumento de cozinha	13	Moquém (9); Peneiras (3); Forno (1)
Instrumento para puxar/suspender e /ou prender/atar	12	Parafuso (7); Argola (4); Trela (1)
Instrumento do lar	11	Mesa (9); Jirau (2)
Instrumento de artesanato	5	Espadilha (5)
Instrumento para fumar	5	Cachimbo (3); Pito (2)
Instrumento hidráulico	4	Bomba (3); Esgoto (10)
Instrumento monetário	4	Moeda (4)
Instrumento de montaria/cavalgadura	3	Sela Grande (2); Ferradura (1)
Instrumento de iluminação	2	Candeia (2)
Instrumento honorífico/religioso	2	Medalha (2)
Instrumento óptico	2	Óculos (2)
Instrumento de castigo e execução	1	Forca (1)
Instrumento de garimpo	1	Bateia (1)
Instrumento de guerra	1	Aríete (1)
Instrumento de medida	1	Balança (1)
Instrumento lúdico	1	Pacau (1)
Instrumento náutico	1	Toa (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

As lexias que integram esse microcampo lexical são evidenciadas, a seguir, destacando-se engenho, com 33 ocorrências, e monjolo, com 29 ocorrências:

Quadro 11 - Instrumentos de grande estrutura e produção (Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba)

Instrumentos de grande estrutura e produção	Total de lexias
Engenho	33
Monjolo	29
Moinho	17
Pilão	11
Caieira	4
Máquina	3
Moenda	2

Fonte: elaborado pela autora (2023)

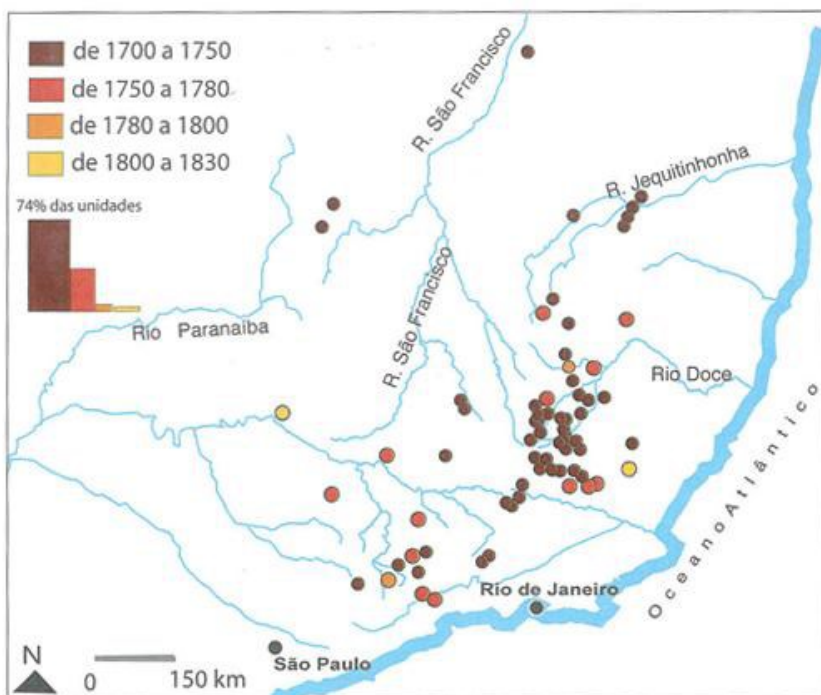
Conclui-se, portanto, que os instrumentos utilizados para moer são os que mais predominam nas mesorregiões Sul / Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, sendo Engenho, Monjolo e Moinho os que se destacam, nessa ordem em que foram apresentados. Além desses, é pertinente apontar que os microcampos lexicais que seguem como os mais produtivos, também, estão associados ao meio rural. Na mesorregião Sul / Sudoeste de Minas, em relação aos instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar, totalizando 59 ocorrências, destacam-se Baú, com 13 ocorrências, seguido por Cocho, com 10 ocorrências. Em relação aos instrumentos de corte, totalizando 42 ocorrências, destaca-se, de forma predominante, Machado, com 40 ocorrências³³⁵. Em relação à mesorregião Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, os instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar, revelaram Baú como o mais produtivo, com 34 ocorrências, seguido por Bagagem, com 24 ocorrências. Quanto aos instrumentos agrícolas, destaca-se, de forma predominante, Forquilha, com 24 ocorrências³³⁶.

Esse resultado mostra que, apesar desses instrumentos estarem distribuídos em diferentes microcampos lexicais, estão perfeitamente relacionados ao contexto rural. Dessa forma, antes mesmo do declínio aurífero, as atividades agrícolas já eram crescentes na economia mineira, de forma simultânea às atividades minerárias, e são esses os padrões motivadores revelados neste trabalho. A sequência dos mapas, a seguir, explicitam claramente esse cenário:

³³⁵ Seguido por Foice e Tesoura com apenas 1 ocorrência cada.

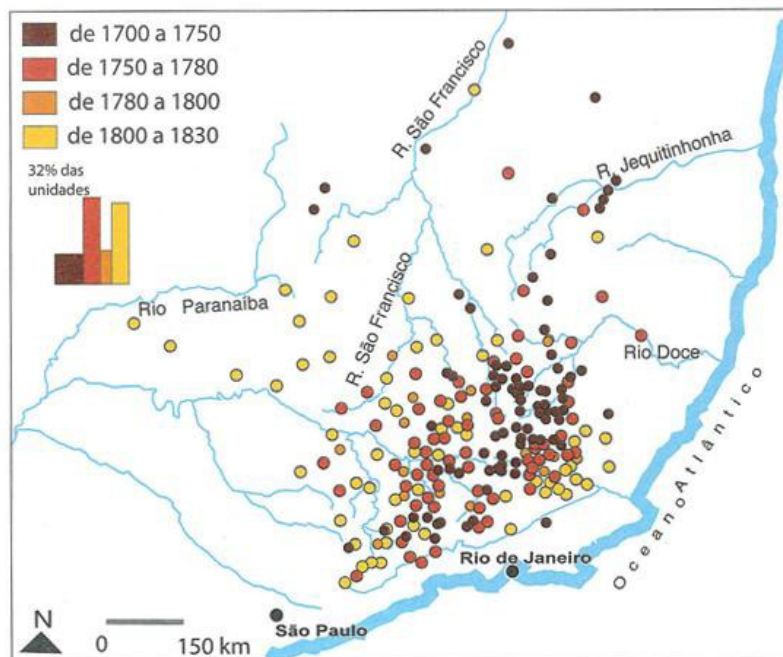
³³⁶ Seguido por Enxada e Pá, com apenas 1 ocorrência cada.

Mapa 4 - Os arraiais mineradores em Minas Gerais



Fonte: COSTA (2017, p. 36)

Mapa 5 - Os arraiais agrícolas em Minas Gerais



Fonte: COSTA (2017, p. 37)

Observamos, portanto, uma “gradual ruralização da economia, ao longo do século XVIII”, como aponta Costa (2017, p.38). Essa realidade é compreensível, inclusive, ao ponderar o fato de que se fazia necessário o abastecimento alimentar e de outros produtos aos núcleos populacionais e, gradativamente, surgiam roças ao longo dos caminhos e produção de produtos diversos. Godoy, aborda o assunto, pautando-se em Zemella:

Ainda que reconheça a posição nuclear da mineração e não considere a possibilidade da auto-suficiência na produção de gêneros de subsistência antes do início do declínio da extração aurífera, Mafalda Zemella demarca os problemas do abastecimento de Minas Gerais a partir do exterior e admite o surgimento, progressivo, da agricultura e pecuária para o atendimento das populações especializadas nos trabalhos extrativos. Dessa forma, mesmo no período de crescimento da produção aurífera e de maior vigor da imposição de interesses monopolísticos e fiscais da Metrópole, o mercado de consumo mineiro, gradualmente, foi-se libertando da dependência externa. (ZEMELLA, 1990, p. 191-235, apud GODOY, 2019, p. 116)

Ademais, ainda que este trabalho, apenas, não seja suficiente para analisar e interpretar com maior precisão os resultados aqui evidenciados, é válido explicitar as demais mesorregiões quanto aos macrocampos lexicais:

Quadro 12 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	248	Instrumento de grande estrutura e produção (111): Engenho (60); Monjolo (21)
Construção	57	Construção para entrada e saída (23): Porteira (14)
Alimentos e bebidas	38	Preparo culinário (25): Jacuba (14); Farofa (8)
Transporte	21	Transporte náutico (13): Canoa (9)
Calçados e vestuário	6	Vestuário: Alpercata (1); Bota (1); Chinela (1). Vestuário: Capote (1); Carapuça (1); Chapéu (1)
Produto	3	Produto explosivo: Pólvora (1); Produto utilizado como medicamento: Remédio (1); Produto desenvolvido para a comunicação /exposição e/ou arte: Vitrine (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 13 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Norte de Minas

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	198	Instrumento de grande estrutura e produção: Gangorra (15); Engenho (12) Instrumento agrícola: Forquilha (24); Tamboril (23); Moquéu (17); Gangorra (15); Engenho (12)
Construção	82	Construção para entrada e saída (44): Porta/Porteira/Porteirinha (37); Cancela (7)

Alimentos e bebidas	26	Lácteos (9): Requeijão (6)
Transporte	22	Transporte náutico (14): Canoa (13)
Calçados e vestuário	18	Vestuário (14): Chapéu (7); Gibão (5)
Produto	1	Produto fertilizante (1): Adubo (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 14 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Zona da Mata

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	215	Instrumento de grande estrutura e produção (109): Engenho (36) Moinho (28)
Alimentos e bebidas	51	Preparo culinário (20): Jacuba (8); Angu (7)
Construção	25	Construção para entrada e saída (9): Porteira/Portão (7); Cancela (2)
Transporte	16	Transporte náutico (14): Canoa (10)
Produto	12	Produto formado por liga de metais (6): Latão (5); Latinha (1)
Calçados e vestuário	1	Vestuário (1): Colete (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 15 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Jequitinhonha

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	156	Instrumento de grande estrutura e produção (63): Engenho (21); Gangorra (24)
Alimentos e bebidas	41	Preparo culinário (19): Carne-seca (7)
Construção	33	Construção para entrada e saída (13): Portão/Porteira (12)
Produto	12	Produto desenvolvido para comunicação/exposição e/ou arte (5): Letreiro (3)
Transporte	11	Transporte náutico (7): Canoa (7)
Calçados e vestuário	4	Vestuário (3): Chapéu (3)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 16 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Oeste de Minas

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	182	Instrumento de grande estrutura e produção (73): Engenho (28); Monjolo (23)
Transporte	19	Transporte náutico (16): Canoa (15)
Alimentos e bebidas	15	Preparo culinário (11): Jacuba (8)
Calçados e vestuário	14	Calçados (9): Sapato (7)

Construção	13	Construção para entrada e saída (8): Porteira (8)
Produto	2	Produto de fumo (2): Fumo (1); Produtos curtidos para usos diversos: Couros (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 17 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Central Mineira

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	144	Instrumento de grande estrutura e produção (47): Monjolo (24); Engenho (10)
Construção	35	Construção para cercar e proteger (15): Caiçara (9); Cerca (1)
Alimentos e bebidas	24	Guloseimas e açúcares (18): Marmelada (16)
Transporte	20	Transporte náutico (16): Canoa (14)
Calçados e vestuário	4	Vestuário (3): Chapéu (2); Capote (1)
Produto	3	Produto resíduo (3): Serragem (3)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 18 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Vale do Rio Doce

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	114	Instrumento para guardar e/ou transportar (27): Baú (7); Caixa (7)
Construção	24	Estruturas de sustentação e/ou materiais e sistemas utilizados em construção (13): Escadinha (6); Coluna (5)
Alimentos e bebidas	15	Ingredientes e temperos culinários (7): Azeite (4)
Produto	11	Produto arranjo (6): Ramallete (6)
Calçados e vestuário	6	Vestuário (4): Chapéu (4)
Transporte	3	Transporte terrestre (2): Carrinho (1); Trem (1)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 19 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Campo das Vertentes

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	91	Instrumento de grande estrutura e produção (52): Engenho (30); Moinho (10)
Construção	24	Construção para entrada e saída (16): Porta/Porteira/Portão/Porteirinhas (15)
Alimentos e bebidas	15	Preparo culinário (5): Farofa (3) Ingredientes e temperos culinários (7): Azeite (3)
Calçados e vestuário	10	Vestuário (8): Baeta (3); Chapéu (3)
Transporte	5	Transporte náutico (3): Canoa (2); Fragata (1)

Produto	4	Produto desenvolvido para comunicação/exposição e/ou arte (2): Painel (2) Produto formado por liga de metais (2): Arame (2) ¹
---------	---	---

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 20 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Noroeste de Minas

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	65	Instrumento de grande estrutura e produção (17): Engenho (9); Pilão (4)
Alimentos e bebidas	19	Bebidas não alcoólicas (6): Garapa (6)
Construção	21	Construção para cercar e proteger (15): Cercado (8); Caiçara (6)
Produto	0	0
Transporte	3	Transporte náutico (2): Canoas (2)
Calçados e vestuário	7	Vestuário (6): Jaleco (3)

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 21 - Macrocampos lexicais correspondentes à mesorregião Vale do Mucuri

Macrocampo lexical	Total de ocorrências	Microcampo lexical mais produtivo
Instrumento	31	Instrumento de grande estrutura e produção (7): Gangorra (4)
Construção	6	Estruturas de sustentação e/ou materiais e sistemas utilizados em construção (3): Pontaleta (2)
Calçados e vestuário	4	Vestuário (2): Chapéu (2) Acessório de adorno (2): Jóia (1); Penacho (1)
Alimentos e bebidas	2	Farinha (1): Farinha (1) Iguarias feitas com farinha: Pão do Brasil (1)
Transporte	1	Transporte náutico (1): Canoa (1)
Produto	0	0

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Nota-se, portanto, o predomínio do macrocampo lexical dos instrumentos, destacando-se o microcampo lexical dos instrumentos de grande estrutura e produção, tais como Engenho, Monjolo e Gangorra, em todo território mineiro. Porém, é pertinente apontar a exceção da mesorregião Vale do Rio Doce que apresentou maior número de instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar, tais como Baú e Caixa. Desse modo, tal como explanado anteriormente, em relação às mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, os resultados evidenciam, claramente, o cenário rural em Minas Gerais. Esse cenário é perceptível, também, ao analisar os demais macrocampos lexicais, considerando a presença

significativa de Porteira no macrocampo das construções e Jacuba no macrocampo dos alimentos e bebidas. Canoa revelou-se, também, significativo em todo território mineiro. Neste trabalho, tal lexia foi considerada como transporte, tendo em vista o seu significado principal, porém, é pertinente explicitar a possibilidade de outros significados, dependendo da região, impossíveis de serem averiguados por meio deste trabalho.

No último tópico deste capítulo abordaremos de modo mais completo o cenário rural mineiro evidenciado por meio dos resultados explanados. A seguir, apresentamos os topônimos mais produtivos revelados neste estudo.

5.3 Quanto aos ergotopônimos mais produtivos

Tendo em vista as bases lexicais, alguns ergotopônimos destacam-se como os mais produtivos do *corpus* toponímico, são eles: Engenho, com 297 ocorrências (10% do total), Monjolo, com 158 ocorrências (5% do total), Machado, com 140 ocorrências (5% do total), Forquilha, com 133 ocorrências (4% do total), Porta, com 131 ocorrências (4% do total), Baú, com 128 ocorrências (4% do total) e Moinho, com 127 ocorrências (4% do total).

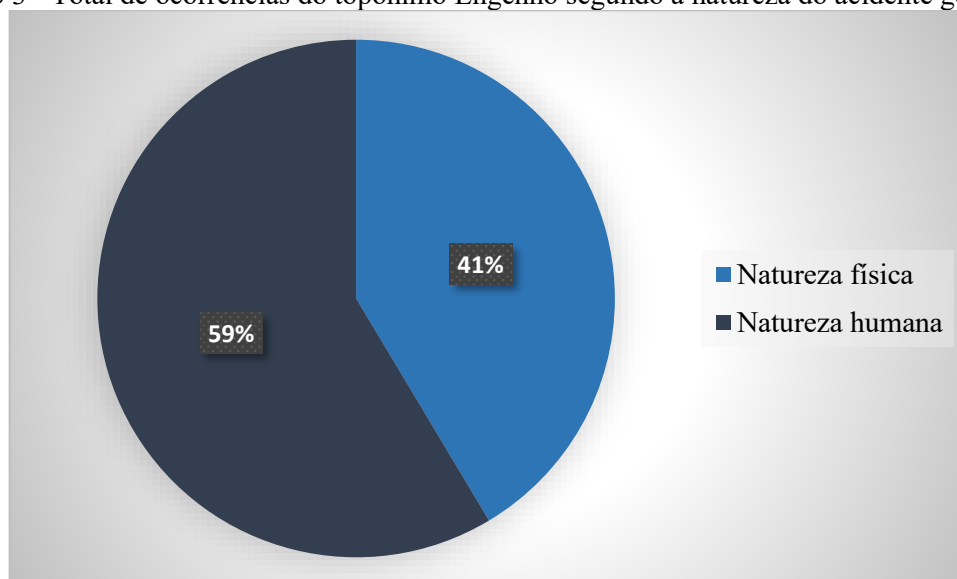
É imprescindível reconhecer, também, a quantidade de ergotopônimos que apresentaram apenas uma ocorrência. São, no total, 91 topônimos, como Mocotó, Omelete e Sino, por exemplo. Esse resultado revela a importância de tais nomes na nomeação de lugares, considerando as suas singularidades de forma específica de um povo ou região.

Dedicamos cuidadosa atenção ao explicar, de modo mais completo, sobre o topônimo Engenho e suas variantes, levando-se em consideração a sua presença produtiva em todo território mineiro, conforme será apresentado no tópico seguinte.

5.3.1 Engenho

A presença do ergotopônimo Engenho mostrou-se demasiadamente produtiva em Minas Gerais. Trata-se de 297 ocorrências que nomeiam córregos, lagoas, ribeirões, morros, serras, fazendas, localidade, povoados e sítios: nomeia, pois, 123 acidentes geográficos de natureza física e 174 acidentes geográficos de natureza humana, como evidencia o gráfico:

Gráfico 3 - Total de ocorrências do topônimo Engenho segundo a natureza do acidente geográfico



Fonte: elaborado pela autora (2023)

As ocorrências do topônimo Engenho, verificadas neste trabalho, são evidenciadas, a seguir:

Engenho (186 ocorrências); Engenho d'Água ~ Engenho d'água ~ Engenho D'água (04 ocorrências); Engenho d'Água de Baixo (01 ocorrência); Engenho da Bilha (01 ocorrência); Engenho da Boa Vista (01 ocorrência); Engenho da Cana-Brava (01 ocorrência); Engenho da Cota (01 ocorrência); Engenho da Glória (01 ocorrência); Engenho da Raquel (02 ocorrências); Engenho da Serra (33 ocorrências); Engenho de Baixo (06 ocorrências); Engenho de Belarmindo Gomes (01 ocorrência); Engenho de Cima (05 ocorrências); Engenho de Gilson Mendes (01 ocorrência); Engenho de José A. de Mendes (01 ocorrência); Engenho de José Gabriel (01 ocorrência); Engenho do Venâncio (01 ocorrência); Engenho Fernandes (01 ocorrência); Engenho Nogueira (01 ocorrência); Engenho Nossa Senhora Aparecida (01 ocorrência); Engenho Novo (12 ocorrências); Engenho Pobre (02 ocorrências); Engenho Podre (01 ocorrência); Engenho Seco (01 ocorrência); Engenho Velho (28 ocorrências); Engenho, de Eli Aucides (01 ocorrência); Engenho, de José Louriano (01 ocorrência) e Engenho, de José Luis (01 ocorrência).

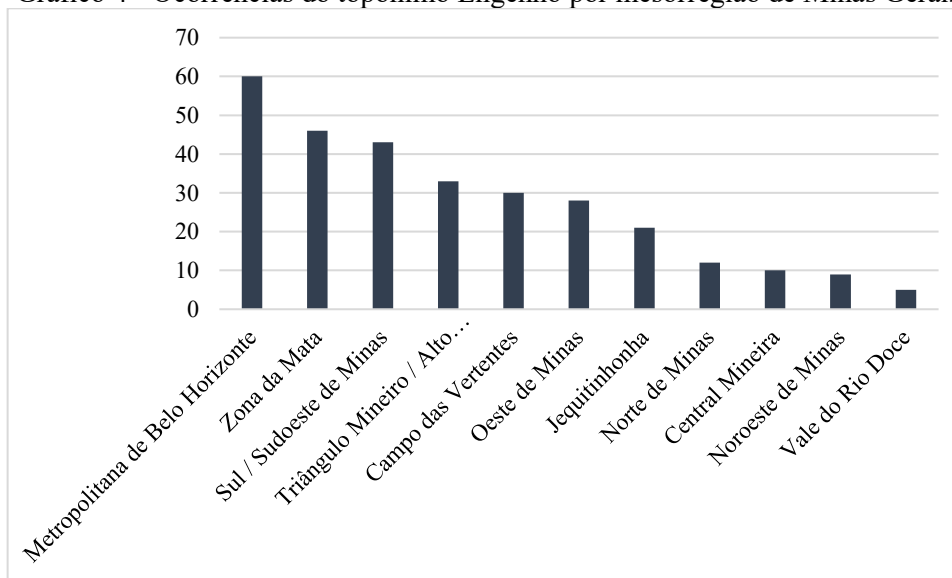
Averiguamos a presença do topônimo Engenho em todas as mesorregiões de Minas Gerais, porém, concentrada em maior número nas mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Zona da Mata, e Sul /Sudoeste de Minas:

Quadro 22 - Ocorrências do topônimo Engenho por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Engenho	
Metropolitana de Belo Horizonte	60	20%
Zona da Mata	46	15%
Sul / Sudoeste de Minas	43	14%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	33	11%
Campo das Vertentes	30	10%
Oeste de Minas	28	9%
Jequitinhonha	21	7%
Norte de Minas	12	4%
Central Mineira	10	3%
Noroeste de Minas	9	3%
Vale do Rio Doce	5	2%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 4 - Ocorrências do topônimo Engenho por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Para interpretarmos os resultados revelados, respaldamo-nos no trabalho desenvolvido por Marcelo Magalhães Godoy (2019), intitulado “No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio: um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas

Gerais”. Dividido em dois volumes, o trabalho citado serviu como importante fonte de informações. Conforme apresenta o autor:

Nos últimos anos do século XVII e ao longo das primeiras décadas da centúria seguinte, Minas Gerais recebeu expressivo contingente de imigrantes do Reino e de diversos espaços da Colônia. A associação das perspectivas criadas pela rentável mineração em expansão com a crise que projetou na estagnação a produção açucareira, mormente a partir de 1710, ensejou vigorosos fluxos migratórios do litoral, sobretudo nordestino, para o interior. A passagem de trabalhadores dos engenhos para as Minas representou a interiorização dos conhecimentos técnicos essenciais ao estabelecimento de atividades agroaçucareiras nos territórios em processo de ocupação. (GODOY, 2019, p. 76)

É importante chamar a atenção para o fato de que, enquanto no Nordeste a produção agroaçucareira era voltada para o mercado externo, em Minas Gerais a produção era voltada, principalmente, para o mercado interno da Capitania. Devido à precariedade dos transportes e morosidade de deslocamento de mercadorias, aumento populacional e necessidade de abastecimento do mercado interno, os engenhos foram surgindo por toda a capitania mineira e não em uma área específica de produção. Esse fato corrobora perfeitamente com o resultado apontado por meio deste trabalho, uma vez que os engenhos foram os principais motivadores na nomeação de lugares em todo território mineiro, considerando a categoria “cultura material”.

O conceito de “fazenda mista”, criado por Costa Filho (1963), descreve a realidade mineira em relação ao desenvolvimento de diversos tipos de produção. O nosso objetivo é evidenciar, principalmente, a presença de engenhos voltados para produções diversas. Como exemplo, nos Setecentos, citamos a fazenda mista de Bonifácio Pereira Veloso, localizada no norte de Minas:

Digna de citação, entre outras, era a fazenda de Bonifácio Pereira Veloso, sita no Ribeirão de Itanguá, na comarca de Serro Frio, termo de Minas Novas, a qual se compunha, segundo alegou o proprietário, de toda a espécie de engenhos que havia na terra: engenho de cana, engenho de farinha, engenho de milho, engenho de mandioca, engenho de fazer azeite de mamona, além de um curtume de curtir sola, paiol, casa de telhas, tenda de ferreiro, de carpintaria, estrebaria de cavalos da casa e da tropa. Cobertas de telhas. Menciona-se mais um moinho e, entrando em certos pormenores, fala-se em tachos grandes e pequenos e dois alambiques, de cobre, uma tropa de bestas, carros e bois, pomares de toda qualidade de frutas, com muita abundância, roças, canaviais, matos virgens, além das casas de residência, com sobrado, dos proprietários; registram-se também as senzalas dos escravos, formando os respectivos terreiros um arraial. Considerada uma das melhores da capitania houve quem oferecesse 90 mil o seu feitor, durante quatro anos e oito meses, quando Veloso se encontrava em Lisboa, este lhe pedia 47 mil cruzados pelo seu rendimento. Havia na fazenda lavras e gado, o que mostra que era uma típica fazenda mista, isto é, era ao mesmo tempo agrícola, pecuária e mineral ou agropecuária-industrial. (Costa Filho, 1963, p. 162 – 163, apud GODOY, 2019, p. 78)

A citação apresentada descreve o cenário mineiro em que os engenhos estavam inseridos. Dessarte, a presença de carros de bois, tachos, alambiques, tendas diversas (de ferreiro, carpintaria, etc), moinho, etc., retratam uma paisagem construída, inclusive, por topônimos verificados neste trabalho. Trata-se, portanto, de um cenário construído de modo interligado, já que o conjunto desses itens constitui um ambiente de trabalho típico das regiões rurais de Minas Gerais.

Voltado para o mercado interno, a modernização dos engenhos em Minas Gerais ocorreu de forma mais lenta. Alguns dados importantes são apontados por Godoy:

A observação da evolução da distribuição espacial dos engenhos no transcurso de mais de 150 anos evidencia algumas características importantes da história da produção de derivados da cana em Minas: 1. a grande disseminação espacial por todo o território é traço marcante de qualquer um dos momentos analisados; 2. ainda que a cultura e transformação da cana sempre fizessem parte da paisagem de todas as regiões mineiras, acentuadas eram as variações quanto à distribuição relativa do número de engenhos; 3. no século XIX e princípio da centúria seguinte, havia ponderável simetria entre a distribuição da população e a distribuição dos engenhos, uma razoável correspondência entre o tamanho da população e o número de engenhos; 4. na segunda metade do século XX, essa simetria foi completamente quebrada, quando outros fatores passaram a determinar a distribuição espacial dos engenhos; 5. no final dos Novecentos, os engenhos mineiros estavam concentrados nas mesorregiões economicamente menos dinâmicas do estado. (GODOY, 2019, p. 108)

Completa o autor:

No Censo Agropecuário do IBGE de 1995-96 foram registrados em Minas 14.817 engenhos rapadureiros, 343 engenhos de açúcar, 8.466 engenhos aguardenteiros, 956 engenhocas de garapa e 910 para a fabricação de melado. Sobrepostos às informações que documentam a evolução do número de engenhos no transcurso do século XX, bem como aos resultados de pesquisas de campo realizadas no início da década de 1990, os dados do levantamento do IBGE indicam três realidades: 1. a fabricação de açúcar de engenho está praticamente extinta em Minas Gerais, ainda que as perspectivas abertas pela agricultura orgânica estimule pequeno crescimento da produção de açúcar mascavo – o “açúcar de fôrma” sobrevive quase exclusivamente na memória de antigos engenheiros de cana -; 2. a produção de rapadura está cada vez mais confinada às áreas com economia menos dinâmica do estado perdendo, a passos largos, espaço na dieta dos mineiros; 3. a aguardente é o único derivado que passa por processo de crescimento, estimulado pela constante expansão do consumo. (GODOY, 2019, p. 109 – 110)

Os engenhos movidos por energia hidráulica remontam ao século XVIII, mas exigiam algumas condições para a sua permanência, como o acesso ao recurso hídrico, condição geográfica favorável, assim como maior investimento. Os engenhos movidos por tração animal, ao contrário, espalharam-se rapidamente pelo território mineiro, já que não dependiam de tais fatores, principalmente em relação ao acesso aos recursos hídricos. Os conhecidos “engenhos de pau” eram bastante famosos e hoje sobrevivem, principalmente, por meio de relatos, fotografias e na memória de muitos.

Figura 70 – “Engenho de pau”, Município de Minas Novas



Fonte: Godoy (2019, p. 387)

Figura 71 - Detalhe das moendas de “engenheiro de pau”, Município de Minas Novas



Fonte: Godoy (2019, p. 388)

Ainda que, atualmente, grande quantidade de engenhos esteja em desuso³³⁷, torna-se necessário reforçar a importância de tais engenhos na história mineira. O engenho é, pois, o

³³⁷ Como exemplo, evidenciamos um engenho em desuso, no interior de Minas Gerais, por meio do link <https://www.youtube.com/watch?v=04jkexqEAvI>. Acesso em out. 2022.

retrato do cenário de Minas Gerais que durante séculos esteve presente, ativamente, distribuído por todo território mineiro. Tratando-se da toponímia, embora esse cenário não corresponda totalmente à realidade mineira atual, já modernizada e atuante por meio de usinas, atentamos para o fato de que o topônimo sobrevive nomeando um respectivo lugar por longos anos e, por isso, o estudo toponímico, de todo modo, remete ao passado e possibilita inúmeros resgates culturais.

Além de engenho, outros topônimos mostraram-se produtivos neste trabalho, conforme apresentado, a seguir.

5.3.2 Monjolo

Monjolo mostrou-se o segundo topônimo mais significativo na nomeação dos acidentes geográficos em Minas Gerais, neste trabalho. Correspondendo a 158 ocorrências, Monjolo e suas variantes nomeiam 78 acidentes de natureza física (córregos, ribeirões, serras e morros) e 80 acidentes de natureza humana (sítios, fazendas, povoados, localidades e uma cidade, Monjolos).

Levando-se em consideração que o monjolo, enquanto lexia, é um instrumento utilizado para moer, nota-se a sua semelhança com o engenho, apresentado no tópico anterior. Leila Algranti evidencia como eram as casas em Minas Gerais, no final do século XVIII, citando o inventário de Cláudio Manoel da Costa e, ao complementar a análise, revela: “Essas casas cobertas de telhas no quintal devem ser os anexos que encontramos de sul a norte do país, ao longo de todo o período colonial. Alguns rústicos, simples telheiros, outros melhor edificadas, abrigavam a casa de farinha, o monjolo ou a moenda. [...]” (ALGRANTI, 2018, p. 67). Evidencia-se, portanto, a presença do monjolo compondo o cenário rústico e que, por meio da toponímia, pode ser preservado por gerações.

Figura 72 - Monjolo



Fonte: arquivo pessoal da autora (Museu de Artes e Ofícios, 2022)

As ocorrências do topônimo Monjolo, incluindo as variantes, são evidenciadas, a seguir:

Monjolo (66 ocorrências); Monjolo Velho (05 ocorrências); Monjolo Velho, de Balbina Antônio da Silva (01 ocorrência); Monjolo, de Guilhermino da Costa (01 ocorrência); Monjolo, de Valdir b. dos Santos (01 ocorrência); Monjolo, de Vicente L. de Camargo (01 ocorrência); Monjolão (01 ocorrência); Monjolinho (63 ocorrências); Monjolinho dos Lopes (01 ocorrência); Monjolinho dos Teixeiras (01 ocorrência); Monjolinho, de João Mizael (01 ocorrência); Monjolo de Manuel P. da Costa (01 ocorrência); Monjolos (14 ocorrências) e Monjolos, de Darci Quirino (01 ocorrência).

Em relação ao número de ocorrências do topônimo por mesorregião mineira, destaca-se a região Sul/Sudoeste de Minas, com 31 ocorrências, e Triângulo mineiro/Alto Paranaíba, com 29 ocorrências, conforme é explicitado a seguir:

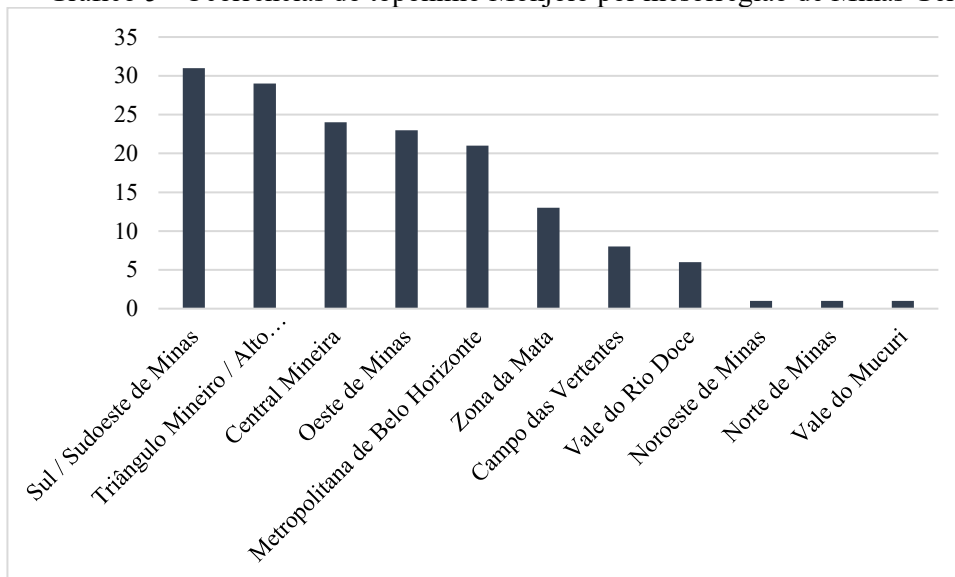
Quadro 23 - Ocorrências do topônimo Monjolo por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Monjolo	
Sul / Sudoeste de Minas	31	20%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	29	18%
Central Mineira	24	15%
Oeste de Minas	23	15%
Metropolitana de Belo Horizonte	21	13%
Zona da Mata	13	8%
Campo das Vertentes	8	5%
Vale do Rio Doce	6	4%
Noroeste de Minas	1	1%

Vale do Mucuri	1	1%
Norte de Minas	1	1%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 5 - Ocorrências do topônimo Monjolo por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.3.3 Machado

Em terceira posição, considerando os topônimos mais produtivos deste trabalho, o topônimo Machado apresenta 140 ocorrências: 81 ocorrências nomeiam acidentes de natureza física (córregos, ribeirões, rio, ilha, serras) e 59 ocorrências nomeiam acidentes de natureza humana (sítios, fazendas, localidade, povoado e uma cidade). Nota-se, portanto, predomínio quanto à nomeação dos acidentes geográficos de natureza física.

Machado, enquanto lexia, integra o microcampo de instrumentos de corte, muito utilizado para rachar a lenha, derrubar árvores e outras atividades que pertencem ao ambiente rural. Trata-se, assim, de uma das ferramentas mais antigas, com quase 2 milhões de anos³³⁸, e que ainda hoje é bastante utilizada.

³³⁸ O Machado - Sua história e como é feito - Oficina 44. Disponível em: <https://oficina44.com.br/o-machado/>. Acesso em mar. 2023.

Figura 73 - Machado



Fonte: oficina44.com.br

As ocorrências do topônimo Machado, incluindo as variantes, são explicitadas, a seguir:

Machado (64 ocorrências); Machadão (02 ocorrências); Machadinha (03 ocorrências); Machadinho (27 ocorrências); Machadinho do Campo (02 ocorrências); Machadinho Grande (02 ocorrências); Machadinho, de Osvaldir de P. Assis (01 ocorrência); Machado de Baixo (01 ocorrência); Machado de Perdões (01 ocorrência); Machados (33 ocorrências); Machados de Jeni Cardoso (01 ocorrência); Machados de Maria (01 ocorrência); Machados de Maria Jacinto (01 ocorrência) e Machados, de Antônio Firmino Soares (01 ocorrência).

Em relação à presença do topônimo Machado em Minas Gerais, verificamos predomínio na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, como é evidenciado por meio do seguinte quadro e gráfico:

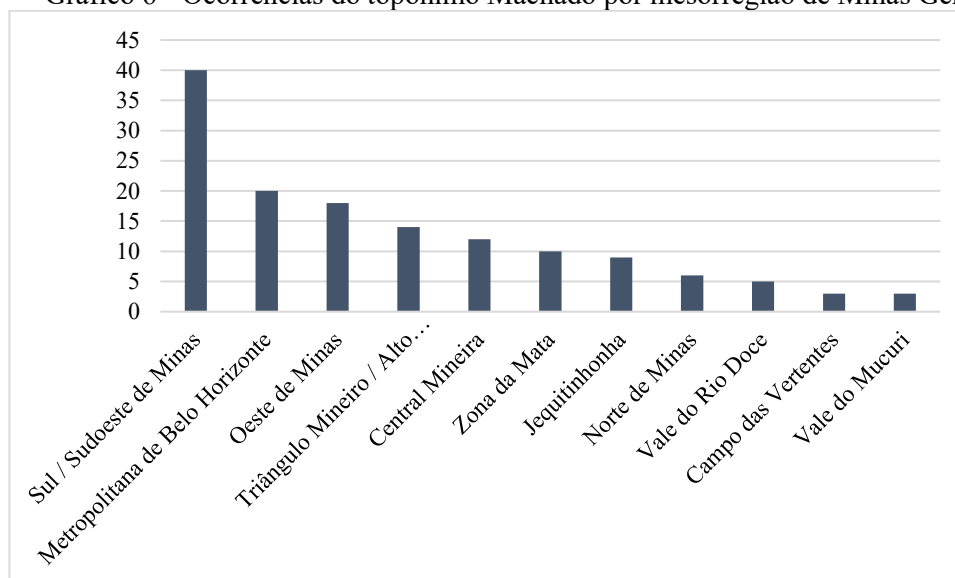
Quadro 24 - Ocorrências do topônimo Machado por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Machado	
Sul / Sudoeste de Minas	40	29%
Metropolitana de Belo Horizonte	20	14%
Oeste de Minas	18	13%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	14	10%
Central Mineira	12	9%
Zona da Mata	10	7%
Jequitinhonha	9	6%
Norte de Minas	6	4%
Vale do Rio Doce	5	1%

Campo das Vertentes	3	2%
Vale do Mucuri	3	2%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 6 - Ocorrências do topônimo Machado por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.3.4 Forquilha

Seguindo a ordem dos topônimos que apresentaram maior número de ocorrências na nomeação dos acidentes geográficos em Minas Gerais, neste trabalho, averiguamos o topônimo Forquilha com 133 ocorrências. Trata-se, pois, de 78 ocorrências que nomeias acidentes de natureza física (córregos, cabeceira, lagoa, riacho, ribeirão, serra) e 55 ocorrências que nomeiam acidentes de natureza humana (fazenda, localidade, povoado, vila, sítio). Há maior predomínio, portanto, quanto aos acidentes de natureza física.

A forquilha, enquanto lexia, integra o microcampo dos instrumentos agrários, considerando o seu uso multifuncional para a manutenção e cuidado dos cultivos: preparar o solo, nivelar a terra e recolher as folhas antigas e secas são algumas das atribuições dadas a esta ferramenta.³³⁹

³³⁹ [A forquilha e o seu uso voltado para agricultura e jardinagem \(agro20.com.br\)](https://agro20.com.br/forquilha/). Disponível em: <https://agro20.com.br/forquilha/>. Acesso em mar. 2023

Figura 74 – Forquilha



Fonte: agro20.com.br

Em relação às ocorrências do topônimo Forquilha e suas variantes, verificamos:

Forquilha (120 ocorrências); Forquilha de Baixo (01 ocorrência); Forquilha de Cima (01 ocorrência); Forquilha, de João Machado (01 ocorrência); Forquilha, de José Pimentel dos Santos (02 ocorrências); Forquilha Grande (03 ocorrências) e Forquilhas (01 ocorrência).

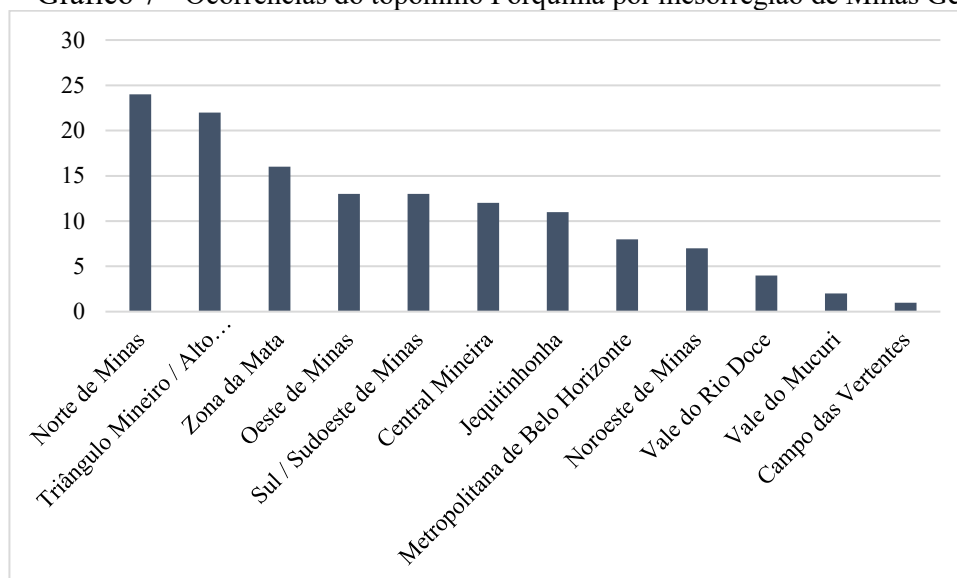
Quanto à presença do topônimo Forquilha em Minas Gerais, verificamos predomínio nas mesorregiões Norte de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, como é evidenciado, a seguir:

Quadro 25 - Ocorrências do topônimo Forquilha por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Forquilha	
Norte de Minas	24	18%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	22	17%
Zona da Mata	16	12%
Oeste de Minas	13	10%
Sul / Sudoeste de Minas	13	10%
Central Mineira	12	9%
Jequitinhonha	11	8%
Metropolitana de Belo Horizonte	8	6%
Noroeste de Minas	7	5%
Vale do Rio Doce	4	3%
Vale do Mucuri	2	2%
Campo das Vertentes	1	1%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 7 - Ocorrências do topônimo Forquilha por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.3.5 Porta

O topônimo Porta e suas variantes, assim como os derivados que correspondem a mesma base lexical, ocupam a quinta posição neste trabalho, em relação ao número de ocorrências de ergotopônimos em território mineiro. Desse modo, totalizando 131 ocorrências, nomeiam: 76 acidentes geográficos de natureza física (lagoa, riacho, vereda, ribeirão, córrego, serra, morro) e 55 acidentes geográficos de natureza humana (fazenda, localidade, povoado, cidade), prevalecendo, pois, a nomeação dos acidentes de natureza física.

Sinalizando a entrada e saída em propriedades rurais, a porteira é facilmente associada ao contexto rústico mineiro e, inclusive, considerando a base lexical “porta”, mostra-se como o topônimo mais produtivo:

Porta (11 ocorrências); Porta do Barracão (01 ocorrência); Porta do Maria (01 ocorrência); Portinha (01 ocorrência); Portão (07 ocorrências); Portão de Chave (01 ocorrência); Portões (03 ocorrências); Porteira (22 ocorrências); Porteira de Vara (05 ocorrências); Porteira d’Água (01 ocorrência); Porteira da Tábua (06 ocorrências); Porteira de Batel (01 ocorrência); Porteira de Candeias (01 ocorrência); Porteira de Chave (10 ocorrências); Porteira do Alto (01 ocorrência); Porteira do Buriti (01 ocorrência); Porteira do Campo (01 ocorrência); Porteira do Vale (01 ocorrência); Porteira Grande (01 ocorrência); Porteira Nova (06 ocorrências); Porteira Pesada (01 ocorrência); Porteira de S. Cruz (01 ocorrência); Porteira

Virgem (02 ocorrências); Porteirão (01 ocorrência); Porteiras (24 ocorrências); Porteirinha (14 ocorrências); Porteirinha de Arnaldo Correia (01 ocorrência) e Porteirinhas (02 ocorrências).

Figura 75 - Porteira (Santo Antônio do Monte – Minas Gerais)



Fonte: arquivo pessoal de Gabrielle Rocha (2023)

Em relação à mesorregião que apresentou presença significativa do topônimo Porta e suas variantes, destaca-se a região Norte de Minas, com 37 ocorrências:

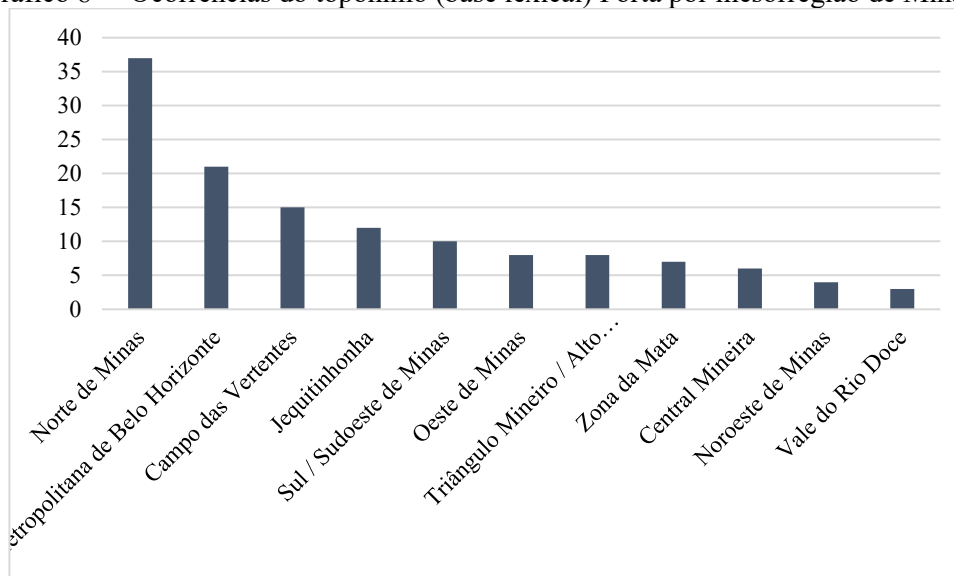
Quadro 26 - Ocorrências do topônimo (base lexical) Porta por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Porta	
Norte de Minas	37	28%
Metropolitana de Belo Horizonte	21	16%
Campo das Vertentes	15	11%
Jequitinhonha	12	9%
Sul / Sudoeste de Minas	10	8%
Oeste de Minas	8	6%

Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	8	6%
Zona da Mata	7	5%
Central Mineira	6	5%
Noroeste de Minas	4	3%
Vale do Rio Doce	3	2%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 8 – Ocorrências do topônimo (base lexical) Porta por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.3.6 Baú

Totalizando 128 ocorrências, o topônimo Baú destaca-se, também, como um dos mais produtivos analisados neste trabalho: nomeia 70 acidentes geográficos de natureza física (córrego, ribeirão, lagoa, morro, serra) e 58 acidentes geográficos de natureza humana (fazenda, localidade, povoado, vila), predominando, pois, os acidentes de natureza física.

Enquanto lexia, baú integra o grupo dos instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar. Por meio do recuo ao passado, nota-se a presença do baú, assim como das caixas e canastras, como integrantes de um cenário rústico, principalmente ao considerar que, antes dos armários e guarda-roupas se tornarem popularizados, os baús eram utilizados para tal finalidade, conforme é verificado por meio de Algranti: “[...] Mas, antes de esses requintes se tornarem de uso mais geral, eram adotados apenas pelas famílias mais abastadas. O comum mesmo era

guardar roupas e papéis em caixas, baús e canastras, às vezes colocados sobre estrados acima do chão para prevenir a umidade e o ataque dos roedores”. (ALGRANTI, 2018, p. 79).

Figura 76 - Baú



Fonte: canva.com

As variantes e ocorrências do topônimo Baú são apresentadas, a seguir:

Baú (98 ocorrências); Baú de Água Santa (01 ocorrência); Baú de Baixo (02 ocorrências); Baú de Cima (02 ocorrências); Baú do Barreirinho (01 ocorrência); Baú Velho (04 ocorrências); Baús (08 ocorrências); Baús de Pontal (01 ocorrência); Bauzinho (10 ocorrências); Bauzinhos (01 ocorrência).

Em relação às mesorregiões que apresentaram maior número de ocorrências do topônimo Baú e suas variantes, destacam-se as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, com 34 ocorrências, e Metropolitana de Belo Horizonte, com 26 ocorrências, conforme mostram o quadro e gráfico, a seguir:

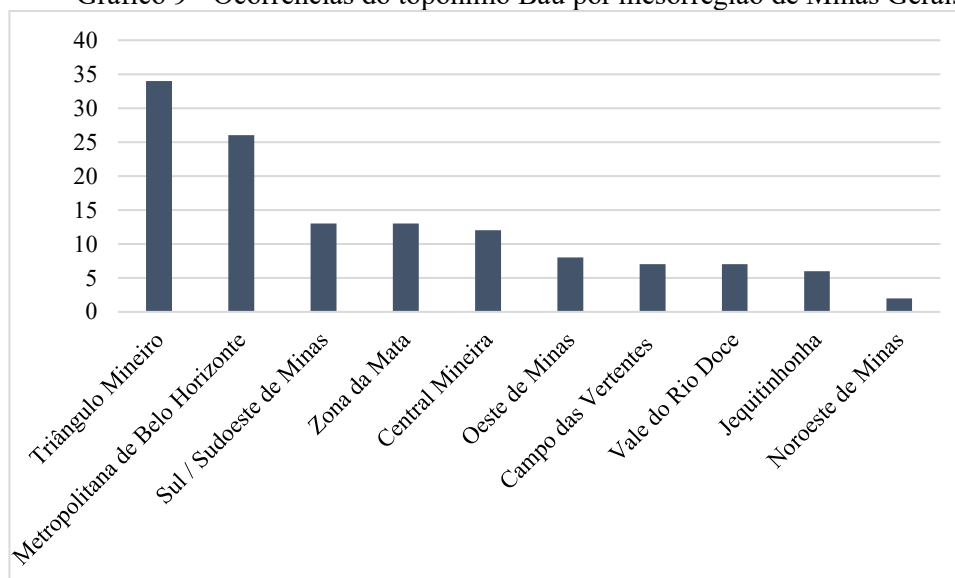
Quadro 27 - Ocorrências do topônimo Baú por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Baú	
Triângulo Mineiro	34	27%
Metropolitana de Belo Horizonte	26	20%
Sul / Sudoeste de Minas	13	10%
Zona da Mata	13	10%
Central Mineira	12	9%
Oeste de Minas	8	6%
Campo das Vertentes	7	5%
Vale do Rio Doce	7	5%

Jequitinhonha	6	5%
Noroeste de Minas	2	3%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 9 - Ocorrências do topônimo Baú por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

5.3.7 Moinho

O topônimo Moinho e suas variantes, integrando o grupo de instrumentos utilizados para moer, tal como o engenho e monjolo, apresentou presença significativa em Minas Gerais. Com 127 ocorrências nomeia: 71 acidentes de natureza física (córrego e ribeirão) e 56 acidentes de natureza humana (bairro, sítio, fazenda, localidade e povoado). Desse modo, nota-se que os topônimos mais produtivos verificados neste trabalho nomeiam, principalmente, acidentes de natureza física.

Figura 77 - Moinho



Fonte: arquivo pessoal da autora (Museu de Artes e Ofícios, 2023)

Explicitamos, a seguir, as variantes e ocorrências do topônimo Moinho:

Moinho (96 ocorrências); Moinho de Esteira (01 ocorrência); Moinho de Olício (01 ocorrência); Moinho de Palha (01 ocorrência); Moinho de Pedrinho Ribeiro (01 ocorrência); Moinho de Vento (05 ocorrências); Moinho do Messias (01 ocorrência); Moinho Grande (01 ocorrência) ~ Muinho Grande (02 ocorrências); Moinho Seco (01 ocorrência); Moinho Velho (10 ocorrências) e Moinhos (07 ocorrências).

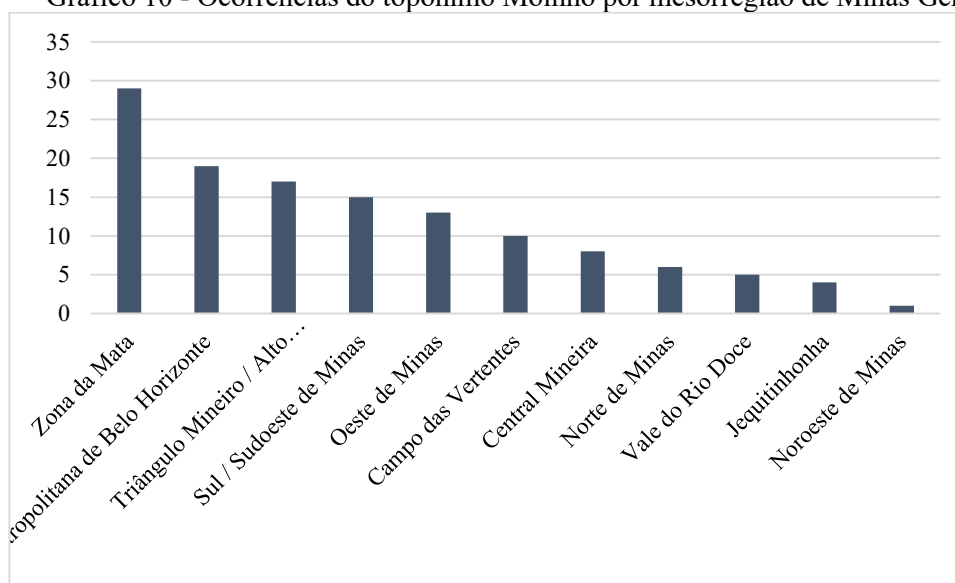
A mesorregião mineira Zona da Mata apresentou maior presença do topônimo Moinho, totalizando 29 ocorrências, como é evidenciado por meio do seguinte quadro e gráfico:

Quadro 28 - Ocorrências do topônimo Moinho por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências do topônimo Moinho	
Zona da Mata	29	23%
Metropolitana de Belo Horizonte	19	15%
Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba	17	13%
Sul / Sudoeste de Minas	15	12%
Oeste de Minas	13	10%
Campo das Vertentes	10	8%
Central Mineira	8	6%
Norte de Minas	6	5%
Vale do Rio Doce	5	5%
Jequitinhonha	4	3%
Noroeste de Minas	1	1%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 10 - Ocorrências do topônimo Moinho por mesorregião de Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Averiguamos, portanto, que os ergotopônimos mais produtivos revelados neste trabalho correspondem, enquanto lexias, ao macrocampo lexical dos instrumentos: em maior número, os instrumentos utilizados para moer (engenho, monjolo e moinho); seguido pelos instrumentos de corte (machado); instrumentos agrários (forquilha) e instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar (baú). Conclui-se, então, que tais instrumentos integram o cenário rural em Minas Gerais, levando-nos a afirmar que o principal padrão apontado por meio da ergotoponímia mineira está associado à rusticidade. Ademais, notamos o predomínio na

nomeação dos acidentes de natureza física, porém, esse tema será apresentado de modo mais completo no tópico 5.5 (intitulado “Quanto aos acidentes geográficos”) deste capítulo.

5.4 Quanto à origem linguística

Levando-se em consideração as influências das línguas em Minas Gerais é necessário, primeiramente, ter em vista o processo de colonização do Brasil, uma vez que até chegar a uma larga difusão, a língua portuguesa percorreu um longo caminho, conforme explica Villalta:

Viu-se, nas décadas iniciais do século XVI, quase esquecida devido à indianização do colonizador português e, ao mesmo tempo, ameaçada pela presença frequente de outros falares europeus. Depois, curvou-se, com diferenças no tempo e no espaço, às “línguas gerais” de origem tupi-guarani; além disso, na parte meridional do país (no Extremo Sul e no Oeste do Paraná, territórios então jurisdicionados à Espanha, e também em São Paulo na época da União Ibérica), sofreu a concorrência do espanhol. Implacável com as línguas africanas, enfrentou o francês, quando das incursões fugazes na baía de Guanabara, entre 1555 e 1560, e no Maranhão, entre 1611 e 1615; e o holandês, no Nordeste, entre 1630 e 1654. (VILLALTA, 2018, p. 260)

Dessa forma, complementa o estudioso, supõe-se que, no alvorecer do período colonial, havia cerca de 340 línguas indígenas no Brasil. A política de difusão do português deu-se na segunda metade do século XVIII, quando, por meio de Pombal, foi imposto o uso do português e priorizado o ensino da gramática portuguesa. Nesse ponto é importante destacar a importância da toponímia como forma de preservar a presença histórica e cultural de outras línguas, no caso deste trabalho, em Minas Gerais.

Em vista de tais apontamentos, neste trabalho, analisamos a influência das línguas portuguesa, indígena, africana e híbrida - quando há composição de uma base lexical indígena ou africana somada por uma base lexical portuguesa. Por conseguinte, o objetivo deste trabalho foi averiguar a presença das línguas indígenas e africanas em Minas Gerais por meio da ergotoponímia. Sendo assim, verificamos o seguinte resultado:

Quadro 29 – A ergotoponímia mineira e suas origens linguísticas

Origem linguística	Total de ocorrências toponímicas	
Portuguesa	2587	84%
Africana	207	7%
Indígena	183	6%
Híbrida	117	4%

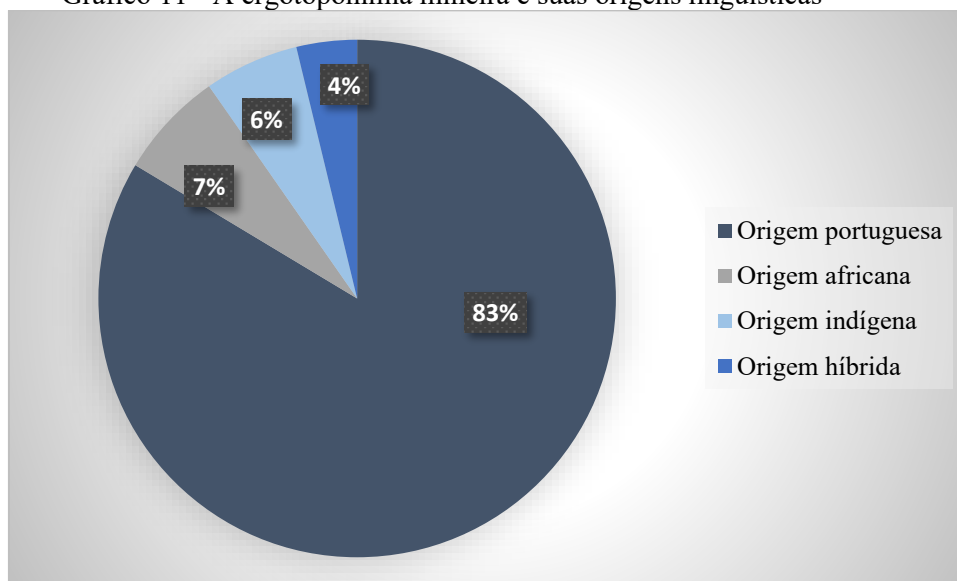
Fonte: elaborado pela autora (2023)

A língua portuguesa revelou-se, pois, como a mais influente em território mineiro, reforçando a ideia da imposição portuguesa, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII, que se refletem, inclusive, por meio da ergotoponímia mineira. Nesse cenário, torna-se importante evidenciar o contexto mineiro, já que as atividades mineradoras estimularam ainda mais o predomínio da língua da portuguesa:

Em Minas Gerais, a eliminação dos povos e das línguas indígenas foi radical, em decorrência do desenvolvimento urbano acentuado e da força da mineração no conjunto da economia, assentada no uso do escravo africano. Os índios, na região mineradora, foram sendo massacrados e empurrados progressivamente para além das fronteiras da ocupação lusitana. Todavia, a existência de topônimos de origem tupi em Minas Gerais, em Goiás e no Mato Grosso, mesmo em regiões não habitadas por índios desse tronco linguístico, demonstra que a “língua geral do Sul” fez-se presente, trazidas pelos paulistas. (VILLALTA, 2018, p. 264)

O autor discorre sobre a presença de topônimos de origem tupi em Minas Gerais, “demonstra que a ‘língua geral do Sul’ fez-se presente, trazidas pelos paulistas”, reiterando, portanto, a importância da toponímia como fonte de informações históricas e culturais. De fato, o número de ergotopônimos de origem indígena revelados por meio deste trabalho é bastante significativo, tratando-se de 183 ocorrências. Além disso, somados pelos topônimos de origem híbrida (formados por uma base indígena e outra portuguesa), totaliza-se 208 ocorrências de topônimos que apresentam uma base indígena em sua composição. Porém, os ergotopônimos de origem africana se destacam mais do que os indígenas, com 207 ocorrências que, somados pelos híbridos (formados por uma base africana e outra portuguesa), resultam em 299 ocorrências. Esse resultado é evidenciado por meio do gráfico, a seguir:

Gráfico 11 - A ergotoponímia mineira e suas origens linguísticas



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao analisar o gráfico acima nota-se, claramente, o predomínio da língua portuguesa, conforme já mencionado, e uma parcela considerável formada por topônimos de origem africana ou que apresentam uma base lexical africana em sua composição. Tal tema será abordado no tópico seguinte.

5.4.1 A ergotoponímia africana em Minas Gerais

Os resultados deste trabalho mostram a presença de 21 bases toponímicas de origem africana que se distribuem em 207 ocorrências e 92 ocorrências de origem híbrida - que apresentam uma base lexical africana em sua composição. Tal resultado é verossímil ao contexto histórico mineiro, tendo em vista que

“[...] em Minas se reuniu, em período relativamente curto, a maior concentração de escravos verificada no país. Cerca de meio milhão de negros foi empregado na mineração do ouro e dos diamantes nos setenta anos em que essa exploração foi considerada economicamente rendosa. (CARNEIRO, s.n.t., p.3 citado por QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 61.)

Ainda que a escravidão corresponda a um longo período histórico marcado pela dor e sofrimento, a presença dos povos africanos permitiu a construção da identidade cultural brasileira, sendo, pois, parte dessa cultura. Essa influência está presente, inclusive, por meio da toponímia. Como este trabalho tem como objeto de estudo os topônimos motivados por aspectos da cultura material, torna-se reconhecível a presença da cultura material africana na nomeação

de lugares em Minas Gerais. A tabela seguinte mostra as ocorrências dos topônimos de origem africana, assim como as suas raízes linguísticas:

Quadro 30 - Ergotopônimos africanos por raiz linguística

Topônimo	Raiz linguística	Total de ocorrências toponímicas
Monjolo	Banto	80
Caxambu	Banto	39
Garapa	Banto	15
Angu	Kwa	14
Farofa	N/E	13
Cachimbo	Banto	10
Fubá	Banto	8
Banguê	Banto	5
Marimba	Banto	4
Muqueca	Banto	3
Zabumba	Banto	3
Fundanga	Banto	2
Gunga	Banto	2
Calumbá	Banto	2
Caçamba	Banto	1
Mocotó	Banto	1
Quinda	Banto	1
Quindim	Kwa/banto	1
Quitungo	Banto	1
Berimbau	Banto	1
Carimbo	Banto	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

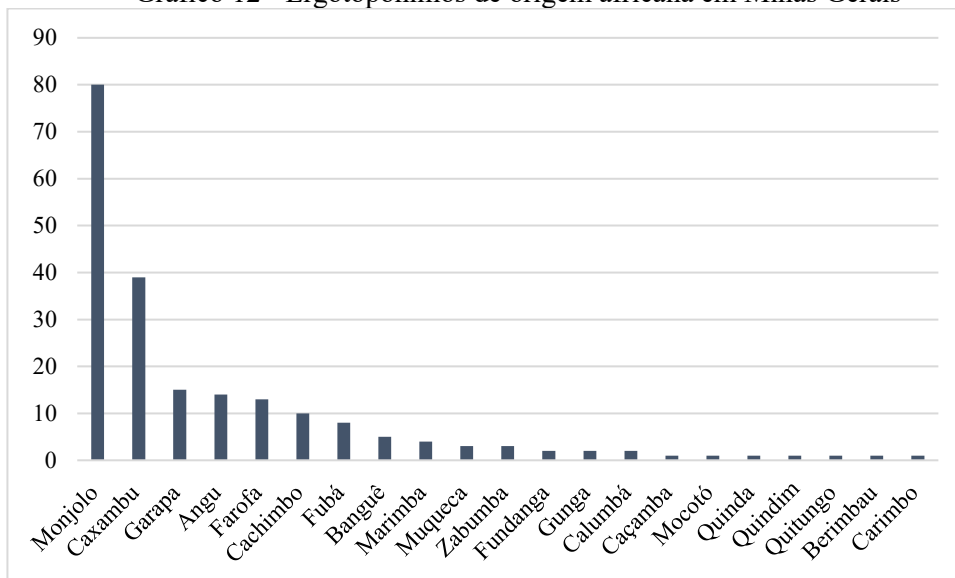
Quanto aos híbridos, verificamos:

- 78 ocorrências em que há “monjolo” na composição toponímica, tais como “Monjolo Velho”; “Monjolinho”, “Monjolinho dos Lopes”;
- 08 ocorrências em que há “angu” na composição toponímica, tais como “Angu Frio”, “Angu Seco” e “Angu Cru”;
- 06 ocorrências em que há “caxambu” na composição toponímica, tais como “Caxambu de Baixo”; “Caxambu de Cima”; “Caxambu I”.

Observa-se, ao analisar os resultados, a presença significativa do topônimo Monjolo e Caxambu. Inclusive, conforme já apresentado inicialmente neste capítulo, o topônimo Monjolo

é o segundo mais produtivo revelado neste trabalho, sendo Engenho o que apresentou maior número de ocorrências em Minas Gerais. O resultado quanto aos ergotopônimos de origem africana em Minas Gerais pode ser explicitado com maior clareza por meio do seguinte gráfico:

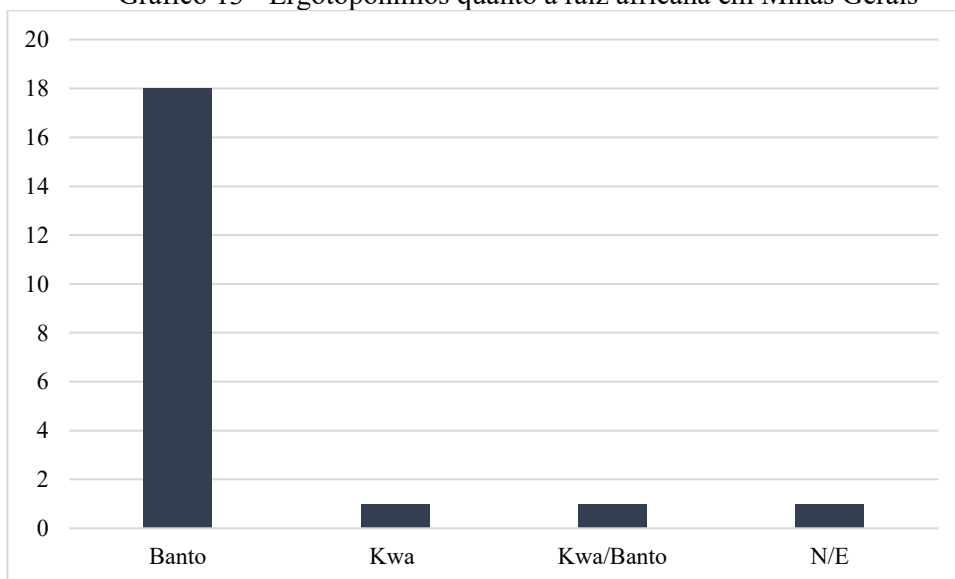
Gráfico 12 - Ergotopônimos de origem africana em Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Nota-se, também, o predomínio da raiz linguística africana Banto:

Gráfico 13 - Ergotopônimos quanto à raiz africana em Minas Gerais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Consoante ao que apresenta Lima (2012, p. 53) a herança do banto no Brasil está presente de forma significativa por meio da cultura, remanescentes linguísticos e na língua nacional. A autora evidencia a presença das línguas banto no Brasil em um mapa traçado por Castro e explicitado, a seguir:

Mapa 6 – Grupos linguísticos africanos no Brasil



Fonte: Castro (2001, p. 47)

Torna-se pertinente evidenciar a diversidade linguística e cultural que os negros trouxeram da África durante o período colonial:

Os negros originavam-se principalmente da costa ocidental da África, pertencendo a três grandes grupos culturais: sudaneses, incluindo-se nesse grupo os Ioruba, os Daomé e os Fanti-Achanti (minas), e os grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim; os islamizados, como os Fula, os Mandinga e os Hauçás, do Norte da Nigéria; as tribos Banto, do grupo congo-angolês, provenientes de Angola e Moçambique. Entre tais grupos havia centenas de dialetos. (VILLALTA, 2018, p. 267)

A presença do Banto na cultura material mineira é predominante a tal ponto de ser verificada na nomeação de lugares em Minas Gerais. O topônimo Monjolo, sendo o mais produtivo, está presente em quase todo território mineiro, com exceção da mesorregião Vale do

Jequitinhonha, apresentando maior número de ocorrências na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, com 31 ocorrências toponímicas. Caxambu, que significa “grande tambor”³⁴⁰, revelou-se o segundo topônimo de origem africana mais produtivo deste trabalho e, também, mostrou-se mais significativo na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas, com 18 ocorrências toponímicas.

Em relação ao resultado geral quanto aos ergotopônimos de origem africana por mesorregião mineira, destaca-se a região metropolitana de Belo Horizonte, como mostra a seguinte tabela:

Quadro 31 - Ergotopônimos de origem africana por mesorregião de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências	Topônimos
Metropolitana de Belo Horizonte	40	Angu, Banguê, Cachimbo, Calumbá, Farofa, Fubá, Garapa, Monjolo, Quindim, Quitungo
Sul/Sudoeste de Minas	34	Angu, Caxambu, Fubá, Monjolo, Muqueca
Oeste de Minas	27	Banguê, Caxambu, Monjolo,
Zona da Mata	20	Angu, Caxambu, Fubá, Garapa, Monjolo, Muqueca
Vale do Rio Doce	18	Caxambu, Farofa, Fundanga, Berimbau, Garapa, Gunga, Monjolo
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17	Caçamba, Angu, Cachimbo, Caxambu, Farofa, Monjolo, Zabumba
Campo das Vertentes	13	Caxambu, Farofa, Monjolo
Norte de Minas	13	Angu, Banguê, Cachimbo, Fubá, Garapa, Monjolo, Marimba
Central Mineira	10	Gunga, Mocotó, Monjolo, Quinda
Noroeste de Minas	10	Cachimbo, Caxambu, Garapa, Monjolo
Jequitinhonha	4	Angu, Cachimbo
Vale do Mucuri	1	Monjolo

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Acredita-se que seja majoritária a presença de topônimos de origem africana na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte por ser uma região central que abrigou o centro

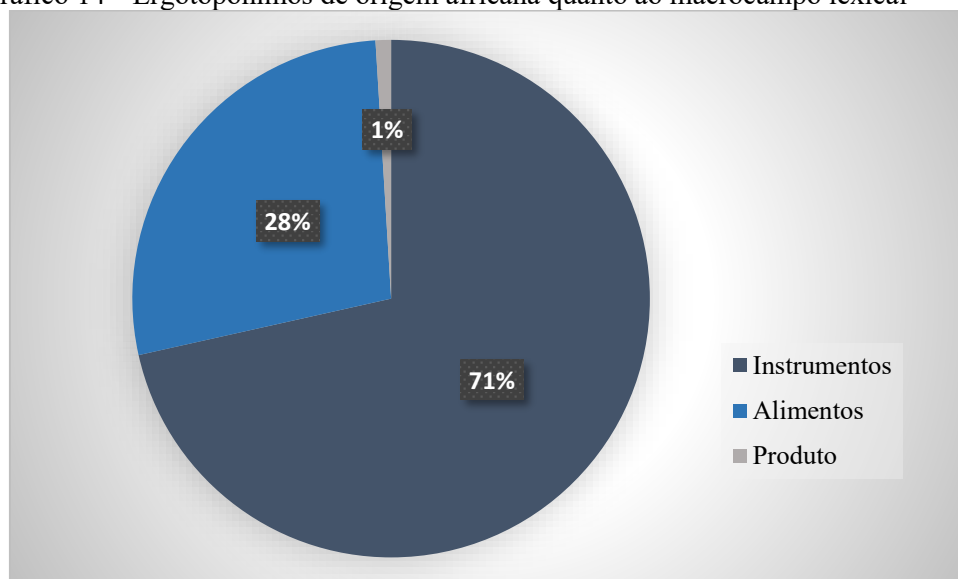
³⁴⁰ Navarro, em seu dicionário “Tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil” (2013), apresenta o significado de Caxambu (kaxabu), enquanto planta xerófita (2013, p. 556), porém, neste trabalho consideramos a definição encontrada nas demais fontes lexicográficas consultadas.

das atividades de mineração e, inclusive, incluiu o uso do trabalho africano, recebendo, portanto, maior influência. Ademais, é perceptível a presença de elementos que pertencem, principalmente, ao macrocampo lexical dos instrumentos, tratando-se em maior número do topônimo Monjolo, seguido pelo macrocampo dos alimentos e bebidas, na nomeação de lugares em Minas Gerais.

Partindo da mesorregião mais produtiva, Metropolitana de Belo Horizonte, notamos a presença do macrocampo dos instrumentos representado por monjolo, banguê e cachimbo, e o macrocampo dos alimentos e bebidas representado por angu, farofa, fubá, quindim, calumbá e garapa. Essa perspectiva mostra que embora os instrumentos possam predominar atuando como principal fator motivacional na nomeação de lugares, não são, pois, os únicos presentes, já que os alimentos e bebidas também são parte atuante da cultura africana em Minas Gerais.

O gráfico seguinte mostra esse resultado com maior clareza:

Gráfico 14 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Ao analisarmos os microcampos lexicais que integram o macrocampo dos instrumentos, encontramos o seguinte resultado:

Quadro 32 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos

Microcampo lexical dos instrumentos	Total de ocorrências	Lexias
Instrumentos de grande estrutura e produção	80	Monjolo
Instrumento musical	49	Berimbau, Caxambu, Gunga, Marimba, Zabumba
Instrumento para fumar	10	Cachimbo
Instrumento para guardar e/ou transportar	8	Banguê, Caçamba, Quinda, Quitungo
Instrumento sinalizador ou utilizado para marcar/documentar	1	Carimbo

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Desse modo, verificamos que apesar do topônimo Monjolo ser o mais produtivo dentre os ergotopônimos de origem africana, notamos que em nível de variedade, o microcampo dos instrumentos musicais e dos instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar são mais significativos, devido a presença de diferentes elementos que os compõe. Essa realidade reitera a presença cultural africana atuando por meio da arte musical, marcada principalmente pelo instrumento caxambu, assim como dos elementos utilizados para guardar e/ou transportar tais como banguê e caçamba. Nesse ponto, chamamos a atenção para o fato de que, historicamente, as línguas africanas foram tratadas com hostilidade pelos colonizadores, que evitavam a concentração de escravos de uma mesma etnia nas propriedades e navios negreiros. Dessarte, como explica Villalta (2018, p. 267): “Essa política, a multiplicidade linguística e as hostilidades recíprocas que os negros trouxeram da África dificultaram a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano, incluindo-se aí a preservação das línguas”. Porém, durante o período colonial, os negros encontraram meios para que essa diversidade cultural pudesse ser superada e, dentre as possibilidades, a formação de quilombos e, assim, a presença de calundus, danças e batuques ocupando um importante espaço cultural: “Alguns domicílios matrifocais das Minas constituíram-se como núcleos solidários, dando guarida às danças aos batuques proibidos. Um dos elementos integrantes das identidades étnicas, as línguas africanas emergiram nesses rituais”. (VILLALTA, 2018, p. 267).

Quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas, verificamos:

Quadro 33 - Ergotopônimos de origem africana quanto ao macrocampo lexical dos alimentos

Microcampo lexical	Total de ocorrências	Lexias
Preparo Culinário	31	Angu, Farofa, Mocotó, Muqueca
Bebidas não alcoólicas	17	Calumbá, Garapa
Farinha	8	Fubá
Guloseimas, açúcares	1	Quindim

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Há, portanto, maior influência de pratos culinários que pertencem à cultura africana. São eles: angu, farofa, mocotó e muqueca (moqueca). Considerando essa perspectiva, torna-se pertinente apontar sobre o contexto de formação da cultura mineira, de forma geral, atentando aos elementos da cultura material, de origem africana, como parte fundamental dessa construção.

Quanto ao macrocampo lexical dos produtos, verificamos a presença do topônimo Fundanga (02 ocorrências na mesorregião Vale do Rio Doce), como um produto explosivo.

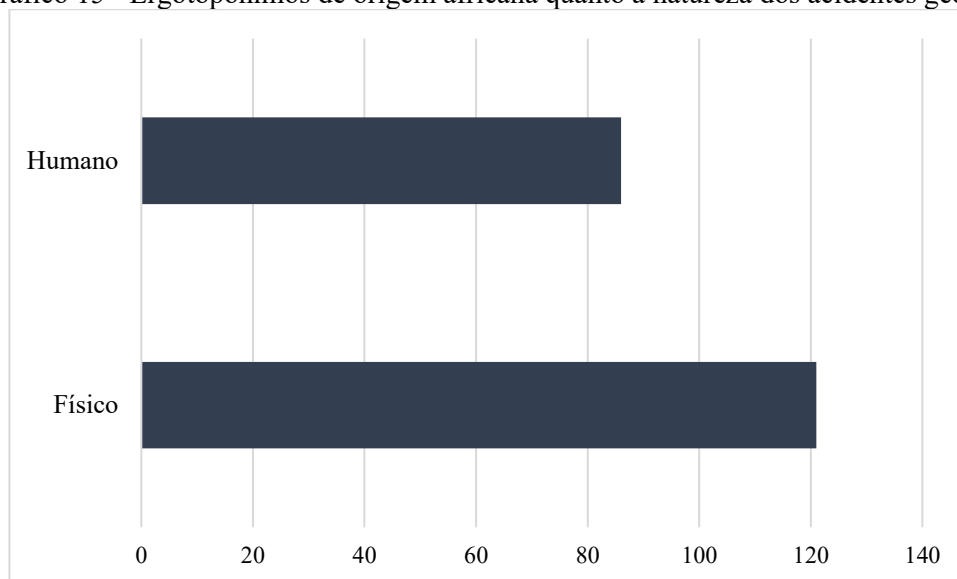
Em relação à presença dos topônimos de origem africana quanto aos acidentes geográficos, verificamos maior número de topônimos nomeando acidentes de natureza física:

Quadro 34 - Ergotopônimos de origem africana quanto à natureza dos acidentes geográficos

Natureza do acidente geográfico	Total de ocorrências toponímicas	%
Físico	120	58%
Humano	87	42%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 15 - Ergotopônimos de origem africana quanto à natureza dos acidentes geográficos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dentre os acidentes geográficos de natureza física, destacam-se os córregos:

Quadro 35 - Ergotopônimos de origem africana e os acidentes geográficos de natureza física

Acidente geográfico físico	Total
Córrego	89
Ribeirão	9
Serra	9
Rio	5
Morro	4
Lagoa	2
Chapada	1
Ilha	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dentre os acidentes geográficos de natureza humana, destacam-se as fazendas:

Quadro 36 - Ergotopônimos de origem africana e os acidentes geográficos de natureza humana

Acidente geográfico humano	Total
Fazenda	59
Localidade	16
Povoado	8
Cidade	2
Granja	1
Vila	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A presença da ergotoponímia africana em Minas Gerais é evidenciada, inclusive, por meio da nomeação de duas cidades “Monjolos”, localizada na mesorregião Central Mineira, e “Caxambu”, localizada na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas.

Torna-se evidente, desse modo, reconhecer a importância da cultura africana como parte da cultura brasileira e, neste trabalho, de forma mais específica, da cultura mineira. Preservados por meio da toponímia, instrumentos como monjolo e caxambu, e alimentos como angu e fubá, tornam-se valiosos presentes trazidos da África e que, hoje, consolidam a nossa riqueza cultural.

5.4.2 A ergotoponímia indígena em Minas Gerais

Conforme discorrido no tópico anterior, é notável a presença da cultura africana por meio da ergotoponímia mineira. A presença de ergotopônimos de origem indígena em Minas Gerais é, também, bastante significativa, tratando-se de 183 ocorrências de topônimos de origem indígena e 25 topônimos híbridos formados por uma base lexical indígena.

Como apresentado inicialmente, supõe-se que havia cerca de 340 línguas indígenas no Brasil, no alvorecer do período colonial:

As línguas que possuem afinidade genética relativamente estreita são agrupadas em famílias, e estas últimas, assim como as línguas não classificadas em nenhuma delas, encontram-se reunidas em quatro troncos linguísticos: aruaque, karib, tupi e jê. Existem, porém, famílias não classificadas nos troncos – como txapakúra, guaicurú, catuquina, mura, nambiquara e pano – e também línguas sem parentesco genético com qualquer outra – as línguas macu, tucano e ianomâni, consideradas “famílias isoladas”, isto é, famílias de um só membro. Os indígenas que ocupavam a costa brasileira e a bacia dos rios Paraná e Paraguai eram bastante homogêneos em termos culturais e linguísticos, pertencendo ao tronco tupi: os Guarani, ao sul, na bacia Paraná-Paraguai e no litoral, da lagoa dos Patos até Cananeia, em São Paulo; e os Tupi, na costa, de Iguape até o Ceará. Interrompendo esse continuum tupi-guarani, encontravam-se os Tapuia, denominação genérica dada pelos lusitanos aos não Tupi. A bacia amazônica marcava-se pela heterogeneidade linguística, sendo área de línguas dos grupos os mais distintos, indo do tronco tupi aos Aruaque e Caribe, e às famílias isoladas tucano e macu. Línguas macro-jê estendiam-se pela região central, passando pelo Pará, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. (VILLALTA, 2018, p. 260-261)

Dessa forma, o autor explica que os europeus manipularam essa diversidade linguística procurando, ao mesmo tempo, conhecê-las. No cenário mineiro, mesmo com a eliminação dos povos e línguas indígenas, como consequência principalmente do processo de urbanização, da mineração no contexto da economia, assim como do uso do escravo africano, a presença de topônimos de origem indígena tupi sobrevive mesmo em regiões não habitadas por índios desse tronco linguístico, demonstrando, portanto, a presença da “língua geral do sul”, trazida pelos

paulistas, como discorre Villalta (2018, p. 264) e apresentado inicialmente neste trabalho. O tupi era, pois, durante o período colonial, difundido por meio da “língua geral”:

As levas que partiam do litoral a fazer descobrimentos falavam, no geral, o tupi; pelo tupi designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os próprios povoados que fundavam e que eram outras tantas colônias que espalhadas nos sertões, falando tamem o tupi e encarregando-se naturalmente de difundil-o. (SAMPAIO, 1901, p.12)

Por meio da reforma Pombalina - por atuação do ministro Marquês de Pombal, a partir da segunda metade do século XVIII, a língua portuguesa foi imposta:

Todos os grupos étnicos – índios de diversas tribos, europeus e africanos – sabiam se comunicar usando esse sistema tupi, sem dúvida com conhecimentos mais ou menos profundos, segundo as circunstâncias individuais de cada um. A partir do século XVIII, entretanto, a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual de seu predomínio maciço mesmo entre populações com pouca ou nenhuma ascendência lusa (cf., também, Rodrigues, 1983). (NARO, 2007, p.28)

Nesse ponto, reiteramos a importância da toponímia na preservação da língua indígena, inclusive, por meio da ergotoponímia. Desse modo, neste trabalho, evidenciamos a presença dos seguintes topônimos de origem indígena:

Quadro 37 – Ergotopônimos de origem indígena por raiz linguística em Minas Gerais

Topônimo	Raiz linguística	Total de ocorrências
Moqué	Tupi	60
Caçara	Tupi	38
Arataca	Tupi	12
Pari	Tupi	12
Arapuca ~Urupuca	Tupi	9
Jirau	Tupi	6
Mingau	Tupi	6
Patuá	Tupi	5
Pito	Tupi	5
Carumbé	Tupi	4
Jacá	Tupi	4
Samburá	Tupi	4
Cumbuca	Tupi	3
Jequi	Tupi	3
Guaraná	Tupi	2
Paçoca	Tupi	2
Tiquira	Tupi	2
Picuá	Tupi	2
Carimã	Tupi	1
Quicés	Tupi	1

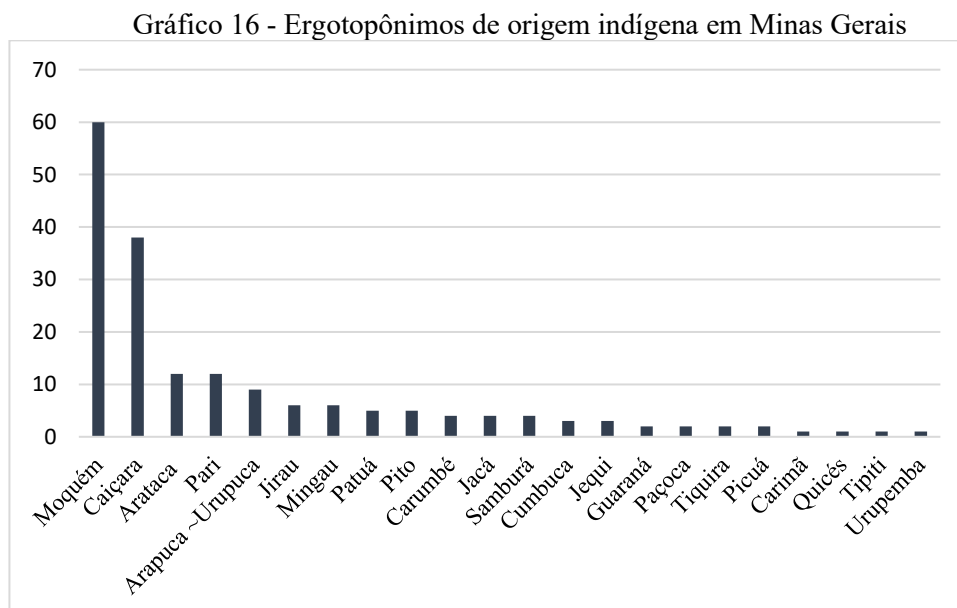
Tipiti	Tupi	1
Urupemba	Tupi	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Primeiramente, observamos que todos os topônimos analisados são de origem tupi. Trata-se de 22 bases toponímicas de origem tupi que se distribuem em 183 ocorrências. Considerando os topônimos híbridos, temos:

- 13 ocorrências em que há “pari” na composição toponímica, como em “Pari Novo” e “Pari Vermelho”;
- 06 ocorrências em que há “caiçara” na composição toponímica, como em “Caiçara Velha” e “Caiçara, de Pedro Gustavinho”;
- 02 ocorrências em que há a base toponímica “urupuca”, tratando-se de “Urupuquina”;
- 02 ocorrências em que há “buriti”, tratando-se de “Porteira do Buriti”;
- 01 ocorrência em que há “cumbuca”, tratando-se de “Cumbucão”;
- 01 ocorrência em que há “moquém”, tratando-se de “Moquém Grande”.

Os resultados mostram, portanto, que o topônimo Moquém é o mais produtivo, com 60 ocorrências, seguido por Caiçara, com 38 ocorrências. Esse resultado pode ser evidenciado por meio do gráfico, a seguir:



Fonte: elaborado pela autora (2023)

O topônimo Moquém segue figurando acidentes geográficos em 10 mesorregiões mineiras e, em maior número, na mesorregião Norte de Minas, com 17 ocorrências. Trata-se de um instrumento de cozinha, espécie de um gradeado de madeira utilizado para assar peixe, carne de gado e outras, pelo calor, sem contato com a chama. É pertinente apontar para o fato de que os indígenas, de um modo geral, compartilharam conhecimentos diversos, inclusive em relação aos instrumentos e preparos culinários que foram aprendidos ainda no período colonial e levados para diferentes regiões do Brasil.

Em relação ao topônimo Caiçara, verificamos a sua presença nomeando acidentes geográficos em 07 mesorregiões mineiras e, em maior número, assim como Moquém, também, na mesorregião Norte de Minas, com 16 ocorrências. Tratando-se de um tipo de construção utilizada para cercar e proteger, caiçara é uma cerca rústica, feita de galhos ou varas.

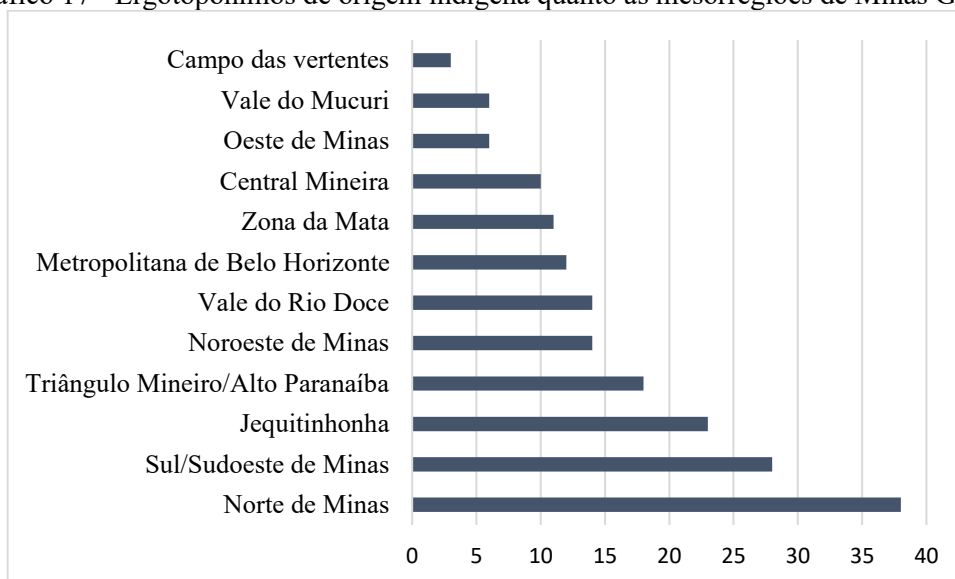
O predomínio dos ergotopônimos de origem indígena na mesorregião Norte de Minas é verificado por meio da tabela e gráfico apresentados, a seguir:

Quadro 38 - Ergotopônimos de origem indígena quanto às mesorregiões de Minas Gerais

Mesorregião	Total de ocorrências	Topônimos
Norte de Minas	38	Arataca, Caiçara, Jequi, Mingau, Moquém, Pari
Sul/Sudoeste de Minas	28	Arataca, Jirau, Mingau, Moquém, Pari, Patuá, Pito, Urupemba
Jequitinhonha	23	Arataca, Caiçara, Jacá, Jequi, Moquém, Picuá
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	18	Cumbuca, Jacá, Jirau, Moquém, Patuá, Pito
Noroeste de Minas	14	Arapuca, Caiçara, Carimã, Moquém, Tiquira
Vale do Rio Doce	14	Caiçara, Moquém, Cumbuca, Paçoca, Urupuca
Metropolitana de Belo Horizonte	12	Arataca, Caiçara, Carumbé, Jacá, Jirau, Moquém, Pari, Quicés, Samburá
Zona da Mata	11	Arataca, Carumbé, Guaraná, Pari, Jacá, Mingau
Central Mineira	10	Caiçara, Moquém, Pari
Oeste de Minas	6	Moquém, Pari, Samburá
Vale do Mucuri	6	Moquém, Tipiti, Urupuca
Campo das vertentes	3	Caiçara, Carumbé, Mingau

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 17 - Ergotopônimos de origem indígena quanto às mesorregiões de Minas Gerais

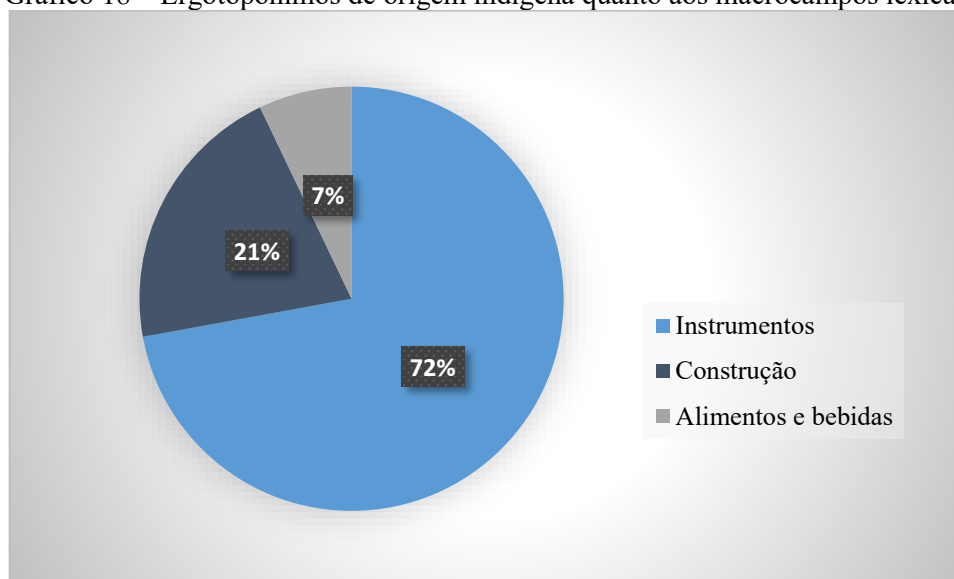


Fonte: elaborado pela autora (2023)

Notamos, pois, o predomínio na mesorregião mineira Norte de Minas e em menor número na mesorregião Campo das Vertentes com apenas 03 ocorrências (Caiçara, Carumbé e Mingau). Acreditamos que a concentração de topônimos indígenas na mesorregião Norte de Minas deve-se à localização limítrofe afastando-se da “zona quente” mineradora e recebendo maior influência de outras regiões. Dessa forma, observamos, na mesorregião Norte de Minas, a presença de instrumentos com diferentes funções, sendo Arataca um instrumento de caça, Jequi e Pari instrumentos de pesca e Moqué, um instrumento de cozinha. Ademais, notamos um tipo de construção (Caiçara) e um alimento (Mingau). Essa variedade de topônimos que integram diferentes macrocampos lexicais é verificada, também, em outras mesorregiões mineiras, como foi mostrado por meio do quadro 38, apresentado anteriormente.

O gráfico seguinte evidencia os macrocampos lexicais:

Gráfico 18 – Ergotopônimos de origem indígena quanto aos macrocampos lexicais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Por meio do gráfico verificamos, portanto, a presença majoritária dos ergotopônimos que correspondem aos instrumentos, em geral, tratando-se de 132 ocorrências, seguidos por ergotônimos que correspondem à construção, 38 ocorrências e, por fim, alimentos e bebidas, com 13 ocorrências. Esse resultado mostra claramente os instrumentos de origem indígena como os principais motivadores ao nomear lugares em Minas Gerais.

Ao analisarmos os microcampos lexicais que integram o macrocampo dos instrumentos, encontramos o seguinte resultado:

Quadro 39 – Ergotopônimos de origem indígena quando ao macrocampo lexical dos instrumentos

Macrocampo dos instrumentos	Total de ocorrências	Lexias
Instrumento de cozinha	62	Moquém, Urupemba, Tipiti
Instrumento de caça	21	Arapuca, Urupuca, Arataca
Instrumento para guardar e/ou transportar	18	Cumbuca, Jacá, Patuá, Picuá, Samburá.
Instrumento de pesca	15	Jequi, Pari
Instrumento do lar	6	Jirau
Instrumento para fumar	5	Pito
Instrumento de garimpo	4	Carumbé
Instrumento de corte	1	Quicés

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Observa-se, pois, que os instrumentos de cozinha são os mais significativos, com 62 ocorrências, seguidos pelos instrumentos de caça, com 21 ocorrências. Esse resultado evidencia

a influência da culinária indígena, em geral, que se reflete inclusive por meio dos instrumentos utilizados na cozinha e no preparo de alimentos, neste caso, o moquém. Esse topônimo, já citado neste trabalho, é uma grelha de varas utilizada para assar carne, peixe, etc. A produtividade do microcampo dos instrumentos de cozinha se deve, então, a esse topônimo, já que apresentou 60 ocorrências. A urupemba, que apresentou apenas 01 ocorrência, é uma espécie de peneira grossa feita de taquara ou de cana brava e o tipiti, também com apenas 01 ocorrência, é um cesto cilíndrico utilizado para espremer a massa da mandioca. Quanto à variedade de elementos, destaca-se o microcampo dos instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar: Cumbuca, Jacá, Patuá, Picuá e Samburá.

Em relação ao macrocampo das construções, as 38 ocorrências verificadas referem-se ao microcampo lexical das construções para cercar e proteger, tratando-se, assim, do topônimo Caiçara. Tal resultado explicita a influência indígena quanto a esse tipo de construção rústica preservada principalmente por meio da toponímia mineira. Dessa forma, o topônimo Caiçara predomina na mesorregião Norte de Minas com 16 ocorrências toponímicas.

Quanto aos microcampos que integram o macrocampo lexical dos alimentos e bebidas, verificamos:

Quadro 40 - Ergotopônimos de origem indígena quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas

Macrocampo lexical dos alimentos e bebidas	Total de ocorrências	Lexias
Preparo culinário	8	Míngau, Paçoca
Bebida não alcoólica	2	Guaraná
Bebida alcoólica	2	Tiquira
Farinha	1	Carimã

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Notamos, portanto, a presença dos pratos culinários Míngau e Paçoca, em maior número, seguido pelas bebidas Guaraná (não alcoólica) e Tiquira (alcoólica), e por último a farinha Carimã. Nesse contexto, torna-se importante destacar a possibilidade de que tais alimentos e bebidas tenham servido como fator motivacional no ato denominativo de lugares em Minas Gerais de forma metafórica, considerando formas associativas às características de tais elementos. Tal possibilidade é válida, inclusive, para diversos outros elementos que integram os outros macrocampos lexicais considerados neste trabalho. Porém, mesmo considerando essa possibilidade, reconhecemos a presença e valor de tais elementos oriundos

da cultura material indígena, presentes não apenas por meio da toponímia, mas de forma diversa e cultural.

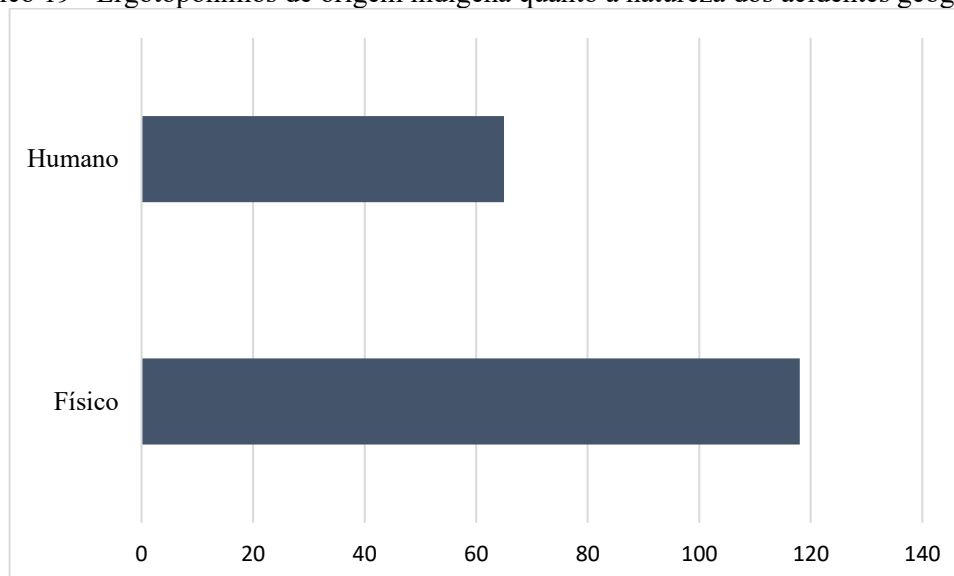
Em relação aos acidentes geográficos nomeados por topônimos de origem indígena, obtemos o seguinte resultado:

Quadro 41 – Ergotopônimos de origem indígena quanto à natureza dos acidentes geográficos

Acidente geográfico	Total de ocorrências	%
Físico	119	65%
Humano	64	35%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 19 - Ergotopônimos de origem indígena quanto à natureza dos acidentes geográficos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Verificamos, portanto, maior presença de ergotopônimos nomeando acidentes físicos. Tais acidentes são apresentados, a seguir:

Quadro 42 - Ergotopônimos de origem indígena quanto aos acidentes geográficos de natureza física

Acidente geográfico de natureza física	Total de ocorrências toponímicas
Córrego	76
Lagoa	10
Ribeirão	9
Serra	8
Rio	7
Morro	3
Riacho	3

Chapada	2
Baixa do	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Quadro 43 - Ergotopônimos de origem indígena quanto aos acidentes geográficos de natureza humana

Acidente geográfico de natureza humana	Total de ocorrências toponímicas
Fazenda	45
Localidade	9
Povoado	5
Vila	2
Cidade	1
Lugarejo	1
Sítio	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Em vista disso, nota-se, dentre os acidentes geográficos de natureza física, o predomínio na nomeação de córregos, com 76 ocorrências. Quanto aos acidentes de natureza humana, predominam as nomeações de fazendas, com 45 ocorrências. A única cidade nomeada por um topônimo de origem indígena é Guaraná.

Dessa forma, por meio dos resultados explanados, torna-se perceptível a influência da cultura material indígena preservadas por meio da toponímia mineira. Desde os topônimos mais produtivos, Moquém e Caiçara, aos topônimos menos produtivos, como Carimã e Tipiti, a ergotoponímia mineira mantém viva a memória indígena, digna de tamanha riqueza cultural.

No próximo tópico abordaremos os resultados e análise geral quanto aos acidentes geográficos, físicos e humanos.

5.5 Quanto aos acidentes geográficos

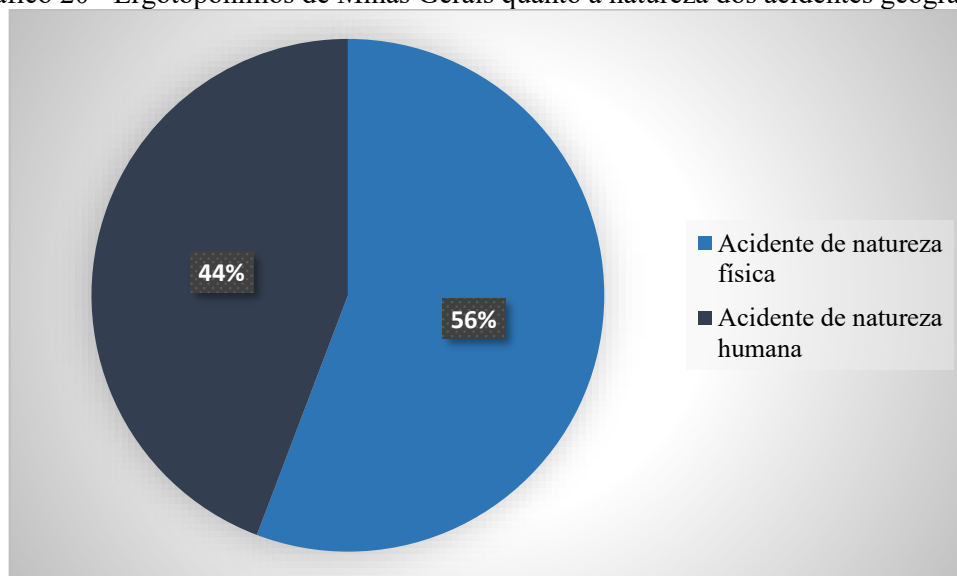
Os dados deste trabalho, conforme já explicitado, foram retirados do banco de dados do projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, que contém catalogados topônimos que nomeiam acidentes geográficos de natureza física, tais como córregos e rios, e acidentes geográficos de natureza humana, tais como fazendas e sítios, em Minas Gerais. Desse modo, tratando-se dos ergotopônimos, encontramos o seguinte resultado:

Quadro 44 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto à natureza dos acidentes geográficos

Natureza do acidente geográfico	Total de ocorrências toponímicas	%
Física	1726	56%
Humana	1368	44%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 20 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto à natureza dos acidentes geográficos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dessarte, evidenciamos a preferência pela nomeação dos acidentes geográficos de natureza física. São eles:

Quadro 45 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos acidentes de natureza física

Acidente geográfico de natureza física	Total de ocorrências toponímicas
Córrego	1236
Ribeirão	136
Serra	127
Morro	70
Lagoa	62
Rio	36
Riacho	26
Chapada	7
Vereda	5
Ilha	4
Cachoeira	3

Pedra	3
Cabeceira	2
Lago	2
Alto da	1
Baixa do	1
Brejo do	1
Campo	1
Corredeira	1
D'água	1
Salto	1

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Torna-se, pois, evidente o predomínio de ergotopônimos que nomeiam córregos, com 1236 ocorrências em Minas Gerais. Dentre eles os mais produtivos são: Engenho, com 106 ocorrências, Monjolo, com 72 ocorrências, Moinho, 68 ocorrências e Forquilha com 61 ocorrências.

É pertinente apontar que, apesar do número de ergotopônimos que nomeiam córregos ser consideravelmente maior, devemos levar em consideração a dimensão dos acidentes geográficos. Nesse contexto, embora haja apenas 36 ocorrências de ergotopônimos nomeando rios em Minas Gerais, é necessário ter em vista que a proporção de um rio, sendo um curso com grande volume de água, é significativamente maior do que outros acidentes geográficos como córregos e riachos. Essa perspectiva torna-se relevante ao considerarmos que a influência do topônimo tem maior alcance diante da proporção geográfica. Os ergotopônimos que nomeiam rios, em Minas Gerais, são:

Quadro 46 - Ergotopônimos que nomeiam rios em Minas Gerais

Ergotopônimos	Total
Bagagem	7
Canoas	6
Machado	6
Angu	4
Urupuca	4
Samburá	2
Caiçaras	1
Cercado	1
Cocha	1
Fubá	1
Gamarra	1
Jangada	1
Moquém	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Sendo assim, constatamos em maior número os ergotopônimos Bagagem, com 07 ocorrências, seguido por Canoas e Machado, com 06 ocorrências cada.

Em relação aos acidentes de natureza humana, identificamos:

Quadro 47 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos acidentes de natureza humana

Acidente geográfico de natureza humana	Total de ocorrências toponímicas
Fazenda	965
Localidade	251
Povoado	105
Sítio	17
Cidade	12
Vila	11
Bairro	1
Cela	1
Distrito	1
Granja	1
Lugarejo	1
Núcleo	1
Rancho	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Constatamos, portanto, as fazendas em maior número, com 965 ocorrências, conforme evidenciado no quadro anterior. Dentre os ergotopônimos que nomeiam fazendas, destacam-se: Engenho, com 135 ocorrências, Monjolo, com 65 ocorrências e Portão/Porteira com 42 ocorrências.

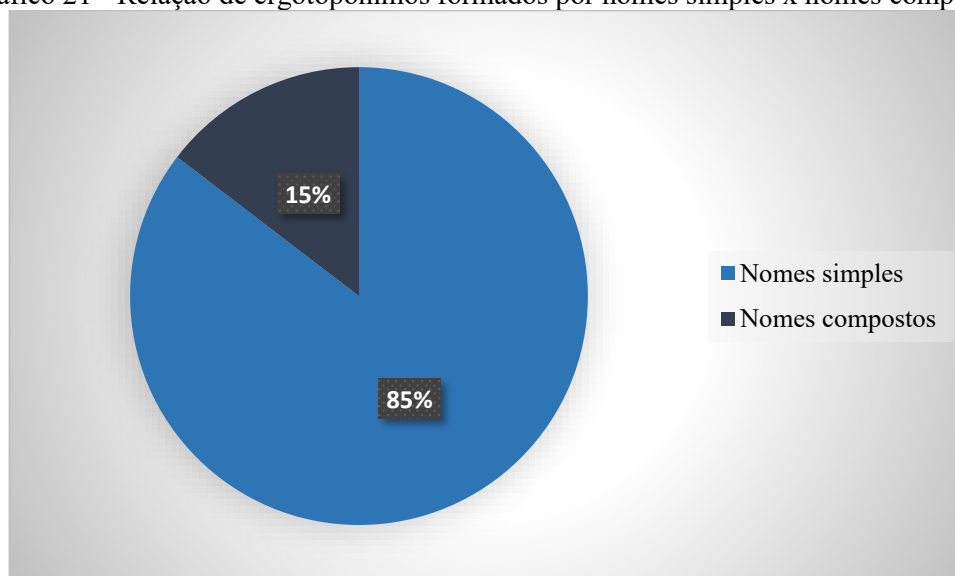
Torna-se pertinente apontar a importância das nomeações de cidades motivadas por elementos da cultura material. São elas: Alpercata, Campanário, Candeias, Coluna, Guaraná, Luminárias, Machado, Miradouro, Porteirinha, Almenara, Caxambu e Monjolos.

Apresentaremos, na seção seguinte, os resultados e análise quanto à estrutura morfológica.

5.6 Quanto à estrutura morfológica

O corpus toponímico utilizado neste trabalho é constituído por 2642 ocorrências de ergotopônimos formados por nomes simples e 452 ocorrências de ergotopônimos formados por nomes compostos, o que evidencia o predomínio da estrutura simples, como mostramos no seguinte gráfico:

Gráfico 21 - Relação de ergotopônimos formados por nomes simples x nomes compostos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Levando-se em consideração o grupo maior, constituído pelos ergotopônimos formados por nomes simples, constatamos a preferência por nomes masculinos:

Quadro 48 - Relação de ergotopônimos formados por nomes simples femininos x masculinos

	Singular	Plural	Total	%
Topônimos femininos	939	177	1116	42%
Topônimos masculinos	1392	134	1526	58%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Dentre as formações compostas, averiguamos 168 ocorrências de nomes femininos e 284 ocorrências de nomes masculinos, predominando, portanto, os masculinos. Considerando o grupo formado por nomes compostos, torna-se pertinente evidenciar alguns apontamentos, explicitados, a seguir.

Verificamos a presença de 149 topônimos que apresentam um adjetivo como segundo elemento da composição. Desse modo, ao analisarmos os dados, notamos a presença de

adjetivos que especificam o substantivo, no caso, a lexia que corresponde ao elemento da cultura material e, por isso, são dignos de atenção. O adjetivo grande, por exemplo, está presente em várias composições toponímicas: Forquilha Grande; Machadinho Grande; Moinho Grande ~ Muinho Grande; Moquém Grande; Pilões Grandes; Porteira Grande e Sela Grande. Averiguamos, também, a presença do adjetivo antônimo “pequeno” em Óculo Pequeno e Ramalhete Pequeno.

As características quanto às formas “velho” e “novo” também foram verificadas por meio das seguintes composições toponímicas: Baú Velho; Caixão Velho; Chapéu Velho; Engenho Velho; Farol Velho; Forno Velho; Moinho Velho; Monjolo Velho e Pilão Velho. Em oposição à “velho”, encontramos o adjetivo “novo” em: Chapéu Novo, Engenho Novo e Pari Novo. Evidencia-se que, possivelmente, o que está há mais tempo em determinado local, caracterizando-se como velho, torna-se mais suscetível para servir como fator motivacional no ato denominativo do respectivo lugar à medida que assume o caráter referencial.

O adjetivo “seco” é, também, frequente: Angu Seco; Bomba Seca; Carne Seca; Engenho Seco; Farinha Seca; Gangorra Seca e Moinho Seco. Nesse contexto, torna-se necessário apontar para a presença de instrumentos que, possivelmente, foram inutilizados, como é o caso da Bomba, Engenho, Gangorra e Moinho, mas que, provavelmente, contam histórias que existem na memória de quem os viu funcionar.

Ademais, notamos a presença de algumas composições toponímicas em que há especificação por meio da cor: Cancela Preta; Cerca Preta; Tambor Preto; Carro Azul; Pari Vermelho e Tinta Amarela. Há, ainda, a presença de outros adjetivos que indicam características diversas: Angu Cru; Angu Frio; Caixa Larga; Engenho Podre; Farinha Podre; Engenho Pobre; Farinha Fina; Porteira Pesada e Sela Funda. Em vista disso, reiteramos a importância da análise das composições toponímicas considerando, inclusive, a riqueza de adjetivos que singularizam os elementos pertencentes à cultura material por meio dos aspectos mencionados.

Ainda em relação às formações toponímicas compostas, chamou-nos atenção o grupo que constitui sintagma por meio de preposição, correspondendo a 275 ocorrências. Considerando esse grupo, averiguamos a presença de estruturas antônimas “de cima” e “de baixo”, atuando, pois, como locuções adverbiais: Bagagem de Cima; Bagagem de Baixo; Bateinha de Cima; Baú de Cima; Baú de Baixo; Cancelinha de Baixo; Cachaça de Cima; Cangalha de Cima; Caxambu de Cima; Caxambu de Baixo; Cercado de Cima; Cercado de Baixo; Chapéu de Cima; Engenho de Cima; Engenho de Baixo; Forquilha de Cima; Forquilha

de Baixo; Machado de Baixo; Garrote de Cima; Martelo de Cima; Surrão de Cima; Parizinho de Baixo; Tamborete de Cima e Tamborete de Baixo. Tais locuções indicam a posição do lugar e reforçam, portanto, o valor referencial do topônimo.

Há, ainda, outro grupo que se destaca totalizando 82 ocorrências. Trata-se dos nomes de pessoas preposicionados:

Quadro 49 - Ergotopônimos quanto aos nomes de pessoas preposicionadas

Topônimo	Total de ocorrências
Baeta de José Pedro Cruz	1
Bagaginha, de Maria Gomes Pereira	1
Caiçara, de Josias Pedro de Freitas	1
Caiçara, de Pedro Gustavinho	1
Camarinha, de Antônio G. da Cunha	1
Camarinha, de José B. V. Boas	1
Canoa de Ludgero Ferreira	1
Canoa, de Geraldo P. Fiúza	1
Canoas, de Alaor C. Fiúza	1
Canoas, de Altivo P. Fiúza	1
Canoas, de Francisco Luiz	1
Canoas, de João A. da Costa	1
Canoas, de Miguel Araújo	1
Canoas, de Nestor Mendes	1
Canoas, de Pedro A. Cordeiro	1
Capacete, de Antônio C. de Andrade	1
Capacete, de João A. de Andrade	1
Capacete, de Silvério T. Silva	1
Cerquinha, de Maria Bernardes	1
Chave do Couto	1
Coador, de Agmar Pinto	1
Coador, de Osvaldo Arruda	1
Engenho da Raquel	2
Engenho de Belarmino Gomes	1
Engenho de Gilson Mendes	1
Engenho de José A. de Mendes	1
Engenho de José Gabriel	1
Engenho do Venâncio	1
Engenho, de Eli Aucides	1
Engenho, de José Louriano	1
Engenho, de José Luis	1
Flecha de Francisco de Assis	1

Flecha de Júlio de Assis	1
Flecha de Saulo Pereira	1
Forquilha, de João Machado	1
Forquilha, de José Pimentel dos Santos	2
Gamelão de Joentina Maria	1
Gamelão dos Campos	1
Gamelão, de Bruno Alves	1
Gamelão, de José Xavier	1
Gamelão, de Joentina Maria	1
Gamelão, de Oswaldo R. Maia	1
Gamelão, de Pimas Sales	1
Machadinho, de Osvaldir de P. Assis	1
Machados de Jeni Cardoso	1
Machados de Maria	1
Machados de Maria Jacinto	1
Machados, de Antônio Firmino Soares	1
Marmelada de João Ferreira	1
Marmelada de José V. de Araújo	1
Marmelada, de Augusto Costa	1
Marmelada, de Fidelis T. Filho	1
Marmelada, de José J. de Sousa	1
Marmelada, de José G. da Araújo	1
Marmelada, de R. Pereira	1
Moinho de Olício	1
Moinho de Pedrinho Ribeiro	1
Moinho do Messias	1
Monjolinho dos Lopes	1
Monjolinho dos Teixeiras	1
Monjolinho, de João Mizael	1
Monjolo de Manuel P. da costa	1
Monjolo, de Guilhermino da Costa	1
Monjolo, de Valdir b. dos Santos	1
Monjolo, de Vicente L. de Camargo	1
Monjolos, de Darci Quirino	1
Parizinho de Baixo, de Pedro Esteves	1
Parizinho, de João L. da Silva	1
Parizinho, de José Aleixo	1
Parizinho, de José V. de Castro	1
Parizinho, de Vicente P. Duarte	1
Pilões de Jerônimo Franco	2
Pilões de José S. Pereira	1
Pilões de José S. Pereira	1

Porta do Maria	1
Porteirinha de Arnaldo Correia	1
Roda de Manoel Reis	1
Roda de Oswaldo	1
Tamboril, de Francisco Mendes	1

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Tais estruturas remetem à posse e referência do local. Além disso, torna-se importante considerar o predomínio na nomeação de fazendas, correspondendo a 71 ocorrências. As exceções são: Engenho da Raquel, pois, uma das ocorrências nomeia córrego, os topônimos Engenho do Venâncio; Flecha de Francisco de Assis; Flecha de Júlio de Assis; Flecha de Saulo Pereira; Monjolinho dos Lopes e Monjolinhos dos Teixeiras que nomeiam localidades; Moinho de Olício e Monjolo, de Guilhermino da Costa que nomeiam córregos; Moinho do Messias que nomeia povoado e Porta do Maria que nomeia ribeirão. Os demais topônimos, portanto, nomeiam fazendas.

Diante de tais explanações, caminhamos para a última seção deste capítulo, sobre os resultados e análise dos campos lexicais, apresentada, a seguir.

5.7 Quanto aos campos lexicais

Nesta última seção do capítulo, diante das análises explanadas nas seções anteriores, torna-se evidente que a cultura material em Minas Gerais aponta para um cenário rural, refletido e conservado por meio da toponímia.

Ainda que os ergotopônimos analisados neste trabalho correspondam, de modo geral, à cultura material, os elementos que integram tal taxonomia apresentam traços distintivos que possibilitam agrupá-los em macro e microcampos distintos. Dessa forma, ao analisar os dados que constituem o *corpus* deste trabalho, constatamos 6 macrocampos lexicais: dos instrumentos; das construções; dos transportes; do vestuário e acessórios de adorno; dos produtos e dos alimentos e bebidas. Tais macrocampos foram, pois, organizados em microcampos lexicais específicos que variam conforme as características identificadas em cada grupo. Tratou-se, portanto, de agrupar os elementos da cultura material que compartilham os mesmos traços em um mesmo grupo, assim como estabelecer limites precisos entre tais grupos conforme a natureza dos traços que os separa.

Para construir essa organização hierárquica utilizamos a Teoria dos Campos Lexicais, apresentada por Coseriu (1977) e Abbade (2009, 2012, 2015), considerando, nesta etapa do trabalho, os topônimos enquanto lexias. Tratamos, então, do elemento que corresponde à cultura material e serviu como fator motivacional do ato denominativo de um lugar em Minas Gerais.

Tendo isso em vista, é pertinente salientar que os dados foram organizados em um vocabulário intitulado “Vocabulário da cultura material mineira”, apresentado no capítulo 4 – Apresentação dos dados, deste trabalho. Para organizar esse material, partindo dos pressupostos teóricos mencionados, levamos em consideração o significado de cada elemento que integra o *corpus* deste trabalho, utilizando fontes bibliográficas especializadas, principalmente dicionários, conforme apresentado no capítulo 3 deste trabalho – Procedimentos metodológicos. Porém, logo percebemos a natureza polissêmica de vários elementos, tal como “saco”, já mencionado inicialmente neste trabalho. Consoante ao que apresenta Silva:

A polissemia ou associação de dois ou mais sentidos relacionados numa única forma linguística é um fenômeno endêmico e ubíquo das línguas naturais, como qualquer um pode rapidamente verificar ao olhar para os diferentes usos de determinada palavra. Facto paradoxal! Como sistemas semióticos, as línguas aspiram a uma relação biunívoca entre forma e significado (ideal expresso no famoso slogan “uma forma, um significado”), qual garantia da inexistência de ambiguidades ou equívocos e, nesse sentido, da máxima eficiência comunicativa. Mas uma língua sem polissemia seria realmente um sistema não só excessivamente pesado, com um número incomensuravelmente superior de formas, como inevitavelmente estático, funcional apenas num mundo sem variação nem inovação. A polissemia é pois uma realidade natural, conceptual e linguisticamente necessária. (SILVA, 2006, p. 1)

Langacker (2004) compara a variedade de significados de um elemento a uma cadeia montanhosa:

Contar os sentidos de um item lexical seria o mesmo que contar os picos de uma cordilheira: determinar quantos são depende de quão salientes eles têm de ser antes de os contarmos; eles parecem-nos discretos apenas porque ignoramos a forma como passam de um para outro a altitudes mais baixas. (LANGACKER, 2004, p. 48, apud SILVA, 2006, p. 68)

Compreendemos, por isso, a polissemia como uma realidade natural da língua, reafirmando que a língua não é estática, movimentada pela dinamicidade dos falantes. Porém, tratando-se deste trabalho, considerando a Teoria dos Campos Lexicais, alguns cuidados foram necessários para que a aplicação metodológica segundo esse pressuposto teórico fosse possível. Destarte, após cuidadosa análise, vários topônimos foram desconsiderados da pesquisa e outros permaneceram, ainda que polissêmicos. Essa análise respaldou-se no cuidado bibliográfico ao

buscar registros que pudessem assegurar o predomínio de determinada acepção em Minas Gerais, dentre as demais acepções possíveis. Nesse cenário, não foi possível encontrar respostas seguras para todos os topônimos que pertencem ao *corpus* toponímico deste trabalho, principalmente pela impossibilidade de ir à campo realizar pesquisas mais específicas. Ademais, ainda que esse fosse o objetivo deste trabalho e houvesse um cenário favorável para realizar a pesquisa de campo, não poderíamos afirmar que isso bastaria para alcançar as respostas e esclarecimentos quanto à natureza de cada topônimo.

Essa dificuldade para encontrar o real fator motivacional compreendido por meio do topônimo retoma o conceito de “fóssil linguístico”, apontado por Dick (1990), já que o topônimo se perpetua no tempo, muitas vezes sobrevivendo por gerações, distanciando-se do momento em que se deu o ato denominativo, e tornando o acesso às informações que justificam o nome de tal lugar mais inacessíveis, não fosse a presença do próprio topônimo, sobrevivendo como um fóssil histórico e cultural. Sendo assim, tratando-se dos termos polissêmicos, mesmo que o topônimo seja um fóssil linguístico e possa permitir esse recuo ao passado, não é possível, por meio deste trabalho apenas, encontrar todas as respostas desejadas. Dentro dessa perspectiva, é pertinente apontar as barreiras entre a teoria toponímica e a teoria dos campos lexicais. Embora as duas teorias possam dialogar e permitir uma construção coerente, esse diálogo não é perfeito, principalmente porque as taxonomias toponímicas não são estanques, permitindo que um topônimo possa pertencer a mais de uma taxa quando o pesquisador não consegue alcançar a origem da motivação do topônimo com clareza e segurança. No caso das lexias, ao contrário, não é possível considerar duplas classificações, pertencendo a mais de uma categoria, tendo em vista que cada lexia apresenta um significado específico e, partindo desse significado, é possível considerá-la em determinado macrocampo lexical. Trata-se, pois, de elementos distintos, assim como objetos de estudo distintos: lexias e topônimos.

Considerando tais apontamentos, para realizar este trabalho precisamos delimitar claramente a necessidade de utilizar dois procedimentos metodológicos que utilizavam, então, objetos de estudo distintos: a toponímia, para analisar os topônimos, e os campos lexicais, para analisar as lexias. Sendo assim, consideramos os elementos que motivaram os nomes de lugares em Minas Gerais enquanto lexias. Para isso, tivemos que considerar apenas um significado, mesmo em casos polissêmicos, para que fosse possível realizar o devido procedimento metodológico. Por isso, torna-se necessário reiterar que, nesta etapa do trabalho, não desconsideramos a polissemia dos vocábulos, mas elencamos a acepção mais adequada, respaldada pelos dicionários consultados, para alcançar a estruturação dos elementos da cultura

material em campos lexicais. Ademais, a primeira acepção apresentada pelo dicionarista, em alguns casos, foi considerada como a mais adequada, pautada pela ausência de outras fontes que pudessem trazer maior esclarecimento.

Esse cenário evidencia as dificuldades encontradas na realização deste trabalho, além de explicitar que o estudo não se finda aqui, permitindo lançar luz sobre os apontamentos apresentados. Dessarte, tendo em vista tais considerações, apresentamos, a seguir, a análise dos macrocampos lexicais que integram este trabalho.

5.7.1 A estrutura do vocabulário: as relações de sentido.

Seguindo a Teoria dos Campos Lexicais proposta por Coseriu (1977), os seis macrocampos lexicais considerados neste trabalho foram organizados por meio de uma ordem hierárquica. Assim, as lexias formaram um conjunto coerente, uma vez que os microcampos lexicais que compõem cada macrocampo lexical foram organizados de modo estrutural.

Tratando-se da macroestrutura, a principal relação de sentido utilizada na organização desse conjunto foi a relação entre hiperonímia e hiponímia, tendo em vista que cada macrocampo lexical foi compreendido como hiperônimo que agrupa os seus microcampos, nesse caso, hipônimos do grupo maior. Como exemplo, citamos o macrocampo lexical mais produtivo verificado neste trabalho: dos instrumentos. O grupo dos instrumentos, enquanto hiperônimo, integra vários subgrupos, como os de instrumentos de garimpo e dos instrumentos de cozinha, por exemplo. Cada subgrupo apresenta o respectivo traço distintivo que possibilita estabelecer o limite entre os microcampos, mas todos eles compartilham um traço em comum - são instrumentos e, por isso, pertencem ao grupo hiperônimo dos instrumentos. Essa relação foi considerada partindo do mais genérico para o mais específico, tanto na organização geral de cada macrocampo lexical, quanto na organização dos microcampos que os integram, quando possível.

Nesse contexto, torna-se pertinente explicitar que a ordem em que os macrocampos lexicais foram apresentados no vocabulário, partindo do campo dos instrumentos ao campo dos alimentos e bebidas, não indica uma relação de sentido específica, posto que a diversidade semântica de tais grupos não permitiu estabelecer um critério definido que pudesse servir como fator determinante na ordem de apresentação dos macrocampos lexicais.

Diante de uma análise lexicológica, observamos que as relações de sentido entre as lexias foram determinantes para estruturar e organizar o vocabulário. Desse modo, a relação de

hiponímia foi verificada na organização estrutural de alguns microcampos correspondendo, pois, conforme apresenta Abbade (2009, p. 193), a “subordinação de um termo a outro, relacionando itens lexicais específicos e gerais de forma que o primeiro esteja incluído no segundo”. Partindo desse pressuposto, no macrocampo lexical dos instrumentos, evidenciamos que os instrumentos de cozinha, por exemplo, são também instrumentos de produção (primeiro microcampo apresentado), porém, mais específicos, porque são utilizados em um ambiente exclusivo – a cozinha; e com finalidade específica – a culinária. Outro exemplo é o microcampo dos instrumentos de caça, seguido pelo microcampo dos instrumentos de pesca que são, também, utilizados para caçar, porém, um tipo de caça mais específica, restrita ao ambiente aquático. Quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas, destacamos essa relação na estrutura geral de organização de tal macrocampo, já que o primeiro microcampo apresentado corresponde às refeições gerais (mais genéricas), como “almoço” e “merenda”, seguido grupo dos ingredientes utilizados no preparo das refeições, como “sal” e “farinha”, e pelo grupo dos preparos culinários, como “mingau” e “paçoca”.

Essas relações de sentido foram verificadas, também, na organização interna de alguns microcampos lexicais, considerando a ordem em que as lexias foram dispostas. Tendo em vista o macrocampo lexical dos instrumentos, o primeiro microcampo apresentado corresponde aos instrumentos de grande estrutura e produção. Nota-se, primeiramente, a lexia “máquina”, sendo a mais genérica desse subgrupo, já que as demais lexias apresentadas são tipos de máquinas ou partes de máquinas, estabelecendo, pois, uma relação de subordinação do mais genérico ao mais específico. Tratando-se do macrocampo do vestuário, calçados e acessórios de adorno, explicitamos como exemplo o microcampo dos calçados, sendo que a primeira lexia é a mais genérica, “sapato”, seguida pelas mais específicas como “chinelo”. Quanto às variantes de um mesmo lexema, foram apresentadas em sequência por compreenderem, também, a relação de especificação, como os exemplos, a seguir, que pertencem ao macrocampo lexical das construções: a lexia “Porteirinha” seguida por “Porteirinha de Arnaldo Correia”, ou ainda “Cancelinha” seguida por “Cancelinha de Baixo”.

Dessarte, a forma como os microcampos foram apresentados deu-se por meio da relação de sentido construída entre as lexias que os compõe. Sendo assim, ao mesmo tempo em que os microcampos compartilham traços em comum e, em alguns casos, nota-se a relação hierárquica de hiponímia, apresentam, também, traços que os diferencia e, inclusive, que os permite pertencer a subgrupos distintos. Alguns traços são mais frouxos e sutis, outros, ao contrário, são mais evidentes. Nesse contexto, a complexidade da organização dos macro e

microcampos lexicais do vocabulário apresentado deveu-se, portanto, à diversidade de traços distintivos entre as lexias.

Por conseguinte, o macrocampo das construções e, principalmente, o macrocampo dos produtos, foram os mais complexos, já que não foi possível estabelecer com precisão uma ordem hierárquica entre os respectivos microcampos lexicais que os integram. A diversidade de traços semânticos dificultou, em alguns casos, a organização do material. Como exemplo de tal complexidade, citamos o último microcampo lexical apresentado no macrocampo dos produtos, tratando-se, pois, de lexias que compartilham o traço de serem produtos desenvolvidos para a comunicação/exposição e/ou arte, em geral, são elas: “vitrine” “painel”, “letreiro”, “mapa” e “folheto”. Embora todas possam compartilhar o traço citado, permitindo agrupá-las em um mesmo grupo, trata-se de um traço mais frouxo, pois é inegável a presença de traços distintivos entre tais lexias. Esse exemplo de microcampo lexical ilustra a dificuldade em estruturar e organizar o vocabulário, tendo em vista algumas lexias específicas. Houve dificuldade, também, na relação de sentido entre alguns microcampos lexicais do macrocampo dos instrumentos, em razão da diversidade de instrumentos que compõem o *corpus* toponímico deste trabalho. Essa diversidade refletiu-se na necessidade de criar grande quantidade de microcampos para dar conta de organizá-los, evidenciando que, em alguns casos, não foi possível estabelecer uma ordem hierárquica definida.

De modo geral, não foi possível aplicar a relação de sentido que parte do mais genérico ao mais específico na organização de todos os microcampos lexicais, tratando-se das complexidades semânticas verificadas. Nesses casos, portanto, os microcampos lexicais seguiram uma sequência aleatória de apresentação, porém, a organização das lexias baseou-se por meio dos traços semânticos compartilhados entre elas, assim como a utilização de traços distintivos que definiram as barreiras semânticas entre os microcampos.

A sinonímia também foi utilizada na organização do vocabulário. Como apresenta Abbade (2009, p. 193), a sinonímia compreende “formas distintas que apresentam identidade de significado, em sentido amplo ou restrito, ou semelhança de significado, em sentido amplo.” Os “pares” de lexias “pito” e “cachimbo”, “arapuca” e “urupuca”, “tamboril” e “tamborim”, “pólvora” e “fundanga”, “ramalhete” e “buquê” exemplificam tal relação. Ainda que não existam sinônimos perfeitos, a proximidade dos “pares” de tais lexias, quanto ao significado que compreendem, permite agrupá-los em um mesmo microcampo lexical e, inclusive, considerando o conteúdo dos verbetes, nota-se a presença remissiva que os conecta quanto ao significado apresentado. Outro exemplo é a semelhança quanto ao significado das lexias

“engenho”, “monjolo” e “gangorra”, tratando-se de instrumentos utilizados para moer, ou ainda “fragata” e “galeão”, que são navios de guerra. Há, inclusive, microcampos constituídos por variantes de um mesmo lexema, como “couro” e “couros”, “remédio” e “remédios”, mas que correspondem, pois, a lexias distintas, assim como nomeiam lugares distintos em Minas Gerais. Ademais, nota-se vários exemplos de lexias que se aproximam quanto ao significado, distintas apenas pelo sentido veiculado por meio de sufixos, como “jangada” e “jangadinha”, “barca” e “barquinha”, “brinco” e “brinquinho”, “arame” e “araminho”.

A relação de sentido inversa à sinonímia também foi verificada. Conforme explicita Abbade (2009, p. 193) antonímia é a “propriedade de duas formas terem significações opostas”. Nesse contexto, verificamos lexias como “Forquilha de Baixo” e “Forquilha de Cima”, ou “Cerca de Baixo” e “Cerca de Cima”. Tais lexias foram apresentadas em sequência, em seus respectivos microcampos lexicais, considerando os advérbios que compõem os sintagmas toponímicos citados e indicam localizações geográficas opostas. As oposições estabelecidas por meio dos adjetivos “velho/novo”, também, foram verificadas, como em: “Engenho Velho” e “Engenho Novo”; “Chapéu Velho” e “Chapéu Novo”. Outra relação de sentido por antonímia foi verificada por meio de lexias como “forno” e “frigorífico”, já que se distanciam quanto ao significado. Ademais, o uso dos sufixos “-ão” e “-inho”, presente nas lexias “carrão” e “carrinho”, permite considerar certo grau de antonímia por meio da oposição de sentido estabelecida entre tais sufixos.

Outra importante consideração diz respeito ao tema abordado inicialmente nesta seção: a polissemia. Ainda que tenhamos considerado um significado específico para organizar cada lexia e construir esse material, não negamos a possibilidade de que possam pertencer a mais de um macro ou microcampo lexical, uma vez que, a polissemia é a “pluralidade significativa de uma mesma forma, dependente do contexto e da situação” (ABBADÉ, 2009, p.193). Por exemplo, a lexia “machado” foi considerada como um instrumento de corte, mas poderia pertencer, também, ao microcampo dos instrumentos agrícolas, dado o uso desse instrumento em diversos contextos e situações. A decisão por considerá-lo enquanto instrumento de corte foi acatada pela presença de outros elementos dessa natureza no *corpus* do trabalho, tornando tal microcampo coerente. Outro exemplo é a presença da lexia “peneiras” integrando o microcampo dos instrumentos de cozinha, mas que poderia integrar, também, o microcampo dos instrumentos de garimpo, levando-se em consideração a utilização de tal instrumento em contextos distintos. Lexias como “gamela” e “pote”, por exemplo, apresentam diversas possibilidades de uso dependendo da situação, e, por isso, foram organizadas pertencendo ao

subgrupo específico de instrumentos utilizados para transportar e/ou armazenar líquidos e outros. Esses exemplos e considerações explicitam que os dados devem ser analisados em conjunto e não separadamente.

Os exemplos citados foram apresentados com a finalidade de evidenciar as relações de sentido que contribuíram para organizar o vocabulário, de modo geral. Não tivemos a intenção, portanto, de explorar cada relação de sentido possível nesse material. Por isso, torna-se pertinente apontar que a análise lexicológica não se esgota por meio das considerações apresentadas neste tópico.

Ademais, explicitamos que a organização estrutural do vocabulário apresentado neste trabalho esbarra, também, nas interpretações pessoais que variam de acordo com a visão de mundo de quem analisa. Desse modo, certamente, cada estudioso poderia propor organizações diversas, desde que seguissem uma coerência organizacional. Por isso, reiteramos que a forma como o material foi estruturado neste trabalho não é a única possível e certa, mas procuramos estabelecer uma coerência que facilitasse a posterior análise do material.

Apresentamos, a seguir, os resultados gerais dos macrocampos lexicais, seguido pelos resultados específicos de cada macrocampo.

5.7.2. Resultado geral dos macrocampos lexicais

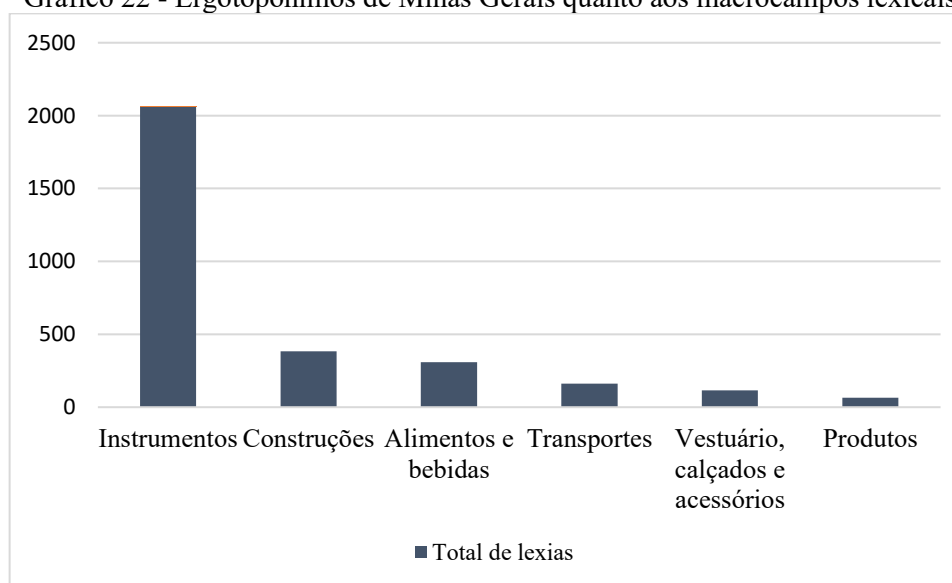
Considerando os seis macrocampos lexicais evidenciados neste trabalho, explicitamos o seguinte resultado:

Quadro 50 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos macrocampos lexicais

Macrocampo lexical	Total de lexias	%
Instrumentos	2061	67%
Construções	384	12%
Alimentos e bebidas	308	10%
Transportes	161	5%
Vestuário, calçados e acessórios	115	4%
Produtos	65	2%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 22 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto aos macrocampos lexicais



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Torna-se evidente, pois, a presença majoritária do grupo dos instrumentos como principais motivadores de lugares, em Minas Gerais, em relação aos elementos da cultura material, correspondendo a 2061 lexias. Em sequência, destaca-se o macrocampo lexical das construções, com 384 lexias, seguido pelo macrocampo dos alimentos e bebidas, com 308 ocorrências. Em menor quantidade, o macrocampo lexical dos produtos revelou-se menos produtivo, com apenas 65 lexias.

A seguir, serão apresentados os resultados gerais dos macrocampos lexicais conforme a ordem quantitativa de produtividade das lexias que os compõe.

5.7.3 O macrocampo lexical dos instrumentos

De modo geral, os instrumentos fazem parte da cultura material de forma significativa, perceptível, inclusive, por meio dos resultados evidenciados neste trabalho. O macrocampo lexical dos instrumentos revelou-se, portanto, como o mais produtivo, integrando 2061 lexias. Trata-se, assim, do principal fator que serviu como motivação no ato denominativo de lugares, em Minas Gerais, quanto aos elementos da cultura material.

O macrocampo lexical dos instrumentos foi organizado em 28 microcampos lexicais. A quantidade de microcampos, conforme evidenciado anteriormente neste trabalho, deu-se pela quantidade e variedade de instrumentos que compõem o *corpus* deste estudo, impossibilitando, inclusive, que a ordem hierárquica do mais genérico ao mais específico fosse estabelecida e utilizada com precisão em todos os microcampos desse grupo.

O número de instrumentos que integra o *corpus* deste trabalho mostra, em parte, a presença do ofício, em suas diversas possibilidades de atuação, já que tais instrumentos, em sua maioria, estão relacionados ao uso em contextos de produção, desde às máquinas e estruturas maiores, aos instrumentos utilizados na cozinha, artesanato, agricultura, garimpo, etc.

Quanto aos microcampos que integram o grupo dos instrumentos, explicitamos o seguinte resultado:

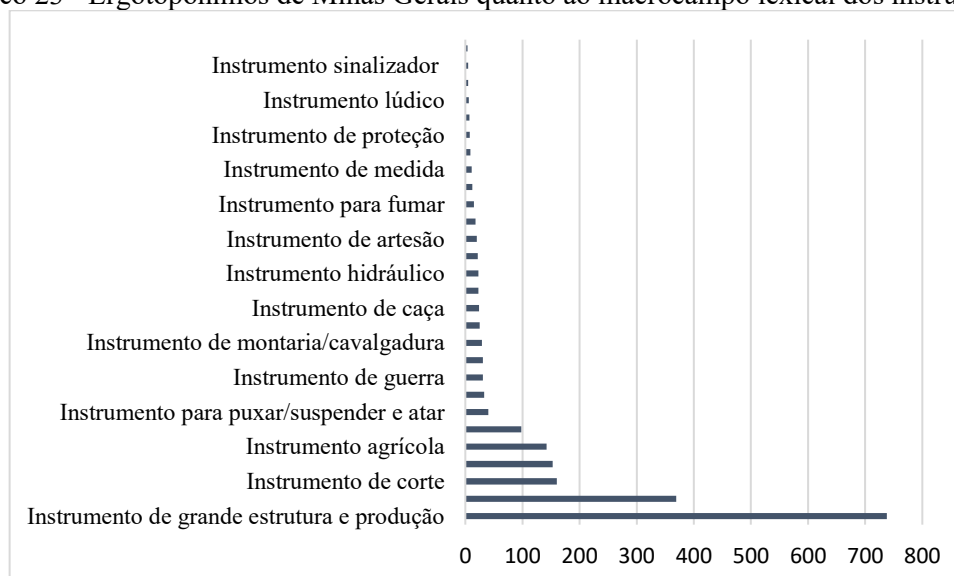
Quadro 51 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos

Microcampo lexical	Total	%
Instrumento de grande estrutura e produção	737	36%
Instrumento para guardar e/ou transportar	369	18%
Instrumento de corte	160	8%
Instrumento musical	153	7%
Instrumento agrícola	142	7%
Instrumento de cozinha	98	5%
Instrumento para puxar/suspender e atar	40	2%
Instrumento do lar	33	2%
Instrumento de guerra	31	2%
Instrumento de pesca	31	2%
Instrumento de montaria/cavalgadura	29	1%

Instrumento de garimpo	25	1%
Instrumento de caça	24	1%
Instrumento de iluminação	23	1%
Instrumento hidráulico	23	1%
Instrumento monetário	22	1%
Instrumento de artesanato	21	1%
Instrumento de castigo e execução	18	1%
Instrumento para fumar	15	1%
Instrumento para abrir e fechar	12	1%
Instrumento de medida	11	1%
Instrumento de apoio	9	0%
Instrumento de proteção	8	0%
Instrumento óptico	7	0%
Instrumento lúdico	6	0%
Instrumento religioso/honorífico	5	0%
Instrumento sinalizador	5	0%
Instrumento náutico	4	0%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 23 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos instrumentos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Nota-se, portanto, que o microcampo dos instrumentos de grande estrutura e produção são os mais significativos, totalizando 737 lexias. Em seguida, destaca-se o microcampo lexical de instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar, com 369 lexias, seguido pelo microcampo lexical dos instrumentos de corte, com 160 lexias. Na sequência, destacam-se, ainda, o microcampo dos instrumentos musicais, com 153 lexias, e o microcampo dos

instrumentos agrícolas, com 142 lexias. Em menor número, evidencia-se o microcampo lexical dos instrumentos náuticos com apenas 4 lexias.

O grupo dos instrumentos de grande estrutura e produção é o mais significativo, pois, corresponde ao conjunto que integra os ergotopônimos mais produtivos já mencionados neste trabalho: os engenhos, com 297 ocorrências, e os monjolos, com 158 ocorrências.

É notável a presença marcante dos engenhos na construção da história econômica e cultural de Minas Gerais, refletida, inclusive, por meio da nomeação de lugares. Os engenhos, atualmente, foram substituídos por máquinas mais modernas, porém, é possível encontrar engenhos desativados pelo interior de Minas Gerais. São, pois, patrimônios da cultura material mineira. Nesse cenário, torna-se pertinente apontar sobre a importância do espaço de encontro possibilitado por meio dos engenhos e monjolos, tendo em vista que eram locais de trabalho e, portanto, socialização. Nota-se, ainda, que muitas fazendas em Minas Gerais construíram o engenho como parte integrante da casa, o que é apresentado por Algranti (2018, p. 73): “Em Minas Gerais, por exemplo, uma única cobertura abrigava a casa, os quartos de hóspedes, a moenda e até mesmo o próprio engenho [...]” Em relação ao monjolo, a sua presença é verificada em Minas Gerais no processo de fabricação da farinha de milho:

[...] a antiga técnica de fabrico da farinha de milho persistia ainda no início do século XIX, quando John Mawe visitou Minas Gerais. Referindo-se à próspera fazenda do conde de Linhares, observou que essa farinha era alimento principal, de muito bom paladar e nutritivo. Para prepará-la colocavam-se os grãos na água e, com eles ainda úmidos, removia-se a película externa, reduzindo-os a pequenos grãos (farinha). Só depois eram levados ao fogo para secar. O fubá é farinha de milho moída, e em Minas Gerais Saint-Hilaire pôde observar, também no início do século XIX, esse processo de transformação num **monjolo**. (ALGRANTI, 2018, p. 114. Grifo nosso)

Quanto ao segundo microcampo lexical mais produtivo, dos instrumentos utilizados para guardar e/ou transportar, destaca-se baú e variantes, com 128 ocorrências, seguido por gamela e suas variantes, com 55 ocorrências. Desse modo, além dos engenhos e monjolos, utilizados para moer, os resultados aqui apontados explicitam outros elementos da cultura material que remetem ao cenário rústico, uma vez que os baús sinalizam tal rusticidade, considerando a época em que não havia o que atualmente conhecemos como guarda-roupas. As roupas e outros pertences eram, portanto, guardados em baús, caixas ou canastras, marcando a notável presença e importância histórica e cultural desses elementos. No período colonial, a mobília doméstica era bastante simples:

No geral, a modéstia do mobiliário fica evidente nos depoimentos colhidos, revelando a inexistência de espaços aconchegantes para o convívio familiar. Poucas cadeiras,

uma ou duas mesas com seus bancos, além de algumas caixas e **baús** é o que se encontra na maior parte das vezes, por exemplo, nos inventários paulistas. (ALGRANTI, 2018, p. 77. Grifo nosso)

A gamela também corresponde ao ambiente rústico, bastante utilizada em áreas rurais com a finalidade de alimentar os animais domésticos ou na cozinha, considerando suas possibilidades de uso.

Quanto aos instrumentos de corte, sendo o terceiro microcampo lexical dos instrumentos mais produtivos, destaca-se, de forma majoritária, machado e suas variantes, com 140 ocorrências, utilizado, principalmente, para rachar a lenha. Na sequência, em relação ao nível de produtividade, tratando-se do microcampo lexical dos instrumentos musicais, destaca-se tamboril, com 74 ocorrências, e caxambu, com 45 ocorrências. A presença numerosa da lexia caxambu, que significa “grande tambor; atabaque”, destaca a influência da cultura africana em Minas Gerais, sendo uma lexia de origem banto, verificada principalmente por meio da música e dança.

Ademais, quanto ao microcampo lexical dos instrumentos agrícolas, evidencia-se, majoritariamente, forquilha e suas variantes, com 133 ocorrências, utilizada principalmente na área rural para o adequado preparo do solo.

A presença do microcampo dos instrumentos de cozinha, com 98 lexias, é também bastante relevante, levando-se em consideração “a centralidade que a cozinha assume na construção de práticas domésticas e relações sociais dentro da casa”. (GUERRA, 2020, p.2)³⁴¹. Os instrumentos de origem indígena utilizados na cozinha evidenciam a necessidade e importância da apropriação de conhecimentos e utensílios dos índios no preparo de alimentos diversos, como o moquém, utilizado para assar a carne ou o peixe, com 61 ocorrências neste trabalho. O tipiti, instrumento utilizado para espremer a mandioca, e a urupemba, espécie de peneira grossa feita de taquara, embora tenham apenas uma ocorrência de cada respectiva lexia, também ilustram a influência da cultura indígena em Minas Gerais.

Ainda que não seja possível analisar todas as lexias que integram o macrocampo lexical dos instrumentos neste trabalho, de modo geral, considerando os resultados aqui explicitados, é notável a presença dos instrumentos rústicos como principais motivadores na nomeação de lugares em Minas Gerais.

³⁴¹ GUERRA, Wilton. Artefatos de cozinha – os utensílios domésticos em evidência nos inventários e relatos de viajantes. Disponível em <<https://mcb.org.br/pt/acervo/artigo-artefatos-de-cozinha-os-utensilios-domesticos-em-evidencia-nos-inventarios-e-relatos-de-viajantes-por-wilton-guerra/>> Acesso em novembro de 2022.

5.7.4 O macrocampo lexical das construções

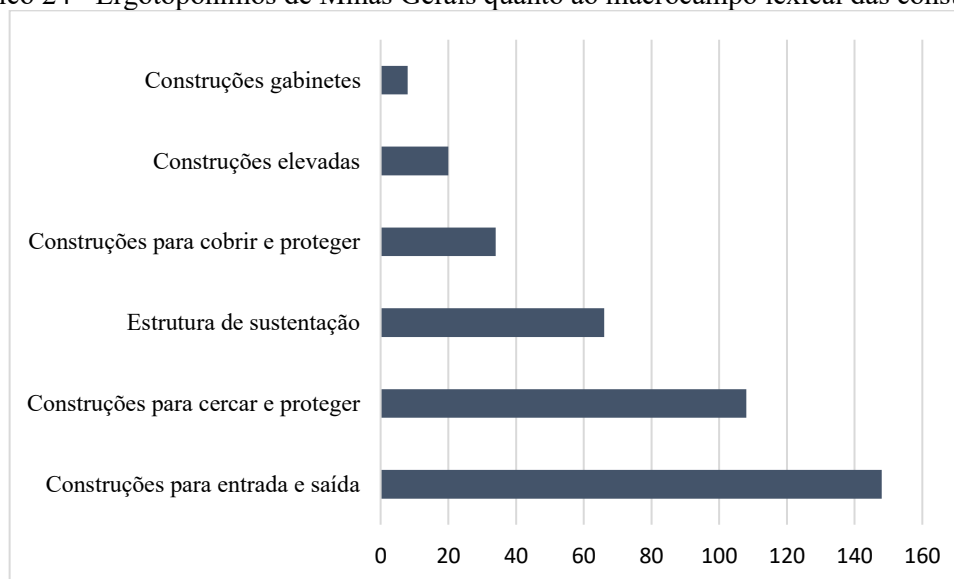
Conforme salientado anteriormente, houve relativa dificuldade na organização do macrocampo lexical das construções, tendo em vista que não foi possível apresentar os microcampos por meio de uma sequência hierárquica bem definida. Os microcampos lexicais foram, pois, organizados de acordo com as semelhanças de significados das lexias, agrupando em um mesmo microcampo as lexias que compartilham as mesmas características, de modo geral. Ainda assim, tentou-se seguir a coerência que parte do mais genérico ao mais específico, resultando no grupo de lexias que atuam como gabinetes as últimas a serem apresentadas no macrocampo lexical das construções, correspondendo ao nível de especificidade. Sendo assim, o macrocampo lexical das construções é composto por 384 lexias que são distribuídas em 6 microcampos lexicais, apresentados, a seguir, de acordo com os resultados quantitativos:

Quadro 52 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical das construções

Microcampo lexical	Total	%
Construções para entrada e saída	148	39%
Construções para cercar e proteger	108	28%
Estrutura de sustentação	66	17%
Construções para cobrir e proteger	34	9%
Construções elevadas	20	5%
Construções gabinetes	8	2%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 24 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical das construções



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Esse resultado mostra, claramente, o predomínio das construções utilizadas como entrada e saída, correspondendo a 148 lexias. Trata-se da produtividade da lexia porta, com 25 ocorrências e, principalmente, porteira, e suas variantes, com 106 ocorrências. É notável a presença desse elemento ao adentrar o interior de Minas Gerais, já que as porteirosas marcam a entrada, assim como a saída, do espaço que separa o público da vida íntima de quem ali habita. Analisando-se por meio de uma perspectiva mais subjetiva, a porteira simboliza esse espaço de intimidade, por meio da rusticidade e, quiçá, do acolhimento mineiro. É possível, ainda, pensar em um protótipo de porteira, antiga e de madeira, tão pitoresca quanto a paisagem de Minas Gerais. O fragmento, a seguir, extraído do Arquivo Ernani Bruno, evidencia a presença da porteira em Minas Gerais:

"Não devo, também, esquecer de dizer que se entra no pátio por uma das portas a que se chama 'porteira', também empregada para fechamento dos pastos. Constan tais porteirosas de dois esteios e algumas tábuas transversais, afastadas umas das outras. Tem-se o cuidado de dar um pouco de inclinação ao mourão sobre o qual giram; caem pelo próprio peso e fecham-se por si." (1822)³⁴²

A cancela, embora em menor número, correspondendo a 17 ocorrências incluindo as variantes, pertence, também, ao grupo das construções que marcam e simbolizam a entrada e saída de tais espaços.

³⁴² Arredores de São João del Rei, Minas Gerais SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1974. p. 46Ficha: 14437. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

O segundo microcampo lexical mais produtivo, com 108 ocorrências, é o grupo das construções que cercam e protegem os espaços. Considerando o resultado quantitativo, *caiçara* e suas variantes, com 44 ocorrências, e *cercado*, e suas variantes, com 27 ocorrências, predominam nesse grupo. Corroborando a análise feita em relação ao microcampo das construções utilizadas para entrada e saída, *caiçara* e *cercado* estão inseridas no contexto que separa o público da vida íntima de quem habita, trabalha, ou simplesmente tem a posse de determinado local. Utilizado para fins diversos, inclusive, separar áreas específicas, delimitar o espaço das criações de animais, cultivo, entre outras funções, a *caiçara* e o *cercado*, embora não sejam sinônimos, de modo geral, compartilham o traço que os permite cercar e proteger os espaços desejados e simbolizam, também, a rusticidade mineira.

Em relação à *lexia* *caiçara*, de origem indígena (tupi), reiteramos a sua importância enquanto patrimônio da cultura indígena. As informações apresentadas por Souza, em seu dicionário da Terra e da gente do Brasil (2004), explicitadas na ficha lexicográfica do topônimo *Caiçara*, são reapresentadas aqui:

Substantivo do gênero feminino, empregado pelos primeiros cronistas do Brasil, como Fr. Vicente do Salvador, no sentido de “cerca de rama”, feita de forquilhas e garranchos. Nas aldeias ou *tabas* dos indígenas era a estacada que envolvia externamente a povoação, espécie de trincheira feita de paus retirados das queimadas. Gabriel Soares fala em cerca de *caiçá*, que os selvagens construam para se guardarem dos inimigos. Segundo Teodoro Sampaio *caiçá* é contração de *caiçara*. É palavra de origem tupi: *caa* – mato e *iça* – estaca, pau. Peregrino Júnior, no *Vocabulário* anexo à *Puçanga*, diz que *caiçara* ou *caissara* é cercado de madeira, à margem de um rio, para embarque de gado. “Compõe-se de duas partes: a *manga* e a *sala*. A *manga* é o corredor da *caiçara* por onde passam os bois da *sala* para a *gambarra* que é uma embarcação a vela, de dois mastros, para transporte de gado. A *sala* é a parte da *caiçara* onde permanece o gado”. Segundo informa A. Taunay em seu *Léxico de Lacunas*, em Goiás, *caiçara* é um recesso onde se embosca o caçador. No *Cancioneiro do Norte* de Rodrigues de Carvalho, encontramos esta palavra com a significação de *palhoça* (Pág. 20). (SOUZA, 2004, p. 66 – 67)

Desse modo, é verossímil reconhecer, em coerência com os resultados e análise realizada em relação ao macrocampo lexical dos instrumentos, que os resultados aqui mostrados, quanto ao macrocampo lexical das construções, reafirmam a presença da rusticidade mineira por meio dos elementos materiais apontados.

5.7.5 O macrocampo lexical dos alimentos e bebidas

O macrocampo lexical dos alimentos e bebidas revelou-se como o terceiro mais produtivo, totalizando 308 lexias. Tratando-se do universo dos alimentos e bebidas, é válido iniciar a análise desse macrocampo lexical destacando a importância da alimentação como patrimônio e manifestação cultural: “Ao longo da história da alimentação cada cultura conciliou saberes e técnicas, produziu e utilizou equipamentos e utensílios, desde os confeccionados artesanalmente até os industrializados, que revolucionaram o modo de preparo e conservação dos alimentos”. (GUERRA, 2020, p. 8-9)

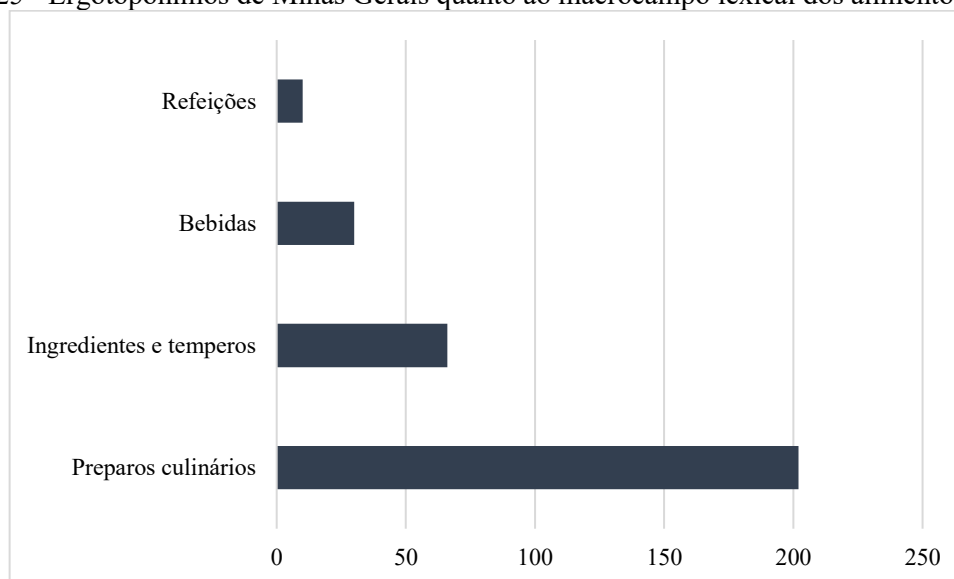
Desse modo, o macrocampo dos alimentos e bebidas apresenta 4 microcampos lexicais, partindo do grupo mais genérico, das refeições e sustento alimentar, aos preparos culinários e bebidas. Sendo assim, os microcampos são evidenciados por meio dos resultados, a seguir:

Quadro 53 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas

Microcampo	Total	%
Preparos culinários	202	66%
Ingredientes e temperos	66	21%
Bebidas	30	10%
Refeições	10	3%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 25 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos alimentos e bebidas



Fonte: elaborado pela autora (2023)

O resultado explanado acima, por meio da tabela e gráfico, mostra claramente o predomínio do microcampo lexical dos preparos culinários, integrando 202 lexias. Porém, torna-se pertinente salientar que tal microcampo se divide em quatro subgrupos, que apresentaram o seguinte resultado:

Quadro 54 - Microcampo dos preparos culinários

Preparos culinários	Total
Pratos culinários	116
Guloseimas e açúcares	47
Iguarias feitas com farinha	22
Lácteos	17

Fonte: elaborado pela autora (2023)

O grupo dos pratos culinários apresentou, em maior número, jacuba, com 61 ocorrências, seguido por angu, com 21 ocorrências. Acredita-se que a jacuba, ora compreendida como um tipo de bebida, ora como um tipo de alimento parecido com o pirão, é uma criação dos jesuítas, conforme apresenta Beurepaire Rohan (2007, p. 134-135). Complementa Cascudo (2000):

Beurepaire Rohan informa que a jacuba é uma criação dos jesuítas, que, nos dias de jejum, alimentavam-se de farinha de mandioca com água, na falta de trigo. Bebem-na os barqueiros do rio São Francisco, juntando rapadura e talhadinhas de limão. Jacuba é “refresco e pirão, preparados com água, farinha de mandioca, açúcar ou mel e, às vezes, temperado com cachaça. No Maranhão chamam *tiquara* ou *xibé*”. Fernando São Paulo disse; “É uma espécie de pirão, feito com farinha de mandioca ou farinha de milho, rapadura ou açúcar propriamente, e água fria, a que poderá ser adicionado suco de limão”. Em Santa Catarina, jacuba é o pirão feito com farinha de mandioca e água fria. O café engrossado com farinha de mandioca tem o mesmo nome: jacuba ou jacuva. Na região serrana (São Joaquim), jacuba é o prato preparado com tutano do peixe caracu, mexido com farinha de mandioca e açúcar para formar uma farofa. É servido no café da manhã. (CASCUDO, 2000, p. 288)

Em relação ao angu, é notável reconhecer o valor desse alimento como patrimônio cultural, considerando a sua presença ancestral. O fragmento apresentado, a seguir, refere-se aos escravos catadores de diamantes, retirado do Arquivo Ernani Bruno: “[...] sua alimentação,

que não é das mais nutritivas, consiste principalmente em feijão cozido e fubá de milho, o qual, ajuntando-se água quente, se transforma numa pasta grossa chamada angu".³⁴³

Segundo Goulart (1971), em relação à dieta dos tropeiros, afirma:

Veja-se que uma das deficiências que tinha grande reflexo na alimentação daqueles homens, era a de sal, cuja escassez nas paragens do Brasil central fazia com que seu preço atingisse cifras elevadíssimas. Por essas e outras razões, a dieta tropeira, embora farta, era pouco variada: resumia-se quase que exclusivamente à carne-sêca, feijão, angu de milho, farinha de mandioca, torresmo e café com açúcar. (GOULART, 1971, p. 121)

O segundo grupo, das guloseimas e açúcares, destaca-se marmelada, com 21 ocorrências, e rapadura, com 15 ocorrências. Algranti evidencia a presença de tais doces desde a época de ocupação colonial, como atividade realizada pelas mulheres:

O preparo dos doces, assim como as diversas atividades ligadas à cozinha, cabia de ordinário às mulheres. Os marmeleiros de São Paulo sempre propiciaram, desde o início da ocupação, a famosa marmelada. A rapadura, por sua vez, era apreciada em todo país. Com o passar do tempo, todavia, a arte de fazer doces ganhou expressão na cultura do país [...]" (ALGRANTI, 2018, p. 114)

Em relação ao grupo das iguarias feitas com farinha, destaca-se pão e suas variantes, totalizando 13 ocorrências, sendo “Pão de Açúcar”, em maior número, com 06 ocorrências. No grupo dos lácteos, predomina manteiga e requeijão, com 06 ocorrências cada. Quanto ao microcampo dos ingredientes e temperos, destaca-se a farinha, com 26 ocorrências: “A farinha, indispensável à mesa dos brasileiros, seja de milho ou de mandioca, depois de trigo e de tantos cereais, amplia a contação da história. A farinha do Norte de Minas e do Nordeste brasileiro revela como era armazenada em arcas, uchas e baús, além de mostrar os diferentes modos dos moinhos e suas mós.” (SANTOS, 2019, p. 18)³⁴⁴

Em relação ao microcampo das bebidas, é necessário apontar a divisão em alcóolicas e não alcóolicas. O primeiro grupo, de bebidas alcóolicas, foi o menos produtivo, com 07 ocorrências, no total, considerando a cachaça como a mais significativa desse grupo, com 04 ocorrências. O grupo das bebidas não alcóolicas totalizou 23 ocorrências, considerando a garapa como a mais significativa desse grupo, com 17 ocorrências. Como importante contribuição africana, a garapa é descrita por Castro, em sua obra intitulada “Falares africanos na Bahia: um

³⁴³ Diamantina, Minas Gerais. GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836-1841). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 210 Ficha: 5080/ 4300/2953/1164/755. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

³⁴⁴ SANTOS, Angelo Oswaldo de Araújo. Museu de Artes e Ofícios. São Paulo: Instituto Cultural J. Safra, 2019. p. 11-18.

vocabulário Afro-brasileiro”, como: “O caldo da cana, quando destinado à destilação; qualquer líquido que se põe a fermentar para depois ser destilado; bebida refrigerante de mel ou de açúcar com água, a que alguma vezes se adicionam gotas de limão; refresco de qualquer fruta.” (CASTRO, 2005, p. 241). Desse modo, ainda que a garapa seja a base para a produção da cachaça e, portanto, as duas lexias estejam relacionadas, neste trabalho optamos por considerá-la como bebida não alcoólica ao compreendê-la enquanto caldo de cana retirado das moendas de engenhocas ou usinas.

De modo geral, é possível afirmar que os resultados evidenciados em relação ao macrocampo dos alimentos e bebidas mostram a riqueza da alimentação não apenas em Minas Gerais, mas todo território nacional. Nessa perspectiva, por meio de uma análise histórica, nota-se períodos caracterizados pela alimentação de viajantes diversos, permitindo que os alimentos menos perecíveis pudessem transitar entre regiões, assim como resultar em pratos e bebidas típicas da cultura brasileira.

5.7.6 O macrocampo lexical dos transportes

De modo geral, os transportes são dignos de atenção considerando, principalmente, a história de formação de Minas Gerais. Desde o período colonial, o transporte de mercadorias diversas e, inclusive, de pessoas, sempre foi uma necessidade de sobrevivência. Porém, inicialmente, os trajetos eram dificultados por vários aspectos que incluíam o relevo acidentado mineiro. Nesse contexto, naquela época, o transporte principal era realizado por meio de carregadores humanos e burros: “E a par do volumoso transporte de artigos de necessidade, a indústria extrativa, aurífera e diamantífera, exigia muares para o carrêgo da produção, como acontecera antes, ao tempo do apogeu da mineração andina”. (GOULART, 1971, p. 36) Naturalmente, meios de transporte melhores foram substituindo os antigos, atendendo cada vez mais e melhor às necessidades gerais de transporte, seja de mercadoria ou de pessoas. Dessarte, o intuito dessa introdução é ressaltar a importância desse macrocampo lexical, de modo geral, ligado às transformações e necessidades da sociedade.

A divisão do macrocampo lexical dos transportes deu-se de modo bem simples, já que consideramos apenas dois microcampos lexicais definidos segundo o meio, náutico ou terrestre, em que se locomovem.

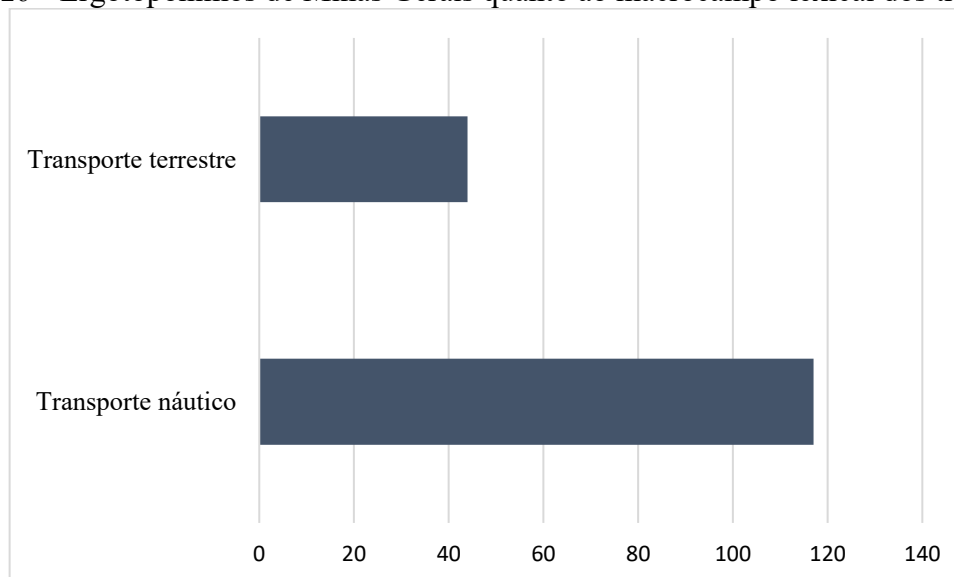
Dessa forma, totalizando 161 lexias, o macrocampo lexical dos transportes apresentou o seguinte resultado quanto aos microcampos que o integram:

Quadro 55 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos transportes

Microcampo lexical	Total	%
Transporte náutico	116	72%
Transporte terrestre	45	28%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 26 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos transportes



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Nota-se, claramente, o predomínio dos transportes náuticos, correspondendo a 116 ocorrências. Esse grupo divide-se, ainda, em transporte náutico bélico, composto por 06 lexias: nau de Guerra, com 03 ocorrências, fragata, com 02 ocorrências e galeão, com apenas 01 ocorrência. Em relação aos demais transportes náuticos, destaca-se, de forma majoritária, canoa, com 90 ocorrências. Canoa é, pois, a lexia mais produtiva do macrocampo lexical dos transportes. Chama a atenção a presença de tal lexia em quase todo estado mineiro, com exceção da mesorregião Vale do Rio Doce. Dessarte, canoa revelou-se mais presente, na nomeação de lugares, na mesorregião mineira Oeste de Minas, com 15 ocorrências, seguida pelas mesorregiões Central Mineira, com 14 ocorrências e Norte de Minas com 13 ocorrências.

Apesar de canoa nomear, também, nos trabalhos de mineração do ouro, “condutos abertos, cujo comprimento total é, pouco mais ou menos, de 10 a 13 metros, com largura de 66 centímetros”, conforme apresenta Beurepaire-Rohan (2007, p. 68), optamos por não considerar tal acepção neste trabalho, tendo em vista que se trata de um topônimo presente em grande parte de Minas Gerais e seria impossível, neste trabalho, verificar o real fator

motivacional compreendido em cada lugar nomeado por esse respectivo topônimo. Nessa perspectiva, ainda que tal acepção corresponda à realidade mineira, diante do cenário de mineração, decidimos considerar a acepção mais geral e comumente conhecida: “Embarcação sem quilha, formada de um casco.” (CUNHA, 2010, p. 122). O fragmento seguinte, extraído do Arquivo Ernani Bruno, ilustra a presença desse importante transporte em um relato de 1817: "Manifestei ao comandante [...] o prazer que teria de navegar pelo Jequitinhonha, e ele me satisfez esse desejo [...] A imensa canoas em que embarcamos [...] tinha sido cavada em um tronco de árvore cuja casca fora retirada." (1817)³⁴⁵

Quanto aos transportes terrestres, destaca-se, majoritariamente, carro e suas variantes, com 42 ocorrências. Assim como a lexia canoa, carro também está presente em quase todo estado mineiro, com exceção da mesorregião mineira Vale do Mucuri. Em maior número, o topônimo carro nomeia acidentes geográficos nas mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Norte de Minas, com 08 ocorrências cada, e na mesorregião Sul/Sudoeste de Minas com 07 ocorrências.

5.7.7 O macrocampo lexical do vestuário, calçados e acessórios de adorno

Integrando 115 lexias, o macrocampo lexical do vestuário, calçados e acessórios de adorno é dividido exatamente nos grupos mencionados no próprio título do macrocampo: o microcampo lexical do vestuário, dos calçados e, por último, dos acessórios de adorno. Tal divisão foi estabelecida seguindo o critério que permite reunir em um mesmo grupo itens que compartilham o mesmo traço quanto à função de utilização, do mais genérico ao mais específico, quando possível.

Dessa forma, os resultados quantitativos quanto aos microcampos lexicais são apresentados, a seguir:

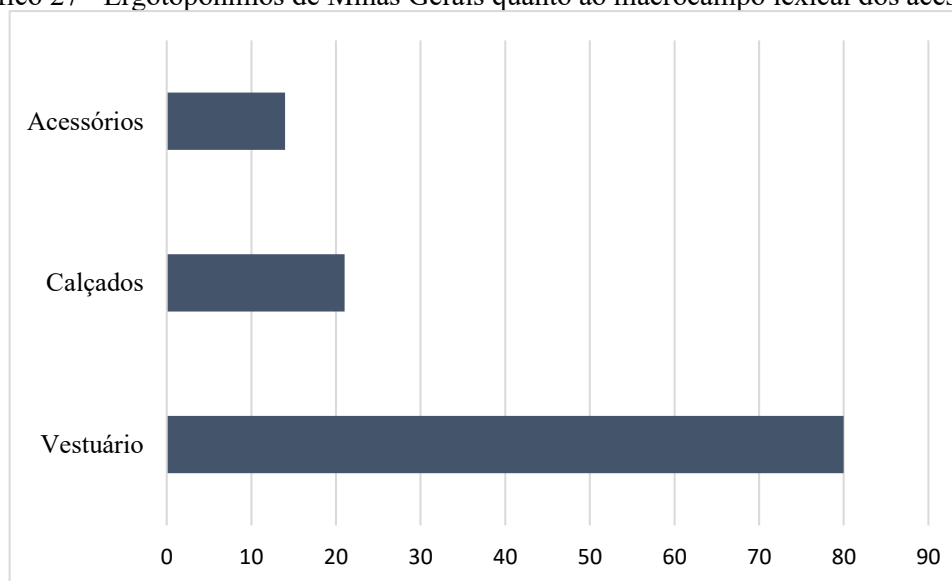
³⁴⁵ Arredores de Jequitinhonha, Minas Gerais. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (1816-1817). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 263 Ficha: 16898. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://Arquivo Ernani Silva Bruno (mcb.org.br))

Quadro 56 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos acessórios

Microcampo lexical	Total	%
Vestuário	80	70%
Calçados	21	18%
Acessórios	14	12%

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Gráfico 27 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos acessórios



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Torna-se evidente, portanto, o predomínio do microcampo lexical do vestuário, totalizando 80 lexias. Esse resultado se deve, principalmente, pela presença do lexema chapéu, com 43 ocorrências, considerando todas as variantes. Cascudo (2000, p. 127-128) salienta sobre o uso milenar dessa peça, inclusive, apontando sobre a sua simbologia: “Representa a criatura humana. Representa a cabeça, sede do juízo, do raciocínio, da vontade”. O estudioso completa informando sobre a variação do chapéu, em formas e tipos, conforme a região brasileira:

Tanto na forma como no material de que é feito, o chapéu apresenta características regionais. No Brasil, dependendo do clima local, usa-se chapéu de palha (parte do Norte e Sudeste); de couro (grande parte do Nordeste); de feltro (geralmente no Rio Grande do Sul e ilha do Marajó), mas também em outros lugares de clima frio. [...] Tirar o chapéu, de chapéu na mão, varrendo as calçadas com o chapéu, significavam as cortêsias exageradas oulouvaminheiras. O declínio do chapéu no continente americano (e no verão europeu) está fazendo desaparecer as tradições ligadas ao seu uso milenar. (CASCUDO, 2000, p. 127-128)

Quanto à toponímia, ainda que exista a possibilidade de um acidente geográfico de natureza física, como morros e serras, ser nomeado “chapéu” por analogia à forma, ainda assim,

é notável o reconhecimento do chapéu como importante peça que faz parte do vestuário há milênios. Nesse contexto, chapéu segue nomeando 36 acidentes de natureza física: 19 córregos, 14 morros, 02 serras e 01 ribeirão. Quanto aos acidentes geográficos de natureza humana, chapéu nomeia 07 fazendas em Minas Gerais. Em relação às mesorregiões mineiras, nota-se maior presença nas regiões Sul/Sudoeste de Minas com 10 ocorrências; Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba com 08 ocorrências e Norte de Minas com 07 ocorrências.

Ainda que as demais lexias não tenham apresentado um resultado quantitativo tão expressivo quanto chapéu, torna-se pertinente e necessário ressaltar a importância das peças que compõe esse grupo, já que serviram como fator motivacional na nomeação de lugares em Minas Gerais. Algumas dessas peças sinalizam o seu uso mais frequente no passado, não sendo mais tão usadas atualmente. Porém, tornaram-se significativas o suficiente para serem conservadas, inclusive, por meio da Toponímia, como o gibão -casaco de couro usado pelos vaqueiros; e coura – antigo gibão usado pelos guerreiros. Outra lexia digna de ser mencionada é a baeta, com 04 ocorrências em Minas Gerais:

Alcunha com que os habitantes do litoral denominavam os primeiros habitantes de Minas Gerais, porque estes andavam encapotados envolvidos no tradicional capotão de baeta azul, nas viagens, durante o tempo frio, nublado ou chuvoso, através das estradas montanhosas de sua terra natal (Nélson de Sena). (SOUZA, 2004, p. 21-22)

Esse conhecimento revela o valor histórico e cultural da baeta em Minas Gerais e, por isso, a toponímia assume grande valor por permitir preservar a memória histórica e cultural de um povo.

Quanto ao microcampo dos calçados, composto por 21 lexias, destaca-se o genérico sapato, com 08 ocorrências, nomeando córregos, fazenda e brejo e morro na mesorregião Oeste de Minas e 01 córrego na mesorregião Noroeste de Minas. Em seguida, alpercata, com 06 ocorrências, nomeia córrego, fazenda e povoado na mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, povoado na Metropolitana de Belo Horizonte, córrego na Sul/Sudoeste de Minas e cidade no Vale do Rio Doce. Nesse cenário, é importante mencionar, assim como a lexia baeta apresentada anteriormente, as considerações sobre a alpercata que justificam a nomeação do município mineiro: “Alpercata é um tipo de calçado. O atual município mineiro figura Alpercata em alusão ao antigo morador, Gabriel Lopes: ‘vulgo Gabriel Precata (corr. de Alpercata), assim chamado por usar sempre êste tipo de calçado’.” (COSTA, 1993, p. 153). Essa informação reafirma o quanto as peças do vestuário e calçados são itens que caracterizam e marcam uma pessoa, um povo ou uma época.

Em relação ao último microcampo lexical, totalizando 14 lexias, o grupo dos acessórios de adorno é constituído, em maior número, pelo lexema brinco, com 10 ocorrências, nomeando córregos e fazendas na mesorregião Norte de Minas, Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, Oeste de Minas e Campo das Vertentes. As demais lexias que integram esse microcampo apresentaram apenas 01 ocorrência cada, são elas: cocar, joia, penacho e peruca. Não foi possível verificar o real fator motivacional compreendido nos atos denominativos que justificam a utilização de tais nomes, mas, ainda assim, por pertencerem à cultura material, considerando os respectivos significados enquanto lexias, tornam-se dignos de atenção.

5.7.8 O macrocampo lexical dos produtos

O macrocampo lexical dos produtos reúne lexias que correspondem ao resultado de uma atividade humana como bem de consumo ou de comércio ou, ainda, resíduos de processos como “serragem”. Totalizando 65 lexias, é o menor macrocampo deste trabalho. Apesar de ser o menor em valor quantitativo, considerando o número de lexias que o integram, organizar e estruturar tal grupo foi bastante complexo, tendo em vista a diversidade semântica dos produtos.

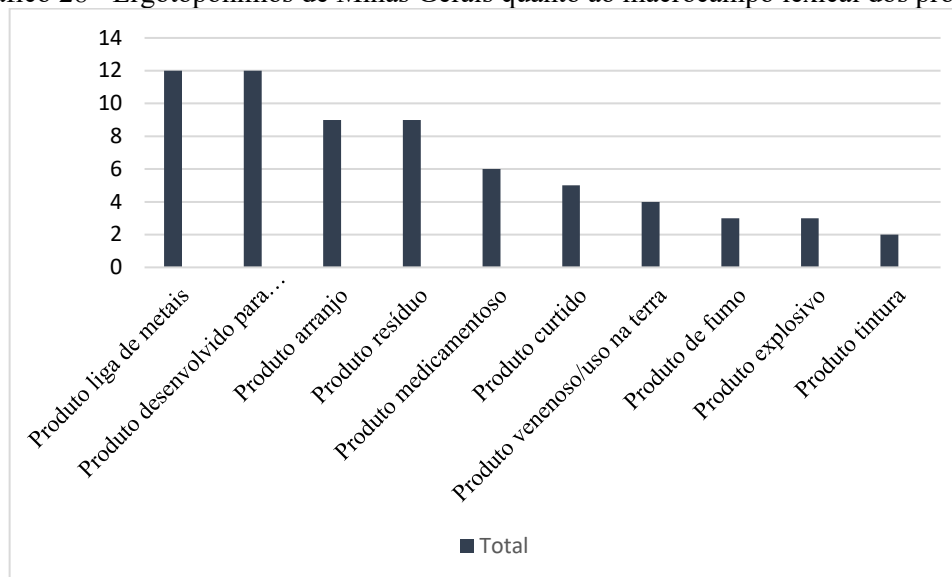
Desse modo, foram necessários 10 microcampos lexicais para organizar os produtos de acordo com as categorias de funcionalidade, objetivando seguir uma ordem de produção que fosse dos elementos compostos até os resíduos, os últimos a serem apresentados. Porém, diante da complexidade desse grupo, não foi possível seguir uma hierarquia semântica bem definida que justifique a ordem em que os microcampos foram apresentados. Os resultados quantitativos são apresentados, a seguir:

Quadro 57 – Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos produtos

Microcampo lexical	Total	%
Produto liga de metais	12	18%
Produto desenvolvido para comunicação	12	18%
Produto arranjo	9	14%
Produto resíduo	9	14%
Produto medicamentoso	6	9%
Produto curtido	5	8%
Produto venenoso/uso na terra	4	6%
Produto de fumo	3	5%
Produto explosivo	3	5%
Produto tintura	2	0%

Fonte: elaborada pela autora (2023)

Gráfico 28 - Ergotopônimos de Minas Gerais quanto ao macrocampo lexical dos produtos



Fonte: elaborado pela autora (2023)

De acordo com os resultados explicitados, evidencia-se o microcampo dos produtos formados por liga de metais como um dos mais produtivos, totalizando 12 lexias. São elas: arame, com 05 ocorrências; araminho com 01 ocorrência; latão com 05 ocorrências e latinha com 01 ocorrência. De fato, não é difícil reconhecer a presença desses produtos em diversos instrumentos, utensílios e ferramentas, como é ilustrado na seguinte passagem "2 candeeiros de latão, um grande e outro pequeno." (Inventário Ver. Vig. Carlos Correia de Toledo e Mello) (1789)³⁴⁶. O topônimo Latão, inclusive, está presente na mesorregião Zona da Mata, nomeando córregos, fazendas e localidades. O topônimo Arame, por sua vez, nomeia localidades na mesorregião Campo das Vertentes, e fazendas e córregos nas mesorregiões Sul/Sudoeste de Minas e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba.

O microcampo dos produtos desenvolvidos para a comunicação/exposição e/ou arte foi, também, um dos microcampos lexicais mais produtivos do grupo dos produtos, totalizando 12 lexias. Trata-se do microcampo que reúne produtos diversos ligados à comunicação, seja para expor algo, como "vitrine", ou apresentar informações específicas como o "mapa". Portanto, ainda que as lexias que integram esse grupo possam apresentar diferenças semânticas, não encontramos outra possibilidade de organização que fosse mais coerente, tendo em vista o

³⁴⁶ Arredores de São João del Rei, Minas Gerais. AUTOS *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1789-1791). vol. I, Rio de Janeiro, Ministério da Educação/ Biblioteca Nacional, 1936. p. 393. Ficha: 18026. Disponível em: [Arquivo Ernani Silva Bruno \(mcb.org.br\)](http://ArquivoErnaniSilvaBruno(mcb.org.br))

conjunto lexical estruturado. Dessa forma, verificamos: folheto, letreiro e vitrine com 03 ocorrências cada; painel com 02 ocorrências e mapa com apenas 01 ocorrência. De modo geral, como indica o nome de tal microcampo, são lexias ligadas à comunicação, compreendidas neste trabalho como produtos desenvolvidos com essa finalidade principal: comunicar; expor e informar.

O terceiro e quarto microcampos lexicais mais produtivos são dos produtos arranjos para adornar e produtos resíduos, referindo-se, em relação ao primeiro grupo, ao ramalhete, com 06 ocorrências, e buquê, com 02 ocorrências, reunidos no mesmo grupo por meio de relação sinonímica. Em relação ao segundo grupo, serragem sobressai, com 07 ocorrências no total, considerada como um produto resíduo.

Alguns microcampos são formados por apenas um lexema e suas variantes léxicas, como é o caso do microcampo dos produtos medicamentosos, formado por “remédio” e “remédios”, ou ainda o microcampo dos produtos de fumo, formado por “fumo” e “fumo-azedo”. Embora menos produtivos, é pertinente apresentar algumas considerações em relação ao microcampo dos produtos curtidos para usos diversos, formado pelas lexias couro, “couro do cervo” e “couros”. Totalizando 05 ocorrências na nomeação de lugares em Minas Gerais, o couro é um importante produto utilizado na confecção de peças e ferramentas diversas. O couro é, portanto, uma marca tanto do trabalhador, quanto do ofício: “Um avental de couro encontrado num velho curtume, guardando a forma do corpo de quem o usou durante longos anos, é a marca do trabalho incorporado no homem que faz. Sapateiros, seleiros e chapeleiros, dominando as artes do couro, praticaram ofícios fundamentais no Brasil antigo”. (SANTOS, 2019, p. 18)

Dessarte, de modo geral, conforme evidenciado por Santos na citação anterior, os produtos são marcas de quem produz, sejam utensílios, peças ou ferramentas, e, por meio de um ofício, constroem histórias. Seja um remédio ou um mapa, ou até mesmo a serragem que sobra, em resíduo, são essas as lexias que sinalizam as mãos que trabalham e produzem, assim, uma história de legítimo valor cultural.

6. A ergotoponímia mineira e seus campos lexicais: um patrimônio histórico e cultural da rusticidade mineira

Percorrer os caminhos da Ergotoponímia mineira e seus Campos Lexicais permitiram adentrar por um universo tão rico e encantador quanto são as histórias mineiras. São esses os caminhos que possibilitam compreender que cada elemento da cultura material pertence a um cenário maior: a rusticidade mineira.

A porteira desperta a atenção de todos, pois parece fundir-se com a paisagem tão rústica e pitoresca de Minas Gerais. Ao abrir a porteira, abre-se também um espaço de intimidade, simplesmente por saber que ali habitam instrumentos, produtos e alimentos que parecem ter vida, já que pertencem ao cotidiano familiar.

Certamente, aquele velho engenho, desativado ao fundo do terreno, carrega memórias suficientes para causar encantamento a quem souber interpretá-las. Nesse cenário, um baú carrega muito mais do roupas e outros pertences, já que, acima de tudo, carrega boas e velhas histórias.

Dessa forma, desde a porteira, sinalizando a entrada, até o engenho, ao fundo do terreno, a cultura está presente em cada elemento material. Trata-se, pois, da materialização de uma cultura e isso inclui as memórias de cada mão que produziu e de cada ofício que serviu. Engenho; monjolo; machado; forquilha; porta (porteira); baú e moinho, são os topônimos mais produtivos revelados neste trabalho, de acordo com os resultados quantitativos apresentados. Ao analisar tais elementos, nota-se, claramente, a presença da rusticidade em cada um deles. Tendo em vista esse resultado, é pertinente ressaltar que, embora historicamente os achados auríferos tenham sido bastante atrativos, antes mesmo do declínio aurífero, o desenvolvimento de atividades agrícolas já era crescente na economia mineira e são esses os padrões motivadores revelados neste trabalho. Enquanto lexias, portanto, foram fonte de motivação no ato denominativo e, assim, seguiram figurando acidentes de natureza física e humana em Minas Gerais. Nesse contexto, a toponímia é a responsável pela conservação de tais elementos, já que, por meio do nome, preserva essa cultura.

Ademais, a análise dos campos lexicais reforçou, ainda mais, o cenário rústico mineiro. São, portanto, parte de um todo, pois só podem ser compreendidas quando analisadas em conjunto. Verossímil a essa perspectiva, é possível afirmar que Minas Gerais não poderia ser compreendida de forma fragmentada, assim como é este trabalho.

Desse modo, diante da simplicidade do engenho tosco, do baú velho e do angu frio, Minas Gerais se construiu em cada detalhe da matéria, resultado de um trabalho que começou há muito tempo, quando ainda era colônia e, até hoje, continua crescendo. A continuidade dessa história só é possível, portanto, por meio das mãos que vão tecendo e produzindo tantos instrumentos, produtos, transportes, construções, vestuário e alimentos, enfim, tantos elementos que mostram a simplicidade de ser tudo que é Minas Gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um chapéu, um avental de couro, um tacho de latão, um sapato, uma alpercata, até mesmo a canoa, todos eles fazem parte da cultura material e são resultado de um trabalho. A arte da culinária, por exemplo, é resultado das mãos talentosas que cozinham, até mesmo aquelas mãos já cansadas que improvisavam nas longas e cansativas viagens em terras mineiras. Seja o angu ou a carne-seca, seja a garapa ou a rapadura, são as riquezas culturais que fazem Minas Gerais ser um lugar tão saboroso. E não importa qual seja o meio de transporte, pela terra ou pela água, o importante é não deixar de transportar e compartilhar a riqueza manifestada por esse lugar tão rico e tão rústico que é Minas Gerais. Por meio dessa reflexão, chegamos às considerações finais deste trabalho e, para isso, faremos uma breve retomada do caminho percorrido até aqui.

Este trabalho foi estruturado em cinco capítulos, reiterados, a seguir.

Na introdução, além de contextualizar o tema deste estudo, apresentamos a hipótese e o objetivo pretendido por meio deste trabalho: descrever a taxa dos ergotopônimos e organizá-la em campos lexicais para resultar em um conjunto mais claro e coerente e, inclusive, facilitar a análise do material. É pertinente mencionar que a conclusão sobre a utilização da teoria da toponímia unida à teoria dos campos lexicais, considerando as ressalvas necessárias existentes nessa união, será apresentada ao final deste texto, objetivando esclarecer os resultados e análise quanto ao uso de tais fundamentos teóricos, assim como procedimentos metodológicos, neste trabalho.

O primeiro e segundo capítulo deste trabalho compõem os pressupostos teóricos utilizados para fundamentar o estudo realizado. Desse modo, primeiramente é apresentada a teoria da Toponímia, fundamentada principalmente em Dick (1990a,b) e Seabra (2004, 2006). Partimos das reflexões acerca da palavra, percorremos o caminho da Onomástica e, então, discorremos sobre o objeto de estudo: o ergotopônimo. Nessa perspectiva foi necessário, também, salientar sobre os conceitos acerca da “cultura material”, delimitando o nosso objeto de estudo.

Em seguida, consolidando a segunda parte da fundamentação teórica, no capítulo 2, apresentamos a Teoria dos Campos Lexicais, por meio do respaldo teórico de Coseriu (1977) e Abbade (2009, 2012, 2015). Porém, inicialmente, foi necessário contextualizar o tema ao evidenciar as ideias sobre rede lexical.

O terceiro capítulo deste trabalho refere-se aos procedimentos metodológicos. Dessarte, considerando os objetivos propostos neste estudo, utilizamos duas perspectivas metodológicas: as fichas lexicográficas, referindo-se à aplicação metodológica da Toponímia, e a construção de um vocabulário organizado em macrocampos lexicais, referindo-se à aplicação metodológica da Teoria dos Campos Lexicais. Desse modo, tais procedimentos são explicados, de forma descritiva, nesse capítulo do trabalho.

No quarto capítulo apresentamos, primeiramente, as fichas lexicográficas, organizadas de acordo com as bases lexicais, correspondendo a 302 entradas, em ordem alfabética. Posteriormente, apresentamos o vocabulário da ergotoponímia mineira, organizado estruturalmente em campos lexicais considerando todas as lexias. Trata-se, assim, da apresentação do *corpus* utilizado neste trabalho segundo as duas teorias e, portanto, respectivos procedimentos metodológicos.

No quinto capítulo deste trabalho, evidenciamos os resultados e análises verificados. Dessa forma, partindo do resultado geral, analisamos 3094 topônimos (ao analisar pelo viés da Toponímia) ou lexias (ao analisar pelo viés dos Campos Lexicais). Destarte, os principais resultados quantitativos são destacados, a seguir, de forma objetiva:

- ✓ quanto ao resultado geral: o *corpus* toponímico deste trabalho é constituído por 3094 ergotopônimos, considerando todas as ocorrências, e 302 considerando as bases lexicais. Desse modo, o número total de ocorrências de ergotopônimos corresponde a 5% do número total de topônimos que integram o banco de dados do Projeto ATEMIG;
- ✓ quanto às mesorregiões: verificamos maior número de ergotopônimos nas regiões Sul / Sudoeste de Minas, com 421 ocorrências toponímicas e Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba, com 420 ocorrências toponímicas;
- ✓ quanto aos topônimos mais produtivos, por base lexical: verificamos Engenho, com 297 ocorrências, Monjolo, com 158 ocorrências, Machado, com 140 ocorrências, Forquilha, com 133 ocorrências, Porta, com 131 ocorrências, Baú, com 128 ocorrências e Moinho, com 127 ocorrências;
- ✓ quanto à origem linguística: verificamos o predomínio de topônimos de origem portuguesa, correspondendo a 2587 lexias. Ademais, ressaltamos a influência da língua africana, com 207 ocorrências e 92 ocorrências de origem híbrida - que apresentam uma base lexical africana em sua composição, e origem indígena,

tratando-se de 183 ocorrências de topônimos de origem indígena e 25 topônimos híbridos formados por uma base lexical indígena;

- ✓ quanto ao acidente geográfico: verificamos predomínio de ergotopônimos que nomeiam acidentes geográficos de natureza física, correspondendo a 1726 ocorrências toponímicas, principalmente córregos (com 1236 ocorrências). Quanto aos acidentes geográficos de natureza humana, verificamos 1368 ocorrências que nomeiam, principalmente, fazendas (com 965 ocorrências);
- ✓ quanto à estrutura morfológica: verificamos 2642 ocorrências de ergotopônimos formados por nomes simples e 452 ocorrências de ergotopônimos formados por nomes compostos;
- ✓ quanto aos campos lexicais: verificamos o predomínio do macrocampo lexical dos instrumentos, totalizando 2061 lexias, seguido pelo macrocampo lexical das construções com 384 lexias e macrocampo dos alimentos e bebidas com 308 lexias. Em menor número, verificamos o macrocampo dos produtos, com 65 lexias.

De modo geral, ainda que não seja possível retomar cada resultado e análise desenvolvida no último capítulo deste trabalho, torna-se válido ressaltar que os ergotopônimos mostram, claramente, o cenário rural em Minas Gerais, tendo em vista, principalmente, os topônimos mais produtivos. Ademais, a presença dos topônimos de origem africana, principalmente “Monjolo”, com 80 ocorrências toponímicas, assim como os topônimos de origem indígena, principalmente “Moquém” com 60 ocorrências toponímicas, reafirmam a influência das culturas africana e indígena, refletidas por meio da cultura material e conservadas pela toponímia de Minas Gerais.

Considerando os macrocampos lexicais que constituem o vocabulário da ergotoponímia mineira, apresentado neste trabalho, notamos a presença de instrumentos, construções, alimentos, bebidas, transportes, vestuário, calçados, acessórios e produtos dotados de valor histórico e cultural. São eles, portanto, que evidenciam os ofícios, o trabalho de quem os produziu, reflexo de um povo e de uma história. Desse modo, o engenho, com 297 ocorrências, certamente é um dos instrumentos da cultura material que ainda sobrevive, mesmo que, principalmente, por meio da toponímia, para contar a história desde quando Minas Gerais era, ainda, uma Capitania.

Tratando-se dos resultados e análises realizadas neste trabalho, torna-se pertinente apontar algumas considerações acerca do uso da teoria dos estudos toponímicos unida à teoria

dos campos lexicais, levando-se em consideração os cuidados necessários, já que as teorias não apresentam o mesmo objeto de estudo – topônimo e lexia. Primeiramente, tal união foi positiva à medida que permitiu construir este trabalho, tendo em vista, inclusive, o seu caráter inédito como contribuição para os estudos da área do léxico. Apenas a toponímia não daria conta de analisar de forma tão coerente a taxa dos ergotopônimos, devido a diversidade de traços semânticos dos elementos que a compõe. Nesse sentido, a construção do vocabulário permitiu resultar em um material organizado e coerente que, de fato, facilitou o olhar interpretativo quanto aos elementos da cultura material quando foram analisados em conjunto e não separadamente e, por meio das relações de sentido, possibilitaram uma ordem semântica e não apenas alfabética como comumente é feito em outros procedimentos metodológicos lexicais. Portanto, torna-se perceptível que a utilização das duas teorias foi bastante positiva. Porém, é válido ressaltar a importância de utilizá-las, quando em conjunto, com o devido cuidado, já que tais teorias não dialogam complementemente, de acordo com o que já foi explicado neste trabalho.

É necessário destacar que organizar o *corpus* toponímico, enquanto lexias, em campos lexicais trouxe, também, complexidade. A principal delas deu-se por meio da polissemia de algumas lexias, dificultando considerá-las como parte do conjunto ou não. Como não realizamos uma pesquisa de campo – pois não era objetivo deste trabalho, não foi possível confirmar o real fator motivacional compreendido no ato denominativo de determinados lugares, trazendo dúvidas em relação ao significado de determinadas lexias polissêmicas. Portanto, mesmo após as exclusões realizadas, tivemos que fazer escolhas quanto ao significado a ser considerado em relação à tais lexias, para que pudessem ser organizados em respectivos macro e microcampos lexicais.

Ademais, a variedade de traços semânticos dos elementos que integram a taxa dos ergotopônimos também trouxe relativa dificuldade para organizar e estruturar alguns macrocampos lexicais, consoante ao que foi evidenciado no último capítulo deste trabalho, já que não foi possível, em alguns casos, seguir uma ordem hierárquica bem definida e consolidada.

Apesar das dificuldades apontadas, a construção deste trabalho por meio das duas teorias citadas foi positiva principalmente para lançar luz sobre as reflexões e análises que dão voz a este estudo: o léxico. Embora possam tratar de objetos distintos, é inegável que o diálogo existe, mesmo que não seja perfeito. Nesse cenário, a contribuição aos estudos lexicais é válida, assim como, é pertinente afirmar que o estudo não se esgota aqui. Espera-se, portanto, que as

contribuições apresentadas por meio deste trabalho possam fomentar futuros estudos, confirmando ou refutando o uso de tais teorias em união.

Sendo assim, caminhamos para o fechamento deste texto por meio da reflexão que teceu cada parágrafo. Percorrer os caminhos da toponímia e dos campos lexicais permitiram construir mais um elemento da cultura material: este trabalho. Unido pelas lexias que correspondem aos elementos da cultura material e materializados em topônimos, percebemos que esse conjunto é, pois, o reflexo do que somos: parte de um todo maior, somos Minas Gerais. Diante dessa reflexão, encerramos este texto utilizando as palavras do escritor mineiro João Guimarães Rosa: “*Minas em mim: Minas comigo. Minas*”.

Itajubá – Minas Gerais



Fonte: @roteiromg (instagram.com)

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. S. Três campos lexicais no vocabulário do livro de cozinha da Infanta D. Maria. 1998. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

ABBADE, C. M. S. Campos lexicais no livro de cozinha da infanta D. Maria. 2003. 431 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ABBADE, C. M. S. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

ABBADE, C. M. S. A Lexicologia e a Teoria dos campos lexicais. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. p. 1332 -1343.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 141-161.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A teoria dos campos lexicais. In: ALMEIRA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana. (Orgs.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73 - 91.

ABBADE, C. M. S. O campo lexical dos fenômenos espíritas na obra de Allan Kardec. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VIII. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2018. p. 129 – 146.

AITCHISON, Cara. *Gender and leisure: social and cultural perspectives*. London; New York, (USA): Routledge, 2003.

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vidas domésticas. In: História da vida privada no Brasil, 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa. Coord. Fernando A. Novais. Org. Laura de Mello e Souza. São Paulo: Companhia de Bolso. 2018. p. 62 -120.

ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: INCM - Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

ANDRADE, Karylleila dos Santos; DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. VI. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2012. p. 193-207.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 1995.

BEAUREPAIRE-ROHAN. Dicionário de vocábulos brasileiros. Belo Horizonte: Garnier, 2007.

BEZERRA, Francine Soares. A rede de dormir e os viajantes: cultura material e contribuições do olhar estrangeiro através das imagens. 2018. 103 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo), Guarulhos, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). Estudos de filologia e linguística. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza. O conceito lingüístico de palavra. In BASILIO, Margarida (org.). A delimitação de unidades lexicais., vol. Temático II, Palavra 5. Rio de Janeiro, Departamento de Letras da PUC/RJ, 1999.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 13-22.

BIBERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria Linguística. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, Rafael. Dicionario da língua portuguesa. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Traduzido por Alda Porto. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CÂMARA, Jr, J. Mattoso. Princípios de linguística geral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CAMBRAIA, César Nardelli. Lexicologia e informação: um ensaio de quantificação. Entretextos, Londrina, v. 15, n. 2, p. 31-52, jul./dez. 2015.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. Hagiotoponímia em Minas Gerais. 2014. 822 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://150.164.100.248/poslin/defesas/1480D.pdf>>. Acesso em: mai. 2021.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

CASTRO, Yeda Pessoa de. Falares africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks. 2005.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CONTIEIRO, E; FERRAZ, A. P. A Neologia de empréstimos no LDP: uma abordagem a partir dos atos discursivos. In: SIMÕES, D. & OSÓRIO, P. (Orgs.) *Léxico: investigação e ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 45-59, 2014.

CORDEIRO, Maryelle Joelma. Litotoponímia mineira. 2018. 535 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em < <http://www.poslin.letas.ufmg.br/defesas/1556D.pdf> > Acesso em: mai. 2021.

COSERIU, Eugenio. Princípios de semântica estrutural. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1981 [1977].

COSTA, Antônio Gilberto; RENGER, Friedrich Ewald; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. *Cartografia da Conquista do território das Minas*. Belo Horizonte; Lisboa: UFMG, 2004.

COSTA, Simona. Economia, sociedade e urbanização em Minas Gerais (séculos XVIII – XIX) Vila Rica, futura Ouro Preto, e a sua rua principal. 2017. Dissertação (Mestrado em História do Império Português) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

COTTA, Emanoela Cristina Lima. 2021. 480 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/40831>>. Acesso em: ago. 2022.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/ USP, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. In: *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife: UFPE, 1999. p.119-148.

DURANTI, Alessandro. Antropologia Linguística. Tradução espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

DURANTI, Alessandro. Antropología Linguística. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

FARACO, C. A. Linguística histórica. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANÇA, A. I.; FERRARI, L.; MAIA, M. A linguística no século XX: convergências e divergências no estudo da linguagem. São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Cassiane Josefina de. A zootoponímia em Minas Gerais. 2018. 504 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1761D.pdf>> Acesso em: mai. 2021.

FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. In: *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material/ Universidade de São Paulo, Museu Paulista. v. 1 (1992). v. 17, n.2 jul./dez. 2009. p. 155-187.*

GECKELER, Horst. Semántica estructural y teoria do campo léxico. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

GODOY, Marcelo Magalhães. No país das minas de ouro a paisagem vertia engenhos de cana e casas de negócio: um estudo das atividades agroaçucareiras tradicionais mineiras, entre o Setecentos e o Novecentos, e do complexo mercantil da província de Minas Gerais. Belo Horizonte: Cedeplar, 2019.

GOMES, Marianna de Franco. 2019. 222 f. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em Disponível em: < <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1993M.pdf>> Acesso em: mai. 2021.

GOULART, José Alípio. Tropas e tropeiros na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

GUERRA, Wilton. Artefatos de cozinha: os utensílios domésticos em evidência nos inventários e relatos de viajantes. Disponível em <<https://mcb.org.br/pt/acervo/artigo-artefatos-de-cozinhas-utensilios-domesticos-em-evidencia-nos-inventarios-e-relatos-de-viajantes-por-wilton-guerra/>>

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Rio de Janeiro, 1990. v. 1. Disponível em:<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf>

JESUS, Charlene Cristine Conceição de. Os campos lexicais do sertão baiano na obra "Fidalgos e vaqueiros" de Eurico Alves Boaventura. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, 2016.

KROEBER, Alfred L. *Anthropology: race, language, culture, psychology, prehistory*. New York: Harcourt, Brace and Company. 1948.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. Nova York: Basic Books, 1963.

LIMA, Emanoela Cristina. A toponímia africana em Minas Gerais. 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1984. 3 v.

MATORE, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. Nouv. ed. Paris: Didier, 1973. p. 9-16, 63-79 e 99- 117. [Trad. de C. N. Cambraia, revista em 08.10.2013]

MORAES, Fernanda Borges de. De arraiais, vilas e caminhos: a rede urbana das Minas coloniais. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage; VILLALTA, Luiz Carlos (Orgs.). *História de Minas Gerais: As minas setecentistas 1*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p. 55-85.

MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. São Paulo: Instituto Cultural J. Safra, 2019.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Dicionário Tupi Antigo: A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global, 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 9-11.

PESEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. *A história Nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 177-213.

PIMENTEL, Patrícia de Cássia Gomes. 2022. 619 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/1843/46507> > Acesso em: out. 2022.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. Traduzido por Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

POMIAN, Krzysztof. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, Jean-Oierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa: Estampa, 1998. p. 71-95.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na geografia nacional*. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo: Casa Ecletica, 1901.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368 f. Tese (Doutorado, Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 2 v.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES J. S. D., TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG. EDUFU, v.1, 2006. p. 1953-1960.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. ATEMIG: Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES J. S. D., TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG. EDUFU, v.1, 2006. p. 1945-1952.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, cultura, léxico. In: Sobral, Gilberto Nazareno Telles; Lopes, Norma da Silva; Ramos, Jânia Martins. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A Onomástica em diferentes perspectivas: resultados de pesquisas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 3, 2018. p. 993-1000

SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004

TRIER, Jost. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*, Heidelberg, 1931

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VILELA, M. *Léxico e gramática*. Coimbra, Almedina: 1995.

WOLFF, Danivia da Cunha Mattozo. *Léxico do discurso religioso: um estudo comparado*. 2016. 311 f. Tese (Doutorado, Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em <http://poslin.letras.ufmg.br/defesas/1638D.pdf>. Acesso em mai. 2021.

XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Conexões léxico-culturais sobre as Minas goianas setecentistas no livro *Para servir no registro do caminho novo de Parati*. Tese (Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) – Universidade de São Paulo, 2012.